STAR WARS



TRILOGIA

PADMÉ AMIDALA

A SOMBRA DA RAINHA | O DESAFIO DA RAINHA | A ESPERANÇA DA RAINHA

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

E. K. JOHNSTON

UNIVERSO geek


AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
E. K. JOHNSTON
STAR WARS
A SOMBRA DA RAINHA
UNIVERSO geek

E. K. JOHNSTON

STAR WARS™

A SOMBRA DA RAINHA

São Paulo
2023

Disney · Lucasfilm

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Star Wars: Queen's Shadow Copyright © 2019 by Lucasfilm Ltd. & ® or ™ where indicated. All rights reserved.

Star Wars: A sombra da rainha é uma obra de ficção. Todos os nomes, lugares e situações são resultantes da imaginação dos autores ou empregados em prol da ficção. Qualquer semelhança com eventos, locais e pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

© 2023 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial
Luis Matos

Gerente editorial
Marcia Batista

Assistentes editoriais
Letícia Nakamura
Raquel F. Abranches

Tradução
Felipe CF Vieira

Preparação
Jonathan Busato

Revisão
Guilherme Summa
Tássia Carvalho

Arte
Renato Klisman

Ilustração de Capa
Tara Phillips

Design de Capa
Leigh Zieske

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

J65s

Johnston, E. K.

Star Wars : a sombra da rainha / E. K. Johnston ; tradução de Felipe CF Vieira. — São Paulo : Universo dos Livros, 2023.

304 p. (Trilogia Padmé Amidala, vol. 1)

e-ISBN 978-65-5609-337-6

Título original: *Star Wars – Queen's shadow*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica
I. Título II. Vieira, Felipe CF

23-3634 CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803
CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP
Telefone: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Para as garotas de coração profundo e múltiplos planos reserva... E principalmente para Emma, que é minha guia para essas duas coisas.

SABÉ MANTEVE OS OLHOS fechados e tentou não se mexer cada vez que o pincel tocava seu nariz. O pó de acabamento precisava ser aplicado de leve, o que fazia cócegas, e agora não era hora de rir. As mãos de Rabé aplicavam firmemente a última camada de maquiagem da rainha e Sabé também manteve sua respiração firme. Ela sabia, por experiência própria, que inalar o pó causava uma crise de espirros e agora também não era hora disso.

Ao seu redor, ela podia sentir as outras damas de companhia fazendo suas tarefas. Ninguém corria ou deixava as emoções transparecerem em suas fachadas profissionais, mas Sabé tinha certeza de que todas estavam com os nervos à flor da pele. Saché terminou seu cabelo e Sabé enrijeceu o pescoço para receber o peso do ornamento que Yané posicionou sobre sua cabeça. Rabé puxou o tecido no pescoço de Sabé, aquele que impedia que a maquiagem borrasse o elaborado vestido preto que ela usava, e Sabé abriu os olhos.

Ela olhou para o rosto da rainha. Não era a primeira vez que fazia aquilo, é claro, mas agora parecia a mais desesperada. A calma calculada na sala de vestir da rainha não se estendia para fora do aposento. Sabé podia ouvir naves aterrissando nos pátios do palácio e o inconfundível som metálico do marchar de droides sobre o chão de pedra. Uma raiva brotou dentro dela. A Federação de Comércio podia ao menos usar as áreas de aterrissagem oficiais. Não era como se Naboo as defendesse mais rigorosamente do que o palácio em si.

Um movimento no espelho chamou sua atenção e Sabé viu Padmé e Eirtaé voltando para o quarto principal. O rosto de Padmé estava limpo, todo resquício de maquiagem fora removido e ela puxara o capuz de sua túnica vermelha para disfarçar ainda mais sua identidade. Sabé não precisava ver seu rosto para entender seus pensamentos.

— A equipe conseguiu embarcar na nave real — Eirtaé disse. — Mas eles foram capturados. O Capitão Panás está nos esperando no corredor. Onde você gostaria de estar quando eles chegarem aqui?

Sabé não esperava que Padmé fosse responder. Uma vez que a manobra da dublê começava, tudo era responsabilidade da rainha e, naquele momento, essa era Sabé.

— Podemos chegar até a sala do trono? — Sabé perguntou. Sua voz saiu grave, e seus tons eloquentes, uma inflexão muito praticada, preencheram o quarto.

— Não, milady — Eirtaé disse.

— Se nos apanharem aqui, na sala de vestir da rainha, eles podem nos subestimar, podem pensar que estamos despreparadas — Yané apontou. Ela estava ao lado de Saché enquanto esperavam a decisão de Sabé.

— Vamos sair para o terraço — a rainha Amidala declarou. — Peça para o Capitão Panás se juntar a nós com quantos guardas achar necessário.

Rabé se retirou para cumprir a ordem, e o restante delas saiu para o terraço. Sabé pousou as mãos sobre o parapeito, olhando sobre toda a cidade de Theed. Geralmente, aquela vista lhe trazia paz, mas agora não havia nenhuma. Havia naves demais da Federação de Comércio estragando a vista da cidade. Ela ouviu o som mecânico do exército invasor subindo pela grande escadaria de mármore e — mais próximo, graças aos céus — também os passos pesados do Capitão Panás.

Padmé se abaixou ao seu lado, ajeitando um amassado no volumoso vestido preto.

— Vai dar tudo certo — ela disse, tão suavemente que Sabé mal conseguiu ouvir. Sabé estendeu o braço e Padmé tomou sua mão e apertou. — Esse vestido tem seda Karlin suficiente para proteger você e qualquer um atrás de você em um tiroteio, e você sabe que isso é só o começo. Naboo resiste à sua própria maneira. O seu povo está com você, Vossa Alteza. Estamos prontas.

Eram palavras reconfortantes e Sabé podia facilmente imaginar a si mesma dizendo o mesmo, exceto que ela nunca permitiria que sua rainha encarasse uma situação tão perigosa, independentemente de quais proteções fossem costuradas em seu vestido. Panás tossiu e a porta do terraço foi aberta por mãos metálicas rudes. Havia chegado a hora de Sabé de Naboo, guarda-costas e dama de companhia, fazer seu trabalho. E ela faria, porque era o que sempre escolhia fazer.

Sabé se virou para encarar seus inimigos como a rainha de Naboo, e Padmé praticamente desapareceu sob sua sombra.

PARTE I

CAPÍTULO 1

PADMÉ ESTAVA COMPLETAMENTE IMÓVEL. Os cabelos castanhos se espalhavam ao seu redor, suavizados aqui e ali por flores brancas que voaram até pousarem entre seus cachos. A pele estava pálida e perfeita. O rosto estava em paz. Os olhos estavam fechados e as mãos cruzadas sobre a barriga como se ela flutuasse no ar. Naboo seguia sem ela.

Mesmo agora, em seu fim, ela estava sob os olhares de todos.

Não era nada mais do que o esperado. Desde que entrara na área da política planetária, sua plateia era incessante. Primeiro, eles comentaram sobre seus interesses e ideais; depois, sobre sua eleição para rainha. Muitos haviam duvidado de sua força diante de uma invasão, quando as vidas e o bem-estar de seu povo foram usados contra ela — a rainha podia salvá-los, tudo que precisava fazer era dar sua assinatura — e ela provou a todos que estavam errados. Ela governara bem. Havia crescido em sabedoria e experiência, e ambas rapidamente. Encarara os desafios de sua posição sem pestanejar e sem medo. E agora, seu tempo chegara ao fim.

Uma pequena perturbação, o movimento mais leve na calmaria das águas, foi o único aviso para Padmé antes de ser atingida por seu agressor.

Um braço envolveu sua cintura, puxando-a para baixo nas águas rasas, segurando-a ali por tempo suficiente para deixá-la saber que fora superada.

A rainha de Naboo reemergiu, cuspindo água sob a luz do sol enquanto suas damas de companhia — suas amigas — riam ao seu redor. Yané e Saché, que sofreram por seu planeta durante a Ocupação. Eirtaé e Rabé, que ajudaram a fazer com que o sofrimento valesse a pena. Sabé, aquela que mais assumia riscos e era a mais amada. Juntas — jovens e aparentemente sem preocupações no mundo —, elas eram uma força frequentemente subestimada. Não importava quantas vezes provassem sua capacidade, as pessoas que olhavam para elas acabavam ofuscadas por sua juventude e vestimentas, e as menosprezavam outra vez. E era exatamente isso que elas queriam.

A região dos lagos era conhecida pela privacidade. Ali, até a rainha podia passar despercebida ou, ao menos, ser facilmente ignorada. O patrimônio natural de Naboo era protegido e valorizado, mesmo antes dos novos tratados com os

Gungans terem sido assinados, e isso reforçou o isolamento dos lagos na região. A agitação da capital estava longe e Padmé podia ter, por menor que fosse, um pouco de tempo para si mesma. Bom, para si mesma, suas damas de companhia, os guardas do Capitão Panás e todos os outros funcionários reais. A solidão, afinal de contas, era algo relativo.

Na praia, Quarsh Panás observava as garotas sob sua responsabilidade com uma expressão muito familiar no rosto. Ele havia sugerido levar dez de seus guardas para a beira da água junto com ele, e Padmé cedera. Eventualmente. Esse tipo de negociação já fora o habitual quando lidava com a rainha — mesmo com sua relação com ela se tornando mais fria e formal recentemente. Ele era um profissional, então ficou lá de pé, olhando, sabendo que hoje, entre todos os dias, sua interferência não seria bem-vinda.

— Você deixou eu fazer isso — Saché constatou. A mais jovem das damas de companhia vestia um maiô igual ao das outras, mas onde as outras exibiam a pele sob o sol, ela tinha uma grande coleção de cicatrizes que envolviam seus braços, pernas e pescoço. Yané nadava ao seu lado e correu os dedos entre os cabelos de Saché.

— Não conseguiria impedi-la — Padmé disse. Ela sacudiu a cabeça, espalhando pingos de água e as últimas flores em seus cabelos. Com água até a cintura e falando com a própria voz, ela até poderia ser confundida com uma garota normal, mas mesmo agora havia algo sobre sua postura que insinuava um tanto mais. — Mas eu poderia ter gritado e engolido água do lago.

— E o Capitão Panás se sentiria na obrigação de resgatá-la — Sabé destacou com a voz de Amidala, e Saché e Yané se endireitaram por reflexo antes de Yané jogar uma onda de água na garota mais velha como retribuição. Sabé apenas tirou uma flor que pousou em seu rosto e continuou flutuando, sem se importar com a agitação. — Então, na verdade, você estava preservando a dignidade de muitos, além de um bom par de botas.

Relaxada, mas atenta a tudo, Sabé falou alto o bastante para ser ouvida por todas que estavam nadando, assim como por vários dos guardas, que mal conseguiram esconder uma risada.

— Vocês me envelheceram prematuramente, miladys — Panás disse. Havia um toque de afeto em sua voz, mas a distância intransponível permanecia. — Minha esposa nem vai me reconhecer quando eu voltar.

— A sua esposa não vai ter problema nenhum com isso — disse Mariek Panás de sua posição a três passos dele. Ela não vestia uniforme, porque estava nadando com a rainha. Usava um sarongue laranja que fazia sua pele marrom brilhar sob o sol do fim da manhã, e seus cabelos negros caíam sobre as costas enquanto o resto do corpo secava.

— Bom — disse Padmé, andando na direção da praia com Sabé, como sempre, atrás dela. — Logo poderemos descansar.

E lá estava: o veermok na sala finalmente sendo reconhecido. Porque o fim estava próximo, e nem a beleza dos lagos de Naboo ou a melhor das companhias podia impedi-lo. Quando a eleição terminasse e a nova governante de Naboo fosse anunciada, Padmé Amidala estaria em busca de uma nova tarefa, ou vocação, ou profissão, assim como a maioria daqueles sob seu serviço. Alguns, como Panás, ansiavam se aposentar, até onde as pessoas em Naboo se aposentavam. Padmé imaginava que Panás recebera várias ofertas de trabalho, mas agora já haviam passado do ponto onde discutiam assuntos pessoais como aquele. As mais jovens, como Eirtaé e Saché, buscariam o futuro nos próprios termos. Musicistas, doutoras, mães, fazendeiras e todas as combinações — era um tempo para os sonhos. A mudança estava chegando, e rápido. E ninguém, nem mesmo Sabé, havia ousado perguntar para a rainha quais seriam seus planos.

Rabé se levantou e seguiu a rainha. Eirtaé mergulhou mais uma vez — um tipo de despedida — e depois se juntou às outras quando se reuniram para também sair da água. Elas não precisavam fazer isso, não com tantos guardas e Sabé ao redor, mas sempre escolhiam a rainha quando podiam, e logo não poderiam mais fazer isso.

Longe da casa do lago, Naboo estava votando. As engrenagens da democracia estavam bem lubrificadas e séculos de tradição faziam o evento bienal correr sem problemas, mesmo com a inclusão do voto dos Gungans pela segunda vez na história do planeta. Embora poucos deles tenham escolhido votar, Padmé sabia que seus esforços para aquela inclusão eram apreciados porque o Chefe Nass disse isso pessoalmente a ela. Em voz alta. Muito alta. Naboo não estava tão unida quanto Padmé gostaria que estivesse ao fim de seus quatro anos de serviço, mas o povo estava feliz com aquilo que realizara.

Quase feliz demais, no fim das contas. Uma facção tentara votar uma emenda constitucional para que Padmé pudesse concorrer novamente. Isso foi tentado apenas uma vez antes, durante um tempo de grande perturbação no passado de Naboo, e Padmé não via razão para lutar por algo que não desejava e não acreditava ser correto. Ela entregara quatro anos para Naboo e agora era o momento para a visão de outra pessoa, as mãos de outra pessoa selecionarem o caminho a seguir. Essa era a alma do corpo democrático de Naboo, aquela mudança e serviço em curtos períodos era melhor do que um governo estagnado, e Padmé estava feliz em atuar em todos os papéis que seu cargo incluía.

— Você não ficou nem tentada? — Sabé perguntara quando o mensageiro trouxera a emenda para Padmé ler e ela a devolvera sem assinar depois de

apenas passar a vista por cima. Foi o mais próximo que chegaram de discutir o futuro.

— É claro que fiquei tentada — Padmé respondeu. Ela se recostou na cadeira e Sabé continuou penteando seus cabelos. — Pensei em pelo menos dez outras coisas que eu poderia fazer com mais um mandato enquanto lia a proposta. Mas não é assim que nosso legado funciona. Não aqui. Nós servimos e permitimos a outros que sirvam também.

Sabé não dissera mais nada.

Agora, envolvidas em sarongues de cores vivas na praia, elas apanharam suas sandálias e seguiram os guardas na direção da casa. Quando alcançaram o gramado da colina na base da grande escadaria de pedra, Padmé parou para limpar os pés. Todas pararam também.

— Areia — ela se explicou.

— Tenho certeza de que os droides domésticos apreciam seus esforços, Vossa Alteza — Eirtaé disse. Seu rosto estava impassível como sempre, então apenas algumas pessoas entenderam a piada.

Os degraus não eram tão íngremes daquele lado da casa. O estaleiro — para barcos, não havia um lugar próprio para naves — ficava do outro lado da propriedade, e aqueles degraus eram cortados diretamente na rocha que formava a fundação da casa. O acesso que usavam agora fora construído deliberadamente como um caminho para a água e, portanto, era mais bonito e mais fácil de subir. Padmé e Mariek foram na frente, com Panás atrás delas e o restante das damas de companhia e guardas seguindo como patinhos atrás da mãe.

Sabé parou na base da escadaria para ajeitar as sandálias. Padmé notou sua insatisfação quando ela percebeu que, de fato, ainda havia areia entre seus dedos. Sabé sacudiu as sandálias o máximo que conseguiu e depois começou a subir com a maior tranquilidade que podia. Sabé geralmente não permitia que sua mente vagasse quando estava com a rainha, mas naquele momento, com tão pouco acontecendo e uma mudança pacífica se aproximando rapidamente, Padmé ficou feliz em vê-la relaxar enquanto o Sargento Tonra andava ao seu lado. Ele era um pouco mais alto do que Panás, com uma pele branca que geralmente era mais pálida, mas duas semanas sob o sol deixaram seu rosto consideravelmente avermelhado. Ele descera as escadas no momento que Padmé decidira retornar para a casa, mas não mostrou nem um pouco de cansaço com aquele exercício todo.

— Chegaram várias mensagens para Sua Alteza — ele sussurrou para Sabé, mas Padmé ouviu mesmo assim. — Nenhuma é urgente, mas uma é oficial e a rainha precisa abri-la pessoalmente.

— Obrigada, sargento — Sabé respondeu, competente como sempre. —

Responderemos agora mesmo.

Tonra assentiu, mas não diminuiu a marcha. Padmé achou que Sabé fosse se retrair, como geralmente fazia quando pensava que alguém queria proteger sua pessoa, embora tolerasse mais aqueles que lutaram na Batalha de Naboo, como Tonra. Sabé era tão protetora de sua privacidade quanto Padmé era de sua própria — mas por razões diferentes. Talvez, Padmé pensou, Sabé estivesse finalmente permitindo a si mesma apreciar a vista.

O lago se estendia no horizonte enquanto elas subiam, suas águas refletindo o céu com tanta perfeição que, não fossem algumas ondas, era possível convencer a si próprio de que o céu e a água haviam trocado de posição. As colinas verdes que se erguiam da orla também desciam para as profundezas, e as poucas nuvens que flutuavam no azul acima eram espelhadas com exatidão no azul abaixo. Era como se duas tigelas fossem pressionadas uma contra a outra, suas bordas formando o horizonte arborizado. Não havia sinal de habitação humana brotando entre as árvores, exceto pela casa para onde elas subiam, e o céu acima deles nunca ficava salpicado com naves ou droides de gravação ou qualquer outra coisa que pudesse perturbar a quietude com barulho indesejado.

A casa em si era feita de rocha amarela, com domos vermelhos e detalhes em verde-cobre. Havia várias seções, cada uma com seu próprio propósito que ia desde habitação até cozinha, todas ligadas por uma série de jardins elaborados. A propriedade pertencia ao governo, e Padmé a usara como um refúgio durante toda sua carreira, começando quando ingressou no programa legislativo júnior quando era criança. Ela não possuía nenhuma parte da propriedade, mas havia influenciado o desenho e a decoração de maneiras sutis para que não houvesse dúvida de que aquele era um lugar adorado por ela. Era um oásis, um paraíso. Padmé sempre viera até ali para descansar e, embora aquela fosse, em teoria, a visita mais relaxante que havia feito até então, estava óbvio para todos que a observavam que ela não conseguia aquietar sua mente por completo.

A rainha chegara duas semanas antes do costumaz período de reclusão durante a campanha final, e hoje era finalmente o dia da eleição. Padmé estava oficialmente neutra em relação a sua sucessora, embora obviamente tivesse feito seu dever cívico e votado. Mais cedo, um droide havia partido com as cédulas de todos, mas elas não falaram de política mais do que o absoluto necessário desde que chegaram, e mais nada desde a manhã. Padmé concorreu sem oponentes para seu segundo mandato, embora houvesse algumas candidatas inscritas, como sempre havia. Aquela era a primeira vez em que ela não se envolvia na política do planeta desde que começou seus estudos. Ela estava gostando — e também achando profundamente perturbador de um jeito que não conseguia explicar.

Padmé esperava que o exercício físico da natação fosse ajudar. A distância até

a ilha era algo que ela não tentava há vários meses, embora suas damas de companhia estivessem sempre dispostas a experimentar. Ela pensou que a natação iria ao menos deixá-la tão cansada que não conseguiria pensar em mais nada. Em vez disso, seus pensamentos apenas se reordenaram. Nem o puxão de Saché para dentro da água ajudou.

Ela tinha muitas coisas para pensar. Afinal, quem era ela quando não era a rainha de Naboo? Padmé entrou na política tão cedo e com tanto zelo que não tinha outra identidade. Tinha tomado cinco damas de companhia para si, e cada uma também foi moldada por seus papéis, a ponto de todas terem assumido nomes em sua honra depois da eleição. Quem eram elas quando podiam ser si mesmas? Todos sabiam que Rabé sonhava com música, enquanto Yané sonhava com uma casa cheias de crianças que Saché também chamaria de lar, e assim por diante com cada uma delas, mas era mais desafiador para Padmé enxergar a si própria em qualquer um dos futuros delas. Será que teriam espaço em suas vidas para Padmé quando Amidala não as tivesse como rainha? E quem seria ela, mesmo se elas tivessem?

— Você vai acabar tropeçando se não parar de sonhar acordada — Mariek disse ao lado da rainha nos degraus. — E não seria um fim e tanto para o seu reinado, cair da escada porque estava pensando demais em coisas que não são mais obrigação sua pensar?

— Não consigo evitar — Padmé admitiu. Ela nunca conseguia. — Mas você está certa. Vou esperar até estar sozinha antes que eu vá longe demais.

— Você nunca estará sozinha, milady — Mariek disse. — E não estou falando de toda essa produção. — Ela fez um gesto vago na direção dos funcionários da rainha e abriu um sorriso. — Será diferente, mas você também será diferente, e você é esperta o bastante para descobrir o que quer fazer.

— Obrigada — Padmé agradeceu. — É estranho querer duas coisas que são completamente diferentes. Estou pronta para parar, mas também sinto que poderia ter feito mais.

— Eu sei — Mariek disse. — É por isso que votei em você mesmo assim.

— Isso é um voto inválido! — Padmé protestou, parando imediatamente. Todos atrás delas também pararam e olharam para saber o que estava acontecendo. — E você não pode contar para mim em quem votou.

Mariek começou a rir e Quarsh se aproximou para tomar o braço da esposa.

— Não provoque a rainha, meu amor. Sei por experiência própria que ela tem suas maneiras de fazer você pagar por isso e, mesmo com pouco tempo restante, tenho absoluta fé em suas capacidades. — Por apenas um momento, ele voltou a ser seu capitão, aquele que as treinara tão bem antes de a prontidão se tornar paranoia. Padmé sentia muito sua falta.

Mariek riu com mais força.

— Milady? — Panás ofereceu seu outro braço. — Sei que não precisa, mas fico mais feliz quando sei que você tem meu apoio.

— É claro, capitão — Padmé disse de um modo bastante formal. Ela tomou seu braço e voltou a subir os degraus. — Já que estou tão próxima do fim do meu mandato como rainha, é meu dever mostrar um julgamento ponderado sobre todas as coisas.

— Você sempre fez isso, milady, mesmo quando nós não concordávamos — Panás disse. Era quase uma oferta de paz. — Foi por isso que também votei em você.

A rainha de Naboo riu sob a luz do sol quando alcançou a casa junto com suas companheiras e seus guardas. O portão estava completamente aberto, pois aquele era um local de paz e reflexão e nunca foi preciso defendê-lo contra forças hostis. Diante deles estava o silencioso pátio e os jardins banhados de sol onde esperariam ouvir as notícias, e atrás deles estava o mundo que votou para moldar essas notícias. A Rainha Amidala entrou na casa como governante do planeta, pela última vez.

CAPÍTULO 2

A HOLOMENSAGEM QUE EXIGIA especificamente o código de segurança da rainha era de ninguém menos que o Chanceler Palpatine, e embora fosse breve, dizia que logo ele estaria chegando na casa do lago para uma visita formal. Ele pediu desculpas pelo aviso em cima da hora. A mensagem causou um pequeno furor — principalmente por metade delas ainda estar em seus maiôs —, mas Padmé sempre esteve cercada de profissionais exemplares, e elas eram incrivelmente adaptáveis.

Rabé passou a escova pelos cabelos da rainha e considerou o desafio diante dela. Quando fizeram as malas, ela e Yané haviam concordado em um guarda-roupa simplificado para todas, incluindo Padmé, e assim não levaram nenhum vestuário totalmente apropriado para um encontro político de tão alto nível. Não deveria haver *nenhum* encontro político de alto nível, não àquela altura da eleição. Mas a mera presença do Chanceler Palpatine demandava um certo nível de formalidade, e agora Rabé estava diante de um pequeno aperto.

Às vezes, era difícil explicar o que significava sua posição como dama de companhia da rainha. Parte de suas reponsabilidades era defensiva — consultiva —, mas parte também era estética. E parte era também dar peso igual a todas as partes. Era fácil para alguém de fora, até mesmo para algum nativo de Naboo, revirar os olhos quando o trem de bagagem da rainha chegava. Os tecidos intermináveis e os elaborados ornamentos de cabeça podiam ser menosprezados como um desperdício ou uma excentricidade, dependendo do sentimento do ser menosprezando, mas cada peça servia a uma função particular, assim como seu posicionamento. No mínimo, a maior parte dos tecidos era tratada com uma resina que os tornava resistentes a tiros de blaster. Os broches cheios de joias podiam esconder equipamentos de gravação ou um escudo pessoal. Os vestidos mais pesados mantinham uma barreira física ao redor da rainha e tinham, essencialmente, uma escotilha de escape que permitia a Padmé se livrar de todo o vestuário — exceto pelo traje de baixo utilitário —, se precisasse se mover rapidamente. Os ornamentos de cabeça desviavam a atenção do rosto da rainha, facilitando o uso de uma dublê, se necessário. Rabé enxergava o guarda-roupa e acessórios da rainha da mesma forma que enxergava a pistola real: componentes

necessários para serem usados com total consciência e astúcia.

— Yané, comece a trabalhar nas tranças de Saché e Eirtaé, por favor — Rabé pediu. Uma jovem guarda apareceu na porta, com as mãos cruzadas sobre a barriga, e Rabé sabia, sem precisar perguntar, que Palpatine havia aterrissado. — Faça a trança simples tripartida com alfinetes de jade. E você poderia fazer isso em si mesma quando terminar?

— É claro — concordou Yané. — Bom, vou precisar de ajuda com os alfinetes.

— Eu ajudo — Saché ofereceu. — Estive praticando.

— Excelente — Rabé disse. — Vocês vestirão a túnica vermelho-escura com o capuz abaixado. Quem não estiver com os cabelos sendo trançados pode ir buscar as túnicas.

Saché já estava sentada, então Eirtaé se levantou e foi até o closet. Elas podiam ouvir o zumbido quando o droide que mantinha tudo organizado chamou as roupas que ela pediu.

— Sabé, vamos precisar usar o vestido do lago — Rabé declarou. — É a roupa mais fina que trouxemos, e não esperamos nenhum perigo. Veja se você consegue encontrar um casaco para cobrir as costas dela, e depois pegue as túnicas verdes para nós. Vamos usar nossos capuzes, mesmo estando quente demais.

Sabé deslizou para fora do pé da cama, onde estava escovando o próprio cabelo, e desapareceu depois de Eirtaé dentro do closet.

— E quanto a mim? — Padmé perguntou com um tom travesso. — Não quero atrapalhar o trabalho de vocês.

— Ora, quieta — Rabé disse. — Mas isso é muito típico do Chanceler, aparecer sem nenhum aviso quando não estamos nem um pouco preparadas para recebê-lo!

— Ele voltou para casa para votar na eleição — Padmé ponderou. — Mas não pode ficar para a inauguração mais tarde. Acho que deveríamos ter esperado por isso, mas não é nossa culpa não conseguir ler sua mente quando ele nem estava no planeta.

Rabé soltou um som de indignação e voltou a escovar o cabelo de Padmé. Ela não gostava de ser pega de surpresa, e para seu crédito, isso acontecia muito raramente. Movendo-se com a eficiência de longa prática, ela formou meia dúzia de tranças nos cabelos de Padmé, cada uma formada com fitas douradas e prateadas. As tranças, então, foram presas em seis longos arcos, começando na frente das orelhas de Padmé e circulando atrás da cabeça para dar a ilusão de tamanho que era tipicamente causada por um ausente ornamento. Rabé acrescentou mais fitas para que caíssem em cascata sobre o pescoço de Padmé.

— Aqui — disse Sabé, oferecendo um xale branco. — Serve?

— Acho que sim — Rabé respondeu. — Vocês duas cuidam de si mesmas enquanto me preparo?

Sabé assentiu e Padmé se levantou. Ela já estava usando um vestido sem mangas, mas o vestido do lago era aberto na parte de trás, então ela se despiu até a cintura enquanto Sabé posicionava o vestido no chão para que ela entrasse nele. Quando Sabé trouxe o vestido até seus ombros e fechou as presilhas ao redor do pescoço de Padmé, ela arrumou o xale e todas as fitas. Sabé precisou subir em um banquinho para pintar o rosto da rainha, pois Padmé não confiava em si mesma para sentar-se novamente agora que estava completamente vestida, mas ao fim de dez minutos, a Rainha Amidala estava totalmente montada.

Padmé observou Yané finalizar as tranças de Eirtaé e sentar-se por um momento para que Saché pudesse terminar o próprio cabelo. Então, todas vestiram as túnicas vermelhas enquanto Sabé e Rabé puxavam os capuzes verde-escuros sobre suas cabeças, lançando seus rostos sob a sombra. Realmente estava quente demais para aquilo, mas não havia como evitar. Ao menos Sabé precisava estar totalmente encapuzada em todas as aparições, mesmo tão perto do fim, quando Padmé duvidava que teriam de trocar de lugar outra vez.

— Não chegamos tão longe sendo descuidadas, Vossa Alteza — Sabé disse. Por decreto próprio, Padmé só seria chamada assim por suas damas de companhia quando estivessem na companhia de outras pessoas ou se estivesse com a maquiagem completa. O tom cerimonial deu às palavras de Sabé um peso adicional, fazendo-a parecer velha demais para seu rosto tão jovem. Era outra parte de seu disfarce vivo e sempre em movimento.

— Eu sei — Padmé disse. — Mesmo assim, para segurança de todas vocês, tentarei terminar o mais rápido possível.

As outras três foram na frente. Elas ficariam de pé na galeria enquanto Sabé e Rabé ficariam atrás da rainha. A parede de trás da sala de recepção era quase do mesmo tom de verde de suas túnicas. Se o chanceler pedisse uma audiência privada, suas presenças poderiam ser ignoradas, principalmente se três damas de companhia claramente deixassem a sala quando requisitadas. Houve uma batida na porta e Panás entrou quando a rainha permitiu.

— O Chanceler Palpatine está esperando por uns vinte minutos, Vossa Alteza — ele relatou. — Mariek e Tonra estão com ele. Ele parece ansioso para seguir viagem, mas compreende a espera.

— Obrigada, capitão — a Rainha Amidala falou com sua voz estranhamente sem flexão. Era uma voz que Padmé e Sabé haviam criado juntas para que as duas pudessem executá-la com perfeição, embora as outras também fossem mais ou menos proficientes com ela. — Por favor, nos acompanhe para a sala de

recepção e nós acalmaremos o chanceler.

Panás deixou Amidala seguir à frente quando saíram da sala, mas depois acelerou até ficar ao seu lado enquanto andavam pelos grandes corredores de mármore. Dois guardas andavam na frente, outros dois vinham atrás, as botas causando um barulho rítmico que contrastava com o silêncio dos passos de Sabé e Rabé. Eles tomaram um caminho levemente tortuoso para evitarem o lado de fora — Rabé fez um bom trabalho, como sempre, mas não sabia se aquelas fitas se sairiam bem diante de mais do que uma leve brisa —, e quando chegaram na sala de recepção, o restante dos funcionários da casa já estavam reunidos. Amidala tomou seu lugar no trono, com Panás ao seu lado direito. Suas damas de companhia vestidas de verde subiram atrás da plataforma, os capuzes abaixados, e desapareceram entre as decorações da parede.

— Vossa Alteza — a voz clara de Mariek chamou a atenção. — É meu prazer lhe apresentar o Chanceler Palpatine.

Em Theed, haveria um cerimonial muito maior. Música acompanharia a apresentação do chanceler — algo de sua província natal, talvez, ou qualquer coisa que estivesse na moda — e haveria uma plateia presente consideravelmente maior. A falta de pompa e circunstância não incomodava Amidala, e também não parecia incomodar Palpatine. Ele entrou na sala com uma postura relaxada, com o Sargento Tonra atrás dele, e se dirigiu até a plataforma onde a rainha estava sentada.

— Vossa Alteza — ele disse, curvando-se até a cintura. — Muito obrigado por concordar em se encontrar comigo. Sei que foi um pedido pouco comum para esta época, mas não posso ficar em Naboo pelo tempo suficiente para uma visita mais habitual.

— Estamos honrados por sua presença como sempre, chanceler — respondeu Amidala. — Sua posição no Senado Galáctico resulta em muito prestígio para Naboo, e ficamos felizes em reconhecer isso de qualquer forma que nos for possível.

Palpatine abriu um sorriso vitorioso. Padmé sentiu Panás relaxar ao seu lado. Certamente, o bom humor do chanceler significava que nada perigoso estava acontecendo e ele realmente apenas queria prestar seu respeito antes de voltar para Coruscant.

— Será que eu poderia incomodar Vossa Alteza e pedir uma audiência privada? — Palpatine perguntou, como esperado. — Eu não seria inconveniente com o bom capitão pedindo por um passeio nos magníficos jardins, mas será que poderíamos conversar aqui, talvez?

Padmé fez um gesto exagerado chegando mais perto de Panás, que também se aproximou.

— Até aqui, tudo aconteceu como esperado — ele disse, com a mão sobre a boca. Eles não precisavam consultar um ao outro, não realmente, mas já estavam tão acostumados a *parecer* como se estivessem consultando que eles caíram em velhos hábitos sem perceber.

— De fato — Padmé concordou. — Ficaremos bem aqui, pelo tempo que ele quiser conversar.

— O que você achar melhor — ele respondeu. — Não vou deixá-lo monopolizar você por mais de vinte minutos.

— Fico agradecida, capitão — Padmé disse.

Quando ela se ajeitou, foi a Rainha Amidala quem falou.

— Amigos, vocês poderiam nos dar licença? Vou conceder a audiência ao chanceler.

Os funcionários da casa se curvaram em reverência e se retiraram. Panás foi o último, parando para apertar a mão do chanceler quando desceu da plataforma. Logo, a sala estava vazia exceto por quatro pessoas, e duas delas eram tão discretas a ponto de ficarem quase invisíveis.

Palpatine subiu na plataforma, mas não chegou perto o bastante para tocar a rainha.

— Sei que minhas visitas causam um alvoroço para você, mas estou contente em vê-la — ele declarou. Ele estava perto o bastante para falar com o volume normal da voz, e Padmé também passou a usar a própria voz, falando com ele como uma amiga.

— Tudo bem. Para ser completamente honesta, uma distração hoje era mesmo necessária e apreciada.

— Posso imaginar — ele disse. — Bom, na verdade, não posso. O mandato senatorial é muito diferente e eu nunca concorrerei a um cargo público de novo. Mas posso fingir que posso imaginar.

— Estou feliz por você ter conseguido voltar para casa e votar — Padmé disse. — Pensei que teria que votar à distância.

— Grandes gestos são um dos grandes prazeres do poder, Vossa Alteza — Palpatine observou. — E nunca é demais dar um bom exemplo para a ordem pública.

Ele hesitou por um momento, longo o bastante para ela ver, então ela não disse nada e esperou que ele continuasse.

— Você já pensou no que gostaria de fazer em seguida? — ele perguntou.

Padmé era treinada demais para afundar na cadeira, mas para olhos atentos, ela deixou os ombros caírem um pouco diante daquela pergunta. Ela tinha, é claro, pensado muito sobre a questão, mas ninguém perguntara assim tão diretamente, e agora não havia como contornar. Ela pretendia conversar sobre

isso ao menos com Sabé antes de falar com qualquer outra pessoa, mas isso já não era uma opção. Esperava que Sabé fosse entender. Afinal, dificilmente aquela era a única vez em que ela se via forçada a dizer algo como Amidala que gostaria de primeiro dizer como Padmé.

— Minhas maiores aptidões sempre foram a determinação e a negociação. — Padmé ainda falava com a própria voz, mas Amidala não estava longe. — Sei que, se eu me esforçasse, poderia aprender qualquer outra habilidade, mas não seria algo próximo de meu coração.

— A cultura única de Naboo oferece todo tipo de métodos de expressão — Palpatine disse. — Mas existem pessoas, como eu mesmo, por exemplo, que entram no serviço público e acabam nunca saindo.

— Tenho os limites do mandato para considerar — Amidala declarou. — E sei que chegou a hora do manto da rainha ser passado. Entretanto, já pensei em algo que poderia fazer. Já quase terminei de montar o plano inicial.

— Se eu puder ajudar com alguma coisa, Vossa Alteza — Palpatine ofereceu. Ele sorriu para ela, a boca se curvando de um jeito que poderia ser desconcertante se ela não o conhecesse tão bem. Ele sempre tinha tantos planos correndo ao mesmo tempo. — Ficarei feliz em ajudar.

— Como rainha de Naboo, precisei concentrar meus esforços neste planeta, colocando suas necessidades acima de qualquer coisa — constatou Amidala. Ela gostaria de poder ver o rosto de Sabé agora. — Mas nunca me senti confortável sobre a situação em Tatooine, não desde que deixei aquele planeta há quase quatro anos. A escravidão é uma chaga afetando tudo que a República acredita, chanceler. Não posso trazer uma mudança política oficial, dado o estado da maioria dos planetas da Orla Exterior, mas posso usar minhas posses para libertar quantas pessoas for possível e encontrar novos lares para elas, se assim desejarem.

Padmé sentiu um alívio no peito ao finalmente dizer aquelas palavras e um breve sussurro em seu coração quando permitiu a si mesma pensar em um pequeno garoto que sentia frio no espaço e cuja mãe permitiu que ele fosse para onde ela própria não poderia ir.

— Você quer dizer, comprá-los? — Palpatine perguntou.

— Não gosto dessa palavra, mas sim — Padmé respondeu. Ela não pareceu estremecer.

— Um objetivo admirável, Vossa Alteza. Embora seja um objetivo desafiador, dadas as limitações jurídicas.

— Eu tenho, como você mesmo disse, o resto de minha vida — Padmé o lembrou.

— Vossa Alteza — Palpatine disse —, talvez possa lhe interessar saber que eu

venho apresentando um projeto de lei diante do Senado para lidar com exatamente essa mesma questão. Irá se concentrar no transporte dessa carga tão desagradável através do espaço da República e espero que tenha um impacto real sobre o problema. Não há razão para você se envolver com isso.

— Sei como o Senado funciona, chanceler. — Isso foi dito no tom mais frio de Amidala, de modo quase automático. Palpatine se endireitou, quase imperceptível. — Já me apresentei diante dele e implorei desesperadamente pela vida do meu povo, cidadãos da República, e eles não fizeram nada. Pode ser um esforço pequeno, mas é meu direito tentar.

— É claro, Vossa Alteza. — Palpatine se curvou em uma reverência. Ele ergueu os olhos e hesitou novamente. — Peço desculpas, mas também trago notícias não muito boas.

— O julgamento? — ela perguntou. Havia apenas uma coisa que o traria de volta para casa usando a eleição como desculpa: o atual estado das acusações contra os Neimoidianos que tinham invadido seu planeta quatro anos antes e tentado assassiná-la.

— Sim, Vossa Alteza — Palpatine respondeu. — O terceiro julgamento de Nute Gunray terminou com o júri dividido. Não foi o melhor resultado, obviamente, mas também não o pior, considerando a força da equipe jurídica da Federação de Comércio. Os advogados da República precisam se reunir outra vez, mas já estão planejando os próximos passos.

Amidala não podia mostrar sua indignação em público, então Padmé se esforçou para deixar o rosto impávido.

— Obrigada, Chanceler Palpatine — ela disse, a voz neutra pesada como uma rocha. — Nós agradecemos seus contínuos esforços em nosso nome.

— Eu gostaria de ter notícias melhores sobre isso hoje — Palpatine disse. Ele se levantou. — Vossa Alteza fez grandes realizações para Naboo e, como um de seus súditos, estou triste em vê-la partir. Desejo todo o melhor em seus empreendimentos futuros, seja qual for o caminho que tomarem.

Amidala assentiu, como um reconhecimento e uma dispensa, e Palpatine desceu da plataforma para se retirar da sala. Assim que a porta se fechou atrás dele, Rabé se materializou diante do cotovelo de Padmé. Ela esteve fora do alcance da voz de Palpatine, mas ninguém nunca mencionou que Rabé não precisava ouvir para entender uma conversa. A leitura labial era imprecisa, mas quando combinada com a habilidade de ler a linguagem corporal treinada com Lorrdianos, as pessoas acabavam deixando transparecer coisas que nem podiam imaginar.

— Ele está preocupado com alguma coisa — ela disse. — Algo não está acontecendo tão rápido quanto ele gostaria.

— Isso pode ser muitas coisas — Padmé completou. Ela se recostou no trono e sentiu o toque gentil das fitas caindo sobre seu pescoço. — Vamos deixar o chanceler com seus planos e continuaremos com os nossos.

— Vou preparar um vestido de jardim para você — Rabé avisou.

— Obrigada — Padmé agradeceu. — Você poderia pedir para que sirvam o almoço no terraço? Sei que é tarde e os outros já devem ter comido, mas estou faminta e o clima está bonito demais para almoçar dentro de casa.

— É claro — Rabé concordou, e se retirou com seus passos silenciosos.

— Você acha que é uma ideia tola? — Padmé perguntou.

— Acho que é incrivelmente impraticável — Sabé disse, aparecendo ao seu lado e ajudando Padmé a se levantar. — Mas a maioria das suas ideias são assim. E, até agora, você sempre se saiu bem.

Elas não tinham pressa, já que até Rabé precisaria de tempo para arranjar o almoço. Além disso, deu a elas uma oportunidade para ter a conversa que Padmé gostaria que tivessem tido antes da chegada de Palpatine.

— Onde Rabé consegue achar tanta fita assim em tão pouco tempo? — Sabé perguntou, parando para apanhar as fitas que haviam caído.

— Desisti de fazer esse tipo de pergunta — Padmé respondeu. — É muito mais fácil aceitar que ela consegue fazer essas coisas do que ficar pensando como ela faz.

— É verdade — Sabé concordou.

Padmé parou e se virou para olhar diretamente em seus olhos.

— Não tenho capital suficiente para libertar todos eles — Padmé lamentou, ainda evitando a palavra *comprar*.

— Então descobriremos o que eles querem em Tatooine e venderemos a eles em troca — Sabé sugeriu.

— Nós? — Padmé indagou, nervosa.

— Claro que *nós* — Sabé retrucou. — Você não amarra os próprios sapatos há quatro anos. Vai precisar de toda a ajuda que conseguir.

— Isso não é justo nem verdade — Padmé disse, rindo quando desceu da plataforma apoiando-se no braço de Sabé. Ela sentiu mais fitas e uma das tranças se desfazendo, e o xale estava emaranhando na cauda do vestido agora que estava se movendo. — A maioria dos meus sapatos não tem cadarços.

— Pode até ser. Mas minhas mãos são suas por quanto tempo você precisar. Eu estava apenas esperando você pedir.

— Obrigada, minha amiga — Padmé agradeceu, sendo sincera com todos os átomos de seu corpo.

— Vamos — Sabé ordenou. — O seu cabelo está um desastre e eu também estou faminta, e aparentemente temos muito para conversar.

Ao fim de uma hora, elas estavam sentadas no terraço sob o sol, com boa comida e muita conversa pela frente. Rabé havia acabado de revelar que sua inscrição para a mais prestigiosa academia de música de Theed havia sido aceita quando o Sargento Tonra chegou. Sabé o cumprimentou imediatamente, mas não chegou a convidá-lo a sentar-se ao seu lado. Estava claro que ele tinha olhos apenas para a rainha, e trazia um datapad em suas mãos.

CAPÍTULO 3

EIRTAÉ OBSERVAVA COM OLHOS atentos enquanto todas comiam um almoço tardio ao seu redor. Ela poderia, se fosse preciso, tomar todos os detalhes e analisar os níveis de ameaça de acordo, mas no momento, Eirtaé analisava a cena como uma artista. Ela adorava a luz da região dos lagos. Embora soubesse academicamente que se tratava do mesmo sol que brilhava em toda a cidade de Theed, seu coração notava minuciosas diferenças em sua qualidade. Tudo parecia mais verde, mais vívido e mais saturado. O próprio lago era quase brilhante demais para se olhar. O mármore cintilava. O capitão e sua esposa pareciam mais suaves sob a luz dali, embora nunca baixassem a guarda. Saché livremente enrubescia sempre que Yané olhava para ela. Os olhos de Padmé faiscavam ao ver suas amigas felizes.

Mas havia um pouco da luz de Theed nos olhos de Padmé, Eirtaé agora via. Padmé estava com elas — não Amidala — conversando e rindo quando convenceram os guardas a contarem o que planejavam fazer quando terminassem de servir a rainha, mas havia algo um pouco apagado em suas feições. Eirtaé olhou para Sabé por hábito, certa de que a outra garota saberia, mas Sabé apenas sacudiu a cabeça do jeito particular que significava *mais tarde, quando estivermos sob menos olhares*.

Eirtaé teria se levantado para olhar a vista e tentar outra vez pensar em como ela pintaria o horizonte, mas a atenção de Sabé mudou. Eirtaé seguiu seu olhar.

— Sargento Tonra — Sabé chamou, mas não disse mais nada.

Imediatamente, ficou clara a razão.Tonra segurava um datapad nas mãos e já era tarde o bastante para que a votação tivesse acabado. Theed era a última região do planeta a votar, e assim que os fusos horários fossem contados, eles sempre terminavam ao meio-dia. Os habitantes de Naboo já haviam dominado a arte da eficiência democrática.

Aquele não era o lugar para uma declaração oficial. Padmé poderia se levantar e todas se levantariam também, mas então seria uma multidão de pessoas no terraço e ninguém poderia ver nada. Eirtaé sabia dos pensamentos que circulavam pela cabeça de Padmé tão bem quanto sabia os seus próprios, portanto não se surpreendeu quando Padmé falou:

— Por favor, sargento — ela disse. — Se você puder ler os resultados, sei que estamos todas ansiosas para ouvir.

Yané segurava uma das mãos de Saché e Rabé segurava a outra. Estava claro qual delas estava mais nervosa.

— Como quiser, Vossa Alteza. — Tonra se curvou, se virou para onde Saché estava sentada e fez seu primeiro pronunciamento diretamente para ela. — Tenho a satisfação de anunciar que a sua candidatura foi bem-sucedida, milady. Você agora é membro da assembleia legislativa planetária.

Yané soltou um grito de celebração e jogou os braços ao redor do pescoço de Saché, beijando o topo de sua cabeça. Rabé se moveu em tempo de abrir caminho para Mariek Panás, que, em uma rara demonstração de emoção, tirou Saché do chão e a girou no ar comemorando a vitória. Ela a baixou ao mesmo tempo que Padmé se levantou e andou até onde Saché estava agora.

A rainha abriu os braços para a mais jovem das damas de companhia e Saché praticamente se jogou naquele abraço. Eirtaé podia ver que Padmé sussurrava algo no ouvido de Saché — um conselho, parabenização, ou os dois —, mas não se importou em não saber o que estava sendo dito. Saché ainda vestia o mesmo vermelho de quando Palpatine fez sua visita apressada, e Padmé havia se trocado para um vestido com um profundo azul mais adequado para a refeição ao ar livre — Eirtaé gostou das duas cores juntas.

Tonra esperou pacientemente enquanto todos parabenizavam Saché por sua nova posição. Demorou um pouco. Depois do que ela passara durante a Ocupação, Saché era especial para todos os membros da Força de Segurança Real. Afinal de contas, ela salvara a maioria de suas vidas ao se recusar a nomeá-los durante o interrogatório da Federação de Comércio que resultara em suas cicatrizes. Eles retribuíram sua bravura com uma lealdade que perdia apenas para a da rainha, e quando Saché anunciara sua intenção de concorrer a uma vaga, ela fez isso com o apoio total de todos.

Finalmente, a comoção diminuiu e todos voltaram a atenção para o sargento.

— A lista completa de representantes está disponível se alguém quiser checar — Tonra anunciou. — Mas tenho a honra de dizer à rainha que Naboo será servido em seguida pela Rainha Réillata.

O terraço estava cheio de políticos profissionais, mas Eirtaé também era uma artista profissional, então ela não deixou de notar as pequenas mudanças nas expressões de todas as damas de companhia. As sobrancelhas de Yané se ergueram por uma fração de centímetro. Rabé se tornou muito interessada na fruta que fora servida para a sobremesa. Saché ainda estava muito satisfeita com sua própria boa notícia para ter qualquer reação. O rosto de Sabé se tornou, se possível, ainda mais suave. E a máscara de Amidala deslizou sobre as feições de

Padmé um pouco mais rápido do que o normal.

— Muito obrigada, sargento — a rainha disse formalmente e inclinou a cabeça. — Quem quiser seguir agora para checar os resultados locais tem minha permissão.

Panás puxou ar através dos dentes.

— E com a permissão de seu capitão, é claro — Padmé acrescentou.

Eirtaé sabia que nenhuma delas havia votado em Réillata, embora, é claro, não tivessem conversado sobre como cada uma votaria. Padmé acreditava que era sempre melhor que as rédeas do governo fossem repassadas, e Réillata já havia servido antes. Ela não foi uma rainha ruim; ela concorrera apenas uma vez até se candidatar para a eleição atual. Réillata governara por um único mandato quando elas ainda eram pequenas e depois acabou se tornando uma cantora de ópera moderadamente bem-sucedida. Concorrendo agora como uma candidata mais velha do que ditava a tradição, Réillata baseou sua campanha na experiência e estabilidade que seus anos lhe conferiam. Ela e Padmé concordavam em assuntos da defesa planetária, especificamente com a continuação de projetos que não foram completados durante o mandato de Padmé, mas isso as outras candidatas também apoiavam. Jamillia, a candidata de que Padmé mais gostava, poderia concorrer outra vez em dois anos, no mínimo, e, da próxima vez, Padmé poderia apoiá-la abertamente em vez de manter a neutralidade da rainha em público.

— Ao menos ela esperou até esta eleição — Sabé ponderou. Ela falou baixo o bastante para que os guardas, mesmo aqueles sentados com elas e que não estavam em serviço, soubessem que deveriam fechar os ouvidos para ela. — Seria uma confusão desnecessária se ela concorresse diretamente contra você.

— Eu sei — disse Padmé. — E talvez seja necessário considerar um equilíbrio entre governantes mais jovens e mais velhas. Qualquer caminho pode ser ruim se seguir cegamente em uma única direção.

Ninguém respondeu, apesar de Eirtaé suspeitar que nenhuma delas realmente concordava com Padmé. Era difícil mudar o curso com uma única eleição. O momento se estendeu o suficiente para se tornar constrangedor antes de Padmé se endireitar e abrir um sorriso.

— Mas temos que celebrar Saché! — ela declarou. — Uma heroína de Naboo irá tomar seu lugar no governo.

Os guardas, tanto aqueles sentados quanto os de serviço, aproveitaram o momento e imediatamente começaram a contar histórias da coragem de Saché durante a Ocupação. Não era exatamente um costume, contar uma história que todo mundo conhecia como maneira para celebrar, mas era familiar — e um jeito excelente de mudar o assunto, é claro. Mesmo agora, Padmé estava no controle

da situação.

— O pessoal da Federação de Comércio nunca nem desconfiou que ela estava transmitindo mensagens para nossa resistência — Mariek disse. — Ela era tão jovem.

— E ainda é muito jovem — Panás observou. — E sabe como usar isso.

Saché se curvou em reverência, embora seu movimento tenha ficado um pouco restrito pela cabeça de Yané em seu colo.

— E então aqueles malditos droides a pegaram — Mariek continuou. — Usaram alguma análise estatística de seus movimentos, ou algo assim. Eles a levaram embora, e foi horrível. Podíamos ouvi-la gritando por horas, e achávamos que era só uma questão de tempo até que eles também viessem nos pegar. Mas nunca fizeram isso, porque ela nunca nos entregou.

— Eu não permiti que as outras se entregassem — Yané disse. — Elas tentaram e eu ordenei que não fizessem isso, com o resto de autoridade que a Rainha Amidala deixara conosco. Eu sabia que Saché tinha tomado sua decisão e nós não iríamos tirar isso dela.

Todas já haviam ouvido aquela história centenas de vezes, mas era impossível não notar o afeto na voz de Yané. As damas de companhia que haviam acompanhado Padmé para fora do planeta durante a Ocupação não ouviram essa história até bem depois da Batalha de Naboo. Talvez fosse por isso que elas nunca se importavam de ouvir a história outra vez. Elas não foram capazes de ajudar Saché quando ela foi capturada, mas todas ajudaram a lidar com seu trauma depois disso.

— No fim, eles tiveram que libertá-la. — Tonra assumiu a história. — Ela continuou à vista de todos. Atravessou aquele maldito acampamento três vezes por dia, sob os olhares dos droides e guardas da Federação de Comércio. E eles tinham que pará-la e revistá-la, mas ela nunca tinha nada consigo, e com aquela distração, os novos mensageiros conseguiram passar.

— Minhas corajosas dublês — Padmé disse, usando a palavra que quase nunca era dita, mesmo agora. — Vocês deram o seu melhor para Naboo, e para mim, e agradeço muito a vocês.

Eirtaé tinha um ego suficiente para admitir que gostava de ser agradecida em público daquela maneira, mas manteve o rosto profissionalmente sem expressão quando se curvou para a rainha. Depois ela se ergueu e seguiu para a beira do terraço para observar o lago, para ver se agora conseguiria determinar a melhor maneira de capturá-lo.

Padmé se juntou a ela depois de um momento, pairando fora de seu espaço pessoal caso Eirtaé desejasse permanecer sozinha, mas claramente com algo em sua mente.

— Eu vou para Otoh Gunga — Eirtaé disse quando ficou aparente que Padmé não iria falar primeiro. — A tecnologia deles é tão diferente da nossa, e quero ver como isso afeta sua arte.

Não foi particularmente fácil de arranjar aquela visita, mas Eirtaé podia ser charmosa quando queria, e seus quadros das florestas de Naboo eram de grande interesse para os Gungans. Eles deram a ela um lugar para ao menos começar.

— Isso é ótimo — Padmé disse. — Você continuará pintando?

Aquele havia sido seu principal meio desde que descobrira sua aptidão para capturar imagens. Compreensivamente, ninguém sabia como isso se sairia debaixo da água.

— Não — ela respondeu, depois se corrigiu. — Bom, um pouco, talvez. Os Gungans possuem um jeito de cultivar o vácuo. É assim que expulsam toda a água de suas habitações antes de preenchê-las com uma atmosfera respirável. Eu gostaria de saber o que acontece se, em vez de oxigênio, o vácuo for preenchido com pigmentos. Acho que formaria padrões interessantes na água, mas acho que também poderia impactar a maneira como nós expandimos nossa aquacultura.

— Você vai colocar tinta nas bolhas e usar a análise de padrões para melhorar o cultivo de nossa alga-azul? — Padmé perguntou. A alga-azul era um excelente fertilizante. Usá-la em um número limitado de campos havia quase dobrado sua produção durante a temporada de colheita de Naboo. Não era segredo que, se mais algas pudessem ser cultivadas, o planeta inteiro iria prosperar.

— Bom, quando você coloca assim, parece algo prático e nem um pouco artístico — Eirtaé riu. — Mas, sim, é isso que vou fazer.

— É perfeito! — Padmé exclamou. — Talento, arte e praticidade. É a essência de Naboo.

— Além disso, cheira melhor do que o excremento de shaak que a maioria dos fazendeiros usa agora — Eirtaé observou.

— Isso também — Padmé concordou. Havia um leve indício de sorriso em seu rosto, mas era um sorriso genuíno. Eirtaé sabia que, assim que o manto da rainha fosse repassado, Padmé poderia sorrir mais livremente quando tivesse companhia.

Elas voltaram para o piquenique, onde Mariek havia encontrado um pouco do pão de cinco folhas favorito de Saché para uma verdadeira celebração de sua eleição. Elas ouviram com atenção enquanto Saché descrevia todos os pontos de sua plataforma em que sentia que era mais fraca, e ofereceram seus melhores conselhos. Agora que os resultados foram anunciados, Padmé estava livre para dizer o que pensava, embora tenha se limitado às perguntas de Saché. Yané confessou que já tinha escolhido — embora ainda não comprado — uma casa, e quando elas insistiram, ela mostrou um holograma.

— É enorme — comentou Saché. — Vou me perder lá dentro.

— Bom — Yané observou —, se você estiver na assembleia legislativa, vou precisar fazer alguma coisa. Sei que originalmente nós falamos sobre esperar até seu mandato acabar antes de decidirmos, mas encontrei esse lugar e não consegui parar de pensar nele.

— Achei maravilhoso — Saché afirmou.

A cultura de Naboo considerava todas as crianças preciosas e, portanto, não havia muitos órfãos como em outros planetas da Orla Média. Mesmo assim, depois das dificuldades e sofrimento da Ocupação, alguns jovens acabaram se perdendo entre sua família estendida e a supervisão do governo. Yané sempre fora uma frequente voluntária com aquelas crianças quando tinha tempo para isso, e já havia muitas vezes falado sobre algum dia adotar algumas permanentemente. Agora ela estava em uma posição em que podia oferecer mais do que ajuda pessoal e não foi surpreendente que tivesse escolhido fazer isso.

— Tenho primos lá — falou Mariek. — Eles podem ajudá-la a mobiliar a casa antes de você se mudar.

— Isso seria ótimo — Yané disse. — Obrigada.

Aquela seria, Eirtaé percebeu muito repentinamente, a *última* vez. Ela se sentiu um pouco mais fria, fez o sol parecer um pouco mais fraco, os lagos brilharem um pouco menos. Era a última vez que todas elas se sentariam daquela maneira para pensar o futuro juntas. Essa sensação foi o que deixou Padmé tão inquieta o dia todo e provavelmente o que deixou Sabé tão incrivelmente plácida sobre tudo. Elas já estavam se preparando, ou ao menos Padmé estava, e ela não queria se impor em qualquer dos sonhos de suas damas de companhia fazendo pedidos.

Ela foi uma rainha incrivelmente boa, Eirtaé percebeu, ao dar a elas essa liberdade. Se tivesse pedido pela continuidade de sua assistência, independentemente do que escolhesse fazer em seguida, é claro que aceitariam. Em vez disso, Padmé lhes deu espaço e segurou a língua enquanto elas decidiam. Foi um sacrifício de sua parte, um que Eirtaé imaginava que ela comparava com o sacrifício que as damas de companhia fizeram quando se juntaram a ela, e foi igualmente dado com alegria.

Elas seguiriam seus próprios caminhos com a bênção de Padmé. Sempre seria um pouco triste, mas haveria novas tarefas para conquistar e novos trabalhos a fazer. Na última comunicação que Eirtaé recebera de seus pais, eles perguntaram que nome deveriam usar em seus documentos de viagem. Como cidadã comum, ela precisava atualizar alguns de seus dados para a viagem e residência em Otoh Gunga. Ela ainda não respondera, incerta sobre o que faria, mas agora tinha toda a certeza do mundo.

Assumira o nome Eirtaé quatro anos antes, um pouco por privacidade e um pouco por prestígio, quando Padmé fora eleita, e havia jurado lealdade e sua vida pela Rainha Amidala. Ela manteria esse nome para sempre. Como um sinal de seu próprio status, certamente, mas também como sinal de respeito pela rainha a quem serviu e pela garota que arriscou a própria vida pelo bem-estar de Naboo em mais de uma ocasião. E também não só por Padmé, mas por todas elas que serviram juntas. Elas escolheram seus nomes quando eram crianças, recém-chegadas ao poder e levemente intimidadas. Haviam escolhido seus nomes para se unirem umas às outras, uma constante lembrança do bem maior a que agora serviam.

E Eirtaé manteria esse nome. Manteria o nome, o serviço e a amizade — embora *amizade* dificilmente fosse uma palavra suficiente —, e enquanto vivesse, ela se dedicaria a servir Naboo assim como Amidala fizera, qualquer que fosse a forma desse serviço.

Ela olhou para cima e percebeu que Padmé estava olhando diretamente para ela. Como sempre, as damas de companhia não precisavam de palavras para se comunicarem umas com as outras. Eirtaé não se levantou — não havia necessidade de chamar atenção para si —, mas olhou nos olhos da rainha que amava, pousou a mão sobre o peito e baixou a cabeça.

Padmé retribuiu o gesto e Eirtaé voltou para sua silenciosa contemplação do lago.

CAPÍTULO 4

ELAS ESTAVAM NOS DEGRAUS do grande palácio de Theed, como uma vez fizeram para encontrar o Chefe Nass nos primeiros meses do reino de Amidala. A praça em frente estava ainda mais lotada do que naquele dia, pois a celebração de hoje não tinha um cortejo. O povo de Naboo havia aparecido em massa para ver sua nova rainha e estava vestido para a ocasião. A praça estava cheia de cor e música, e o ar repleto de fitas e flores que as crianças lançavam para o alto.

Saché estava acostumada a ficar no fim da fila. Sua principal tarefa como dama de companhia era a distração, mas não no sentido marcial. Embora fosse uma lutadora capaz e a segunda melhor atiradora — depois de Sabé —, ela conhecia suas próprias limitações físicas. Além disso, se juntara ao serviço da rainha quando tinha doze anos, portanto mal podia fazer qualquer coisa diante de alguma ameaça.

Mas as pessoas se abriam com ela. Aparentemente, Saché tinha esse tipo de rosto. E mesmo sendo a última na fila das damas de companhia, elas a viam como acessível. Ela também ouviu muitas coisas grandes por acidente, porque ninguém achava necessário fechar a boca perto dela. Diferente de Rabé, espionava abertamente, e porque todos estavam sempre olhando para ela, as outras conseguiam sempre se safar.

Agora estava ao lado de Padmé na frente da multidão e tentava lembrar a si mesma que havia escolhido a vida pública, apesar do frio na barriga que sentia naquele momento.

De qualquer maneira, todos os olhos estavam sobre a rainha. Ela vestia um enorme vestido branco que se avolumava na parte de trás. Seu rosto não estava pintado e o cabelo estava penteado de forma simples, enrolado em um único coque preso por fios de pérolas de água doce. O vestido de Padmé cintilava, mas diferente daquele que usou para celebrar a paz com os Gungans, o de agora não tinha nenhum dos babados ou ornamentos elaborados. O vestido atraía a atenção, mas também seria facilmente ofuscado no momento que o protocolo exigisse.

Finalmente, as grandes portas do palácio de Theed se abriram e um burburinho ansioso tomou a multidão. Duas filas de guardas saíram primeiro — voluntários da Força de Segurança Real. Eles desceram os degraus em marcha,

parando quando o primeiro deles alcançou o fim para que ficassem alinhados na escadaria. Depois, os membros do conselho saíram e desceram até onde Amidala e suas damas de companhia esperavam. Finalmente, após um longo momento que Saché reconhecia como sendo uma necessidade dramática, a Rainha Réillata apareceu no topo da escadaria.

A nova rainha era mais alta do que Padmé, e Saché sabia ao ver imagens da campanha que ela tinha cabelos muito curtos. É claro, tudo isso estava coberto pelo ornamento real que agora coroava a cabeça de Réillata. Seu rosto exibia uma forte cor branca, o vermelho dos lábios e maçãs do rosto se destacando, como exigia o costume, e ela usava o vestido vermelho da soberania de Naboo tão bem quanto Padmé usara. Ela não tinha, Saché pensou quase traiçoeiramente, a bondade inerente de Amidala, mas todos os governantes de Naboo tinham seu próprio estilo. Essa era, como diria Padmé, a razão da democracia.

A Rainha Réillata desceu os degraus com uma velocidade moderada. Isso era parcialmente para que todos tivessem uma boa visão dela e também porque não era fácil andar naquele vestido. Réillata conseguiu fazer sua postura e seus passos firmes parecerem deliberados, e Saché foi forçada a lhe prestar um respeito relutante. Aquele era, afinal de contas, o segundo mandato de Réillata, e Saché faria parte de seu governo.

Atrás da nova rainha vieram as novas damas de companhia. A maioria tinha a mesma idade da monarca, mas havia uma jovem garota que Saché sabia ser sobrinha de Réillata. Ela era até mesmo mais jovem do que Saché quando se juntara ao serviço de Amidala, e Saché desejou-lhe o melhor. A corte podia ser um lugar estranho, mesmo para os mais preparados.

Réillata chegou no grande arco onde Amidala esperava por ela. O Governador Sio Bibble carregava o cetro real, que apenas era usado naquela ocasião, e se posicionou entre as duas rainhas. Por um momento, graças a um capricho do processo democrático de Naboo, elas tinham o mesmo nível hierárquico. Então, Amidala tomou o cetro do governador, abaixou a cabeça e o ofereceu com a pompa da governança à nova rainha de Naboo.

Como esperado, a celebração do povo durou um bom tempo.

Eventualmente, a Rainha Réillata passou o cetro de volta para Sio Bibble e ofereceu o braço para Amidala. Padmé aceitou e as duas rainhas subiram a escadaria de volta para dentro do palácio. Agora o poder estava transferido simbolicamente, mas ainda havia bastante trabalho pela frente. O Governador Bibble apareceu ao lado de Saché enquanto caminhavam atrás das rainhas.

— Parabéns por sua eleição, milady. Não sou do seu distrito, mas fiquei feliz em saber que você saiu como candidata em algum lugar.

— Obrigada, governador — Saché agradeceu. — Espero que meu serviço seja

digno do seu entusiasmo.

— Bom, você aprendeu com uma pessoa excelente — ele constatou. Os dois olharam para a frente e então Bibble sorriu. — Estou falando de mim mesmo, é claro.

Saché riu.

— É claro — ela disse. — Tive uma grande variedade de políticos ao meu redor durante meus anos de formação.

— É fácil rir agora que os problemas passaram — Bibble declarou, com uma seriedade não característica. — Mas acho que nós dois sabemos onde você aprendeu tudo que sabe. As pessoas respeitarão isso, e espero que você não tome uma vantagem indevida da lealdade deles.

— É claro que não, governador — Saché assentiu. Ela nunca dominou a voz de Amidala como as outras fizeram, seu alcance vocal simplesmente não era adequado, mas tinha uma voz formal que agora usava pela primeira vez. — Como eu disse, espero que meu serviço seja digno de seu entusiasmo.

Saché desejou estar caminhando com as outras damas de companhia. Ela sabia que Sabé provavelmente estava logo atrás dela e as outras estariam espaçadas no grupo que agora entrava no palácio. Estava acostumada com a vista de trás da comitiva, não com a frente, e isso estava atrapalhando seu modo de agir. Ela nem estava vestida como dama de companhia hoje. Elas usavam capuzes de uma suave cor violeta sobre vestidos cinza-escuros — as cores que se usava para desaparecer no meio de vestidos coloridos de Naboo — e Saché vestia tons de amarelo e verde, com o rosto totalmente visível. Ela olhou para o topo da escadaria e viu Mariek na linha de guardas posicionados nos degraus. Mariek piscou para Saché, que sorriu.

Como seu último ato como rainha, Padmé havia promovido Mariek e Tonra a capitães, aceitado a renúncia de Panás e selecionado o novo sargento Gregar Typho, que havia lutado — e perdido um olho — na Batalha de Naboo. Todos teriam a opção de permanecer na Força de Segurança Real ou seguir para outro lugar — todos eram voluntários —, mas parecia que Panás seria o único a escolher outro modo para preencher seus dias. Na opinião de Saché, estava na hora de Panás seguir em frente.

Eles chegaram na sala do trono e Saché observou Réillata tomar o trono de Naboo pela segunda vez. Duas de suas damas de companhia sentaram-se em cadeiras, uma de cada lado, atrás da longa mesa, enquanto as outras três, incluindo sua sobrinha, ficaram perto da porta. O governador tomou seu lugar, com Panás de pé atrás dele em uma posição não oficial, e Padmé sentou-se em uma terceira cadeira ao lado da rainha. Saché se aproximou para ficar atrás dela, mas parou quando ouviu Yané tossir discretamente. Saché congelou,

constrangida, e não se mexeu até Sabé e Eirtaé tomarem seus lugares atrás da cadeira de Padmé. Então, ela tomou a quarta cadeira, aquela reservada para membros visitantes da assembleia. Não precisou olhar para trás para saber que Yané e Rabé estavam de pé ali.

— Nós agradecemos por seu bom serviço a Naboo, Amidala. — As palavras da Rainha Réillata seguiam uma fórmula básica no início de seu discurso, mas parecia haver uma genuína gratidão por trás delas. — Sabemos que você trabalhou incansavelmente por nosso amado planeta e agradecemos os seus esforços.

— Obrigada, Vossa Alteza. — Se custou para Padmé dizer aquelas palavras, ela não deixou seus sentimentos transparecerem no rosto. — Eu lhe desejo um mandato suave e produtivo como nossa rainha.

Sio Bibble se ajeitou em seu assento. Ele ainda segurava o cetro e parecia não saber o que fazer com os próprios braços. Um dos funcionários do palácio apareceu do nada para levar o cetro, e o governador visivelmente relaxou quando o objeto já não estava mais sob seus cuidados.

— Amidala. — A Rainha Réillata parou de usar seu tom de voz formal e falou com Padmé como se fossem amigas. — Sei que temos papéis específicos para realizar nos próximos dias da transição do governo, e palavras que precisamos dizer especificamente, mas eu gostaria de falar com você candidamente, se me permitir.

— É claro. — Aquilo saiu com um tom um pouco mais formal do que sua voz normal, mas apenas suas damas de companhia saberiam disso.

— Você me deixou em uma excelente posição para começar — Réillata disse. — Estamos em paz com a galáxia e com os Gungans. Nossos excedentes de comida se recuperaram desde a invasão e a construção do canhão de íons está, segundo me relataram, dentro do cronograma.

A temperatura da sala baixou um pouco quando o rosto de Panás endureceu. Ele havia se oposto à construção do canhão de íons publicamente, querendo defesas mais robustas, e seu relacionamento com a rainha e os políticos que apoiavam a construção nunca se recuperou totalmente. Eles estavam chamando de aposentadoria sua decisão de deixar o serviço, mas a verdade era que Padmé já não confiava nele como antes, e a nova administração também não.

— Como você sabe, a elevação do Chanceler Palpatine a essa posição nos deixou em apuros para encontrar um novo senador da República — a Rainha Réillata continuou como se nada tivesse acontecido. — É difícil encontrar políticos naquele nível que estejam dispostos a se mudar para Coruscant. A Senadora Oshadam tem sido mais do que adequada, mas ela decidiu que seu tempo de serviço chegou ao fim, e isso significa que caberá a mim preencher sua

posição.

— Posso oferecer várias sugestões, se você quiser — Padmé disse.

O novo ponto de vista de Saché significava que podia enxergar o rosto de Sabé. Ela ainda estava com o capuz abaixado, é claro, e um observador comum não conseguiria enxergar nada em sua expressão obscurecida, mas Saché não era uma observadora comum. Ela viu um rápido movimento dos olhos e então soube quais seriam as próximas palavras da Rainha Réillata.

— Amidala — a rainha disse —, eu gostaria de pedir que você tomasse essa posição e representasse Naboo e os planetas do setor Chommell no Senado.

Padmé raramente ficava sem palavras. Mesmo quando ficava, ela sabia dizer algo perfeito e vazio para cobrir seu silêncio. Mas desta vez ela não disse nada. Sua guarda estava baixa — ao menos tão baixa quanto podia chegar — e foi como se não soubesse para onde olhar.

Sio Bibble se ajeitou na cadeira outra vez, obviamente pego de surpresa pelo pedido de Réillata, mas obviamente a favor da proposta, embora não quisesse dizer em voz alta. O rosto de Panás ficou cuidadosamente sem expressão, mas havia uma estranha tristeza em seus olhos. Saché pensou que parecia quase uma resignação. Por um momento, ela não entendeu, mas então o olhar de Padmé encontrou o dela. Por causa de onde estava sentada, Saché era a única pessoa na sala que Padmé podia olhar sem revelar que estava procurando por uma opinião externa, então Saché deixou que olhasse. Ficou imediatamente aparente que a ideia de ser uma senadora nunca havia cruzado a mente de Padmé, mas agora que tinha sido proposto, tudo parecia praticamente selado.

Saché se lembrava da última vez que estiveram diante daquele precipício. Na ocasião, ela estava atrás de Padmé e não pôde ver seu rosto. O Jedi de longos cabelos dissera que eles precisavam seguir para Coruscant, mas fizera seu pedido para Sabé, pensando que era a rainha. Elas haviam praticado situações como aquela, as palavras que Padmé deveria usar para se comunicar com elas sem revelar o disfarce, mas aquela foi a situação mais difícil em que usaram esse artifício. Sem hesitar, Padmé dissera as palavras que sinalizavam que ela iria e, por necessidade, Saché ficara para trás.

Quando pensava sobre sua participação na assembleia, Saché imaginava debates acalorados e a realização de um bom trabalho. Ela sabia que teria de fazer a maior parte desse trabalho sozinha, mas gostava da ideia de poder buscar Padmé se realmente precisasse de ajuda, pedindo por sua experiência como Amidala nos problemas mais difíceis que Saché não conseguisse resolver. Mas lá estavam elas novamente: um apelo para ir a Coruscant e um caminho que Saché não poderia seguir. Ela entendeu a expressão de Panás com toda a sua alma. Sabé pensou que era uma boa ideia, e Padmé não podia vê-la, então sobrou para

Saché repassar a mensagem de apoio vinda da linha de trás.

Ela não podia dizer as palavras para Padmé. Não fariam nenhum sentido naquele contexto, mas ela ainda olhava em seus olhos e sabia que apenas precisaria mover um pouco a boca para transmitir a mensagem.

Nós somos corajosas, Vossa Alteza.

Padmé respirou fundo, e então Amidala se virou para encarar a rainha.

— Vossa Alteza — ela disse, abaixando a cabeça —, eu lhe agradeço pela confiança que você deposita em mim ao me pedir essa tarefa. Prometo que vou dar a essa questão minha total consideração, mas peço que espere para ouvir minha resposta depois que nosso trabalho na transferência de poder tenha terminado.

— É um pedido adequado — Réillata disse. — Vamos continuar com a transição como dita a tradição.

Padmé se recostou na cadeira e apenas o espião mais perspicaz teria visto o punho de Sabé se fechando no tecido de seu vestido, logo abaixo do ombro de Padmé, mostrando seu apoio incondicional como sempre.

— Governador — Réillata chamou, virando-se para onde Bibble estava sentado. — O que temos em seguida em nossa agenda?

Enquanto o governador descrevia as atividades para os dias seguintes, Saché não pôde deixar de pensar que havia se saído bem em sua primeira aparição oficial. Seria mais desafiador quando estivesse realmente sozinha. Membros da assembleia legislativa tinham equipes pequenas, mas nada como o grupo fortemente unido que Padmé construíra ao seu redor. Ela sempre teria Yané, é claro, mas Yané não fazia parte do governo e teria suas próprias tarefas para completar. Saché aprenderia rapidamente, como sempre fizera, e prestaria atenção durante reuniões importantes em vez de deixar a mente vagar como estava fazendo naquele exato momento.

Saché conseguiu se levantar ao mesmo tempo que todos apenas por virtude de sua longa prática. Padmé sorria quando veio tomar seu braço, e juntas elas seguiram Mariek para fora da sala do trono. Mariek as conduziu para os apartamentos para convidados, onde Saché ficou levemente mortificada ao descobrir que tinha uma suíte própria.

— Tem uma porta conectando os dois — Eirtaé anunciou quando Saché ficou parada no corredor sem saber o que fazer. — Vamos deixar aberta.

Saché tinha quase certeza de que Padmé aceitaria o pedido da rainha. Elas sabiam que as coisas mudariam depois da eleição, mas nenhuma delas imaginou que mudariam tanto e tão rápido. Saché flagrou o olhar de Padmé outra vez e viu um pedido silencioso ali: deixar pensamentos sobre o futuro para depois do fim das cerimônias. Saché assentiu para mostrar que faria o seu melhor para

obedecer, mas não conseguia evitar a maneira como seus pensamentos viajavam enquanto Yané a ajudava a se vestir para o jantar. Ao menos naquela noite elas estavam em um lugar familiar, embora não em quartos familiares — mas tinham uma porta aberta.

CAPÍTULO 5

ELAS SE SENTARAM IGUAL fizeram quando se encontraram pela primeira vez, quando Padmé as entrevistou depois de ser eleita rainha. Logo depois daquilo, Panás começara, discretamente, a treiná-las em medidas que excediam em muito aquelas esperadas para sua idade, mas naquele primeiro encontro, elas eram apenas garotas se conhecendo. Agora não havia ninguém na galáxia que as conhecia melhor. Com a transferência do governo completa, esta seria a última noite juntas em Theed antes de seguirem seus caminhos separadas. Mariek deu espaço a elas sentando-se afastada perto da lareira e Tonra estava do outro lado da porta. Havia mais meia dúzia de guardas no vestíbulo do outro lado do corredor, mas naquela noite, a menos que os guardas fossem chamados, Padmé e suas damas de companhia seriam deixadas sozinhas.

— A Saché — Padmé disse, erguendo o copo. — Que seu mandato seja tão desafiador quanto você precisar que seja.

Saché ergueu o próprio copo em resposta e as outras fizeram o mesmo. Yané tomou um longo gole. O teor alcoólico do suco de fruta era baixo, mas aquela era a única noite de liberdade antes de assumirem suas responsabilidades.

— A Yané — Padmé continuou. — Que a sua casa seja repleta de felicidade e a mais alegre das bagunças.

— A Rabé, que sua música toque o coração e a mente de todos que a ouvirem.

— A Eirtaé, que sua arte nos mostre novos caminhos em lugares que nunca pensamos em procurar.

Elas beberam e beberam de novo.

— Eu estaria morta sem cada uma de vocês — Padmé confessou. — E Naboo estaria sob domínio daqueles que desejam seu mal. Devo a vocês meus agradecimentos e mais, assim como o planeta ao qual vocês serviram também deve.

— Nós sabemos — respondeu Sabé. Seu rosto estava neutro ao estilo Amidala, apesar de as outras terem assumido suas atitudes relaxadas quando vestiram suas roupas de dormir azul e branco-mármore.

— A Sabé — Padmé brindou, e ergueu o copo uma última vez. Ela não disse mais nada, porque não havia mais nada que fosse necessário dizer.

Yané se levantou para coletar os copos e deixá-los na mesa lateral, fora do caminho. O círculo mudou, aproximando-se quando elas se sentaram em almofadas no chão, e Padmé levou uma escova para os cabelos de Sabé. Tradicionalmente, nenhuma delas mostrava muito afeto pessoal em público. Era um gesto identificador, e a maior força da defesa das damas de companhia era seu anonimato. Esses momentos privados eram muito valorizados, e Yané esperava que houvesse um número infinito deles nos dias a seguir. Ela se recostou no ombro de Saché.

— O que você vai fazer, Padmé? — ela perguntou. Era um alívio dizer seu nome.

— O pedido da rainha é razoável — Padmé disse. — Apesar de eu não ter considerado isso como uma opção até ela ter mencionado.

— Mas você precisará deixar Naboo — Saché apontou. — O Chanceler Palpatine quase nunca ficava em casa quando ele era senador.

— Eu sei — Padmé admitiu. — Mas as coisas são diferentes agora e é possível que eu passe mais tempo aqui, mesmo se eu for senadora.

— E quanto à resposta que você deu a Palpatine quando ele perguntou sobre seus planos? — Rabé perguntou.

— Ele perguntou sobre isso? — Eirtaé indagou, um pouco escandalizada. Seria uma quebra de protocolo fazer uma pergunta tão pessoal, mesmo se Palpatine fosse um amigo.

— Ele me surpreendeu com a pergunta — Padmé assumiu. — Eu não queria ter contado a ele antes de falar com todas vocês, mas então tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Eirtaé desabou dramaticamente sobre vários travesseiros e olhou para Padmé com expectativa.

— Eu pensei em voltar a Tatooine — Padmé admitiu — e ver quais passos eu poderia tomar para libertar as pessoas de lá.

Houve um longo momento de silêncio em que se ouvia apenas a escova passando pelos cabelos de Sabé.

— Bom, você certamente nunca faz nada pela metade — Mariek disse. Todas deram um sobressalto e Padmé gesticulou para que ela se aproximasse. Mariek puxou uma cadeira. — Só para meu marido não me flagrar sentada no chão enquanto estou de serviço e ter um ataque.

— Ele se aposentou — Yané apontou. — Acho que é você quem está no comando agora.

— O pedido ainda está em revisão — Mariek disse. — Eu odiaria me adiantar.

— O que você acha, Mariek? — Padmé perguntou, os olhos ainda firmemente nos cabelos de Sabé. — Você acha uma tolice?

— Sim — Mariek disse. Ela foi a favor do canhão de íons e todas sabiam, mas nunca discutiram, que isso causou problemas em seu casamento. — Mas a maioria das suas ideias são assim, e até agora elas funcionaram.

— Você não iria sozinha, não é? — Saché perguntou, delicadamente. Ninguém olhou para Sabé.

— É claro que não — Rabé disse.

— O Chanceler Palpatine nos disse que está preparando um projeto de lei sobre a escravidão para apresentar ao Senado — Padmé contou a elas. — Ele sugeriu que eu esperasse para ver o resultado de seus esforços.

Houve outra longa pausa.

— Você poderia ter um impacto maior se estivesse no Senado — Eirtaé disse. — Você poderia ajudar mais planetas do que apenas Tatooine.

— O Senado leva anos para fazer qualquer coisa — Yané argumentou de volta. — E todas nós sabemos por experiência própria o quanto eles não dão atenção para eventos que não os afetem pessoalmente! Você realizaria muito mais sozinha com uma boa nave e conexões em Tatooine.

Elas teriam começado uma discussão, algo que raramente acontecia na presença de Padmé, se Sabé não tivesse se inclinado à frente.

— Se ao menos você conhecesse um jeito de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

A escova parou.

— Existe uma diferença entre pedir que você me acompanhe e enviar você sozinha — Padmé observou. De qualquer maneira, Tatooine não era um destino fácil.

— Eu sei — Sabé disse calmamente.

Aquele era um limite que Yané havia observado as duas permeando desde que se tornaram amigas. Padmé sabia em seu coração que Sabé faria qualquer coisa que ela pedisse, mesmo se isso significasse a vida de Sabé e, portanto, ela sempre tomava cuidado para não pedir demais.

— Pode ser perigoso — Padmé declarou. — Você pode não ser capaz de fazer aquilo que queremos fazer.

— Eu sei — Sabé disse. — Mas quero tentar. Por você, por eles, e também por mim mesma. Fiz coisas atuando como você dignas de heroísmo. Acho que eu gostaria de fazer essas coisas com o seu apoio e o meu próprio rosto.

Padmé a virou para poder olhar o seu rosto. Elas estavam acostumadas a se comunicar sem contato visual, mas Yané entendia a necessidade daquilo agora, quando algo realmente importante estava sendo discutido.

— Então você será a senadora de Naboo e do setor Chommell — Mariek disse, interrompendo o momento e trazendo o foco de volta para todas. — Eu

vou com você e imagino que meu sobrinho Typho também vá.

— Não posso tirar você de casa agora — Padmé argumentou. Foi o mais próximo que chegaram de uma conversa direta, tal era o respeito de Padmé aos limites e políticas pessoais.

— Quarsh teve sua chance de viajar pela galáxia com você — Mariek observou. — Ele entenderá que agora é a minha vez.

Aquela ideia pairou no ar por um momento, então Padmé concordou.

— Certo. — Padmé voltou os olhos na direção de Rabé e Eirtaé, que sussurravam no canto. — Vocês não vão mudar seus planos — ela disse com um tom que deixava claro o seu teor inegociável.

— Padmé... — Rabé começou, mas Padmé ergueu a mão.

— Não, preciso de vocês aqui. Preciso saber que Naboo ainda é minha casa, um lugar onde arte e paz são honradas acima de tudo. Quero que vocês tenham isso, mesmo se eu tiver de esperar para ter.

— Obrigada, milady — Eirtaé disse. Rabé conseguiu apenas assentir.

— Saché, você vai me escrever se precisar de conselhos — Padmé continuou. — Yané, se precisar de mais fundos ou explorar uma conexão que eu tenha, você também vai me escrever.

— É claro — Yané afirmou.

— Acho que isso deixa o Capitão Tonra para você — Padmé disse, e Sabé concordou.

— É o melhor a se fazer — Mariek disse. — Réillata vai querer usar seu próprio pessoal, de qualquer maneira.

— Deveríamos chamá-los aqui, se vamos oferecê-los como voluntários para longas missões fora do planeta — Padmé concluiu.

Yané se levantou e foi até a porta. O Capitão Tonra seguiu pelo corredor até onde Typho estava e Yané voltou e começou a arrumar as cadeiras. Travesseiros no chão eram suficientes para uma reunião privada, mas era necessário algo mais firme para os membros da segurança. O capitão e o sargento não poderiam parecer mais diferentes em aparência. Tonra era alto, com cabelos escuros e uma larga testa. O Sargento Typho tinha um porte físico robusto, com pele morena e ombros largos. Ele era sobrinho de Mariek Panás, mas não precisou de nenhuma ajuda da família para alcançar aquela posição. Seu tapa-olho lhe dava uma aparência distinta — que ele não via problemas em usar para sua vantagem — e era muito mais jovial do que os outros guardas. Os dois tinham em comum uma lealdade inabalável a Naboo e à própria Padmé.

— Obrigada por se juntarem a nós — Padmé agradeceu. Ela falou com sua voz normal, não a de Amidala. Yané sentiu o pulso acelerar. Elas realmente estavam fazendo aquilo.

— É claro, milady — Tonra disse, embora parecesse um pouco confuso.

— Decidi aceitar o pedido da rainha e servir como a senadora de Naboo na República Galáctica — ela anunciou. — A Capitã Mariek se voluntariou para me acompanhar como parte da segurança. Sargento Typho, nós, ou melhor, *eu* esperava que você pudesse se juntar a nós.

Typho se levantou e endireitou os ombros.

— Seria uma honra, Vossa Alteza — ele disse.

— Eu não peço mais como sua rainha, sargento — ela o lembrou gentilmente. — Você estaria se voluntariando para deixar o planeta por longos períodos de tempo.

— Eu entendo, milady — assentiu Typho. — Eu ainda desejo servir.

— Obrigada — Padmé agradeceu. Ela se virou para Tonra, que esperava por ela. — Capitão, Sabé vai embarcar em uma missão separadamente que ela lhe repassará mais tarde em particular. Eu desejo muito que você a acompanhe.

Tonra e Sabé trocaram olhares, e Sabé assentiu.

— Acompanharei Sabé onde ela precisar de mim — ele disse. — E imagino que ela defenderá minha guarda da mesma forma que eu defenderei a dela.

— É bom mesmo que ela faça isso — concordou Padmé. — Preciso de vocês dois.

— Você vai precisar de novas damas de companhia — Yané declarou.

— Os senadores não têm nenhuma — Padmé apontou.

— Os senadores têm assessores — pontuou Saché. — Você deveria ter damas de companhia.

— Elas estão certas — Sabé afirmou. — Se você quer ter certeza de que o restante de nós estará segura e protegida, então você também deveria estar.

— Panás precisou de vários meses para treinar todas vocês — Padmé disse. — Não temos tanto tempo assim.

— Você não precisa do mesmo tipo de proteção que precisava quando era rainha — Yané observou. — O requisito mais importante para nós era termos um rosto parecido com o seu antes que o resto de nossas habilidades fosse considerada. As suas novas damas de companhia não precisam se limitar à sua aparência, desde que possam ser uma dublê para o seu cérebro. Você precisa de confidentes em quem confia plenamente. Precisa de pessoas com ouvidos abertos durante festas. Precisa de pessoas que desaparecem ao fundo e percebem o que seus oponentes estão tentando esconder de você. Se estiver em apuros, você pode chamar Sabé, mas para operações cotidianas, duas ou três damas de companhia leais devem ser o bastante para protegê-la.

— Minha sobrinha, não do lado de Typho, tem a idade certa — Mariek comentou. — Seu nome é Versaat. Vou enviar uma mensagem para ela hoje. Ela

não se parece fisicamente com você, milady, mas sei que é leal e tem outros talentos.

— Havia uma garota... Cordyn, creio eu — Rabé disse. — Ela estava conosco durante o treinamento de Panás, mas não foi selecionada no fim. Ela não era muito boa em combate, mas era muito parecida com você, e você ainda precisará de uma dublê, eu acho, apesar de o argumento de Yané ser realmente bom.

— Milady, se você me permitir? — Typho perguntou.

— Por favor, sargento — assentiu Padmé. — Diga o que tem em mente.

— Uma de minhas colegas de classe no treinamento das forças de segurança pode ser uma boa opção — ele declarou. — Ela estava no topo de todos os cursos.

— E por que não se formou junto com você? — Sabé perguntou.

— Ela continuou para fazer cursos extras — Typho respondeu.

O programa privado de Panás para as damas de companhia da rainha se tornou público depois da Batalha de Naboo, e a academia começou a oferecer versões modificadas de seu treinamento como cursos oficiais para pós-graduação.

— Qual é o nome dela, sargento? — Padmé perguntou.

— Dorra, milady — ele respondeu. — Posso lhe enviar uma mensagem assim que meu turno acabar.

— Faça isso agora, sargento — Padmé disse. — Não se preocupe conosco. Você pode usar o console no quarto de Saché e deixar a porta aberta para nos manter em vista.

— Venha — Yané disse para Eirtaé. — Vamos separar os vestidos de Padmé dos vestidos reais. Se vai continuar trabalhando para o governo, ela pode levar mais do que separamos originalmente.

— Vocês não precisam fazer isso — Padmé disse.

— Não precisamos — concordou Eirtaé. — Mas nós vamos.

— Vou escrever mensagens para as candidatas — Rabé informou. — Ou seja lá como vamos chamá-las. Imagino que nem saibam que estão concorrendo. Typho, se você puder esperar um momento, poderemos enviá-las todas de uma vez.

— Eu ajudo — Saché disse. — Posso usar meu novo acesso para rastrear Cordyn.

Os guardas retornaram para suas posições, e Sabé e Padmé encontraram-se sozinhas no meio dos muitos travesseiros e cadeiras.

— Veja só como o mundo gira rápido quando você pede alguma coisa — Sabé disse.

— Você sabe bem como é isso — observou Padmé. — Quem está girando o mundo é você.

— Não vou deixar você cair para fora — Sabé declarou. Ela ofereceu a mão e Padmé a tomou.

— Eu sei — Padmé disse.

Houve um momento de silêncio entre as duas, e então Sabé fez a última pergunta que ainda pesava em sua mente.

— O que você vai dizer para seus pais?

— Eu já deveria ter contado — Padmé admitiu. — Eu tive uma hora inteira livre hoje à tarde e decidi no mesmo momento que a rainha fez o pedido. Eu sabia que continuaria servindo nosso planeta. Você acha que sou egoísta?

— Você está fazendo isso para sua própria glória? — Sabé perguntou. Padmé negou sacudindo a cabeça. — Então, não. Talvez generosa até demais, e talvez alguém que não a conheça pudesse pensar que você é egoísta, mas eu conheço você, e eu chutaria o traseiro de quem achasse você egoísta.

Ela entregou um datapad para Padmé e ergueu os olhos para Mariek. Quando ganhou a atenção da capitã, ela indicou que acompanharia Padmé até o terraço para fazer a ligação. Mariek assentiu e Sabé ajudou Padmé a se levantar.

No terraço, ela deu a Padmé todo o espaço que podia. Sua posição como principal dublê de Padmé a deixava mais próxima dos guardas oficiais do que as outras, razão pela qual Mariek deixou que as duas saíssem de sua vista. Mas, no fundo, Padmé era sua amiga, e ela não conseguiu evitar ouvir a conversa.

— Oi, mãe — Padmé disse. Era sua voz mais exposta, aquela que Sabé nunca nem havia tentado imitar. — O pai está por aí?

Alguns momentos se passaram, então os dois pais de Padmé apareceram na tênue imagem azul do holograma. Seu pai estava limpando serragem das mãos.

— A Rainha Réillata me pediu para servir como a nova senadora de Naboo — Padmé disse depois de uma breve troca de amenidades. — Eu aceitei.

Ninguém nunca ouviu Padmé Amidala soar tão vulnerável e desesperada por aprovação. Seria um pesadelo político. Mas aquela era Padmé Naberrie falando com três pessoas em que ela confiava completamente.

Ruwee e Jobal trocaram olhares, comunicando-se tão facilmente quanto Padmé poderia ter feito com qualquer uma de suas damas de companhia, embora tivessem uma razão diferente para terem tanta prática.

— Não posso dizer que estou feliz por você partir — Jobal disse. — Mas seu pai e eu estamos muito orgulhosos de você.

— Apenas não se esqueça de onde você veio quando estiver lá fora — Ruwee acrescentou. — A política galáctica pode fazer você se sentir pequena e, bom, tenho certeza de que você já começou a entender isso.

— Pode deixar — Padmé disse. — E prometo que vou tomar cuidado.

Foi tão estranho dizer aquilo, como se Padmé estivesse pedindo permissão

para ir em uma excursão da escola, que Sabé quase riu.

— Mandem um beijo para Sola — Padmé pediu. — Escreverei quando já estiver instalada.

Sabé deu ainda mais espaço para ela terminar suas despedidas e não se moveu por vários momentos depois de a luz azul desaparecer. Ela observou quando Padmé se endireitou, seus muros e máscara profissionais voltando para o lugar. Sem uma palavra, Sabé abriu a porta do terraço e a acompanhou de volta para dentro.

Yané apareceu carregando nos braços vários dos vestidos mais simples de Padmé.

— Sabé, experimente esses aqui — ela pediu. — Eles são de antes de você crescer, e se tivermos que alterá-los, prefiro saber agora.

Sabé ficou parada quando Padmé puxou o primeiro vestido sobre sua cabeça e ajudou Yané a prender as partes onde seria necessário ajustar. As garotas haviam crescido em Naboo e isso foi bom para elas. Agora era hora de crescer em outro lugar.

PARTE II

RAINHA ÍCONE DA MODA RETORNA AO SENADO

Quem segue política há muito tempo vai se lembrar da jovem Rainha Amidala de Naboo. Quatro anos atrás ela veio até Coruscant e depôs o chanceler para apressar de modo questionável a votação do auxílio para seu planeta natal. Embora nenhuma evidência concreta de crimes da Federação de Comércio tenha sido apresentada, Amidala conseguiu influenciar a opinião do Senado. Seu discurso, que provavelmente foi escrito para ela, considerando sua idade na época, foi arrebatador... e não podemos deixar de imaginar o que ela irá causar desta vez.

Agora senadora da República Galáctica, Amidala retornou. Certamente não mais uma rainha-fantoche, mas a pergunta permanece: quem está manipulando as cordas agora?

— TriNebulon News

CAPÍTULO 6

AS PRIMEIRAS SEIS SEMANAS do mandato de qualquer senador eram altamente controladas pelo protocolo da República, e com cinco semanas de mandato, a Senadora Amidala já estava farta. Havia muito para aprender, mas ela sempre aprendeu rápido, e estar cercada por todos os lados pela tradição e expectativa estava começando a cansá-la. Felizmente, sua ira podia encontrar um alvo específico em um droide indiferente designado NON-3.

— Senadora — o droide começou a dizer. Havia algo estranho sobre o processador vocal daquele droide que mudava a maneira como pronunciava as vogais. Padmé sempre precisava de um momento para entender o que estava dizendo, mas sempre que pedia um reparo, ela era informada de que não havia defeito nenhum. — Lembre-se de que você está escalada hoje para seu tour final dos níveis inferiores do edifício do Senado. Nesse tour, você observará e entenderá o funcionamento interno do próprio edifício, além de sua aparência estética, para que possa tirar vantagem de suas muitas amenidades enquanto estiver na assembleia.

Padmé fez seu melhor para não arrancar os cabelos. Dormé, conhecida anteriormente como Dorra, fizera um excelente trabalho com seu penteado hoje. Uma pequena bênção do período de treinamento senatorial foi que Padmé pôde conhecer seu novo trio de damas de companhia ao mesmo tempo. Cada uma delas lhe fizera a cortesia de adotar um novo nome. Embora publicamente o motivo ainda fosse o anonimato, Padmé não deixou de reconhecer a honra que mostraram a ela.

Cordé, antes conhecida como Cordyn, que havia fracassado no treinamento inicial de Panás porque não era boa com um blaster, tomou o lugar de Sabé sem hesitar. Ela já tinha dominado os maneirismos físicos de Padmé, e sua voz era praticamente perfeita. Dormé, que também saíra do mesmo treinamento de segurança que produziu Typho e Tonra, provou ser mais do que capaz de cuidar do guarda-roupa, e Padmé sabia que ela já estava planejando atualizações e modificações para os vestidos senatoriais. Versé, antes conhecida como Versaat, era uma slicer de primeira linha, embora ela e sua tia Mariek preferissem não contar como ela adquiriu suas habilidades para invadir computadores. Além de

fortalecer as medidas de segurança digitais de Padmé, ela estava gradualmente reprogramando o apartamento para ser mais funcional e confortável para o grupo. Mariek e Typho reuniram o restante das acompanhantes mais próximas de Padmé, junto com mais alguns guardas escolhidos a dedo.

Ela sentia falta de Sabé da mesma forma que sentia falta do sol.

Talvez fosse a real razão de todos aqueles tours e orientações começarem a lhe dar nos nervos. E parecia não ter fim. Ela havia visitado cada canto do edifício do Senado, exceto os escritórios particulares dos outros senadores, é claro, e havia testemunhado como o complexo operava. Era quase exatamente o mesmo de quando participou do programa legislativo júnior, o que a fez se sentir mergulhada em futilidades. Ela realmente não gostava dessa sensação e constantemente lutava para não descontar em quem estivesse ao seu redor. Enquanto isso, ela vira muito pouco de Coruscant e quase nenhum procedimento governamental, exceto algumas sessões cuidadosamente moderadas com os outros novos senadores. A Senadora Oshadam, agora no fim de seu mandato, era educada e prestativa, mas claramente estava pronta para ir embora assim que pudesse.

— Talvez esse seja o ponto — Dormé dissera. — Talvez a ideia seja que você conheça novos senadores para formar alianças com eles.

— Não faria mais sentido conhecer senadores já estabelecidos? — Versé perguntara. — Quer dizer, você não pode aprender muito com alguém que sabe mais ou menos o mesmo que você, e imagino que todos os novos senadores juntos não poderiam superar as opiniões dos mais experientes.

— Logo isso vai acabar — Cordé dissera. Seu tom foi tranquilizador, não condescendente, o que surpreendeu Padmé. Todas estavam frustradas. — E então você poderá sentar-se na galeria e gritar com os senadores o quanto quiser.

— Quando iniciei o meu mandato de rainha, eu já estava lidando com uma invasão planetária — Padmé apontou. — Agora, tudo que posso fazer é indicar o caminho até a reciclagem de lixo no subnível nove.

— Isso não é verdade, e você sabe disso — Mariek dissera rapidamente. — Você também poderia dizer onde fica o refeitório.

Typho fizera seu melhor para segurar um sorriso enquanto Padmé bufou ironicamente. Talvez isso também fosse um processo para novos senadores peneirarem suas equipes. Padmé agora sabia mais sobre as habilidades, irritações e preferências gerais de suas damas de companhia do que quando chegaram em Coruscant, e ao menos isso já era algo.

Ela nunca esqueceria de quando entrou na residência senatorial pela primeira vez. A residência fora esvaziada para que ela pudesse redecorá-la e parecia uma tumba no céu, acima de toda a agitação de Coruscant. Padmé ficou parada no

vestíbulo por meio segundo a mais, com suas três novas companheiras atrás dela, esperando. Então, antes que pudesse pensar em algo para dizer, Versé se adiantou e começou a dar instruções sobre como desfazer as malas, coordenando a segurança com sua tia. Pela primeira vez, as damas de companhia se moveram em uníssono, e continuaram assim desde então, com Padmé lentamente se integrando em seus padrões.

NON-3 soltou o educado assobio que fazia quando achava que Padmé estava demorando demais para responder.

— Já ouvi, Nonnie — ela disse. — Onde devemos encontrar o grupo de orientação?

— Não há um grupo de orientação, senadora — NON-3 respondeu. — Este é um tour privado.

Mariek tomou três passos adiante e franziu as sobrancelhas. Ainda era difícil pensar nela como “Capitã Panás” — embora fossem seu nome e cargo —, exceto em momentos como aquele, quando a lacônica mulher desaparecia e a profissional tomava seu lugar.Todos usavam uma máscara quando se tratava de Amidala.

— Não estou gostando disso, senadora — Mariek disse. — Por que esse tour é diferente dos outros?

— Não sei. — Ela se virou para o droide, que era programado para responder apenas aos senadores e certos oficiais. — Nonnie, por que esse tour é diferente?

— Não estou programado para responder isso — NON-3 disse.

— E qual é o exato destino desse tour? — Padmé perguntou.

— Os níveis inferiores do edifício do Senado — NON-3 respondeu.

— Isso não ajuda em nada — Versé disse. — Aqueles níveis são vastos.

— E você já visitou a maioria deles — Cordé acrescentou. — A menos que eles queiram que você entre nos dutos de ventilação.

— Sabe o que não tentamos ainda? — Dormé disse, olhando de soslaio longamente para o droide.

Padmé ficou tentada. Não a fugir do tour inteiramente, pois ela ainda participaria vestida com a túnica das damas de companhia, mas a ver se elas conseguiriam iludir Coruscant da mesma forma que iludiam Naboo. Na primeira vez que Padmé viera até a cidade, ela atuou como Amidala desde quando entraram no apartamento até partirem. Seria interessante ver sua nova residência de um ponto de vista não senatorial. Ela olhou para Mariek, que assentiu.

— Certo — Padmé disse. — Vamos precisar nos trocar rapidamente. Cordé, você vai primeiro.

Cordé era a mais próxima fisicamente de Amidala em termos de formato do rosto e estrutura óssea. A pele de Padmé era só um pouco mais pálida, e quando

Dormé fazia sua mágica com a maquiagem, estranhos tinham dificuldade em distinguir as duas. Cordé conseguia imitar a postura de Padmé, mesmo sendo um pouco mais alta e um pouco mais esguia, e sua voz podia enganar as travas de segurança da nave de Naboo. Se poderiam enganar NON-3, ainda restava testar — elas não tiveram problemas com droides de batalha ou astromecs —, mas haveria tempo o bastante para isso.

Versé ajudou Padmé a vestir sua túnica extra azul-escura e prendeu seu cabelo em um coque simples que caberia dentro do capuz. Depois, foi ajudar Cordé. Dormé a vestiu com um dos trajes preferidos de Padmé, um vestido de baixo azul-marinho com uma túnica verde-esmeralda por cima e um largo cinto azul para harmonizar todas as peças. Parecia elaborado, mas como a maioria dos vestidos senatoriais de Padmé, era fácil de vestir. Padmé amarrou suas botas que chegavam até o joelho, sorrindo ao lembrar de Sabé, e Cordé colocou um par de sapatos baixos que pareciam decorativos, mas que foram moldados para seus pés permitindo que ela corresse e até pudesse chutar alguém se precisasse. Por último, Dormé posicionou Padmé ao lado de Cordé como referência para a maquiagem.

— Só preciso de mais duas ou três vezes — ela prometeu. — Mas primeiro quero ter certeza de que ficou perfeito.

— Entendo — Padmé disse, e deixou a artista fazer seu trabalho.

Padmé havia apenas visto Sabé usando o rosto da rainha, e era um pouco estranho ver outra pessoa recriar sua aparência usando apenas cosméticos normais, mas foi exatamente o que Dormé fez. Até mesmo o formato do rosto de Cordé pareceu mudar com linhas de contorno chamando atenção para partes dela que mais se pareciam com Padmé. Não enganaria um escaneamento das características craniais, é claro, mas a olho nu, elas agora eram idênticas.

— E um pouco para você — Dormé disse, aproximando-se de Padmé com o pincel. — Caso alguém pense que você se parece demais com a Senadora Amidala.

Foi preciso muito menos tempo para o rosto de Padmé, e então elas se levantaram para que Dormé fizesse sua checagem final da aparência das duas.

— É impressionante — Mariek disse para sua sobrinha, e Versé concordou.

— Obrigada — Dormé respondeu com um sorriso travesso.

Elas voltaram para a sala principal da suíte, onde NON-3 e o Sargento Typho aguardavam.

— Senadora — disse NON-3 com aquele estranho tom paciente demais. O droide olhou diretamente para Cordé quando falou. — Eu gostaria de lembrar que você tem um tour marcado para os níveis inferiores do edifício do Senado hoje. Nesse tour...

— Sim, eu sei — Cordé interrompeu. Até a irritação de Padmé foi imitada perfeitamente. — Estou pronta para ir agora.

NON-3 olhou para ela com seus fotorreceptores estáticos e depois se virou sem dizer nada para conduzir a Senadora Amidala e sua dama de companhia para o transporte que as esperava.

— Veremos vocês quando voltarem — Mariek disse. — E com isso quero dizer que Typho irá segui-la até o Senado e você poderá chamá-lo se precisar de ajuda.

O Senado se orgulhava de possuir a própria guarda, que Padmé poderia chamar se quisesse, mas ela sabia que um amigo confiável valia mais do que isso. Ela olhou para Typho, que deu um leve aceno concordando.

— Boa sorte, Senadora Amidala — Dormé disse.

Versé já estava sentada diante do console, os dedos digitando tão rápido quanto podiam. Padmé sabia que ela estaria preparando a identidade da quarta dama de companhia que Amidala trouxera junto. Elas deixaram o espaço no banco de dados vazio por semanas, sem saber a melhor maneira de usar a identidade em branco, mas agora Padmé teria de ter autorização para entrar no Senado, então era hora de preencher os dados. Ela sabia que, quando voltassem, Versé teria construído um perfil totalmente sólido. Afinal de contas, a maior parte do conteúdo seria verdade.

A Senadora Amidala subiu a bordo do transporte conversível e Padmé a seguiu. NON-3 entrou e pressionou um painel que sinalizava ao piloto droide que era hora de partir. Mariek e Typho não gostavam do fato de que os condutores de Amidala eram escolhidos pelo Senado. Eles preferiam fazer esse trabalho por si próprios, ou ao menos gostariam de escolher quem seria. O protocolo do Senado era uma fortaleza que Padmé ainda estava aprendendo a enfrentar, mas já conhecia o suficiente para saber que precisava escolher suas batalhas. Os condutores do Senado serviriam por ora, e Padmé ganharia outra coisa mais tarde como resultado de sua paciência — embora não soubesse exatamente o quê.

O transporte se juntou ao fluxo do tráfego de Coruscant. O vento e o zumbido de mil motores impediam qualquer conversa, então Padmé observou a paisagem da cidade. Não poderia ser mais diferente do que Naboo. Padmé sentia falta das árvores, das águas, dos cantos dos pássaros. Ela ainda não havia descido até os níveis inferiores da cidade, mas ouviu dizer que eram escuros e perigosos. Parecia injusto que um planeta-cidade que servia como símbolo para o resto da República Galáctica tivesse esse tipo de entranha, mas Padmé ainda não sabia o suficiente sobre seu funcionamento para entender completamente.

Padmé se virou para olhar o Templo Jedi, sua mão tocando seu colar sem a

direção de sua mente. Era um grande edifício visível de seu apartamento. Muitos dos novos senadores que ela conhecera foram visitar o local assim que puderam depois de chegarem ao planeta. Havia partes que eram privadas, é claro, mas também havia partes do templo onde os Jedi permitiam visitas do público. Padmé não visitara. Diferente da maioria de seus colegas, ela já tinha conhecido vários Jedi, e achava inquietante a maneira como se portavam. Talvez se o mestre Qui-Gon ainda estivesse vivo, ela se sentiria de outra maneira. Certamente gostaria de chamá-lo de amigo, e esperava tratá-lo como um aliado. A relação dos dois fora estranha: ela não o iludiu nem por um momento, mas ele permitiu que ela continuasse iludindo a todos, algo pelo qual fora grata, pois ajudou a preservar sua própria vida. Padmé sabia que não era a única pessoa em Naboo que acendia uma vela de incenso para ele no memorial anual para aqueles que perderam a vida na defesa do planeta.

Ela deu as costas para o templo e focou em seu objetivo: o edifício do Senado. Cordé segurava o braço do assento com um pouco mais de força do que necessário, um claro sinal de que estava nervosa, mas seu rosto permanecia neutro e calmo. A máscara de Amidala estava no lugar. Padmé só precisava ficar atenta para não colocar a sua por acidente.

O transporte atracou em uma porta não familiar, mas NON-3 não hesitou antes de conduzi-las naquela direção. O droide apertou um botão e a porta abriu deslizando para o lado. Amidala e Padmé escanearam suas identidades e entraram no edifício sem qualquer problema.

Os problemas começaram depois de entrarem.

— Isso não parece correto — Padmé disse.

O corredor estava escuro, não acendendo nem mesmo quando as credenciais de Amidala foram reconhecidas. A senadora e sua dama de companhia ficaram perto da parede enquanto NON-3 percorria o meio do corredor como se nada estivesse errado.

— Nonnie — Cordé chamou o mais baixo que podia com sua voz de Amidala. — Nonnie, volte aqui.

— Senadora, nós vamos nos atrasar. — O droide definitivamente estava arrastando as palavras agora. Sua pronúncia estava quase irreconhecível.

— Não estou gostando disso — Padmé confessou. Ela desejou ter a pistola real, mas armas eram proibidas no edifício do Senado, então as duas deixaram seus blasters em casa.

— Alguém está vindo — Cordé disse. Ela respirou fundo várias vezes, e Padmé sabia que ela estava se preparando para várias situações diferentes. Padmé deslizou na palma da mão o sinal que alertaria Typho sobre seu paradeiro.

— O que vocês estão fazendo aqui? — A pergunta veio pouco antes da figura que falou sair das sombras, e Padmé precisou de um momento para reconhecer a voz.

— Senador Organa — Cordé disse, com sua máscara de Amidala ainda firme no lugar. Eles, ou melhor, ele e Padmé, haviam se encontrado brevemente em um dos jantares de boas-vindas. Cordé reagiu sem pestanejar. — Desculpe. Meu droide de protocolo disse que eu era esperada aqui.

O Senador Organa tinha quase dois metros de altura com cabelos elegantemente penteados. Ele parecia severo agora que se juntara a elas sob a fraca luz do corredor, mas a coisa mais dramática sobre ele era a pesada capa pendurada nos ombros.

— Senadora Amidala, correto? — Organa perguntou, então continuou depois de Cordé assentir. — A única coisa esperada aqui é uma equipe de droides demolidores. Esta seção será refeita. Estava no briefing do dia.

Cordé ficou momentaneamente confusa, embora não tenha mostrado nenhum sinal disso para Organa ver. Padmé havia lido o briefing do dia, e não havia menção sobre demolição alguma. O droide, enfim, quebrou o silêncio constrangedor.

— Senadora — disse NON-3. — Lembre-se de que você tem um tour nos níveis inferiores do edifício do Senado marcado para hoje. Em...

— Já chega, Nonnie — Cordé ordenou rispidamente. O droide parou de falar imediatamente.

— Esse droide está com defeito — constatou Organa.

— Estou ciente — Cordé informou. — Já enviei vários pedidos para repará-lo, e todas as repostas diziam que não há nada de errado com ele.

— Deixe-me enviar um pedido. — Organa puxou um datapad de um bolso dentro da capa e digitou algo rapidamente.

— Senadora — NON-3 disse —, fui chamado para a manutenção. Preciso me apresentar a eles imediatamente. Você poderia encontrar seu caminho de volta sozinha?

— Eu vou acompanhar a senadora — Organa disse.

Padmé ficou aliviada por Cordé estar se passando por ela. Cordé se destacava em sua atuação como Amidala, e com seu rosto coberto, Padmé permitiu a si mesma ficar irritada por um momento com a condescendência do Senador Organa.

— Obrigada, senador — Cordé agradeceu.

— Ainda bem que encontrei você antes das implosões começarem — Organa disse secamente. — Você nunca sairia viva daqui.

Cordé não disse nada, e Padmé presumiu que Organa interpretou aquilo como

um agradecimento. Padmé tinha muitas perguntas, mas não podia fazê-las naquela posição. Em vez disso, teve de se contentar em seguir os dois saindo pela porta. Organa observou Cordé embarcando no transporte, e depois se virou enquanto Padmé se ajeitava ao seu lado. Elas fizeram o trajeto de volta à residência senatorial em completo silêncio, e o condutor droide não se demorou depois que elas desembarcaram.

— Vocês voltaram rápido — Mariek disse quando as recebeu na plataforma. — E onde está aquele droide maluco?

— Para dentro — Padmé ordenou. — Agora.

Rapidamente, Padmé descreveu os eventos para todos. O rosto de Typho ficou cada vez mais sombrio à medida que ouvia, mas ninguém mais reagiu até ela terminar.

— Por que haveria um atentado contra sua vida agora? — Versé perguntou. — Por favor, não me entenda mal, mas você ainda não fez nada no Senado e, nesse estágio, o julgamento de Gunray prosseguiria sem você.

— A morte de uma senadora por causa de sua própria tolice poderia ser usada de muitas maneiras — Padmé analisou. — Para descrédito de Naboo, talvez até para descrédito do chanceler, porque ele foi a favor de minha indicação.

— Não faz sentido algum — Versé disse. — Mesmo se a Federação de Comércio for tão mesquinha assim. A sua morte chamaria mais atenção, e isso seria a última coisa que eles gostariam.

— Acho que ninguém realmente sabe o que Nute Gunray realmente quer — Mariek declarou.

— Mas tem um lado bom — Cordé disse. Ela estava tirando o ornamento de bronze da cabeça.

— Um lado bom? — Dormé questionou com um tom duvidoso. Ela apanhou o ornamento e o guardou em seu lugar sobre a penteadeira.

— O condutor droide nem olhou para você — Cordé disse para Padmé. — Organa também parecia estar falando apenas com uma pessoa.

— Uma pessoa que agora ele acha que é uma senadora incapaz de ler a própria agenda ou controlar o próprio droide! — Dormé desabafou, frustrada.

— Certamente Amidala não causou boa impressão nele — Padmé concordou. — E ele é uma voz poderosa no Senado.

— Você pode tentar novamente — Typho observou. — Sei que pode ganhá-lo como aliado se precisar.

— Obrigada, sargento. — Padmé franziu as sobrancelhas. — Tem uma coisa que eu gostaria muito de saber.

— Quem reprogramou nosso droide de protocolo para que tentasse arranjar sua morte? — Versé indagou. Ela começou a tirar as presilhas dos cabelos de

Cordé, penteando as partes em que o ornamento havia amassado os fios. Se havia dúvidas sobre a lealdade das damas de companhia, Padmé dispensou todas agora. Elas estavam furiosas, cada uma à sua maneira, e prontas para lutar.

— Bom, sim, isso — concordou Padmé. Ela tinha um olhar distante que sabia que todas reconheceriam. Amidala estava profundamente envolvida na política agora. — Mas, mais importante: o que Organa estava fazendo lá também?

CAPÍTULO 7

AS CONSEQUÊNCIAS DO BIZARRO defeito de NON-3 vieram imediatamente. Na manhã seguinte, havia vários artigos no noticiário sobre como a jovem e novata Senadora Amidala quase morreu por não ter conseguido seguir instruções. A primeira notícia, escrita por um jornal respeitável, chegou a mencionar o droide com defeito no parágrafo final, mas nenhum dos jornais mais sensacionalistas fizeram o mesmo. Por causa disso, quando a Senadora Amidala entrou no Senado pela primeira vez, havia uma nuvem de curiosidade sobre ela.

— E aparente incompetência. — Padmé bateu o datapad sobre sua nova mesa.

— Ninguém está dizendo isso — Cordé apontou.

— Ninguém está dizendo isso *exatamente* — Dormé acrescentou. — Mas estão muito próximos disso.

Versé havia ficado na residência para ler todos os artigos enquanto eram publicados. Ela estava realizando uma análise textual sobre eles para tentar identificar um único autor — entre outras coisas —, mas ainda não tinha descoberto nada.

— Ao menos o Senador Organa não foi entrevistado — Cordé disse. — Ele nem foi mencionado.

— E a sua misteriosa dama de companhia é citada apenas como uma ajudante — Mariek observou. Ela vestia uma versão modificada do uniforme de Naboo hoje, já que o chapéu, que protegia tanto do sol quanto de potenciais detritos, não era necessário dentro do Senado.

— Isso não esclarece quem é a fonte — retrucou Dormé.

— Não há nada que possamos fazer, eu acho — Padmé admitiu. — Só posso ir lá e tentar não bancar a tola. Talvez eles se lembrem de mim como a jovem rainha que destituiu o Chanceler Valorum.

— Esse é o espírito — disse Mariek. — Agora, sente-se aqui para que Dormé possa pentear seu cabelo.

Padmé havia andado nervosa de um lado a outro quando chegou em seu escritório e algumas das presilhas de Dormé haviam saído do lugar. Elas escolheram vestir Amidala o mais formal que podiam para sua primeira aparição oficial. Queriam apresentar alguém muito diferente da jovem garota que os

jornais pareciam obcecados em descrever. Padmé vestia um casaco firme de brocado púrpura, com violetas bordadas à mão ao redor da bainha e das mangas. A túnica que vestia por baixo também era violeta, com uma gola que tornava praticamente impossível virar a cabeça. Dormé havia trançado seus cabelos em quatro partes, duas caindo sobre as costas, presas com fitas púrpuras, e duas presas de cada lado da cabeça, apoiando o ornamento de cobre.

— Sinto como se meu crânio estivesse exposto — Padmé disse enquanto Dormé ajeitava a peça de cobre e fixava mais presilhas em seu cabelo rebelde.

— Isso vai refletir a luz, eu acho — Dormé disse. — Quem olhar para a sua cápsula vai conseguir vê-la.

— E tem ao menos quatro representantes com seus crânios expostos de verdade — Cordé comentou.

— Obrigada — Padmé disse secamente. Cordé sorriu de volta sem nenhuma intenção de pedir desculpas. Padmé se endireitou e a máscara de Amidala cobriu suas feições. Embora tivesse usado a máscara em vários momentos durante a orientação, aquela seria a primeira vez que Padmé trazia todo o seu peso para fora. Todas as damas de companhia também se endireitaram, repentinamente reafirmando suas diretivas. — Muito bem — ela disse. — Vamos.

NON-3 ainda não tinha sido devolvido para elas, então Padmé seguiu sozinha do escritório até o local onde a cápsula de Naboo estava ancorada. Ela havia memorizado a planta — das especificações técnicas do edifício, não dos tours inúteis — e não errou o caminho, embora todos os corredores parecessem iguais. Cordé e Dormé andavam atrás dela, vestidas com um tom cinza sóbrio com seus capuzes sobre os rostos, e Mariek vinha por último. Ela não estava visivelmente armada, mas Padmé sabia a realidade.

Padmé suprimiu um ataque de vertigem quando alcançou a frente da cápsula para tomar seu lugar. A câmara do Senado era quase incompreensivelmente grande, e repleta de incontáveis espécies, todas membros servindo a República Galáctica. Ela se sentiu pequena de um jeito não agradável. Seria muito, muito difícil para uma única voz ser ouvida, mesmo se todos seguissem as regras do protocolo. Mas ela já havia feito isso antes. E poderia fazer de novo.

Um sinal foi emitido, e Padmé olhou para onde o Chanceler Palpatine estava, flanqueado por seus dois assessores.

— Declaro esta sessão aberta — anunciou o chanceler. — A casa concede a palavra ao representante de Ithor.

Ithorianos não falavam o Básico, então Padmé ligou o tradutor. Enquanto a cápsula do outro senador desacoplava da lateral da câmara e flutuava até o pódio do chanceler, Padmé observava o texto subindo, lendo o mais rápido que podia. Quando achou que estava começando a entender a questão — algo sobre o

mapeamento de vias do hiperespaço e sua disseminação —, dois novos oradores começaram a interromper, ambos em Básico. Um era o representante da Federação de Comércio, para desgosto de Padmé, e o outro era um humano do setor Urce. Ambos eram contra o compartilhamento dos mapas, pois os dois sentiam, separadamente, que possuíam os direitos sobre eles. A combinação dos gritos e a leitura da tradução era difícil de acompanhar, e ao término de cinco minutos daquilo que Padmé podia apenas descrever como um bate-boca, o chanceler abriu uma votação.

A Senadora Amidala tinha apenas alguns momentos para decidir. Ela sabia que era parcial contra a Federação de Comércio, mas tentou pensar sob seu ponto de vista por um breve momento enquanto considerava a questão. A rota que passava através do Grupo Lesser Plooriod havia sido parcialmente mapeada pela Federação de Comércio, mas a maior parte do trabalho tinha sido feita pelos Ithorianos. Os humanos no setor Urce tinham direito apenas sobre a porção da rota em seu próprio espaço, mas junto com a reivindicação da Federação de Comércio, eles poderiam potencialmente forçar a mão dos Ithorianos, e Padmé se lembrava muito bem de como isso poderia acabar. No fim, ela ficou do lado dos Ithorianos. O sistema era deles, afinal de contas, e eles vinham usando as vias antes da Federação de Comércio alegar que havia mapeado a rota. Naboo cometera o erro de deslocar a população nativa de seu planeta, para sua eterna vergonha, e Padmé estava determinada a nunca fazer parte de ações como essa. Ela votou a favor da moção.

— A moção não foi aprovada — Palpatine anunciou um momento depois de Padmé apertar o botão. — A presidência concede a palavra ao membro de Chandrila.

Uma mulher humana esguia de cabelos ruivos começou a falar, e Padmé não teve tempo de ponderar o voto fracassado. Ela precisava seguir para a próxima votação.

Parecia que aquilo havia continuado por horas. Moções foram levantadas e repassadas para vários comitês, ou eram abertas para votação. Apesar de Padmé ter feito a leitura básica, ela sentiu que as decisões — todas apenas para protelar — eram feitas antes de explorarem o cerne de qualquer questão em particular. Muitos projetos de lei que Padmé achava bons não foram aprovados, e ainda eram repassados de volta para o balcão de negociação, mas ela não sabia quando ou onde essas negociações aconteceriam. Finalmente, o sinal tocou outra vez, e o Chanceler Palpatine declarou as deliberações encerradas.

Padmé murchou na cadeira, ao menos até onde o vestido permitia, e tentou não se sentir derrotada. Não surpreendia que a senadora anterior tivesse entregado o cargo. Cordé tossiu três vezes atrás dela, e Padmé se endireitou

pouco antes dos droides cinegrafistas voarem até a beira de sua cápsula e focarem seus fotorreceptores no rosto dela. Com a máscara de Amidala, Padmé se levantou graciosamente e conduziu suas damas de companhia para fora da assembleia. Ela esperava que as câmeras tivessem gravado tudo que queriam.

— Bom, foi uma sessão e tanto — alguém disse ao lado dela. Era outro jovem senador. Ela tentou se lembrar de seu nome.

— De fato, Senador Clovis — ela concordou.

O rosto dele se iluminou.

— Você se lembra de mim! — ele exclamou.

Padmé não disse a ele que era claro que ela se lembrava. Havia apenas oito deles no grupo de orientação. Amidala não disse nada, e o rosto de Clovis murchou consideravelmente.

— Haverá uma recepção para os novos senadores e alguns convidados. O Chanceler Palpatine será o anfitrião — ele disse. — Todos nós recebemos notificações na conclusão da sessão através de nossos NONs, mas a sua ainda está aberta, então achei melhor mencionar para você.

— Obrigada, senador — Amidala agradeceu. Mariek suspirou, indicando que havia completado sua verificação da identidade de Clovis e suas palavras. Amidala relaxou um pouco sua máscara. — Você me acompanha agora?

Clovis pareceu muito feliz em concordar.

Ele falava incansavelmente enquanto os dois andavam, a maior parte sobre o próprio planeta, Scipio, e como tudo em Coruscant era arrebatador. Padmé concordou com ele privadamente, mas nunca seria tola o bastante para dizer aquilo em voz alta, então manteve o rosto neutro.

— Mas acho que você já sabe de tudo isso — Clovis concluiu. Padmé permaneceu impassível e, como esperava, ele se atrapalhou todo. — Quer dizer, por causa das notícias. Não que eu ache que você não seja qualificada. Só novata. Como eu. Nós vamos aprender. Talvez até possamos aprender juntos?

Padmé desejou que Sabé estivesse ali. Ela não precisava olhar para a amiga para reconhecer a expressão de desdém em seu rosto. Padmé se contentou em apenas imaginar.

— Imagino que todos nós vamos aprender em breve — Amidala disse. Isso pareceu agradar a Clovis por alguma razão.

Eles chegaram na porta. Estava protegida por duas figuras cobertas por túnicas e máscaras vermelhas, indicando que o chanceler realmente estava presente. Os novos guardas eram intimidadores, muito diferentes dos guardas senatoriais comuns que ela encontrara na visita anterior a Coruscant. Ela vagamente se lembrava de ouvir que Palpatine havia criado a própria força de segurança, mas não imaginava que seria tão extrema. Clovis passou casualmente por eles, sem

uma comitiva, e Padmé conduziu o próprio grupo para a sala atrás dele. Ela respirou fundo, segurou o ar por três segundos deliberados, e depois o soltou. Estava pronta.

— Veja se encontra algo para nós comermos — ela disse para Cordé. — E me lembre de comer mais antes da próxima sessão.

Cordé desapareceu na multidão. Mariek a seguiu a uma distância respeitosa, mas Dormé continuou grudada a Padmé. Clovis, ainda bem, havia sumido.

— Ah, Senadora Amidala, bem-vinda. — A voz retumbante do Chanceler Palpatine chamou a atenção de todos ao redor.

— Chanceler — ela disse, de modo agradável.

— Fiquei muito satisfeito por você ter aceitado o convite da Rainha Réillata — Palpatine continuou. Padmé se concentrou nele, sabendo que Dormé estaria silenciosamente catalogando todos em sua órbita.

— É uma honra enorme servir Naboo e servir a República — afirmou Amidala.

— De fato — Palpatine concordou. — Venha, deixe-me apresentá-la.

Seria um pouco como ser exibida na feira anual de animais em Theed, Amidala pensou. Mas ela preferia ter a aprovação de Palpatine a ser deixada à mercê de quem lia as notícias, então se preparou e começou a segui-lo. Um dos assessores do chanceler se materializou ao lado deles depois de apenas três passos e sussurrou algo no ouvido de Palpatine.

— Desculpe, minha querida — o chanceler disse. — Preciso cuidar disso. Você sabe como é. Mas deixarei você nas mãos capazes da Senadora Mina Bonteri.

E ele se retirou, deixando Padmé no meio da sala com uma mulher à qual ela mal tinha sido apresentada, e todos os olhos sobre ela.

— Senadora Bonteri — disse. — É um prazer conhecê-la.

— O prazer é todo meu, senadora — declarou a mulher. — Você me acompanha?

Amidala aceitou o braço oferecido, o que forçou Dormé a seguir atrás delas — ainda perto o bastante para ouvir a conversa. Foi bem menos estressante do que andar com Palpatine.

— Você se saiu bem hoje — Bonteri disse depois de um momento.

— Como você poderia saber? — Padmé perguntou, deixando sua máscara cair um pouco. Se Bonteri fosse tentar ajudar, Padmé precisaria encorajá-la a isso.

— Você ainda está de pé — Bonteri disse. — Não está atacando a mesa do bufê. Não começou a beber. E ainda consegue conduzir uma conversa com o chanceler.

— Bom, se for só isso, então acho que a vida de senadora me cai muito bem

— Padmé retrucou.

— Ah, aí estão seus dentes — Bonteri disse. — Você faz um ótimo trabalho interpretando um papel, eu estava começando a imaginar que tipo de pessoa está debaixo desse vestido.

— Em Naboo, o papel e a política são a mesma coisa — Padmé contou a ela. — Isso ajuda muito a preservar a fé no governo. Acho que eu deveria me abrir a diferentes metodologias.

— Bom — disse Bonteri. — Ninguém tem fé na República, então é um bom lugar para você começar.

— Eu tenho fé na República — Padmé afirmou automaticamente. E era verdade. Mesmo depois daquela terrível sessão, ela ainda tinha.

Bonteri olhou para ela, procurando por algo que Padmé não sabia exatamente o que era. De qualquer forma, Bonteri não pareceu muito decepcionada quando não encontrou.

— Senadora Amidala, acho que você vai se sair muito bem aqui — ela disse. E parecia sincera. — Mas vou contar um segredo: você pode ler tudo que quiser, acreditar em todas as verdades que acha que a galáxia pode oferecer, mas o verdadeiro trabalho do Senado é feito em festas como esta. Um voto consciente é uma coisa maravilhosa, mas ter aliados é muito melhor.

— Quem se aliaria a mim? — Padmé perguntou. — Sou tão tola que sigo meu próprio droide defeituoso para a morte certa.

— Não há nada para se preocupar com isso — Bonteri assegurou. — Quer dizer, você definitivamente deveria tentar descobrir quem tentou matá-la, mas as redes de notícias são irrelevantes.

Padmé não disse nada, mas não conseguiu suprimir um suspiro incrédulo.

— Sei que você se orgulha de sua inteligência — Bonteri continuou. — Mas todos estariam de olho em você de qualquer maneira. Nós todos lembramos do seu discurso e como suas palavras foram suficientes para destronar um chanceler. Nós todos ouvimos a Federação de Comércio alegar que você é uma mentirosa diante de, francamente, inegáveis evidências de que você não é. Nós todos sabemos que Palpatine gosta de você. Só não temos certeza de que você é alguém com quem gostaríamos de trabalhar.

— Você tem um *nós* em mente? — Padmé perguntou. — Ou está falando de todo o Senado?

— Gosto de como você vai direto ao assunto — Bonteri disse. — Nós todos temos nossas pequenas facções. Às vezes há uma sobreposição, às vezes não. Você vai precisar descobrir essa parte sozinha.

— Já estou trabalhando nisso — Padmé declarou.

Bonteri parou de repente e olhou sobre seu ombro diretamente para o rosto de

Dormé. A expressão da dama de companhia estava educadamente neutra, e Bonteri riu.

— Tenho certeza que sim — ela disse. Então, tomou a outra mão de Padmé para ficarem frente a frente. Padmé imaginou como Mariek conseguiu se segurar para não intervir. Aquele contato era muito maior do que geralmente esperado.

— As redes de notícia caíram em cima de você porque você é uma história fácil — Bonteri afirmou. — O que não é a mesma coisa que um alvo fácil, então não se preocupe tanto. As pessoas já conhecem você. Você já tem uma boa reputação. Você já fez metade do trabalho, e eles estão mais do que dispostos a fazer a outra metade, mesmo se não tiverem base nenhuma em fatos.

— Como eu enfrento isso? — Padmé perguntou.

— Você não enfrenta — Bonteri respondeu. — Ao menos, não diretamente. Você vai até lá e faz o seu trabalho, e tenta não dar a eles nada para que sensacionalizem. Eles vão sensacionalizar de qualquer maneira, é claro, mas então você apenas os ignora.

— Obrigada — Padmé agradeceu. — Eu não esperava que ninguém me desse conselhos tão úteis, para ser honesta.

— A orientação desenterra o pior em cada um de nós, eu acho. Não somos tão ruins quando você começa a nos conhecer — Bonteri disse. Então, olhou adiante na multidão e avistou alguém que estava procurando. Ela mudou de direção, puxando Padmé junto. — Ah, Senador Organa, permita-me apresentar-lhe a Senadora Amidala.

— É um prazer — Organa disse, sem indicar que já tinham cruzado seus caminhos antes, mesmo brevemente naquele jantar. — Bem-vinda a Coruscant.

Bem-vinda a Coruscant, de fato.

A reunião se arrastou por mais uma hora. Bonteri lhe apresentou ainda mais senadores, até se tornarem um borrão de nomes e rostos. Padmé esperava que Dormé e Cordé fossem conseguir ajudar a preencher as lacunas em sua memória. A maior parte dos senadores era tão educadamente neutra quanto o Senador Organa. Alguns se mostravam abertamente curiosos sobre ela, mesmo que só pela novidade. Tudo aquilo era preferível ao que aconteceu quando Padmé conheceu a senadora de Targappia, uma mulher humanoide de quase três metros de altura, com dedos anfíbios e cabelo iridescente.

— Ah, Senadora Amidala — ela disse. Sua voz era melodiosa e musical, mas havia uma atonalidade debaixo de suas palavras que deixava claro seu desdém diante da presença de Padmé. — É maravilhoso finalmente conhecê-la em pessoa depois de ler tanto sobre você no noticiário.

Padmé assentiu educadamente, é claro, mas já compondo uma lista de senadores a serem evitados, baseada naqueles que acharam graça do comentário

da Targappiana.

Por fim, ela seguiu Mariek até o transporte, e logo elas foram entregues à abençoada quietude da residência senatorial, onde Versé as esperava.

— Então? — ela perguntou. — Foi tão ruim assim?

— Mais tarde — Mariek disse. — Dê um tempo para a senadora descansar.

— Não — retrucou Padmé. — Agora. Nós quatro precisamos discutir algumas coisas.

— Podemos conversar enquanto guardamos o vestido — Cordé disse. — Vamos.

Enquanto Dormé tirava presilhas e fitas de seu cabelo e começava a escová-lo e Cordé retornava o vestido púrpura para seu lugar no guarda-roupa, as três recontaram os eventos do dia para Versé, que diligentemente registrava cada palavra.

— Eu não avancei muito na minha tarefa — Versé admitiu. — Mas quero que você prometa que nunca vai ler os editoriais da TriNebulon News. Ou qualquer outro.

— Não acho que terei tempo — Padmé declarou. — Mas prometo.

— O que vamos fazer? — Cordé perguntou. Ela se sentou ao pé da cama de Padmé, e Versé guardou a escrivaninha portátil.

Padmé se virou e olhou para as três.

— Nós sabíamos que a política senatorial seria diferente. Mas acho que nenhuma de nós realmente imaginava quão diferente seria.

— Eu mal conseguia acompanhar, e fiz toda a leitura preparatória — Cordé observou. — Mas a festa foi um pouco mais fácil de seguir.

— Foi isso que a Senadora Bonteri me contou — Padmé disse. — Que o trabalho real acontece nessas reuniões, não na assembleia.

Dormé fechou o rosto quando entendeu o que Padmé pretendia fazer. Um suave sinal tocou, e Versé olhou para cima.

— É a sua agenda para amanhã — ela informou.

— Eu estremeço só de pensar — Padmé disse. Ela fez uma pausa, depois continuou. — As forças que cultivei para ser rainha de um planeta vão acabar me prejudicando como senadora.

— Nem todas — Cordé afirmou lealmente.

— Mas algumas delas. — A lealdade de Dormé veio seca como sempre.

— Não posso ser tão distante — Padmé disse. — Não posso contar com a fé das pessoas na tradição.Tenho que ser mais acessível para meus colegas.

— Você não tinha exatamente colegas quando era rainha. — Versé acessou um novo perfil pessoal, projetando a imagem para que todas pudessem ver. — Então acho que esse seria o melhor lugar para começar. É uma adição, não uma

substituição.

— Podemos retrabalhar a persona de Amidala a partir daí — Padmé concordou. — Como ela interage com seus colegas senadores e como as damas de companhia operam.

— Eu estava pensando em novos protocolos enquanto caminhava no meio da festa — Cordé admitiu.

— E eu posso dizer o que você deve evitar — Versé acrescentou.

— Acho que não podemos simplesmente incendiar o Senado inteiro e começar de novo com um sistema que faça sentido, não é? — Dormé perguntou.

— Tenho certeza de que isso seria traição — Padmé disse. — Vamos ter de trabalhar com o que já temos.

CAPÍTULO 8

SABÉ NUNCA TINHA DESEJADO tanto a profunda calma de um lago de Naboo quanto naquele momento em particular. Por seis semanas, ela fora Tsabin, uma nova residente de Mos Espa, um dos espaçoportos que salpicavam a superfície de Tatooine, com seu parceiro, Tonra, cujo próprio nome, mesmo em Naboo, era incomum o bastante para passar. Depois dos sóis implacáveis, o vento implacável e a poeira implacável do planeta desértico, ela não via a hora de voltar para casa. Tudo que planejara fazer em Tatooine dera errado assim que pousou, e desde então ela vinha tentando retomar seu caminho sem muito sucesso.

Os criminosos locais não confiavam nela porque era nova demais. Quando ela finalmente descobriu — tarde demais — que Tatooine tinha um incipiente movimento de libertação, eles já não confiavam nela porque Sabé vinha tentando se estabelecer com os criminosos. Apenas os vendedores falavam com ela, e Sabé os considerava quase asquerosos demais para aguentar. O lado bom de todo aquele fracasso era que o Capitão Tonra havia se revelado um bom companheiro de convivência. Ela suspeitava que isso era porque ele queria que Sabé gostasse dele e, no geral, estava funcionando.

Eles tinham uma pequena casa em uma das inúmeras ruas laterais de Mos Espa. Era apertada, desconfortável e não inteiramente sólida. Em seus piores momentos, Sabé aliviava seu orgulho ferido lembrando a si mesma que não ficaria presa em Tatooine para sempre. Isso acabava servindo para atiçar sua consciência ainda mais: havia muitos que não tinham uma escolha assim.

Eram essas pessoas que ela viera para ajudar, e eram essas pessoas que, no geral, ela havia decepcionado.

A porta se abriu e Tonra se abaixou para entrar. Ele estava vestido discretamente, assim como ela, mas carregava um pacote.

— Está na hora — ele declarou.

Sabé respirou fundo, evocando a personalidade de Tsabin, e o seguiu para a luz do sol escaldante. Gostaria de ter mais tempo para se recuperar do leilão que Tonra conseguira que eles participassem, mas isso também era um pensamento egoísta: ela sentia apenas fúria e frustração. Havia muito mais em jogo.

Era uma rápida caminhada até o espaçoporto, onde seu cargueiro secundário estava atracado. Esperando por eles ao lado da rampa estava a carga que haviam comprado.

Eles ainda estavam acorrentados.

Sabé achou que fosse explodir em uma supernova de tanta raiva, dando um terceiro sol para Tatooine. Uma raiva a percorria — por seu corpo, por aquele horrível sistema, por tudo.

— Faça a checagem pré-voo — Tonra pediu, com as mãos sobre os ombros de Sabé. Ele deixou que ela visse sua própria fúria, fumegando não menos intensa do que a dela, mas canalizada em uma direção diferente. — Eu cuido deles.

A supervisora apertou o anel de controle nas mãos e foi esperta o bastante para não dizer nada. Ela subiu a rampa apressada até a cabine, incapaz de encarar as pessoas de pé em silêncio na plataforma.

Com as checagens feitas, Sabé rangeu os dentes ao olhar o visor enquanto Tonra conduzia os últimos passageiros pela rampa e para dentro do transporte. A maioria deles estava assustada — e ela não podia culpá-los —, mas Sabé não estava com disposição para ser gentil naquele momento. Tonra era bom nesse tipo de coisa, então ela o deixou trabalhar enquanto checava pela terceira vez a carga e o mapa de sua rota.

Vinte e cinco almas. Isso foi tudo que ela conseguiu salvar. Era melhor do que nada, mas ainda muito longe do *suficiente*, e isso a remoía por dentro. Eles simplesmente seriam substituídos por outros vinte e cinco.

Tatooine era uma economia estranha, funcionando à base de água e crimes, esse último sendo muito mais lucrativo. O controle férreo dos Hutts do contrabando e tráfico era impossível para duas pessoas, ambas novas no planeta, superarem.

— Todos já estão acomodados — Tonra avisou, tomando o assento do copiloto. — Já estamos prontos para ir?

— Quase — Sabé respondeu. Seria mais fácil se tivessem outro piloto para fazer essa entrega em vez de fazerem isso pessoalmente, mas o cargueiro que estavam usando era discreto o bastante e não havia mais ninguém em quem eles podiam confiar — ou que confiasse neles.

O cargueiro decolou e seguiu para fora da atmosfera de Tatooine. Assim que ganharam o vazio do espaço, Sabé digitou as coordenadas para um planeta do setor Chommell. Karlinus era quase tão afluente quanto Naboo, e estava sempre buscando trabalhadores agrícolas para contratar. Uma ou duas temporadas ganhando um salário digno e as pessoas que eles “resgataram” seriam capazes de seguir para onde quisessem.

— Estou enviando uma mensagem para Yané — avisou Sabé. — Ela nos

encontrará lá e cuidará desses malditos chips de rastreamento que eles são forçados a carregar.

Ela carregava o anel de controle na cintura, e sentia como se estivesse queimando sua pele. O computador navegacional indicou que seus cálculos estavam completos.Tonra acionou o comunicador para fazer um anúncio para toda a nave.

— Estamos prestes a entrar no hiperespaço — ele alertou. — Por favor, preparem-se.

Sabé contou até vinte e cinco, um segundo para cada alma libertada a bordo, e então fez o salto.



A governadora de Karlinus era uma jovem mulher de pele marrom-dourada, cujo rosto redondo era emoldurado por um grosso cabelo encaracolado sob a umidade e cujo sorriso largo era instantaneamente acolhedor. Ela os recebeu na própria plataforma de aterrissagem, com uma dúzia de guardas desarmados. Sabé ficou agradecida pelo gesto da governadora e ficou ainda mais contente quando avistou Yané no meio da multidão. As pessoas que eles trouxeram eram adultos em sua maioria, mas havia duas famílias — uma Rodiana, outra humana — com crianças, e Yané seria muito útil para acomodá-las.

Sabé correu para descer a rampa enquanto Tonra foi até os passageiros no compartimento de carga. Yané abraçou Sabé assim que estava a seu alcance.

— Estou tão contente em vê-la — Yané comentou. — E a Governadora Kelma disse que você trouxe vinte e cinco pessoas. Esse é um bom dia de trabalho.

Foram semanas de trabalho, mas o entusiasmo de Yané era contagiante.

— Estamos muito agradecidos. — Os olhos castanhos da Governadora Kelma endureceram. — Desde que estejam aqui por vontade própria.

— Eles não têm muita escolha — Sabé declarou. Ela tinha, é claro, perguntado, mas nenhuma das pessoas que havia realocado tinha outro lugar para ir. — Mas você pagará a eles e não os forçará a ficar aqui.

Sabé e Padmé haviam concordado em Karlinus porque, além de ficar no setor Chommell, era um planeta acostumado a alta rotação de trabalhadores. Artistas e estudantes vinham de Naboo, passavam uma temporada monitorando os droides que colhiam o chá ou trançavam a seda, e depois voltavam para casa com créditos suficientes para estabelecer um estúdio ou continuar os estudos em outro planeta. A Governadora Kelma estava em uma posição para receber trabalhadores e pagar a eles — bem — e depois enviá-los de volta quando

pudessem sustentar a si mesmos. Diferente das luas de mineração, que tinham dificuldade em manter o equilíbrio entre as leis de Naboo e sua necessidade de preencher quotas, Karlinus era um lugar onde a prosperidade começava.

— Será que eu poderia subir a bordo para conversar com eles? — Kelma perguntou.

— É claro — Sabé disse, abrindo caminho para que a governadora pudesse subir a rampa. — O Capitão Tonra vai apresentá-la.

— Você não está feliz — Yané observou quando a governadora saiu. — Nem um pouco, com aquilo que fez.

— Na verdade, não fizemos nada — lamentou Sabé.

— Você tirou vinte e cinco almas da escravidão — Yané retrucou.

— Existem tantas outras — Sabé disse. — Em Tatooine, por todo o resto da Orla Média, e tenho certeza de que existe muito mais na República do que gostaríamos de pensar. Eu só não entendo como isso acontece, e provavelmente é por isso que não consigo evitar tentar consertar. Como pode uma pessoa ser *dona* de outra pessoa e depois conseguir se olhar no espelho?

Ela odiava se sentir tão ingênua e impotente.

— Sabemos que a galáxia pode ser um lugar terrível — Yané ponderou. — Você acha que não fico imaginando o que poderia ter acontecido conosco naquele quartel se a rainha não tivesse voltado? A morte é definitiva, mas pode acontecer de muitas maneiras horríveis. E você ajudou a acabar com aquilo, mesmo que só um pouco.

— Não é *suficiente* — Sabé argumentou.

— Não — Yané concordou. — Mas você não vai desistir, não é mesmo?

Sabé pensou no casebre apertado em Tatooine e no maldito calor e areia em toda parte. Ela pensou nos lagos em Naboo e o quanto sentia falta de suas amigas e família. É claro que havia apenas um caminho que podia seguir.

A Governadora Kelma desceu a rampa, com um braço ao redor da Rodiana e seu filho. Sabé assentiu para a governadora quando ela passou e depois ergueu os olhos para o Capitão Tonra. Parecia uma frieza não o deixar ao menos tocar o chão de seu lar, mas o rosto dele fazia a mesma pergunta que Yané fizera, e Sabé tinha certeza da resposta.

Yané beijou seu rosto e Sabé voltou para a nave. Tonra tocou seu ombro e seguiu para dar início à sequência pré-voo. Sabé ficou olhando a janela até ele saltar para o hiperespaço na direção de Tatooine.

— A senadora vai entender — Tonra disse. Ele estava acrescentando algo verde a um ensopado que vinha preparando enquanto Sabé checava a nave. A panela se mexia estranhamente, mas o cheiro que emanava não era tão ruim e Sabé tinha de admitir que estava moderadamente impressionada. — Você tinha

fundos limitados e quase nenhuma autoridade.

Ele sempre era cuidadoso com ela, mas nunca condescendente. E estava certo, mas conseguiu que ela não se sentisse pior por causa disso.

— Sei que ela vai — Sabé disse. — Isso só piora as coisas.

Tonra assentiu, depois gentilmente mudou de assunto.

— Como está a nave?

— Está bem — ela relatou. — Havia alguns rastros estranhos na área, mas a nave em si permanece oculta.

Eles haviam escolhido não atracar sua nave principal no espaçoporto de Mos Espa, para o caso de precisarem fazer uma rápida fuga não oficial. Sabé selecionou um lugar não muito longe de onde haviam deixado a nave real quando fugiram de Naboo quase meia década antes, embora tenha escolhido um lugar com melhor cobertura dessa vez. No fim de tudo, aquela nave era a coisa mais importante que eles tinham.

Tonra colocou uma tigela fumegante na frente de Sabé e entregou uma colher. Ela sabia que era melhor nem olhar antes de provar.

— Alguma mensagem? — ele perguntou.

— Padmé quer conversar — Sabé respondeu. — Ela enviou um horário e perguntou se seria bom para mim, e eu respondi que sim. Vai ser no meio da noite para ela, então imagino que esteja muito ocupada.

— Você acha que devemos arrumas as malas? — Tonra fez um gesto para o quarto apertado como se fosse um grande palácio.

— Honestamente não consigo pensar em nada que eu tenha comprado aqui que me importaria de deixar para trás — ela disse.

Contra todo o bom senso, Sabé tinha esperança que voltar depois da entrega em Karlinus pudesse mudar alguma coisa, mas nada mudou. Ela não estava acostumada com o fracasso, mas, no mínimo, ela e Tonra começariam de novo em outra parte do planeta.

— Não sei — Tonra disse. — Estou começando a gostar daquele droide rato que só consegue andar em círculo.

O droide rato viera com a casa. Sabé tentava seu melhor para ignorá-lo, mas Tonra não gostava de contemplação da mesma forma que ela: ele precisava fazer algo com suas mãos. Aquela era sua qualidade mais irritante, mas ela era educada o bastante para admitir que seus silêncios pensativos provavelmente eram mais do que um pouco irritantes, então eles estavam empatados.

— Sinta-se à vontade para levá-lo — Sabé disse. — Só o mantenha longe dos meus pés.

Ela passou sua tigela para Tonra e esperou sentada à mesa enquanto ele terminava de comer. A comida estava muito melhor desde quando eles

chegaram, mas Sabé não tinha apetite naquele calor, então comia o mínimo possível. O clima não parecia afetar Tonra, ao menos não em termos de seu apetite, e se Tatooine tinha lhe ensinado alguma coisa, era que ela se sentia feliz em dar aquilo de que não precisava para alguém que poderia precisar.

Tonra baixou sua colher e esticou os braços sobre a mesa para tomar as mãos dela. As pessoas não tocavam Sabé com muita frequência e ela nunca sabia inteiramente como reagir quando alguém o fazia, mas pensou que um bom começo seria não pular imediatamente da mesa e assumir uma postura defensiva.

— Você não fracassou completamente aqui — Tonra afirmou. — Nós conseguimos fazer um pouco de bem.

— Eu sei. Mas isso significava muito para Padmé e para mim também.

— Você já fez pelo menos uns seis novos planos para o que vem a seguir — Tonra declarou. — Eu sei que fez.

Ela sorriu.

— São oito, na verdade.

— Viu? — ele disse. — E da próxima vez, nós estaremos mais preparados.

Ele disse *nós* duas vezes, o que provavelmente significava que não foi um acidente. Fosse uma causa perdida ou não, ele a seguiria.

— Vou começar a arrumar as coisas — ela falou. — Vou preparar o equipamento que conecta nossas identidades, você decide o que quiser revelar.

Não demorou para eles empacotarem tudo ou arranjarem as coisas para que os sucateiros as encontrassem sem derrubar o teto que já era precário. Então eles saíram para o deserto. Sabé traçou uma rota tortuosa até onde a nave estava atracada. Era difícil se localizar na superfície de Tatooine sem equipamentos por causa da falta de pontos de referência, mas Sabé já estivera no planeta antes, interpretando Amidala, e tinha uma excelente memória para estrelas.

— Não que Panás tenha nos deixado sair da nave — ela disse. — E eu nem poderia com aquele vestido preto. O ornamento de cabeça era alto e coberto de penas. Nós arruinaríamos tudo imediatamente. Mas havia janelas e não havia nada para fazer enquanto esperávamos a volta do Mestre Qui-Gon, a não ser ler e ficarmos preocupadas.

Todos em Naboo conheciam o nome Qui-Gon Jinn — o Jedi de cabelos longos que arriscara muito e perdera tudo durante a batalha pelo planeta —, mas poucos o haviam conhecido pessoalmente. Tonra já ouvira todas as histórias antes e esteve presente em muitas delas, mas as partes em Tatooine daquela empreitada em particular não eram exatamente um assunto de conhecimento público.

— Foi aqui que a nave ficou — Sabé disse, mostrando as rochas ao redor deles. — Foi aqui que esperamos.

— A parte mais difícil de acreditar naquela história não é a corrida de pods ou a parte do menino — Tonra declarou. — É a parte em que Panás deixou a rainha sair da nave em primeiro lugar.

— E você alguma vez conseguiu recusar alguma coisa a ela? — Sabé perguntou e Tonra teve de concordar.

Eles continuaram andando, permanecendo perto das rochas o máximo que podiam e depois virando e voltando quase pelo mesmo caminho que vieram, mas longe o bastante do rastro anterior para confundirem qualquer um que tentasse segui-los. Não havia evidência de ninguém prestando tanta atenção neles, mas Sabé aprendera há muito tempo que o excesso de precaução era a melhor parte da coragem.

Finalmente, eles chegaram na nave. Era um cargueiro decente de médio porte sem nenhuma marca de identificação. Sabé o adquirira depois de pedir o conselho do piloto real de Naboo. Ric Olié sofrera um ferimento no ouvido interno depois da Batalha de Naboo que dificultava para ele deixar a atmosfera, embora conseguisse voar abaixo das nuvens. A nova pilota, Daneska Varbarós, era uma mulher de altura moderada e pele escura, com os olhos mais elétricos que Sabé já vira em um humano e longos cabelos que ela gostava de tingir com uma série de cores diferentes. Quando se encontraram para discutir a nave, era um tipo de púrpura que você podia ver desde a órbita baixa.

Varbarós também fornecera informações sobre as vias do hiperespaço, refúgios seguros em uma variedade de planetas e o que fazer se atraíssem o tipo errado de atenção, fosse da República ou de criminosos. Sabé não precisou realmente usar nenhuma dessas informações, mas não seria agora que ela esqueceria.

Tonra se fez ocupado sob a desculpa de preparar os equipamentos e realizar as checagens pré-voo enquanto Sabé verificava o cronômetro e esperava pela ligação de Padmé. Pontual como sempre, o sinal veio exatamente quando os números mudaram e, um momento depois, a imagem de Padmé encheu o visor em frente de onde Sabé estava sentada.

— Sabé — ela disse —, é bom ver você.

— Digo o mesmo — Sabé respondeu, e era verdade: ela estava se sentindo irritada e desconcentrada nos últimos dias, mas ouvir a voz de Padmé e ver sua imagem, mesmo como um holograma, a deixou instantaneamente melhor. Ela desejou outra vez ter notícias melhores.

— Você tem alguma novidade para relatar? — Padmé perguntou, e Sabé entendia exatamente qual informação sua amiga queria.

— Desculpe, Padmé — Sabé respondeu. — Não consegui encontrá-la.

No holograma, os ombros de Padmé caíram quando ela se recostou.

— Ela morreu? — Padmé perguntou depois de um momento.

— Não. Pelo menos não até onde eu sei.

Sabé pedira que Tonra checasse os cemitérios depois que ela própria havia checado duas vezes. As pessoas escravizadas não tinham muitos direitos em Tatooine, mas podiam estabelecer marcos uns para os outros quando morriam, então geralmente faziam isso.

— Como pode uma pessoa, mesmo um escravo, simplesmente desaparecer? — Padmé perguntou.

— Foi culpa minha — Sabé lamentou. — Nós começamos com o pé esquerdo e cometemos muitos erros. O Toydariano sumiu e eu passei tempo demais tentando falar com seus comparsas. Sei que existem seres em Tatooine que se opõem à escravidão, mas eles não confiam em mim porque conversei com a escória que lucra com isso e, francamente, eu não os culpo.

— Sei que você tentou — Padmé disse, e aquela absolvição apenas piorou sua sensação de fracasso.

— Descobri que o vendedor de ferro-velho a perdeu — Sabé contou. — Não sei se foi outra aposta estúpida ou se ele a vendeu, mas sei que ela não está lá. Só não sei para onde foi.

Houve uma pausa longa o bastante para Sabé pensar que a transmissão havia travado, mas Padmé estava pensando, saindo e entrando no campo de visão da câmera. Finalmente, ela parou de volta no foco da imagem.

— Você acha que existem pessoas trabalhando contra a escravidão em Tatooine? — Padmé perguntou.

— Tenho certeza que sim — Sabé disse. Era isso que mais frustrava. Ela perdera uma oportunidade. — Você se lembra da casa de Shmi Skywalker?

— Um pouco — respondeu Padmé.

— Havia um símbolo entalhado na moldura da porta?

— Acho que não — Padmé disse. — Por quê?

— Porque agora existe um — Sabé informou. — Um sol branco. Pequeno, mas definitivamente deliberado. E novo. Não está gasto.

Padmé passou mais um longo momento pensando.

— Você poderia tentar novamente? — Padmé perguntou.

Era isso que Sabé vinha se perguntando há dias, semanas, quando seu fracasso ficou aparente e ela fora forçada a arrematar o maldito leilão. E por estar pensando nisso, ela tinha uma resposta.

— Sim.Teríamos de partir e limpar a nave de qualquer coisa que nos identifique. Talvez até mudar seu registro, se pudermos. Também teríamos de apagar nossa identidade. Então, ficaríamos em Mos Eisley, ou algum outro espaçoporto. Não voltaríamos como contrabandistas na próxima vez. Seríamos

mercadores. Alguém de má reputação para a escória conversar, mas não o suficiente para eles confiarem.Teríamos de estabelecer um comércio viável para usar como disfarce, mas talvez assim o grupo de libertação local pudesse confiar em nós, nem que fosse apenas como uma rota viável para fora do planeta.

Sabé fez uma pausa e Padmé a conhecia bem o bastante para não a interromper.

— Vinte e cinco almas, Padmé — ela lamentou. — Vinte e cinco entre *centenas,* e eles já têm mais vinte e cinco vindo.

— Tenho certeza de que você fez a diferença para essas vinte e cinco — Padmé sussurrou. Dessa vez, a absolvição não foi tão ruim.

— Não conseguimos encontrar aquela que você queria — Sabé retrucou.

— Mas você tentou. Você tentou quando eu não podia. E talvez isso não signifique muita coisa, mas significa muito para mim.

— Vou precisar de alguns meses para preparar tudo — Sabé declarou. — A parte difícil é o comércio de fachada, e vamos precisar de mais fundos, que terão de vir de você. Vou deixar Tonra ser a figura pública dessa vez, porque as pessoas têm medo dele. Bom, elas poderiam, se ele se esforçasse para isso.

— As pessoas têm medo de você — Padmé apontou.

— As pessoas que me conhecem têm medo de mim — Sabé corrigiu. Ela fez um gesto mostrando seu perfil esguio. — Estranhos não têm medo de mim.

Padmé fez outra pausa. O holograma azul estava granulado e a imagem brilhava no visor, mas Sabé podia ver a indecisão no rosto de Padmé. Independentemente do que estivesse acontecendo em Coruscant, os planos de Padmé também não iam bem e estava claro que ela havia pensado muito sobre seus próprios assuntos. Finalmente, ela suspirou, e aquele gesto pareceu muito como se tivesse aceitado uma derrota.

— Preciso de você aqui — ela disse. — As outras estão trabalhando bem umas com as outras e comigo. Elas servem bem ao Senado e estamos nos adaptando juntas. Mas preciso de alguém que eu não precise pedir para fazer as coisas. Preciso de alguém que simplesmente faça aquilo que precisa ser feito.

Agora era a vez de Sabé esperar enquanto Padmé considerava suas próximas palavras.

— Não posso ser mais específica até podermos conversar pessoalmente. — Seu tom de voz estava deliberadamente baixo, o que fez Sabé prestar ainda mais atenção. — Mas existem muito mais coisas acontecendo aqui do que eu esperava. É um pouco como da última vez.

Ao ouvir aquilo, Sabé se endireitou. Na última vez em Coruscant, a Federação de Comércio estava tentando assassiná-la.

— Não se preocupe muito antes de você chegar aqui — Padmé pediu. —

Estou bem protegida. E agora tenho visibilidade o bastante para que houvesse ramificações se algo acontecesse.

— Isso não faz eu me sentir muito melhor — Sabé argumentou.

— Imagine como está sendo para Mariek — Padmé disse secamente.

Apesar de tudo, aquilo fez Sabé sorrir.

— Venha para Coruscant — Padmé solicitou. — Vou transmitir as coordenadas para você. Vocês precisarão de novas identidades?

— Não. Aquelas que estabelecemos aqui servirão para alguma coisa.

— Excelente — Padmé disse. — Sabé, sei que falando assim você pode pensar o pior, mas prometo que não é tão ruim. É só algo que não posso cuidar pessoalmente.

— Minhas mãos são suas — Sabé afirmou.

Padmé podia negar o quanto quisesse, mas Sabé tinha sido treinada por um homem que sempre, sempre se preparava para o pior, e ele vivera o bastante para se aposentar, o que Sabé considerava uma grande conquista, apesar de suas diferenças ideológicas.

— Eu a verei em breve, minha amiga — Padmé disse, e encerrou a conexão.

Tonra apareceu tão rápido que Sabé se perguntou se ele esteve tentando ouvir do outro lado da parede. Parte dela não se importava — ele estava se arriscando tanto quanto ela cada vez que eles davam um novo passo naquela empreitada —, mas parte sentia ciúme de ter de compartilhar uma conversa com sua amiga quando essas conversas foram tão raras nas semanas anteriores. Ela afastou aqueles sentimentos ridículos e se virou para Tonra.

— Para onde vamos? — ele perguntou.

— Coruscant — respondeu Sabé. — Eu lhe darei coordenadas mais detalhadas quando chegarmos lá.

Ele assentiu e tomou o assento do piloto. A decolagem de Tatooine foi suave, as luzes de Mos Espa brilhando ao fundo. Sabé decidiu que odiava a cidade um pouco menos à noite. A nave cortou o céu limpo até ultrapassar a atmosfera, e então Sabé deixou o computador navegacional fazer seu trabalho. Quando os cálculos terminaram, Tonra saltou para o hiperespaço e eles aceleraram em direção a Coruscant, com estrelas pouco familiares riscando a vista nas janelas.

CAPÍTULO 9

DEPOIS DA AUSTERIDADE DE TATOOINE, a boate Caraveg, em Coruscant, foi um completo choque cultural. Sabé sentiu a música atrás de seus olhos, descendo pela coluna e mudou um pouco sua avaliação: nada em Naboo realmente preparava alguém para aquele tipo de coisa. Ela não conseguia imaginar como Padmé encontrou aquele lugar, muito menos como Padmé podia se sentir confortável marcando um encontro ali. Eles estavam inegavelmente nas coordenadas certas, apesar de chegarem com meia hora de antecedência. O barulho da boate encobriria a conversa e a cabine as protegeria de olhares casuais, mas não era de maneira nenhuma um lugar seguro. Sabé concluiu que aquele provavelmente era o único ponto de encontro que Padmé conhecia e percebeu que procurar por novos lugares certamente seria uma de suas primeiras tarefas.

Meia hora era mais do que suficiente para se meter em problemas. Sabé adotara sua defesa costumeira nessas situações: ignorava qualquer um que tentasse falar com ela.Tonra estava tendo um pouco mais de dificuldade. Uma Rodiana com pouca roupa já havia lhe feito vários convites nada sutis, culminando na apresentação de algum tipo de narcótico e a inconfundível sugestão de que Tonra deveria segui-la para um dos muitos cantos escuros da boate. Tonra permaneceu em seu assento, para a decepção da Rodiana.

— Eu jogaria isso fora, se fosse você — Sabé sugeriu.

— Eu realmente não quero me levantar — Tonra admitiu, sem querer mostrar nada que pudesse ser considerado como interesse.

Sabé tomou o tubo de narcótico dele e o jogou nas almofadas atrás da cabine onde eles estavam.

— Você sabe o que é essa coisa? — Tonra perguntou.

— Não faço ideia — Sabé admitiu. — E não estou com pressa para descobrir.

Tonra olhou desconfiado para seu drinque e depois o empurrou para longe.

— Se você quiser se sentir melhor, imagine a cara da Mariek se soubesse o que está se passando agora — Sabé comentou.

— Isso não vai funcionar — Tonra disse lamentosamente. — Estou ocupado demais imaginando o que ela fará comigo *quando* descobrir.

Sabé sorriu e entrelaçou seus dedos com os dele em um sinal de solidariedade.Tonra apertou de volta, mas antes que Sabé pudesse digerir os sentimentos que surgiram em seu estômago, duas outras figuras se juntaram a eles na cabine. Ambas estavam encapuzadas, mas Sabé reconheceu o tecido de Naboo.

— Onde no universo conhecido a capitã pensa que você está agora? — ela falou para Padmé como saudação.

A companhia de Padmé riu e retirou seu capuz. Era a pilota Varbarós, seu cabelo agora exibindo um incandescente tom azul. Várias coisas, incluindo a fonte de Padmé para o local da boate, se tornaram claras.

— Mariek acha que estou em uma recepção para a delegação de Alderaan — Padmé disse. — Typho também acha, e ele ainda é meu acompanhante da noite.

— Quem ele está acompanhando de verdade? — Sabé perguntou.

— Cordé — respondeu Padmé. — Dormé também consegue se passar por mim quase tão bem, mas duvido que conseguisse enganar Typho, e eu nem pediria que ela tentasse.

— Eles vão acabar apanhando você — Tonra afirmou.

— É claro que vão — Padmé concordou. — Mas quando conseguirem, será muito tarde, e Typho sabe que é melhor nem reclamar. Pode ser um pouco demais, mas vocês sabem como me sinto sobre praticar sempre.

— Acho que não gosto de Coruscant — Tonra disse para ninguém em particular.

— Ninguém gosta de Coruscant — Varbarós afirmou com determinação. — Milady, você quer que eu ouça esta conversa?

Segredos abertos eram uma novidade. Anteriormente, se Padmé quisesse ludibriar alguém, essa pessoa nunca saberia. Ter suas ações reconhecidas abertamente por não combatentes era algo novo.

— Sim, por favor — pediu Padmé. — Vamos precisar que você seja uma mensageira. Você tem a maior liberdade de qualquer um na minha equipe.

Varbarós viajara até ali com a nave estelar Nubiana tipo-J que a Rainha Réillata havia designado para uso de Padmé — junto com um astromec azul e branco que já lhes era familiar —, já que a nova rainha tinha um piloto próprio e uma nave fora construída para ela. Não havia realmente um limite para os pilotos reais, então a nova posição de Varbarós na equipe de Padmé não era um rebaixamento, e ela preferia mesmo se aventurar fora de Naboo.

Um droide veio com uma bandeja de drinques fumegantes. Varbarós tirou dois para si mesma, já que Padmé claramente não tinha intenção de beber coisa alguma.

— Certo, então vamos começar — ela anunciou. — Não conte a ninguém. No

fim da minha orientação senatorial, aconteceu um estranho atentado contra a minha vida.

Sabé já suspeitava disso, mas mesmo assim não conseguiu manter sua reação sob controle. Ela apertou a mão de Tonra — com força — e imediatamente soltou quando ele estremeceu. Ela entendia a razão de Padmé não ter revelado isso durante a chamada, mas não estava acostumada a saber de ameaças tão tarde no jogo.

— Eu estou bem, claramente — Padmé disse. — E foi uma tentativa atrapalhada. Nossa guarda já estava de pé, e até Cordé, que atuava como Amidala na hora, não passou nenhum perigo real, porque a tentativa foi frustrada por uma pessoa aleatória.

Padmé detalhou a tentativa e Sabé saltou imediatamente para a mesma pergunta que ela fizera.

— Por que Organa estava lá? — Sabé perguntou.

— Nós nunca descobrimos — respondeu Padmé. — Eu o encontrei algumas vezes desde então. Ele é educadamente distante. Sei que políticos fazem isso profissionalmente, mas sinto que, se ele quisesse me matar, haveria algo denunciando isso em seu rosto. Versé tem lido as notícias e tentado invadir as redes das empresas que as publicam, mas estamos tão ocupadas com todo o trabalho senatorial que ela não tem muito tempo para isso. Eu esperava que você e Tonra, trabalhando fora da residência senatorial, pudessem ter mais sorte, talvez até encontrando uma fonte real, em vez de uma digital.

— E tem outra coisa — Sabé disse. Ela sabia que Padmé não a teria chamado apenas para enviá-la em uma busca pela holonet. Era muito mais provável que ela fosse confrontar o problema em público.

— As redes de notícias estão atirando contra mim — Padmé admitiu. — Desde que alguém contou a elas sobre o atentado contra a minha vida, elas relataram o fato como se fosse incompetência minha, claro. Publicam histórias sobre minha juventude, sobre minha inexperiência em política galáctica, e são verdadeiras na maior parte, mas sempre focam nos costumes de Naboo, tipo como eu me visto, para me fazer parecer obstinada e ignorante.

Sabé preferiu não lembrar Padmé que muitos, muitos de seus professores também tinham, em algum ponto, chamado Padmé de obstinada. Nunca ignorante, mas Sabé entendia o quanto aquilo podia doer.

— E por que essa fofoca é tão ruim assim? — Sabé perguntou. Padmé se importava com a opinião pública tanto quanto qualquer outro oficial eleito, mas a meritocracia de Naboo era incrivelmente incorruptível e a verdade sempre se impunha a ela.

— É diferente de nosso planeta — Padmé disse, adivinhando a linha de

raciocínio de Sabé. — Os senadores não se importam com a verdade, mesmo a conhecendo. Se eles pensam que sou uma criança indefesa vinda dos confins da galáxia, nada fará com que eles queiram trabalhar comigo, mesmo tendo provas concretas do contrário. Naquela festa que está acontecendo agora mesmo? Posso imaginar os comentários condescendentes que Cordé deve estar aguentando no meu lugar, pois venho ouvindo esse tipo de coisa desde que cheguei aqui. Ainda bem que temos muita prática em manter o rosto neutro, apesar de que, honestamente, estou começando a achar que isso faz parte do problema. Tenho que acabar com isso, e descobrir quem está publicando essas notícias é o primeiro passo.

Sabé não disse nada por um momento, o barulho da boate preenchendo o silêncio. Aquela Padmé era nova, mais calculista, mais prudente. Era isso que o Senado fazia com as pessoas, e Sabé estava prestes a se lançar nesse mar, embora provavelmente ficaria apenas nas águas mais rasas.

— Por que você está se esforçando tanto para ficar? — Sabé perguntou.

— Eu... — Padmé hesitou. — Eu ia dizer que não sei, mas isso não é verdade. É difícil descrever, mas há momentos em que eu realmente gosto daqui, quando realizamos um bom trabalho para as pessoas da República. E quero mais desses momentos, se pudermos torná-los realidade.

— Certo — Sabé disse. — Não precisamos convencer o Senado inteiro. Só precisamos que alguns deles aceitem você, e então eles farão todo o trabalho pesado.

— Concordo — afirmou Padmé.

Tonra se ajeitou e Sabé lembrou que ele estava ali. Ela entrou em seu velho ritmo muito rápido.

— Sim? — ela questionou, virando-se para ele.

— Desculpe, milady. Mas o que poderei fazer por você?

Padmé sorriu para ele, o sorriso que ganhara o amor de um planeta e a lealdade de todos naquela mesa.

— Não quero que Sabé fique aqui sozinha, capitão — ela disse. — E Sabé me contou que vocês trabalharam bem como uma equipe em Tatooine, adaptando-se rapidamente enquanto a situação mudava ao seu redor. Sei que Coruscant é um lugar desconfortável, mas se você puder ficar, eu ficaria grata.

— E eu também — Sabé afirmou. Ela baixou a mão ao lado da mão dele e fez seu melhor para não o manipular.

— Farei o que eu puder — Tonra disse.

— Consegui que fundos fossem transferidos para uma conta em seu nome — Padmé declarou. — Vocês não viverão nos níveis superiores, mas estarão em um lugar que podem proteger com relativa facilidade.

— Esta é a frequência do meu comunicador pessoal — Varbarós falou, entregando um par de comunicadores. — Vocês podem me chamar em qualquer lugar. Não pretendo deixar o planeta sem avisar.

— Ah, não — Padmé disse, e Sabé notou que seu capuz havia deslizado para trás enquanto conversavam, deixando seu rosto menos obscurecido do que eles gostariam.

Sabé seguiu seu olhar e viu um jovem humano olhando para ela, com sua expressão confusa se transformando em deleite.

— Sena... — ele começou a dizer, mas antes que pudesse completar a palavra, Padmé se levantou, agarrou seu braço e o arrastou para a mesa.

— Senador Clovis — ela disse secamente —, eu agradeceria se você não gritasse meu nome aqui neste estabelecimento público lotado.

— Vi você na recepção — Clovis declarou. — Foi tão entediante. Também não posso culpá-la por ir embora, e ouvi dizer que este lugar era interessante. Você deve ter um motorista ainda melhor do que o meu para ter chegado aqui tão rápido.

— Sou muito melhor do que o seu droide — Varbarós retrucou, como se esse tipo de coisa acontecesse com Padmé todos os dias.

— Senador, esses são alguns dos meus amigos do meu planeta natal — Padmé declarou. — Eles fizeram parte de um intercâmbio cultural e apenas tinham tempo para se encontrar comigo hoje antes de voltarem para Naboo.

— Ah, que ótimo — Clovis disse. — A senadora me contou muitas coisas sobre Naboo. É verdade que vocês são todos artistas?

— Meus talentos tendem mais para exibições acrobáticas públicas — Tonra respondeu com uma graciosidade pouco característica. Geralmente, era Sabé quem falava primeiro. — Faço malabarismo. — Incrível — Clovis disse, totalmente sem perceber o sarcasmo de Tonra. — Naboo parece um lugar maravilhoso. Espero visitar algum dia.

— Você poderia nos dar um momento? — Padmé perguntou. — Eles precisam partir em breve e eu gostaria de me despedir.

— É claro, é claro — Clovis afirmou. — Desculpe por me intrometer assim. Eu apenas fiquei surpreso em vê-la.

Varbarós o acompanhou até o bar para ter certeza de que sua curiosidade sobre Naboo não suplantava suas boas maneiras.

— Onde você encontrou esse aí? — Sabé perguntou.

— Ele é outro senador novato — Padmé admitiu. — É um péssimo político até agora, mas sua família é poderosa e eu não posso me dar ao luxo de não fazer conexões.

— Eles são donos do quê? — Sabé tinha uma opinião negativa de pessoas que

exploravam suas ligações familiares em vez de empregarem suas próprias habilidades, e isso trazia à tona seu lado cínico.

— Ele é um membro de baixo nível do Clã Bancário — Padmé disse. Diante do olhar cético de Sabé, ela acrescentou que ele era adotado, para explicar a aparência humana de Clovis. A maioria dos membros do Clã Bancário era Muun.

O comunicador no pulso de Padmé emitiu um sinal e ela ativou o holograma de Versé na palma da mão.

— Por favor, volte para casa antes que Dormé e Typho digam coisas um para o outro de que possam se arrepender — Versé suplicou. A imagem se repetiu antes de Padmé desligar o visor, então Sabé viu que era pré-gravada.

— Era muito mais fácil quando era apenas um planeta — Padmé observou.

— Quantos recomeços você acha que teremos? — Sabé perguntou.

— Espero que seja um a mais do que precisamos — Padmé disse. — Mas vou me preparar para o pior, só por precaução. Ao menos nesse ponto, a única coisa que vai sair prejudicada é o meu orgulho. Sabé pensou que ela estava sendo um pouco indiferente demais diante de uma tentativa de assassinato, mas estava disposta a entender isso por causa do estresse de seu novo trabalho.

Padmé chamou Varbarós de volta para a mesa, porque de jeito nenhum Sabé e Tonra a deixariam ali sozinha, e quando Clovis veio andando atrás, Sabé fez uma careta.

— Sabia que você não iria gostar do Senado — Padmé disse, chegando mais perto. — Senti tanto a sua falta. Obrigada por vir.

— Também senti a sua falta — Sabé confessou. — Sei que não é a mesma coisa, mas pelo menos estamos no mesmo planeta.

— Tome cuidado — pediu Padmé. Ela se inclinou de volta um pouco para incluir Tonra. — Vocês dois.

— Nós tomaremos, milady — Tonra afirmou.

— No futuro, é melhor você me chamar de Padmé quando estivermos fora desse jeito. Senador é o que não falta em Coruscant, e ser uma lady não ajuda em nada.

— Vou praticar — Tonra disse. Sabé achou totalmente possível que o nome de Padmé fosse ficar entalado em sua garganta nas primeiras vezes que tentasse dizer.

O Senador Clovis aparentemente decidiu que já tinha dado privacidade suficiente para eles, pois voltou à mesa e não conseguiu disfarçar sua decepção quando ficou claro que estavam se preparando para ir embora.

— Vocês estão indo embora? — Clovis perguntou. — Porque vai ter um concerto...

— Sim, estou indo embora. Recomendo que você faça o mesmo, Clovis. Não

acho que este seja um lugar muito seguro — Padmé aconselhou. Sabé se esforçou para não revirar os olhos quando Padmé assumiu a persona a que Clovis estava acostumado. Padmé se levantou, Varbarós ao seu lado, e olhou diretamente para Sabé. — Desejo sorte em sua viagem.

— O mesmo para você — Sabé disse.

Enquanto se levantavam para sair, ela ouviu Clovis dizendo "Para onde vocês vão?" e Padmé começou a explicar ainda mais tradições de Naboo. Sabé se perguntou se o interesse dele no planeta era genuíno ou se ele também queria algo de Padmé. Ela teve todo tipo de pensamento sombrio sobre o que poderia ser, mas era esperta o bastante para saber que não era de sua conta, a menos que Padmé estivesse em perigo, então achou melhor ficar fora disso. Francamente, ela não se importaria em nunca mais ver Clovis pela frente. Talvez estivesse sendo dura demais, mas ele a irritava.

Seu comunicador emitiu um sinal, indicando que uma transferência de fundos havia sido completada. O nome que ela usou em Tatooine e também ali em Coruscant era o mesmo que recebera quando nasceu, mas agora parecia falso e artificial. Ela foi Sabé por todas as partes importantes de sua vida. Tsabin era uma estranha. Nem seus pais a chamavam mais assim, e todos os seus registros oficiais em Naboo haviam sido trocados.

Mesmo assim, se precisava ser outra pessoa, ao menos ainda seria uma pessoa que Padmé conhecia.Tsabin e Padmé se conheceram quando mal tinham quatorze anos, quando ela se candidatou a ser uma dama de companhia, e quando se estabeleceram no palácio de Theed, elas se tornaram um par inseparável, e Sabé tinha um novo nome para demonstrar isso. Padmé foi treinada para se destacar, e Sabé foi treinada para desaparecer. Ela nunca se importou com isso. Era difícil se ressentir de algo em que era tão boa.

E agora Padmé estava se reinventando outra vez e, por necessidade, Sabé não estava lá para ajudar tão de perto quanto gostaria. A Senadora Amidala era claramente diferente da rainha, julgando pela maneira como Clovis agiu, e Sabé não entendia completamente, mas confiava no julgamento de Padmé.

Se ela seria Tsabin de qualquer maneira, então talvez fosse o momento de *ser* Tsabin. Ela permaneceria Sabé em seu coração, mas também poderia aprender a ser uma nova pessoa, assim como Padmé.

— Era muito mais fácil quando era apenas um planeta — ela sussurrou, repetindo as palavras de Padmé.

— Com certeza — Tonra concordou. Ele era uma presença firme ao seu lado e ela se apoiou nele sem nenhuma segunda intenção. Ele pode ter se surpreendido um pouco, mesmo assim envolveu os ombros dela com seu braço.

Eles esperaram em silêncio, com o pulso da música vibrando em seus ossos,

para o tempo passar entre a saída de Padmé e a deles. Pela primeira vez,Tonra não pareceu inquieto, ele apenas batia com os dedos sobre a mesa seguindo o inescapável ritmo da música. Quando acharam seguro, saíram em busca de um táxi aéreo e um lugar mais calmo onde podiam planejar seus próximos passos.

CAPÍTULO 10

A GRITARIA CONTINUOU POR bastante tempo. Padmé deixou Typho falar tudo o que queria, pensando que o sargento tinha todo o direito. Mariek teria sua vez mais tarde, mas foi de Typho que elas tiraram vantagem, e Padmé lhe devia ao menos escutar tudo que tinha para dizer.

— ... sem mencionar o perigo que Cordé correu se alguém tivesse descoberto — ele continuou em seu discurso. — E nem quero saber de qualquer detalhe de onde *você* estava, milady.

— Eu estava me encontrando com Sabé e Tonra — Padmé admitiu, mas para não piorar a irritação de Typho ela não mencionou exatamente onde, apenas que foi em uma boate. — Eu estava com Varbarós.

— Apesar de ser uma excelente pilota, Varbarós não é uma guarda treinada. E a escolha de pontos de encontro dela deixa muito a desejar — Typho afirmou. — Entendo que a política é uma coisa complicada e às vezes existem coisas que você precisa fazer sozinha, mas, por favor, senadora, eu lhe imploro: me conte da próxima vez. Sou um ator muito melhor do que você pensa. E posso ajudar com os detalhes.

— Desculpe, sargento — Padmé disse. — Eu queria que hoje fosse um teste prático para todos nós, além de ser uma reunião necessária. Mas agora vejo que eu estava praticando a coisa errada. O plano das dublês costumava envolver enganar os guardas também, mas acho que devemos modificá-lo da mesma forma que estamos modificando todo o resto.

— Ele reagiu com total discrição quando percebeu quem eu era — Cordé declarou. — Apesar de ter rasgado a franja da manga do vestido de baile azul-escuro.

— Eu conserto isso — Dormé disse. — E também acho que Typho está certo sobre o planejamento. Se ele estivesse envolvido, poderia ter impedido o Senador Clovis de deixar a festa. Ou pelo menos avisado quando tivesse terminado.

Elas caíram nesse padrão automaticamente e Padmé gostou de como aquilo funcionava. Ela fazia alguma coisa, Cordé racionalizava, um dos guardas protestava, Dormé acalmava os ânimos e Versé mudava de assunto.

— Separei uma história de uma das redes de notícias — Versé disse, pontual como sempre. — É sobre o que aconteceu hoje à noite.

— Espero que seja sobre a escandalosa relação da Senadora Amidala com um de seus guardas — Cordé observou, sua voz cheia de sarcasmo.

— Fale por si própria — retrucou Mariek. — Sou muito bem casada e não quero nenhum drama desse tipo.

— É sobre o Senador Clovis — Versé contou. — Aparentemente, depois que ele deixou a festa, ele foi até uma boate incrivelmente perigosa e se encontrou com...

Tarde demais, Versé percebeu que Typho lia sobre seu ombro. Padmé resistiu ao impulso de enterrar o rosto nas mãos.

— Você tem ideia do tipo de coisa que acontece em um lugar como esse? — Typho praticamente gritou, toda sua tranquilidade desaparecendo em um instante.

— É claro que sabe, ela é uma mulher adulta — Mariek disse. — Sobrinho, você precisa se acalmar ou a senadora nunca vai confiar em você. Ela já admitiu que você estava certo.

Typho se controlou e assentiu.

— Tem alguma coisa nesse artigo que possa ser usado para me identificar? — Padmé perguntou.

— Não — Versé respondeu, passando a vista sobre o restante do texto. — Parece que eles entrevistaram o Clovis e ele apenas disse que estava se encontrando com alguns amigos de seu planeta natal.

— Todos vão saber que isso é mentira — Dormé apontou. — O Clã Bancário não é exatamente conhecido por se enturmar em Coruscant.

— É uma mensagem para mim — garantiu Padmé. — Foi assim que apresentei Sabé e Tonra sem dizer seus nomes. Eu disse que eram amigos do meu planeta natal. Ele quer que eu saiba que ele estava me cobrindo.

— Seria a primeira jogada política sólida que ele fez — Cordé observou. Ela tinha uma opinião bem negativa sobre a dedicação de Clovis à política galáctica.

— Não tenho certeza se ele está mesmo pensando politicamente — Versé disse. — Fiquei nos bastidores quase todo o tempo desde que chegamos aqui e assisti a muitas gravações. Reparei a maneira como ele se comporta quando Padmé está em sua órbita, e a maneira como ele olha para ela.

— Vamos continuar do mesmo jeito — Padmé disse. — A diferença é que agora temos Sabé e Tonra trabalhando fora do quadro político para nos ajudar.

— E eu, ajudando dentro — Typho afirmou.

— Sim, sargento — Padmé concordou. — E peço desculpas. Nós mudamos muitas coisas sobre como Amidala age em público nas últimas semanas, mas eu

ainda acabo caindo no jeito como fazia em Naboo. Tenho dificuldade de lembrar que as circunstâncias para nosso segredo são diferentes aqui. Nós não vamos mais deixá-lo de fora de nossa ação como dublês.

— Obrigado, milady — Typho disse.

Um suave sinal indicou a chegada da agenda do dia seguinte, e elas passaram as duas horas seguintes planejando os votos e tentando determinar como o Senado agiria em cada caso. Isso era muito mais fácil agora que elas trabalhavam como uma equipe.

Antes, Padmé levava duas damas de companhia para a câmara do Senado para observarem, mas a verdade era que não havia nada para elas observarem. Agora ela apenas levava Mariek ou Typho, e ocasionalmente Cordé, se a situação exigisse. As outras ficavam na residência senatorial ou no escritório de Padmé, assistindo a gravações de procedimentos do Senado e tentando descobrir quem era aliado de quem. Era fácil enxergar isso em uma única moção, mas se tornava infinitamente mais desafiador quando múltiplas agendas eram apresentadas, e com o tamanho da assembleia, sempre havia múltiplas agendas apresentadas.

— Você precisa entrar em um desses comitês — sugeriu Cordé.

Padmé sabia muito bem disso. Ela vinha pensando há dias, tentando determinar qual comitê seria mais adequado para seus talentos e experiência.

— A Senadora Bonteri preside um comitê que analisa a reforma educacional nas áreas mais pobres dos planetas do Núcleo — Dormé informou. — Esse projeto de lei está parado porque ninguém nos planetas do Núcleo quer admitir que eles possuem áreas pobres.

— E tem também algo sobre privacidade — Cordé disse. — É algo novo e não sei se já tem um comitê oficial, mas o assunto sempre aparece em seus resumos e tenho certeza de que em breve terá.

— E sempre temos o comitê antiescravagista — Versé acrescentou. — Não é presidido por ninguém que você conheça, mas tenho certeza de que você consegue entrar sem precisar de uma referência do chanceler.

— Eu sei — Padmé disse. — Eu sei, só não consigo decidir qual é a melhor maneira para ganhar um assento naquela mesa.

— O que você quer? — Dormé perguntou. — Do Senado, quero dizer.

— Respeitabilidade — Padmé respondeu. — Quero que minhas palavras e esforços signifiquem algo.

— E você não tem isso porque todos pensam que você é nova demais, inexperiente demais — pontuou Dormé. — Eles pensam que você não é uma senadora séria.

— E acham que você é conectada demais com o Chanceler Palpatine — Mariek acrescentou. — Conectada demais com seu próprio planeta.

— Há um pouco de verdade em todos esses argumentos — Padmé admitiu.

Sua última conversa com o Chanceler Palpatine não tinha sido boa. Ela o encontrara quase que por acaso depois de uma sessão do Senado e, a princípio, se comportara com seu jeito normal.

— Chanceler — ela dissera. Padmé indicara a Versé que precisaria de espaço para a conversa e sua dama de companhia e guarda se afastou alguns passos. — Estou contente por nossos caminhos terem se cruzado. Gostaria de perguntar a você sobre me juntar ao seu comitê de transporte.

Ela ainda detestava as camadas de discurso político que precisavam cobrir a legislação antiescravagista, mas tecnicamente não havia escravidão na República, e então Palpatine tinha de ser criativo com suas palavras. O debate real era sobre o transporte de bens, e o rodeio no discurso fazia Padmé estremecer, embora ela quisesse muito ter alguma influência na elaboração da legislação.

O chanceler havia parado quando ela o cumprimentou, afável como sempre, mas seu rosto endureceu quando ela mencionou se juntar ao comitê.

— Não acho que seja uma boa ideia, minha querida — ele dissera. Seu tom de voz tinha um estranho toque de rejeição que ela nunca notara antes. Ao seu lado, Mas Amedda olhava feio para ela.

— Por que não? — Padmé perguntou. — Já comecei meus próprios estudos sobre a situação e acho que...

— Senadora, você não me entendeu — Palpatine constatou, um mínimo de sua cordialidade reaparecendo. — Você é eminentemente qualificada para esse comitê, mas possui ligações conhecidas com Tatooine e comigo. Se você se juntar à discussão, as suas qualificações irão enfraquecer minha autoridade.

Havia algo sobre a afirmação do chanceler que não parecia verdade, mas Padmé não conseguia dizer exatamente o que era.

— Encontre outro comitê, minha querida — sugeriu Palpatine. — Farei meu melhor para mantê-la atualizada sobre meu progresso e avisarei se a sua ajuda for necessária.

Ele se retirou, com sua comitiva seguindo atrás, e Padmé ficou com perguntas demais e nenhuma direção certa.

— Então você tem duas opções, eu acho — Dormé disse, chamando a atenção de Padmé de volta para o presente. — Assuma de vez ficar na sombra de Palpatine. Vá até ele e use sua influência o máximo que puder.

— Ou? — Cordé perguntou.

— O exato oposto disso — respondeu Dormé. — Amidala agora é charmosa. Use isso. Encontre alguém que se opõe ao chanceler, não violentamente ou de modo extremo, mas o bastante para afetar a imagem pública entre você e ele, e

então se concentre nessa oposição até você formar uma identidade própria.

— Isso exclui Bonteri — Versé disse. — Ela não é muito próxima dele, mas também nunca se opôs diretamente.

Padmé ficou um pouco decepcionada. Ela gostava muito da Senadora Bonteri e ficaria honrada em trabalhar com ela. Mas também sabia que não havia dúvida de sua posição no círculo íntimo de Palpatine. Mesmo se ele tivesse permitido, ela não queria se limitar dessa maneira.

— Não se preocupe — ponderou Padmé. — Tenho o senador certo em mente.

A Senadora Amidala estava vestida para a ocasião. Ela desistira dos ornamentos que lembravam seu planeta. Não havia nada sobre a cabeça hoje, apenas tranças presas tão bem no lugar que Dormé fizera as presilhas praticamente desaparecerem. Seu vestido era enganosamente simples. Ela vestia uma túnica azul-clara por baixo com um colarinho que não a impedia de virar a cabeça, e largas mangas que se dobravam sobre o vestido azul-escuro que ela usava por cima. A ilusão estava no bordado do vestido, com o mesmo tom azul-claro da túnica. Poderia ter sido feito por qualquer máquina de um planeta mecanizado. Apenas olhando de perto era possível notar que as costuras haviam sido feitas à mão — a única concessão de Padmé para Naboo. E ela não pretendia que ninguém chegasse tão perto.

Durante a sessão, Padmé estava inquieta de tanta impaciência. Ela precisou forçar a si mesma a prestar atenção. As votações na agenda do dia não eram menos importantes simplesmente porque a senadora de Naboo tinha planos. Mesmo assim, parecia que a votação não terminaria nunca, e quando o Chanceler Palpatine anunciou o fim dos procedimentos, Padmé estava mais do que pronta para ir embora.

Dormé a interceptou antes que pudesse sair da cápsula, checando rapidamente para ter certeza de que o vestido e o cabelo estavam no lugar, depois desejou-lhe sorte.

Padmé andou com passos medidos. Não havia razão para parecer apressada. Versé havia se debruçado sobre as gravações e acessado algumas redes, o que Padmé sabia ser uma invasão de privacidade, embora dessa vez tenha feito vista grossa. Cordé a ajudara a preparar suas falas, oferecendo argumentos teóricos para Padmé contestar até as duas terem certeza de que haviam coberto todas as opções. Suas damas de companhia podiam já não seguir seus passos como antes, mas Padmé não estava mais sozinha do que já esteve quando era rainha de Naboo. Mariek estava certa, todos aqueles meses atrás na escadaria da casa do lago: tudo era diferente, mas Padmé também era diferente. E estava descobrindo o que isso realmente significava.

Finalmente, ela avistou seu alvo se dirigindo para um dos jardins da cobertura,

exatamente onde a análise de Versé dizia que ele estaria. Ele vestia um tom de verde hoje, o que Padmé notou apenas porque Cordé dissera que parecia ser sua cor favorita. Seu traje era simples, embora ele tenha permitido a si mesmo a indulgência de uma capa assimétrica. Padmé chegou perto o bastante para não precisar gritar e ergueu a voz.

— Senador Organa — ela disse. A voz saiu mais vibrante do que os tons neutros que a Rainha Amidala usava. O som se moveu melhor através das sílabas de seu nome. A Senadora Amidala chegou mais perto quando Organa parou para ouvi-la.

— Senadora Amidala — ele respondeu. — Como posso ajudá-la?

Ela chegou ainda mais perto, modulando o tom para acomodar essa proximidade.

— Gostaria de me juntar ao seu comitê sobre o transporte de materiais de construção para os planetas da Orla Média — Amidala declarou.

Organa claramente não estava esperando aquilo.

— O que você sabe sobre o transporte de materiais de construção? — ele perguntou. Ela suspeitou que Organa estava ganhando tempo enquanto tentava entender sua motivação, embora seu tom de voz permanecesse educado.

— Nada — Amidala admitiu. — E se eu não me juntar ao seu comitê, então suspeito que isso será tudo que vou continuar sabendo.

Ele a olhou por um longo momento. Geralmente, as pessoas não olhavam diretamente em seu rosto. Olhavam para a ornamentação de Naboo em seu cabelo, em seu estilo, em sua maquiagem. Era por isso que a política das dublês funcionava tão bem. Todos conheciam a aparência de Amidala, então ninguém nunca pensava em Padmé. Ela se sentia exposta sem seus métodos usuais de disfarce-em-plena-luz-do-dia, embora tenha feito isso de propósito. Nunca quisera que alguém a *enxergasse* antes, não daquele jeito. E poderia nunca mais se expor a ele assim, mas precisava que ele a visse agora.

— Poderia me acompanhar? — ele disse, oferecendo um braço.

Ela aceitou e o seguiu para dentro do jardim. Padmé ainda não conhecia aquele lugar, preferindo sempre voltar para a residência e estudar política ou descansar. Mas entendeu imediatamente por que ele visitava com regularidade suficiente para Versé rastreá-lo. Alderaan não era tão verde quanto Naboo, mas o planeta ainda se orgulhava de suas maravilhas naturais. Coruscant provavelmente parecia para ele da mesma forma que para ela: lotada, barulhenta e sem nenhuma vida vegetal. Os jardins eram um pobre eco daquilo a que os dois estavam acostumados, mas o cheiro era próximo o bastante, e quando você respirava fundo, podia sentir a diferença no ar.

Eles dobraram uma esquina ao redor do jardim, parando aqui e ali enquanto

Organa mostrava a ela seu bosque favorito de árvores chinar, onde gostava de se sentar depois da sessão geral e se lembrar de seu lar. Aquilo era, Padmé percebeu, o jeito dele de permitir que ela o enxergasse. O profissional brusco havia sumido, assim como a presença inquietante da rainha, e os dois agora eram apenas colegas compartilhando algo em comum. Ao fim, eles completaram a volta pelo jardim e pararam em frente à porta que os levaria de volta para os corredores apertados do Senado e os escritórios lotados.

— O comitê se reunirá amanhã, depois da sessão geral — ele informou. — A seleção da sala ainda não foi definida, então eu enviarei um assessor.

Foi uma gentileza dele não enviar sua unidade NON, considerando tudo que aconteceu.

— Obrigada, senador — Amidala agradeceu. Aquilo foi muito, muito próximo da voz de Padmé. Ele inclinou a cabeça e se retirou.

Padmé permaneceu no jardim por mais alguns longos momentos verdes antes de voltar para a residência. Ela tinha uma atualização para receber de Sabé e as outras certamente queriam saber como foi o encontro. Além disso, precisaria ler um pouco sobre permacreto e como transportá-lo. Ela chamou Mariek e Dormé no comunicador e disse a elas para a encontrarem no transporte.

— Sucesso? — Dormé perguntou quando estava perto o bastante para não ser ouvida por mais ninguém.

— Sim — respondeu Padmé. — Contarei tudo quando voltarmos para a residência. Não é tão interessante para eu querer contar mais de uma vez.

— É interessante o bastante para você concordar em discutir isso em um comitê — Mariek apontou.

— Todas nós devemos fazer sacrifícios — Padmé disse, mas a verdade era que ela não se importava nem um pouco com o que havia concordado em fazer. Ela estaria ajudando a construir algo novamente, assim como seu pai havia lhe ensinado, mesmo se fosse apenas indiretamente. E estaria fazendo um aliado ao mesmo tempo.

Sabé ficou contente em vê-la, mesmo que apenas pelo holograma, mas um pouco menos contente quando Padmé anunciou com quem ela havia se aliado.

— Corrija-me se estiver errada — Sabé pontuou —, mas não estou investigando Organa por seu envolvimento em sua tentativa de assassinato?

— Estou ainda mais certa de que ele não tem nada a ver com isso — salientou Padmé. — Ele apenas estava no lugar errado na hora errada. Ou o lugar certo, nesse caso.

— Por favor, diga que Clovis não está no mesmo comitê — Sabé pediu.

— Ele não está — Padmé assegurou-lhe. — Ele está andando pelas facções financeiras. É só questão de tempo até a Federação de Comércio notá-lo, e não

pretendo estar perto dele quando isso acontecer.

— Espero mesmo que não — Sabé retrucou. — E falando em nossos pretensos assassinos favoritos, encontrei algo sobre as redes de notícias que publicaram aquelas primeiras histórias sobre você. A cadeia de corporações é muito extensa em todos os casos e a maioria das empresas já não está mais ativa, mas todas pertencem a subsidiárias da Federação de Comércio.

— Eles estavam me difamando? — Padmé indagou.

— Quando é por escrito, acho que o nome disso é libelo — Sabé respondeu. — Mas, sim.

— O terceiro julgamento de Nute Gunray está em andamento. Começou um pouco antes de eu chegar em Coruscant. Acho que eu não deveria me surpreender.

— Ele certamente guarda rancor — falou Sabé. — Vou ficar de olho no julgamento, tanto naquilo que é relatado quanto naquilo que as pessoas estão falando na imprensa. Gunray tem você na mira pessoalmente e não quero que ele chegue perto o bastante para acertar o tiro.

— Ele não precisa chegar tão perto assim — Padmé disse. — Mas agradeço o sentimento. Como está Tonra?

— Com saudade de casa, mas adorando a comida de uma lanchonete que ele achou na praça perto do apartamento — Sabé declarou. — Ele fica tentando me levar lá, mas eu tenho minha política pessoal de nunca comer em um lugar que produz tanta fumaça.

Padmé riu com ela e, por um momento, elas poderiam estar sentadas no apartamento real no palácio de Theed, discutindo os eventos do dia. Um sinal tocou no comunicador de Sabé.

— Desculpe, preciso ir — Sabé informou. — Um dos meus novos contatos quer conversar.

— Fique segura — Padmé disse.

— Sim, eu vou — Sabé prometeu.

Padmé encerrou a conexão e pediu os documentos que Versé havia preparado para ela.

PARTE III

SENADORA INGÊNUA PÕE AS ASAS DE FORA E CAI DE CARA EM PERMACRETO

Comentaristas políticos de Coruscant ficaram chocados quando a Senadora Amidala (setor Chommell) apareceu no comitê de transportes de materiais de construção do Senador Bail Organa (Alderaan). Ninguém podia esperar que Amidala, que vem sendo notoriamente volúvel e imprevisível desde sua chegada em Coruscant, se juntaria a uma operação tão monótona. Então, muitas teorias flutuam por aí sobre suas motivações, ou melhor, as motivações de quem estiver por trás dela.

O Senador Organa, embora tenha uma reputação imaculada, frequentemente entra em conflito com o chanceler. Parece improvável que Palpatine tenha enviado Amidala para descobrir algum escândalo do senador de Alderaan. É possível que Amidala esteja tentando agradar procurando por um. Podemos apenas especular a que loucuras seus novos "interesses" a levarão.

— TriNebulon News

CAPÍTULO 11

HAVIA DOIS PROBLEMAS PRINCIPAIS com o permacreto. O primeiro era que sua mistura necessitava de uma grande quantidade de água, o que nem todos os planetas tinham prontamente e que era impraticável para transportar. O segundo era que a mistura em si era pesada e precisava de grandes naves para transportar as cargas. Isso significava que muitos sistemas usavam suas próprias variações locais da fórmula e todas essas eram drasticamente inferiores.

O terceiro problema com o permacreto era menor, mas irritante mesmo assim: Padmé tinha certeza de que era o assunto mais entediante para se discutir em toda a galáxia.

Mas ela o discutiu. Depois da sessão geral, que foi quase totalmente tomada pela delegação de Malastare que fazia discursos que o chanceler não podia ou não queria interromper, Padmé seguira o assessor do Senador Organa até uma pequena sala no edifício do Senado. Lá, ela tomou um assento à mesa e começou a escutar.

Havia apenas senadores presentes, embora Padmé soubesse que vários deles estavam gravando os procedimentos para repassar a seus assessores mais tarde. Alguns deles haviam trazido droides para fazer anotações por eles, mas Padmé dispensou isso como uma opção porque ela não confiava particularmente em nenhum dos droides que encontrara em Coruscant. Então, ela se lembrou da unidade astromec azul e branca que viajava com Varbarós a bordo da nave real de Naboo. Aquele pequeno droide tinha um gravador e ela sabia que ele era confiável. Fez uma anotação mental para lembrar de pensar nisso mais tarde e voltou a atenção para a mesa.

Depois de uma hora de conversas sem nenhum progresso, a reunião se encerrou para que os senadores pudessem seguir para outros compromissos. Padmé os seguiria para fora da sala, mas Organa chamou sua atenção e fez um gesto para onde ele estava. Padmé se levantou para ver o que ele queria.

— Senadora — Organa disse —, você achou nossa reunião de alguma utilidade?

— Sim — Padmé respondeu. Ela não aprendera muito mais sobre materiais de construção do que já havia aprendido com suas leituras, mas entendeu melhor

como os tópicos eram apresentados e como os elementos de negociação eram incorporados à discussão.

— Permita-me apresentar a Senadora Mon Mothma — ele disse, indicando uma mulher de cabelos ruivos à sua esquerda.

— Senadora — Padmé cumprimentou, inclinando a cabeça. Padmé não ofereceu a mão para cumprimentá-la e Mon Mothma também não.

— É um prazer conhecê-la. — A voz da senadora era suave, mas havia uma inquestionável presença nela. Quando falava, as pessoas ouviam. Ela sabia disso e estava aprendendo a usar esse efeito. — Eu era muito nova no Senado quando você fez seu discurso como rainha de Naboo. Tem sido interessante observar sua transição para a política galáctica.

Anos de prática impediram que a frustração de Padmé aparecesse em seu rosto. Ela ainda não estava acostumada a ser menosprezada por causa de sua juventude e desejou nunca fazer o mesmo com alguém só por falta de experiência.

— Tem sido um aprendizado — ela disse educadamente. — E sinto falta das conexões mais pessoais que servir o meu próprio planeta me permitia manter. Saber o nome e os rostos daqueles para quem você está trabalhando é um luxo, mas considero, sim, uma bênção a escala com que a República pode servir seus membros.

— É claro — Mon Mothma disse. — Não é tarefa fácil deixar seu próprio planeta natal de lado para servir a um propósito maior.

Algo se encaixou com tanta força na mente de Padmé que ela ficou preocupada de que Organa e Mon Mothma pudessem ler facilmente seus pensamentos. Não era sua inexperiência, exatamente, que fazia com que eles fossem tão frios com ela. Eles pensavam que ela era mais leal a Naboo do que à República, e que não estaria à altura de enfrentar esse tipo de conflito de interesse. De fato, suas ações passadas que levaram à queda do Chanceler Valorum em uma tentativa de equilibrar o campo de jogo contra a Federação de Comércio mostraram o quanto estava disposta a dispensar o protocolo do Senado. Naboo era parte de quem ela era, mas parecia que eles esperavam que Padmé exorcizasse essa parte, ou ao menos a isolasse, antes que pudessem confiar nela totalmente. Mas ela não tinha muita certeza de que estava disposta a fazer isso.

— Estou ansiosa para servir assim — Padmé disse, embora não gostasse de ser desonesta.

Ela não conseguia dizer, apenas olhando a expressão de Mon Mothma, se a outra senadora acreditou nela, mas o olhar que trocou com o Senador Organa não foi tão desdenhoso quanto a análise inicial de Mon Mothma sobre Padmé.

— Eu avisarei quando será nossa próxima reunião — Organa declarou. — Espero que tudo esteja preparado para ser apresentado ao Senado antes de a sessão ser encerrada.

— Estarei à espera — Padmé falou, e deixou que eles se retirassem da sala primeiro.

Ela não seguiu para seu escritório ou de volta para a residência. Em vez disso, começou a vagar pelos corredores. Não exatamente sem destino — em teoria, ela poderia estar se dirigindo ao jardim. Padmé não estava particularmente com pressa, mas perdida em pensamentos.

— Ah, Senadora Amidala! — Uma voz invadiu suas deliberações e ela parou de andar. Era Mina Bonteri.

— Olá — Padmé respondeu com uma cordialidade genuína. — É muito bom vê-la novamente.

Padmé percebeu que disse aquilo com total honestidade. Ao menos a Senadora Bonteri estava disposta a conversar com ela como uma igual, mesmo se houvesse algo mais que ela não compartilhava. Era justo: Padmé mantinha privada sua própria opinião sobre vários assuntos.

— Venha tomar um chá comigo — Bonteri convidou. — Meu escritório fica logo ali.

— Eu adoraria — agradeceu Padmé.

O escritório de Bonteri era decorado com quadros de seu planeta natal. Padmé não era especialista, mas algumas das obras pareciam distintamente menos refinadas do que outras. Talvez Onderon se orgulhasse de usar todos os materiais para arte, não apenas os de melhor qualidade.

— Meu filho que fez — Bonteri contou enquanto Padmé contemplava uma pintura particularmente estranha de... uma speeder bike? — Ele provavelmente está destinado a outras coisas, mas tinha quatro anos quando pintou esse quadro e gostava de cores fortes e de fazer uma bagunça. Gosto do trabalho dele, então o mantenho aqui mesmo que ele tenha seguido para outros hobbies.

— Ah — Padmé disse. E então, ela riu. — Em Naboo, nós incentivamos todas as crianças a experimentar com sua expressão artística para que possam determinar onde se encontram seus talentos.

— E onde se encontravam os seus? — Bonteri perguntou. Ela derramou água quente em um bule de metal simples e pegou duas xícaras de um armário.

— Oratória e poesia — respondeu Padmé. — Qualidades não cultivadas normalmente, devo admitir. A maioria dos pais preferiria que seus filhos fossem bons em criar algo que não fossem palavras. Acho que minha mãe preferiria que eu seguisse na música, mesmo com minha aptidão não sendo muito forte.

— Você foi rainha de um planeta e sua mãe preferiria que você fosse

musicista? — Bonteri indagou.

— Naboo é um mundo único — Padmé admitiu.

— E pais nunca são particularmente bons em deixar seus filhos seguirem o próprio caminho. — Bonteri olhou para os quadros de seu filho e sorriu. — Mas no fim acabam deixando.

— De fato — Padmé concordou. — E meus pais se orgulham das minhas conquistas, apesar de desejarem que eu fique mais perto de casa.

— O seu pai tem muitos amigos no Senado, não é mesmo? — Bonteri perguntou.

— Ele tem — Padmé respondeu. — Foi assim que consegui ganhar um patrocínio para o programa legislativo júnior quando eu tinha oito anos. Ele faz muito trabalho de ajuda voluntária e contatos no Senado são úteis para isso.

— Você não desejou se juntar a ele?

— Acho que me juntei, à minha própria maneira — Padmé disse. — No mínimo, sou outra senadora que ele sabe que pode confiar.

— Acho que isso é o máximo que muitos de nós pode esperar, hoje em dia — Bonteri continuou. — Acontece que demora tanto para realizar alguma coisa por meio dos canais oficiais. Por que você não procurou os amigos de seu pai?

— Porque quero me firmar sozinha — Padmé disse. — Já sou vista como uma extensão do chanceler por alguns, e não quero ser vista como uma extensão do meu pai por outros.

— Mas você não se importa de ser vista como uma extensão da rainha de Naboo? — Bonteri perguntou.

— Eu fui rainha de Naboo — Padmé frisou. — Sempre farei parte daquele sistema, apesar de acreditar que também posso ser algo mais.

Bonteri serviu duas xícaras de chá e passou uma delas para Padmé. O aroma não era familiar. Bonteri tomou um gole e Padmé a seguiu. O sabor era mais floral do que ela gostaria, mas não inteiramente desagradável.

— Existe um número crescente de senadores que sente que essa lealdade ao planeta natal, independentemente da votação, não é uma coisa ruim — Bonteri disse lentamente. Ela olhou nos olhos de Padmé, mas Padmé manteve o rosto impassível e tomou outro gole do chá.

— Um senador deveria manter certo equilíbrio — ela afirmou. — Deveria amar seu planeta de origem, mas enxergar a galáxia como um todo.

— Será que isso é realmente possível? — Bonteri perguntou. — Enxergar toda a galáxia e continuar sendo objetivo?

Padmé considerou suas palavras. Bonteri geralmente era muito mais aberta do que Mon Mothma, mas ficou claro que Mon Mothma acreditava na República em primeiro lugar. O que Bonteri estava sugerindo não era traição, mas era

perigoso, e ela não conseguia dizer em qual lado da questão Bonteri se encontrava.

— Acho que devemos tentar — Padmé finalmente disse.

Bonteri terminou seu chá e Padmé não sabia se tinha passado ou não no teste. Também não sabia se realmente *queria* passar ou fracassar no teste, mas Bonteri não pareceu decepcionada com ela, então considerou que tinha se saído bem o bastante.

— Você terá de trabalhar mais duro do que os outros — Bonteri disse. — Você já manipulou as regras do Senado uma vez ao derrubar o Chanceler Valorum e depois voar de volta para Naboo para resolver seus próprios problemas assim mesmo utilizando a força militar.

— Estou ciente — Padmé afirmou. — É mais difícil manter a objetividade quando o seu próprio povo está morrendo, mas quero fazer parte de um Senado que sente o mesmo por *todos* os povos.

— Você é uma idealista — pontuou Bonteri. — Isso não é uma coisa ruim.

— Eu sei — Padmé declarou. — Trabalhei muito por isso.

— Mais chá? — Bonteri perguntou, levantando o bule.

— Obrigada — Padmé disse. — Gostaria de saber como vão os seus planos para a reforma educacional, se você tiver tempo.

Bonteri tinha tempo, então elas passaram trinta prazerosos minutos imaginando como reformariam o sistema se tivessem dinheiro, tempo e pessoal ilimitados, e depois um tempo menos prazeroso calculando o que era possível com os recursos que Bonteri tinha na realidade.

— Poderíamos fazer muito mais se as pessoas nos ouvissem — Padmé disse.

— As pessoas estão ouvindo — Bonteri respondeu. — Só não estão prestando atenção.

O comunicador de Padmé emitiu um sinal e ela se lembrou de que precisava voltar para casa para dar a Cordé e Dormé os relatórios sobre a reunião do comitê. Dificilmente uma delas teria de substituí-la presencialmente na sala, mas elas precisavam saber todos os detalhes para o caso de estarem atuando como dublês em alguma função não relacionada e alguém tocasse no assunto. Era complicado e provavelmente um exagero de preparação, mas Padmé contara com suas damas de companhia por tempo demais para deixar de usá-las agora.

— Preciso ir — ela declarou. — Obrigada pelo chá.

— Disponha, senadora — Bonteri disse. — Estou sempre disponível se precisar desabafar suas frustrações sobre nosso processo parlamentar.

Seu próprio comunicador emitiu um sinal e ela fez uma careta.

— Bom, quase sempre disponível.

Padmé considerou o que Bonteri disse durante a volta para a residência.

Alguns senadores valorizavam sua lealdade a Naboo, enquanto outros não confiavam nela por causa disso. Alguns apreciavam sua personalidade distante, enquanto outros exigiam que fosse mais sociável. E alguns nunca iriam gostar dela, independentemente do que fizesse, porque acreditavam nas mentiras que a Federação de Comércio espalhava sobre ela. Seu objetivo não mudou: em vez de alterar a si mesma completamente para atender às restrições que seus colegas consideravam apropriadas, ela continuaria como estava fazendo. Precisaria de uma facção para apoiá-la em algum ponto, mas decidiria como isso seria quando chegasse a hora.

Typho estava esperando por Padmé na nave, claramente frustrado pelo tempo em que havia ficado longe de sua supervisão direta. Não importava quantas vezes ela lhe lembrasse que os guardas senatoriais eram altamente treinados e excepcionalmente leais, ele ainda preferia quando a responsabilidade por sua segurança ficava com ele ou com Mariek. Não era exatamente igual ao Capitão Panás quando ficava furioso por causa de sua proteção, mas era familiar o bastante para ser um conforto. Padmé resolveu facilitar as coisas para Typho nos dias seguintes. Elas haviam abusado dele ultimamente e a tensão estava começando a aparecer.

— Obrigada por esperar, sargento — ela disse para ele agora. — Sei que você não gosta quando fico por conta própria.

— A sua reunião terminou há mais de uma hora, milady — ele observou. — Checar remotamente não é o mesmo que uma confirmação física.

— Vou me lembrar disso da próxima vez — Padmé disse.

— Próxima vez? — ele pareceu resignado com seu destino.

— Sim, próxima vez — afirmou Padmé. — Haverá outras reuniões e também vou precisar de um tempo para pensar sozinha quando terminarem.

— Talvez possamos tomar providências quanto a isso — Typho disse. — Se você fosse a um local fixo, eu poderia...

— Estive pensando em trazer aquele astromec comigo — Padmé interrompeu. — Não faz parte do procedimento exatamente, mas muitos senadores têm seus próprios droides.

— R2-D2 não é uma unidade de defesa — Typho pontuou.

— Não, mas ele pode fazer gravações e chamar ajuda se for preciso — Padmé retrucou. — Além disso, ele pode dar um eletrochoque em qualquer um que chegar mais perto do que eu gostaria. Vai fazê-los pensar que sou um pouco rústica, sendo acompanhada por um mecânico, mas...

— Todos nós temos nossos disfarces — Typho comentou. Padmé podia vê-lo incorporando o astromec em seu plano de defesa. — Existe uma vantagem em usar droides para segurança. As pessoas suspeitam quando há guardas ao seu

redor, mas é muito mais comum que não prestem atenção em um droide.

— Aí está, viu? — Padmé disse. — Posso pensar na minha própria segurança, se precisar.

— Estou muito orgulhoso, milady — Typho declarou ironicamente. — Mas ainda vou precisar falar com Mariek antes que possamos deixá-la tentar.

— É claro, Sargento Typho — ela concordou.

Juntos, eles embarcaram no transporte e Typho instruiu o condutor a retornar para a residência senatorial. Padmé olhou para Coruscant enquanto voavam. O Templo Jedi brilhava sob o sol poente e Padmé sentiu uma pontada de culpa. Ela havia parado de procurar por Shmi Skywalker e isso porque não sabia como continuar. Sentia que havia quebrado uma promessa, embora nunca tenha realmente prometido nada, e não sabia o que fazer a não ser confiar no sistema de que Sabé havia encontrado evidências em Tatooine. Ela não gostava de desistir das coisas.

Padmé olhou além das luzes brilhantes dos níveis superiores e ricos de Coruscant e para baixo nas partes mais pobres e perigosas do planeta-cidade. Ela não conseguia enxergar muito longe. Sentiu que era isso mesmo que Coruscant queria. Naboo havia tentado isso antes, dividindo a população contra si mesma, e o resultado foi quase o fim do planeta. Padmé resolveu prestar atenção, não apenas ouvir, e não apenas olhar, mas enxergar.

CAPÍTULO 12

SABÉ TOMOU UM GOLE do seu caf claramente inferior e tentou não parecer impaciente. Aquele contato em particular estava sempre atrasado, mas fornecia informações confiáveis, então ela achava que seu tempo seria produtivo. Kooib-s Guvar era uma holojornalista de uma das redes de notícias mais prestigiadas de Coruscant, mas também trabalhava para um estabelecimento de reputação muito pior, escrevendo para os tabloides em troca de créditos extras. Já que jogava dos dois lados, ela sempre tinha ótimo acesso.Tonra fez o primeiro contato, se passando por um estudante de jornalismo que estava ansioso para fazer *qualquer coisa* para entrar no mercado, e a encaminhou para Sabé antes que as coisas ficassem sérias demais.

O local do encontro foi o lugar que Tonra gostava tanto, uma lanchonete que não era totalmente horrível chamada Dex’s. Sabé teve de admitir que a comida não era de todo ruim. Mais importante, a clientela era barulhenta e em constante movimento, o que proporcionava uma boa cobertura. Agora Sabé estava em uma das cabines: duas cadeiras duras de plasteel com uma mesa no meio.Tonra preferia o balcão, onde podia se sentar em um banco e observar o dono cheio de braços trabalhando na cozinha, mas Sabé não gostava de ficar com as costas expostas.

— Tsabin — Kooib-s disse, deslizando no banco em frente a ela.

Kooib-s era uma fêmea humanoide sem pelos que era apenas um pouco mais alta que Sabé. Ela tinha uma pele salpicada em púrpura, brilhantes olhos azuis, um nariz largo e dentes pontiagudos. Suas mãos tinham sete dedos e Sabé presumiu que seus pés também tinham, embora obviamente não pudesse pedir que ela os mostrasse. No topo da cabeça havia pequenos chifres vermelhos formando um círculo que terminava em uma ponta fina como uma agulha a dois centímetros de seu crânio. Ficar olhando era uma indelicadeza, mas Sabé ficou hipnotizada pela aparência de Kooib-s. Geralmente, ela não se interessava por não humanos, mas acontecia de vez em quando, particularmente com fêmeas interessantes.

— O que você tem para mim? — Sabé perguntou, chamando o droide de serviço e pedindo mais dois cafs. As xícaras foram depositadas na mesa

imediatamente e Kooib-s pegou uma e cheirou.

Ela fez uma careta e colocou a xícara de volta na mesa.

— A senadora de Chandrila vai dar uma festa na semana que vem. Existe uma suspeita de que ela vai usar essa festa como disfarce para discutir algo com alguns senadores escolhidos a dedo, mas não sabemos o que é.

— Por que você se importa com o que a senadora de Chandrila faz em uma festa particular? — Sabé perguntou.

— Porque não é uma festa particular — Kooib-s disse. — Vai ser a primeira vez que ela dá um baile de gala público, então os jornalistas estarão lá com força total.

— Então como ela pode esperar ter uma discussão privada? — Sabé vinha lendo sobre Mon Mothma, e a mulher não era nem um pouco estúpida.

— Ela planeja convidar alguém para ser uma distração — Kooib-s confidenciou.

Sabé suspirou. A lista de possíveis distrações era bastante curta.

— Você sabe que vou acabar descobrindo — Kooib-s disse.

— Descobrindo o quê? — Sabé era nova naquele jogo em particular, mas estava muito acostumada a manter o rosto neutro.

— O que é que você quer? — Kooib-s perguntou. — Por que está tão interessada no Senado o tempo todo?

— Gosto de saber o que se passa no governo — Sabé respondeu entre dentes cerrados. — Sou uma cidadã engajada.

— É claro que é — Kooib-s zombou. — E eu sou uma dançarina na Ópera das Galáxias.

Sabé olhou para ela de cima a baixo.

— Você poderia ser.

— Nossa, Tsabin! — Kooib-s reagiu, colocando a mão sobre aquilo que Sabé presumiu ser o centro de seu sistema cardiopulmonar. A jornalista riu. — É melhor deixar o flerte para Tonra. Ele é muito melhor nisso.

— Isso não é particularmente reconfortante — Sabé disse.

— Você só precisa vê-lo em ação — Kooib-s afirmou, sorrindo. — Não sou a única que se encaixaria muito bem na ópera.

Ela jogou seu caf no chão debaixo da mesa, para a consternação dos droides de serviço, e depois saiu. Sabé pagou a conta, mas ficou um pouco mais tomando sua xícara, embora já estivesse fria.

Ela precisava encontrar um novo contato. Se Kooib-s os estava investigando, mesmo que apenas para mantê-los atentos, ela poderia chegar perto demais de seu real propósito. Sabé não gostaria de perder Kooib-s, mas era melhor fazer um jogo seguro. Ninguém podia saber que o maior interesse de Sabé no governo

era a Senadora Amidala. De agora em diante, eles apenas usariam Kooib-s Guvar se tivessem exaurido todas as outras opções.

O droide estava flutuando perto dela, claramente esperando que Sabé se levantasse e liberasse a mesa, então ela fez exatamente isso. Segurou a porta aberta para um pequeno garoto de cabelos e olhos escuros que equilibrava uma grande bandeja de entrega nas mãos. Ele olhou brevemente para ela e depois para seu punho, onde Sabé usava o comunicador que a conectava com Tonra. Era um equipamento caro que ela havia tentado fazer parecer mais barato, mas o garoto claramente não se deixou enganar. Ele olhou novamente nos olhos de Sabé e ela apertou os lábios.

— Perdão, madame — ele disse, abaixando-se sob o braço dela e saindo apressado pela rua.

Sabé o observou por um tempo, fazendo uma anotação mental para modificar o comunicador assim que possível, depois voltou para o apartamento que ela e Tonra haviam alugado. Ela usou o pequeno banheiro, apanhou um saco de frutas durang secas na cozinha e se trancou no closet de seu quarto. Escaneou o apartamento em busca de dispositivos de escuta e depois ativou o sinal que chamaria a atenção de Padmé, ou de Versé, se Padmé não estivesse em casa.

— Sabé? — o holograma de Versé apareceu na sua frente.

— Preciso falar com Padmé quando ela chegar em casa — Sabé disse. — É importante demais para combinar um horário, então vou ficar esperando.

— Pode levar horas — Versé observou.

— Eu trouxe comida — Sabé mostrou a ela.

— Certo. Vou avisá-la.

O holograma foi desativado, lançando o closet na escuridão. Sabé se espreguiçou o melhor que podia e se ajeitou para esperar.

Padmé chegou em casa querendo nada além de conversar com pessoas em que ela confiava. Seu encontro com Mon Mothma se tornava cada vez mais inquietante conforme ela pensava sobre aquilo, e seu enigmático chá com a Senadora Bonteri apenas a deixou ainda mais paranoica. Ela mal havia tirado seu vestido senatorial e colocado sua túnica de descanso verde-clara quando Versé entrou.

— Sabé quer falar com você — Versé avisou. Vendo que Dormé e Cordé estavam ocupadas guardando o vestido no armário, ela começou a desfazer o cabelo de Padmé. — Ela disse que esperaria ao lado do transmissor em vez de combinar um horário.

Padmé suspirou.

— Faz quanto tempo? — ela perguntou.

— Um pouco mais de duas horas — Versé respondeu. — Ela tinha comida.

— Não espere por mim para jantar — pediu Padmé. — Só mantenha algo quente.

— Certo — Versé confirmou. — E você também recebeu isto.

"Isto" era um hologravador descartável, do tipo que podia ser programado para reproduzir uma mensagem e armazená-la, mas não tinha capacidade para transmitir. Padmé o ativou e se surpreendeu quando um pequeno holograma de Mon Mothma apareceu em sua mão.

— Senadora Amidala — o holograma começou —, eu gostaria de convidá-la, junto com suas três damas de companhia, e quantos guardas achar necessário, para um evento de gala que darei na próxima semana.

— Nós três? — Cordé questionou, mas depois ficou em silêncio quando a mensagem continuou.

Padmé ouviu os detalhes e passou o dispositivo para Dormé, que os anotaria na agenda.

— Vou conversar com Sabé primeiro, depois lidamos com isso — ela disse.

As três se curvaram e depois a deixaram sozinha. Padmé tirou de sua mesa o transmissor que estava conectado com o apartamento de Sabé e o ligou.

— Quais são as novidades? — disse quando a figura de Sabé apareceu.

— A Senadora Mon Mothma vai dar um baile de gala — Sabé informou.

— Eu sei. Acabei de receber o convite. É para mim, as três damas de companhia e alguns guardas.

— Quanta generosidade — Sabé ironizou. — Minhas fontes acham que Mothma vai usar o baile de gala como disfarce para ter conversas privadas com senadores alinhados a ela, apesar de não saberem em qual assunto eles se alinham.

— Ela não pode fazer isso em público — salientou Padmé. — A não ser que tenha uma...

— Distração — Sabé completou.

— E que melhor distração do que a Senadora Amidala — Padmé disse. Não foi uma pergunta.

— Você vai? — Sabé perguntou.

— Eu tenho que ir. E eles estarão esperando por três damas de companhia, então colocar uma no meu lugar seria arriscado demais. Todas elas já passaram um tempo no edifício do Senado como apoio visível para a persona da senadora. "Padmé" não tem o anonimato que costumava ter, principalmente se alguém estiver contando as damas de companhia.

Padmé bateu com os dedos na superfície de sua penteadeira, sua mente vasculhando as possibilidades.

— Não posso ser o foco da atenção da festa — ela finalmente disse. — Tenho

que ouvir o que eles estarão conversando. Preciso ver pessoalmente. O tom de voz e a linguagem corporal, não apenas um relato de como foi. Tive uma conversa muito estranha com Mon Mothma hoje, e uma ainda mais estranha com Mina Bonteri depois. As duas queriam conversar sobre minha lealdade com a República, mas acho que existe algo maior em jogo, e preciso saber o que é.

— Quantos guardas você pode levar? — Sabé perguntou. A imagem tremeluziu e Padmé percebeu que ela estava anotando tudo.

— Quantos eu achar necessário — Padmé respondeu, usando as palavras do convite. — Tenho um grupo de seis, como é padrão, mas nunca uso todos ao mesmo tempo.

— Eu poderia ir junto como um dos guardas — Sabé declarou. — E depois poderíamos trocar de lugar quando garantirmos a segurança.

— Você quer fazer uma troca durante a festa, num local desconhecido? — Padmé esclareceu. — Faz muito tempo que não fazemos isso.

— Temos uma semana para nos preparar — Sabé disse. — Isso é aproximadamente cento e sessenta e sete horas a mais do que tivemos para nos preparar para a invasão de Naboo.

— Você acha que consegue aprender tudo sobre o Senado nesse tempo? — Padmé perguntou. — Você vai precisar dormir em algum momento.

— Eu consigo — garantiu Sabé. — Eu era a melhor como sua dublê porque eu era a melhor imitando você. Mesmo se eu não souber todos os detalhes, posso falar as coisas que você falaria.

— Eu ainda me sentiria mais confortável se você ficasse aqui por uma semana para que pudéssemos prepará-la — Padmé pediu. — Tonra ficará bem sozinho?

— Sim — Sabé respondeu. — Ele não vai ficar contente, mas vai ficar bem.

— Acho que Typho e Mariek também não vão ficar contentes — Padmé disse. — Considerando que Panás nos treinou especificamente com a manobra da dublê em mente, eles ficam muito ansiosos quando a usamos.

— Ao menos dessa vez você vai contar para eles — Sabé observou. — Isso vai fazer com que se sintam melhores.

— Espero que esteja certa — Padmé disse. — Versé transmitirá os detalhes de como vamos trazê-la para a residência logo que tivermos um plano. Você não precisa ficar esperando do lado do transmissor.

— Ótimo. É um pouco apertado aqui neste closet e posso ouvir Tonra andando do lado de fora. Acho que ele está começando a ficar nervoso.

— Vá contar o plano para ele — Padmé declarou. — Entraremos em contato.

Sabé assentiu, e então sua imagem piscou e desapareceu. Padmé tomou um momento para se recompor. Ela olhou para o espelho e percebeu que Versé havia retirado todas as presilhas, mas não teve tempo de desenrolar seu cabelo. Parecia

bizarra e imaginou por que Sabé não dissera nada. Padmé levou alguns momentos para consertar a bagunça e depois prendeu seu cabelo em uma trança simples caindo sobre as costas. Ela vestiu um par de sapatos macios e saiu em busca do jantar.

As outras já estavam na metade de suas pimentas Rodianas recheadas quando ela chegou na mesa, e Cordé tirou a cobertura do prato que elas mantiveram quente para Padmé.

— O que Sabé queria? — Mariek perguntou.

Padmé repassou os detalhes das informações sobre a festa e o plano que elas criaram.

— Três damas de companhia, três guardas — Mariek disse. — Vai ficar muito bem quando os jornais publicarem fotos de nós. Teremos que usar a versão completa do uniforme de Naboo com o chapéu para que o rosto de Padmé fique obscurecido.

— Essa é sua única objeção? — Typho perguntou.

— É claro que não — Mariek respondeu. — Mas elas já decidiram que farão isso, e dessa vez elas nos contaram, então vou oferecer apenas críticas construtivas.

— Obrigada, capitã — Padmé agradeceu.

— Olhe pelo lado bom, Typho — Dormé argumentou. Ela pousou a mão sobre o braço do sargento. — A senadora vestirá uma armadura que repele tiros de blaster, e você estará de pé ao lado dela por quase toda a noite.

— Até ela fugir de mim para ouvir seja lá o que quer ouvir — Typho disse. — Mas a armadura me deixa contente.

— Prometo ficar perto de você o máximo que eu conseguir — Padmé afirmou. Ela sorriu travessamente. — Mas imagino que você vai nos dar um espaço para trocarmos de roupa.

Ele ficou corado.

— Como vamos fazer para Sabé entrar na festa? — indagou Dormé, graciosamente retomando o assunto.

— Será que uma simples troca não funcionaria melhor? — Cordé perguntou. — Quer dizer, e se um dos seus guardas saísse, encontrasse Sabé em algum lugar, e então Sabé voltasse no lugar dele?

— Concordo — Mariek disse. — Não pode ser no apartamento, obviamente, mas tenho certeza de que encontraremos algum lugar.

— Quem você vai enviar? — Padmé perguntou.

— Corin — Typho respondeu. — Ele é o único baixo o bastante.

— Vou alterar um uniforme para que caiba em você e Sabé — declarou Dormé. — E começar a escolher o que Amidala vestirá. Será preciso um vestido

elaborado para justificar um ornamento de cabeça e a maquiagem que vamos precisar. E precisarei me certificar que o conjunto de maquiagem pode ser transportado para eu poder reaplicar durante a festa.

— Duas vezes — Typho observou. — Talvez seja preciso trocá-las de volta durante a festa.

— Como nos velhos tempos — Mariek disse com um sorriso. — E muito mais fácil quando o planeta não está prestes a ser invadido por Neimoidianos assassinos.

— Isso facilita um pouco — Padmé disse. — Versé, quero que você descubra o máximo que puder sobre o local da festa. Precisamos saber que tipo de segurança interna vamos encontrar. Se você precisar enviar alguém para ver pessoalmente, envie o Tonra.

Com isso, Padmé finalmente começou a comer sua pimenta. Versé vinha mexendo com a programação do droide cozinheiro outra vez. Aquela pimenta estava significativamente mais ardida do que as tentativas anteriores, enquanto Versé tentava compensar o código base Coruscanti do droide. Ela sorriu, com a boca ainda cheia, e Versé respondeu também com um largo sorriso. As outras terminaram suas refeições e Padmé as dispensou para suas tarefas. Logo estava sozinha, embora Typho não tivesse se distanciado mais do que a porta.

Sua vergonha secreta era o quanto ela gostava da manobra das dublês. Era perigoso, usada apenas quando elas absolutamente precisavam. Elas realizaram versões modificadas da manobra várias vezes desde que chegaram em Coruscant, mas fizeram apenas uma troca de verdade — com Padmé e a dublê presentes — naquela vez quando o droide NON deu defeito — um defeito ainda não explicado, apesar de todos saberem da afinidade da Federação de Comércio com droides. Agora elas fariam de novo, para saciar a curiosidade e a ambição política de Padmé, e mesmo tendo certeza de que era a coisa certa a fazer, Padmé não sabia se podia confiar no próprio julgamento. O plano colocava Sabé, de quem ela gostava profundamente, em perigo. Tantas coisas podiam dar errado; elas podiam estragar tudo de mil maneiras diferentes e o dano seria irreparável.

E ela *adorava* aquilo.

Adorava a excitação de ver alguém falando com Sabé pensando que era Amidala. Adorava a maneira como as pessoas simplesmente olhavam através dela, Padmé Naberrie, como se não fosse nada. Adorava tomar aquele vazio e usá-lo para seus objetivos. E, sim, era para sua segurança e, sim, suas intenções eram tão nobres quanto foram em Naboo. Ela ainda se lembrava de como olhara para o Capitão Panás sobre a cabeça de Sio Bibble e ele assentira indicando que era o momento.

Nós somos corajosas, Vossa Alteza.

Elas todas eram corajosas. Era assim que as damas de companhia eram escolhidas, ou ao menos era um forte aspecto disso. Era por isso que Saché tinha cicatrizes por todo o corpo: porque elas eram corajosas. Padmé nunca se permitiria esquecer, nunca se permitiria diminuir o que suas amigas fizeram por ela porque elas confiavam em Padmé e acreditavam que o que ela fazia era correto. Elas ficaram ao lado de sua rainha e agora também estavam ao seu lado, e Padmé faria qualquer coisa que pudesse para ter certeza de que era digna de sua lealdade.

Ela procurou seu pingente no pescoço, esquecendo por um momento que não o usava mais. Havia dado a Sabé como um presente, duas garotas em um planeta observando o céu acima se encher de naves que as cercavam. Fora um gesto infantil, embora não menos genuíno por sua inocência, e um dos últimos gestos desse tipo que havia feito. A Federação de Comércio se encarregara disso. Sabé havia tentado devolver o colar depois da Batalha de Naboo, como Padmé havia proposto, mas quando o momento chegou, Padmé mudou de ideia e disse para Sabé ficar com ele como um agradecimento de um planeta que nunca iria reconhecer completamente o que ela havia feito.

Agora Padmé usava um presente diferente, um que era pessoal e não tinha nada a ver com o povo de Naboo. Era feito à mão, como são os melhores presentes, e significava sorte e lembrança. Padmé não gostava de contar com a sorte e raramente precisava de ajuda para se lembrar de qualquer coisa, mas ajudava ter algo para focar seus pensamentos.

Padmé terminou o resto de seu jantar, apesar de já ter esfriado. Ela checou para saber se Typho estava bem, e quando ele assentiu, foi até a janela e permitiu a si mesma se perder no brilho das luzes.

CAPÍTULO 13

A SENADORA AMIDALA USAVA um vestido tão profundamente vermelho que quase se tornava preto. As mangas eram longas, quase se arrastando no chão quando ela andava, e o colarinho ornamentado tinha centenas de pontos dourados costurados no tecido. Seu cabelo estava preso em dezenas de tranças, cada uma enrolada firmemente e presa na parte de trás da cabeça. Daí se erguiam três círculos de metal entrelaçados, sobre os quais fios iridescentes foram trançados em uma teia que brilhava suavemente. Quando ela se virava e a luz batia nas dobras do tecido, tons escarlate e carmesim cintilavam por dentro, mas se você a olhasse rapidamente, não perceberia nada disso.

Ninguém olhava rapidamente para a Senadora Amidala.

Quando ela e sua comitiva começaram a descer os largos degraus da escadaria, todas as cabeças se voltaram na direção delas. Padmé respirou fundo. Se iriam olhar, então seria nos seus termos. Ela se certificou de atingir todos os holofotes no ângulo certo, movendo-se lentamente enquanto a pesada saia sibilava ao redor de seus pés. A saia não atrapalhava muito seus movimentos — o design de Naboo era o melhor possível —, mas parecia que atrapalhava, e a aparência apenas a deixava mais poderosa naquele momento.

Ela encontrou Mon Mothma na multidão. Um sorriso de satisfação apareceu no rosto da senadora de Chandrila quando todas as câmeras nos jardins se voltaram para monitorar a entrada de Padmé.

Vou mostrar a vocês, Padmé pensou. *Vou mostrar o que podemos fazer juntas*.

Elas foram conduzidas por um dos assessores de Mon Mothma — que discretamente as escaneou durante o processo — até uma mesa à vista de todos os terraços, onde elas poderiam se arrumar antes de se juntarem aos convidados da festa. Versé ficou encarregada do pedido das bebidas de cada uma. Ela retornou depois de alguns momentos com um pequeno droide atrás dela, um droide que prontamente derramou uma taça de vinho Toniray sobre a barra do vestido de Amidala. A senadora se retirou para um toalete com duas de suas damas de companhia e um guarda, mas não antes de oferecer uma graciosa dispensa ao alarmado droide de protocolo que apareceu para ver o que se passava. Versé já havia reprogramado o droide garçom e o enviado de volta.

Dormé havia feito um trabalho incrível e já tinha feito isso duas vezes naquela noite. Ela praticara em Cordé por uma semana, reduzindo o tempo que levava para aplicar a maquiagem e construir o penteado, até conseguir fazer tudo sozinha em menos de dez minutos. Quando ela, Padmé e Sabé se trancaram no toalete depois de checar a segurança, Dormé poderia fazer toda a troca enquanto dormia.

— Você é um pouco assustadora — Typho sussurrara em seu ouvido quando a senadora, a dama de companhia e o guarda reapareceram e voltaram a se juntar à mesa.

— Eu sei — Dormé disse. — Essa é uma das razões para você gostar tanto de mim.

O baile de gala acontecia em um dos jardins públicos dos níveis superiores de Coruscant. De dia, o espaço era um mercado de alta classe, com um saguão central circular e largos degraus se erguendo em três lados. Os jardins ficavam nesses níveis, cada um suportando um bioma diferente. As lojas que geralmente se alinhavam pelas passarelas foram escondidas, e em seus lugares havia confortáveis cadeiras, mesas com comes e bebes, e os residentes mais bem conectados que Coruscant poderia oferecer.

A Senadora Amidala era um alvo popular para qualquer um com uma câmera, mas Sabé notou que muitos senadores também a procuravam para cumprimentá-la. Ela agradeceu pelas sessões de estudo intensivo com Padmé. Ela conhecia a maioria de seus nomes dos relatórios que leu, mas associar os rostos era totalmente novo.

— Senadora Amidala, que ótimo encontrá-la — veio uma voz à sua direita.

Sabé se virou, uma operação nada fácil com aquele vestido, e percebeu que elas estavam prestes a encarar seu primeiro teste real naquela noite. Ela esperava que Padmé tivesse baixado o chapéu sobre o rosto.

— Senador Farr — Sabé falou com o tom modificado que Padmé havia desenvolvido para Amidala usar em funções sociais. Era muito mais flexível do que a antiga voz da rainha. A afeição que agora carregava suas palavras não era fingida: ela também gostava do senador Rodiano que era um dos amigos mais antigos de Padmé.

Onaconda Farr estava resplandecente vestindo um terno azul brilhante que fazia seus olhos faiscarem ainda mais do que o normal sob a luz daquela noite. Ele sorria, ao menos à maneira dos Rodianos, e já segurava uma taça na mão esquerda.

— É muito bom poder finalmente vê-la, minha querida — Farr disse. Ele se aproximou um passo a mais do que Sabé consideraria uma distância segura, mas como um velho amigo, ele tinha o direito. — Eu esperava encontrá-la antes, mas

imagino que você quis se estabelecer sozinha primeiro?

— Sim — Sabé disse. As damas de companhia e guardas se posicionaram na lateral da passarela para permitir que os outros pudessem passar enquanto os senadores conversavam. Padmé permaneceu atrás, junto com Typho. — Fico contente por você entender. Já é difícil o bastante ser uma novata, e por mais agradecida que eu fique com sua orientação e mentoria, não gostaria de ser vista como dependente das conexões de meu pai, entre outras coisas.

— De fato — Farr concordou. — É uma escolha inteligente, mesmo que nós dois gostaríamos que fosse diferente. Eu era, é claro, muito próximo de Valorum. Mas você está se saindo bem?

— Sim — Sabé respondeu. — Estou começando a me sentir em casa.

Sabé era a melhor dublê por várias razões, e a principal era o fato de que podia dizer verdades como Amidala que carregavam convicção porque eram verdades também para ela própria. Ela *estava* se sentindo em casa em Coruscant. Era um trabalho complicado e estressante, mas ela estava encontrando seu ritmo. Até mesmo estar ali naquela noite como Amidala fazia parte de sua atuação, e ela se sentiu completa pela primeira vez desde que pisara em Tatooine.

— Excelente — Farr disse. — Por favor, não hesite em me chamar, se assim desejar. Certamente já passamos do período de suspeição e não precisamos mais nos evitar. A essa altura, todos saberão que você é independente, ou então nunca saberão.

Alguém chamou seu nome em outro nível, e o Rodiano educadamente se despediu e se retirou. Sabé ouviu Dormé exalar fundo, mas ninguém mais teve qualquer reação.

Elas continuaram a cumprimentar os convidados. Amidala cumprimentou a Senadora Bonteri e o Senador Clovis, esse último também invadindo a definição de Sabé de distância segura. Cordé também chegou mais perto, desviando um pouco da atenção dele, mas Sabé relaxou apenas quando ele se retirou. Padmé teria problemas com aquele garoto se não tivesse cuidado. É claro, Sabé também tinha certeza de que Padmé podia tomar conta de si própria. Era mais provável que Clovis tivesse problemas com ela.

Havia câmeras por toda a parte, como sugeria a análise de Versé. Além dos droides e da segurança que fazia parte do parque, Mon Mothma incluíra suas próprias medidas. Vários dos senadores e todos os holojornalistas haviam trazido droides pessoais. Padmé deixara R2-D2 para trás, decidindo que não era um bom momento para fazer sua primeira aparição pública. As damas de companhia também eram guardas pessoais, mesmo que quase ninguém soubesse disso, e suas memórias eram quase tão eficientes quanto a do pequeno astromec.

Finalmente, Sabé encontrou um banco largo o bastante para ela se sentar com

seu vestido. Elas haviam decidido que fazia mais sentido que Amidala ficasse parada, mas o lugar onde originalmente haviam se acomodado era perto demais da entrada para ser prático. As pessoas viriam até ela e formariam uma multidão, e essa multidão chamaria mais atenção. Também providenciaria cobertura para quando dois dos guardas se retirassem para caminhar. Sabé se virou e estendeu os braços para que Dormé e Versé a ajudassem a se sentar sem esmagar o vestido, e então ela se instalou, como se estivesse no trono de Naboo, exceto que dessa vez ela era muito mais o centro das atenções do que fora como dublê da governante.

Dormé e Versé se sentaram ao seu lado enquanto Cordé permaneceu de pé — supostamente para ir buscar qualquer coisa que precisassem — e Mariek tomou seu lugar do outro lado, de pé em uma postura de descanso. Padmé e Typho se moveram atrás do banco, deixando que o cabelo e o colarinho de Amidala obscurecessem suas presenças.

Mon Mothma apareceu, com sua própria comitiva vindo atrás. Duas ou três holocâmeras desceram até uma distância onde podiam escutar o encontro.

— Senadora Amidala — Mon Mothma cumprimentou. — É muito bom ver todas vocês aqui ao mesmo tempo. Há muita discussão sobre suas companheiras, como tenho certeza de que você sabe.

Essa era a deixa para Dormé. Ela se levantou e se curvou para a senadora.

— Espero que possamos responder qualquer pergunta sobre nosso serviço para a senadora, a República e nosso próprio planeta natal de Naboo — ela disse. — É uma oportunidade maravilhosa para nós, e nossa primeira chance de aparecer em público desde que chegamos com a Senadora Amidala.

— Obrigada por nos incluir no convite, senadora — Cordé agradeceu. Ela também se curvou.

— É claro — Mon Mothma disse. — Vocês precisam me desculpar. Como anfitriã, tenho de receber a todos, e parece que realmente todos apareceram.

— Vai ser um prazer conversar com você mais tarde, senadora — Amidala declarou. — Depois que cumprir suas obrigações.

Mon Mothma se retirou, e ainda mais droides cinegrafistas se juntaram ao redor de onde Amidala estava sentada. Sabé sentiu um movimento atrás dela e entendeu que Typho e Padmé estavam saindo. Silenciosamente, ela lhes desejou sorte, e então concentrou toda sua atenção e charme no campo de batalha à sua frente.

Vestir calças era um alívio incrível. Padmé acompanhava facilmente o ritmo do Sargento Typho, os dois se movendo fluidamente pelos níveis lotados enquanto analisavam onde teriam o melhor ponto de vista. Ninguém abria caminho, como fariam para Amidala, mas Padmé não precisava que ninguém

fizesse isso. Era muito mais confortável dobrar esquinas sem precisar de alguém para manter sua integridade física.

— Já tinha me esquecido do quanto o treinamento do Capitão Panás funcionava para os dois lados — Typho disse através do comunicador instalado no chapéu cerimonial de seu uniforme. — Passamos tanto tempo treinando para as damas de companhia interpretarem você que esquecemos quantas pessoas você consegue interpretar.

— Isso provavelmente fazia parte do plano — Padmé respondeu. — Sinto falta dele, sabe? Vocês são excelentes, e confio plenamente em vocês. Mas, mesmo assim. O seu tio era uma pessoa única.

— Imagino que não foi fácil para você perder o capitão e as outras damas de companhia — Typho disse. — Sei que foi por razões completamente diferentes, mas é uma perda mesmo assim, e você precisou seguir com uma equipe de apoio totalmente nova.

— Sempre senti que estava tirando o Capitão Panás de sua família. Ele se concentrava tanto em mim, no trono, que nunca fazia mais nada — Padmé disse.

— Ele sempre foi assim — Typho observou. — Mariek me disse que a obsessão dele com a sua segurança foi a melhor coisa que poderia ter acontecido porque deu a ele algo para trabalhar. Mesmo com o jeito como terminou.

— Eu tento dar espaço para sua família, mas você sabe que se precisar de alguma coisa, você pode pedir, não é?

— Eu sei — Typho disse. — E Mariek e Versé também sabem. E acho que Quarsh também, em algum nível. Acho que vai melhorar depois que o canhão de íons estiver pronto e todos nós tivermos um tempo para nos ajustar.

— Tem sido desafiador para todos nós, mudar a equipe da rainha para a equipe da senadora — Padmé confessou. — Mas acho que estamos nos saindo bem.

— Concordo — Typho disse. — Agora, já que eu tecnicamente sou seu superior no momento, por que você não faz uma varredura no bioma do deserto enquanto eu subo um nível para fazer a varredura da floresta? Deixe seu comunicador aberto.

— Vou ter de limpar o uniforme de Corin depois — Padmé lamentou, suspirando. Parecia que ela sempre acabava lidando com uma bagunça quando se disfarçava. Ao menos, limpar o uniforme seria mais fácil do que esfregar marcas de carbono de um droide.

Typho sorriu para ela e começou a subir para o nível da floresta. Padmé seguiu para o bioma do deserto, admirando quão bem projetados eram os jardins: até o ar era mais seco. Ela andou com passos decididos entre arranjos de cactos e grupos de convidados, procurando visualmente por Mon Mothma o mais

casualmente que conseguia.

— Eu a encontrei — Typho anunciou no comunicador. — Nível da floresta, terceira seção.

— Cobertura? — Padmé perguntou, voltando para a escadaria que acabara de usar e começando sua subida.

— A maioria arbustos pequenos, mas tem algumas árvores maiores — ele relatou.

— Estou a caminho — Padmé disse. — Veja se consegue encontrar um bom lugar para se esconder.

— Já estou procurando — afirmou Typho. — Ela está com Organa e seu amigo Farr, e mais alguns que não consigo ver claramente.

— Bonteri? — Padmé perguntou. Ela alcançou o nível da floresta e começou a se mover no meio da vegetação em vez de usar a passarela.

— Não que eu possa ver — Typho disse. — Acho que eles escolheram este nível porque as holocâmeras teriam que ficar diretamente em cima deles para gravarem. Eu mal consigo enxergar qualquer coisa.

— Como está o som? — Padmé perguntou. Sua respiração estava um pouco acelerada por ter atravessado o bioma rapidamente, embora tenha pulado um tronco sem dificuldade. Ela pensou que deveria provavelmente acrescentar algum tipo de exercício físico e treinamento de segurança em sua rotina diária, mesmo que apenas para se manter no nível dos seus guardas.

— Muito bom — ele disse. — Você já está aqui?

— Bem atrás de você — Padmé respondeu, ainda um pouco ofegante. Para seu crédito, Typho não se assustou.

Eles se moveram em silêncio por um momento, tentando encontrar um bom ponto de vista, mas a cobertura das árvores era eficiente demais para bloquear a visão.

— Isso não vai funcionar — Padmé disse. — A razão de fazermos tudo isso — ela fez um gesto mostrando seu disfarce — é podermos *vê-los*. — Ela olhou para cima com uma expressão contemplativa no rosto. — Você consegue me aguentar em seus ombros?

— Consigo até você agarrar aqueles galhos — ele respondeu. — Venha, vou te dar um impulso.

Ele juntou as mãos e se preparou para apoiar o peso. Ela pisou em suas mãos e subiu, usando o tronco da árvore para se equilibrar, até ficar de pé sobre os ombros dele.

— Um pouco para sua esquerda — ela disse.

Typho deu dois passos para sua esquerda e Padmé esticou o braço na direção do galho. Ela o apanhou e ergueu seu corpo. Quando estava pronta, se apoiou no

tronco outra vez e olhou para baixo na direção de onde os senadores estavam agrupados. Daquele ponto de vista, ela tinha uma visão clara do grupo. Padmé vasculhou a área ao seu redor em busca de câmeras ou medidas de segurança, e quando não encontrou nada, voltou a atenção para o chão.

— Só não tenho certeza de que podemos confiar nela — Farr estava dizendo.

Padmé se sentiu um pouco magoada. Ela pensava que pelo menos o velho amigo de seu pai confiaria nela.

— Ela está recebendo transmissões fortemente criptografadas vindas de fora do planeta, e ela não menciona essas transmissões — Farr continuou.

Padmé franziu o rosto, confusa por um momento. Ela não estava recebendo nenhuma transmissão que não fosse de Sabé, e apesar de Sabé estar usando um sinal criptografado, ela não fez tentativa nenhuma de disfarçar o fato de que as transmissões vinham de Coruscant.

— Ela está tentando recrutar a Senadora Amidala para seja lá o que estiver fazendo — Organa disse.

De repente, tudo fez sentido para Padmé. Eles não estavam falando sobre ela, estavam discutindo a Senadora Bonteri.

— E devemos deixá-la? — Mon Mothma perguntou. — Pode facilitar o convencimento da Senadora Amidala.

— Acho que você não deveria subestimá-la — Organa disse. — Ela não vai permitir que você a use, e é esperta demais para não perceber o que você estará fazendo se tentar.

— Ela é leal? — Mon Mothma perguntou. — Naboo é leal?

— Eu acho que ela é — respondeu Farr. — Acho que Naboo também é. Eles seguirão o que ela determinar.

— Acho que podemos arriscar perguntar a ela diretamente — Organa disse. — Hoje, se conseguirmos separá-la de sua comitiva.

Padmé sentiu um frio na barriga.

— Ah, não — ela sussurrou.

— O que foi? — Typho perguntou.

— Estou descendo — ela disse.

— Devagar, não pule — Typho ordenou, embora saltar fosse mais rápido. — O chão é muito irregular para aterrissar bem.

— Você está conectado com Mariek? — Padmé perguntou enquanto descia.

— Não neste canal. — Typho ergueu as mãos para guiar os pés dela de volta para seus ombros e grunhiu quando o peso dela se apoiou nele. — Mas posso trocar. Por quê?

— Diga a ela para pedir que Dormé e Sabé me encontrem no toalete — Padmé disse. — O Senador Organa quer ter uma conversa séria com Amidala, e

ele não pode ter com Sabé pelo mesmo motivo que Sabé não poderia subir nesta árvore. Eles vão confiar em *mim*, então precisam ter a conversa comigo.

Padmé se apoiou no tronco da árvore e deslizou pelas costas de Typho da maneira mais graciosa que podia naquela pressa, ou seja, não muito. Ela não ficou lá para ouvir Typho transmitindo a mensagem, mas se dirigiu para a escadaria com a pressa mais casual que conseguia. Um guarda apressado chamaria atenção e ela precisava evitar isso agora mais do que nunca. Padmé desceu os degraus, passou pelo bioma do deserto e voltou para a escadaria circular no centro do jardim. No meio da descida, ficou presa atrás de um grupo de Ithorianos vagarosos que se recusavam a dar passagem, mesmo depois de notarem sua presença. Ela precisou de quase cinco minutos para educadamente abrir caminho entre eles, e nesse ponto tinha certeza de que Organa estaria na dianteira.

Finalmente, terminou a descida. Padmé viu Dormé e Sabé se dirigindo para o toalete e arriscou olhar do outro lado do saguão para a escadaria que o Senador Organa provavelmente usaria para descer. Ele não estava lá, então ela se aproximou e começou a acompanhar Amidala à sua direita. Elas estavam quase lá.

O Senador Organa apareceu em uma entrada completamente diferente, bem em frente a elas. Ele tentou iniciar uma conversa com Amidala, mas rapidamente percebeu para onde ela se dirigia e abriu caminho para deixá-la passar. Ele deu um passo à esquerda, não longe o bastante para abrir espaço para sua guarda, e olhou diretamente no rosto de Padmé.

Ele parou.

Ela não.

Padmé se desviou dele e seguiu Sabé pelos últimos passos até o toalete. Antes de a porta se fechar, ela ouviu uma leve risada.

CAPÍTULO 14

A SENADORA AMIDALA DEU uma volta completa no jardim das águas enlaçada no braço do Senador Organa. Eles observaram as elegantes piscinas, cada uma flutuando em diferentes níveis por intrincados campos repulsores. Eles admiraram as flores que cresciam na superfície de um lago que brilhava com uma suave luz púrpura. Depois se demoraram sob uma árvore que tinha bolhas em vez de folhas e ouviram o leve som das bolhas se soltando e flutuando na direção do nível seguinte. Estranhamente, não pareciam incomodados com as holocâmeras, principalmente graças ao bloqueador de sinal que o Senador Organa usava em seu cinto, escondido entre as dobras de sua capa.

E enquanto andavam, eles discutiam muitas coisas.

— Você está em seleta companhia, senador — Padmé disse a ele. Eles pararam para deixar um grupo maior passar. Vários deram boa noite ao Senador Organa, mas ninguém se demorou. — Apenas algumas pessoas sabem até onde minhas guarda-costas mais leais podem chegar, e apenas uma outra pessoa já descobriu isso por conta própria enquanto estávamos no meio de uma manobra.

— Foi pura sorte, eu diria — ele respondeu. — Se eu não a tivesse flagrado naquele exato momento, sob aquela luz e com aquela expressão no rosto, não teria me ocorrido.

— Geralmente consigo controlar minha expressão muito melhor — Padmé admitiu tristemente. — Estávamos em uma posição mais delicada do que o normal, apesar de que, dessa vez, a única coisa em jogo era meu orgulho profissional.

— Quem é a outra pessoa? — Organa perguntou.

— Seu nome era Qui-Gon Jinn, um Jedi — Padmé disse. Como sempre, um sentimento de tristeza quase arrebatadora ameaçou tomá-la quando pensou nele. Qui-Gon fora paciente e compreensivo com ela, nunca pedindo mais do que estava disposta a ceder, e ele dera tudo de si no final. — Ele morreu defendendo Naboo durante a batalha pelo planeta contra a Federação de Comércio. Os Jedi fizeram um memorial para ele lá, e nós o honramos como um herói.

— Sinto muito por sua perda, mas devo admitir que gosto de saber que estou em excelente companhia — Organa disse. Ele fez uma pausa, claramente

considerando como formular sua próxima pergunta. — A sua vida realmente é tão perigosa para ser necessário medidas tão extremas, ou isso é algum tipo de paranoia?

— Um pouco dos dois, eu acho — Padmé respondeu. Ela sabia que foi a paranoia que fez Panás abraçar a velha tradição tão ferozmente, mas o sucesso do plano era inegável. — Mas sempre que penso que estou apenas sendo paranoica, algo acontece.

— Como o quê? — Organa perguntou.

— Você se lembra de como nos conhecemos, senador? — Padmé perguntou. — Na segunda vez?

Organa riu.

— Você entrou na porta errada do edifício do Senado — ele observou. — E quase acabou incinerada.

— Nós fomos enviadas para lá, senador — Padmé disse. Ela vinha falando com seu próprio tom de conversa, mas caiu na voz de Amidala quando tocou em um assunto tão sério. — Minha unidade NON foi programada para nos levar até lá naquela hora. Na verdade, você falou com Cordé. Eu era a dama de companhia e você nem olhou para mim, mas isso é bastante comum. De qualquer modo, toda aquela situação foi um atentado contra minha vida.

— Você diz isso com uma calma impressionante — Organa comentou.

— Não foi uma tentativa particularmente bem-sucedida — Padmé disse a ele. — E não foi a primeira.

— Olha, isso só me deixaria menos calmo — Organa disse. — Mas agora entendo a necessidade de uma segurança tão intensa. Todos os senadores e políticos levam vidas complicadas, mas a sua parece determinada a superar o resto de nós.

— Você estraga os planos comerciais de uma conspiração galáctica e eles guardam rancor para sempre — Padmé disse sarcasticamente.

— Você custou a eles uma quantia inconcebível de dinheiro — Organa afirmou. — *Antes* de começarem a pagar os honorários advocatícios de Nute Gunray.

— Às vezes isso faz me sentir um pouco melhor — Padmé disse. — Como você acabou estando lá naquele dia?

— Você suspeitou das minhas intenções? — Organa questionou. Ele não parecia ofendido.

— Confiei em você desde aquele dia no jardim do Senado — Padmé confessou. — Mas emprego pessoas altamente treinadas cujo trabalho é suspeitar de senadores estranhos que eu encontro em corredores escuros.

— Eu estava deixando o prédio e vi seu transporte descendo os limites de

segurança — ele disse. — Eu me perguntei por que sua unidade NON não a avisou, mas quando se tornou óbvio que você não daria meia-volta, eu a segui. Não podia chamar o seu comunicador porque não sabia seu canal privado, então a intervenção direta era a única opção.

— Isso certamente vai fazer a Capitã Mariek se sentir melhor em relação a você — Padmé disse. — Agora, creio que você tinha algumas perguntas para mim?

— No Senado, a lealdade é algo sutil e sempre em mudança — Organa afirmou. — Mas existem certos limites.

— Como atacar um planeta soberano e mantê-lo como refém? — Padmé perguntou. — Não, espera, isso é aceitável, desde que possa pagar seus aliados para votarem a seu favor.

— A lealdade à República é imprescindível — Organa disse. Ele conseguiu não fazer aquilo soar condescendente, o que Padmé apreciou. — Lealdade à democracia.

— E se a democracia não retornar o favor? — Padmé perguntou.

— Então você precisa restaurar o processo democrático — Organa disse. — Sei que o Senado não se mexeu rápido o bastante para Naboo, mas a nomeação para chanceler do seu senador parou todas as discussões sobre todos os assuntos, com exceção daquela eleição. Você consegue trabalhar através dos canais oficiais.

— E o que faz você pensar que eu não vou? — Padmé perguntou.

— Suas ações como rainha de Naboo — Organa respondeu. — As suas ações agora. Você fica de fora de quase todos os comitês e não faz parte de nenhuma facção.

— Minha escolha de aliados me manteve viva em mais de uma ocasião, Senador Organa. Levo muito a sério a entrada em alguma facção — Padmé disse. — E para ser inteiramente honesta, estou fortemente considerando a sua, acontece que achei que vocês não me aceitariam.

— Nós a aceitamos agora — Organa informou. — Minha palavra carrega muito peso e Mon ficará grata pela distração de hoje quando souber que você a forneceu deliberadamente. Entre nós dois e o Senador Farr, você receberá uma posição.

Ela não duvidou dele nem por um momento.

— Não vou espionar a Senadora Bonteri — Padmé declarou. — E não vou desistir de minha amizade com ela. Admito que também estou curiosa sobre as atividades dela, mas não vou repassá-las a você, a menos que eu considere que a situação exija.

— Nós ficamos satisfeitos com isso — Organa disse. — Só peço que seja

sempre você conversando conosco, nunca uma de suas dublês.

— Isso é justo — Padmé assentiu. — Nós apenas tomamos nossas medidas de segurança hoje porque Mon Mothma me convidou aqui para servir como distração para a sua conversa. Não havia perigo, eu simplesmente precisava estar livre para me movimentar.

— Imagino que você esteja prestes a se tornar muito menos interessante para as redes de notícias — Organa declarou. — Mon Mothma pode ter alguns contatos para ajudá-la a se livrar deles.

— Mesmo aquelas que pertencem a subsidiárias da Federação de Comércio? — Padmé perguntou. Quatro anos como senadora não poderiam dar a Mon Mothma tanta influência.

Organa olhou para ela, surpreso.

— Você para alguma hora para dormir? — ele perguntou.

— É claro — Padmé respondeu. Ela não revelaria todos os seus segredos.

— Ela vai tirá-los do seu rastro — Organa disse. — Até mesmo a Federação de Comércio toma cuidado quando se trata de Chandrila.

— Fico satisfeita em saber — Padmé afirmou, embora se perguntasse qual seria o preço daquilo e quem pagaria. — Você me acompanha de volta para meus guardas? Dormé prendeu meu cabelo com muita pressa e bem apertado. Estou começando a ficar com dor de cabeça.

— Estou surpreso por você conseguir se mexer vestindo tudo isso — Organa disse.

— Anos de prática — ela respondeu. — Além disso, você tem o bloqueador de sinais sob sua capa. Imagine o tipo de tecnologia que posso esconder se precisar.

Elas não ficaram lá por muito mais tempo depois que Organa devolveu Padmé aos outros. Mon Mothma falou brevemente com ela, prometendo uma atualização em breve, e lhe agradeceu por ser uma distração tão excelente para as redes de notícias. Padmé apertou sua mão e fez seu melhor para não notar o pequeno sorriso do Senador Organa.

Sabé as deixou na porta para os jardins, mas Padmé conseguiu falar com ela brevemente antes de desaparecer.

— Obrigada, minha amiga — ela agradeceu. — Acho que esta foi a última vez que chamei você para se passar por mim.

— Foi quase divertido dessa vez — Sabé disse. — A falta de um perigo mortal me possibilitou curtir um pouco estar no comando.

— Só estou feliz por tudo ter dado certo — Padmé declarou. — Tire alguns dias para descansar, se você precisar. Espero que tudo fique mais tranquilo agora que Mon Mothma me tomou sob sua asa.

— Farei isso — Sabé disse.

Ela beijou Padmé no rosto e desapareceu no vibrante fluxo das luzes noturnas de Coruscant. Padmé se voltou para Typho e o deixou conduzi-la para o transporte.

— Obrigada a todas — ela disse, relaxando na companhia de suas amigas. — Agora, vamos para casa.

Na volta para o apartamento, Sabé sentia como se todos os seus nervos estivessem vibrando. Era sempre assim quando uma troca finalmente acabava. Ela conseguia manter a calma desde que estivesse atuando como a dublê, independentemente do que estivesse em jogo. Mas no momento em que ficava livre para ser ela própria outra vez, todas as suas emoções a atingiam ao mesmo tempo, e isso sempre a deixava inquieta. Sabé também estava com fome, já que não pôde comer nada durante a festa, mas decidiu esperar até chegar em casa antes de parar para comer.

Ela estava em seu alerta máximo, provavelmente se movendo como algum tipo de viciado em stim, e revivendo todas as cenas da festa em sua mente. Ela enganara Onaconda Farr! Que, na verdade, a conhecia e ficou do lado de Padmé. Depois, manteve a compostura diante da constante atenção das câmeras e holojornalistas na maior parte da noite, sem pestanejar. Sabé sentia que podia fazer qualquer coisa, ser qualquer pessoa, ser a Senadora Amidala, ser a rainha de Naboo outra vez. Sua adrenalina subiu e ela pensou que provavelmente era melhor que estivesse voltando para casa. Estava pior do que uma viciada agora e precisava de algo para trazê-la de volta à terra.

O apartamento estava escuro quando a porta se abriu e ela pensou que talvez Tonra estivesse fora. Então notou suas botas, alinhadas ao lado do espaço onde as botas dela ficavam, e percebeu que ele provavelmente já estava na cama. Sabé tirou suas botas o mais silenciosamente que podia e foi até a cozinha na ponta dos pés para ver se encontrava algo para comer. Ela tinha acabado de começar e vasculhar um dos armários quando as luzes se acenderam e teve um sobressalto.

— Tonra! — ela exclamou, virando-se para ele. — Você me assustou.

— Tudo tem sua primeira vez — ele disse. Tonra estava vestido para dormir, sua figura alta encostando-se no batente da porta enquanto olhava para ela. — Você está bem?

— Sim — Sabé respondeu. Ela desistiu de procurar comida de verdade e abriu uma barra de ração. Não era muito saborosa, mas cumpria seu papel rapidamente. — Estou bem, Padmé está bem. Está tudo bem.

— Estou contente em saber — ele disse. — Senti sua falta nessa semana.

Ela não o contatara. Nem uma única vez. Era o procedimento, é claro, mas agora ela desejava que eles tivessem combinado um protocolo para se

encontrarem enquanto estava fora. Deve ter sido um inferno para ele esperar e não saber de nada.

— Eu também senti sua falta — ela confessou. — É tão fácil se perder na órbita de Padmé, mas senti falta do trabalho que fazemos aqui.

— Ela já é sua amiga há muito tempo — Tonra disse. — Faz sentido você ficar envolvida nas coisas dela quando a encontra.

— É mais do que isso — Sabé afirmou. Ela terminou a barra de ração e limpou as migalhas das mãos. Nunca era fácil explicar, mesmo para pessoas mais próximas, a ligação que todas as damas de companhia compartilhavam.

— Você a ama — Tonra disse. Sabé congelou.

— É claro que sim — ela concordou. Ela olhou em seus olhos. — É uma relação complicada. Padmé pode me enviar para morrer e eu irei. E ela sabe disso. Nós trabalhamos tão duro para manter um equilíbrio que nunca realmente teremos. Até onde posso ver, ela sempre escolherá Naboo, e eu sempre a escolherei.

— Sinto muito — ele disse.

Sabé não suportava aquela piedade. Mais importante, não precisava dela.

— Mas eu não sinto — ela respondeu. — Sou o braço direito de Padmé Amidala Naberrie e sempre serei, mesmo se algum dia ela decidir seguir seu caminho em algum outro lugar. Eu não trocaria minha relação com ela por nada na galáxia.

— Nem mesmo por alguém que escolheria você? — Tonra perguntou. Ele era uma pessoa grande, mas pareceu menor quando disse aquilo e completamente vulnerável. — Alguém que a amasse, ou ao menos pensasse que ama?

Houve tempo em que Sabé teria dispensado aquele tipo de coisa imediatamente. Tonra nunca fora exatamente reservado sobre seus sentimentos, mas ouvi-lo abrindo-se daquela maneira era algo inteiramente novo. Antes, seu serviço para a rainha dificultava sustentar uma relação exterior. Mas agora era uma situação completamente diferente, mesmo se muitos dos sentimentos dela permanecessem inalterados.

— Bom, mas aí é que está — Sabé pontuou. Ela deu um passo em sua direção. — Eu nunca tenho que escolher entre vocês. A escolha já está feita. Cabe a você decidir se quer fazer parte daquilo que sou.

Sabé nunca foi tão honesta com um potencial parceiro antes, embora Tonra já fosse seu parceiro de várias maneiras que eram muito importantes.Talvez fosse por isso que ela estava sendo tão direta com ele. Ela queria que ele soubesse onde estava se envolvendo, e havia repentinamente decidido que gostaria muito que ele se envolvesse.

Tonra não se moveu, nem mesmo um pouco, então Sabé atravessou a cozinha

até onde ele estava, bem ao seu alcance, e esperou que ele se decidisse.

— Bom — ele declarou, finalmente —, acho que gostaria de tentar.

— Ótimo — ela disse.

Então ela fechou as mãos no colarinho da túnica dele, puxou seu rosto perto do dela e o beijou.

A intenção de Sabé era que fosse um tipo de teste, para ver se aquilo realmente daria certo, mas se transformou em algo mais profundo quase que imediatamente. As mãos dele encontraram seu quadril, depois suas costas, e ele a pressionou contra seu peito ao mesmo tempo que ela tentava puxá-lo ainda mais perto do que já estava. A boca dele suavizou e ele se afastou por um momento para respirar e pressionar beijos gentis contra o pescoço dela. Sabé não conseguiu segurar um gemido quando ele beijou bem no meio dos dois lados do colarinho de seu uniforme, e ela sentiu ao mesmo tempo em que ouviu quando ele riu.

A boca dele retornou para a dela, agora mais exigente, e já que Sabé também tinha suas exigências, ela se deixou empurrar na direção do balcão. Quando não podia ir mais adiante, as mãos de Tonra apertaram ao redor dos quadris dela e ele a ergueu até ela sentar na beirada com as pernas enlaçadas no corpo dele.

— Essa altura é muito melhor para você — ele disse.

— Cala a boca — ela retrucou. Mas Tonra estava certo. Daquela altura, era muito mais fácil agarrar a barra da túnica dele e puxá-la sobre sua cabeça.

Ele riu.

— Até onde você estava pensando em seguir no futuro imediato? — ele perguntou. E começou a desabotoar os vários botões que mantinham o uniforme de Sabé no lugar. Ele sabia onde todos estavam, é claro, e sua familiaridade o fez ser altamente eficiente, embora parecesse achar cada novo pedaço de pele exposta uma sublime distração.

Ela parou com as mãos sobre o cinto dele e sorriu.

— Eu aviso se quiser que você pare — ela disse.

Aquela foi a última frase completa que um dos dois disse por um tempo.

PARTE IV

AMIDALA RESPIRA NOVOS ARES APÓS DILEMA DA CONSTRUÇÃO

Após um início um pouco titubeante em sua carreira na política galáctica, a Senadora Padmé Amidala de Naboo parece estar se adaptando. Agora fazendo parte de vários comitês de prestígio, a ex-rainha planetária se tornou uma voz para outros povos, além de seu próprio, de maneira louvável: ajudando-os a construir o próprio teto sobre suas cabeças.

Trabalhando junto com senadores de renome como Mon Mothma de Chandrila e Onaconda Farr de Rodia, a jovem Amidala está ajudando a servir a galáxia ao mesmo tempo que respeita seu planeta natal por meio de seu estilo e vestuário, chamado de "elegante" e "chique tradicional". A Senadora Amidala é o novo rosto de que o Senado precisa.

Qualquer rumor sobre piratas no setor é, até o momento, infundado.

— TriNebulon News

CAPÍTULO 15

OS SEIS MESES SEGUINTES do serviço da Senadora Amidala no Senado Galáctico foram muito mais tranquilos. Seus novos aliados possibilitavam que ela fosse convidada a fazer parte de mais comitês e que as moções que ajudava a escrever recebessem um tempo real de discussão na assembleia. Ela ainda não tinha apresentado nenhuma moção pessoalmente, mas agora que estava trabalhando com pessoas de quem gostava, descobriu que não se importava de agir nos bastidores por enquanto, principalmente porque mais leis que ela apoiava estavam sendo aprovadas.

Padmé não concordava com tudo que Mon Mothma pregava e as duas frequentemente discutiam na privacidade de seus próprios escritórios. A senadora de Chandrila era contrária à violência, o que Padmé admirava, mas tendo que defender seu planeta no passado, ela se encontrava mais aberta a conflitos diretos. Aquele era um assunto que sabia que nem todos em Naboo concordariam. O povo de Naboo se orgulhava de seu pacifismo quase tanto quanto se orgulhava de seu viés artístico, mas a invasão da Federação de Comércio — e a aliança resultante com os Gungans mais militaristas — causara uma leve mudança na política de Naboo. Mon Mothma desaprovava aquilo e nunca deixava passar uma oportunidade para confrontar Padmé sobre o assunto.

— Então devemos armar todos os cargueiros? — Mon Mothma disse ao fim de um debate sobre pirataria nas vias galácticas do hiperespaço.

Ainda não havia um comitê oficial, apesar da previsão de Cordé, mas os piratas eram uma ameaça específica para qualquer legislação sobre transporte. Eles escolhiam seus alvos a dedo e pareciam aceitar riscos além do razoável para atacar qualquer comboio com materiais de construção, comida ou outras necessidades práticas. Eles não tinham superioridade numérica para realizar os ataques que faziam, mas atacavam mesmo assim. Padmé começava a suspeitar de toda essa história, mas ainda não estava confiante para expor essas suspeitas fora de uma reunião de comitê.

— Se você se lembra — Padmé disse friamente —, minha proposta era proteger alvos de alta prioridade com naves de ataque da República.

Ela sabia que Mon Mothma estava apresentando um argumento extremo, mas

na frente de testemunhas e conselheiros em quem ela confiava, era um luxo poder argumentar com mais veemência do que a assembleia do Senado permitia.

— E quando os piratas se organizarem em forças ainda maiores? — Mon Mothma perguntou.

— Talvez então possamos apanhá-los de vez — Padmé disse. — Do jeito que está, seus ataques menores são muito difíceis de rastrear, mesmo para droides-sonda. Se eles se reunirem, poderá ser mais fácil para nós rastreá-los.

— O risco é muito grande... — Mon Mothma começou a dizer, mas o Senador Organa a interrompeu.

— Acho que estamos fugindo um pouco do assunto — ele observou.— Se vocês se lembram, estamos discutindo como poderíamos melhor incorporar a oferta de reservas de combustível de Malastare para facilitar o envio de permacreto para Coyerti.

Eles voltaram para uma discussão menos acirrada e Padmé pensou, não pela primeira vez, ter detectado um leve sorriso no rosto de Mon Mothma. Isso não seria surpresa. Diferente das terríveis discussões sobre o canhão de íons em Naboo, Padmé gostava daqueles debates. Discutir com alguém que quase concordava com ela na maioria dos assuntos ajudava a aperfeiçoar sua argumentação e ela estava aprendendo bastante. Padmé descobrira que as posições de Mon Mothma eram extremas no início das conversas e quase sempre se moviam para o centro quando chegavam a um acordo. Era uma habilidade útil que Padmé sabia que precisava dominar.

Mas não era fácil. Ela tinha dificuldade em transformar seus debates em hipóteses acadêmicas em vez de assuntos reais que afetavam as pessoas. Ela não gostava de falar uma coisa querendo dizer outra, mesmo como um meio para chegar a algum acordo.

— Não acho que isso seja algo ruim — Onaconda Farr dissera a ela.

Foi um raro momento de vulnerabilidade de Padmé, quando confessara suas inseguranças para o amigo de sua família, não para seu colega senador. Ele foi esperto o bastante para entender isso e a aconselhou de acordo.

— Você não é nem um pouco ingênua — ele continuara. — Ou, no mínimo, você está ciente dos assuntos em que é ingênua, o que é mais do que posso dizer sobre mim mesmo, com certeza. Ser uma pessoa honesta e boa não a torna uma senadora pior. Você encontrará seu equilíbrio.

— E se eu não encontrar rápido o bastante? — Padmé perguntou.

— Você tem bastante tempo — ele disse, mas aquele era o único ponto em que Padmé não tinha certeza de que ele estava certo.

De acordo com Sabé, a opinião pública sobre Padmé estava melhorando. Ninguém em Coruscant realmente se importava com o Senado ou os

procedimentos senatoriais, mas eles liam as redes de notícias e Amidala ainda aparecia nelas com alguma regularidade. Mas o tom havia mudado. Antes, menosprezavam seu estilo elaborado de se vestir dizendo que era excentricidade de uma jovem aristocrata, agora falavam disso como honra à tradição e adaptação dos costumes de Naboo durante sua estadia na capital. Eles já não usavam sua personalidade para atacá-la. Era frustrante, porque as redes de notícias estavam relatando os mesmos assuntos de antes — só que agora de um ângulo diferente.

— Bom — Sabé disse —, ao menos fica mais fácil para todas nós com Mon Mothma no comando da situação.

— É tão inútil! — Padmé argumentou. — As redes de notícia deveriam ser imparciais, não controladas por investidores tendenciosos, mas elas controlam a opinião pública de todo mundo e manipulam a verdade. E se Mon Mothma e eu rompermos nossa aliança? Nós voltaríamos para onde começamos, apesar de que acho que ela não seria tão mesquinha quanto Nute Gunray.

— As redes precisam ganhar dinheiro de alguma forma — Sabé disse. — Você poderia trabalhar para controlar as notícias se quisesse, mas acho que nós duas sabemos que você tem outros planos.

Era um ponto difícil. A moção do Chanceler Palpatine para aumentar o trabalho da República contra a escravidão passou vários meses sem ser levada ao plenário, apesar das promessas do chanceler de que estava trabalhando para isso. Quando finalmente foi apresentada, a moção era tão leve que Padmé sabia que não serviria para nada. E então não recebeu votos suficientes e desapareceu de volta ao comitê. Padmé continuou acompanhando os desenvolvimentos, mas ficou de fora do comitê como Palpatine havia pedido.

— Naboo não pode ser vista como envolvida demais, minha querida — ele havia reiterado quando ela pediu outra vez para se juntar ao comitê depois do voto fracassado. — É o preço que pagamos por termos um chanceler e uma senadora. Estou fazendo meu melhor para representar sua voz porque sei o quanto isso significa para você, mas se nossa parceria em um assunto tão potencialmente radical se tornar de conhecimento público, temo que apenas surgirão mais obstáculos em nosso caminho.

Ela não concordara com ele inteiramente, mas respeitava sua posição e confiava nele o suficiente para obedecer, ao menos por ora. Mas não parou de pensar nisso e frequentemente fazia anotações sobre o assunto para o dia em que pudesse discursar em público.

Mesmo com essas pedras no caminho, Padmé se estabelecera bem entre os vários dignitários do Senado. O Senador Clovis ainda aparecia em seu escritório — sempre de surpresa, para a frustração incessante de Mariek — para conversar

com ela, mas eles não tinham nada em comum em suas operações diárias. Ele seguia os interesses do Clã Bancário e ela não conseguia dizer se ele tinha interesses próprios, ou se as prioridades de Scipio diferiam das prioridades do Clã.

— Ele é muito inteligente — disse a Cordé em uma tarde depois de Clovis ir embora. Mariek o acompanhara até a saída e retornara, resmungando sobre ser educado e avisar com antecedência. — Mas não sei se ele algum dia agirá com independência.

— Nem todo mundo tem seu estilo de comunicação — Cordé observou. — Alguém precisa acompanhar os votos, ou haveria ainda mais gritaria no Senado do que já existe.

— Talvez — Padmé ponderou. Certamente, um senador teria pouca utilidade se apenas acompanhasse os votos. Até mesmo o representante da Federação de Comércio, Lott Dod — que quase certamente era um fantoche de Nute Gunray —, usava sua posição para discursar de vez em quando, apesar de Padmé não confiar nem um pouco no Neimoidiano.

Mesmo assim, quando a sessão terminou e os vários senadores se preparavam para retornar a seus planetas para o recesso parlamentar, Padmé pôde olhar para suas conquistas desde sua chegada em Coruscant com alguma medida de orgulho. Como senadora, ela não tinha as conexões e influência que Palpatine tinha, mas estava a caminho de conquistá-las.

Padmé ajudou Dormé a terminar de arrumar aquilo que levariam de volta para Naboo, empilhando as malas em uma plataforma flutuante para R2-D2 conduzir até o vestíbulo, onde Cordé supervisionava a embarcação da carga. Era um trabalho calmante, dobrar roupas e embrulhar joias. Ela sentia falta de trabalhar com suas mãos, algo que todas as pessoas de Naboo eram treinadas desde o nascimento para fazer e apreciar.

Era a única coisa que ainda a incomodava, apesar de tudo estar indo bem em Coruscant. Mesmo sendo senadora por apenas oito meses, ela se via caindo na persona da Senadora Amidala com muito, muito mais determinação do que jamais teve como rainha. Quando era rainha, ela sabia que seu tempo chegaria ao fim e que algum dia Padmé Naberrie retornaria para a população em geral e teria de construir uma vida para si mesma. Agora ela percebia que a Senadora Amidala poderia ser quem ela era para sempre. Não havia limites para o mandato dos senadores e Padmé sabia que ela era boa no trabalho que fazia. Mas sentia o cargo lhe pesando. Sempre que precisava comprometer seus ideais. Sempre que mentia por omissão para o bem maior. Ela não sabia se esse era o tipo de futuro que desejava, construindo coisas com palavras em vez de ações ou materiais físicos.

Ela sentia que aquela Amidala era outro papel em que estava atuando. Como sempre, estava feliz por servir e sentia — de forma um pouco egoísta — um grande prazer nas vitórias que ajudava a conquistar na assembleia do Senado. Mas sabia que havia outras coisas a conquistar e, pela primeira vez em sua vida, começava a querer isso. Ela não sabia quantas novas identidades ainda lhe restavam. Não era nenhuma invasão de computadores que lhe permitia se reinventar de cidadã para princesa, para rainha, para senadora; apenas força de vontade. Aquele recesso era exatamente o que ela precisava. Era hora de visitar sua família, conversar com a rainha e considerar seu futuro com muita, muita seriedade.

Seu comunicador tocou assim que Dormé terminou de arrumar as roupas e Padmé a dispensou para aceitar a ligação em particular. Ela ativou o holograma e o Senador Organa apareceu diante dela.

— Senadora Amidala — ele disse —, ainda bem que a encontrei antes que partisse.

— Aconteceu alguma emergência? — ela perguntou. Padmé tentou afogar a pontada de ressentimento que sentiu diante da ideia de que teria de ficar. Afinal de contas, era seu trabalho.

— Não, nada desse tipo — ele respondeu. — Minha esposa, a rainha de Alderaan, pede desculpas pelo convite tardio, mas queria que eu perguntasse se você consideraria nos visitar por um tempo antes de retornar a Naboo. Ela sabe que fica fora do seu caminho, mas você e suas companheiras seriam muito bem-vindas.

— Eu ficaria honrada — Padmé disse. Ela caiu na formalidade diante da palavra *rainha*, por força do hábito. — Você poderia me dar um tempo para conversar sobre isso com meu pessoal? Eles passaram muito tempo longe de casa e eu não gostaria de atrasá-los.

— É claro — o Senador Organa disse. — Eu viajarei apenas amanhã.

Eles se despediram e Organa desconectou. Antes que Padmé pudesse se levantar para sair, outra mensagem veio, com um código que ela não podia ignorar. Ela respirou fundo antes de atender.

— Chanceler Palpatine — ela começou. — Espero não ter feito você esperar. Eu estava em outra ligação.

— Imagine, minha querida — ele disse. — Sempre tenho tempo para você.

Aquilo era claramente falso, já que havia vários aspectos do trabalho do chanceler que o deixavam incomunicável por horas, mas ela agradeceu a intenção.

— Como posso ajudá-lo, chanceler? — Padmé perguntou.

— Gostaria que você repassasse alguns comentários meus para a Rainha

Réillata — ele disse. — Quando retornar para casa.

— Será um prazer — Padmé afirmou. — Mas passaremos uma semana em Alderaan antes de seguirmos para Naboo, então talvez seja melhor você enviar uma mensagem em separado.

Palpatine geralmente exibia um ar de desinteresse quando falava via holograma. Padmé suspeitava que era porque havia um constante fluxo de informação circulando em seu escritório e sua atenção estava sempre dividida. Mas quando ouviu o comentário dela, seu foco se concentrou sobre Padmé completamente, e ela sentiu que estava suprimindo um arrepio.

— Não sabia que você havia se aproximado tanto de Bail Organa para visitá-lo em casa — ele declarou.

— O convite veio da rainha — Padmé explicou, embora não soubesse por que isso importava. — Ela deseja conversar comigo como ex-monarca, não como senadora.

— Entendo — Palpatine disse. Padmé quase podia ver os cálculos acontecendo em sua mente, embora não soubesse dizer o que exatamente calculavam. — Então vou enviar minha mensagem para a Rainha Réillata pessoalmente — ele continuou. — Mas, por favor, repasse meus cumprimentos para seus pais e sua irmã quando finalmente retornar.

— É claro — Padmé assentiu.

A imagem do chanceler desapareceu sem mais nenhuma palavra. Padmé permitiu a si mesma um momento de pura raiva egoísta, sentindo a emoção fervendo através de seu sangue. Ela não podia ajudar as pessoas escravizadas com dinheiro e não podia ajudar com política. Essas eram suas duas maiores áreas de influência, e ela tinha tão pouco poder que o chanceler nem mesmo se despediu propriamente. Ela sentiu um breve lampejo de desespero, o mais próximo que já chegou de desistir. E então desligou o comunicador.

Padmé respirou fundo e seguiu para a sala de jantar. Havia grandes janelas com vista para a cidade, mas hoje o céu estava tão nublado que era difícil ver muita coisa além das vias de tráfego de sempre. Ela fez uma chamada geral no comunicador, pedindo que as damas de companhia e os guardas se juntassem a ela quando pudessem. A maioria apareceu quase imediatamente, embora Cordé tenha se atrasado por causa de sua tarefa na plataforma de embarque.

— Nós fomos convidados para Alderaan — Padmé disse logo de início. — Todos nós, por um breve tempo antes de seguirmos para casa. Eu queria consultar vocês, porque sei que estão ansiosos para o feriado tanto quanto eu e não quero separá-los de suas famílias por mais tempo do que for preciso.

Padmé sentiu uma pontada de culpa. Por mais que quisesse aceitar o convite, sua própria irmã tivera uma filha apenas alguns dias antes e Padmé queria muito

ver as duas. Ao mesmo tempo, ela não conseguia parar de calcular os benefícios de viajar para Alderaan. Parecia que sempre teria duas mentes quando se tratava de família e trabalho.

— Ficarei contente em levá-la para onde precisar ir — Varbarós disse. — Nunca estive em Alderaan antes.

— Obrigada — Padmé agradeceu. Ela olhou as pessoas ao redor e falou como sua amiga, não sua senadora. — Por favor, sejam honestos sobre o que querem fazer.

Cordé e Dormé trocaram olhares, e Dormé pousou a mão no braço de Typho.

— Nós acompanharemos você, senadora — Typho anunciou. — Capitã, talvez mais um guarda?

— Eu também vou — afirmou Versé antes que sua tia pudesse falar.

Padmé e Mariek olharam uma para a outra. Fazia meses que a capitã de sua guarda não via seu marido.

— Uma visita rápida? — Mariek perguntou.

— Sim — Padmé disse. — Não mais do que uma semana.

— Então, que seja — ela respondeu. — Enviaremos todos os guardas para Naboo no transporte, exceto Typho e eu, e Varbarós pode nos levar e ver o máximo de Alderaan que quiser.

— Obrigada — Padmé declarou. Ela se virou para Cordé. — Podemos reorganizar as malas no caminho? Odeio causar mais trabalho, mas visitaremos uma rainha, então acho que vamos precisar de algumas roupas formais, e sei que elas ficaram no fundo.

— Daremos um jeito — Cordé disse. — Eu fiz uma lista de tudo, então se precisarmos encontrar alguma coisa, R2 vai conseguir encontrar a mala específica rapidamente.

— Excelente — Padmé declarou. — Obrigada por serem flexíveis. O Senador Organa tem me ajudado muito e acho que esse convite é tanto dele quanto de sua esposa. Estou feliz por poder aceitar e sei que isso é porque vocês estão dispostos a me ajudar.

Padmé fez questão de falar com cada um dos guardas individualmente. Depois voltou para seu quarto para ligar para o Senador Organa e informá-lo de sua decisão. Ele passou os planos de viagem de seu piloto e deu a ela o horário de sua partida, depois disse a ela que a veria em breve.

Terminado aquilo, Padmé apanhou o transmissor privado que usava para contatar Sabé e iniciou a chamada.

— Houve uma pequena mudança nos planos — Padmé disse quando o rosto de sua amiga apareceu. — Nada desastroso. Nós fomos convidados para passar alguns dias em Alderaan.

— Pelo senador? — Sabé perguntou.

— Pela rainha, sua esposa — Padmé respondeu. — Mas acho que a ideia foi dele. Não posso imaginar por que ela saberia qualquer coisa sobre mim se ele não contasse.

— Isso muda nosso procedimento? — Sabé e Tonra também estavam voltando para Naboo para o recesso parlamentar, mas haviam planejado viajar por conta própria.

— Estive considerando algumas mudanças para quando a próxima sessão começar — Padmé disse. — Podemos conversar com mais detalhes quando voltarmos a Naboo, mas acho que, se quisesse, você poderia viajar para Alderaan comigo. Você e Tonra.

Houve uma pausa enquanto Sabé considerava aquilo. Padmé sabia que ela era inteligente o bastante para ouvir todas as coisas que não estava dizendo. Coruscant não era tão perigosa quanto esperavam, e talvez os esforços de Sabé seriam melhor utilizados fazendo outra coisa além de posar como Tsabin e perseguir fantasmas e invasores pelas redes de notícias.

— Seria bom voltar a ser eu mesma por um tempo — Sabé declarou. — E acho que Tonra não reclamaria dessa pausa, se puder ser um guarda senatorial outra vez.

— Não sei se vai ser preciso guardar muita coisa — Padmé disse. — Mas sempre fico feliz em poder vê-lo.

Sabé deu um passo para o lado e o próprio Tonra apareceu no holograma. Ele provavelmente já estava de pé ao lado dela. Padmé sabia que de qualquer maneira sua amiga contava tudo que dizia a ele, então seria mesmo mais eficiente que ele simplesmente ouvisse tudo em primeira mão. Aquilo deixava o closet ainda mais apertado, mas eles claramente não se importavam com a proximidade e nem se importavam que ela soubesse.

— Não me importo de fazer essa parada — Tonra disse. — Será que eu poderia usar a nave real para enviar transmissões para minha família no caminho? Não pude me comunicar muito com eles, mas gostaria de avisá-los sobre o adiamento.

— É claro — Padmé afirmou.

Sabé voltou para a imagem e Padmé repassou todas as informações da viagem. Elas decidiram que seria mais fácil se Sabé e Tonra chegassem na residência à noite, depois de escurecer, e então poderiam embarcar no dia seguinte junto com todos. A familiar sensação de paranoia subiu pelas costas de Padmé enquanto faziam os planos, mas ela tentou não prestar muita atenção nisso. Quarsh Panás nunca foi capaz de silenciar essa sensação, mesmo não havendo nenhuma ameaça imediata e, embora sua dedicação tenha salvado

vidas, não veio de graça. Ela não queria seguir seu exemplo cegamente.

Quando tudo estava decidido, Padmé se despediu — com um entusiasmo consideravelmente maior do que o normal, já que estariam reunidos em breve — e encerrou a transmissão. Ela notificou os droides de que haveria mais duas pessoas para o jantar e café da manhã e que duas camas adicionais deveriam ser preparadas. Depois, escreveu para seus pais e para a rainha para informá-los de que se atrasaria e a razão para isso.

Dormé apareceu olhando para dentro do quarto.

— Versé vai nos ensinar como trapacear no Sabacc. Você gostaria de participar? — ela perguntou.

— Eu adoraria — Padmé respondeu. Ela já conhecia muito bem as trapaças tradicionais, mas era possível que Versé tivesse aprendido algo novo e, de qualquer maneira, Padmé nunca gostava de negar passar um tempo com suas amigas.

CAPÍTULO 16

A LDERAAN ERA AZUL E verde vista da órbita, com nuvens brancas na estratosfera que obscureciam a vista da terra abaixo. Embora o bioma geral e a composição ecológica fossem semelhantes aos de Naboo, Alderaan não tinha lua e não era possível confundir os dois, mesmo àquela distância. A nave estelar real de Naboo em formato de bumerangue esperava pela liberação da aterrissagem, dando a todos a bordo tempo suficiente para observar o planeta. O mundo girava e a nave passou para seu lado noturno. Agora era mesmo impossível confundir Alderaan com Naboo: as luzes que indicavam centros populacionais não permitiriam.

— Estamos recebendo a liberação para a aterrissagem agora — Varbarós disse para Sabé e todos que estavam ao alcance de sua voz.

Sabé havia passado a maior parte da viagem na cabine, observando a pilota manusear os instrumentos. Ela sabia que Padmé ficaria feliz em vê-la, mas ainda não conhecia as novas damas de companhia muito bem e não queria atrapalhar suas rotinas enquanto se preparavam para uma visita real. Fazia mais de um ano desde que estivera em uma nave classe-J, e ela gostava de ter tempo para voltar a se familiarizar com os controles e com Varbarós.

Ela contava a história de quando resgatou Tonra das garras de sua fonte jornalística Kooib-s Guvar quando a torre de controle da capital de Alderaan finalmente respondeu com a liberação. Sabé observou Varbarós conduzir a descida com precisão até a plataforma de aterrissagem. Eles aterrissaram ao nascer do sol, o que significava percorrer o lado noturno do planeta e descer logo após a linha que separava o lado iluminado. A plataforma apareceu com muito destaque sob a luz da manhã, mesmo com o sol atrás deles, e Varbarós tocou o solo tão delicadamente que apenas o conhecimento de Sabé sobre a operação da nave indicou que eles não estavam mais voando.

— Obrigada, Varbarós — Sabé disse. — Não se meta em muitos problemas enquanto estivermos no palácio.

— Farei meu melhor — Varbarós afirmou. Ela permaneceria a bordo em seu quarto, embora estivesse livre para visitar as cidades da superfície do planeta se quisesse.

Sabé se vestiu como guarda de Naboo outra vez, tanto por simplicidade quanto por qualquer outra coisa. Ela saiu da cabine em direção à rampa de desembarque e encontrou Tonra, também de uniforme, e Typho. A rampa se estendeu e eles desceram para tomar suas posições na parte de baixo. Enquanto andava, Sabé ouviu a porta se abrir com um silvo atrás dela e soube que Padmé havia chegado.

Padmé desceu com Cordé e Versé de cada lado enquanto Dormé e Mariek vinham logo atrás. As damas de companhia estavam vestidas de azul e cinza, e seus capuzes estavam abaixados como sinal de respeito à monarca do outro planeta. O vestido de Padmé era da cor púrpura, embora Sabé considerasse essa definição uma simplificação da complexidade de cores, já que a saia era feita de dezenas de camadas de tecido, cada uma com um tom diferente. A saia se movia facilmente enquanto ela andava, embora fosse bem mais pesada do que parecia, e não dificultou em nada durante a inclinação. O corpete era apertado e a linha do pescoço estava decorada para combinar com a saia, dando a impressão de que uma bem-comportada nuvem púrpura havia descido sobre os ombros de Padmé. Seu cabelo estava solto, mas os cachos estavam presos aqui e ali com flores brancas trazidas de uma unidade hidropônica de Coruscant. As damas de companhia podiam estar vestindo mynocks ao redor do pescoço que ninguém olharia duas vezes para elas.

A comitiva que esperava para recebê-los na plataforma não incluía a rainha. Padmé não a esperava, já que ela própria raramente recebia visitantes em qualquer lugar que não fosse a sala do trono quando governava Naboo. Ela sabia que os costumes locais seriam diferentes, mas um pouco de familiaridade ajudava bastante a se sentir confortável ali, e ela agradecia por isso. Afinal de contas, aquela seria uma visita recreativa, não política. Padmé esperava ansiosa por aquele descanso.

Em vez da rainha, era o Senador Organa quem esperava por eles, com um pequeno grupo de guardas ao seu redor. Eles pareciam inteiramente cerimoniais, e sob inspeção mais próxima, Padmé não conseguia nem dizer se carregavam armas. Ela sabia que Alderaan era um planeta pacífico, assim como Chandrila, mas ela esperava ao menos uma pequena demonstração de força.

— Senadora — Organa cumprimentou quando todos já estavam na plataforma. — Bem-vinda a Alderaan.

— Obrigada — Padmé agradeceu. — O seu mundo é muito bonito.

— Vamos — ele disse, sorrindo. — Sei que não viajou apenas para me ver.

— Para ser justa, eu vejo você com alguma frequência — Padmé afirmou, e retribuiu o gesto.

Ele falava com ela como fazia quando se reuniam em seu escritório para

discutirem operações do Senado fora do horário de trabalho — casual e relaxado —, e ela retribuiu sua informalidade em igual medida. Padmé não sabia se era apenas sua natureza ou se Alderaan era mais relaxado quanto a esse tipo de coisa. Esperava que uma monarquia hereditária fosse *mais* formal, não menos, mas sabia que logo descobriria quais eram os procedimentos mais comuns. Ela seguiu Organa até seu airspeeder, e Cordé e Mariek a acompanharam. O restante do pessoal seguiria em um veículo separado.

Os speeders viajavam a uma boa velocidade na direção do palácio, mas não tão rápido quanto o tráfego de Coruscant. De fato, o tráfego ao redor do palácio estava bastante leve. Olhando para baixo, Padmé viu que havia largas avenidas alinhadas com árvores e parecia que a maneira mais comum para se locomover era caminhar por aquelas vias. Naquela hora da manhã, muitas pessoas já estavam fora e Padmé podia ver agrupamentos delas, provavelmente parando para uma conversa amigável, de pé ao longo das travessas ou sentadas em algum dos vários pequenos jardins que salpicavam pelo caminho. Isso deixava o céu prazerosamente limpo.

— O tráfego aéreo aumenta quanto mais você se afasta do palácio — Organa disse quando Padmé comentou sobre isso. — Principalmente quando se aproxima das plataformas de embarque de carga. Mas tentamos manter a vista intacta o máximo possível.

— Posso entender a razão — Mariek disse. — É uma vista excelente.

— A vista me lembra um pouco de nossa casa — Cordé declarou. — Só que nossas montanhas são mais gentis e nossa capital é cercada por cachoeiras.

— Eu já vi as imagens — Organa disse. — Naboo também é um lugar adorável, mas acho que todos somos parciais quando se trata de nosso planeta natal.

O airspeeder aterrissou em uma pequena plataforma e todos desembarcaram. O Senador Organa os acompanhou para dentro do palácio através da entrada principal e o grupo seguiu na direção da sala do trono.

Os corredores do palácio de Alderaan eram largos e acolhedores. Nada ali foi construído para intimidar ou dominar. Em uma galáxia onde aqueles com poder frequentemente construíam na vertical, com cada camada cobrindo os pecados da anterior em uma corrida cega para as estrelas, o desenho horizontal do palácio transmitia honestidade e patrimônio e, acima de tudo, liderança e responsabilidade.

Logo eles chegaram diante das grandes portas duplas que se abriam para a própria sala do trono, e lá dentro havia um caminho acarpetado em azul que se estendia na direção de um par de tronos, embora apenas um estivesse ocupado.

— Senadora, acompanhantes — Organa disse —, permitam-me apresentar a

rainha de Alderaan, Breha Organa.

O estudo do protocolo que Padmé fez durante a viagem indicava que uma ex-monarca não precisava se curvar para a rainha de Alderaan, mas ela inclinou a cabeça para ser educada. Padmé sabia que atrás dela sua comitiva executaria os protocolos impecavelmente.

— Vossa Majestade — Bail Organa disse com um profundo afeto que fez o coração de Padmé se aquecer —, é uma honra apresentar minha colega do Senado Galáctico da República, representando o sistema soberano de Naboo e seu setor, a Senadora Padmé Amidala.

Padmé deu um passo à frente e Breha a olhou nos olhos pela primeira vez. A rainha de Alderaan era mais velha que Padmé em mais de dez anos, mas tinha uma aparência atemporal que Padmé reconhecia ser o resultado de uma excelente equipe de estilistas. Ela usava um vestido prata e azul de gola alta, com uma larga saia e um corpete reforçado para cobrir os pulmonódulos que Padmé sabia que a mantinham viva. Suas tranças estavam presas acima da cabeça, com a coroa de Alderaan entrelaçada nos próprios fios, e ela usava um véu que descia pelas costas e cobria o restante de seu cabelo escuro.

— Estamos contentes por você poder nos visitar — Breha disse. Sua voz era vibrante e agradável ao ouvido, e ela falava como alguém acostumado a atrair atenção para si. — A política planetária não deixa muito tempo para viagens fora do planeta, então sempre fico feliz em receber os colegas do meu marido aqui.

— Eu me lembro dessas limitações — Padmé disse. Ela deixara seu planeta apenas nas situações mais graves, e mesmo assim sob protesto. — Uma senadora tem mais tempo livre, mas a diferença é apenas reconhecível porque também já vi como é a agenda do seu lado.

— De fato — Breha concordou. — Sei que veio diretamente de sua nave, mas vocês chegaram a tempo de um café da manhã tardio no terraço, e se formos agora mesmo, poderemos ver os últimos momentos do nascer do sol sobre o lago.

Se eles seguissem para seus quartos agora, nunca ficariam sincronizados com o tempo certo. Padmé simplesmente aceitaria o convite e torceria para que o caf de Alderaan fosse bem forte.

— Isso soa maravilhoso — ela disse.

Breha desceu da plataforma e tomou o braço de Padmé. Ela rapidamente a apresentou para alguns de seus ministros e Padmé apresentou Mariek, quase atropelando o nome “Capitã Panás”, pois para ambas aquele nome ainda pertencia a outra pessoa. Após uma rápida checagem para ter certeza de que suas saias não ficariam entrelaçadas — ambas eram profissionais —, a rainha os conduziu na direção da porta de trás da sala do trono. Padmé olhou para suas

damas de companhia e percebeu que Bail se posicionou para caminhar ao lado de Sabé enquanto Tonra seguia com Typho ao seu lado. Era de se esperar, ela pensou. Não era como se Sabé fosse entregar qualquer segredo da profissão.

Era uma curta caminhada até o terraço, e Breha ainda apontou várias obras de arte que Padmé desejou voltar depois para apreciar melhor. Ela se demorou um pouco em uma escultura de água particularmente intrincada, mas seu estômago traidor emitiu um ronco silencioso.

— Aqui estamos — Breha disse, conduzindo-os até um arco alto e de volta para a luz do sol.

A vista era de tirar o fôlego. Um lago, muito parecido com algo que ela poderia encontrar em Naboo, estendia seus dedos entre diferentes montanhas, com a grama da superfície refletindo o sol, assim como Breha havia prometido. As diferenças com o terreno de Naboo começavam quase que na linha da água, onde os altos picos das montanhas se erguiam no lugar dos montes mais gentis de Naboo. As montanhas eram altas e nevadas, e uma delas estava envolvida em nuvens como aquelas que Padmé havia visto da órbita.

— Aquele é o Pico Appenza — Breha disse. Ela pousou a mão sobre o peito quando falou e Padmé achou que aquele parecia ser um gesto automático. — É a montanha mais famosa de Alderaan.

— É lindo — Padmé afirmou.

— E traiçoeiro. — O Senador Organa chegou mais perto para puxar a cadeira de sua esposa e depois acomodá-la. Seus dedos tocaram os dela por um momento mais longo do que o necessário.

Breha pediu que todos tomassem seus lugares e a comida foi trazida. O caf era, como esperado, bem forte, e Padmé sentiu sua mente clarear um pouco quando as substâncias recarregaram seu cérebro.

— Aquela montanha foi o que me tirou os pulmões e o coração — Breha disse baixinho quando seu marido estava fora do alcance de sua voz e conversando com Sabé e Mariek.

— De tudo que ouvi de você, a montanha não conseguiu o seu coração — Padmé observou.

— Ah, tenho certeza de que já fizeram canções sobre isso — Breha disse. — Como eu dei meu coração para Alderaan. Só que, dessa vez, os poetas estão sendo literais. E um pouco macabros. Apesar de que fui eu mesma quem decidiu não cultivar minha pele de volta.

— Nós todos mostramos nossa dedicação de maneiras diferentes — Padmé disse. — O cargo de rainha de Naboo requer uma certa suspensão da personalidade. Às vezes, sinto que ainda tento suprimir minha individualidade, apesar de, claro, existirem muitas pessoas que diriam que fui pessoal demais em

minhas ações como monarca.

— É reconfortante saber que monarcas eleitos e monarcas hereditários compartilham as mesmas críticas — Breha disse. — Quando recusei a cirurgia da minha pele, eles disseram que eu estava sendo muito exibida.

O ministro da cultura, sentado à esquerda de Padmé, estava ficando um pouco verde, então Breha mudou o assunto para poupar seu estômago.

Elas conversaram sobre as complexidades de ser rainha, divertindo-se com os aspectos de seus governos que eram semelhantes e dissecando todas as maneiras como diferiam. O Senador Organa interrompeu em certo ponto para contar a história da primeira vez em que foi apresentado na corte real, e Mariek respondeu contando a dela. Quando todos terminaram de comer e as mesas foram retiradas, Padmé estava ainda mais feliz por ter aceitado a visita.

— Não temos mais nada planejado para o resto do dia, se você e seu pessoal quiserem descansar — Breha disse, recostando-se na cadeira e virando o rosto para o sol de Alderaan. — Teremos concertos e visitas aos museus em Aldera, assim como uma viagem para uma das nossas montanhas mais gentis no decorrer da visita.

Padmé olhou ao redor da mesa e viu Cordé entrelaçar seus dedos sobre o colo, que era o sinal indicando que não haveria problemas se elas se separassem.

— Você poderia mostrar os quartos para quem desejar descansar agora? — Padmé perguntou. — De minha parte, eu gostaria de voltar para algumas das obras de arte que nós passamos. Tenho a sensação de que eu passaria a vida inteira olhando para as obras aqui sem nunca conseguir ver tudo.

— Ficarei feliz em acompanhá-la — Breha avisou. Uma ministra, que Padmé achou que fosse da economia, mas ela parecia muito com a ministra da agricultura, então não tinha certeza, fez um movimento como se fosse protestar, mas acabou desistindo.

Elas voltaram para a escultura de água e Padmé se perdeu enquanto a contemplava. Incorporando forma, estética e som, a escultura era fascinante de todos os ângulos e igualmente interessante quando Padmé fechou os olhos.

— Estive pensando sobre aquilo que você disse sobre a suspensão da personalidade — Breha disse quando Padmé abriu os olhos outra vez. Claramente, ela não quis interromper, mas agora elas voltaram a andar. — É quase o oposto comigo. Ser rainha requer toda a minha personalidade, com ou sem montanha traiçoeira.Talvez essa seja a maior diferença entre nossos estilos de governo.

— Bom — Padmé disse. — Eu não tenho muita influência sobre quem será minha sucessora. Na verdade, sou incentivada a manter o máximo de neutralidade quando estou em público.

Breha riu.

— Você está certa quanto a isso — ela declarou. — Bail e eu temos conversado muito sobre isso. Minha mãe deu à luz a mim, mas meu pai estava presente no planeta por toda sua gravidez e por vários meses depois. Bail não tem esse tipo de flexibilidade, e estamos relutantes em confiar que certos ministros renunciarão ao poder se tivermos que ceder a eles por um breve período.

Padmé se lembrou da ministra da economia — ou agricultura — e concordou com a linha de raciocínio de Breha. Manter um governo, seja herdado ou eleito, era uma questão de equilíbrio, e ceder o poder era muito mais fácil do que tomá-lo de volta. Breha podia confiar que seu marido seria altruísta, mas outros poderiam ceder à tentação.

— O que você vai fazer? — Padmé perguntou.

— Ainda não tomamos essa decisão — Breha respondeu. — Desde que haja continuação do nome Organa, as casas mais antigas aceitarão.

— Minha irmã acabou de ter uma filha, sua primeira — Padmé contou. — Essa foi a única razão para eu hesitar antes de aceitar seu convite. Isso deixou minha mente pensando sobre o futuro de um jeito diferente do que estou acostumada.

— Minha mãe me contou que teve uma mudança semelhante em seu modo de pensar depois que eu nasci — Breha disse. — E imagino que eu também terei, independentemente de como meu filho venha para mim.

— Sola não tem interesse em ter um parceiro — Padmé declarou. — Isso é normal em Naboo. Mas acho que eu gostaria de ter aquilo que meus pais tiveram. Ou uma versão daquilo. Não sei se quero misturar política e família, mas acho que isso depende de muitas coisas.

— Esse é um benefício da monarquia não hereditária — Breha disse, com um sorriso nos olhos. — Seus filhos não estarão ligados à política igual os meus.

Elas pararam por um momento em frente a um quadro mostrando uma paisagem. Era o Pico Appenza, mas as cores eram sombrias e perigosas, e o lago era escuro e frio.

— Venha — chamou Breha. — Se gostou da escultura de água, você precisa ver e ouvir o trabalho com ar da mesma artista.

Padmé deixou a rainha de Alderaan tomar seu braço novamente. Ela seguiu o andar fácil de Breha e foi conduzida para um novo terraço, embora aquele fosse muito mais protegido do que o terraço em que o café da manhã foi servido. A razão ficou imediatamente aparente quando suaves sons alcançaram os ouvidos de Padmé. Antes de perceber a escala total da escultura de ar, ela pôde ouvir sua música gentil, flutuando sob o límpido céu azul matutino e os incessantes ventos

de Alderaan.

— Naboo e Alderaan têm muito em comum — Padmé ponderou. — Ambos valorizam muito as artes e o bom governo.

— E ambos são pacifistas — Breha observou. — Apesar de eu ter ouvido falar que Naboo está instalando armamentos defensivos.

— Um canhão de íons — Padmé disse. Nunca houve tentativa para manter isso em segredo. — A Federação de Comércio tem boa memória e uma quantidade aparentemente infinita de droides.

— Acho que seria fácil ficar aqui, em um mundo que não vê conflitos há gerações, e julgar vocês — Breha disse. — Mas não farei isso.

— Naboo não tomou essa decisão facilmente — Padmé confessou. — Perdi um dos meus conselheiros mais queridos porque ele queria medidas mais firmes e eu não as permiti, e meus pais ainda estão furiosos por termos tomado qualquer medida. Mas tínhamos que fazer algo.

— Não sei o que nós faríamos — Breha disse. — Mas devo confessar: já comecei a pensar nisso.

Padmé não pediu mais detalhes. Havia certas coisas que cada planeta — cada governante de planeta — precisava encarar sozinho.

— Meu único conselho é priorizar aquilo que seu planeta mais valoriza — Padmé afirmou. — Para Naboo, era a arte e nossas próprias vidas, então chegamos a um meio-termo. — Ela se lembrou de Quarsh Panás e acrescentou: — Só não fique tão obcecada a ponto de se esquecer de ser flexível.

— Alderaan é um velho planeta, conectado por muitas grandes tradições — Breha disse. — Mas podemos mudar se for preciso.

Padmé não respondeu e as duas permaneceram em silêncio, ouvindo o vento soprar.

CAPÍTULO 17

A SEMANA EM ALDERAAN foi quase um verdadeiro feriado. Não havia perigo e nenhuma agenda, embora ambos os senadores tivessem que separar um tempo para suas correspondências e a rainha precisasse manter o bom funcionamento de seu governo. Mas fora desses horários, uma sensação de ociosidade quase indulgente tomou conta de Sabé e ela não tinha certeza se gostava disso. Sua vida vinha sendo movimentada desde que passara no primeiro dos testes do Capitão Panás tantos anos antes e, no último ano, sua mente estivera quase constantemente trabalhando. Parar tudo aquilo agora era, para dizer o mínimo, inquietante. Em certo ponto, durante um concerto em uma das salas de música de Alderaan, ela entrelaçou os dedos com Tonra por um minuto inteiro antes de ele olhar para ela e ela se lembrar de que estavam em público. Sabé não era particularmente uma criatura reservada por natureza, mas havia cultivado uma certa persona, e romper com isso era muito estranho.

— Você está tentando fazer algo comigo? — Tonra perguntou um pouco mais tarde, apanhando sua mão e a segurando sobre a cabeça dela.

— Não — ela respondeu, depois continuou: — Talvez? Não sei. Não estou constrangida.

— Sei disso — Tonra disse. Ele riu.

— Pare de rir de mim — ela exigiu.

— Você disse que não estava constrangida! — ele disse.

— Bom, mas agora estou! — Ela soltou a mão, se retirou debaixo dele e se sentou à beira da cama.

Os dois estavam no quarto dele porque Sabé estava dividindo o dela com Dormé, mas já que eram todos convidados da rainha, Tonra recebeu uma suíte em virtude de seu posto. Ninguém se deu ao trabalho de corrigir a atribuição de quartos um tanto antiquada feita pelo droide de protocolo que servia como camareiro de Breha. Comparado com o apartamento em Coruscant, era indescritivelmente luxuoso. Tonra deu um pouco de espaço a Sabé. Ele era muito bom nisso, e geralmente ela também era, mas com a diminuição da tensão em todas as outras áreas de sua vida, ela mal sabia como lidar consigo mesma, muito menos com outra pessoa.

— Gosto de você assim — ele disse. — A parte em que você tem emoções e me deixa vê-las imediatamente.

— Não vai durar muito — ela respondeu.

— Eu sei — ele disse. — Mas é possível gostar de uma coisa mesmo sabendo que não vai durar.

Sabé pensou sobre rainhas e tempo de mandatos e processos criminais para déspotas obcecados com dinheiro, e então percebeu que talvez não fosse disso que ele estava falando.

— Vou ficar bem — ele prometeu. — Volte aqui.

— Você tem um timing terrível, capitão — ela disse, deslizando entre os lençóis. — Deveria ter esperado até eu terminar de entender tudo.

— Provavelmente — ele concedeu.

Quando o sol raiou, Sabé estava quase se sentindo como antigamente. Era o último dia em Alderaan. Por causa do horário da viagem e da mecânica orbital, eles partiriam pouco depois do pôr do sol em Alderaan para chegar em Naboo no meio do dia. Estariam cansados, mas isso era normal para viagens interplanetárias e Sabé estava ansiosa para finalmente chegar em casa.

Ela deslizou para fora da cama e se vestiu, depois voltou para seu quarto. Foi até o banheiro e terminou suas preparações para o dia. Sabé selecionara uma longa túnica branca com um largo cinto azul para usar sobre as calças da mesma cor, além de suas botas de sempre. Quando voltou para o quarto, Dormé já havia retornado e já estava vestida com um conjunto de túnicas verdes. Já que não precisava usar o capuz abaixado, ela tomou um pouco mais de tempo com seu cabelo, mas a prática a deixara muito eficiente.

— Padmé gostaria que você tomasse café da manhã com ela — Dormé disse. — Serão apenas vocês duas.

As damas de companhia eram as almas da discrição, o que significava que Sabé e Dormé não tinham muitas fofocas para compartilhar. Ela sentia falta da fácil relação que tinha com suas companheiras, mas respeitava muito Dormé e as outras para criar qualquer caso.

— Obrigada — Sabé agradeceu. — Você precisa de ajuda para arrumar as malas enquanto cuida das coisas da senadora?

— Ficarei bem, obrigada — ela disse. — As túnicas facilitam bastante as viagens.

A mala de viagem de uma dama de companhia geralmente tinha o mesmo tamanho de uma mala que levava apenas um único vestido de Padmé, graças ao estilo único de Naboo, que Sabé conhecia muito bem, mas não custava ser educada e oferecer ajuda.

Ela atravessou o corredor até a suíte onde Padmé estava e bateu à porta. Um

droide abriu e deixou Sabé entrar depois de um breve momento de contemplação mecânica.

— Bom dia! — Padmé ainda não estava vestida para o dia, indicando que aquele café da manhã seria bem informal.

— O mesmo para você — Sabé respondeu.

— Entre e sente-se — Padmé disse, indicando a mesa onde duas tigelas fumegantes esperavam.

A suíte de Padmé era maior do que a de Sabé porque incluía uma sala de visitas, que seria onde elas comeriam. Assim como os outros quartos do palácio — e em toda Alderaan, até onde ela sabia —, a decoração era elegante com um estilo minimalista, mas muito bonito. As janelas se abriam para a cidade, mas até mesmo aquela vista era linda.

Sabé se sentou e esperou Padmé fazer o mesmo antes de começar a comer. Padmé salpicou algumas das frutas cítricas da estação em sua tigela, mas Sabé as dispensou quando oferecidas.

— Sei que eu disse que conversaríamos em Naboo — Padmé começou. — Mas achei que aqui poderia ser melhor.

Seria difícil para elas arranjarem uma conversa em particular quando voltassem para casa. Sabé tinha visto a agenda de Padmé e já estava transbordando.

— Você vai voltar para Coruscant? — Sabé perguntou.

— Vou, ao menos para mais uma sessão — Padmé respondeu. — Trabalhando com os senadores Organa e Mon Mothma, pude ver o que é preciso para ser boa nisso. Aprendi que posso me adaptar, mas não sei se quero realmente fazer isso. Eles conseguem reduzir políticas a ideias, e eu acho difícil esquecer das pessoas que serão afetadas. Ao mesmo tempo, também não sei quem Naboo enviaria no meu lugar. A rainha pode pensar que sou a melhor opção, mas não tenho essa certeza.

— Nós sempre podemos roubar a nave — Sabé disse. — Tenho certeza de que podemos convencer Varbarós, e então poderíamos ir para onde quiséssemos.

— Quando fala sério sobre alguma coisa, você sempre começa com a premissa mais ridícula — Padmé retrucou. — Isso tem alguma coisa a ver com o relatório que eu recebo do R2 todas as manhãs sobre você voltando escondida para seu quarto?

— Não estava me escondendo. Aquele droide camareiro até ofereceu para trocarmos de quarto no segundo dia, mas todos já tinham desfeito as malas — Sabé disse. Ela fez uma pausa enquanto pensava e Padmé se preparou para ouvir algo ridículo. — Mas acho que se a gente roubasse mesmo a nave, isso atrapalharia todo o trabalho que você dedicou na sua legislação antipirataria.

Padmé fez uma careta. Ela não havia conseguido formar seu próprio comitê, já que a posição oficial do Senado era que a pirataria não era um problema só. Eles se recusavam a reconhecer o padrão de ataques que indicava a Padmé que o problema era maior do que alguns ataques contra comboios carregando comida ou materiais de construção. Tudo que ela podia fazer era continuar argumentando hipoteticamente com Mon Mothma e torcer para que, quando chegasse a hora de tomar uma ação real, alguém a ouviria.

— Acho que você é a única pessoa em Coruscant que lê todas as notícias do Senado — ela observou.

— Você lê — Sabé disse, como se fosse óbvio. — Então eu também leio.

— Você já desejou que nunca tivéssemos nos conhecido? — Padmé perguntou. Sabé congelou. — Quer dizer, você já desejou nunca ter aceitado a oferta do Capitão Panás e simplesmente ter vivido uma vida privada em Naboo?

Qualquer um que as ouvisse poderia se surpreender com seu tom formal, pensando ser falta de afeto. Na verdade, a própria fundação de sua amizade — sem mencionar sua segurança pessoal em mais de uma ocasião — se abrigava naquela formalidade. Era difícil explicar, principalmente porque elas eram igualmente boas em provocar uma à outra, mas não era menos genuíno só porque observadores achavam aquilo incomum.

— E me tornar a terceira melhor tocadora de hallikset em minha família? — Sabé disse. — Nem por um momento.

— Seus irmãos são famosos — Padmé comentou.

— E eu sempre ficaria à sombra deles — retrucou Sabé. — A sua sombra é muito melhor, acredite em mim.

— Independentemente de quanto tempo eu fique em Coruscant, acho que devemos reconsiderar o seu papel — Padmé continuou, ignorando o comentário.

— Como assim? — Sabé serviu-se de uma xícara de chá e acrescentou mais adoçante do que o normal. Ela achou o chá em Alderaan mais forte do que gostaria.

— Não sei se esse nível de segurança é necessário — Padmé disse. — As redes de notícias recuaram e não houve nenhuma indicação de perigo desde a primeira tentativa, e isso foi há vários meses. Nós podemos pensar em algo para você fazer, mas sinto que eu a enviei para o exílio, primeiro em Tatooine e depois em Coruscant, e você poderia voltar.

— Nós iríamos voltar para Tatooine depois de Coruscant — Sabé a lembrou. — Tonra pode ter mudado de ideia, embora eu duvide, mas eu não mudei.

— Eu me lembro — Padmé disse. Ela fez uma careta como se doesse fisicamente continuar falando. — Mas ainda tenho esperança de que a moção do chanceler terá uma chance melhor na próxima rodada, e se rumores se

espalharem de que estou interferindo diretamente em Tatooine, vou acabar exatamente no mesmo lugar: independente demais para qualquer um confiar em mim. Odeio ter de fazer esse tipo de escolha.

— Certamente não invejo você — Sabé disse. — Mas ao mesmo tempo, também acho que você deveria me manter sob disfarce por mais um período, e Tonra comigo. O julgamento de Gunray vai logo terminar e, dependendo do resultado, isso vai mudar as ameaças contra você. Se eu estiver solta, posso manter minhas fontes das redes de notícias, e minhas outras fontes que você não conhece, e descobrir o que se passa.

— Odeio Neimoidianos — Padmé declarou sombriamente, mergulhando a colher na tigela. Era raro que ela visivelmente cedesse a suas emoções, mesmo com Sabé, quando estavam fora do planeta. — E odeio o quanto eu odeio Neimoidianos.

— Eles foram responsáveis por muitas mortes e sofrimento — Sabé disse. — Acho que você tem o direito de odiá-los.

— Eu não deveria generalizar uma espécie inteira — Padmé observou. — Foi esse tipo de pensamento que quase dividiu Naboo ao meio, e mesmo acontecendo há muito tempo, levou uma eternidade para consertar as coisas.

— Não sei por que alguém acharia que não pode confiar em você — Sabé disse. — Você é tão honesta que chega a doer.

— Honestamente, acho que é *exatamente* por isso que eles não confiam em mim — Padmé comentou. — Eles ficam esperando que eu mude de lado.

— A política me cansa — Sabé admitiu. — Nunca foi assim, mas agora acontece. Mas ainda gosto dela, por alguma razão.

— Possivelmente porque estamos próximas demais — Padmé disse, com tanta seriedade que Sabé tinha certeza de que foi uma piada. — Estamos nessa há muito tempo e não há escapatória.

— Agora, quem é que está sendo ridícula? — Sabé perguntou. Ela terminou seu chá e comeu o resto do café da manhã. Aquele momento roubado entre as duas estava quase no fim.

— Você gosta muito dele? — Foi uma pergunta tímida, e não veio da senadora, mas de Padmé Naberrie. — Quer dizer, de Tonra?

— Sim — Sabé disse.

— Você gosta dele o suficiente?

— Não sei — Sabé respondeu. — Nós conversamos sobre isso, então não é como se eu o estivesse enganando. E eu o alertei. Muito. E ele me conhece, conhece a nós duas, há muito tempo.

— Você o está protegendo. — Não foi uma pergunta. Como sempre, elas percorriam o limite de sua peculiar conexão com perfeita simetria.

— Não quero ser insensível — disse Sabé. — Então, de certa forma, também estou me protegendo.

Padmé também terminou seu café da manhã e olhou para a janela. Seria mais um dia glorioso.

— Não sei o que eu faria — Padmé disse. — Protegi meu coração contra tudo por tanto tempo, sempre ciente da dinâmica e do fluxo do poder. Tive a sorte de encontrar tantas pessoas que entendem e me dão esse espaço. Tenho medo de que, se alguém passar pelas barreiras, eu o deixaria entrar e isso seria catastrófico.

— Isso não é um vazamento de reator — Sabé observou.

Padmé nunca falava com ela sobre assuntos do coração, em grande parte, Sabé suspeitava, por respeito à privacidade. Ela se perguntou em quem Padmé estava pensando que a fez tocar no assunto agora, ou se Padmé estava apenas intrigada pela ideia daquilo que imaginava que Sabé estava vivendo. Ela não era do tipo ciumenta, mas sempre foi curiosa, e Sabé raramente fazia qualquer coisa primeiro.

— Talvez você devesse deixar alguém se aproximar um pouco — Sabé sugeriu. — Para ver como vai ser.

— Você acha que isso daria certo? — Padmé perguntou.

— Teria de ser alguém que entendesse você — Sabé respondeu. — O que seria um desafio encontrar, mas se você quisesse, poderia ao menos procurar.

— Talvez eu faça isso. — Padmé revirou os ombros e se desfez da Naberrie. — Você me ajuda a me vestir?

Sabé respirou fundo, completamente confortável.

— Minhas mãos são suas — ela ofereceu.

Era um vestido simples para o último dia, com poucas joias e cabelo tão fácil que Padmé quase poderia ter feito sozinha. Sabé também deixou pronto o vestido de viagem para que Padmé pudesse trocar quando a noite chegasse. Em seguida, Cordé e Versé entraram para fazer as malas. Desta vez, Sabé não saiu. Ela ao mesmo tempo tinha e não tinha um lugar entre as damas de companhia, mas iria aproveitar a proximidade da senadora enquanto podia. Tentava parecer corajosa vivendo naquele apartamento em Coruscant e Tonra sempre foi uma excelente companhia, mas sentia falta de sua amiga e da segurança que Padmé sempre conseguia transmitir. Dormé juntou-se a elas.

— Varbarós disse que a nave está pronta quando você estiver — ela reportou. — Ela aproveitou o tempo para trocar alguns componentes que a vinham irritando nos últimos meses, e ontem deu uma rápida volta ao redor do sistema para checar tudo.

— E seus guardas já prepararam tudo. — Quem disse isso foi Mariek, que

havia entrado no quarto sem bater, já que elas nem perceberiam o som no meio da correria.

— Excelente — Padmé disse. — Espero que todas vocês tenham gostado de nosso tempo aqui, mas tenho que admitir que ficarei feliz em ver as cachoeiras de Theed outra vez.

Sabé se despediu e foi terminar de arrumar as próprias malas. A metade de Dormé do armário já estava vazia e Sabé não precisou de muito tempo para arrumar as suas coisas. Ela levou a mala para o corredor e viu a pequena unidade astromec saindo do quarto de Typho, empurrando a mala do sargento em uma plataforma flutuante.

— Ei — ela disse para chamar a atenção do droide. Ele se virou para mirar seus fotorreceptores sobre ela. — Você pode levar a minha mala para a nave também, seu dedo-duro azulado.

O droide emitiu uma sequência de bipes que se traduzia vagamente para "Vale tudo com a programação padrão", e Sabé colocou sua mala em cima da mala de Typho.

— Obrigada — ela disse, porque ainda era educada e também porque o droide havia salvado sua vida uma vez e ajudado a salvar o planeta inteiro em diferentes ocasiões.

O droide soltou um bipe feliz e seguiu seu caminho.

O dia foi tranquilo, com Padmé e Breha passando a maior parte do tempo em uma conversa particular. O Senador Organa procurou Sabé outra vez e ela não se importava com sua companhia. Ele sabia quando parar de falar e quando explicar cada detalhe minucioso da obra de arte que ela apreciava.

— Todos que colocaram os olhos sobre você a subestimaram, não é mesmo? — ele disse. Foi a coisa mais direta que ele disse a ela em toda a semana, mas Sabé já esperava.

— Eu os incentivo a isso — ela respondeu. — Sou pequena. Carrego apenas um único blaster. E geralmente estou vestindo algo muito menos prático do que isso.

Ela fez um gesto mostrando sua túnica e calças.

— A Federação de Comércio tem prioridades horríveis — Organa disse. — Não falo muito sobre isso em Coruscant porque me custaria muito capital político sem uma boa razão, mas aqui posso ser um pouco mais honesto. Não gosto de como eles operam, e sua disposição em usar droides para matar seres sencientes é inquietante.

— Não sei exatamente do que você está falando, senador — Sabé disse a ele.

— Fico contente por Padmé ter você para protegê-la — ele afirmou. — É bom saber que eles a subestimam, se é que são espertos o bastante para entenderem

que você existe. Fico contente por ela ter você.

— É minha honra servir — Sabé disse, e ela sabia que ele entendeu.

Ao fim do dia, o último jantar foi feito e o último brinde foi oferecido. Eles observaram o glorioso pôr do sol sobre o lago e o pico nevado da montanha, e então a rainha e seu marido acompanharam a comitiva até a plataforma onde a nave esperava. Varbarós estava de pé no início da rampa para recebê-los a bordo. Suas despedidas foram curtas, mas sinceras, e então a Senadora Amidala se despediu formalmente da Rainha Breha Organa de Alderaan.

— Nós agradecemos novamente por sua recepção e hospitalidade — Padmé disse. A voz senatorial era muito mais acolhedora do que a voz da monarca e Sabé tinha certeza de que desenvolvê-la para situações como aquela havia valido a pena. — Será um prazer continuar trabalhando com você e com o senador do seu mundo para criarmos e preservarmos um legado de paz na galáxia.

— Será um prazer para nós também — a Rainha Breha respondeu. A Senadora Amidala fez uma leve reverência e depois embarcou na nave.

Enquanto a nave subia para a órbita, Sabé sentou-se na cabine da pilota outra vez e observou as estrelas emergindo. Elas anunciavam sua volta para casa, e logo viraram rastros de luzes enquanto a nave voava em seu caminho.

CAPÍTULO 18

AS PASSARELAS COBERTAS QUE levavam do espaçoporto real de Theed para as portas do palácio nunca foram tão acolhedoras. Cada passo que Padmé dava a levava cada vez mais para um território familiar, e ao olhar para a adorada arquitetura da capital, ela se sentiu melhor do que em meses. Alderaan foi um lugar incrível de visitar, mas não era o seu lugar e ela estava feliz por estar de volta a Naboo. Logo voltaria de verdade para casa.

Mas, primeiro, havia seu encontro com a rainha. Réillata foi muito graciosa em sua resposta quando Padmé a informou da visita a Breha, mas ela sabia que a rainha de Naboo estava ainda mais ansiosa para conversar com ela do que a rainha de Alderaan. Padmé entendia. Sua relação com o então Senador Palpatine e sua sucessora foi calma, com exceção da Invasão de Naboo, mas sempre que retornavam ao planeta, ela estava pronta para ouvir seus relatórios.

Mariek e Typho já haviam começado suas licenças, então foi Tonra quem serviu como escolta oficial até o palácio, embora, claro, a Rainha Réillata também tivesse enviado seus próprios guardas. Versé seguiu com sua tia e Varbarós havia ficado com a nave, como geralmente fazia. Então, a comitiva era menor do que poderia ser, e Padmé não pôde deixar de ter uma sensação de que algo que ela não conseguia descrever estava chegando ao fim.

Finalmente, eles alcançaram a escadaria do palácio, e de lá Padmé podia encontrar a sala do trono até dormindo. Com Cordé e Dormé vindo logo atrás — e Sabé, ainda mais distante na retaguarda —, ela entrou no salão bem iluminado e se curvou diante da mulher que esperava ali.

Depois de meses em Coruscant, a idade de Réillata já não parecia tão estranha para Padmé quanto antes. Conhecer Breha havia ajudado quanto a isso — uma rainha com quase vinte e três anos era jovem para a maioria dos lugares na galáxia. A cultura de Naboo não podia ser completamente mudada tão rápido, é claro, mas Breha deu a Padmé muita perspectiva sobre o assunto. As duas tiveram longas conversas sobre ter experiência e preparação, e embora Padmé ainda não pensasse que o sistema que a produziu fosse totalmente falho, ela agora tinha mais simpatia à ideia de Réillata de ter um segundo mandato mais tarde em sua vida.

— Senadora Amidala — a Rainha Réillata disse —, estamos felizes em recebê-la em casa e ouvir sobre tudo que você realizou. Por favor, venha e tome seu lugar.

Padmé seguiu para a cadeira vazia ao lado direito da rainha, e Dormé e Cordé se posicionaram de cada lado dela. Após um momento de hesitação, Sabé tomou a segunda cadeira à direita da rainha. Juntas, elas ficaram de frente a Sio Bibble do outro lado da sala, e Saché estava sentada ao lado dele. Era quase como nos velhos tempos, exceto que ninguém estava escondendo seu rosto.

— Governador — Padmé disse educadamente para Bibble. Ela se certificou de não falar com qualquer inflexão da voz da Rainha Amidala.

— Senadora, pedi que a Congressista Saché falasse em nome do governo planetário junto com o governador e comigo — a Rainha Réillata disse. — Entendo que a sua conexão com ela possa ser benéfica. Temos muito para discutir, e já que neguei a você uma visita verdadeira a seus pais antes de partir para tomar sua posição no Senado, eu esperava que pudéssemos tratar rapidamente de nossas conversas.

— Obrigada, Vossa Alteza — Padmé agradeceu. Foi um gesto atencioso da parte da rainha.

— Por favor, comece — a Rainha Réillata disse. Ela se inclinou para a frente, dando toda evidência de ser uma ouvinte atenta, e embora Padmé não pudesse ver seus rostos, ela sabia que as damas de companhia da rainha ouviam ainda mais atentamente.

— Preciso admitir, não tive um começo de mandato muito bom como senadora — Padmé confessou. — Havia grandes diferenças que precisei aprender e dominar, e a orientação foi longa e onerosa.

— Eu imaginava que a sua inclusão no programa legislativo júnior pudesse ajudar com isso — Sio Bibble disse.

— Uma pena, mas não. Apesar de ter feito várias das visitas informativas parecerem uma repetição — Padmé ponderou. — De qualquer modo, eu me juntei a vários comitês para melhor me incorporar no corpo governamental, incluindo um presidido pelo Senador Bail Organa de Alderaan. Gosto dele imensamente e o respeito ainda mais, mas minhas motivações iniciais para trabalhar com ele foram um pouco egoístas: ele tinha aliados que eu queria.

Parecia que uma eternidade havia passado desde o primeiro encontro entre os dois, mas no contexto geral de tudo, foi quase nenhum tempo.

— Em todo caso, fui moderadamente bem-sucedida nesse sentido — Padmé continuou. — Em meu primeiro ano de serviço como senadora, eu me posicionei para que minha voz fosse respeitada pelos senadores que controlam facções bem-posicionadas dentro do corpo votante. Tenho esperança de que continuarei

trabalhando bem com eles, apesar de não saber se eu seria adequada para liderar uma facção assim, e também não sei como isso serviria aos interesses de Naboo. A maioria das facções é chefiada por senadores do Núcleo, ou apoiada por ricas corporações.

— Não invejo a sua posição — Saché declarou. — Soa terrivelmente complicado.

— Nem eu — disse a Rainha Réillata. — Mas Naboo agradece o seu serviço.

— Obrigada, Vossa Alteza — Padmé agradeceu. — As moções que ajudei a passar lidam em sua maioria com o armamento de comboios para que possam combater uma onda de piratas atacando sistemas perto de vias do hiperespaço em nossa parte da Orla Média. Esses assuntos não são fáceis de discutir no Senado. Meus colegas são pacifistas, como eu gostaria de ser, ou são a favor da proliferação, e existe muito pouco espaço no centro da questão. Além disso, nossa posição oficial é de que os piratas estão todos agindo de modo independente, o que significa que sempre que lidamos com eles, precisamos de nova legislação.

— Não gosto da ideia de armar ninguém em grande escala — a Rainha Réillata ponderou. — Mas concordo com você quando diz que nossos ideais e nossas práticas nem sempre se alinham. Os Gungans nos salvaram tanto quanto nossos caças N-1, e se realmente fôssemos pacifistas, não teríamos apoiado nenhum dos dois.

— Esse é geralmente o argumento que eu também uso — Padmé disse. — Mas para alguém que não sofreu uma invasão, imagino que seja difícil de entender e eu não desejaria isso para ninguém. Tenho uma ideia, mas vou precisar de algo de Naboo e de seu total apoio.

— Conte-nos, por favor — a rainha pediu. — Se pudermos ajudar, creio que deveríamos. Você concorda, governador?

— Concordo — Sio Bibble assentiu. — Se estiver ao nosso alcance.

— A recuperação de Naboo da invasão da Federação de Comércio foi lenta porque não buscamos muita ajuda externa — Padmé disse. — Na época, decidimos que era o curso mais razoável e sustentável, e o tempo provou que estávamos certos. Entretanto, já nos recuperamos quase totalmente e eu gostaria de começar a usar uma porção de nosso estoque de comida para iniciativas de caridade.

— Quem você está propondo que seja alimentado por nós? — Réillata perguntou.

— Não sabemos muito sobre os piratas que estão atacando naves nas vias do hiperespaço da República — Padmé respondeu. — Mas temos algumas suspeitas sobre onde eles se originam, mesmo tendo abandonado seus planetas. Se

concentrarmos o envio de ajuda para esses planetas, talvez menos deles fiquem desesperados o suficiente para recorrer à pirataria, e aqueles que o fizerem estarão menos protegidos.

— A fome foi a causa primária dos conflitos nos campos aqui — Sio Bibble declarou. — As pessoas fizeram todo tipo de coisa que normalmente nunca considerariam porque era a única maneira que podiam pensar para alimentar seus filhos.

— Concordo — Saché disse. — Senadora, nossas plantações logo poderão ficar ainda melhores de como estavam sob seu reinado. Os experimentos de Eirtaé são muito promissores. Ela aumentou a quantidade de alga-azul e as fazendas no sul já estão utilizando sua colheita. Elas quase diminuíram pela metade a estação de crescimento.

— Isso é incrível! — Padmé exclamou. — Ela me escreveu sobre isso, mas de um modo muito técnico, e confesso que eu tinha tanto na minha mente que não fiz as perguntas que deveria ter feito.

A carta de Eirtaé havia chegado na época do atentado contra sua vida e Padmé havia se esquecido inteiramente dela até aquele momento.

— Tenho certeza que Eirtaé não se importará em explicar para você pessoalmente — Saché disse. — Ela já apresentou suas descobertas preliminares para os congressistas, e ela faz isso com sua arte, para que mesmo aqueles que não são especialistas em botânica possam entender.

Era incrível, Padmé pensou, ouvir Saché tão à vontade falando tudo que pensava. Ela nunca foi tímida privadamente, mas parte de seu trabalho envolvia ficar longe dos holofotes. Agora que estava debaixo deles, ela estava prosperando. Padmé nunca a imaginou concorrendo ao cargo de rainha de Naboo, mas agora podia ver isso claramente. Se Saché quisesse, ela teria o apoio total de Padmé.

— Vou pedir aos ministros que calculem os números exatos — Sio Bibble disse. — Mas tenho certeza de que podemos criar um plano que vai satisfazer a Vossa Alteza e dar à senadora um espaço para manobrar.

— Obrigada, governador — Padmé agradeceu.

— O seu nome é Sabé, não é mesmo? — a Rainha Réillata perguntou, falando diretamente com Sabé.

— Sim, Vossa Alteza — Sabé respondeu. Ela não mostrou surpresa pela rainha saber seu nome, mas Padmé sabia por experiência própria quão bom foi seu blefe.

— Você está aqui para falar sobre auxílio ou armamentos? — a rainha perguntou.

— De certa forma — Sabé disse. Ela se inclinou para a frente para entrar no

campo de visão de Padmé. — Senadora, com a sua permissão?

— É claro — Padmé afirmou.

— Venho trabalhando como parte da equipe de segurança da senadora em Coruscant — Sabé informou a rainha. — Junto com o Capitão Tonra, estive infiltrada em uma das vizinhanças decadentes da capital, reunindo informações sobre a opinião pública da Senadora Amidala.

— A opinião pública de Coruscant é tão importante para a senadora de Naboo? — a Rainha Réillata perguntou.

— É importante quando envolve um atentado contra a vida da senadora — Sabé disse, sem rodeios.

— A Federação de Comércio de novo não! — Sio Bibble explodiu. Ele mal conseguia controlar suas emoções sobre o assunto, mas Padmé não o culpava. Ele permanecera no planeta quando ela foi buscar ajuda e, ao fazer isso, essencialmente supervisionou um massacre.

— Temos uma razoável certeza de que sim — Sabé afirmou. — Apesar de nossa investigação ainda estar em andamento. Quando perceberam que matar a senadora seria impraticável, eles escolheram assassinar seu caráter. As redes de notícias a evisceraram em todos os assuntos possíveis e, por causa disso, nenhum dos senadores a levavam a sério.

— Imagino que isso foi parte da razão de você precisar do Senador Organa? — a rainha perguntou.

— Foi — Padmé admitiu.

— Houve um declínio de atividades ameaçadoras desde que a Senadora Amidala começou a trabalhar com o Senador Organa e a Senadora Mon Mothma de Chandrila, mas com o quarto julgamento de Nute Gunray chegando ao fim, não posso dizer que o assunto está resolvido — continuou Sabé. — Além disso, não sabemos o que vai mudar quando o julgamento for concluído, independentemente de como terminar.

— Concordo — disse a rainha. — Precisamos fazer o possível para assegurar sua segurança. Senadora, você me acompanha até o terraço?

— É claro, Vossa Alteza — Padmé disse, levantando-se.Todos também se levantaram, com a rainha e suas damas de companhia um segundo depois. — Governador, foi muito bom revê-lo — Padmé declarou.

— De fato, senadora — ele respondeu.

Ele se curvou para a Rainha Réillata e saiu da sala. Saché atravessou até onde Sabé estava e tomou seu braço.

— Venha — ela disse. — Temos muita coisa para atualizar.

Ela parecia tanto com a garota entusiasmada de doze anos que um dia foi, que Padmé quase acreditou que ela não tinha motivações políticas para conversar

com Sabé. Elas se curvaram para a rainha e se retiraram.

Padmé foi para o lado da rainha e as duas começaram a caminhada cuidadosa até o terraço. O vestido da rainha era rígido e não era o mais fácil de andar.

— Sinto que você não está ansiosa para retornar a Coruscant — a Rainha Réillata disse quando não havia ninguém para ouvi-las, exceto suas damas de companhia.

— Não desejo me esquivar da minha responsabilidade — Padmé a assegurou. — É que não tenho certeza se sou a pessoa certa para o trabalho.

— Você deu todas as evidências de que é perfeita para o trabalho.

Elas entraram no terraço e Padmé tomou um momento para admirar a beleza de seu próprio sol que ela tanto sentia falta.

— Eu era vista como alguém imprevisível — ela admitiu. — Todos no Senado sabem que pedi a troca do Chanceler Valorum, e quando meu próprio senador foi eleito para substituí-lo, minhas ações pareceram deliberadas. Tive de me afastar do Chanceler Palpatine para provar minha autonomia, embora ele tenha vários projetos que são importantes para mim em um nível pessoal.

— É esse tipo de dedicação que eu acho que faz de você uma excelente escolha.

— A percepção é que sou leal demais a Naboo — Padmé observou. — Manobrei o Senado para nos libertar da Federação de Comércio. E agora existem estranhos movimentos no Senado. Temo que existam aqueles entre nós que estão começando a duvidar da eficácia da República, e temo duplamente que, a menos que eu tome muito cuidado com minhas ações, eu serei tachada como um deles.

— Eles temem que, se você forçou a mão da República antes, poderia fazer isso de novo — a Rainha Réillata disse.

— E estão certos — Padmé afirmou. — Mas eu faria isso por qualquer planeta, não apenas por Naboo.

Elas caminharam até a beira da varanda e observaram os campos e quedas d’água que cercavam Theed. Havia flores nos gramados e pássaros no céu.

— Acho que precisa retornar — a Rainha Réillata disse. — Você deve voltar e mostrar a eles que Naboo tem a maturidade política de fazer aquilo que é necessário ser feito. Como você mesma disse, não desejo o desastre para qualquer planeta, mas se você puder mostrar ao Senado que fará de tudo por qualquer um, então talvez eles entendam que a lealdade de Naboo permanece inalterada.

— Para ser honesta, eu já havia decidido retornar — Padmé confessou. — Não gosto de recuar de nenhum desafio ou fugir do meu dever quando precisam de mim. Eu queria ter certeza de que você entende o alcance total da situação.

— Eu entendo — Réillata disse. — Existem outros que eu poderia enviar, mas

demoraria mais um ano até eles começarem a ter resultados. Você já trabalhou tanto e sei que tem sido um fardo para você, mas você tem a gratidão da rainha.

Padmé olhou para a vista e considerou as palavras de Réillata. Ela sabia que faria exatamente o mesmo na posição da rainha, embora nunca tenha enfrentado um dilema assim durante seu reinado.

— Você sabe por que concorri a um segundo mandato, senadora? — Réillata perguntou.

— Não — Padmé respondeu. — Mas admito que me fiz essa pergunta.

— Eu me sentia nervosa durante todo o meu primeiro mandato de rainha — Réillata disse. — Mas eu gostava. Gostava de ajudar as pessoas. Ao fim do mandato, eu havia me convencido de que não estava ajudando o suficiente. Minha maior força era minha voz de cantora, e pensava que isso era uma bobagem para uma rainha. Então não concorri outra vez, porque eu não era perfeita para o cargo. Anos mais tarde, no meio de uma apresentação, percebi o quanto aquilo era ridículo. Eu podia cantar árias na frente de centenas e me identificar com cada pessoa na sala. Podia ouvir tão bem quanto falar. Então, conversei com minha família e concorri novamente. Você foi uma figura de grande estatura em comparação, mas não tenho mais medo. Espero que você continue servindo a Naboo e espero que continue gostando.

Padmé deixou as palavras da rainha ecoando em sua mente. Ouvir que Réillata não estivera pensando apenas na juventude de Padmé quando concorreu ao segundo mandato significava muito para ela, embora não conseguisse articular exatamente como. Padmé sabia que foi uma boa rainha e que seria uma ainda melhor se tivesse permanecido no cargo, mas não era assim que Naboo funcionava. Ela foi a rainha que Naboo precisava que ela fosse. Agora, aparentemente, ela precisava ser a senadora pela mesma razão, e cabia a ela compensar qualquer deficiência que pensava que tinha, igual Réillata fizera e continuava fazendo. Nenhum sistema podia ser perfeito — um método não era inerentemente melhor do que outro. A política não era um jogo de absolutos, exceto que aqueles que servem nunca podem parar de trabalhar enquanto cumprem seu mandato.

E Padmé cumpriria o seu.

— Obrigada, Vossa Alteza — Padmé disse depois de um longo e precioso momento de silêncio. — E obrigada por apressar essas reuniões para eu poder voltar para minha família assim que possível.

— O prazer foi meu. Ouvi as notícias sobre sua irmã. Sei que deve estar ansiosa para revê-la.

E Padmé estava mesmo. Sua irmã enviara algumas holoimagens, mas não era a mesma coisa.

— Eu estou, Vossa Alteza — ela admitiu.

— Já conversamos tudo que precisávamos, senadora — Réillata declarou. — Tenho muito para pensar e você também, mas não há motivo para esperar por respostas no palácio quando uma simples holomensagem pode chegar a você. Vá para sua família.

— Obrigada, Vossa Alteza — Padmé disse.

Ela fez uma última reverência e depois se virou para conduzir Cordé e Dormé de volta ao palácio. Ela chamou Sabé no comunicador para dizer que estava indo embora, e então Tonra as levou até o speeder que a Rainha Réillata havia providenciado para seu uso enquanto estavam em Naboo. Padmé estava ansiosa demais para enviar um holograma para sua mãe, então apenas digitou uma mensagem e deixou seus pais saberem que ela estaria em casa na hora do jantar.

CAPÍTULO 19

A CASA ONDE PADMÉ Naberrie cresceu ficava longe da capital de Naboo. Assim como a maioria das casas em Naboo, era feita de pedra e tinha um telhado em forma de domo. Seu pai, Ruwee, a construíra sozinho, antes de se tornar professor na universidade, e sua mãe havia dado ao lugar aquela sensação de tempo e espaço e acolhimento que formava a fundação dos verdadeiros lares. Era grande o bastante para toda a família, que havia recentemente se expandido, mas pequena o bastante para Padmé sentir que não estava entrando em outra residência grandiosa sempre que passava pela porta.

Era um lar. Ela nunca viveu em outro lugar que fosse tão aconchegante e cheio de amor. Padmé era grata pelas residências oficiais que Naboo havia fornecido, mas nunca foram dela. Aquela era a casa que ela sonhava quando se sentia solitária em Coruscant participando do programa legislativo júnior, e aquela era a casa para onde ela sempre queria retornar, pelo máximo de tempo possível.

O pátio estava vazio quando Padmé,Tonra e Dormé chegaram. Cada um levava apenas uma pequena mala e não vestiam nada que os identificasse como membros do governo. Tonra ainda carregava seu blaster abertamente e Padmé podia apenas presumir que Dormé carregava o dela sob as roupas como ela própria fazia, mas Naboo estava em paz e ela não achava que havia real necessidade daquilo. Padmé pretendia deixar sua arma em seu quarto durante sua estadia. R2-D2 viera com eles e permaneceu no pátio enquanto eles subiam os degraus até a porta da frente. Jobal Naberrie esperava ali com um grande sorriso no rosto.

— Oi, mãe — Padmé falou, e meses inteiros de frustrações se derreteram.

— Padmé — Jobal puxou a filha para um abraço. — Ah, é tão bom ver você. Entrem, entrem.

Padmé passou a ponta dos dedos contra o pedaço de madeira talhada que formava o batente da porta e entrou diretamente nos braços de seu pai.

— Pai — ela disse quando ele a abraçou, e essa era toda a saudação de que ambos precisavam.

Jobal os conduziu para uma sala de estar cheia de grandes janelas. As paredes

eram azuis e tigelas com flores vermelhas decoravam vários detalhes arquitetônicos. Havia cadeiras e uma mesa sob uma das janelas, com um bule de chá quente e uma bandeja de pequenos sanduíches. Mas Padmé tinha olhos apenas para uma coisa.

— Sola — ela disse, e atravessou a sala correndo até se ajoelhar diante de sua irmã.

— Olá, Padmé — Sola cumprimentou. Ela sorriu e virou o bebê embrulhado em um cobertor para que Padmé pudesse ver melhor. — Esta é Ryoo.

— Ela é linda — Padmé declarou, tocando o rosto da sobrinha.

— Ela chora por duas horas no meio da noite sem nenhuma razão lógica — Sola disse. — Mas sim. Você gostaria de segurá-la?

Padmé queria e cuidadosamente tomou a bebê adormecida dos braços de sua irmã. Ela sentou-se no sofá ao lado de Sola e observou o rosto da sobrinha por um momento antes de ouvir seu pai tossindo suavemente. Tardiamente, ela percebeu que precisava fazer algumas apresentações.

— Mãe,pai,vocês se lembram do CapitãoTonra? — ela perguntou. — Ele lutou na Batalha de Naboo e esteve comigo desde então.

— Parabéns pela sua promoção, capitão — Ruwee disse.

— E esta é Dormé — Padmé continuou. — Ela é chefe do meu guarda-roupa, entre outras coisas.

Todos sabiam o que aquelas outras coisas envolviam.

— Obrigada a vocês dois por ficarem com nossa filha. Por favor, sentem-se. Nós tentamos manter a formalidade da política em um mínimo por aqui, ou então ninguém conseguiria fazer nada — Jobal disse. Tonra e Dormé obedeceram e Padmé segurou uma risada. — Nós esperávamos que o perigo fosse menor em Coruscant, agora que Padmé não é mais rainha.

— E é — Dormé a tranquilizou. — Mas ainda estamos sendo cuidadosos.

— Estou contente por ver que o legado do Capitão Panás continua — Ruwee disse. — Eu nem sempre concordava com seus métodos, mas ele mantinha a todos seguros para que pudessem manter minha filha segura, então passei a entendê-lo.

— Às vezes ele nos visita para um almoço — Sola comentou. — Eu tento sair de casa antes que eles comecem a gritar um com o outro.

Vendo o olhar confuso de Tonra, Padmé disse:

— Meu pai e o Capitão Panás gostam de debater a necessidade de ações militares. A Força de Segurança Real aumentou de tamanho sob meu mandato e acho que meu pai nunca me perdoou por isso.

— Foi necessário, infelizmente — Ruwee disse. — E isso nos salvou, eu sei. Mas com certeza podemos diminuir outra vez?

— Ruwee, deixe eles se acomodarem por mais de dois minutos antes de começar — Jobal observou.

— Tudo bem — Dormé assentiu. — É um risco ocupacional.

— E o papai é muito mais razoável do que a maioria dos senadores com quem trabalho — Padmé declarou. — Mas não se preocupe. Todos os meus amigos são pacifistas.

Ela pretendia que aquilo soasse como piada, mas assim que terminou de falar, percebeu o quanto era reconfortante, mesmo quando discordava de Mon Mothma. Isso a lembrava de onde seu alvo estava e o tipo de senadora que ela queria ser. Em seus braços, o bebê bocejou, e Padmé olhou para baixo. Ryoo havia acordado, mas não tinha começado a chorar, então Padmé fez caretas para ela em uma tentativa de fazê-la sorrir. Aquela forma de negociação também tinha suas nuances.

— A rainha deu alguma indicação de quanto tempo você precisaria servir no Senado? — Sola perguntou. Ela se levantou e foi até a mesa onde o bule de chá estava. — Alguém gostaria de um pouco de chá?

— Não — Padmé disse. — Só disse que gostaria que eu voltasse. E sim, por favor.

Sola serviu chá para todos, tendo aprendido há muito tempo que quando Padmé trazia convidados com quem trabalhava, eles tendiam a segui-la, independentemente do que Jobal dissesse sobre informalidade. Era um dos chás Karlini mais comuns e não precisava de nenhum aditivo para melhorar ou mudar o sabor. Embora não fosse o favorito de Padmé, era raramente exportado e, portanto, beber aquele chá era um dos rituais silenciosos que confirmava que ela estava de volta em casa.

— E você vai voltar? — Jobal perguntou.

Padmé hesitou. Ela olhou para sua mãe e seu pai, para as paredes da casa — ainda seu lugar mais confortável na galáxia — e sentiu o peso da bebê em seus braços. Ryoo havia libertado um braço do cobertor e estava agarrando o colar de Padmé. Ela guardou o pingente dentro do colarinho — era precioso demais para bebês — e ofereceu uma das presilhas de seu cabelo. Ryoo a colocou diretamente na boca e Padmé a retirou rapidamente. Ela claramente precisava de mais experiência com aquilo. Sua irmã riu e repassou um dos brinquedos da bebê.

— Sim, mas não sei por quanto tempo — Padmé confessou. — A rainha depositou em mim sua confiança e tenho muitos projetos em andamento em Coruscant. É claro, sinto falta do meu lar, mas...

— Se preferir, não tocamos mais no assunto — Ruwee disse. — Em vez disso, você pode me ajudar com os jardins.

— Bom, o dia está muito bonito para se ficar dentro de casa — Sola concordou. — Deixe-me pegar o protetor solar de Ryoo, então podemos todos sair. Mesmo se o papai não conseguir convocar nenhum de nós, ele pode ensinar tudo que quiser enquanto trabalha, e sabemos o quanto ele gosta de fazer isso também.

— Sou um construtor e um professor — Ruwee disse. — O que você esperava?

Padmé entregou a bebê para sua mãe e foi caminhar com Dormé quando todos saíram para os jardins.

— Vocês estão bem? — ela perguntou, falando alto o bastante para Tonra também a ouvir. — Sei que visitar minha família pode ser um pouco constrangedor, mas eles realmente tentam ser inclusivos. Eu quis alertar antes, mas quando chegamos no planeta, tudo aconteceu tão rápido.

— Tudo bem, milady — Tonra disse. — Sabé nos avisou sobre o que deveríamos esperar.

— Só é preciso um ajuste — Dormé declarou. — E, francamente, é muito melhor do que a ideia do Senado de inclusão.

— Certo — Padmé disse. — Mas se vocês quiserem ir embora, sintam-se livres. A minha mãe preparará quartos de hóspedes para vocês se precisarem fugir um pouco do charme da família Naberrie.

— Ora, senadora — Dormé levou a mão ao peito como se estivesse chocada. — Mas que coisa para se dizer!

Deu tudo certo durante a visita. Como prometido, os pais de Padmé não tocaram mais no assunto de seu futuro no Senado, e tudo que custou a ela foram duas horas lixando vigas para a nova estufa que Ruwee estava construindo para que a escola local pudesse ter flores para estudar e desenhar durante a estação do frio. Ela levou R2-D2 para ajudar, mas o droide imediatamente se distraiu com a bebê e, em vez de contribuir com o projeto, passou o tempo entretendo Ryoo com uma variedade de sons e, até levar uma bronca, soltando relâmpagos controlados.

— Por que você tem uma unidade astromec? — Sola perguntou, assim que R2-D2 passou a brincar com sua filha de um jeito menos provável de resultar em eletrochoque ou curto-circuito.

— R2 é um herói de Naboo — Padmé disse. — Ele consertou nosso hiperpropulsor quando tentamos furar o bloqueio da Federação de Comércio, e foi uma parte importante da batalha para retomar o planeta. Ele passa a maior parte do tempo dentro da nave, mas tem sido estranhamente leal e tem uma variedade de funções úteis. Além disso, às vezes ele simplesmente me faz sorrir.

— Bom, R2 — Sola disse ao pequeno droide —, você precisa aprender a ser

uma babá, mas acho que você leva jeito.

O droide emitiu um assobio e depois voltou sua atenção total para Ryoo.

— Você não é realmente a favor de armar comerciantes civis para ajudá-los a combater piratas, não é? — Sola perguntou, com um tom baixo na voz. — Isso é quase exatamente como o bloqueio da Federação de Comércio começou.

— Não — Padmé disse. — Os outros senadores com quem trabalho são inteiramente contra a violência, chegando até a pregarem a não defesa. Mas eles são, em sua maioria, de planetas do Núcleo. São inteligentes e experientes, mas acho que esse é um ponto onde estou na frente e ainda não encontrei um jeito de graciosamente lhes chamar a atenção para isso.

— Então você está sem graciosidade jogando no outro lado dos argumentos deles? — Sola perguntou. — Isso pode ser perigoso.

— Não é tão sério assim — Padmé disse. — Nós mantemos essas conversas longe do plenário, então não há registro delas além daqueles que nós mesmos fazemos. É mais como um ensaio, para que quando Mon Mothma ou Bail Organa levarem o assunto para o restante do Senado, eles estejam cientes de como a discussão poderá acontecer.

— E você nunca leva os assuntos ao plenário? — Sola perguntou.

— Ainda não — Padmé admitiu. — Confesso que isso me irrita, mas decidi esperar um pouco mais antes de discursar diretamente para o Senado sobre alguma moção de minha autoria. Todos se lembram do que aconteceu da primeira vez que discursei, e aquele tipo de mudança no governo não é esquecido facilmente.

— Você nos salvou — Sola disse. — Foi isso que aconteceu.

— Eu sei — Padmé concordou.

— É melhor você ir e resgatar Dormé antes que o papai a adote — Sola disse, olhando na direção do jardim para onde Ruwee proclamava que Dormé era a melhor escultora que ele via em dez anos. — Os seus amigos são sempre tão talentosos.

— É por isso que acabam trabalhando comigo. Pode parecer algo mercenário se cercar de pessoas boas em coisas que você não é, mas isso acaba mantendo a vida interessante.

Padmé se levantou e foi ver se Dormé precisava ser resgatada. Suas damas de companhia geralmente cuidavam bem de si mesmas, mas assassinos experientes e políticos astutos eram uma coisa, e os pais de Padmé eram outra completamente diferente. Dormé segurava uma pequena vibrolâmina e estava esculpindo vinhas entrelaçadas nas partes das vigas que ficariam visíveis dentro da estufa.

— Ela tem mãos muito firmes — Ruwee disse. — E consegue enxergar o

desenho inteiro em sua mente e depois desenhar no espaço que for necessário.

— E o que você achava que a chefe do guarda-roupa fazia? — Padmé perguntou. Dormé sorriu.

— Bom, quando minha filha terminar com a política galáctica, você não terá problemas para encontrar algo para fazer aqui — Ruwee disse.

— Obrigada — Dormé agradeceu. — Minha bisavó me ensinou como esculpir. É mais fácil para ela agora que já tem mais idade, e costurar faz suas juntas doerem. Estou ansiosa para vê-la quando Cordé e eu trocarmos de lugar daqui a alguns dias.

Dormé terminou de esculpir a vinha e voltou para acrescentar folhas e flores.

— Eu queria perguntar — Ruwee disse. — Como está Sabé? Esperávamos que ela viesse com você, mas acho que ela tem suas próprias visitas para fazer?

— Ela está bem — Padmé respondeu. — E sim, ela tem. Saché a levou para encontrar as outras, eu acho, e depois ela vai para casa.

— Suas amigas estão fazendo um trabalho maravilhoso aqui — Ruwee observou. — Na legislatura, com aquelas crianças, com música, e li os relatórios iniciais do projeto da alga-azul. É muito animador.

— Tenho muito orgulho delas — Padmé disse.

— Sabe — Ruwee continuou —, ninguém precisa ser incrível para sempre. É perfeitamente aceitável alguém salvar um ou outro planeta e depois se aposentar para levar uma vida normal.

Padmé tomou a lixa outra vez. Era mais fácil pensar nos termos de seu pai quando o ajudava com o trabalho que ele adorava tanto.

— É estranho ver minhas amigas seguindo em frente e fazendo coisas incríveis sem mim — Padmé disse. — E Sola também. Ryoo é maravilhosa e acho que fará parte do futuro de Naboo tanto quanto as algas-azuis de Eirtaé. Mas não sei o que eu faria, se voltasse agora. Quero uma família, mas não agora, e a única habilidade que realmente cultivei foi a política.

— Você é excelente fazendo trabalho humanitário — Ruwee apontou.

— E é isso que estou fazendo no Senado agora — Padmé disse. — Ou tentando fazer.

— Você sempre pode voltar — ele afirmou.

— Sim. — Padmé se sentiu estranhamente energizada. — Sei que não é a vida que você queria para mim e sei que não é a vida que eu quero para mim, ao menos não para sempre, mas ainda é uma coisa boa, e eu ainda preciso fazer.

— Você sempre terá nosso apoio — Ruwee disse quando Jobal apareceu com mais chá.

Padmé tomou uma xícara da bandeja e deixou o aroma trazer lembranças de milhares de xícaras que vieram antes daquela. E ela esperava que haveria mais

mil xícaras em seu futuro. Eles continuaram trabalhando na estufa para que os jovens artistas de Naboo tivessem flores quando já não houvesse mais flores.

CAPÍTULO 20

PADMÉ PASSOU SUA ÚLTIMA noite em Naboo de volta ao palácio real. A rainha havia sido tão compreensiva com o tempo que Padmé precisava com sua família que, quando Réillata pediu que ela passasse os últimos dias de sua licença na capital para mais discussões, Padmé não pôde recusar. Agora o tempo para conversas havia acabado e ela estava pronta para encarar o Senado novamente. Tinha o apoio total de seu planeta, o suporte de sua rainha e quase toda a sua própria confiança.

Padmé estava arrumando as malas outra vez, mas agora tinha um propósito específico. Sabé estava com ela, junto com as outras, e juntas elas escolhiam uma nova coleção de vestidos que se encaixaria com a imagem que a Senadora Amidala estava tentando projetar. Ela havia banido a maior parte das cores vivas, infelizmente, com exceção de algumas peças que não conseguia abandonar, mas foi com certo alívio que enviou todos os maiores ornamentos de cabeça para o depósito, junto com os vestidos mais elaborados.

Com os olhos de Dormé para aparência e função, elas construíram um guarda-roupa baseado em tons mais escuros de azul, verde e castanho. Todos os vestidos ainda eram altamente bordados com temas de Naboo e muitos consistiam em múltiplas camadas, mas eram mais fáceis para sentar e caminhar. Padmé seria capaz de virar a cabeça e dobrar uma esquina sozinha. A praticidade dos designs de Dormé se estendia a roupas de baixo e calçados.

Cordé havia começado a esboçar novos estilos de cabelo para Amidala que dependiam menos de suportes estruturais e mais de presilhas discretas. As presilhas — projetadas e criadas pela irmã joalheira de Cordé — poderiam, em caso de emergência, servir como armas ou ferramentas, mas eram pequenas o suficiente para passar pela maioria dos escâneres de segurança. Versé e Sabé haviam trabalhado juntas em roupas para ainda mais mobilidade: macacões e outros trajes que poderiam ser combinados com capas dramáticas para lembrar a todos da condição de Amidala sem atrapalhar seus movimentos.

— Vai se mover melhor do que os vestidos de batalha — Padmé disse, segurando a calça branca na sua frente.

— E provavelmente facilita escalar mais do que o uniforme de guarda —

acrescentou Sabé. Ela manteve o rosto neutro, mas seus olhos estavam brilhando. Typho havia jurado silêncio, mas todas dariam uma fortuna para ver Padmé descendo daquela árvore.

Sabé também estava cuidando das próprias roupas. Ela havia recebido um uniforme de guarda, além de dois conjuntos de túnicas para o caso de precisar atuar como dama de companhia. Também havia encomendado um novo par de botas — cuidadosamente arranhando-as para não parecerem tão novas — e um cinto de utilidades, além daquele que acompanhava seu uniforme. Suas roupas variavam desde conjuntos práticos de casaco e calça que mal tinham algum adorno até trajes de alta classe.

— Vocês têm certeza sobre os vestidos? — Sabé perguntou. — Não posso exatamente usá-los na minha vizinhança.

— Podemos precisar de você de repente — Padmé disse. — Sei que é improvável, mas temos espaço no compartimento de carga, e assim você estará preparada para todas as eventualidades.

— É justo — Sabé concordou.

Alguém bateu à porta e Mariek entrou. Padmé mal a encontrara durante sua estadia em Naboo e ficou contente pela capitã de sua guarda ter retornado.

— Vocês já estão prontas para enviar tudo isso para a nave? — ela perguntou.

— Sim, tia — Versé disse.

Cordé guardou as últimas peças frágeis e Dormé verificou o lacre nas caixas. Quando tudo estava seguro, as caixas foram colocadas sobre plataformas repulsoras e Mariek se retirou para supervisionar o embarque. Ela havia acabado de sair quando houve outra batida na porta e Saché entrou.

— Olá — Padmé disse calorosamente. Ela havia encontrado suas amigas durante a licença, em seus concertos, casas e exposições de arte, mas nunca era o bastante.

— Vim perguntar se você vai jantar com a rainha hoje — Saché disse.

— Hoje não — Padmé respondeu. — Ela tinha uma reunião com os ministros do comércio e eu não queria atrapalhar.

Além disso, Padmé já tinha jantado muito com os ministros do comércio.

— Bom, então tenho um convite para você, para todas vocês — Saché disse. — Estou organizando um jantar. Posso usar o salão sudoeste, com as janelas que você gosta. Seremos apenas nós, então vocês podem descer quando estiverem prontas.

— Isso soa maravilhoso — Padmé declarou. — Deixe-nos terminar aqui e daqui a pouco desceremos.

O salão sudoeste era o favorito de Padmé porque era pequeno e decorado com simplicidade. Sua glória era a parede forrada de janelas que iam do chão ao teto

e deixavam entrar muita luz, além do terraço lá fora, onde toda a cidade de Theed e a paisagem ao redor eram visíveis. Como rainha, Padmé usava o terraço para ler e se encontrar com suas confidentes mais próximas. Parecia um lugar mais do que apropriado para um jantar de despedida e ela ficou contente por Saché ter se lembrado.

"Apenas nós" acabou se transformando em todas as damas de companhia, com exceção de Yané, que cancelara de última hora porque os gêmeos que ela vinha cuidando tinham adoecido e ela estava em casa com eles. Saché ficou visivelmente desapontada, mas fez seu melhor para não deixar transparecer.

— Eles são crianças ótimas, na maior parte do tempo — Saché observou. — E tenho muito orgulho dela por estar fazendo isso.

— Eu os conheci quando a visitei — Padmé disse. — Não foi uma visita longa, mas foi o bastante para conhecê-los um pouco e ver Yané outra vez. Não posso imaginar como é cuidar de gêmeos, mas ela é tão boa fazendo isso.

— Ela realmente é — Saché concordou.

Um novo vitral de uma janela chamou a atenção de Padmé. Ela havia encomendado vários depois da Batalha de Naboo, para substituírem aqueles danificados durante a Ocupação, mas aquele não era um dos seus. A janela mostrava uma procissão real onde uma pequena versão dela de vidro andava pelas ruas de Theed sob uma cobertura enquanto suas assistentes a cercavam. Rabé seguiu seu olhar e riu quando viu a janela.

— Quantas de nós eles acham que existem? — ela disse. Havia muitas figuras encapuzadas naquela cena.

— Uma delas está segurando a cobertura? — Saché perguntou, cerrando os olhos. — Acho que o artista não entende bem o que fazemos.

— Ótimo — Sabé disse, e todas riram. — É assim que tem que ser.

Rabé se apresentou para elas enquanto esperavam a hora do jantar e Eirtaé deu mais detalhes sobre seu tempo em Otoh Gunga do que dera para a assembleia legislativa. Ela também trouxera várias de suas obras para Padmé ver e Sabé insistiu em comprar uma delas, embora atualmente não tivesse onde colocar.

— Vou enviar para a casa dos seus pais — Eirtaé disse a ela.

Padmé saiu para o terraço depois do pôr do sol, com Sabé dando a ela um pouco de distância enquanto a seguia. Pela primeira vez, não havia nenhuma questão de segurança para se considerar. A viagem inteira transcorreu sem incidente algum e Padmé ficou profundamente contente por isso. Ela sabia que era o trabalho delas e sabia que era sua posição, mas odiava sempre que as pessoas se colocavam em risco por ela, principalmente quando eram suas amigas.

Havia uma quietude em Naboo de um jeito que Coruscant nunca poderia ter. A

cidade-planeta tinha um constante zumbido: geradores, trânsito, o burburinho de milhões de conversas simultâneas. O som de Naboo era muito mais discreto, mas estava lá se você soubesse como ouvir. Padmé amou as cachoeiras de Theed desde a primeira vez que as viu, e ficar longe de seu planeta apenas fez seu carinho crescer ainda mais. Ela permaneceu parada, observando a cidade que seu coração mais amava, ouvindo o som distante da água corrente.

— Nós voltaremos aqui, você e eu — ela disse para Sabé. — Faremos o que precisamos fazer lá fora e depois voltaremos.

Sabé pousou a cabeça no ombro de Padmé — sentiu o rosto de Padmé pressionando de volta em seus cabelos — e nenhuma das duas duvidou daquilo nem por um momento.

PARTE V

A AMEAÇA DA PIRATARIA CRESCE SEM CONTROLE

O transporte de cargas pela Orla Média vem sofrendo ataques de piratas cruéis visando roubar qualquer coisa que não esteja soldada ao casco das naves. Milhões de créditos investidos somem quando naves voltam vazias para o Núcleo. Por quanto tempo mais o Senado vai ignorar a situação da Orla Média? Quanto dinheiro de investidores como a Federação de Comércio será forçado a correr esse risco? E será que o Chanceler Palpatine irá convencer o governo galáctico a interceder antes que seja tarde demais?

— TriNebulon News

CAPÍTULO 21

CORUSCANT ERA BARULHENTA E LOTADA, o ar tinha um cheiro terrível, mesmo à altura do terraço da residência senatorial de Padmé, mas ela descobriu que uma parte de si sentiu falta de tudo aquilo, apesar de seus melhores esforços. Ela admitiu que gostava dos desafios intelectuais que acompanhavam o mandato no Senado Galáctico, e discretamente lembrou a si mesma para não se deixar levar demais pelas teorias do poder a ponto de esquecer como suas ações — ou a falta delas — afetavam outros seres.

Eles haviam retornado um dia antes para se acomodarem no apartamento e arrumarem suas coisas, mas assim que as malas foram empilhadas no quarto, o comunicador oficial de Padmé emitiu um sinal, exigindo sua atenção. Ela foi ler a mensagem e depois se sentou quando percebeu o que estava para acontecer.

— Dormé! — ela chamou. A dama de companhia apareceu em questão de segundos. — Ache algo senatorial que não precisamos passar, o mais rápido que conseguir. Tenho de ir ao plenário do Senado imediatamente.

— O que aconteceu? — Dormé já estava se movendo. Ela sabia exatamente qual mala abrir e rapidamente juntou tudo que precisaria.

— Uma sessão de emergência foi anunciada — Padmé disse, começando a se despir de suas roupas de viagem. — Algo sobre os aquedutos planetários em Bromlarch. O informe não traz muitos detalhes, mas deve ser importante para convocar a todos um dia antes. Ainda bem que chegamos a tempo. O que você quer que eu faça com o cabelo?

— Deixe como está, por enquanto — Dormé respondeu. — E continue com essas roupas de baixo. Vão servir junto com isso.

Padmé deixou Dormé vesti-la com um dos novos trajes. O vestido marrom ficou por baixo de um vestido de pregas verde que não amassaria, e depois um manto marrom cobriu os dois, em vez de uma capa ou túnica. Dormé pegou as tranças que caíam sobre as costas de Padmé e as enrolou ao redor da cabeça de um jeito parecido com a coroa da Rainha Breha, embora o cabelo de Padmé ficasse preso no lugar apenas com presilhas.

— Isso vai ter de servir — Dormé disse criticamente.

— Obrigada — Padmé agradeceu. — Por favor, diga a Typho e Mariek que

me encontrem na plataforma. O resto do pessoal pode ficar aqui e se recuperar da viagem.

Dormé se retirou e Padmé tomou um momento para se recompor. Milhares de cenários cruzaram sua mente e ela forçosamente se livrou de todos. Não havia razão para planejar qualquer coisa ou se preocupar demais antes de saber quais eram os problemas e como poderia melhor lidar com eles. Ela respirou fundo mais uma vez e seguiu para a plataforma, incorporando a Senadora Amidala da cabeça aos pés.

Typho pilotou o speeder ele próprio, pois não havia tempo para esperar pelo transporte senatorial. O escritório de Amidala tinha autorização para voar fora das vias principais da cidade, então não demorou muito para alcançarem o edifício do Senado. Typho deixou Mariek e Padmé desembarcarem e prometeu encontrá-las na cápsula.

Padmé não parou em sua sala, seguiu direto para o plenário e tomou seu lugar. Ela ligou o tradutor para o caso de ser necessário e se acomodou para escutar.

— ... o potencial para tragédia se avoluma — dizia o senador de Bromlarch, um humanoide magrelo chamado Caelor Gaans. — Não havia como prever que a atividade sísmica seria tão severa. Nosso sistema de aquedutos é capaz de aguentar pressão e estresse consideráveis, mas isso foi muito além de qualquer coisa que o planeta já tenha experimentado.

— E quanto a suas casas e centros populacionais? — Mon Mothma perguntou. Padmé ficou aliviada por ouvir sua voz.

— Elas se saíram um pouco melhor, senadora, obrigado — Gaans disse. — As casas são feitas com um material mais flexível e ficam mais perto do solo. Nós as construímos para serem substituíveis e achávamos que o aqueduto aguentaria.

— Parece que vocês fizeram todo o possível — Mon Mothma declarou.

— Não será suficiente — Gaans lamentou. — Sem o aqueduto, nosso sistema de agricultura será aniquilado. Só podemos levar água para dez por cento de nossos campos e o tremor secou muitos poços particulares. Não temos tempo de cavar novos poços enquanto pensamos em como reconstruir. Nós acabamos de terminar a estação de plantio. Se não conseguirmos levar água para as plantações, o planeta inteiro passará fome.

Após essa previsão terrível, Gaans retomou seu lugar. Parecia que suas pernas não aguentariam mais seu peso. Padmé sentiu o coração pesado por ele. Ela sabia como era ficar em Coruscant enquanto seu planeta sofria.

— Os cidadãos de Bromlarch não podem ser realocados? — perguntou o senador de Malastare.

— Existem milhões de nós — respondeu Gaans, levantando-se com dificuldade outra vez. — Não seria prático. E muitos não têm para onde ir.

— Senadores, senadores — o Chanceler Palpatine finalmente se fez ouvir. Silêncio, ou a coisa mais próxima disso, recaiu sobre a câmara do Senado. — Precisamos nos mover o mais rápido possível para aliviar o sofrimento em Bromlarch. A realocação apenas será considerada como absoluto último recurso. A presidência agora dá a palavra ao senador de Scipio.

Padmé se ajeitou na cadeira. Ela sentiu a pontada afiada e pouco familiar da inveja diante da ideia de que Rush Clovis faria um discurso solo antes dela, mas Padmé rapidamente matou esse sentimento ruim. E ela se perguntou o que ele poderia oferecer. Ela própria apenas conseguiu pensar em um auxílio alimentar básico — uma solução no máximo óbvia e de curto prazo.

— Senadores — Clovis disse —, proponho que uma equipe de auditoria seja enviada para Bromlarch. Eles poderão averiguar os danos e providenciar uma estimativa de custos para os reparos. Entendo que Bromlarch está sobrecarregada demais para conduzir esses estudos no momento, mas o Senado pode lidar com esse trabalho, e quando tivermos os relatórios, poderemos tomar outras decisões.

Créditos, é claro. Clovis queria saber quanto tudo custaria. Porém, não era um plano ruim. A única hesitação de Padmé era que ela sabia por experiência própria o quanto esse tipo de estudo podia demorar.

— Onderon apoia a moção — Mina Bonteri disse. Padmé ficou surpresa. Bonteri não havia falado muito ao fim da sessão anterior. Talvez o recesso a tivesse revitalizado.

Palpatine consultou seus conselheiros, que ainda incluíam Mas Amedda. Padmé não gostava do conselheiro Chagriano e desejava que Palpatine tivesse escolhido outra pessoa agora que estava mais estabelecido como chanceler. Ela não fora consultada, é claro, mas Palpatine sabia de sua antipatia. Assim como em muitos outros assuntos, ele dispensou a opinião dela no instante em que não se alinhava com as opiniões dele. Quando Mas chegou mais perto novamente para falar, Padmé sentiu o arrepio da história se repetindo.

— Muito bem — ele disse. — Nós enviaremos a equipe de auditoria. Pedirei a nossos amigos, os Jedi, que também enviem alguém. Eles são excelentes embaixadores durante crises humanitárias e muitas vezes oferecem um ponto de vista menos dominado pela política para as soluções propostas. Senador Clovis, Senadora Bonteri, vocês podem levar quaisquer colegas que desejarem.

O comunicador de Padmé emitiu um sinal e ela sabia que seria Organa antes mesmo de olhar. A mensagem continha apenas uma palavra:

“*Vá*.”

Padmé já estava de pé com Typho e Mariek vindo atrás quando o Chanceler Palpatine começou a declarar o fim da sessão. Ela andava com passos apressados

em direção ao lugar onde a cápsula de Mina Bonteri atracaria. Com sorte, conseguiria convencer a senadora de Onderon a deixá-la participar da equipe, apesar de as duas terem se afastado desde que Padmé começara a se reunir com Mon Mothma. Em último caso, se estivesse desesperada, ela poderia abordar Clovis, mas Padmé preferia tentar com Bonteri primeiro.

— Senadora Amidala — Bonteri disse quando ganhou o corredor —, não estou nem um pouco surpresa por vê-la.

— Gostaria de acompanhá-la até Bromlarch, senadora — Padmé declarou. — Minha experiência com ajuda humanitária me...

— Sim, minha querida, eu sei — Bonteri disse. — É por isso que não estou surpresa por vê-la. Você me acompanha?

Padmé passou a andar a seu lado. Ao menos Bonteri não estava se movendo com lentidão. Elas atravessaram o corredor até uma alcova na parede onde um pequeno banco ficava fora do caminho do tráfego de pessoas. Bonteri se sentou e Padmé fez o mesmo.

— Você foi uma das primeiras pessoas que pensei, senadora — Bonteri disse. — Eu sabia que a primeira ação do Senado seria enviar uma equipe para observar os danos. Eles não confiam em repórteres, mesmo quando imagens são apresentadas. Eles precisam ver tudo com os próprios olhos.

— Eu me lembro. — Padmé sentiu a velha amargura surgir em seu estômago.

— Tenho certeza de que você vai assegurar que a viagem seja rápida — Bonteri continuou. — E eu serei capaz de dar às suas observações o peso que precisam para mobilizar o Senado. Mas devo alertar que, no fim, podemos não vencer. Mesmo depois das suas recomendações, o Senado ainda pode fazer algo que você não aprove, e já que o relatório será submetido por você, quase certamente você terá que votar a favor dele.

Padmé estava digerindo aquilo quando Clovis apareceu.

— Senadora Bonteri, Senadora Amidala — ele cumprimentou. Seus olhos se arregalaram e ele sorriu, apesar da severidade da situação. — Nós já temos nossa primeira voluntária?

— Parece que sim — Bonteri respondeu friamente. Aparentemente, ela gostava da atitude de Clovis tanto quanto Padmé.

— Excelente — Clovis disse. — Vou deixar minha nave e tripulação à nossa imediata disposição. Vocês vão levar mais alguém?

— Eu tenho um droide — Padmé informou. Mariek ficaria furiosa, mas como Clovis estava no comando, ela não poderia levar seus guardas.

— Minha secretária pode cuidar do restante dos registros — Bonteri ofereceu. — E teremos o Senador Gaans junto conosco, é claro. Acho que será o bastante.

Clovis podia ter proposto a auditoria, mas Bonteri estava deixando muito claro

quem estava no comando e Padmé ficou agradecida por isso. Ela não estava ansiosa para uma semana ou duas fazendo qualquer coisa que Clovis achasse apropriado. Bonteri era uma líder muito melhor para a expedição e alguém com quem Padmé ficava muito mais confortável de trabalhar e receber ordens.

— Tudo bem, então. — Se Clovis ficou ofendido, ele não deixou transparecer. — Você estará pronta para partirmos hoje à noite? Digamos, daqui a quatro horas?

Isso daria tempo o bastante para Typho gritar com ela, para Dormé arrumar as malas outra vez e para Padmé ligar para Sabé com as atualizações.

— Sim, estarei — ela respondeu.

— Enviarei meu transporte para vocês duas — anunciou Clovis. — Agora, se me permitem, tenho minhas próprias preparações a fazer.

Ele se retirou e Bonteri suspirou profundamente antes de se levantar.

— Ele é um garoto estranho — ela observou. — Mas é honesto.

— Você acha? — Padmé disse. Essa não seria a primeira palavra

que usaria para descrevê-lo.

— Quis dizer que ele não tem malícia. Você sabe exatamente o que esperar dele. — Bonteri olhou para ela astutamente. — Você é muito parecida, nesse sentido, embora a manifestação da sua honestidade seja diferente.

— Ainda bem — Padmé disse discretamente, mas alto o bastante para Bonteri ouvir. A mulher mais velha riu e Padmé sorriu. Talvez não tivessem se distanciado tanto, afinal de contas.

— Tenho que enviar algumas mensagens — Bonteri declarou. — E imagino que você também tenha. Vejo você em algumas horas, senadora.

Padmé se levantou.

— Obrigada por me incluir, senadora — ela agradeceu. — Causas como essa significam muito para mim.

— Eu sei — Bonteri disse. — Farei o meu melhor para não tirar vantagem disso.

Enquanto Padmé considerava a estranheza daquele comentário, Bonteri caminhou de volta para seu escritório. Eventualmente, Padmé se virou e voltou para onde havia deixado Typho e Mariek.

— Você vai com eles — Mariek não fez uma pergunta.

— Sim — Padmé disse. — Vamos. Temos que voltar para a residência para eu poder fazer minhas malas, e vai demorar um pouco até vocês se cansarem de gritar comigo.

— E por que vamos gritar com você? — Typho perguntou.

— Porque vocês não podem me acompanhar — confessou Padmé.

— Ei, espere um pouco — Typho começou a protestar.

— Na residência, sargento — Padmé disse. — Preciso mostrar união aqui, mas quando voltarmos para casa vocês podem gritar o quanto quiserem comigo.

No fim, Padmé demorou apenas uma hora para se trocar e arrumar as malas. Dormé havia organizado o guarda-roupa para que todo o seu vestuário de viagem estivesse junto, o que simplificou o processo. Padmé ligou para Sabé, mas ela estava fora, então Padmé foi forçada a deixar uma mensagem. Typho gastou seu vocabulário no curso de trinta minutos, enquanto Mariek precisou de mais quinze. A essa altura, Varbarós havia chegado para entregar R2-D2, e Padmé estava pronta para partir.

Quando embarcou no transporte de Clovis, ela sentiu uma excitação que a deixou um tanto envergonhada, dadas as circunstâncias. Aquilo seria o mais sozinha que ela esteve em muito, muito tempo.

CAPÍTULO 22

DA ÓRBITA, O SISTEMA de aquedutos que sustentava a vida no planeta de Bromlarch parecia rios estranhamente retos se ramificando pela superfície do planeta. O piloto de Clovis havia posicionado a nave para que pudessem observar o planeta girando abaixo deles, e à medida que o lado noturno surgia, os rios desapareciam completamente. Apenas as luzes dos assentamentos eram visíveis. Pelo menos a rede de energia planetária havia sido parcialmente restaurada.

— Ainda deveria ser possível vê-los — o Senador Gaans disse com tristeza. Ele pousou a mão de longos dedos sobre a janela, cada um dos nove dígitos se abrindo sobre o transparaço como se ele pudesse apanhar os pedaços de seu mundo partido. — Suas luzes deveriam ser visíveis daqui. Sempre foi uma das minhas partes favoritas de voltar para casa.

— Quanto do sistema sofreu danos? — Padmé perguntou.

— Quase oitenta por cento no total — Gaans disse. — As áreas mais afetadas ficavam bem no epicentro do terremoto, mas os danos se irradiaram para fora, igual a água geralmente faz.

A Mestra Jedi Depa Billaba se juntou a Padmé diante da janela. Padmé a conhecia de vista, já que foi uma das Jedi que viajaram até Naboo para o funeral de Qui-Gon Jinn, mas as duas não conversaram muito durante a viagem. Padmé gostava dela, mas era estranho interagir com uma Jedi depois de tanto tempo. Padmé sabia que não deveria esperar que todos os indivíduos de uma cultura agissem igual, mas havia grandes diferenças entre a maneira como Qui-Gon se comportava e a postura de Billaba, e Padmé achou aquilo distintamente estranho de um jeito que não conseguia identificar ou explicar, exceto para dizer que Qui-Gon olhava para ela — às vezes fundo demais —, enquanto tinha a impressão de que Billaba olhava *através* dela.

— Sinto medo e dor em seu planeta, Senador Gaans — Billaba declarou. — Mas não em nenhuma concentração específica. O seu mundo está sofrendo, mas o sofrimento ainda não é crítico.

— Obrigado, mestra Jedi — Gaans agradeceu. — Não faz eu me sentir muito melhor, mas aprecio sua intenção.

Clovis entrou na sala onde estavam reunidos para assistirem ao pouso. O design de sua nave era muito diferente da nave prateada de Padmé, mas o povo de Naboo se orgulhava em fazer tudo parecer lindo e funcional ao mesmo tempo. A nave de Clovis era quadrada, seu exterior cinzento não deixava transparecer nenhum dos luxos absurdos de seu interior. Todos tinham seus próprios aposentos, o que explicava por que havia um limite para quem eles podiam levar juntos na expedição. R2-D2 havia acessado a planta da nave assim que embarcaram, e Padmé não precisava entender a linguagem binária para saber sua opinião negativa do layout. Era agradável não se apertar uma em cima da outra — mesmo a nave de Naboo às vezes parecia um aperto —, mas a nave se apresentava como um alvo para qualquer um que chegasse perto o bastante para realizar uma varredura.

— Vamos aterrissar assim que recebermos a liberação — Clovis informou. — Meu piloto está checando para ter certeza de que as coordenadas não mudaram por causa de algum envio de emergência ou algo assim. Estaremos em solo em breve, se vocês quiserem começar a se preparar.

Padmé foi buscar R2-D2, mas os outros permaneceram ali para assistirem à aterrissagem. O piloto de Clovis era quase tão bom quanto Varbarós, mas ninguém conseguia aterrissar tão suavemente quanto ela, e Padmé sentiu o tranco quando a nave tocou o solo. R2-D2 emitiu um som contrariado.

— Eu sei — Padmé disse. — Mas eles nos trouxeram aqui, então é melhor você ser educado com eles.

O conselho planetário estava esperando na plataforma quando eles desembarcaram. Todos pareciam absolutamente exaustos e Padmé não podia culpá-los. Recuperar-se de um desastre natural já era um trabalho difícil em si, sem considerar a preocupação com o aqueduto. Ela seguiu Bonteri e Gaans descendo a rampa. Clovis tentou acompanhá-la ao seu lado, mas com R2-D2 ali, ele não teve escolha a não ser andar sozinho. A Mestra Billaba seguiu atrás.

— Meu amigo — a conselheira chefe disse para o Senador Gaans, e os dois se abraçaram. Ela era um pouco mais alta do que o senador, com pele marrom-clara e um corte de cabelo curto que tinha um leve tom esverdeado. — É muito bom vê-lo. Só gostaria que fosse em melhores circunstâncias.

— E eu gostaria de ter estado aqui quando aconteceu — Gaans respondeu. — Embora não saiba o que eu poderia ter feito.

— Você estava onde precisava estar — a conselheira disse. — Por sua causa, a resposta do Senado foi rápida.

— Espero que sim — Gaans respondeu. — Permita-me apresentar a Mestra Jedi Depa Billaba, a Senadora Mina Bonteri de Onderon, o Senador Rush Clovis de Scipio e a Senadora Padmé Amidala de Naboo. Eles vieram avaliar os danos

para que possamos especificar que tipo de auxílio pediremos ao Senado. Esta é a Conselheira Eema, a chefe de nosso governo planetário.

— Temo que não podemos realmente recebê-los com conforto — Eema disse.

— Por favor, não se preocupe conosco — Clovis tranquilizou-a, tomando a frente. — Vamos ficar na nave e podemos nos locomover para onde vocês precisarem. Além disso, sei que não é muito, mas eu adquiri o máximo de suprimentos de emergência que pude antes de deixar Coruscant. O compartimento de carga está cheio de barras de ração e suprimentos médicos. Não é muito, mas espero que possa ser útil.

Padmé pensou em todo espaço que ela tinha em seus aposentos e quantos suprimentos mais poderiam caber na nave se ela e Bonteri tivessem compartilhado o quarto, e ela cerrou os dentes pensando nisso. Clovis estava tentando, mas ela era boa nessas situações e poderia ter lhe dado conselhos se ele tivesse pedido. Ao menos, ele trouxe suprimentos úteis.

— Obrigada — Eema disse. — Podemos fornecer apenas uma assistente, mas agradecemos a sua ajuda.

Os conselheiros esperaram enquanto os caixotes de suprimentos eram descarregados, e depois seguiram de volta para a cidade levando os suprimentos em vários transportes que esperavam na plataforma de embarque. A assistente ficou para trás, esperando sem jeito enquanto observava o processo todo. Ela claramente nunca tinha visto uma Jedi antes e não sabia como agir perto de uma. Padmé se aproximou para ficar ao seu lado.

— Na primeira vez que vi um Jedi, eu estava correndo tentando salvar a minha vida — ela disse. — Fica mais fácil depois quando você se lembrar que eles ainda são seres sencientes, assim como nós. Só que de vez em quando eles falam umas coisas estranhas.

— Algum dia desses eu gostaria de ouvir essa história, senadora — a assistente afirmou. — Perdão, meu nome é Ninui.

— É uma pena nos conhecermos sob essas circunstâncias, Ninui — Padmé disse. — Agora, por onde você gostaria de começar? Seria mais fácil levarmos a nave de volta para a órbita para que vocês possam usar a plataforma de aterrissagem?

— Pode ser — Ninui respondeu. — Desculpe, estou pensando em um milhão de coisas ao mesmo tempo.

— Vamos embarcar novamente — Clovis disse. — Você terá um pouco de paz para pensar e podemos lhe oferecer alguma comida. Imagino que tem se deslocado muito.

Ninui olhou para Clovis e sorriu. Padmé ficou impressionada. Até agora, ele vinha se comportando com delicadeza. Eles então voltaram para a nave. R2-D2

ficou para trás para se apresentar ao computador de atracagem e Depa Billaba ficou observando a paisagem, mas Padmé não podia nem imaginar o que estava fazendo. Ela conduziu Ninui até uma sala de observação. Clovis lhe trouxe uma bandeja de comida e caf, e Bonteri e sua secretária se juntaram a eles após alguns momentos.

— Acho que quanto mais simples mantermos isso, melhor — Bonteri afirmou. — Será mais fácil para você, e certamente mais fácil para o Senado.

— Concordo — Padmé disse. — Ninui, você pode nos dizer o que seu povo precisa agora, o que precisará daqui a um mês e o que precisará daqui a um ano?

— Bom — Ninui tomou seu último gole de caf e Clovis encheu a xícara novamente. — No momento, precisamos de água. Em um mês, vamos precisar de comida, e em um ano, vamos voltar a precisar de água.

— E para conseguir a água, vocês precisam que o aqueduto seja consertado — Bonteri disse.

— É mais complicado do que isso — Ninui observou. — Está chovendo na Província de Dravabi. Sem o aqueduto para levar aquela água para outras partes do planeta, haverá uma enchente.

— Então, o que vocês precisam é do *controle* da água — Padmé disse.

— Isso ainda significa consertar o aqueduto — Clovis observou.

— Sim, mas acho que Padmé está certa em fazer essa distinção — Bonteri disse. — Transportar água é difícil, mas existe muita umidade no ar se precisarmos estabelecer fazendas de umidade temporárias. Só que isso não resolveria nada, porque o problema é onde a água está.

— O que vocês precisam para consertar o aqueduto? — Padmé perguntou. — Nós o vimos da órbita, mas havia poucos detalhes sobre sua construção.

— Precisamos de permacreto — Ninui respondeu. — Não temos as substâncias necessárias para fabricá-lo aqui, nem mesmo uma das imitações, então geralmente nós importamos. Mas agora precisamos de muito permacreto.

Padmé se recostou na cadeira.

— Um dos comitês de que faço parte lida com o transporte de permacreto e nós tornamos o processo de envio menos oneroso — ela declarou. — Eu ainda precisaria de um pouco de tempo, mas acho que posso ao menos conseguir reativar as linhas de abastecimento.

— Isso seria bom para nós — Ninui disse. — Nosso fornecedor não consegue nos enviar o suficiente.

— Você poderia pedir que alguém prepare uma ordem de reparo? — Bonteri perguntou. — Se houver enchentes, nós deveríamos consertar essas regiões primeiro e depois seguir pelo caminho.

— Na verdade, isso já faz parte do nosso planejamento contra desastres —

disse confessou. — Mas ainda não chegamos ao ponto de implementá-lo.

— Excelente — Bonteri disse. — A propósito, não se preocupe em se lembrar de tudo isso. Minha secretária vai lhe enviar todas as anotações.

— Ah, ainda bem. — Ninui pousou a cabeça na mesa e Padmé tocou suas costas. — Nunca estive tão cansada. Tenho medo de parar e não conseguir me mover de novo.

Clovis estava olhando para ela com uma expressão estranha no rosto. Padmé sabia que a história pessoal dele não era livre de tragédias — perder os pais era um de seus medos mais profundos, e Clovis havia perdido ambos quando era muito jovem —, embora sua história tivesse um final feliz com seu pai adotivo. Talvez aquela fosse a primeira vez que ele testemunhava sofrimento em uma escala tão grande. Padmé ficou feliz por ele estar se conscientizando, mas frustrada que tenha sido necessária a quase completa destruição do sistema ecológico e econômico de um planeta para isso. Talvez fosse por isso que Naboo incentivava seus filhos a entrar no serviço público desde cedo: isso garantia que estivessem acordados para a realidade.

— Você pode passar ao nosso piloto as coordenadas de qualquer coisa que precisamos ver? — Clovis perguntou gentilmente. — A ponte tem assentos confortáveis, então você pode descansar lá um pouco enquanto continua trabalhando.

Ninui levantou a cabeça e estalou o pescoço.

— Sim — ela disse. — Posso fazer isso.

— Vou buscar R2 e ver se a Mestra Billaba quer vir junto — Padmé declarou.

Ela desceu a rampa e enviou R2-D2 de volta para dentro. Billaba não havia se movido do lugar onde eles a haviam deixado. Padmé se aproximou, fazendo o máximo de barulho possível enquanto andava. Billaba se virou quando ela estava a poucos passos de distância.

— Senadora? — ela chamou.

— Vamos fazer uma inspeção aérea — Padmé disse a ela. — Você gostaria de nos acompanhar? Eu agradeceria se você pudesse dar ao Conselho Jedi um relato em primeira mão.

— É claro — Billaba disse.

Elas deram apenas alguns passos antes de Billaba parar e, pela primeira vez, olhar diretamente *para* Padmé. Ela se esforçou para não estremecer. Foi mais do que um pouco desconcertante.

— Você não mudou muito desde a última vez em que a encontrei — Billaba observou. Padmé não sabia exatamente o que ela queria dizer com aquilo, e isso provavelmente apareceu em seu rosto, mas a mestra Jedi continuou. — Você cresceu, é claro. Está mais sábia. Mais equilibrada. Mas não mudou. Você ainda

é a pessoa que enfrentou a Federação de Comércio e acho que sempre será.

Provavelmente foi o elogio mais estranho que Padmé já recebera, incluindo a vez em que um garotinho de um mundo desértico havia pensado que ela fosse um anjo, mas ficou lisonjeada mesmo assim. Ela vinha se questionando. Sobre o caminho em que seguiria. Os Jedi conseguiam enxergar coisas que ninguém mais enxergava e Padmé confiava na visão deles, o máximo que um não Jedi poderia confiar.

CAPÍTULO 23

A VIAGEM DE VOLTA a Coruscant parecia interminável. Tudo que Padmé queria era começar a trabalhar, mas teve de se contentar em anotar seus planos para ter certeza de que não se esqueceria de nada quando finalmente chegasse o momento de apresentar ao Senado. Ficou determinado que a Senadora Bonteri faria o relatório oficial, depois eles decidiriam os próximos passos baseados na reação. Padmé estava cautelosamente otimista.

Clovis veio vê-la um pouco antes de a nave sair do hiperespaço. A essa altura, ela já se sentia menos frustrada com ele, mas ainda não gostava de sua companhia do jeito que ele parecia gostar da dela.

— Senadora Amidala — Clovis começou —, posso entrar?

— Por favor — ela respondeu, e fez um gesto na direção das cadeiras vazias.

— Eu queria agradecê-la por se juntar a nós — Clovis disse. — Não sei o que eu estava esperando, mas sei que fiquei sobrecarregado. Eu não poderia ter feito nada sem você por perto para esclarecer tudo.

— Você foi muito bem com Ninui — Padmé disse. — Ela precisava de apoio e você conseguiu enxergar bem isso.

— É um pouco mais fácil quando é apenas uma pessoa — Clovis admitiu. — Você consegue olhar o planeta inteiro e não hesitar.

— Tenho uma certa prática — ela o lembrou.

— Mas não é apenas a parte de ter sido rainha, não é? — ele perguntou. — Tem algo mais.

Padmé respirou fundo. Era uma lembrança dolorosa, porque continha tantas coisas boas e ruins. Mas ela teria que continuar trabalhando com Clovis e contar a ele não custaria nada a ela.

— Meu pai fez muito trabalho humanitário quando eu era muito jovem — ela disse. — Antes de decidir apenas construir em Naboo, ele construía casas e tantas outras coisas em qualquer lugar que você consiga imaginar. Quando eu tinha idade suficiente, eu o acompanhei. Eu tinha sete anos, e o planeta que estávamos evacuando chamava-se Shadda-Bi-Boran. O sol estava morrendo e nós conseguimos realocar toda a população, mas não conseguimos replicar totalmente seu meio ambiente. Os nutrientes que eles tiravam de seu sol, eles

não tiravam de mais nenhum lugar.

— E o que aconteceu? — Clovis perguntou.

— Eles morreram. Todos eles. Tenho algumas fotos, e eles construíram um monumento depois, mas isso é tudo que restou.

Clovis analisou seu rosto procurando por algo, mas Padmé não sabia exatamente o quê.

— Você faria tudo de novo — ele disse.

— É claro que sim — Padmé concordou. — Talvez na próxima vez, um dos nossos cientistas descobriria algum meio de salvá-los. Talvez na próxima vez, haveria sobreviventes. Eu tentaria mil vezes, Clovis, mesmo se conseguisse salvar apenas um ser. Eu tentaria dez mil vezes.

Ela percebeu que ele acreditou nela.

A nave saiu do hiperespaço e o piloto falou no comunicador para que todos se preparassem para a aterrissagem. Clovis não disse mais nada até chegarem ao solo.

— Sei que chegamos ao Senado por diferentes razões — ele disse, levantando-se. — Você tinha suas expectativas para cumprir e eu tinha as minhas. Mas acho que poderíamos nos sair bem juntos, se você quisesse.

— Vou manter isso em mente — ela declarou.

— Será um prazer, Amidala — ele disse.

— É Padmé — ela informou a ele. — Não me importo de você me chamar de Padmé quando ninguém estiver por perto.

Ela não sabia o que a fez dizer aquilo. Quase ninguém fora de sua família e círculo íntimo tinha permissão para usar aquele nome.

— Sempre gostei de Clovis — ele disse. — É o nome que compartilhei com meus pais.

— Em Naboo, nós chamamos as pessoas pelos nomes que elas querem ser chamadas — Padmé disse. — O antigo capitão da minha guarda era chamado de Panás, mas sua esposa escolheu ser chamada de Mariek para evitar confusão, embora ela ainda seja a Capitã Panás quando precisamos ser formais, ou se algum estranho está falando com ela.

— E se alguém quiser mudar de nome? — Clovis perguntou.

Padmé pegou sua mala e a puxou sobre o ombro.

— Então você os chama pelo seu novo nome — Padmé disse a ele.

Clovis assentiu e andou com ela até o topo da rampa, onde Padmé se despediu da Mestra Billaba. Bonteri esperava por ela no fim da rampa e Padmé se apressou para não a atrasar. Era vital que Bonteri entrasse na agenda dos oradores o mais rápido possível.

— Não estou esperando muita coisa — Bonteri admitiu quando o speeder

partiu da plataforma de aterrissagem. — Sei que deixamos tudo o mais simples possível, mas não sei se o Senado irá aprovar.

— Sei que você fará tudo que puder para ajudar Bromlarch — Padmé disse. — E eu também farei isso.

— E Clovis também? — Bonteri perguntou.

— Sabe — Padmé comentou —, eu realmente acho que sim.

— Ao menos teremos isso — Bonteri disse.

O speeder deixou a Senadora Bonteri primeiro e depois levou Padmé de volta para seu apartamento. Ela deixou Dormé e Cordé vestirem-na em algo que não estava coberto com a poeira de um mundo em pedaços e depois pediu para quem estivesse livre que jantasse com ela.Todas as três damas de companhia, Varbarós,Typho e dois outros guardas estavam sentados à mesa quando ela chegou. Mariek estava de plantão, mas apareceu para ouvir os pontos gerais do resumo de Padmé.

— Eu gostaria de voluntariar nossa nave como parte de qualquer comboio que seja enviado — Padmé concluiu. — Mesmo se for apenas para transportar pessoas. Isso seria possível?

— A nave estará pronta quando você precisar — Varbarós informou.

— Eu gostaria de pedir duas naves de patrulha da República como escolta — Mariek disse. — Com nossos pilotos.

— Sabé e Tonra podem fazer isso — Padmé ordenou. — Typho pode me acompanhar de perto e Mariek pode organizar o resto do pessoal.

Ela fez uma pausa e pensou um pouco.

— Gostaria de pedir para a Mestra Billaba também nos acompanhar — ela continuou. — Ela pode pilotar sua própria nave saindo do Templo Jedi, ou uma nave que forneceremos a ela.

— Gosto dessa ideia, milady — Typho assentiu. — Se isso se tornar uma coisa regular, podemos chamar alguns N-1s de nosso planeta. Temos o espaço para eles atracarem, e acho que todos nós preferiríamos se os caças fossem pilotados, armazenados e mantidos por nosso próprio pessoal.

— Concordo — Padmé disse. — Vou assinar a petição depois de você escrevê-la.

— Ainda há pouca coisa sobre Bromlarch nas redes de notícias — Versé comunicou. — Mas imagino que isso vai mudar quando os debates no Senado começarem.

Padmé bocejou.

— Por favor, me desculpem, estou exausta — ela disse. — Foram dias muito corridos. Obrigada, Versé. Nós sabemos muito bem como as redes preferem escândalos, então não fico surpresa.

— Você quer dar a eles um escândalo? — Versé perguntou. — Já invadi o sistema deles o bastante, agora tenho certeza que consigo.

— Vamos tentar o Senado primeiro — Padmé disse. Ela mal podia acreditar que estava mesmo considerando a proposta de Versé. — Mas podemos sempre guardar um escândalo na manga. Isso é política, afinal de contas.

Na manhã seguinte, Padmé se vestiu para lutar. Era uma variação sutil do vestido de batalha que Sabé usara durante a Batalha de Naboo, mas sem o ornamento de cabeça e a pintura no rosto. O vestido de baixo era preto, com mangas largas. Por cima, um vestido amarelo com mangas mais curtas, que deixavam o tecido preto livre para Padmé teoricamente esconder coisas em suas mãos, se fosse preciso. Sobre isso vinha um manto preto, preso no lugar por um cinto largo que podia acomodar seu blaster, se estivesse carregando um. Dormé prendeu seu cabelo em uma coroa feita com as tranças outra vez, e então Padmé ficou pronta.

Ela chegou no edifício do Senado o mais cedo possível e foi direto para o escritório da Senadora Bonteri. A porta estava aberta e Padmé podia ouvi-la conversando com alguém, então hesitou antes de bater. Era uma voz pouco familiar — profunda e exigindo atenção — e Padmé não pôde deixar de ouvir.

— Faça o que for preciso — a voz misteriosa ordenou. — Mas se você não puder controlar a situação, eu vou intervir e controlar por você.

— Sim, milorde. — A Senadora Bonteri não parecia nada feliz com aquilo.

Padmé não ouviu mais nada e presumiu que a conversa havia acabado. Ela ficou curiosa sobre o que ouviu — tanto Bonteri quanto seu contato desconhecido pareciam profundamente sérios —, porém, mais do que curiosidade, um estranho medo tomou conta de seu estômago e ela queria muito afastar essa sensação. Ela contou até quinze antes de dar os últimos passos e bater na porta.

— Bom dia — Bonteri disse alegremente. Era um tom de voz completamente diferente.

— Olá — Padmé cumprimentou. — Vim perguntar se você precisa de alguma coisa.

— Não — Bonteri respondeu de um jeito um pouco brusco demais, apesar de sua expressão leve. — Consegui nos colocar na agenda do dia logo cedo. Acho que tudo vai dar certo.

— Excelente — Padmé disse. Ela decidiu não pensar mais naquilo e se concentrar no objetivo maior. — Estarei na galeria se acontecer alguma coisa.

Padmé caminhou até seu assento e esperou por Typho. A câmara do Senado era tão grande que ela não gostava de ficar sozinha na cápsula, mesmo tendo certeza de que aquele era um dos lugares mais seguros de toda a galáxia. Além

disso, ela estava ansiosa demais para ficar parada e não queria que ninguém a visse naquele estado. Finalmente a hora chegou, e com Typho atrás dela, Padmé sentou-se em sua cadeira.

— O plenário concede a palavra à Senadora Mina Bonteri de Onderon — o Chanceler Palpatine disse. Ele parecia quase entediado.

— Meus amigos — Bonteri começou —, eu retornei de nossa expedição para avaliar os danos causados ao planeta de Bromlarch por recentes atividades sísmicas. Vocês devem ter recebido meu relatório em seu pacote de informações matutino, mas sei que ainda é cedo, então vou resumir para vocês agora.

Enquanto a Senadora Bonteri falava, Padmé observou a galeria. Não era fácil enxergar o rosto de ninguém, mas ela estava aprendendo a dizer muito sobre a postura de um senador observando como ele se sentava na cápsula. Olhando ao redor, viu menos seres se inclinando para a frente, ouvindo atentamente, do que esperava ver. Em vez disso, eles se recostavam ou conversavam com seus assistentes. Padmé engoliu uma pontada de ressentimento e se concentrou na Senadora Bonteri, que concluiu seu resumo dando detalhes do plano que o Conselho de Bromlarch havia encaminhado.

— Sempre é melhor confiar em quem está presente no local — Bonteri disse. — O plano apresentado pelos cidadãos de Bromlarch é direto e resultará em reparos mais rápidos e eficientes.

A cápsula de Bonteri flutuou de volta para seu lugar e o Chanceler Palpatine falou outra vez.

— O plenário dá a palavra ao senador da Federação de Comércio — Palpatine declarou.

Padmé enrijeceu. Isso não podia ser nada bom.

— O que a Senadora Bonteri e o Senador Gaans estão propondo é demais — Lott Dod começou a dizer. — Podemos pedir a cidadãos da República que contribuam com pequenas quantias de seus próprios créditos e materiais para a reconstrução, mas a ideia de uma reconstrução em escala planetária é ridícula. Se Bromlarch requer tanta ajuda, eles devem ser capazes de pagar de alguma forma.

— Senadores — o Senador Gaans bradou —, meu povo está fazendo o máximo que pode. Acho que vocês não estão entendendo a escala da destruição...

— Nós entendemos — Lott Dod interrompeu. Padmé olhou para baixo, mas Palpatine não deu nenhum sinal de que iria interferir. — Nós também entendemos a economia. A Federação de Comércio está disposta a entrar em um acordo privado com os cidadãos do seu planeta, se isso for algo que você estiver disposto a considerar, mas você não pode esperar uma intervenção galáctica para um problema interno.

Padmé sentiu uma raiva que há muito tempo não sentia. Ela não ficaria apenas assistindo enquanto a Federação de Comércio comprava um planeta inteiro sem a anuência de seus cidadãos.

— A votação será aberta agora — anunciou o Chanceler Palpatine.

A tela da votação apareceu no monitor de Padmé e ela rapidamente votou a favor da moção da Senadora Bonteri. Ela então prendeu a respiração.

— A moção não foi aprovada — o Chanceler Palpatine declarou.

Padmé desabou na cadeira. Ela viu a derrota nos ombros caídos de Bonteri. O Senador Gaans havia flutuado perto o bastante para ela enxergar o absoluto desespero em seu rosto. Lott Dod flutuou sua cápsula de volta para seu lugar e esperou.

Padmé já tinha esperado demais. Esperado para ser vista. Esperado para falar. Esperado para servir. Ela faria algo acontecer, mesmo se fosse a última coisa que faria como senadora da República Galáctica.

CAPÍTULO 24

PADMÉ ENVIOU TYPHO PARA chamar o Senador Gaans e trazê-lo para seu escritório, onde ela o acomodou, perturbado, em uma das cadeiras que ficavam de frente a ela do outro lado da mesa. Cordé serviu caf para ele e depois retornou para seu lugar atrás do ombro de Padmé. Ele não tomou a bebida.

— Senador, eu sei que é desesperador — Padmé disse. — Mas você não pode assinar esse tratado. E também não pode deixar que mais ninguém assine. Não podemos permitir que a Federação de Comércio compre o seu planeta e o seu povo. Você precisa resistir.

— Eu sei — ele concordou. — Mas como posso resistir quando a Federação de Comércio pode salvá-los?

— Salvá-los? — Padmé retrucou. — Senador, a Federação de Comércio já se ofereceu uma vez para salvar meu povo. Eles prenderam meu povo em campos de concentração e os deixaram passando fome, tentando forçar minha mão. Essa situação é diferente, entendo isso, mas você precisa evitar um resultado que vai favorecer apenas a eles.

— Ainda nem existe um tratado — Gaans disse a ela. — Eles precisam de dois dias para escrevê-lo, e eu terei um dia para ler e avaliar se é plausível ou não.

— Plausível? — Padmé pensou em quinze coisas diferentes para responder àquilo, mas acabou não dizendo nada.

A porta emitiu um sinal e o Senador Organa entrou. Padmé fez um gesto para a cadeira ao lado de Gaans.

— Desculpem, senadores — ele lamentou. — Nós tentamos.

— Precisamos tentar outra vez — Padmé afirmou. — Você me disse que, se a democracia falhasse, então caberia a nós restaurarmos a democracia. É isso que pretendo fazer.

— Eles vão protelar você — Organa disse. — Sei que é uma situação horrível, mas você não pode lutar contra cada mal na galáxia.

— Mal? — Padmé perguntou. — Lutei contra o mal e foi fácil: atirei nele. É a apatia que não consigo suportar.

— Você pode estar na profissão errada — Gaans disse sombriamente.

— Nós temos três dias — Padmé declarou. — Certamente existe algo que possamos fazer.

Clovis entrou de repente na sala e parou quando viu que Padmé já tinha convidados.

— Senadores — ele disse. Não havia cadeiras desocupadas perto da mesa, então ele permaneceu de pé.

— O que foi, Clovis? — Padmé perguntou.

— Mais cedo, quando falei que nós formávamos uma boa equipe? — Clovis disse. — Foi isso que eu quis dizer. Você conhece pessoas e eu conheço créditos, e ambos fomos treinados para negociar. Sei que posso ajudar. Por favor, me permita.

Padmé considerou e percebeu que não estava exatamente em posição de negar a ajuda de ninguém.

— Certo — ela disse. — Três dias, Clovis. E não podemos simplesmente apresentar a mesma moção. Temos que ser mais espertos que isso. O que você sugere?

— Precisamos nos concentrar nos votos — Clovis observou, andando de um lado a outro em frente à janela. — O conteúdo da moção ainda é importante, mas acho que precisamos prestar mais atenção em quem vamos tentar convencer.

— Não é assim que minha facção no Senado opera — Organa protestou, mas seu tom de voz era de resignação. Ele sabia tão bem quanto Padmé que sua idade e experiência davam a ele mais privilégios do que ela, e isso antes de levar em consideração seus planetas.

— Mas aqui estamos — Clovis pontuou. — Os aliados da Federação de Comércio acabaram de votar contra um projeto de lei que salvaria milhões de vidas porque Lott Dod os convenceu.

Organa claramente não gostou do argumento, mas não o refutou.

— Certo — Padmé disse. — Existem mais sistemas do Núcleo representados do que na Orla Média, e alguns dos Mundos do Núcleo votaram a favor de qualquer maneira. Precisamos convencer senadores da Orla Média a votarem com a gente em vez de seus aliados no Núcleo que os apoiam.

— Precisamos nos concentrar em certos sistemas — Clovis declarou. — Existem senadores que sempre votam em bloco. Precisamos convencer os líderes desses blocos, não seus membros.

— Malastare — Padmé disse. — Eles podem trazer mais de uma dúzia de sistemas, e tudo à custa do bloco de oposição.

— Você nunca conseguirá convencê-los a mudar de ideia — Gaans se inclinou para a frente e pousou a cabeça nas mãos.

— Não vou convencê-los a mudar de ideia — retrucou Padmé. — Eles farão

isso eles mesmos porque querem aquilo que eu tenho.

— E o que você tem? — Clovis perguntou.

— Estou trabalhando nisso — Padmé disse. — Não podemos simplesmente reapresentar a moção como uma operação humanitária, mas e se a apresentarmos como algo mais geral? Se beneficiasse mais de um sistema, esses sistemas votariam a favor. Eles trariam seus aliados e a moção seria aprovada.

— Uma moção para a cooperação da Orla Média? — Organa questionou. Ele estava cético, mas Padmé percebeu que estava quase se convencendo. — Depois da recente onda de pirataria, você certamente teria a opinião pública ao seu lado, e isso faria bem à imagem do chanceler, então você também contaria com o apoio dele.

— Podemos chamar isso com outro nome — Padmé disse. — Mas, sim.

— O que Malastare quer? — Gaans perguntou.

— Eles querem poder político — Padmé respondeu. — O senador de Malastare não foi eleito chanceler quando Valorum perdeu o cargo, e eles estão perdendo influência desde então.

— Não podemos dar poder a eles — Organa disse.

— Não — Clovis concordou, e Padmé soube que ele a estava acompanhando. — Mas podemos dar créditos, o que é quase a mesma coisa.

— Você vai comprar suas reservas de combustível? — Gaans perguntou. — Para qual propósito?

— É a moção de Cooperação da Orla Média — Padmé disse. — Outra pessoa vai comprar o combustível. Só precisamos descobrir quem.

Padmé se levantou e foi até os assentos mais confortáveis no outro canto de seu escritório. Havia mesas baixas onde eles podiam trabalhar e a luz era boa. Clovis a seguiu e se sentou. Ele apanhou vários datapads em sua bolsa e uma caneta. Padmé olhou para Organa, que se levantou.

— Minha agenda está cheia hoje, então não posso ficar e ajudar — ele disse. — Mas levarei meu comunicador comigo, se vocês tiverem alguma pergunta. E tentarei voltar mais tarde.

Padmé sabia que havia outras crises na galáxia e tentou dizer a si mesma que ele não a estava abandonando porque pensava que aquela era uma causa perdida.

— Preciso ir falar com Eema e os outros conselheiros em meu planeta — o Senador Gaans disse. — Temos muito a discutir.

— Por favor, cuide-se — Padmé pediu. — Eles vão precisar de você, e nós também.

Ele ofereceu um sorriso fraco a ela, então Gaans e Organa deixaram a sala. Padmé se sentou perto de Clovis, pela primeira vez completamente interessada naquilo que ele tinha a dizer.

— Certo — ela disse. — Malastare para créditos e combustível. Para onde vamos daqui?

Os três dias seguintes foram exaustivos de um jeito que Padmé nunca havia experimentado. Ela pensava que conhecia a exaustão depois da Ocupação. Constantemente mudando de planetas com diferentes ciclos diurnos e enfrentando os desafios mentais de manter Sabé como sua dublê por aquele período enquanto lidava com o estresse da situação militar em Naboo foi uma das coisas mais difíceis que ela já fizera. Agora era mais como perseguir uma linha de costura em um quarto acarpetado com outras linhas, algumas das quais ela precisava, mas a maioria apenas a atrasaria. Isso requeria que prestasse atenção a detalhes e se movesse rapidamente, mas não rápido *demais*, ou corria o risco de desenrolar a coisa toda.

Padmé estava ciente de que Cordé, Dormé e Versé iam e vinham, trocando de lugar para assegurar que uma delas estivesse descansada enquanto Padmé seguia. Typho, Mariek e os outros guardas também se revezavam. Ela não sabia se a segurança de Clovis estava no corredor, mas se estava, eles nunca entravam na sala. A comida era trazida e Padmé não conseguia nem lembrar se havia comido — embora o fato de não ter desmaiado indicasse que provavelmente tinha. Eles dormiam sentados quando o cansaço tomava conta, geralmente sendo acordados quando alguém conseguia um avanço.

No fim, a moção da Cooperação da Orla Média envolvia mais de uma dúzia de sistemas, uma variedade de diferentes recursos e os chefes de todos os blocos que eles precisavam convencer para atraírem votos suficientes contra a Federação de Comércio. Padmé estava correndo para terminar seu discurso antes de o cronômetro zerar.

— Tudo que precisamos fazer agora é vender a ideia para eles — Clovis disse. — Acho que essa foi, na verdade, a parte mais fácil.

— Isso vai nos colocar na ordem do dia — Padmé observou. — Até hoje nunca pedi um único favor ao Chanceler Palpatine, mas isso vale a pena.

— Vou até meu escritório para me trocar. Vejo você lá fora?

— Sim — Padmé respondeu. — Obrigada, Clovis.

— Precisamos fazer isso de novo algum dia — Clovis disse antes de bocejar. — Só que mais tarde.

Quando ele saiu, Versé ajudou Padmé a se trocar e colocar um vestido limpo que Dormé havia entregado na tarde anterior. Então, ela chamou o escritório do chanceler para fazer o seu pedido de agendamento para a ordem do dia.

— Senadora Amidala — Palpatine começou —, sentimos sua falta na galeria nos últimos dias.

— Estive trabalhando em uma moção que eu acho que o Senado deveria ouvir

imediatamente — Padmé contou a ele. — Beneficia Bromlarch, mas também dá vantagens a vários mundos da Orla Média, e também pode ajudar o Senado a lidar com a questão da pirataria, se conseguirmos alinhar tudo. Acho que tem uma boa chance de ser aprovada.

— Ótimo — o chanceler disse. — Mas devo alertá-la para segurar seu otimismo. Já vi todo tipo de moção falhar, mesmo quando pensei que eram sólidas.

— Eu sei — concordou Padmé. — Mas acho que essa moção vai conquistar apoio em várias facções. Ela poderia unir o Senado.

— Ou contorná-lo — Palpatine retrucou. Ele parecia pensativo e Padmé sabia que estava considerando todas as opções. Ele poderia enxergar algo que ela havia deixado passar, alguma oportunidade ou armadilha. Palpatine sorriu. — Mas tenho fé em você, senadora. As suas ações sempre são para o bem da República.

— Só preciso apresentá-la, chanceler. O mais breve possível.

— Agendarei você em primeiro lugar hoje. Você estará lá? — ele perguntou.

— Estarei, chanceler — Padmé respondeu. — E obrigada.

— É claro, minha querida, é claro — Palpatine disse, e então encerrou a ligação.

Padmé se levantou e se espreguiçou o máximo que podia, depois calçou os sapatos e se dirigiu ao plenário. Parou no centro da sala quando algo lhe ocorreu. No meio da pressa, ela mal notou qualquer coisa que não fosse o datapad na frente de seu rosto, mas ainda assim estava sempre ciente de quem esteve e quem não esteve na sala.

Mina Bonteri não aparecera para ajudar.

— Senadores da República Galáctica — Amidala começou —, da última vez que discursei aqui, foi para pedir auxílio ao meu planeta. Venho agora diante de vocês com um pedido semelhante, mas para sistemas que não são os meus. Nosso serviço aqui é feito em nome de nossos planetas natais, mas representamos todos os cidadãos da República, e é por virtude dessa coalizão que somos capazes de realizar feitos maiores do que seríamos sozinhos.

A cápsula da Senadora Amidala flutuou até o centro da assembleia e todos os olhos recaíram sobre ela. Dormé fizera sua maquiagem de um jeito novo, para que cada pincelada acentuasse os traços únicos de suas feições em vez de sobrecarregá-los. Demorou um pouco para aperfeiçoar — ela precisou praticar a técnica em qualquer pessoa que conseguisse pôr as mãos, já que Padmé estava ocupada, mas o efeito geral era inegável: Padmé Amidala se apresentava diante de seus colegas com seu próprio rosto, tão aberta e genuína quanto poderia ser.

Padmé também se vestiu de acordo. A roupa que Cordé havia criado tinha

largas calças azuis, com um corte à moda de Coruscant, mas bordada com temas de Naboo. Sobre uma camisa branca, Padmé vestiu um casaco que descia até abaixo dos joelhos e era aberto na frente para mostrar os detalhes costurados no forro. Seus sapatos eram simples e confortáveis, para o caso de precisar continuar de pé e responder questões quando terminasse o discurso.

Versé havia costurado refratores-fabris de programação própria em partes cruciais do traje. Eles asseguravam que Padmé estaria sempre iluminada de um ângulo perfeito. Não haveria fotos sob sombras e pouco lisonjeiras nas redes de notícia quando a sessão terminasse. Cada parte de Naboo que Padmé trouxera consigo estava sendo exibida agora, mas transformada para que a República Galáctica a aceitasse como uma senadora, não uma rainha.

— Os planetas da Orla Média estão sitiados por piratas e não agimos contra eles — Padmé continuou. — Eu entendo sua hesitação, pois ela também é minha: estou relutante em armar a galáxia mais do que o necessário. Mas, meus amigos, nós temos alguma necessidade. Nossas cargas estão sendo roubadas e os piratas que as tomam estão apenas buscando segurança e comida suficiente para alimentar os seus. Precisamos agir rapidamente.

As câmeras zumbiram ao seu redor e Padmé soube que havia finalmente capturado a atenção de todos pelas razões que ela queria. Os outros senadores, mesmo seus aliados — que sabiam, mais ou menos, o que ela iria dizer —, estavam se voltando em sua direção, ouvindo cada palavra que ela dizia.

— Em suas telas agora está aparecendo a moção da Cooperação da Orla Média — Padmé continuou. — Vocês notarão que vários sistemas se beneficiariam das trocas e aquisições propostas.

Ela deu a eles um tempo para começarem a ler. Havia muitos detalhes, dado o número de planetas envolvidos, mas ela não queria deixar o momento esfriar.

— Não apenas podemos enviar recursos necessários para Bromlarch — sua voz soou através dos alto-falantes —, mas Bromlarch será capaz de pagar pelos suprimentos sem se endividar e toda a Orla Média se beneficiará.

Ela fez outra pausa. Agora havia um burburinho, não por falta de educação, mas porque os senadores e seus assessores discutiam os termos. Padmé respirou fundo e iniciou a última parte de seu discurso.

— Não podemos continuar enviando recursos tão valiosos para sistemas estelares sem proteção adequada — ela disse. — Já que isso é um exercício da República, é necessário que seja protegido por naves da República. Apenas assim podemos garantir a passagem segura dos trabalhadores Wookiees para Bromlarch. Apenas assim podemos garantir a troca segura de créditos por combustível entre Malastare e Sivad. Apenas assim podemos garantir que as naves transportando comida de Thiafeña e Naboo para Bromlarch chegarão

intactas. E talvez, ao trabalharmos para manter essa segurança, nós possamos voltar aqueles que se tornaram piratas a melhores caminhos — ela concluiu. — Sei que fui chamada de idealista e ingênua, e vocês, meus amigos, concordaram com eles. Eu não os culpo, e também não peço desculpas por minha fé na democracia e naquilo que esta instituição pode realizar quando age unida. Vamos agir juntos agora. Por Bromlarch. Pela Orla Média. Para a contínua segurança da República Galáctica.

Lott Dod estava freneticamente tentando que o plenário lhe desse a palavra, mas suas tentativas não foram respondidas. Em vez disso, Palpatine concedeu a palavra a Malastare.

— Existe sabedoria nessa moção. — Aks Moe tinha uma voz esganiçada, mas o sistema de amplificação assegurava que todos podiam ouvir suas palavras. Padmé quase podia vê-los calculando quantos créditos Malastare lucraria como resultado das transações. — O Congresso de Malastare dá seu apoio.

Houve um som alto de grunhidos alguns níveis acima de onde a cápsula de Padmé flutuava quando os Wookiees, nunca afeitos a seguir os procedimentos, adicionaram um terceiro apoio à moção.

— Então, votaremos — ordenou Palpatine. Ele ainda não dera a palavra ao senador Neimoidiano, que estava furioso em seu assento.

Foi para os poderes divinos que protegeram Naboo e os Gungans — e quem mais estivesse ouvindo — que Padmé sussurrou um "por favor" quando votou a favor do plano. Demorou apenas alguns segundos para a contagem dos votos, mas para ela foi uma eternidade.

— A moção foi aprovada — Palpatine anunciou.

Aplausos e comemorações surgiram por toda a parte enquanto a cápsula de Padmé voltava para sua doca. Quando teve absoluta certeza de que as câmeras estavam distraídas, ela permitiu a si mesma um sorriso de satisfação. Palpatine continuou com a agenda do dia, mas ela estava contente demais para prestar atenção. Parecia que horas se passaram antes que a sessão terminasse e Padmé pudesse finalmente voltar para seu escritório. Clovis apareceu logo depois e comemorou assim que ela permitiu sua entrada.

— Você conseguiu! — ele exclamou.

— Nós conseguimos. — Padmé estava mais do que disposta a compartilhar os créditos. — Eu não teria conseguido terminar tudo tão rápido sem os seus conselhos.

— Eu poderia dormir por uma semana — ele disse. Clovis se aproximou cruzando a linha que Padmé consideraria uma distância segura, mas ela estava cansada e demorou um momento para registrar.

— Eu também — ela admitiu. — Mas precisamos continuar trabalhando para

organizar tudo e enviar para...

Ele a beijou, e a exaustão dela sumiu imediatamente.

— Não — Padmé disse, empurrando-o.

— Eu pensei que... — As mãos dele acomodaram os cotovelos dela, como se fosse puxá-la para perto outra vez.

— Não — ela disse.

— Mas você... — Ele deu um passo para trás. Clovis parecia bravo, e a própria fúria dela também se mostrava.

Como ele ousava presumir a natureza de seu relacionamento sem antes pedir seu consentimento? Ela vinha se afeiçoando a ele, isso era verdade, e considerava que sua recém-descoberta amizade tinha potencial para se desenvolver além daquilo que construíram nos três dias anteriores, mas ele *não tinha o direito*.

— Não. — Ela disse aquilo na voz da rainha. — Nós somos colegas, Senador Clovis.

— Eu me despeço então — ele disse, e saiu da sala.

— O que foi aquilo? — Padmé perguntou quando Versé apareceu ao seu lado, batendo seu leque contra a palma da mão. Ela esteve presente durante o tempo todo, é claro, e a atenção de Clovis simplesmente a ignorou enquanto ele buscava seu objetivo.

— Não sei — Versé respondeu. — Mas ainda bem que ele obedeceu. Gosto deste leque e odiaria ter de quebrá-lo na cabeça dura dele.

— As coisas estavam começando a fazer sentido — Padmé disse.

— Elas farão mais sentido depois que você dormir — Versé disse a ela. — E já que nós duas sabemos que você não vai dormir antes de organizar a primeira remessa de suprimentos, vamos começar com isso.

Padmé acessou a primeira das listas propostas de suprimentos e fez seu melhor para se concentrar naquilo que estava diante de si.

CAPÍTULO 25

LEVOU QUASE UMA SEMANA transportando materiais ao redor da Orla Média, mas finalmente todos os créditos chegaram aos seus respectivos destinatários e Padmé preparou a primeira
remessa de permacreto a ser enviada para Bromlarch. O permacreto foi comprado com créditos cedidos a Bromlarch por Joh'Cire, uma lua desértica com um próspero mercado de umidade e uma população crescente, em troca de tecnologia de irrigação. Se fosse simples assim, a moção da Cooperação da Orla Média não seria necessária e Naboo poderia simplesmente preencher a lacuna no suprimento de comida de Bromlarch privadamente. Mas não era tão simples. Eles precisavam dos votos. Malastare não se importava com Bromlarch, mas o Congresso havia votado a favor mesmo assim por causa daquilo que Padmé oferecera, e junto com os outros sistemas, eles asseguraram o apoio da República para todo o acordo.

O apoio da República significava a proteção da República, e apenas três dos comboios sofreram ataques. Toda a carga chegou aos seus destinos intacta, mas um piloto e caça Sivadianos foram perdidos. Os piratas quase desapareceram depois disso, talvez temendo uma represália em nível galáctico. O chanceler recebeu crédito por restaurar a paz e Padmé quase não se importou.

Padmé levaria o Senador Gaans e o Senador Yarua de Kashyyyk em sua nave, junto com o máximo de suprimentos de emergência que pudesse estocar em todo canto possível.

Mon Mothma se juntaria a eles depois da primeira remessa para relatar o progresso ao Senado, e o Senador Yarua supervisionaria o início da construção junto com o Senador Gaans. Os Wookiees foram contratados para fazer a maior parte da construção como parte do acordo, em troca dos direitos de exploração de uma espécie particular de madeira que Bromlarch produzia e interessava a Kashyyyk. A inclusão dos Wookiees foi um bônus, já que eles apoiaram o auxílio desde o início e Padmé ficou contente em passar mais tempo com eles.

Assim que o permacreto foi embarcado e todos estavam a bordo da nave real, Padmé, com Typho atrás dela, se dirigiu para as naves de patrulha que o Senado havia emprestado para a viagem. Sabé e Tonra estavam no meio de suas

checagens finais e já vestiam seus capacetes, o que dificultou a conversa, já que Padmé não tinha um comunicador.

— Voem com segurança! — ela gritou, mexendo os dedos imitando o movimento de asas.

Sabé respondeu com um sinal que elas usavam para indicar uma situação calma que poderia piorar a qualquer momento, e Padmé fez uma careta. Eles estariam em alerta máximo. Tonra acenou e Padmé se virou para voltar para a rampa.

— Isso me deixa nervoso, senadora — Typho admitiu quando eles embarcaram.

— Você preparou um plano para o caso de os piratas tentarem roubar a carga e outro plano para se decidirem que reféns são mais valiosos — Padmé disse a ele. — Imagino que você também tem um plano para o que fazer se eles decidirem fazer as duas coisas, além de múltiplas respostas para cenários que eu nem imaginei ainda. Nós ficaremos bem.

— Estou contente por termos nossos próprios pilotos — Typho admitiu quando entrou na ponte.

— Senadora, estamos prontos para partir — declarou Varbarós do assento do piloto. — Vamos nos encontrar com o comboio na órbita alta e parar para nos juntar às outras naves nas coordenadas combinadas. Mais dois saltos e estaremos em Bromlarch.

— Aqui é o *Guardião Um*, pronto para decolar — a voz de Sabé soou no comunicador interno.

— *Guardião Dois*, pronto para decolar — Tonra relatou.

Padmé olhou através das janelas estreitas e viu as naves de patrulha se erguerem do chão antes do impulso pré-decolagem.

— *Guardião Três*, aguardando. — Era a Mestra Billaba, que havia decolado do templo separadamente e se juntaria a eles em órbita.

— Esquadrão Guardião, vocês têm autorização para decolar — Varbarós anunciou. — Nos vemos lá em cima, *Guardião Três*.

A mestra Jedi não respondeu.

Varbarós os levou através da atmosfera, suave como sempre, e as naves de patrulha tomaram suas posições ao lado das asas assim que ganharam o espaço, com a Mestra Billaba na retaguarda. Eles seguiram até onde o comboio estava se reunindo e assumiram seu lugar na frente da formação. Então colocaram alguma distância entre eles e Coruscant.

— Todas as naves, aqui fala a *Naboo Um* — Varbarós disse no canal geral. — Preparem-se para receber os cálculos navegacionais e saltarem para o hiperespaço sob meu comando.

Padmé se recostou no assento enquanto o navicomputador fazia seu trabalho. Ela gostava daquela parte da viagem, a tomada de ar antes de saltar na vastidão do espaço. Lembrava a ela quão grande a galáxia era e a sorte que tinha de viver nela.

— Saltar — disse Varbarós, e todos partiram.

Apesar de saber que deveria voltar para sentar-se com os outros senadores, Padmé ficou na ponte pela duração da viagem. Ela sentiu que aquela era a primeira vez em muito tempo em que estava em uma sala sem políticos — exceto ela mesma —, e embora isso fosse um exagero, gostou da quietude.

Essa quietude foi interrompida de repente quando o comboio saiu do hiperespaço no segundo ponto de encontro e se encontrou no meio de um tiroteio com piratas.

— Ativar escudos defletores! — Varbarós ordenou. — Tomando ação evasiva. Esquadrão Guardião, amplie a cobertura.

Padmé observou quando as duas naves de patrulha se afastaram e fizeram uma curva de volta para proteger todo o comboio em um ângulo mais amplo. Fazia um tempo desde que Sabé pilotara uma nave individual, mas Padmé sabia que sua amiga era muito melhor em manter suas horas de voo do que ela própria. Tonra também não era um piloto regular, mas o casal Panás era muito exigente e Padmé se sentiu apenas um pouco alarmada por estar em mais uma batalha. Ela não conseguiu encontrar a nave Jedi a princípio, mas logo enxergou o distinto formato triangular do caça estelar Delta-7 da Mestra Billaba.

— Podemos saltar de novo? — Typho perguntou. Ele se inclinou para a frente e Padmé percebeu o quanto estava ansioso para tomar o controle da situação. Ela entendia completamente.

— A outra metade do comboio está no meio da transferência de carga entre dois dos cargueiros — um técnico relatou. — Eles não podem saltar até que todos estejam de volta a bordo.

— Maldição — Typho reclamou.

— Varbarós, leve-nos para mais perto — Padmé pediu. — Podemos atrair os disparos e dar tempo aos cargueiros.

— Não faça isso — ordenou Typho, cuspindo cada palavra como se fossem torpedos de prótons.

— Sargento, nós temos escudos muito superiores — Padmé explicou. — Podemos levar alguns tiros. Leve-nos até lá, Varbarós.

— Uma passada! — Varbarós disse, claramente considerando aquilo um meio-termo. Ela não podia olhar nos olhos de nenhum dos dois de onde estava e provavelmente foi melhor assim, considerando tudo. — Lá vamos nós. Segurem-se em algo.

A nave rolou em direção à ação, e apesar de o gerador de gravidade mantê-los no lugar, Padmé sentiu um frio no estômago quando Varbarós completou a manobra. E funcionou. A nave real sofreu dois tiros na barriga da proa, mas o escudo aguentou firme.

— As armas deles não são fortes o bastante para penetrarem sem um bombardeio significativo — o técnico relatou, seus dedos voando enquanto acessava os sistemas e enviava ordens para as outras naves.

— Sargento — Padmé disse, despejando muito sentimento na palavra.

— Nos leve para mais uma passada — Typho ordenou, falando entre dentes cerrados. Ele definitivamente gritaria com ela depois, mas aquilo valia a pena.

Varbarós rolou novamente e mais três tiros balançaram a proa.

— *Naboo Um*, *Guardião Um*, nós travamos o alvo nos canhões do primeiro agressor — Sabé disse no comunicador. — Iniciando ataque agora.

— *Guardião Um*, permissão concedida — Varbarós respondeu. Ela tirou a nave real do caminho e, por um momento, a visão de Padmé da batalha foi substituída por um calmo e pacífico campo de estrelas.

Mas não eram estrelas: era um lastro que a Mestra Billaba havia lançado para desviar os disparos dos canhões. Mesmo no vácuo, as partículas fervilhavam no espaço, absorvendo a energia que deveria ter cortado o metal do casco. A mestra Jedi retornou para sua posição atrás da nave prateada, e Padmé então só conseguiu acompanhar seus movimentos pelos instrumentos.

Assistir a batalhas no espaço era profundamente perturbador devido ao silêncio em que eram conduzidas, mas uma vez de volta ao alcance visual, Padmé não tirou os olhos da nave pilotada por Sabé. Ela perdeu o ataque bem-sucedido de Tonra ao primeiro canhão, mas viu Sabé destruir o segundo.

— Os cargueiros estão prontos para seguir — o técnico relatou.

— Ativando navicomputador — Varbarós anunciou no canal geral. — Todas as naves, todas as naves, preparem-se para as coordenadas e saltem quando estiverem prontas.

— Nós vamos por último — Padmé declarou. — Quero ter certeza de que todos escaparam.

— Senadora — Typho pediu e Padmé ergueu as mãos, derrotada.

— Praticamente por último — ela corrigiu. — O Esquadrão Guardião pode nos seguir.

— Entendido — disseram três vozes diferentes no comunicador.

Lampejos de luz indicaram o momento em que cada nave do comboio saltou. Sabé e Tonra continuaram atacando as naves piratas, mirando as armas e os sistemas de propulsão para cobrir a fuga, enquanto Billaba soltou outra nuvem de lastro entre os agressores e a nave de Naboo.

— Agora é a nossa vez — Varbarós anunciou, e antes que Padmé pudesse olhar pela janela para confirmar que eles eram os últimos, a nave saltou.

Varbarós soltou o ar em triunfo depois de prender a respiração e Padmé tocou seu ombro.

— Parabéns — ela disse. — Você fez um excelente trabalho.

— Obrigada, senadora — Varbarós agradeceu.

Padmé relaxou no assento e olhou para Typho, que não parecia tão bravo quanto ela esperava.

— Você consegue pilotar um caça N-1, senadora? — ele perguntou após um momento.

— Sim — Padmé respondeu. — O Capitão Panás exigiu que aprendêssemos. Estou um pouco sem prática, mas acho que me lembraria de tudo.

— Ótimo — ele disse. — Acho que não vou conseguir convencê-la a não arriscar o pescoço no futuro, então é melhor me certificar de que vai arriscar o pescoço usando algo que tenha um canhão laser.

— Que seja, sargento — ela disse. — Desde que você voe junto comigo.

— Minha patente não... — ele começou a falar, mas ela riu.

— Talvez eu peça alguns favores. Tenho amigos poderosos — ela disse. — E você merece, sargento. Eu realmente acredito nisso.

Padmé se levantou e foi até os outros senadores para contar o que havia acontecido. O computador da nave os deixou ciente de tudo, mas era sempre bom ouvir um relato de uma pessoa. Ela encontrou R2-D2 no caminho. Ela sabia que o droide frequentemente fazia varreduras quando não tinha nenhuma outra tarefa, e algo lhe ocorreu.

— R2, você conseguiu dar uma boa olhada nos piratas? — ela perguntou.

O pequeno droide emitiu bipes entusiasmados e rolou até um terminal. Padmé o seguiu, e quando ele se conectou, ela observou aparecer na tela uma série de informações da nave cujos canhões Sabé havia destruído.

— Alguma marca de identificação ou número de registro? — ela perguntou.

R2-D2 girou seu domo, indicando que não.

— Por favor, faça uma análise detalhada — Padmé pediu. — Vou ler seu relatório assim que as coisas se acalmarem.

O astromec voltou para a tela e imagens apareceram rápido demais para Padmé acompanhá-las, então ela o deixou trabalhando.

Os senadores estavam esperando por ela na sala que podia servir como sala do trono quando a rainha estivesse a bordo, mas atualmente estava decorada com várias cadeiras brancas e uma mesa.

— Não sofremos nenhum dano — Padmé informou ao entrar. Ela sentou-se perto do Senador Gaans. — Duas naves piratas estavam atacando nosso comboio

secundário. Os cargueiros estavam transferindo a carga, então ficaram vulneráveis. Nossas naves de patrulha destruíram os canhões do inimigo e nos deram tempo suficiente para saltarmos para o hiperespaço.

— É preocupante que os piratas soubessem a localização do comboio secundário — Gaans analisou. — Embora o momento escolhido para atacar tenha sido infeliz para eles.

— Foi quase infeliz para nós — Padmé disse. — Não tínhamos um horário real agendado para deixar Coruscant. Os cargueiros já estavam esperando por nós por algumas horas quando chegamos. Se tivéssemos atrasado apenas uns dez minutos, a história seria muito diferente.

O Senador Yarua grunhiu uma pergunta. Uma tela ao lado do senador Wookiee forneceu uma tradução rápida, assim como fazia a tela de Padmé no Senado.

— Não sei — Padmé admitiu. — Posso pensar em meia dúzia de razões para alguém no Senado ter repassado essa informação, mas não tenho como confirmar minhas suspeitas.

— Vou perguntar para a Senadora Mon Mothma se posso investigar isso quando voltarmos para Coruscant — ela continuou. — Se alguém está tentando interferir em missões sancionadas pelo Senado, sem mencionar que é uma das ações mais apoiadas na memória recente, precisamos tentar descobrir quem e por quê.

— Concordo — Gaans disse.

Padmé não gostava do fato de que sempre era preciso perigo e dor para provocar uma resposta. Mon Mothma estava perfeitamente satisfeita em continuar lidando passivamente com os piratas até sua nave passar pelo espaço controlado por eles, e agora ela estava disposta a gastar um esforço adicional. Padmé desejava nunca ter de confrontar algo pessoalmente para acreditar, mesmo se isso significasse um aumento em seu desconforto moral.

— Um dos meus droides realizou varreduras durante o confronto — informou Padmé. — Eu lhes repassarei qualquer informação que aparecer na análise.

— Senadores, estamos nos aproximando de Bromlarch — a voz de Varbarós soou acima deles. — Vamos entrar em órbita síncrona sobre a região da capital e esperar por novas instruções.

— Senador Gaans — Padmé disse. — Vamos levar você para casa.

CAPÍTULO 26

ASSIM QUE MON MOTHMA completou sua análise do aqueduto de Bromlarch e da inundação resultante dos danos, não havia mais necessidade para eles ficarem no planeta. Na verdade, Padmé suspeitou que estavam atrapalhando, já que nenhum deles sabia como fazer a construção em si. Ninui era uma guia graciosa, mas claramente estava sobrecarregada e Padmé ficou feliz em poder aliviar um pouco seu trabalho voltando para Coruscant o mais rápido possível. O Senador Gaans ficou por mais alguns dias, mas o restante deles embarcou de volta. A viagem foi feita em um único salto, com a nave de Naboo à frente da nave de Chandrila, e não houve nenhuma ocorrência durante o trajeto.

— Será um prazer trabalhar com você outra vez, Senadora Amidala — Mon Mothma disse quando elas estavam na plataforma de embarque esperando o transporte de Mon Mothma. — Você tem uma perspectiva única da galáxia, mas acho que não somos tão diferentes como nossos bate-bocas fariam outros acreditarem.

— Nós somos muito elegantes para bater boca — Padmé observou. — Mas concordo com seus outros pontos.

— Nem sempre será tão fácil unir o Senado — Mon Mothma disse. — Nós respondemos ao medo, é claro, mas qualquer coisa drástica o bastante para causar esse tipo de união irá apenas levar à ruína.

— Sei que isso foi uma exceção, em termos de procedimento — Padmé disse. Ela havia confrontado alguns de seus sentimentos na viagem de volta. O entusiasmo de trabalhar com Clovis sumiu rapidamente, por várias razões, e Padmé percebeu que o processo que eles usaram não era sustentável a longo prazo. Eventualmente, não haveria mais favores para trocar e as relações que eles construíram ao criar o projeto de lei não eram sólidas ou confiáveis o bastante para valerem a pena. Mas Bromlarch sobreviveria. — Espero que um dia o Senado possa responder rapidamente a problemas sem precisar de negociações-relâmpago. Isso me deixou desconfortável e não estou com pressa de repetir tudo aquilo, se houver outra maneira.

— Vamos conseguir isso juntas — Mon Mothma afirmou quando seu transporte aterrissou.

— Será um prazer — Padmé assentiu.

— Considere acrescentar um representante oficial à sua delegação no Senado. Nem todos fazem isso, mas me permite cobrir mais espaço com perspectivas diferentes.

— Vou pensar sobre o assunto — Padmé sorriu. — Na verdade, tenho o ser perfeito em mente.

A senadora de Chandrila e o assessor que a acompanhava embarcaram no speeder e partiram. Sabé desembarcou de sua nave patrulha.

— Bom, senadora — ela disse —, você vai ficar?

A pergunta era mais fácil de responder agora. Padmé sabia em todas as fibras de seu corpo. Mas custou algo para conseguir dizer as palavras em voz alta. Ela sabia que a política era uma arena difícil que requeria ceder constantemente. Mas esse era o *seu* lugar. Ela podia se perder ali, e talvez esse fosse o problema. Mas não havia ninguém melhor, então sua resposta continuava a mesma.

— Vou — Padmé afirmou. — Nem sempre me sinto confortável comigo mesma aqui, mas vou ficar.

— Você será Amidala — Sabé disse. — E também será Padmé.

— E você será Tsabin e Sabé? — Padmé perguntou, mesmo já sabendo a resposta.

— Até quando você precisar de mim — respondeu Sabé.

Ela e Tonra desceram no elevador até o nível público de pedestres, onde podiam tomar um transporte de volta para seu apartamento. Vestiam uniformes da República, mas isso dificilmente era uma visão estranha em Coruscant. Eles se encaixariam perfeitamente.

Padmé, R2-D2 e Typho embarcaram no speeder privado e seguiram para o edifício do Senado, pois Padmé queria escrever seu relatório antes de ir para casa. Ela estava cansada e sabia que, assim que parasse de se mover, levaria um bom tempo até querer se mover outra vez.

O Senado já estava se esvaziando quando ela chegou, a sessão tinha terminado e as reuniões dos comitês haviam se encerrado. Typho não teve problemas para encontrar uma plataforma de aterrissagem e eles caminharam até o escritório de Padmé por corredores silenciosos. Ela baixou os arquivos da memória de R2-D2 e passou alguns minutos olhando para as naves piratas antes de repassar as especificações para Typho.

— Você reconhece alguma coisa? — ela perguntou.

— Não — ele disse. — Mas não sou especialista nesse tipo de coisa. Você pode perguntar ao Capitão Panás. Ele conhece o design das naves melhor do que eu, e tem mais contatos.

— Vou pedir para Mariek acrescentar isso em uma de suas comunicações com

ele — Padmé disse. Ela também pretendia perguntar por aí. — Você se importa se eu descer para ver se a Senadora Bonteri ainda está aqui? Sei que ela não esteve muito envolvida ultimamente, mas nos ajudou a começar com a situação em Bromlarch e eu gostaria de atualizá-la pessoalmente, se ela quiser saber.

— Eu e R2 ficaremos bem — Typho afirmou. — Só não demore muito. Nós dois precisamos voltar para casa.

Padmé concordava, então não perdeu tempo se dirigindo até o escritório de Bonteri. Não ficava longe, considerando o tamanho do prédio, e Padmé já estava familiarizada com o caminho. A falta de outros senadores e assessores ajudou a acelerar a caminhada. Ela não viu nenhum droide de limpeza ou manutenção. Tudo estava quase calmo demais. Padmé dobrou a última esquina e encontrou a Senadora Bonteri em frente a um console de comunicação no corredor, falando com alguém que Padmé não conseguia enxergar. A imagem estava escondida pela tela ao redor do holoemissor que, junto com o anonimato do console, deixava a conversa completamente privada. Padmé parou de andar quando Bonteri ergueu os olhos e a viu. Ela pensou ter visto um lampejo de medo passar pelos olhos da senadora, mas não conseguia imaginar do que sua amiga estaria com medo.

— Eu avisarei — a Senadora Bonteri declarou. Suas palavras foram apressadas, como se tivesse dito a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

— Faça isso, senadora — a figura disse.

A voz era inconfundível. Era o homem com quem Bonteri conversava no dia em que Padmé acidentalmente a ouviu no comunicador, e agora lá estava ele outra vez. Ele a fazia sentir um frio, mas não do jeito normal. Padmé não conseguia explicar. Não era de sua natureza não gostar de pessoas sem contexto, mas Padmé sentiu que não gostava nem um pouco dele. O brilho azul desapareceu do console e Padmé se sentiu aliviada.

— Então, você obteve sucesso — Bonteri disse. Pela primeira vez, ela não convidou Padmé para entrar em seu escritório, e ambas ficaram em pé no corredor.

— Sim — Padmé afirmou. — Bromlarch está salvo.

— Parabéns, Senadora Amidala. Você realizou o que poucos senadores antes de você já conseguiram.

— Eu não teria conseguido sem você — Padmé declarou.

— Não — Bonteri concordou. — Acho que não conseguiria. Mas a sua paciência com a República é admirável e você tem meus cumprimentos.

— Obrigada — Padmé agradeceu. — Posso lhe dar mais detalhes, se você quiser.

— Desculpe, senadora — Bonteri disse. — Tenho uma ligação agendada com

meu filho. Vou ter de ouvir sobre isso no relatório da sessão.

— É claro — Padmé assentiu. — Por favor, sinta-se livre para fazer qualquer pergunta.

— Eu farei — Bonteri afirmou. Ela se virou, entrou em seu escritório e fechou a porta.

Padmé seguiu de volta para sua sala, perdida em pensamentos. Ela havia ganhado a confiança total de Mon Mothma apenas para perder a de Mina Bonteri. As duas mulheres não eram tão diferentes e Padmé esperava trabalhar com as duas, pois as admirava por razões semelhantes. Mas parecia que não seria assim. A aliança principal de Bonteri era um mistério e um quebra-cabeça que Padmé estava estranhamente com medo de solucionar.

Ela chegou em seu escritório ao mesmo tempo que o Chanceler Palpatine, acompanhado por dois guardas em vez de seus assessores.

— Senadora Amidala — ele disse —, estou contente por vê-la de volta e em segurança.

— Obrigada, chanceler — ela agradeceu. Ele veio até seu escritório, mas seu tom de voz indicava que não era apenas uma visita amigável. — Nós sofremos um ataque, mas com a ajuda das naves da República e da Mestra Jedi Billaba, não sofremos perdas.

— Ótimo, ótimo — Palpatine disse. Ele claramente estava a anos-luz de distância, seu alívio quanto à segurança dela era o mesmo de que se tivesse feito uma jogada particularmente arriscada no holoxadrez e seu peão tivesse sobrevivido.

— Em breve, terei um relatório completo para o Senado — ela observou, quase caindo na voz da rainha.

— Estou feliz por você ter encontrado uma arena mais adequada para utilizar seus talentos — declarou Palpatine. Ele fez um gesto ríspido para seus guardas e eles se retiraram.

Padmé ficou sozinha no corredor por vários momentos, pensando sobre o que ele havia falado. *Mais adequada*. Ele estava feliz por ela ter se afastado da política — "jurisdicional" — antiescravagista. Ela rangeu os dentes. Padmé não chegou ali para ser uma linha na programação. Ela podia fazer mais do que uma coisa ao mesmo tempo, mesmo se isso significasse ir contra os desejos implícitos do chanceler. Ela tinha, afinal de contas, apenas começado.

— Estou pronta para ir para casa, sargento — ela chamou Typho do corredor. Se voltasse para o escritório, encontraria mais cem coisas para fazer.

Typho saiu, com R2-D2 vindo atrás, e eles seguiram para o speeder.

— É bom estar de volta em casa — Padmé disse, afundando no sofá da sala de estar. Dormé, Cordé e Versé estavam com ela, e os guardas fingiam não estar ali,

o que era sempre apreciado. Tudo parecia macio, acolhedor e sólido, um respiro bem-vindo depois das semanas anteriores de mesas duras, planos desesperados e cooperação interplanetária.

— Casa? — perguntou Mariek, que era sempre pior em fingir que não estava presente.

— Bom — Padmé respondeu —, não exatamente nossa casa. Mas estou feliz com esta almofada em particular.

Ela contou todos os detalhes da excursão, incluindo a batalha no espaço, embora tenha deixado de fora suas conversas com os colegas senadores. Padmé não gostava de esconder nada de suas damas de companhia, mas os limites eram diferentes agora e todas teriam de se adaptar. Ainda haveria ocasiões como aquela, quando todas estavam juntas, mas elas não habitariam mais a pele uma da outra, e provavelmente era melhor assim. Padmé nem precisaria contar a elas. Todas eram profissionais o bastante para perceber a mudança e aceitá-la.

Um movimento lhe chamou a atenção e Padmé viu um speeder se erguer da via de tráfego e se alinhar com seu terraço. Era Sabé, e ela acenava para que baixassem o vidro da janela que impedia que intrusos e o vento entrassem. Typho chegou correndo na sala quando os alarmes de proximidade dispararam.

— Está tudo bem — Padmé o tranquilizou. — É só a Sabé.

— Se ela está fazendo isso — Typho observou —, então não está tudo bem.

Ele desativou o escudo e Sabé saltou para dentro do terraço. Padmé tentou não pensar na distância entre o terraço e o chão. O speeder partiu e o alarme parou de tocar quando o vidro voltou para seu lugar. Sabé entrou correndo.

— Tem uma notícia — ela disse. — Ainda não é pública, mas minha fonte é uma holojornalista e ela estava na sala do tribunal quando aconteceu.

Um tribunal só podia significar uma coisa. A Ocupação de Naboo havia acabado, mas a perseguiria para sempre. Ela não podia se arrepender. Ela fizera aquilo que tinha de ser feito. Acontece que estava tão cansada.

Sabé se ajoelhou em frente a ela e tomou suas mãos. Padmé sabia que sua querida amiga enxergaria seu cansaço por mais que tentasse disfarçar, então nem tentou. Sabé a olhou diretamente no rosto, como sempre fazia, e a mensagem em seus olhos estava muito clara.

Nós somos corajosas, Vossa Alteza.

— Nute Gunray foi considerado inocente — Sabé informou. — Ele vai manter seus bens e título até entrarmos com outro recurso.

Nós somos corajosas, Vossa Alteza.

— Padmé, os rumores dizem que ele colocou a sua cabeça a prêmio — ela disse. — Um prêmio grande o bastante para atrair a atenção de pessoas muito desagradáveis.

Nós somos corajosas, Vossa Alteza.

— Certo — Padmé disse.

Naboo. Tatooine. Bromlarch. Comércio. Escravidão. Pirataria. Sempre haveria outro planeta que precisaria de ajuda e ela não deixaria que ninguém a impedisse de ajudar. Uma luz acendeu em seu console pessoal, um alerta que ela programara para as atualizações do projeto de lei jurisdicional do Chanceler Palpatine. Ela encontraria tempo para tudo. Padmé ergueu os olhos e sua equipe estava pronta para ela.

— Quais serão nossos próximos passos?

EPÍLOGO

PADMÉ ESTAVA COMPLETAMENTE IMÓVEL. Os cabelos castanhos e espalhavam ao seu redor, suavizados aqui e ali por flores brancas que voaram até pousarem entre seus cachos. A pele estava pálida e perfeita. O rosto estava em paz. Os olhos estavam fechados e as mãos cruzadas sobre a barriga como se ela flutuasse no ar. Naboo seguia sem ela.

Mesmo agora, em seu fim, ela estava sob os olhares de todos.

A capital Theed estava sóbria, com seus cidadãos em luto. Até mesmo os Gungans na procissão andavam lentamente, sem nenhum traço do molejo característico de seus passos. Por toda Naboo, as pessoas choravam por uma rainha, uma senadora. Ela servira bem. Havia crescido em sabedoria e experiência, ambos rapidamente. Ela enfrentara os desafios de sua posição sem pestanejar e sem medo. E agora, seu tempo havia chegado ao fim.

Após o funeral, Sabé foi para casa. Ela não tinha mais nenhum lugar para ir.

Era um pequeno lugar apertado em uma das menores ruas de Theed. Não havia favelas em Naboo, mas se houvesse, seria onde Sabé estaria vivendo. Ela não ficava ali por muito tempo, apenas quando estava no planeta e seus pais começavam a fazer perguntas demais. Era o único lugar em que podia ir agora onde ninguém perguntaria se estava bem.

Sabé se assustou quando alguém bateu à porta. Estava na metade da lista de sujeitos de má reputação que poderiam tê-la rastreado antes de perceber que era Tonra, um dos poucos que sabiam sobre aquele lugar. Ela o deixou entrar sem dizer nada e voltou para onde estava sentada.

Como de costume, Tonra estava satisfeito em esperar por ela dizer algo, e a paciência de Sabé acabou muito antes da paciência dele.

— Não faz nenhum sentido! — A raiva e a perplexidade de Sabé, controladas por pura força de vontade durante toda a resposta pública à tragédia, finalmente emergiram. — Ela não *morreria* simplesmente. E um império? Liderado por Sheev Palpatine? Nada disso faz sentido!

Sio Bibble havia finalmente se aposentado, e em vez de realizar uma nova eleição — na qual Saché era uma forte favorita —, o papel de governador foi substituído por uma nova posição. Por nomeação Imperial, Quarsh Panás, entre

todas as pessoas, agora supervisionava as operações diárias em Naboo. Nem Mariek e nem Typho apareceram com ele quando fez seu primeiro discurso formal ao planeta. As mudanças vinham quase rápidas demais para ela lidar em sua dor. Ao menos, eles ainda tinham uma rainha, apesar de Sabé não ter certeza de como poderia ajudar a garota, mesmo se estivesse em posição para fazer isso. Ela precisava de um momento para *pensar*, e Tonra estava lhe dando isso.

— O que você fará? — Tonra perguntou.

Vinda de seus pais, a pergunta significaria "O que você fará sem ela?". Era uma pergunta que vinham fazendo a Sabé por vários anos e ela nunca tinha uma resposta, porque nunca considerou a vida sem a direção de Padmé. Vinda de Tonra, havia mais nuances. Ele sabia o que ela fizera sob o serviço de Padmé, afinal de contas. Ele não estava perguntando o que ela faria sem Padmé. Estava perguntando o que ela faria *por causa* de Padmé. Ele a conhecia bem o bastante para imaginar que Sabé não faria nada.

Ela caminhara com as damas de companhia sobreviventes na procissão funerária. Mal se falaram. Sua dor era profunda, mas difícil de explicar para aqueles fora de seu círculo íntimo. Naboo perdera uma senadora, uma heroína, uma rainha. Elas haviam perdido a amiga por quem — todas elas ao curso de anos — arriscaram suas vidas. Elas não assumiram esses riscos pela política ou por Naboo ou pela agora extinta República. Haviam assumido os riscos por Padmé, porque a amavam. E agora ela se fora.

— Vou descobrir o que aconteceu com minha amiga — Sabé disse. Ela se levantou e começou a andar de um lado a outro na pequena sala. Não podia mais ficar parada. Não podia ficar naquele mundo paradisíaco enquanto havia terríveis segredos para ela descobrir. Cordé estava morta. Versé estava morta. Obi-Wan estava morto. A Mestra Billaba estava morta. Anakin Skywalker estava morto.

Padmé Amidala Naberrie estava morta, seus sonhos junto com ela.

— Vou voltar a Coruscant — ela afirmou. — Serei Tsabin por mais um tempo. Um ou outro de nossos velhos contatos pode ainda estar lá. Eles podem saber de algo e esse seria um bom lugar para começar.

— Vou com você, se você permitir — Tonra ofereceu.

Ela sabia que a oferta era genuína. Eles passaram mais tempo separados do que juntos desde Bromlarch, e ela sabia que Tonra não havia passado todo esse tempo sozinho. E Sabé também não. Mas eles sempre se deram bem, mesmo estando raramente no mesmo planeta. Os dois trabalhavam bem juntos. E ela já não tinha mais ninguém. Sabé parou de andar e ficou de frente a ele.

— Eu gostaria disso — ela disse.

Tonra ouviu a ligeira hesitação em sua voz e a ignorou, preferindo beijar sua

testa.

— Vamos precisar de identidades inteiramente novas — ela declarou. — Mesmo se voltarmos a Coruscant. Sabé, Tsabin, Tonra, todos precisam desaparecer. Precisamos ser pessoas que nunca fomos antes. E precisamos apagar tudo que indique que somos de Naboo.

Sabé segurou seu colar. Ela podia deixar aquilo para trás, se precisasse. Por Naboo, e por sua amiga. Havia muitos lugares para esconder algo tão pequeno e mantê-lo seguro até ela poder voltar para apanhá-lo.

— Diga o que precisa que eu faça — Tonra disse. — Posso conseguir uma nave para nós, eu acho. Ou, no mínimo, posso conseguir transporte para fora do planeta, depois podemos conseguir uma nave em outro lugar.

— Vamos precisar poupar nossos créditos para que durem o máximo possível — Sabé apontou. — Então, qualquer favor que você possa conseguir será uma boa ideia, desde que não possam ser rastreados.

— Vá e crie as identidades — ele disse. — Eu posso fazer as suas malas.

Era verdade. Ela não tinha muito mais coisas e seus itens essenciais eram quase os mesmos que os dele, exceto as botas dela, que eram menores.

Sabé seguiu para sua estação de trabalho e fechou os arquivos que vinha lendo. Eram os escritos de Padmé, o trabalho que ela esperava que fosse seu legado senatorial. Um apelo para reintroduzir os limites de mandato para o chanceler. Múltiplos projetos de lei defendendo a condição humana dos clones, tanto durante a guerra quanto hipoteticamente após seu término. Uma proposta para colocar todas as vias do hiperespaço sob a jurisdição da República, para evitar disputas e tributações territoriais. Anos e anos de esboços de projetos de lei contra a escravidão. Um legado que, em grande parte, não seria realizado, e Sabé ardia com a necessidade de descobrir por quê.

Ela criou duas identidades em branco. Eles usariam identidades básicas para deixar Naboo e depois trocariam para um disfarce de maior qualidade quando estivessem em outro lugar. Era mais seguro assim, embora significasse muito mais trabalho.

Sabé ouviu o comunicador emitindo um som e o ignorou. Ela realmente não queria falar com sua mãe agora e as damas de companhia entenderiam que queria ficar sozinha. Elas não precisavam falar para se comunicarem. Entendiam que Sabé conversaria quando houvesse necessidade. E entendiam que poderia ser perigoso saber antes disso. O comunicador soou outra vez.

Sabé ouviu um murmúrio vindo da outra sala quando Tonra atendeu a chamada e falou com quem ousava interromper sua paz. Um momento depois, ele apareceu na porta.

— Peça que deixem recado — ela ordenou. — Não quero falar com ninguém

agora.

— Acho que você deveria, meu amor — ele sugeriu. Tonra passou a ela um holoemissor. Quem estava ligando queria falar frente a frente.

Sabé segurou o dispositivo na palma da mão e o ativou, visualizando uma figura familiar. Quando ela falou, foi com a voz de Amidala. Sabé não tinha intenção alguma de deixar nada escapar.

— Senador Organa, agora não é uma boa hora — ela disse. — O que você quer?

AGRADECIMENTOS

ESPEREI POR ESTE LIVRO por vinte anos e fiquei eternamente emocionada por ter sido escolhida para escrevê-lo, e isso não teria acontecido sem a generosa ajuda de várias pessoas:

Josh Adams, que me telefonou na Islândia perguntando se eu estava interessada e quem sempre me leva a sério quando digo que estou pronta para começar um novo projeto.

Jen Heddle, que me guiou da ideia até o livro. Emily Meehan, que sempre me apoiou. Patrice Caldwell, que me ajudou a deixar o mundo maior.

À Lucasfilm Story Group e à equipe de criação, que se certificaram de que tudo se encaixava.

Todos que criaram artes ou história para Naboo em Shattered Empire, Forces of Destiny e *Battlefront II*, e Tara Phillips, que fez essa linda capa.

Natalie Portman, Keira Knightley e Trisha Biggar, que me deram o melhor presente de quinze anos possível, e Cat Taber, que continuou a tradição.

Várias pessoas que responderam a muitas perguntas sem saberem do que estávamos falando, incluindo Emma Higinbotham, Rachel Williams, Bria LaVorgna e Angel Cruz. Manter segredos é difícil.

MaryAnn Zissimos, que é, ao mesmo tempo, a pessoa mais entusiasmada E calma que eu conheço.

E todas as garotas que um dia pediram por mais *Star Wars*. Vocês são minha fagulha.


AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*
E. K. JOHNSTON
STAR WARS
O DESAFIO DA RAINHA
UNIVERSO geek

E. K. JOHNSTON

STAR WARS™

O DESAFIO DA RAINHA

São Paulo
2024

Disney · Lucasfilm

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Star Wars: Queen's Peril
Copyright © 2020 by Lucasfilm Ltd. & ® or ™ where indicated. All rights reserved.

Star Wars: O desafio da rainha é uma obra de ficção. Todos os nomes, lugares e situações são resultantes da imaginação dos autores ou empregados em prol da ficção. Qualquer semelhança com eventos, locais e pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

© 2024 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial
Luis Matos

Gerente editorial
Marcia Batista

Produção editorial
Letícia Nakamura
Raquel F. Abranches

Tradução
Felipe CF Vieira

Preparação
Alexander Barutti

Revisão
Monique D'Orazio
Tássia Carvalho

Arte
Renato Klisman

Ilustração de Capa
Tara Phillips

Design de Capa
Leigh Zieske

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

J65s

Johnston, E. K.

Star Wars : o desafio da rainha / E. K. Johnston ; tradução de Felipe CF Vieira. — São Paulo : Universo dos Livros, 2024. (Trilogia Padmé Amidala, vol. 2)

240 p.

e-ISBN 978-65-5609-660-5

Título original: *Star Wars: Queen's peril*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica

I. Título II. Vieira, Felipe CF

24-2128 CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803
CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP
Telefone: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Para Bria, Rachel e Katherine, que felizmente não perguntaram nada que eu não pudesse responder.

A GAROTA DO VESTIDO branco tinha o cérebro da mãe e o coração do pai, e uma fagulha que era toda própria. Uma inteligência, uma direção e uma compaixão tão brilhantes quanto as estrelas. Mas agora estava sozinha, e ninguém poderia ajudá-la. Independentemente do que acontecesse, de como fosse registrado e de como fosse lembrado, ela estava sozinha.

Desde pequena, ela queria ajudar. Seu pai a levara para outros planetas em missões de ajuda humanitária. Ela havia pisado em mundos moribundos e tentado evitar o inevitável. Às vezes não era suficiente, mas ela sempre se voluntariava para tentar de novo.

Algum tempo depois, ela voltou a atenção para seu próprio planeta. Não havia grandes desafios em Naboo. O setor estava em paz, o planeta prosperava. Mesmo assim, havia trabalho a fazer, trabalho que ela sentia que podia fazer. E ela queria fazer.

Não era suficiente apenas aceitar os sonhos de seus pais. Ela queria sentir que havia alcançado o mais longe que podia, que havia feito o máximo que era capaz. E, para uma garota em Naboo, isso significava ser eleita rainha. Ela era mais jovem do que a maioria, mas isso não a impediria.

Quanto mais pensava sobre isso, mais percebia que governar o planeta seria um desafio maior do que imaginava. A galáxia era enorme e Naboo era um planeta bonito, sem muita defesa. A atual rainha havia ignorado seus vizinhos. O senador era forte, mas sua lista de aliados era pequena. Ela sabia que estava à altura do desafio.

E agora ela esperava sozinha, em uma pequena sala nos andares inferiores do palácio. A campanha havia terminado, a votação se encerrara. Logo os resultados seriam anunciados, e então ela saberia; mas, em seu coração, ela já sabia. Sempre soubera. Ela se criara para servir e faria isso da posição mais alta possível.

A porta se abriu com um silvo, e uma silhueta familiar bloqueou a luz. O zumbido de um droide flutuante preencheu seus ouvidos. A garota se endireitou. Ela sempre agia como se estivesse sendo observada. Sua aparência era sua primeira linha de defesa, e ela planejava usá-la tão deliberadamente quanto fosse possível.

— Vossa Alteza — Quarsh Panás disse, com o mais leve indício de um sorriso nos lábios. Seu capitão ainda estava começando a conhecê-la, mas ela confiava em suas intenções. — A eleição acabou. O seu trabalho começa agora.

A garota do vestido branco seria rainha, e ela estava pronta.

FORÇA

E*sse não era o jeito normal de receber os resultados do exame. O Conservatório de Theed atraía estudantes de todo o planeta, mesmo não sendo nem de longe a única escola de música de Naboo. E nem era, na opinião pública, a melhor de todas. Localizada em um prédio antigo, longe de todos os principais centros de entretenimento da cidade, o conservatório era conhecido por suas tradições. Era por isso que as famílias enviavam seus filhos para estudar lá. Um músico treinado naquele conservatório era consistente. Estável. Confiável. Pronto para transmitir as tradições para uma nova geração de ouvintes e outros estudantes, quisessem ou não.*

Tsabin odiara quase todos os momentos ali.

Nunca houvera qualquer dúvida sobre para onde ela seria enviada. Nenhuma dúvida sobre qual instrumento ela tocaria. Seus irmãos desbravaram o caminho antes dela, e tudo que precisava fazer agora era segui-lo. Nunca houvera dúvida sobre ela fazer algo tão audacioso quanto conduzir. *Ela apenas não tinha o talento para isso. Era boa o bastante e, em outro planeta, poderia até ganhar a vida como solista em algum lugar desavisado, mas Tsabin soubera a vida toda que ela nunca estaria na primeira fila de alguma orquestra.*

E agora esperava em uma pequena sala, olhando para uma cadeira vazia do outro lado de uma mesa qualquer. Ela fora enviada até ali pelo droide inspetor, sem nem reparar no número pouco familiar da sala, achando que descobriria como tinha se saído nas provas finais. Em vez disso: uma sala escura e uma espera interminável.

Tsabin havia chegado muito longe, sempre escondendo seus verdadeiros sentimentos de todo mundo, e não seria agora que ela cederia, nem mesmo diante daquela burocracia ultrapassada.

A porta finalmente se abriu — com dobradiças de verdade, porque esse era o tipo de lugar que o Conservatório de Theed era — e Tsabin se ajeitou na cadeira. Mesmo se fosse apenas o droide, era importante estar preparada. Os droides do conservatório monitoravam a postura e comportamento dos alunos, analisando quem mais se parecia *com um músico, além de realizarem tarefas*

mundanas. Mas a pessoa na porta não era um droide. Tsabin respirou fundo sem deixar transparecer, o que era outro benefício de uma educação no conservatório.

Ele era mais alto do que ela, o que não dizia muito, mas era algo para começar. Vestia as cores azul e castanha da Força de Segurança Real de Naboo, o chapéu debaixo do braço desde que havia entrado. Tinha o cabelo curto e pele marrom, e os olhos eram quase afetuosos, exceto por algo que o impedia de chegar a esse nível de relaxamento. Ele sentou-se na outra cadeira sem se apresentar e deixou o chapéu sobre a mesa entre os dois.

Se o oficial de segurança achava que iria intimidá-la, ele escolhera o dia errado para isso. Os exames haviam acabado e Tsabin havia dormido a noite toda pela primeira vez em semanas. Toda sua família entrara em contato com ela naquela manhã. Seus irmãos a tranquilizaram dizendo que tudo daria certo e seus pais deixaram o contato de onde estariam quando os resultados fossem divulgados. Ela sabia que não havia feito nada para merecer aquela visita, então deveria ser algo inusitado. Ele provavelmente queria algo dela. Então Tsabin olhou sem preocupação para o oficial, com todos os muros que ela construíra se impondo entre eles.

Depois de vários longos minutos, o leve indício de um sorriso apareceu nos lábios dele e ele estendeu a mão sobre a mesa para ela, a palma virada para cima.

— Quarsh Panás — disse. — Força de Segurança Real. Mas acho que você percebeu isso sozinha.

— Tsabin — ela respondeu, apertando educadamente sua mão. — Sim.

Ele a soltou e ela retornou a mão sobre seu colo. Ele fechou a sua sobre a mesa e olhou para ela.

— O que você acha da eleição? — ele perguntou.

Tsabin não conseguiu disfarçar quando ergueu uma sobrancelha. Não esperava aquela pergunta.

— Não tenho obrigação de contar a você — respondeu.

— É verdade — ele disse, e quase riu. — Você pode pelo menos confirmar que está ciente das candidatas?

— É claro. Este é o primeiro ano em que posso votar.

— Você tem treze anos — ele disse. O oficial se recostou na cadeira sem qualquer aparência de que estava baixando a guarda.

— Já terei catorze quando a eleição acabar — ela disse. — Você deve ter ao menos descoberto minha data de nascimento antes de entrar aqui.

— Sim, descobri — respondeu ele. E bateu os dedos sobre a mesa.

Tsabin estava começando a se irritar. Sim, era o primeiro dia do resto de sua

vida — ao menos em teoria, já que sua educação formal estava praticamente completa — e ela não tinha exatamente muitos planos, mas também não queria desperdiçar o dia naquela sala com aquele homem.

— Seus professores dizem que você é diligente — afirmou Panás. — Nunca se atrasa. Tem escrúpulos quando se trata de fazer a sua parte, e a sua conduta é sempre quase perfeita.

Tsabin esperou pela parte negativa, que sempre vinha.

— Mas você está sempre em segundo lugar — Panás continuou. — Em tudo que sempre tentou.

Quase catorze anos de autocontrole conquistado a duras penas reverberaram por todo o corpo de Tsabin. Mas ela não daria a satisfação de mostrar o quanto aquilo doía. Nunca, nunca daria isso a ninguém. Seu estômago se apertou, mas ela não piscou nem deixou transparecer nada em seu rosto. Elas eram, afinal de contas, a verdade: seus irmãos eram melhores músicos do que ela e, não importava o que fizesse, sempre havia alguém que fazia melhor.

Panás se levantou e pegou o chapéu sobre a mesa.

— Não posso dizer nada oficialmente, claro — ele disse. — Mas eu pediria a você que, até o final da eleição, não aceitasse nenhuma oferta para se tornar aprendiz. Entrarei em contato.

Com aquelas palavras, ele foi embora. Tsabin estava livre para sair. Mas levou a mão até o bolso e retirou sua tela, onde acessou a lista de candidatas concorrendo ao cargo de rainha de Naboo. Já havia lido os nomes e plataformas antes, mas dessa vez olhou com cuidado as candidatas. Olhou para ela.

Amidala *era seu nome. Elas poderiam ser gêmeas, ou quase. Duas garotas com o mesmo rosto. E um oficial de segurança havia se deslocado até ali para conversar com uma garota que sempre chegava em segundo lugar.*

Tsabin permaneceu na sala até o droide aparecer procurando por ela, sua mente acesa com as possibilidades.

CAPÍTULO 1

NA MANHÃ DA ELEIÇÃO, Quarsh Panás deixou o chá esfriar. Sua esposa, Mariek, recém-chegada de seu turno no palácio, não hesitou e tomou o chá quando ficou claro que ele não sairia da frente da tela para algo tão mundano quanto o café da manhã. Ela também roubou a fruta fresca do prato dele.

— É cedo demais para ficar checando isso — ela argumentou, de boca cheia.

— Não estou checando os resultados — ele disse.

Havia décadas que não acontecia algum escândalo durante uma eleição em Naboo, mas Panás não deixaria esse recorde ser quebrado sob seu comando. Como capitão da Força de Segurança Real, era seu privilégio assegurar que tudo corresse sem problema algum. Isso era ainda mais importante agora: a candidata cuja proteção fora designada a ele era a favorita para vencer. Panás estaria pronto para qualquer coisa. Havia multidões para monitorar e, embora a Força de Segurança fosse mais do que capaz disso, ele estava curioso sobre o que os holojornais poderiam pegar. Era sempre melhor ter o máximo de olhos possível.

— Vou dormir — Mariek disse.

Panás ergueu os olhos ao ouvir aquilo. Ela se levantou e ele tomou sua mão. Trabalhavam em turnos opostos desde que Panás foi destacado para a segurança eleitoral, para cuidar do que uma nova monarca pudesse precisar, e ele sentia falta da esposa.

— Durma bem, meu amor — ele disse.

— Coma alguma coisa, por favor — ela respondeu e o deixou sozinho.

Panás obedeceu e deu três mordidas na comida em seu prato, e havia acabado de decidir que talvez estivesse mesmo com fome, quando seu comunicador pessoal tocou.

— Panás — ele disse, segurando o aparelho na palma da mão. Uma imagem se formou e uma forma familiar apareceu no comunicador. Ele se ajeitou. — Senador Palpatine?

— Bom dia, capitão — o senador disse.

Geralmente, o senador de Naboo retornava para votar, em uma demonstração para seu povo e para a República de que levava muito a sério todos os seus papéis dentro do sistema democrático. Porém, daquela vez ele tinha sido

impedido por algo importante. Honestamente, Panás sentia falta dele. Tudo parecia correr melhor quando o senador estava por perto e sempre tinha sido assim, mesmo quando Panás ainda era um funcionário do escritório legislativo e a estrela de Palpatine estava em ascensão. Era útil ter colegas em quem pudesse confiar.

— Desculpe por entrar em contato tão cedo — Palpatine continuou. — Haverá uma votação mais tarde que não posso perder, mas eu queria checar como as coisas estão indo e, com a diferença de horários, quando meus assuntos no Senado terminarem, será tarde demais.

— Sem problemas, senador — Panás respondeu. — Tudo aqui está indo bem. As filas estão em ordem e as urnas serão abertas em menos de meia hora. Tudo indica que será uma eleição tranquila.

— Eles já apontam algum resultado? — Palpatine perguntou.

Panás hesitou. Tecnicamente, como oficiais do governo, eles deveriam desencorajar qualquer especulação. Como cidadãos, porém, estavam livres para discutir suas ideias. Panás sempre tomava cuidado para separar seu trabalho e sua vida particular. Era uma das razões do sucesso de seu casamento.

— Não oficialmente, é claro — ele disse. Panás apanhou a xícara de chá, esquecendo que Mariek já havia tomado tudo. — Mas parece que seu palpite estava certo. Não será um escândalo se ela não vencer, mas será uma surpresa.

Via de regra, as rainhas de Naboo mantinham seu cargo por dois mandatos inteiros. Entretanto, quando a rainha Réillata havia renunciado depois de apenas um mandato, o planeta precisara eleger uma substituta antes do esperado. Havia candidatas maravilhosas, é claro — assim mandava a tradição de Naboo —, mas a população estava mais dividida do que o normal. Sanandrassa não tinha sido uma rainha ruim, mas não tinha o apoio esperado para um monarca no poder. Sua reeleição era, na melhor das hipóteses, improvável.

— Bom, bom — Palpatine disse. Seu olhar se desviou por um segundo. Algo em Coruscant chamou sua atenção. — Estou ansioso para ver isso acontecer, capitão. Enquanto isso, eu lhe peço desculpas, mas o novo projeto de lei de tributação finalmente foi transmitido e eles precisam de minha atenção.

— É claro, senador — Panás respondeu. — Obrigado pela ligação.

Palpatine desconectou sem qualquer outro comentário, e Panás mudou o canal de sua tela de volta para as notícias. Sempre era assim com eles: o trabalho em primeiro lugar. Panás achava isso reconfortante. Nunca havia dúvida alguma sobre sua posição.

Seu cronômetro emitiu um sinal, indicando que era mais tarde do que imaginava. Mariek já havia votado mais cedo — Panás a acompanhara, mas não tinha votado. Ele adorava o dia da eleição e seu trabalho não começava antes do

meio da tarde, então estava livre para votar em uma urna comum. Assobiando satisfeito — uma música presa em sua mente desde que saiu do conservatório —, ele deixou a louça na lavadora, certificou-se de que levava sua identidade no bolso, calçou as botas e saiu para fazer a diferença.



Ruwee Naberrie tirou a serragem de suas roupas e se perguntou onde em sua vida tudo dera errado. Geralmente, ele tomaria um momento para observar as lascas de madeira caindo, evidência de um trabalho feito em detalhes perfeitos, mas hoje não havia tempo para isso. Hoje, apesar de seus melhores esforços, sua filha não precisava dele.

Ela já não estava mais lá. Fazia dias que ele não a via, exceto no noticiário, quando tinha feito discursos de última hora, e depois outra vez naquela manhã, quando ela e as outras candidatas votaram ao vivo para que todo o planeta assistisse. Era estranho pensar nisso, sua filha mais jovem tentando se tornar rainha do planeta, e ele não podia reconhecê-la como tal.

As pessoas sabiam, é claro. Era impossível alcançar o anonimato completo, mesmo com a máquina apurada da democracia de Naboo. Mas ninguém estragaria o disfarce de Amidala. Mais tarde, se ela fosse bem-sucedida e seu reinado fosse favorável, sua família e amigos explodiriam de orgulho, mas isso seria apenas quando o mandato terminasse. Agora, Naboo precisava de uma rainha.

Ruwee freou seus pensamentos antes que corressem demais para o futuro. Podia não vencer a eleição. Ela se saíra muito bem durante a campanha, mas isso nem sempre era indicação de sucesso. Ruwee deixara a política havia muito tempo, exceto quando alguma causa o puxava de volta e ele usava seus muitos contatos fora do planeta — e ele sabia muito bem como tudo funcionava. As coisas sempre podiam acabar de um jeito inesperado.

E, forçado a ser honesto consigo mesmo, quase torcia para que fosse assim. Se perdesse, então sua filha poderia continuar sendo ela mesma, sem os olhos de centenas acompanhando cada passo seu. Ruwee não duvidava nem por um instante de que sua filha genuinamente queria ser rainha, mas isso não era o que ele esperava para ela. Queria que suas filhas fossem felizes em primeiro lugar e que servissem a seu planeta fora dessa felicidade. Ser eleita poderia fazê-la feliz, mas isso sempre estaria ligado a algo mais.

Ele ainda votaria nela, obviamente.

— Ruwee, está na hora de ir! — Jobal chamou de dentro da casa bem localizada.

Diferente de seu marido, Jobal Naberrie tinha poucas dúvidas sobre como aquele dia terminaria e não sentia a relutância dele sobre o provável desfecho. A filha do casal era jovem, e com a atenção sobre sua vida pública que a tradição de Naboo manteria sobre ela, não havia razão para que não seguisse em frente quando seu mandato acabasse. Jobal sentia um enorme orgulho, é claro, e também muita curiosidade sobre o que sua filha faria. Era uma sensação estranha, uma sensação que Ruwee simplesmente não *entendia*, mas que Jobal não conseguia afastar. Ao menos, ela pensava, equilibrava bem as preocupações dele.

Um holograma da família chamou sua atenção, e Jobal o observou por um longo momento. A imagem capturava Padmé e sua irmã no jardim quando eram crianças, cuidadosamente retirando ervas daninhas de uma fileira de vegetais. Padmé havia insistido em plantar uma horta e fazia quase todo o trabalho sozinha, certa de que a comida que produzia poderia ser distribuída para quem precisasse. Mesmo naquele momento congelado do passado, Padmé era uma força da natureza. Jobal sabia disso. Havia testemunhado desde que as garotas eram pequenas. Explorar esse potencial tão cedo era uma dádiva e Jobal sabia que sua filha não o desperdiçaria.

Ruwee se juntou a ela na sala de estar, e Jobal tirou o resto da serragem de suas roupas. Ela franziu o nariz quando uma fina nuvem preencheu o ar; não porque desaprovava, mas porque sempre a fazia querer espirrar. Seu marido chegou mais perto e a beijou.

— Não começa — ela disse.

— É feriado! — declarou ele. Ela percebeu que ele decidira não reclamar mais e ficou agradecida por isso.

— Você pode celebrar mais tarde. — Ela lhe entregou o chapéu e o conduziu para o saguão de entrada quando ele o colocou na cabeça.

Jobal sentou-se para amarrar os sapatos e certificou-se de que ele havia escolhido outra coisa que não fossem suas botas de jardinagem.

— Está pronto? — ela perguntou.

— Para nossa filha ser a rainha de Naboo?

Ele ficou em silêncio por um longo momento, com uma das mãos segurando a porta sem a abrir.

— Quer saber, acho que estou — ele disse. — Não estava até agora há pouco,

mas ela trabalhou tanto, e respeito isso.

— Fico imaginando de quem ela herdou tanta ética no trabalho — comentou Jobal, retoricamente, mas Ruwee não deixava nada escapar.

— Está dizendo que é culpa nossa? — ele perguntou.

— Nós a levamos para fora do planeta em missões de ajuda humanitária quando ela tinha sete anos — Jobal respondeu. — Acho que isso contribuiu um pouco para que ela encontrasse sua aptidão.

— Acho que você está certa, meu amor.

Ruwee ofereceu o braço e ela o tomou. Juntos, saíram para o pátio e se juntaram aos vizinhos no caminho para as urnas.



Sheev Palpatine leu o projeto de lei pela última vez. Oficialmente, era a primeira vez que o via, então tomou cuidado para parecer que lia o documento com muita atenção. A verdade era que estava preocupado com muitas outras coisas e apenas checava o texto para ter certeza de que nenhum detalhe que exigira havia ficado de fora.

Ele votaria contra, é claro. Aquela lei seria um desastre para Naboo e vários outros sistemas da Orla Média. E, ao menos dessa vez, o projeto de lei não passaria. Ele acrescentara assuntos substanciais o bastante para que a Federação de Comércio não pudesse aceitar e, assim, assegurar que seus aliados votassem contra. Mas isso seria mais um passo no caminho. E ele já havia escrito os três projetos de lei seguintes, só para garantir.

— Senador, está na hora — disse um de seus assessores.

Palpatine se deixou conduzir na direção da assembleia do Senado, acenando com a cabeça para todas as pessoas certas que cruzavam seu caminho nos corredores que levavam para suas plataformas. Seu rosto estava impávido, educadamente interessado naquilo que era dito ao seu redor. Não era uma expressão incomum nas galerias do Senado, mas Palpatine a aperfeiçoara havia muito tempo. Logo, ele estaria sob os holofotes e seus colegas veriam a expressão vazia desaparecer, mas isso também seria uma encenação. Ninguém nunca tinha visto seu rosto verdadeiro, a pura raiva que queimava dentro dele.

Mas talvez veriam, algum dia.



Padmé Naberrie havia feito a última coisa que podia. Ela votara em si mesma

quando chegou a vez de as candidatas depositarem suas cédulas. Tinha certeza de que todas tinham feito o mesmo; mas, ao menos para ela, era o último passo para provar a si mesma que estava pronta. Ela confiava em si mesma o bastante para ser rainha. A arrogância disso — pensar que era tão melhor do que suas colegas — a incomodava um pouco, mas Naboo tinha uma garantia.

Ela não governaria como Padmé se vencesse. Ninguém nunca saberia quem Padmé era, se tudo corresse conforme o planejado. Ela usaria as vestimentas e carregaria as responsabilidades da coroa de Naboo — entregaria tudo de si, a ponto de abandonar seu próprio nome durante o reinado. Era tradição, mas era um conforto — uma lembrança de que o papel era maior do que sua pessoa, de que estaria agindo a serviço de algo, e não para seu próprio ganho.

Ela não tinha realmente entendido isso até aquela manhã, quando sua cédula-chip deslizou para dentro da urna. Pensava que o anonimato era para sua proteção, e de certa forma era mesmo, mas também era para proteger outra pessoa. E era hora. Era a hora *dela*.

Amidala.

CAPÍTULO 2

A GUARDA REAL RECÉM-EMPOSSADA se reuniu para ouvir o resultado da eleição em seu quartel. Eles vinham de todos os níveis e posições dentro das Forças de Segurança e tinham sido escolhidos para proteger a nova monarca, fosse ela quem fosse, pela lealdade e pela dedicação que demonstravam. A maioria já se conhecia, já que a força não era tão grande assim, mas essa era a primeira vez que todos estavam reunidos no mesmo lugar, e eram seus últimos momentos para relaxar antes do início da nova tarefa.

Panás não relaxou.

Do outro lado do corredor, as candidatas também esperavam o resultado. Elas estavam isoladas desde aquela manhã, cada uma recebendo uma sala própria onde podiam passar o dia refletindo, e logo Panás seria o incumbido de buscar a nova rainha. Ele sabia qual porta gostaria de abrir e se esforçava para fingir que ainda estava neutro, embora estivesse longe disso.

Finalmente, o noticiário trocou a mensagem pré-gravada que vinha exibindo na última hora e mostrou o governador Bibble. O homem de barba prateada estava vestido com sua cor púrpura de sempre, com uma túnica de mangas largas que seguia todas as suas gesticulações vigorosas. Um silêncio surgiu entre a guarda quando Bibble limpou a garganta e começou o pronunciamento.

— Cidadãos de Naboo — ele começou. Bibble sempre falava como se estivesse se apresentando para uma plateia, o que fazia sentido, já que era especialista em filosofia argumentativa, e ele geralmente estava mesmo diante de plateias, então não parecia tão pretensioso. — Tenho o prazer de informá-los de que, após uma corrida bem disputada por parte de todos, vocês elegeram a candidata Amidala como sua rainha.

Bibble continuou a falar enquanto imagens da candidata, agora rainha-eleita, apareciam na tela, lembrando a qualquer um que pudesse ter esquecido os objetivos da campanha de Amidala e a idade dela, mas os guardas já não estavam mais ouvindo. Cada rosto na sala se voltou para Panás, cujos punhos cerrados eram o único sinal de suas emoções.

— Preparem-se para a inspeção — ele disse, e então girou sobre os calcanhares para seguir pelo corredor, que levava para onde as candidatas

esperavam.

Era tradição que a nova rainha fosse recebida por seu capitão da guarda, uma relíquia do passado de Naboo, quando as candidatas não podiam nem mesmo ficar hospedadas perto umas das outras ou confiar na legislatura. Esses dias já estavam distantes, é claro, mas Naboo encorajava a memória para que não se repetissem os erros do passado, e esse era um dos muitos passos tomados para lembrar o quanto haviam avançado — e o quanto ainda precisavam avançar. Ela se encontraria com Bibble como rainha assim que inspecionasse sua guarda pessoal.

Panás parou por um momento na frente da porta de Amidala, ciente de que tudo estava prestes a mudar. Ele já não era apenas capitão da guarda, assim como ela já não era mais uma candidata. Ele já havia gostado dela durante a campanha, mas agora seus nomes estariam ligados para sempre na história de Naboo. Valia a pena tomar um instante para refletir. Panás esperou mais alguns momentos, enquanto os inspetores da eleição se preparavam para falar com as candidatas derrotadas, e então abriu a porta.

— Vossa Alteza — disse, parado na porta. — A eleição acabou. O seu trabalho começa agora.

Do outro lado da sala, uma figura magra se levantou para recebê-lo. Ela usava um vestido branco que a fazia parecer ainda mais jovem do que era, mas ele não podia duvidar nem por um instante da convicção de sua postura. Durante a campanha, ela estivera sempre pesadamente maquiada, seu rosto pintado com cosméticos que lembravam às pessoas o peso das promessas dela. Agora seu rosto estava limpo, mas, com os cabelos soltos, ainda não podia vê-la bem.

— Obrigada, capitão. Estou pronta.

Ela não deixava nada transparecer, mas Panás imaginava que deveria estar ao menos um pouco nervosa. Ele olhou sobre o ombro e viu o último dos inspetores desaparecer no corredor.

— Se puder me acompanhar — ele disse, gesticulando para fora da sala. O droide saiu flutuando. — A equipe de segurança está pronta para sua inspeção. Uma formalidade, como sabe, mas isso é esperado antes de o governador Bibble chegar aqui para informá-la oficialmente.

— É claro, capitão — ela disse. Sua voz era leve e impessoal, mas ele não se ofendeu. Ela mal o conhecia.

— Mais tarde conversaremos sobre como personalizar a sua segurança — continuou Panás. — Já preparei algumas medidas, mas não quis me antecipar muito. Vamos precisar de alguns dias para nos acomodar, mas estou muito satisfeito com a equipe que foi reunida para Vossa Alteza.

Ela não respondeu, mas permitiu que ele a conduzisse pelo corredor até onde a

guarda a esperava. Eles imediatamente se levantaram em duas linhas e se endireitaram assim que o capitão e a rainha entraram na sala. Aquela era a guarda pessoal da rainha, formada por dezesseis homens que a protegeriam em uma rotação de quatro pessoas. Os outros guardas do palácio podiam então se ocupar com operações e coordenar com a rainha conforme necessário. Panás desejava mais pessoal, mas tinha sido voto vencido.

A rainha olhou para o rosto de cada guarda enquanto eram apresentados a ela, gravando o nome de cada um na memória. Deveria ser difícil pensar nela como uma pessoa poderosa ali, cercada por pessoas tão maiores do que ela, mas Amidala poderia ter três metros de altura pela forma como se comportava. Assim que estivesse totalmente vestida com os trajes reais, ela seria excepcional.

Quando chegaram ao fim da fila, Panás dispensou todos os guardas, exceto os três que estavam na rotação junto com ele. O governador chegou pouco depois. As primeiras reuniões não aconteceram na sala do trono e Panás dividiu sua atenção entre observar a rainha e observar todos que a observavam. Bibble falou mais sobre procedimentos e regras, não de assuntos da política, então não foi uma conversa particularmente interessante, mas a rainha dedicou a ele atenção total.

— E isso é tudo que podemos cobrir hoje, creio eu — Bibble concluiu. Passaram-se várias horas, mas a rainha não mostrava nenhum sinal de exaustão ou tédio. — A menos que tenha alguma pergunta?

— Não, obrigada, governador Bibble — a rainha Amidala disse. Sua inflexão deixou claro que aquilo era uma dispensa, embora, tecnicamente, Bibble ainda fosse seu superior. Panás sorriu. — Mas eu agradeceria se você pudesse arranjar que alguém me envie quaisquer documentos políticos relevantes. Posso lê-los à noite e estar preparada para as reuniões de amanhã.

— É claro, Vossa Alteza — disse Bibble, levantando-se. Ele acenou para um assessor, que tomou nota. — Enviarei os arquivos assim que eu terminar o resto dos meus deveres de hoje. Está um dia agitado para todos nós.

A rainha assentiu graciosamente para ele, e o governador e seus assessores se retiraram. Amidala se levantou. Só agora, tendo apenas os guardas como companhia, sua postura mudou. Ela se espreguiçou e torceu o pescoço, sacudindo a cabeça como se tentasse acomodar toda a informação que havia recebido.

A transferência de poder ainda levaria mais alguns dias e suas primeiras aparições públicas seguiriam logo depois. Apesar da natureza formal do papel da rainha e a relativa rigidez dos protocolos que a cercavam, as eleições em Naboo não eram muito propagandeadas. Uma vez que as candidatas eram isoladas durante a votação, elas não falavam com o público até que sua persona real

estivesse totalmente pronta.

— Capitão? — chamou ela, e o intervalo acabou.

— Sim, Vossa Alteza? — Ele se aproximou e ficou de pé na frente dela.

— Seria apropriado discutirmos a segurança durante o jantar?

— É preciso que quatro de nós estejam de prontidão, Vossa Alteza — respondeu Panás. — Isso significa que não podemos comer, mas eu ainda posso conversar com Vossa Alteza enquanto janta.

Ela suspirou, mas aceitou a restrição. Panás usou o comunicador para pedir à cozinha que enviasse um droide com jantar para uma pessoa. Eventualmente, quando se mudassem para as instalações no palácio, a rainha estaria cercada de pessoas, mas no momento era mais rápido e fácil usar droides.

— Não estou acostumada a comer sozinha — ela admitiu quando se sentou à mesa. — Meu pai sabia que éramos todos ocupados demais, mas ele gostava quando nos reuníamos durante as refeições.

Ela estava sendo vaga de propósito, Panás sabia, embora ele conhecesse sua identidade real. Ele achou isso um bom sinal. Alguns monarcas não levavam muito a sério o anonimato exigido por sua posição, e isso sempre causava dores de cabeça para seus guardas. Ele não havia participado da guarda pessoal da atual rainha, Sanandrassa, mas ouvira rumores suficientes para saber que seus guardas esperavam ansiosos pelo dia em que ela voltasse a ter apenas uma identidade. Sempre tinha sido uma dificuldade separar a rainha de sua persona privada. Panás tinha a impressão de que Amidala seria muito mais cuidadosa.

— Isso é uma das coisas que eu gostaria de conversar com Vossa Alteza — Panás disse. Se ele se sentia constrangido falando enquanto ela comia, não deixou transparecer.

— Oh? — indagou ela, cortando seu pão em pequenos pedaços.

— Uma rainha tradicionalmente tem ao menos uma dama de companhia, como sabe. Gostaria de saber se já pensou sobre quem será a sua.

— Minha irmã me informou que não deseja servir no meu governo — a rainha disse. — O que não me surpreende nem um pouco. Tenho algumas outras amigas a quem poderia pedir, acho, mas eu estava muito concentrada na eleição. Não me permiti imaginar os aspectos práticos que viriam depois.

— Há uma garota no Conservatório de Theed — disse Panás. — Ela tem a sua idade e é uma musicista decente. Também é muito inteligente e seus instrutores dizem que é muito equilibrada. Eu a entrevistei há algumas semanas, só por segurança, e ela me pareceu acessível.

A rainha ergueu uma sobrancelha, mas lhe fez a cortesia de não perguntar se ele também entrevistara damas de companhia para as outras candidatas.

— Mais importante — ele continuou —, ela tem uma notável semelhança com

Vossa Alteza. Se for sua dama de companhia, e se ela estiver interessada, ela poderia treinar como uma guarda-costas que ficaria mais perto de Vossa Alteza do que qualquer outra pessoa.

A rainha mastigou enquanto pensava e depois tomou um gole de água.

— Existe mesmo a necessidade de tanta segurança? — ela perguntou.

A rainha Sanandrassa havia se concentrado tanto na política de Naboo que acabou ignorando o resto do setor, o que deixara os planetas desconfortáveis. Ter duas rainhas de um único mandato deixava *Panás* desconfortável. Também havia maiores implicações. Naboo vinha se dedicando à eleição pelo último mês, mas relatos sobre disputas de comércio na Orla Média haviam chegado ao noticiário.

— Eu acredito em estar preparado — disse Panás. — Em uma emergência, ela poderia até trocar de lugar com Vossa Alteza.

— Não quero colocar outra pessoa em perigo.

Antes que Panás pudesse dar a resposta óbvia, a expressão dela se transformou, e ele mudou de ideia. Era bom saber que ele já podia entendê-la tão bem.

— É inevitável — ela disse. — Isso é o que sou agora.

— Sim, Vossa Alteza. Nós chamamos isso de o fardo do comando, e é algo que ninguém gosta.

Ela fez outra pausa, ponderando o assunto enquanto ele observava. Panás a viu aceitar sua premissa, e então a expressão dela imediatamente escureceu outra vez quando encontrou outra falha.

— Qual é o benefício de ter uma dublê? — a rainha perguntou.

— Bom, as pessoas pensariam que ela é Vossa Alteza — Panás explicou. Ele achava que isso já estava subentendido.

— Mas, se existem apenas duas de nós, e nós trocamos de lugar, então todos saberão — a rainha argumentou. — E se a “rainha” de repente fica sozinha, as pessoas podem achar suspeito.

Aquilo pairou no ar entre eles por um momento. Panás era esperto o bastante para entender que aquele era seu primeiro teste. Ela lhe apontou um fato, e sua resposta influenciaria a maneira como interagiriam dali em diante. Ele engoliu seu orgulho.

— Esse é um ponto válido — disse. — Vossa Alteza tem alguma sugestão?

— Se tivermos mais do que duas de nós, será muito mais difícil de saber — ela respondeu. — Sem mencionar que isso lhe dará uma maneira de assegurar que eu terei mais do que quatro guardas de prontidão.

Ah, ela era boa.

— Vou ver o que posso fazer — disse Panás. — Pode demorar um pouco para encontrar as garotas adequadas.

— Obrigada, capitão. Eu gostaria de conhecer a garota que você já entrevistou assim que possível, se puder arranjar esse encontro.

O comunicador pessoal da rainha, que ela deixara sobre a mesa enquanto comia, emitiu um sinal.

— É o governador — ela disse, checando rapidamente. — Acho que isso é tudo por hoje, capitão.

— Vossa Alteza. Os guardas estarão posicionados na porta do seu quarto durante a noite.

A rainha entregou seu prato e talheres para o droide que havia trazido o jantar, depois se virou para ir até o quarto onde dormiria nas próximas noites. Panás direcionou os guardas para suas posições.

— Ah — exclamou ela. — Capitão, antes de eu começar minha leitura, existe alguma forma segura de contatar meus pais?

— O seu comunicador pessoal é completamente seguro, Vossa Alteza. Ele pode ser usado para contatar qualquer pessoa em Naboo sem deixar nenhum rastro.

— Boa noite, capitão — a rainha respondeu, e fechou a porta.

Panás percebeu que os guardas estavam ansiosos para conversar, mas isso teria de esperar até o turno acabar. Ele respeitava seus postos demais para permitir que conversassem pelos corredores. Os outros seguiram seu exemplo e permaneceram quietos. De qualquer maneira, faltava pouco para o novo turno começar.

Do outro lado da porta, Panás podia ouvir a rainha falando, provavelmente com seus pais. Sua voz estava baixa demais para ele entender qualquer palavra, mas podia ouvir o subir e descer do tom de voz. Era difícil decifrar sua postura. A maioria das garotas de catorze anos, mesmo as mais inteligentes, mostrava alguma emoção quando falava, mas a rainha dificilmente deixava algo assim escapar. Até mesmo sua resposta diante do resultado da eleição foi fria.

Os guardas substitutos chegaram na hora marcada e Panás se dirigiu para os aposentos que compartilhava com Mariek. Estava ansioso para contar as impressões que tivera da nova monarca e pedir a opinião de sua esposa depois que ela também a conhecesse. No meio do caminho, percebeu que, embora não tivesse ideia do que se passava na cabeça de Amidala, ele não esqueceu, nem por um instante durante toda a tarde, que ela era a rainha.

CAPÍTULO 3

PELA PRIMEIRA VEZ DESDE que o capitão Panás abrira a porta para lhe contar o resultado da eleição, Padmé se permitiu relaxar. Foi uma longa tarde — a primeira de muitas, ela sabia — e apesar de não estar exatamente cansada, estava farta de manter seu rosto tão impassível. Havia decidido ainda cedo na campanha que se apresentaria como a opção estoica e ponderada. Suas ações seriam suficientes para mostrar sua compaixão sem precisar escrevê-la em todo o seu rosto. Embora ficasse mais fácil a cada dia, um autocontrole assim não lhe vinha naturalmente e, às vezes, ela simplesmente queria *sorrir*.

Agora estava deitada na cama, com um largo sorriso de um canto a outro no rosto. Havia *conseguido*. Os meses de planejamento e preparação, de treino para deixar sua aparência sempre a mesma, de isolamento de sua família e amigos, deram resultado: ela agora era rainha de Naboo. Apanhou um travesseiro e o colocou sobre a boca, afogando a risada que brotou dela. Os guardas estavam, afinal de contas, do outro lado da porta, e Padmé ainda não havia decidido se Amidala era do tipo que dava risada, mesmo sozinha.

Ela se permitiu aproveitar a sensação por vários minutos antes de se sentar e voltou ao trabalho. Pelo visto, Bibble enviara todos os documentos que o governo planetário havia produzido nos últimos meses e, apesar de estar ciente da maioria das questões, aquele seria seu primeiro acesso aos detalhes. Mal podia esperar. Mas, primeiro, havia algo que precisava fazer.

Ela apanhou o comunicador e chamou seus pais. Temia tê-los deixado esperando demais. Eles sempre foram compreensivos com suas ambições, mesmo que seu pai não concordasse por completo, e ela esperava que eles entendessem a demora para ligar.

— Parabéns! — a voz de Jobal veio através da conexão com uma claridade cristalina quando entrou na área de projeção.

— Obrigada, mãe — Padmé disse. Ela se permitiu sorrir de novo. Sempre podia ser ela mesma com seus pais.

— Estamos muito orgulhosos de você — Ruwee acrescentou, aparecendo ao lado da esposa.

Vindo de seu pai, aquelas palavras significavam mais do que Padmé podia

dizer. Ela sabia que ele entendia, e que o sorriso dela sempre seria suficiente para ele, sendo rainha ou não.

— Desculpe não poder ter ligado antes para eu mesma contar — Padmé disse. — Foi um dia muito agitado.

— Posso imaginar — comentou Ruwee, com uma risada. — Sio vive para esse tipo de coisa.

Ter um pai que era conhecido, ao menos por sua reputação, pelas mais importantes pessoas no planeta nunca realmente impactara a vida de Padmé. Ruwee tinha o dom de saber como se tornar amigo de pessoas poderosas sem tomar vantagem disso, e era algo que Padmé admirava em seu pai. Ele muito raramente deixava algo escapar, mas ela imaginava que o dia fora muito empolgante para ele também.

— Enfim — Ruwee continuou —, nós dois entendemos que o seu tempo será quase todo tomado. Sabíamos disso desde que entrou na campanha. A política muda todas as suas prioridades e nós confiamos bastante em você para tomar essas decisões.

— O que seu pai está tentando dizer — Jobal intercedeu — é que sabemos que você está ocupada e animada, e que vamos ouvir falar de você no noticiário, e a amamos de qualquer maneira.

— Isso não é nem de longe o que eu estava tentando dizer — objetou Ruwee.

Padmé riu. Foi uma risada baixinha, mas ela não ergueu a mão para abafar o som. Sua mãe sempre incentivava seus sonhos na mesma medida que seu pai avisava sobre os aspectos práticos. Eram duas abordagens diferentes para o mesmo destino e, como Padmé aprendera, duas maneiras diferentes de demonstrar amor.

— Vou me lembrar de quem sou, pai — Padmé disse. — Independentemente de com quem estiver falando ou de qual for minha aparência.

— Isso é tudo que eu queria ouvir — Ruwee disse.

— Eu queria ouvir sobre seus aposentos, mas acho que você ainda não os recebeu — Jobal disse. Os apartamentos privados no palácio de Theed eram muito raramente abertos ao público. Por segurança, e outras razões, pouco se sabia sobre sua aparência, mas havia rumores de que possuíam grandes obras de arte e Jobal tinha grande interesse nesse tipo de coisa.

— Ainda vai demorar alguns dias — Padmé disse. — Estou no palácio agora, mas ainda não na parte real. A rainha Sanandrassa provavelmente está arrumando suas coisas, mas a transferência oficial de poder só acontecerá no final da semana.

Com seus estudos da planta do palácio, Padmé tinha quase certeza de que seu quarto atual ficava alguns andares diretamente abaixo do apartamento real, mas

imaginava que os andares acima fossem diferentes. No momento certo, seus guardas e equipe morariam onde ela estava agora.

Ela ouviu um sinal no comunicador e seus pais desviaram o olhar por um momento.

— Desculpe, seu pai está dando seu tradicional jantar pós-eleição — Jobal disse quando Ruwee desapareceu do holograma.

— Não tem problema — Padmé respondeu. — Ainda tenho muito a fazer.

Mãe e filha caíram em um confortável silêncio enquanto esperavam Ruwee voltar.

— Dê minhas lembranças para Sola — Padmé disse enquanto Ruwee voltava para a imagem.

Seus pais deram boa-noite e ela desligou o comunicador. Padmé pensou na casa deles naquela noite, cheia de amigos celebrando e analisando o que aconteceria em seguida. Por um momento, sentiu-se dolorosamente sozinha. E então lhe ocorreu: ela seria aquilo de que todos estavam falando. Sim, também havia novos representantes na legislatura para discutir, mas o foco da maioria das conversas naquela noite seria a nova rainha de Naboo, que era *ela*.

Era uma responsabilidade incrível. E Padmé estava tão, tão animada.

Coruscant, às vezes, era feita de luz. Brilhava como um farol — a casa do grande Senado da República, atraindo a atenção de sistemas de todos os cantos da galáxia. Como mynocks e engates de energia, todos os tipos de pessoas eram atraídos para o poder da cidade-planeta, e todos se banhavam sob seu brilho.

Mas Coruscant também era cheia de estruturas, cabos e detritos de séculos de habitação contínua, e, nas sombras dessas coisas, havia sempre muito espaço para a escuridão. Nos cantos decadentes da cidade baixa, a podridão da crueldade procurava espaços para crescer.

Darth Sidious raramente dava atenção aos níveis inferiores. Ele tinha meios para explorá-los, se quisesse algo, é claro, mas era muito mais seu estilo levar a escuridão para onde as pessoas pensavam que ela não as alcançaria. Ele encontrava os pontos fracos, as fissuras onde a luz escapava, e introduzia a escuridão. Jogava um jogo demorado, um jogo inteligente e, infelizmente, de tempos em tempos, isso significava lidar com pessoas que não entendiam o grande alcance de sua visão.

Apesar de seu desgosto pessoal, os níveis inferiores eram um bom lugar para ter uma conversa discreta. Sidious também raramente se dava ao trabalho de

conversar pessoalmente, mas sabia que sua presença podia ser arrebatadora e não se importava em usar essa vantagem quando um de seus pretensos aliados começava a vacilar.

Já fazia vários minutos que Nute Gunray vinha reclamando do projeto de lei rejeitado. Sidious vinha mais ou menos ignorando-o por todo esse tempo. Não era importante. No final das contas, o próprio Gunray não era tão importante. Útil, sim, principalmente por causa de sua suscetibilidade e disposição de gastar grandes quantias em uma força militar descartável, mas não era importante.

— E então aquele senador de Naboo insistiu na emenda substitutiva, e isso nos custou toda a facção Delcontriana — Gunray concluiu. — Fizemos todo o possível, mas os votos estavam contra nós.

— Não importa — Sidious respondeu rispidamente. Ele aprendera muito com aquele projeto de lei fracassado. Até onde Malastare estava disposto a ir. O quanto os Tellonitas estavam dispostos a perder. Quem os Caladarianos estavam dispostos a sacrificar. — Você terá um novo projeto de lei nos próximos dias.

— Dodd não poderá apresentá-lo — Gunray retrucou. — Seria óbvio demais.

— É claro que seria — Sidious disse. Estava cercado de idiotas. — Alguém da facção Delcontriana vai apresentar.

— Mas acabamos de perdê-los! — Gunray protestou.

— Isso foi culpa de Naboo. Esse novo projeto vai ganhá-los de volta.

Gunray resmungou algo baixo demais para Sidious ouvir e imediatamente ficou com medo. Sob o capuz de sua túnica, Sidious sorriu. Precisavam muito dele para suas disputas mesquinhas e ficavam completamente aterrorizados com ele. Esse era um de seus maiores prazeres.

— Alguém entrará em contato com você — Sidious continuou, como se nada tivesse acontecido.

— Sim, milorde — Gunray disse. Ele se curvou servilmente e Sidious cortou a conexão antes que pudesse dizer mais alguma coisa.

Os Neimoidianos eram problemáticos. Era sempre um desafio encontrar alguém apenas incompetente o bastante e, embora Sidious gostasse da sensação de caça, às vezes era preciso mais de sua supervisão do que gostaria de dar. Precisava de agentes que pudessem atuar de modo independente, mas ainda não era a hora deles. Havia peças demais, muitos resultados, para deixar alguém que podia pensar por si próprio agindo sozinho.

Mesmo assim, não custava se preparar. Sidious trocou o canal do comunicador e contatou seu aprendiz.

Amidala vencera. Tsabin assistiu ao anúncio, junto com todo o resto do planeta, e sentiu algo desabrochar em seu peito, algo que nunca havia sentido antes. Era assim que o sucesso parecia, mesmo se não fosse precisamente o seu sucesso. Ela saiu da sala onde os outros estudantes assistiam aos resultados e voltou para seus pequenos aposentos.

Rainha Amidala. Soava suntuoso. Perfeito. Lindo. E, para todas as aparências, a própria rainha era tudo isso. E ela devia ser brilhante também, mas Tsabin sabia que a inteligência sozinha não era suficiente para governar um planeta. Charme, aquela qualidade indefinível que Tsabin nunca possuíra, também fazia parte disso.

Tirou a mala de baixo da cama e a abriu. A mala estava um pouco empoeirada; mas, fora isso, estava vazia e pronta para ser usada. Ela se voltou para sua mesa, onde três cartas de admissão estavam empilhadas. Pretensiosamente escritas em arbovellum — papel de verdade —, eram ofertas para sentar-se na fileira de trás de três orquestras diferentes. Ela não passou das primeiras linhas de nenhuma delas quando começou a ler. Agora, jogou-as na lata de lixo e juntou as coisas que havia acumulado sobre a mesa. Essas foram para dentro da mala, junto com suas roupas e outros pertences que havia trazido para o conservatório.

Por último, apanhou o estojo de seu hallikset. Ela o abriu e olhou para o instrumento que era a causa tanto de seu estresse quanto de sua alegria. Seus dedos tocaram as cordas silenciosas. Mas sua decisão já estava tomada.

Tsabin fechou o estojo e o colocou sobre a mala. Então, sentou-se na cama para esperar, lendo sobre o resultado da eleição em sua tela pessoal. Não havia grandes surpresas naquele ano. Apenas uma estranha sensação em seu peito de que algo finalmente daria certo para *ela*.

E, quando o capitão Panás voltasse, Tsabin estaria absolutamente pronta para ir.

CAPÍTULO 4

PENSANDO AGORA, TALVEZ ELA não devesse ter se encontrado com Tsabin pela primeira vez como rainha. Na hora, pareceu fazer todo o sentido. Padmé tinha várias reuniões pela manhã, com muitos oficiais e funcionários do palácio, e, quando Panás anunciou que era hora da reunião final daquela tarde, Padmé não se despiu de seu papel. Então Tsabin a conheceu como uma monarca fria e distante, e não como alguém que a conheceria tão profundamente quanto uma segunda pele.

Para seu crédito, Padmé percebeu o erro assim que Panás terminou de apresentá-las uma à outra.

— Obrigada, capitão — disse Amidala. — Isso é tudo.

Panás ficou surpreso por ter sido dispensado; ele não estaria de prontidão até o dia seguinte, mas engoliu qualquer protesto que pudesse fazer e deixou as duas sozinhas. E então as garotas ficaram frente a frente em um silêncio constrangedor. Os olhos de Padmé se voltaram rapidamente para os guardas, que fingiam não estar ali. Ela ainda não os conhecia por completo, então não tinha certeza do quanto eram discretos. Mas eles nunca a acompanhavam para dentro do quarto onde dormia. E havia duas poltronas lá, ela pensou.

— Você me acompanha? — disse, levantando-se e estendendo o braço.

Tsabin assentiu e começou a andar ao seu lado. Padmé a conduziu até o quarto e fechou a porta atrás delas.

— Isso é mais complicado do que eu imaginava — ela disse. — Por favor, sente-se.

Tsabin obedeceu. De fato, até aquele momento ela vinha se comportando com total reverência e seu rosto não mostrara qualquer emoção. Padmé entendia aquilo.

— Damas de companhia reais são tradicionalmente destacadas para uma rainha para servi-la em suas tarefas domésticas — comentou Padmé, para iniciar a conversa. — Não sei se o capitão Panás lhe disse as mesmas coisas que disse para mim, mas isso não é exatamente o que estou procurando.

— O capitão disse que Vossa Alteza está buscando uma guarda-costas, mas não do tipo comum — respondeu Tsabin. — Eu não a defenderia com um

blaster. Eu a defenderia com minha identidade.

— Nenhum monarca teve um guarda-costas desse tipo desde a última disputa com os Gungans, e isso foi há muitas gerações — Padmé disse. — E eu ainda não tenho certeza de que existe razão para voltarmos com essa prática.

— Minha impressão do capitão Panás é de que ele é mais do tipo "não há razão para *não* termos uma" — comentou Tsabin.

Ela ainda estava sentada rigidamente na poltrona. Padmé relaxou em seu próprio assento e observou com alguma satisfação quando os ombros de Tsabin também relaxaram.

— Concordo — disse Padmé. — Não vejo problema algum em seguir o conselho dele.

— Ou — Tsabin sugeriu, com um toque de malandragem em sua voz pela primeira vez —, em deixar que ele pense que a maioria dos conselhos dele estão sendo seguidos.

Padmé não tentou impedir o sorriso que se abriu em seu rosto. Não era uma pessoa dissimulada por natureza, mas entendia o valor de manter suas intenções ocultas.

— Meu nome é Padmé — ela disse. Era a maior prova de confiança em que podia pensar. E era suficiente.

— É um prazer conhecê-la — Tsabin respondeu, finalmente olhando para ela com uma expressão natural.

Padmé se recostou ainda mais na poltrona. Chutou suas sandálias e cruzou as pernas, com os joelhos encostando nos braços da poltrona.

— Já mudei um pouco os planos do capitão — ela disse. — Ele pensou que uma guarda-costas seria suficiente, mas o convenci de que um grupo seria uma ideia melhor.

— Porque seria mais fácil de esconder — Tsabin comentou. — Já sabe quem?

— Ainda não. Apenas conversamos sobre isso ontem. Mas ele encontrou você, e imagino que tinha outras pessoas em mente quando decidiu que você seria a escolhida.

— Nós deveríamos ser leais a Vossa Alteza, e não a ele — Tsabin disse rapidamente. — Eles me instalaram no quartel junto com os outros guardas, e eu não acho isso uma boa ideia.

Padmé não havia considerado aquilo.

— Ele me recrutou porque sou boa em dar suporte. É o que sempre fiz por todos os grupos de que participei. Mas não acho que isso seja tudo que tenho a oferecer. — Como Padmé não respondeu, ela continuou. — Quem toca hallikset passa anos aprendendo a controlar a respiração, embora seja um instrumento de cordas. Faz parte da disciplina, mas também mantém a pureza do som. Posso

respirar sem ninguém notar, e isso significa que posso controlar meu rosto e minhas reações.

— Eu me perguntei mesmo como você fazia isso — Padmé disse. — Você é muito boa.

— Posso ensiná-la — Tsabin sugeriu imediatamente. Isso seria mais divertido do que Padmé pensara. — É possível que nossas reações instintivas a certas coisas sejam diferentes, mas, se aprendermos a mesma técnica para esconder essas reações, ninguém poderá saber.

Elas conversaram mais um pouco sobre si mesmas para se conhecerem. Um droide trouxe o jantar, e o sol se pôs, e nenhuma das duas se importou. Tsabin entendia rapidamente as ideias de Padmé, e era ainda mais rápida em sugerir meios para melhorá-las. O plano não era nem de longe perfeito, mas era um bom começo.

— Acho que é só isso que podemos fazer antes de as outras chegarem — Padmé disse. — Não faria sentido montar todo o palco antes de termos todos os músicos para tocar.

— Posso ao menos ensinar os exercícios de respiração — sugeriu Tsabin.

— Deixe-me chamar um droide antes — afirmou Padmé, tomando a decisão pelas duas. — Você não vai ficar no quartel.



O quarto onde Tsabin ficava no conservatório era pequeno, mas era todo seu. Ela nunca compartilhara um quarto com outra pessoa antes, e Padmé nem perguntou. Tsabin rapidamente enterrou seu ressentimento. Não queria ficar no quartel de qualquer maneira e teria de se acostumar a seguir as ordens de Padmé. Ou melhor, as ordens de Amidala. Vinha sendo um desafio separar as duas, mas isso era parte do trabalho.

As coisas de Tsabin chegaram quando elas terminaram o segundo conjunto de exercícios. O guarda que bateu na porta manteve seu rosto cuidadosamente neutro e Tsabin podia imaginar o relatório que seria submetido ao final de seu turno. Ela decidiu que não se importava.

Logo elas se mudariam para os aposentos reais, de qualquer forma, então Tsabin não se deu ao trabalho de desfazer a mala toda. Pegou o pijama e seguiu as direções de Padmé até o banheiro. Era muito melhor que o do conservatório.

— Ainda estou tentando entender como tudo funciona — Padmé disse, depois de se deitarem. — Quer dizer, as diferenças entre Padmé e Amidala. Acho que, com você, vou precisar ser as duas.

Não foi exatamente um pedido de desculpas, mas Tsabin entendeu.

— Prometo esperar até o fim do seu reinado antes de escrever um livro contando todas as coisas que você errou nos primeiros dias — ela disse.

Padmé riu.



— Acho que a rainha e sua nova dama de companhia estão tramando algo — disse Panás.

Ele tocou com o garfo seu jantar, ou seja lá qual fosse o nome da comida que você leva para sua esposa no meio da noite, quando ela está no intervalo do trabalho e vocês não se viam fazia alguns dias. O palácio estava silencioso à noite, mas Mariek levava seus deveres a sério e não queria ficar muito longe da ala diplomática, embora no momento estivesse desocupada.

— Elas são duas adolescentes — Mariek disse. — Estão sempre tramando algo.

— Como posso protegê-la, se eu não souber o que ela está fazendo? — ele perguntou.

— Protegê-la do quê, exatamente? — questionou Mariek. — Sei que você gosta de estar preparado para tudo, mas isso parece excessivo, até mesmo para você.

Panás baixou o garfo.

— Se houver problemas com o comércio na Orla Média, Naboo será arrastada junto — ele disse.

— É para isso que temos um senador — Mariek disse a ele. — E lembre-se de que é um senador de quem você gosta e que, sabe-se lá por quê, é seu amigo.

Mariek e Palpatine educadamente se toleravam, mas nenhum deles conseguia enxergar o que Panás via no outro.

— Sou uma pessoa muito agradável — falou Panás. — Pode perguntar para qualquer um.

— Realmente, você me trouxe o jantar — Mariek admitiu. — Duas vezes, já que aparentemente não vai comer o seu.

Ele passou seu prato para que ela pudesse continuar roubando coisas dele sem precisar esticar o braço sobre a mesinha da sala de descanso.



Obi-Wan Kenobi não gostava de políticos. Não era nada pessoal. Para ser

honesto, ele não *conhecia* muitos políticos e aqueles que conhecia eram geralmente decentes com ele, embora fosse apenas um padawan. O problema era que políticos escreviam tantas coisas, e Obi-Wan precisava ler tudo aquilo, porque seu mestre tinha uma *sensação* de que algo estava para acontecer. Qui-Gon tinha o hábito profundamente irritante de estar certo sobre esse tipo de coisa, o que era uma das razões pelas quais Obi-Wan ainda não havia se rebelado. Bom, isso e porque ele já tentara algo assim antes e não tinha dado muito certo.

Ele era um aprendiz de Jedi. Deveria estar meditando sobre as posturas com sabre de luz. Ou ajudando seus colegas a contemplar os sentimentos deles. Ou rearranjando pedras no jardim de rochas. Ou fazendo *literalmente qualquer outra* coisa, mas não: estava lendo projetos de lei do Senado sobre reformas tributárias para vias espaciais que serviam a planetas dos quais ele nunca ouvira falar. Ao menos ele sempre gostara da biblioteca do Templo Jedi. Jocasta era amiga de Qui-Gon e parecia não se importar com seus pedidos estranhos, embora ela se irritasse quando era qualquer outra pessoa pedindo ajuda. E era silencioso. Às vezes, Obi-Wan era muito, muito grato pelo silêncio.

— O que você acha, Obi-Wan? — Qui-Gon perguntou. Ele não tirou os olhos do arquivo que lia. Obi-Wan resistiu ao impulso de se contorcer.

Ter um mestre que podia sentir seu descontentamento era realmente difícil às vezes. Isso já havia impedido desastres no passado, mas ainda assim era embaraçoso. Obi-Wan tivera esperança de deixar isso para trás em sua infância, mas acabou se contentando em cortar de vez, junto com sua trança, quando chegasse a hora.

— Acho que existem muitas pessoas com tempo demais nas mãos — Obi-Wan disse. Ele se recostou na cadeira e esfregou o rosto. — E acho que não entendo por que é tão importante que eles passem tanto tempo falando sobre isso.

— É uma questão de perspectiva, meu jovem aprendiz — Qui-Gon o repreendeu. Ele ergueu os olhos do arquivo e deu sua atenção total para Obi-Wan. — A coisa mais importante para as pessoas que fazem isso é controle.

— Os Jedi também pensam que controle é importante. — Obi-Wan entrou no debate com a facilidade que a longa prática lhe proporcionara. Às vezes ele e seu mestre debatiam quando nem mesmo discordavam.

— Um Jedi sabe se controlar — Qui-Gon disse, o que foi mais ou menos o que Obi-Wan esperava. O familiar bate e volta era um ritmo conquistado com muito esforço e, apesar de todo lado ruim, Obi-Wan não trocaria aquilo por nada.

— Os políticos buscam controlar os outros — Obi-Wan disse.

— Não apenas os políticos, mas sim. Essas tarifas criariam uma ruptura entre

os planetas e as corporações que negociam com eles. Isso é muito controle para se perder.

— E o que *nós* estamos fazendo, mestre? — Obi-Wan perguntou. Ele estava acostumado com Qui-Gon se envolvendo em coisas que o Conselho não aprovava inteiramente, mas gostaria de ter algum aviso sobre quando aconteceria, ao menos para poder fazer as malas.

— Estamos ouvindo, Obi-Wan — Qui-Gon disse. — Para que, quando a hora chegar, saibamos agir.

— Com ou sem ordens? — Obi-Wan perguntou.

Qui-Gon sorriu com indulgência. Em outra época, isso teria incomodado Obi-Wan. Quando era garoto, ele tinha o Conselho na mais alta estima, a palavra final sobre todas as ambições dos Jedi. Ele ainda não concordava inteiramente com a abordagem de Qui-Gon sobre as coisas, mas há muito tempo aceitara ser uma alternativa viável. E, afinal de contas, realmente era importante evitar os absolutos.

— Acho que estaremos mais ou menos alinhados com o Conselho desta vez, meu jovem padawan. Você não precisa começar a se preocupar.

— Ao menos isso significa que é improvável que sejamos envolvidos nas disputas locais.

— Ou em romances com a nobreza local. — A reprimenda no tom de voz de Qui-Gon era inequívoca: certas coisas eram sérias demais para minimizar.

Obi-Wan tossiu e mudou de assunto.



Em uma fábrica de Geonosis, um pedido enorme foi registrado no computador central. As fornalhas arderam sob o sol do deserto e um rio de metal derretido começou sua jornada. A linha de produção ganhou vida.

CAPÍTULO 5

AO FINAL DA SEMANA, a rainha Amidala apareceu nos degraus do palácio de Theed. Pela primeira vez, ela estava vestida a caráter. Seu vestido era vermelho, com uma ampla saia de pregas. O corpete tinha costuras douradas e as largas mangas eram forradas com tecido dourado, viradas do avesso nos cotovelos para que a cor brilhasse ao sol. Na cabeça, ela usava o mesmo ornamento que usara durante a campanha. Era menos dramático do que aquele que a quase ex-rainha Sanandrassa vestia, mas também era marcado com elaboradas tranças e cachos. Tsabin ajudara a prendê-lo naquela manhã e Padmé comentara que era muito mais fácil para Tsabin alcançar a parte de trás de sua cabeça. Tsabin também tinha feito a maquiagem de Padmé, pintando os símbolos reais pela primeira vez.

Era muita pompa, mas era necessário. Um convite para todo o planeta fora expedido para a coroação, e todas as escolas e academias haviam declarado feriado. Fazia muito tempo que não era eleita uma rainha tão jovem quanto Amidala, e sua Ascendência seria um espetáculo, mesmo para os padrões de Naboo. As garotas não deixaram nada ao acaso. Até as túnicas de Tsabin, tingidas com a mesma cor do vestido de Padmé, foram selecionadas para deixá-la o mais discreta possível. Ela viera logo atrás na procissão e era inteiramente possível que ninguém a tivesse notado, mesmo estando ao lado de Amidala nos degraus. Panás liderou um contingente de guardas em seguida, mas hoje eram apenas cerimoniais e estavam posicionados em uma formação solta.

Sanandrassa estava de pé ao lado de Padmé, no topo da escadaria do palácio, carregando os símbolos da monarquia de Naboo. O governador Bibble se posicionou no meio delas e recebeu o cetro em suas mãos. Por um breve momento, Naboo não tinha rainha. Então Bibble se virou para Amidala e ofereceu o cetro. Ela o apanhou com as duas mãos e o ergueu para o alto, para que a multidão pudesse ver. Bibble abriu um largo sorriso quando a praça se encheu de aplausos e pétalas de flores, enquanto as duas rainhas observavam o povo com expressões solenes.

Sanandrassa conduziu o caminho através das portas do palácio quando a cerimônia terminou. Padmé andou ao lado dela. Já estivera no palácio durante visitas escolares, mas nunca em um dia tão importante, e aquela era a primeira

vez que encontrava a rainha como sua semelhante, não como uma candidata. Sanandrassa apontou várias obras de arte enquanto andavam para que Padmé pudesse observar com educada admiração.

— Você pode selecionar suas próprias obras, é claro — Sanandrassa disse. — Principalmente se tiver seus artistas preferidos.

— Tudo parece magnífico — elogiou Amidala. — Mudar qualquer obra arruinaria o efeito.

— Talvez. Mas não se esqueça dessa ideia. Às vezes, o controle de seu ambiente é tudo que você tem.

Padmé nunca, de maneira alguma, pretendera ser manipulada desse jeito. Mas um pouco mais de azul não faria mal. E havia uma garota na província sul que estava fazendo um trabalho incrível com esculturas de água.

Elas finalmente alcançaram a sala do trono e Sanandrassa parou na entrada para deixar Padmé aproveitar o momento. A sala era grande e redonda, com cadeiras posicionadas em um círculo sob o grande domo do telhado. Era uma sala arranjada para conversas, não para audiências, ao estilo de governo preferido de Naboo. Mas não havia dúvida alguma sobre qual era o assento de Amidala.

Padmé endireitou as costas e atravessou a sala até o trono. O trono em si era estranhamente estreito e inclinado para a frente, de modo que ela sempre parecesse mais alta do que era. Tomando cuidado com a saia, subiu na plataforma em frente ao trono, virou-se com a maior graciosidade que podia e sentou-se. A saia se ajeitou debaixo dela, o tecido dobrando sobre si mesmo para que não atrapalhasse sua postura. Ela pousou as mãos sobre os braços do trono e olhou para o rosto de Sanandrassa.

— Vossa Alteza — disse a agora ex-rainha.

Então ela se sentou em uma das cadeiras. Os oficiais do governo sentaram-se depois que Amidala estava acomodada, e os guardas — incluindo Tsabin — desapareceram em meio à decoração das paredes.

— Obrigada — agradeceu Amidala. — Esperamos exercer este papel tão bem quanto você.

O governador tomou conta da conversa naquele ponto e Padmé deixou que ele falasse. Não havia trabalho de verdade para ser feito naquele dia por qualquer outro membro do governo, exceto ele. Padmé observou os outros oficiais, memorizando os nomes e rostos ao mesmo tempo que aprendia o tipo de expressão que eles faziam quando reagiam ao que era dito. Nenhum deles tinha nem uma fração do controle que Tsabin estava ensinando a ela, mas membros da legislatura agiam sob seus próprios nomes e suas reputações, então não era realmente necessário.

Um assessor se aproximou de Panás e sussurrou no ouvido dele.

— Vossa Alteza — chamou Panás, interrompendo a descrição de Sanandrassa da escola de tecelagem que ela planejava fundar. — Perdão, mas estamos recebendo uma transmissão do senador Palpatine.

— É claro, capitão — falou Amidala, e Panás ativou os holoemissores no meio da sala do trono.

Palpatine vestia sua tradicional túnica de mangas largas, embora Panás tivesse quase certeza de que era o meio da noite em Coruscant.

— Rainha Amidala — Palpatine disse, curvando-se ligeiramente. — Permita-me oferecer minhas congratulações. Não vou me demorar, mas gostaria de lhe dar minhas saudações pessoalmente.

— Senador Palpatine — cumprimentou Amidala, assentindo. Ela permaneceu tão neutra e formal quanto possível. — Estamos ansiosas para trabalhar com você em nome de Naboo e seu povo.

— Assim como eu — emendou Palpatine. Ele se virou para Sanandrassa. — Milady, foi um prazer.

— Obrigada, senador — Sanandrassa disse. Era impossível saber o que eles realmente pensavam um do outro.

O senador terminou sua despedida e desapareceu.

— Nas raras ocasiões em que precisar lidar com assuntos de fora do planeta, o senador será seu melhor recurso — aconselhou Sanandrassa. — Ele é muito ocupado, é claro, mas sempre tem tempo para prestar atenção a seu planeta natal.

Padmé assentiu educadamente. Tinha suas próprias opiniões sobre como Sanandrassa lidara com questões de fora do planeta, mas aquele dificilmente era o momento para tocar no assunto.

— De qualquer maneira, Vossa Alteza — Sanandrassa continuou —, meus pertences foram retirados do apartamento real hoje de manhã e estou pronta para partir conforme desejar.

— Obrigada pela recepção de hoje — Padmé respondeu.

Ela desejou que houvesse algumas palavras de praxe para dizer, alguma maneira final para terminar a conversa sem dispensar Sanandrassa de forma direta. Felizmente, o governador intercedeu com suas próprias despedidas e se ofereceu para acompanhar a ex-monarca quando ela quisesse, e isso resolveu dois problemas de uma vez.

Enfim sobraram apenas Padmé, Tsabin e os guardas na sala do trono. Padmé aproveitou a relativa privacidade e se permitiu mais um momento para saborear a vitória. Sutilmente, é claro. Ela observou toda a beleza da sala, as cadeiras de madeira esculpida e o delicado mármore. Essas coisas não eram o aspecto mais importante de seu novo trabalho, mas Padmé tinha Naboo até a ponta dos dedos:

ela sabia como apreciar boa arte, e a sala do trono era repleta dela.

— Capitão Panás — ela disse, retomando seu controle emocional —, poderia nos acompanhar até o apartamento real?

Panás tinha toda a intenção de conduzir sua própria inspeção da suíte e Padmé lhe deu espaço para isso enquanto ela e Tsabin tiravam das malas seus poucos pertences pessoais no quarto maior. A suíte consistia em uma sala de vestir, uma sala de estar, uma pequena sala de reuniões e três quartos de dormir, um dos quais era obviamente feito para a rainha. Também havia um extenso sistema de guarda-roupa anexado à sala de vestir, mas ainda estava sendo preenchido e não estava pronto para inspeção.

— Acho que vamos precisar mover alguns móveis na sala de estar — Panás relatou quando terminou. — Não temos um bom lugar para os guardas ficarem de prontidão.

— Não preciso dos meus guardas no quarto comigo o tempo todo, capitão — Padmé disse. — É para isso que você queria Tsabin aqui.

O rosto de Panás escureceu sob seu quepe enquanto ele se esforçava para não mostrar sua desaprovação.

— Vossa Alteza, a ideia não é que Tsabin seja sua única guarda aqui — ele disse. — Podemos cortar os turnos para dois guardas na sala e os outros dois no corredor, mas...

— Não, capitão. — Era a primeira vez que Amidala realmente fazia sua vontade prevalecer, e todos notaram. Ela estava esplêndida naquele vestido, como um cometa dourado e vermelho que seguiria exatamente para onde quisesse. De maneira sutil, Panás se pôs na defensiva. — Estamos no quinto andar. As únicas outras pessoas que moram nesta seção do palácio são os guardas que você selecionou pessoalmente. Qualquer nave se aproximando do terraço seria avistada muito antes de chegar. Eu agradeço sua dedicação, mas não vou precisar de nenhum de seus guardas em meus aposentos.

Foi o momento em que todos perceberam até onde a rainha poderia ser pressionada, e isso ocorreu na presença de várias testemunhas.

Por um momento, Tsabin achou que haveria uma discussão. Não parecia que Panás ia recuar e ela sabia que de jeito nenhum Padmé o faria.

— Que seja, Vossa Alteza. — Panás parecia ter engolido uma fruta azeda. — Tsabin, amanhã começamos seu treinamento de combate.

— Você treinará a nós duas — Padmé disse com firmeza. — As outras

também, quando chegarem.

— É claro, Vossa Alteza. — Panás não esperou pela dispensa. Ele se virou nos calcanhares e conduziu os guardas para fora do quarto.

Por alguns momentos depois de a porta se fechar, as garotas ficaram em silêncio.

— Você realmente já confia tanto em mim? — Tsabin perguntou. As mangas de sua túnica escondiam os dedos dela, que se apertavam. Era a única parte de seu corpo que ela não controlava, pois geralmente precisava mover os dedos quando estava se apresentando, de qualquer maneira.

— Não — Padmé disse. Ela tirou o ornamento da cabeça. Alguns alfinetes caíram em sua saia e ela os empurrou para o chão para que pudesse apanhá-los. — Mas eventualmente vou confiar, então podemos estabelecer alguns limites no começo.

Elas seguiram para a sala de vestir e Tsabin ajudou Padmé a pôr um conjunto de túnicas que combinava com as que ela própria usava. Padmé desfez as tranças em seu cabelo, que ficavam debaixo do ornamento, e lavou o rosto. Tsabin abriu a porta do guarda-roupa e mexeu nos controles por um momento até descobrir como enviar o vestido para seu lugar específico.

— Por que você não gosta de Sanandrassa? — Tsabin perguntou quando elas voltaram para a sala de estar, reclinando-se e pousando os pés sobre um dos banquinhos que Panás queria remover.

— Ficou tão óbvio assim? — Ela pareceu mais preocupada com aquilo do que com qualquer outra coisa até então, mas Tsabin sabia que era apenas porque a rainha havia baixado a guarda por um instante quando estavam sozinhas.

— Provavelmente não — Tsabin respondeu. Ela entrelaçou os dedos sobre o colo igual Padmé fazia. Não era apenas o treinamento de combate que elas compartilhariam. — Eu aprendo suas deixas enquanto você aprende a escondê-las, é só isso.

— Não é que eu não goste dela como pessoa — Padmé disse, depois de pensar um pouco. — Mas não gostei de como ela falava sobre os outros planetas em nosso setor durante seu reinado. Nós compartilhamos um senador, mas ela falava como se Naboo fosse o único planeta que existia. Eu prefiro entrar em contato e fazer aliados. As tradições de Naboo são importantes, mas não são a única coisa que importa na galáxia.

— Você não mencionou isso em sua campanha.

— Não — Padmé admitiu. — Mas está em minha lista.

— Imagino que sua lista vai fazer o capitão Panás tremer na base — sugeriu Tsabin.

— Provavelmente — disse Padmé. — Vamos dizer a ele com jeitinho.

— Está na hora de nosso exercício de respiração, Vossa Alteza — Tsabin disse e elas voltaram ao trabalho.

Presenciar Padmé relaxando sem realmente relaxar era um pouco inquietante, mas Tsabin sabia que a maioria das pessoas apenas enxergaria a calma praticada no rosto da rainha. Padmé precisava se esforçar muito para não mostrar a compaixão em seus olhos, então Tsabin já havia modificado o treinamento para focar em parecer educadamente interessada, não plácida. Era difícil para Tsabin, porque ela se esforçara muito no treinamento para desaparecer por completo, e agora seu papel pedia as duas coisas dela. Para ser perfeitamente honesta, ela não se divertia assim em anos e havia muito tempo não se sentia tão útil.

Após respirar fundo mais algumas vezes, Padmé dominou o rosto que Amidala usaria em público. Tsabin piscou duas vezes, flexionou os dedos dentro das mangas da túnica e a imitou perfeitamente.

Seus sorrisos orgulhosos foram idênticos.

ASTÚCIA

*— **V**OCÊ SABIA QUE, oficialmente, não existem prisões em Naboo? — começou Panás, sem nenhuma cerimônia. A garota do outro lado da mesa revirou os olhos.*

— Mas só porque enviamos todo mundo para a lua — ela respondeu. Ela falou com o tom cuidadoso de alguém que controlava o próprio sotaque.

— Exatamente — disse Panás. — Só para que fique bem claro sobre o que estamos falando.

Ela revirou os olhos de novo, só que com um pouco menos de confiança dessa vez.

Panás havia encontrado Rabene Tonsort em uma lista de alunos que abandonaram uma das escolas de maior prestígio de Naboo. Ela era, de acordo com os registros, brilhante em vários tipos de mídia, desde a música, passando pela atuação e até as artes plásticas. Seus professores elogiavam sua criatividade e capacidade de adaptação. Seus colegas de classe — tinha poucos amigos — gostavam de trabalhar com ela, já que parecia sempre entregar resultados. Os administradores da escola a mandaram embora quando descobriram que ela vinha coordenando um grupo de falsificadores no porão da escola. Vários outros estudantes eram suspeitos, mas a única prova concreta encontrada colocava toda a culpa em Rabene.

— Vejo que você é uma golpista muito competente — Panás continuou. — Ou devo dizer uma golpista-mirim?

As crianças de Naboo tendiam a ser prodígios. Fazia sentido que algumas delas seguissem por direções estranhas.

— Era um projeto da escola — Rabene protestou, seu sotaque escapando em meio à sua resposta emocional. — A tarefa era pesquisar uma era artística de nossa escolha. Está no programa das aulas.

— Você não podia vender o resultado — disse Panás. — E certamente não podia dizer aos compradores estrangeiros que as obras eram peças originais.

Rabene não disse nada.

— O que não entendo — Panás continuou — é que você claramente podia

fazer o que quisesse. Uma artista com a sua versatilidade aparece apenas uma vez a cada geração, se tiver sorte. Você tinha Naboo inteira nas mãos, mas escolheu isso.

Não havia perigo real de Rabene ser enviada para a lua, mas Panás não diria isso a ela. A escola, que não queria admitir que havia abrigado uma criminosa, simplesmente a forçara a abandonar o curso. Ela nem chegou a ser expulsa.

— Por que não seguir uma carreira legítima como atriz? — Panás perguntou. Naboo sempre passava por modas, igual a todos os lugares, e o teatro era atualmente a moda mais popular.

— Não gosto de atuar em papéis escritos por outras pessoas — respondeu Rabene. Poderia até ser verdade, então Panás decidiu seguir nessa linha.

— E se fosse o papel mais importante da sua vida?

Ele tentou dizer isso o mais casualmente possível, deixando o máximo para a imaginação. Ela se inclinou para a frente no mesmo instante.

— Eu não *serei uma informante — ela retrucou.*

Panás riu. Uma risada real. Isso não era nem de longe o que ele pretendia e, por alguma razão, achou divertida essa completa rejeição por parte dela. Tarde demais, ele percebeu que provavelmente estava revelando mais do que pretendia, mas, para ser honesto, fazia tanto tempo que não ria daquele jeito que ele quase não se importou.

— Não estou pedindo a você que seja uma informante. Na verdade, não tem nada a ver com suas indiscrições do passado. Acontece que você tem alguns talentos que me interessam e não tem nenhuma outra oferta no momento.

— Estou ouvindo — ela disse.

Panás havia feito todas as suas seleções cuidadosamente. Uma garota fora eliminada porque não tinha a coordenação necessária para disparar um blaster. Várias outras já eram conhecidas demais na comunidade artística de Naboo para desaparecerem sem serem notadas. Rabene ainda tinha alguns pontos a aprimorar, mas era perfeita, no geral, e Panás não se importava em ter uma carta na manga contra ela em caso de alguma emergência.

— É um trabalho como segurança — continuou Panás. — Você ficaria encarregada de proteger uma pessoa, e essa proteção se estenderia a realizar tarefas domésticas.

Aquilo foi adequadamente vago.

— Como lavar roupa e limpar a casa? — Rabene perguntou.

— Se a ocasião pedir. — Panás não tinha ideia do que Amidala faria com suas damas de companhia, embora duvidasse que as tarefas fossem mundanas.

— Mas seria com alguém muito importante — Rabene comentou consigo mesma. — Tão importante que não pode nem me dizer quem é.

— Não até eu ter alguma indicação da sua confiabilidade e comprometimento — ele admitiu.

— Por favor, capitão — Rabene disse. — Você é um oficial da Segurança Real. Não existem muitas pessoas que se encaixam nisso.

Panás se perguntou quantas vezes mais ele seria superado pela esperteza de uma adolescente dali para a frente.

— Certo — ele disse. — Você já tem uma ideia da importância da proposta. Já entendeu a responsabilidade. Quero que aceite porque é boa em algo que ela não é.

— Enganar as pessoas — Rabene disse.

— Exatamente — Panás respondeu. — Quero que faça o sistema funcionar. Quero que a ensine como se esconder sob os olhares de todos e como desaparecer na decoração da parede. Quero que você fique de olho nas coisas em que ela não presta atenção. Quero que a ensine como identificar uma mentira e como convencer uma pessoa a confiar nela sem depender da compaixão.

— Ela foi eleita rainha — Rabene disse. — Com certeza já sabe fazer algumas dessas coisas.

— Isso pode até ser verdade. Mas quero que faça disso parte do arsenal dela, não algo que ela use apenas como último recurso.

Rabene olhou para ele por um longo momento. Panás não tinha certeza do que ela estava procurando, mas, fosse o que fosse, ficou claro em seu rosto no momento em que encontrou. Ele ganhara uma aliada. Seja lá o que Amidala planejasse com as outras, ele teria uma dama de companhia em quem poderia confiar. Sentiu-se um pouco mal — ela era apenas uma garota, afinal de contas —, mas a defesa planetária dependia disso e Panás não deixaria nada ao acaso. Aquilo era uma coisa que ele podia controlar.

— Então está bem, capitão Panás. Conte comigo — ela disse. Rabene sorriu para ele, um sorriso doce e leve, mas ele não se deixou enganar nem por um instante. — Vou ensinar a sua rainha como usar o ferrão.

CAPÍTULO 6

HAVIA CINCO DELAS, INCLUINDO Tsabin, que já estavam de pé atrás do trono. Panás as apresentou para a rainha sem nenhuma cerimônia ao final da segunda semana de reinado. Cada uma se curvou educadamente quando ele pediu que dessem um passo à frente e Amidala as cumprimentou com um aceno de cabeça idêntico. Seu rosto estava totalmente pintado para a corte e seu elaborado ornamento se estendia de cada lado da cabeça. Ela teve o cuidado de agir de maneira impessoal, um mistério vestindo um verde volumoso. Panás tinha certeza de que ela não se movia fazia várias horas, mas não havia indicação de que sua atenção titubeava.

Foi um dia longo com os representantes regionais — havia uma projeção de falta de mão de obra para a colheita daquele ano, e a discussão se dividia entre trazer estrangeiros para ajudar com o trabalho ou simplesmente comprar comida de outros planetas e deixar que os grãos se tornassem fertilizante para a próxima estação. Todos estavam ansiosos para encerrar as conversas. Mesmo assim, Amidala se sentava com as costas eretas em seu trono e olhava o rosto de cada garota enquanto Panás as apresentava.

— Rabene Tonsort, artista e atriz talentosa. — A expressão plácida de Rabene indicava que havia muitas coisas que Panás havia deixado de fora de sua biografia. — Eirtama Ballory, cientista e engenheira; Suyin Higin, costureira e construtora; e Sashah Adova...

Panás parou de falar quando Sashah fez sua reverência, sem conseguir quantificar exatamente por que ele havia pensado que a garota de doze anos era qualificada para aquilo, embora não houvesse dúvida em sua mente de que ela era. Amidala percebeu sua pausa e arriscou um meio-sorriso, mais emoção do que ela geralmente mostrava em público.

— Obrigada, capitão — ela disse, como se as apresentações tivessem terminado sem incidentes. — Você fez um trabalho excepcional em pouco tempo para encontrar candidatas tão excelentes.

— Foi meu privilégio — falou Panás, curvando-se.

— Vamos subir até a suíte e conversar mais um pouco — Amidala continuou, agora falando diretamente com as garotas. — Há algumas coisas que precisamos

discutir.

Panás cerrou os dentes. Amidala vinha mostrando uma firmeza excepcional em não permitir guardas na suíte sem uma boa razão e ele tinha a sensação de que ela o excluiria da conversa deliberadamente.

A rainha se levantou e conduziu o grupo até a escadaria. As garotas a seguiram até seus aposentos e Tsabin fechou a porta, tentando não sorrir diante da expressão de Panás. Na sala de estar, Amidala indicou que elas deveriam se sentar, depois ela própria se acomodou em uma poltrona ao lado da lareira e tirou o ornamento da cabeça. Tsabin já estava ao lado dela antes de a rainha terminar de retirar todos os alfinetes e aceitou a entrega prontamente.

— Apenas deixe-os sobre a mesa por enquanto — instruiu Amidala. Tsabin fez isso e depois se sentou.

Padmé tomou um momento para soltar os cabelos e olhar para as garotas selecionadas por Panás. Todas eram fisicamente semelhantes a ela, exceto Eirtama, que era loira, e todas mostravam um interesse educado. Nem Sashah parecia intimidada pelo apartamento. Padmé ficou impressionada.

— Meu nome é Padmé — ela se apresentou. Queria que as garotas entendessem. — Imagino que o capitão Panás explicou bem os aspectos perigosos dessa posição, mas eu estava procurando algo mais do que simples guarda-costas.

— Não é uma adição — Sashah disse. Ela tinha uma voz envolvente. — É uma expansão.

— De fato. Mas também é uma colaboração. Panás selecionou cada uma de vocês porque possuem talentos que não tenho. Quero usar esse início para nos transformar em algo ainda mais forte.

— Não apenas seis partes — Suyan disse. — Você quer que cada uma de nós aprenda o talento das outras.

— Ele me contratou para ensinar a você como trapacear — declarou Rabene. Ela falou com tanta franqueza que Padmé suspeitou que estivesse mantendo segredos. Isso não seria um problema, por enquanto. Padmé também tinha muitos segredos. — Aparentemente, ele acha que você não consegue enganar o suficiente sozinha, mas estou começando a achar que ele está subestimando você.

Padmé deu um sorriso discreto. Isso estava indo melhor do que ela esperava. Deixar a seleção para Panás corria o risco de ele selecionar garotas talentosas e leais, mas que não eram compatíveis com seu estilo e objetivos particulares. De algum jeito, tanto capitão quanto rainha conseguiram o que queriam: um grupo de damas de companhia que podia, com sorte, evoluir para uma unidade formidável. Desde que, é claro, suas personalidades fossem compatíveis. Havia

uma diferença entre ambição e comprometimento, e querer servir não era a mesma coisa que fazer parte de um todo.

— Padmé e eu já começamos o treinamento de combate juntas — comentou Tsabin. — E venho ensinando a ela como respirar, o que ajuda a controlar suas reações físicas.

Eirtama se inclinou para a frente e apanhou o ornamento de cabeça. Aparentemente, ela era do tipo que sempre queria estar fazendo algo com as mãos.

— São todos como esse? — ela perguntou, virando o ornamento para examinar a parte que se prendia à cabeça de Padmé.

— Tão grande? — Padmé respondeu.

— Tão rígido e desajeitado — ela esclareceu. — É um original ou uma réplica de alguma peça histórica? Parece muito desconfortável.

— E é mesmo — confirmou Padmé. — Original e desconfortável.

— Posso criar um idêntico com metade do peso — Eirtama disse. — Ninguém saberá a diferença além de nós.

— Deixe-me ver — pediu Suyan, estendendo as mãos. Eirtama passou o ornamento sem hesitar. — Ah, sim, podemos melhorar isso. Acho que foi feito antes da importação da seda Karlini, não há razão para não conseguirmos duplicar isso com um estilo mais fácil de vestir. Esse aqui pode ir para algum museu.

— Também vamos dar uma olhada em seus vestidos. — Eirtama examinou o vestido verde que Padmé usou, com um olhar crítico. Suyan concordou. — Pelo menos isso parece feito com materiais modernos, mas vamos ver se podemos fazer algumas modificações para melhorar o conforto e a funcionalidade.

Tsabin se virou com expectativa para Sashah, que ainda não havia falado nada que indicasse a razão de Panás a ter escolhido. Padmé também a olhou com curiosidade.

— O capitão acha que trabalhamos para ele — Sashah disse. — Pensa em nós como uma extensão da Força de Segurança Real. Ele não entende o que você quer de nós. E ele sabe algo de Rabene que acha que pode usar para controlá-la.

Isso não era surpresa. Rabene deu de ombros.

— Quando ele disse “artista e atriz”, o que ele quis dizer era que eu falsifiquei obras de arte clássicas e depois convenci estrangeiros de outros planetas a comprá-las como se fossem originais. — Rabene disfarçou um sorriso. — Ele não mencionou que também sou uma ótima musicista. Eu precisava escolher algo na escola, antes de ser afastada, então escolhi...

— A criminalidade? — Tsabin agora ria sem se conter. Suyan pareceu um tanto escandalizada, mas mesmo ela estava sorrindo.

— Escolhi a música porque eu nunca a usaria de modo não convencional.

— É claro — Tsabin disse.

— Ele ameaçou você? — Padmé perguntou. Ela não podia tolerar isso.

— Não de maneira explícita — respondeu Rabene. Não parecia que Panás a tivesse deixado preocupada com alguma coisa. — A escola não me denunciou depois de me flagrarem e os estrangeiros não desconfiam de nada. Mas ele insinuou que dificultaria as coisas para mim, se eu recusasse.

— Vou dizer a ele que isso não é apropriado — Padmé prometeu.

— Acho que não deveria fazer isso — Rabene disse. — Pelo menos ainda não.

As seis garotas pensaram um pouco, digerindo aquilo.

— Por que ele acha que é tão perigoso? — indagou Suyan. — Há décadas que nenhum ataque, direto ou não, acontece contra a monarquia de Naboo. Você é brilhante, mas Sanandrassa também era, de um jeito próprio. Assim como todas que já foram rainha. O que ele acha que está por vir?

— Honestamente, acho que é apenas paranoico — respondeu Padmé. — Ele foi funcionário da legislatura quando era jovem, depois seguiu para a segurança, em vez das artes. Sei que ele conhece de passagem o senador Palpatine, então provavelmente entende mais de política externa do que a maioria dos guardas. Acho que começou como um simples palpite.

— E agora? — Eirtama perguntou.

— Não tenho certeza. — Padmé hesitou. — Estamos diante de uma falta de mão de obra para a colheita, o que não é nenhuma novidade. As discussões em geral alternam entre diferentes soluções, e dessa vez a facção de compradores de fora do planeta parece estar vencendo o debate, provavelmente porque Sanandrassa apoiava o isolacionismo durante seu reinado e eu apenas tive duas semanas para começar a mudar as coisas. O Senado Galáctico está tentando mudar algumas leis de tributação, e Naboo definitivamente seria afetada se algo fosse aprovado. Mas ainda não podemos saber.

— Então é paranoia com visão — Rabene disse.

— Não quero que isso saia do controle — Padmé continuou. — Quero estar pronta para qualquer coisa, é claro, mas não quero ficar com tanto medo da minha própria sombra para desistir do meu idealismo e da esperança. Na verdade, era por isso que eu queria ser rainha. Para mostrar que Naboo pode ser forte com suas próprias tradições *e* fazer parte da comunidade galáctica.

— Nós seremos a sua sombra — prometeu Sashah.

Padmé olhou para cada uma delas. Assim como com Tsabin, ela já havia decidido que confiaria nelas. As garotas foram honestas com Padmé e haviam concordado com os termos originais de Panás, o que incluía uma promessa de

sigilo significativa. Todas cederam e ganharam para chegar ali, naquele quarto, no palácio, onde podiam planejar o futuro de milhões, e isso já era algo em comum para começo de conversa. Quando Padmé olhou nos olhos de Tsabin, a dama de companhia assentiu.

— Nesse caso, acho que existem algumas precauções preliminares que podemos tomar — Rabene disse. — Acho que precisamos de novos nomes. Estamos mantendo segredo de nossas famílias, e de todo mundo no planeta, e eu sou um *pouco* conhecida, afinal de contas.

— Você tem alguma sugestão? — Padmé perguntou.

— Você precisou desistir de Padmé — Tsabin começou. — E se nós escolhêssemos nomes parecidos com esse?

— Isso seria perfeito — Rabene disse. — Garanto que a maioria das pessoas vai ouvir tantos *ês* juntos e literalmente nunca se lembrar de quantas de nós existem, muito menos de quem é quem.

Eirtama claramente tinha objeções quanto a desistir de seu nome, mas não disse nada. Padmé se inclinou para a frente.

— Você sabe que pode discordar de mim em particular — ela disse. — Principalmente quando estamos discutindo ideias.

— Eu gosto do meu nome — Eirtama disse, depois de um breve silêncio. — Eu gostaria de transformá-lo em um nome famoso, sabe? Criando ou consertando coisas. Não queria desistir disso.

— Tem que ser todas ou nenhuma, ou então não vai funcionar — disse Rabene. — E você pode deixar seu nome famoso depois, se realmente quiser.

— Eu... — Eirtama hesitou mais uma vez.

— É muito estranho ouvir alguém chamar você por outro nome — Padmé disse. — Levou um tempo para eu me acostumar. Não tive escolha, então não tomarei essa decisão por vocês.

— O objetivo é sermos invisíveis — Sashah afirmou. — Se quer ficar famosa, então esse trabalho não é para você.

Eirtama se endireitou diante daquela crítica, como se tivesse sido desafiada diretamente.

— Posso ser as duas coisas — ela insistiu. Eirtama relaxou, cedendo, mas não completamente derrotada. — Mas vocês têm razão sobre esperar. Acho que não serei a mais jovem a conquistar alguma coisa, mas ainda posso ser a melhor.

Ficou claro que Eirtama não estava totalmente satisfeita, mas o primeiro obstáculo fora superado.

— Quando você estiver maquiada, nós devemos sempre chamá-la de Vossa Alteza — Suyan sugeriu, limpando a garganta para mudar de assunto. Sashah olhou para ela e depois rapidamente desviou os olhos. — Isso vai ajudar a

estabelecer limites e saberemos quando poderemos questionar as coisas. Mesmo se estivermos sozinhas.

— Todas nós vamos usar a maquiagem em algum ponto, imagino — Tsabin disse. — Mesmo se for apenas para praticar.

— Quem estiver usando o rosto também vai receber o título — Eirtama acrescentou. Ela parecia determinada a ajudar a tomar as decisões, pelo menos para ter certeza de que eram aquelas com as quais concordava. Era melhor do que nada. — E vamos treinar para não ficarmos chocadas se algum criado do palácio nos cumprimentar.

— E por falar em criados — Sashah disse. — Acho que eu deveria ser uma. Você vai precisar de alguém que possa sair para realizar alguma tarefa e que não levante suspeitas porque as pessoas a veem o tempo todo. Sou a menor e a menos provável de ser a rainha. Sou a melhor escolha.

Padmé considerou todas as sugestões em sua mente. Elas estavam se mostrando melhores do que o imaginado e estavam apenas começando.

— Acho que Padmé também deveria ser uma criada — Rabene sugeriu.

— Como isso funcionaria? — Tsabin perguntou.

— Se alguma outra garota magicamente aparecer perto da rainha, alguém pode notar — Rabene disse. — As pessoas têm que se acostumar a vê-la. Ninguém presta atenção às criadas.

— Acho que isso é uma direta contradição — julgou Tsabin. — Mas também acho que você está certa.

Panás nunca permitiria. A ideia de Padmé perambulando por Theed como ela mesma seria demais para o capitão. Ela tinha certeza disso. Mas talvez ele pudesse entender por que esse papel seria bom para ela dentro dos muros do palácio. Ele era uma pessoa razoável e a ideia de Rabene fazia sentido.

— Vamos convencê-lo aos poucos — Sashah disse, entendendo o problema. — E eu serei a criada principal, de qualquer maneira, o que ajuda um pouco.

Agora todas estavam sorrindo abertamente, adorando os planos que estavam tecendo, os segredos que manteriam apenas entre elas.

— Rabé — Rabene disse. — A encarregada do seu guarda-roupa, eu acho.

Isso daria a ela acesso aos itens mais pessoais que protegiam a rainha — suas roupas, joias e outros acessórios — e daria uma razão para estar sempre disponível. Era perfeito para uma oficial da inteligência.

— Yané — disse Suyan. — Serei a responsável por fazer a ligação com a equipe do palácio e os droides.

Ela ficaria de olho em tudo o que acontecia dentro do palácio. Ninguém suspeitaria de nada anormal, se ela aparecesse de repente na cozinha ou nos jardins para conversar com alguém sobre as necessidades da rainha.

— Eirtaé — Eirtama disse. — Comunicações.

Todos ficariam acostumados em vê-la com uma variedade de dispositivos eletrônicos nas mãos. Não pensariam sobre o que ela estava fazendo.

— Saché. A humilde criada.

Ninguém daria atenção ao vê-la por aí.

As garotas haviam escolhido algo que as faria parecer completamente inofensivas, mas que permitiria que tivessem funções adicionais sem que ninguém desconfiasse de nada. Suas habilidades poderiam ser usadas sem ninguém perceber.

Padmé sorriu e olhou para Tsabin. Sua primeira dama de companhia. Nas duas semanas desde a eleição, elas passaram quase todos os momentos juntas, embora a maioria das pessoas não tivesse notado a presença de Tsabin. Ela havia oferecido opiniões sobre vários assuntos e Padmé já estava contando com o bom senso de Tsabin para controlar seu próprio idealismo. Elas eram amigas, ou estavam a caminho de uma amizade. E estavam aprendendo a lidar com o desequilíbrio de poder entre elas. Não era perfeito — Saché parecia estar evitando Yané deliberadamente —, mas era um começo.

— Serei a assistente de todas — Tsabin disse. — Assim as pessoas ficarão acostumadas a me ver assumindo diferentes papéis e não questionarão minha ausência se eu não estiver visível.

— E? — Padmé perguntou. Tsabin sempre teria que seguir as escolhas de outros. O mínimo que poderiam fazer era dar aquilo a ela.

Tsabin sorriu.

— Sabé.

CAPÍTULO 7

— NÃO GOSTEI DISSO — declarou Panás.

— A culpa é sua, meu amor — Mariek respondeu. Ela era sempre direta e geralmente ele gostava disso nela, mas era uma qualidade menos atraente quando se tratava de apontar os defeitos dele. — Você não pode juntar tantas adolescentes e não esperar que elas fiquem tramando coisas. Ou que matem umas às outras. Francamente, você tem sorte por elas estarem só tramando.

Panás pensou em nove respostas diferentes, oito das quais provavelmente acabariam em divórcio. Ele desistiu e tentou outra abordagem.

— Você tem alguma sugestão sobre como lidar com elas? — perguntou. — Já que parece ser especialista no assunto.

— Porque eu já fui uma, você quer dizer? — ela disse, maliciosamente.

— Eu...

— Estou brincando, meu amor. Você deu à rainha uma excelente caixa de ferramentas. O que ela vai fazer com isso é escolha dela, infelizmente para os seus pobres nervos, mas a caixa ainda é sua. Só não transforme isso em uma prisão ou elas realmente vão se voltar contra você.

— Não estou prendendo ninguém!

— Chame do que quiser — Mariek disse. — Você está controlando as garotas e elas não vão gostar disso da mesma maneira que você não gosta quando elas controlam você. Apenas faça seu trabalho e confie nelas.

— Eu gostaria que você tivesse aceitado a promoção para a guarda pessoal — Panás resmungou.

— Isso seria uma péssima ideia — respondeu Mariek. — Já que concordo com elas quanto a esse cenário.

Ela o beijou, rindo, e Panás acabou com uma sensação de que tinha perdido dois embates naquela manhã.

O primeiro problema foi que Saché se recusou a compartilhar um quarto com Yané.

Ela não apontou motivo algum e fincou o pé no chão com uma teimosia que ninguém havia esperado. Rabé e Eirtaé haviam criado um sistema para tornar aleatória a agenda, com o objetivo de que nenhuma dama de companhia ficasse no mesmo lugar por dois dias seguidos, e a recusa de Saché estava impedindo que elas implementassem esse plano. Padmé não quis tomar partido, mais porque Yané inexplicavelmente concordava com Saché. Parecia intensamente pessoal, de um jeito que Padmé não entendia bem, e parecia uma tolice, mas ela estava determinada a dar a suas damas de companhia o máximo de privacidade e, se era isso o que Saché queria, não era algo tão difícil.

— Que seja — Rabé declarou finalmente. — Então vou adicionar isso ao programa. Vocês nunca precisarão dormir no mesmo quarto. Imagino que não haja problema em serem vistas juntas em público?

Saché concordou graciosamente e, nos três dias seguintes, os doces favoritos de Rabé foram servidos junto com o chá da tarde e todas consideraram aquilo um pedido de desculpas adequado.

Panás não ficou totalmente satisfeito por nunca saber quantas figuras de túnica acompanhariam a rainha em determinado dia. Mas essa também era a ideia de Rabé. Se a rainha sempre estivesse acompanhada por um número diferente de damas de companhia, seria mais difícil dizer quem estava faltando.

— São cinco para proteger você — disse Panás. Sua voz era cuidadosamente controlada, assim como a da rainha. Os dois tentavam falar de modo que o respeito ficasse tão claro quanto a discordância, mas ambos ainda não tinham prática suficiente.

— É assim que elas vão me proteger — Amidala rebateu.

No fim, Padmé concordou com a adição de mais dois guardas em cada turno. Foi um raro meio-termo, no qual todos conseguiram o que queriam em primeiro lugar, e o custo foi considerado adequado por todo mundo.

Ao final da segunda semana, Yané declarou que estava na hora de dar a Sabé a chance de sair da suíte usando o rosto da rainha. Ela memorizou o rodízio dos funcionários e observou o horário em que os droides limpavam o chão e as janelas. Ela sabia exatamente o momento em que cada coisa acontecia. Além disso, ela e Eirtaé haviam terminado três ornamentos de cabeça, além de suas outras tarefas, e um vestido que tinha toda a aparência tradicional de Naboo, mas pesando apenas um terço do normal. O novo vestido tinha presilhas muito mais simples, facilitando a operação de vestir e tirar, algo em que Rabé havia insistido depois de mostrarem a ela o desenho original.

Elas escolheram uma manhã em que Amidala não tinha nenhuma aparição pública. Saché saiu da suíte e retornou três vezes em diversas tarefas, e então Padmé, vestida de modo idêntico, saiu para supostamente apanhar um livro na

biblioteca da rainha, que ficava no final do corredor. Tudo que Sabé precisava fazer era atravessar o corredor sem ser reconhecida para que o teste fosse bem-sucedido.

— Isso realmente pesa menos do que os antigos? — Sabé perguntou enquanto Yané prendia as ombreiras e o tabardo sobre o enorme vestido azul.

— Não seja espertinha — Rabé disse. — Você sabe o quanto elas trabalharam duro nisso.

Sabé usava um conjunto de túnicas azuis debaixo do vestido, o mesmo conjunto que Saché e Padmé haviam usado quando foram vistas deixando o quarto. As damas de companhia geralmente usavam túnicas do mesmo estilo, escolhidas para combinar com o que a rainha estivesse vestindo. Capuzes estavam entrando na moda rapidamente, espalhando-se da corte de Theed para a população em geral; portanto, sempre havia várias mulheres parecidas com as damas de companhia em qualquer parte do palácio.

Sobre as túnicas, Sabé usava um vestido azul-escuro feito de seda Karlini com um corte que combinava com o estilo arcaico de Naboo. O tabardo era preto e preso por um elaborado cinto encrustado com joias. As enormes ombreiras, que dariam a maior parte do apoio para o ornamento da cabeça, também eram pretas. Eirtaé não estava totalmente satisfeita com o desenho, mas Yané a convenceu de que seria mais fácil testar um modelo físico do que projetar de novo e de novo. O ornamento em si era um penteado que parecia simples, enfeitado com contas brancas e azuis que chacoalhavam sempre que Sabé movia a cabeça. Uma larga peça triangular ficava atrás dos ombros e da cabeça, completando o visual. Não ajudava com a visão periférica, mas sua postura era impecável.

Yané deu os toques finais na maquiagem.

— Acho que terminei — ela declarou. — O que vocês acham?

Rabé e Eirtaé examinaram de perto e não fizeram nenhum comentário.

— As ombreiras são uma boa ideia — disse Saché. — Ninguém vai prestar muita atenção no rosto dela, mesmo se tentarem. Os olhares sempre serão atraídos para outra parte.

— Obrigada — Yané disse. Ela tirou o avental que usou para proteger sua túnica da maquiagem e puxou o capuz sobre a cabeça. Ela e Eirtaé foram as escolhidas para acompanhar Sabé, pois a outra metade do teste era saber se conseguiriam trocar Padmé de volta para o rosto da rainha enquanto estavam na biblioteca.

— Vamos — chamou Sabé.

— É claro, Vossa Alteza — Rabé disse, sem piscar enquanto olhava para o rosto pintado de Sabé.

Seria preciso mais do que aquilo para perturbar a garota número dois. Sabé

assentiu lentamente e se voltou para a porta.

Os guardas no corredor se endireitaram quando Amidala passou por eles e não deram indicação nenhuma de que perceberam algo fora do normal. Dois deles começaram a seguir Yané e Eirtaé. A biblioteca ficava a cinquenta metros pelo corredor, e a distância de repente pareceu ridiculamente grande para Sabé. O vestido era pesado. Ela não havia praticado andar com aqueles sapatos. Não conseguia virar a cabeça por causa do ornamento. Ela encheu os pulmões, nenhuma parte do corpo se moveu para revelar a respiração controlada, e começou a andar.

Chegaram a dez metros da porta antes de o capitão Panás aparecer no corredor. Ele estava adiantado. Atrás de Sabé, Yané respirou fundo e Eirtaé fez uma careta discreta.

— Vossa Alteza — Panás disse, amigavelmente. — Achei que não tinha nenhum compromisso hoje.

— Estou indo até a biblioteca — avisou Sabé, querendo manter a conversa o mais breve possível.

Panás assentiu e abriu caminho para elas passarem. Ele estava quase fora do alcance da visão de Sabé quando ela percebeu seu franzir de sobrancelhas. Ela deu os últimos passos até a biblioteca o mais rápido que pôde, deixando Eirtaé passar por ela para abrir a porta. Isso deu a Eirtaé uma visão clara do rosto de Panás enquanto Amidala entrava na sala, antes de fechar a porta, deixando os guardas para fora.

Sabé quis se encostar na parede e resmungar, mas o vestido não permitiria. Ela acabou praguejando baixinho.

— Poderia ter sido pior — Yané disse, tentando animá-la.

— O que aconteceu? — Padmé perguntou. A “criada” estava no topo da escada da biblioteca, com um livro na mão, para que pudesse fingir que havia acabado de achá-lo se alguém entrasse de repente.

— Panás — Sabé disse secamente. Ela ergueu os braços para que Eirtaé pudesse começar a trabalhar.

Padmé desceu a escada e ficou de frente para ela, para que Yané também pudesse começar as preparações.

— Ele flagrou você? — ela perguntou.

— Ele nos viu — Sabé respondeu. — E tenho certeza de que sabe que era eu.

— Ficou desconfiado, no mínimo — Eirtaé acrescentou. — Quando vi seu rosto, ele ainda estava pensando.

— E isso já está de bom tamanho — Padmé disse. — Nada mal para uma primeira tentativa.

Sabé não respondeu, hipoteticamente porque Eirtaé estava tirando a

maquiagem de seu rosto, mas, na verdade, porque ao menos uma vez ela queria ser a melhor em alguma coisa por causa de seus talentos naturais.

— Ele só começou a suspeitar quando você falou — Yané sugeriu.

— Não posso ser a dublê da rainha se eu não puder falar — Sabé disse. Sua cabeça estava livre do ornamento, então ela prendeu o cabelo com a trança simples que as damas de companhia estavam usando debaixo do capuz.

— Já conversamos sobre o rosto da rainha — Padmé falou. — Fazemos isso com a maquiagem e praticando imitar nossas expressões. E vamos precisar... inventar uma voz para a rainha.

Não era uma ideia ruim.

— Você já fala diferente quando conversa com oficiais do governo — Sabé disse. — Não seria muito difícil ajustar a inflexão para nós duas.

— Para todas nós, eu diria, porque Rabé não está aqui — Padmé continuou. Estava sorrindo. Sabé achou que ela se decepcionaria, mas a verdade era que Padmé adorava planejar as coisas e agora elas tinham um plano. — E teremos que trabalhar para incorporar o sotaque de Rabé também.

— Vou adicionar à lista — Eirtaé disse.

Trabalhando rapidamente, as damas de companhia transferiram o vestido de uma rainha para outra e Yané apanhou uma versão portátil do estojo de maquiagem real de dentro do bolso. Ela fez o rosto de Padmé enquanto Eirtaé prendia o ornamento de cabeça e Sabé vestia o capuz. Demorou vários minutos para terminarem a transição. Se fosse um vestido mais complicado, como alguns dos quais Amidala usava na corte, não teria sido tão rápido, mas Rabé insistiu para que começassem com algo mais fácil.

Sabé apanhou o livro que Padmé havia escolhido e tomou seu lugar no final da procissão. Eirtaé abriu a porta novamente e as quatro entraram no corredor como se fosse um dia qualquer.

Dessa vez, os cinquenta metros pareciam mais amigáveis. Tudo que Sabé precisava fazer era manter a cabeça baixa e ser reconhecida como a criada que todos viram entrar na biblioteca meia hora atrás. Os guardas vieram atrás dela e todos andaram de volta para a suíte como se tudo estivesse perfeitamente normal. Quando chegaram à porta, Panás a abriu para elas.

— Vossa Alteza encontrou o livro que procurava? — ele perguntou distraidamente.

Elas não haviam contado a ele sobre o plano de fazer Padmé se passar por criada. Yané dissera que era mais fácil pedir perdão do que permissão, então elas simplesmente seguiram com o plano. Talvez devessem ter deixado a “criada” na biblioteca para melhor concluir a cena. Eirtaé podia adicionar isso à sua lista.

— Sim, obrigada, capitão — respondeu Padmé. Sua voz saiu mais grave para

se parecer mais com a voz de Sabé. — Encontrei.



O governador Bibble não ficou surpreso pelo resultado da votação, mas Padmé percebeu que ele ficou um pouco desapontado, embora nem ela nem as damas de companhia deixassem transparecer.

— É claro que todos nós entendemos as razões agrícolas para deixar metade das plantações de Naboo apodrecendo — ele disse, depois de terminarem o relatório. — Sempre existe o risco de plantar demais, e qualquer chance de ajudar naturalmente o ciclo de nitrogênio é bem-vinda. Mas achei que sua influência seria suficiente para destravar o planeta.

— Concordo, governador — Amidala disse. A nova voz ainda não vinha naturalmente para ela, então elas estavam testando com um aliado conhecido para começar. Por enquanto, Bibble não havia reagido. — A economia certamente pode suportar a compra de grãos no momento, mas existe uma diferença entre simplesmente comprar coisas de estrangeiros e recebê-las com satisfação, como o incentivo à emigração de fora do planeta teria feito.

Sanandrassa foi uma boa governante, mas ela havia travado Naboo ao manter suas crenças sobre o isolacionismo planetário, e tanto a rainha quanto o governador estavam ansiosos para reabrir o planeta. Nenhum dos dois precisava dizer aquilo em voz alta.

— Ah, bem — o governador disse quando Amidala se levantou para se retirar. — Sempre temos a próxima estação.

— Agradecemos a sua dedicação, governador — Amidala disse. Sua voz titubeou um pouco ao final da sentença.

— Vossa Alteza está se sentindo bem? — Bibble perguntou. — Ajustou-se no papel de rainha excepcionalmente bem, mas há sempre efeitos colaterais em qualquer novo emprego.

— Estou muito bem, obrigada — Amidala confirmou. Ela deixou um pouco de cordialidade voltar ao tom da rainha. Um movimento no canto do olho chamou sua atenção e ela soube que Yané havia fechado os punhos dentro de sua túnica, algo que sempre fazia quanto estava tentando segurar uma risada.

— Avisarei sobre as atualizações assim que acontecerem — Bibble disse, fazendo uma reverência.

Assim que a porta se fechou entre eles, Padmé ouviu o som inconfundível de uma risada vindo do capuz de Rabé.

CAPÍTULO 8

A SITUAÇÃO ENTRE SACHÉ e Yané não mudou, nem ficou mais claro qual era a situação em si. Elas eram amigáveis uma com a outra, mas Saché nunca ficava sozinha com a outra garota. Ela se recusava a explicar o motivo e Yané não parecia se ofender. Uma provocação gentil apenas deixava Saché desconfortável e fazia Yané se fechar, então eventualmente as outras apenas desistiram e aceitaram isso como uma excentricidade. Assim como Eirtaé sempre mexia com pequenos eletrônicos e Rabé gostava de assobiar enquanto pensava, elas ignoraram a questão completamente. O que, claro, resultou nas irritações se acumulando até o ponto em que explodiram de modo espetacular.

— Eu *achei* que você gostaria da chance de escrever um programa mais complicado — Yané retrucou rispidamente. Eirtaé estava resmungando sobre ter de sair do quarto quando Saché pegou o resfriado que Yané havia contraído na semana anterior. O droide médico havia recomendado que as duas compartilhassem um quarto até que os sintomas passassem. Saché recusara imediatamente.

— Minha vida já é bastante complicada, obrigada — Eirtaé disse. — Eu poderia estar estudando os quadrantes orientais, ajudando a construir pontes, mas estou aqui com *vocês duas* e vocês não podem nem ficar *doentes* juntas.

Por um momento, parecia que Padmé daria uma ordem direta, algo que ela nunca havia feito dentro da suíte. Mas então Saché suspirou.

— Desculpe — ela disse. — Vou mudar para o quarto da Yané.

— Eu já *arrumei* as malas! — Eirtaé estava no auge da sua irritação. Já que elas raramente davam vazão às suas emoções, provavelmente aquilo já era esperado.

— Arrumou o quê, exatamente? — Sabé perguntou. — Nós compartilhamos um guarda-roupa.

Eirtaé parecia pronta para arrancar a cabeça de alguém e Padmé relutantemente interveio.

— Obrigada, Saché, por ver o outro lado da questão — ela disse. Sua voz saiu com o tom grave que elas vinham praticando para Amidala. — Sei que não é fácil fazer algo que a deixa desconfortável.

Saché se arrastou para o quarto onde Yané estava ficando desde que começou a mostrar sintomas.

— Eirtaé, sinto muito pela interrupção — Padmé disse.

— Não se culpe por isso — Eirtaé respondeu. — Não estou brava com você.

— Você pode ficar brava aqui — Padmé disse. — Ignorar isso não ajuda ninguém.

— Obrigada — Eirtaé ironizou. Ela não pediu desculpas nem aceitou as de Padmé, mas esse era o preço da convivência.

— Você realmente quer construir pontes? — Padmé perguntou. Elas haviam concordado vagamente que as damas de companhia ficariam juntas por pelo menos um mandato, mas ninguém fez nenhuma promessa séria.

— Na verdade, não — Eirtaé disse. Ela abriu um sorriso travesso. — Pontes são fáceis demais.

— Mais alguém quer extravasar? — Padmé perguntou. — Já que estamos todas aqui.

Após alguns momentos de silêncio, Sabé limpou a garganta.

— Não quero parecer como se estivéssemos todas reclamando da Saché — ela disse, cuidadosamente. — Mas ela não é muito boa com a voz.

A voz da rainha era um ponto que vinha sendo muito discutido a semana inteira. Já que Padmé dera essa tarefa para Sabé sem pensar muito, as outras três tinham sido forçadas a igualar o tom de Sabé, apesar de suas vozes serem mais agudas. Era difícil para todas elas, principalmente para Rabé. Ela já tinha desenvolvido um sotaque na escola para mascarar o fato de que vinha das Províncias Orientais, e a voz da rainha pedia um tipo completamente novo de falar. Mesmo assim, ela estava melhorando, e era Saché quem mais tinha dificuldade. Sua voz só podia chegar até certo ponto.

Ela voltou para o quarto, usando uma máscara sobre a boca e o nariz.

— Eu sei — ela disse, claramente sofrendo com isso. — Eu simplesmente não consigo, e vamos ter que aceitar. Não faz sentido mudar todo o plano porque uma de nós não consegue. Eu simplesmente nunca vou ser a rainha.

Rabé pensou um pouco. Seria ideal que cada uma delas trabalhasse para ser um espelho das outras, mas era mais difícil na prática do que na teoria. Era impossível esconder a baixa estatura de Saché, mesmo tentando utilizar os sapatos dos modos mais inteligentes, e os cabelos loiros de Eirtaé também dificultavam as coisas.

— Que seja — ela disse, depois se virou para Eirtaé. — Isso vai afetar o seu algoritmo?

— Ah, que se dane o algoritmo — Sabé disse. — Cansei de planejar cada movimento e fingir ser outra pessoa para enganar os guardas agora e o resto das

pessoas em alguma emergência que pode nunca acontecer.

— Não é tão simples, Sabé — Yané disse. Ela também usava uma máscara sobre o rosto, mas não escondia a preocupação em seus olhos. De todas elas, parecia que Yané era quem mais tinha uma ligação emocional com o grupo. Ela odiava quando discutiam e se esforçava para mediar cada situação que podia. O fato de estar doente demais para fazer isso agora não era sua culpa, mas as outras sabiam que ela via como um fracasso pessoal. — O capitão Panás nos trouxe aqui para que estivéssemos prontas, e a rainha nos deixou escolher como faremos isso. Nós sabíamos o que esse trabalho significava quando aceitamos o emprego.

— Então nós mudamos o emprego — Padmé disse. — Ainda não tivemos tempo para aperfeiçoá-lo. O que podemos fazer diferente?

Elas pensaram um pouco. Rabé considerou vários cenários em sua mente, mas todos eram muito iguais àquilo que já estavam tentando. Sabé não tinha nenhuma sugestão, apenas uma inquietude da qual não conseguia se livrar.

— Estamos tentando ser iguais às outras fisicamente — Saché disse com a voz que usava quando pensava alto. Já que ninguém mais tinha ideias, elas a deixaram continuar. — Nós praticamos andar e nos vestir e ficar de pé e pensar. E se tentássemos... algo mais prático?

— Mais prático do que andar? — Eirtaé perguntou. A irritação havia sumido de sua voz.

— De noite, antes de dormir — Saché disse. — Nós conversamos e lemos. E se fosse tarefa de alguma de nós ler em voz alta e o resto tentasse aprender o *hobby* das outras? Isso nos daria novas habilidades, nos daria algo para fazer e poderia ajudar a entender como cada uma de nós pensa.

— Posso ensinar a arrombar portas — Rabé sugeriu.

— Isso não é realmente um *hobby* — Yané objetou.

— Nenhuma das coisas que faço por diversão é um hobby — Rabé disse. — Pelo menos arrombar portas pode vir a ser útil algum dia.

— Isso é um começo — Saché disse. — Padmé?

Padmé pensou um pouco. O argumento de Saché fazia sentido. Elas estavam aprendendo a pele uma das outras, mas não o coração. A proximidade que havia encontrado com Sabé naquelas primeiras duas semanas quando eram só as duas, conversando no escuro, ainda precisava ser reproduzida com as outras. Aquilo poderia ser uma boa maneira de diminuir essa distância e estreitar os laços.

— Certo — ela disse, e sorriu. — Primeiro, como arrombar portas.

Dali em diante, ficou mais fácil. Os dias ainda eram preenchidos tentando se conformar a uma única identidade que, na verdade, não era nenhuma delas, mas as noites pertenciam apenas a elas próprias. Se o capitão Panás estranhou a rainha requisitando várias trancas complicadas e depois uma variedade de agulhas de bordado, ele não disse nada. As garotas achavam que ele não queria saber, e estavam mais ou menos corretas.

Amidala saiu para uma visita às províncias agrícolas alguns dias depois de elas decidirem seu novo padrão. Todas as damas de companhia a acompanharam, vestidas em túnicas vermelho-fogo e posicionadas de modo que ninguém soubesse exatamente quem estava onde em qualquer momento. A criada chamada Padmé também foi incluída no diário de viagem, com algum protesto de Panás. Ele não se importava com a “criada” acompanhando o grupo, mas relutou em registrar sua existência publicamente. Mais uma vez, eles chegaram a um meio-termo: Padmé foi registrada oficialmente, mas era raramente vista por qualquer pessoa, já que seu suposto trabalho como arquivista da rainha a mantinha longe dos olhares.

A rainha viajou com um considerável grupo. O governador Bibble estava presente, junto com Graf Zapalo, o conselheiro agrícola; Horace Vancil, o conselheiro de finanças; e todas as suas equipes. Forças de segurança adicionais foram chamadas. Panás havia limitado o número de transportes para sete, o que finalmente freou o número de pessoas que poderiam acompanhar a comitiva. O oitavo veículo continha o guarda-roupa da rainha.

A rainha viajou em um speeder aberto com o govenador ao seu lado. Foi sua primeira aparição pública fora da capital, e seus cidadãos estavam ansiosos para vê-la. Cada manhã, Rabé pintava seu rosto e Eirtaé a colocava na indumentária real que Yané declarava ser particularmente importante para a região onde estavam. Sabé a substituiu apenas uma vez, na manhã em que a menstruação de Padmé começou e ela passou as primeiras horas do dia na cama esperando os analgésicos fazerem efeito. Fora isso, elas decidiram que era importante para o povo de Naboo ver a rainha de verdade, já que tantos haviam votado nela.

— Por que não está tomando injeções supressoras? — Rabé perguntou quando Padmé estava de pé e elas tiveram uma oportunidade para colocá-la de volta em cena.

— Geralmente não é tão forte assim — Padmé admitiu. Foi muito embaraçoso ser pega de surpresa por seu próprio corpo, mesmo com Sabé fazendo perfeitamente seu papel.

— Você está sob mais estresse do que o normal — Yané disse. — Vou acrescentar isso ao seu perfil médico e os droides cuidarão disso quando voltarmos.

No quinto dia, passaram por mais campos de grãos apodrecendo do que Padmé gostaria de ver. Eles explicaram isso a ela, e Padmé já tinha algum entendimento prévio, embora a exata composição química do solo fosse algo que ela não conhecesse. Era uma boa prática agrícola. Logo os fazendeiros passariam o arado sobre as plantas apodrecidas e os campos voltariam a ficar férteis. O ministro da economia viajara junto para assegurar a todos que seriam recompensados adequadamente e, entre a promessa de pagamento e a presença da rainha, havia certa atmosfera festiva durante a visita.

Mas cheirava mal. E o cheiro era inescapável. Permeava tudo e fazia Padmé pensar em podridão e lixo e ruínas. Nada daquilo era algo confortável para ela, mas era importante que Amidala fosse vista aprovando a decisão do governo.

— Onde estamos planejando comprar os grãos? — Amidala perguntou a Zapalo, em uma tarde, quando estavam no speeder. Havia apenas oito assentos e o vestido de Padmé tomava uma fileira inteira, então estavam apenas ela, o governador, os conselheiros, Panás, o assessor-chefe de Bibble e Saché.

— Ainda estamos considerando isso, Vossa Alteza — ele disse. — Vários mundos foram abordados e esperamos que todos façam suas propostas. Então negociaremos o melhor acordo.

— Nós falamos com Karlinus e Jafan? — Amidala nomeou os dois planetas no setor Chommell mais conhecidos por sua agricultura.

— Não, Vossa Alteza. — Zapalo parecia surpreso. — Não falamos. Karlinus, como sabe, focou mais em chá e seda nos últimos anos. Não sei se eles possuem um excedente suficiente para nos fornecer. E Jafan definitivamente não tem.

— Não é preciso nos suprir inteiramente — Amidala disse. A nova voz deixava as pessoas desconfortáveis porque era mais difícil entender suas intenções. Mas isso era, ela admitia, grande parte do apelo. — Se pudermos ajudar a economia deles, mesmo que apenas um pouco, acho que valeria a pena explorar essa possibilidade.

Os conselheiros trocaram olhares e depois se voltaram para Bibble. Seu assessor já estava digitando em seu dispositivo.

— Não há motivo para não olharmos para isso, Vossa Alteza — Bibble disse. — E também acho que procurar nossos vizinhos primeiro é uma boa ideia. Não podemos contar inteiramente com eles, mas podemos tentar algum acordo mutuamente benéfico.

— Muito bem — Vancil disse. — Vou pedir ao meu pessoal que inicie o processo de coordenação com o ministro da agricultura assim que voltarmos para Theed.

— Obrigada. — A rainha era sempre graciosa e deixou a conversa voltar para assuntos que seus conselheiros achavam menos intimidadores.

Saché, cuja versão da criada era tão discreta que a maioria dos oficiais do governo já tinham parado de prestar atenção nela, a menos que precisassem de algo, estava sentada na frente do carro, virada para os passageiros. Ela tinha a melhor visão do rosto de todo mundo. Bibble ficou satisfeito. Panás se manteve cuidadosamente neutro. Nenhum dos conselheiros gostou muito, mas não se opôs. Mas o mais interessante foi o rosto de Padmé. Enquanto os outros claramente consideraram o assunto encerrado por ora, Padmé continuou considerando as opções. Ela virou o rosto para cima, como se estivesse aproveitando o sol, mas Saché sabia que não era só isso. Ela estava pensando nos outros planetas do setor. E não iria parar até conseguir o que queria.

Padmé encontrou os olhos dela quando voltou a olhar para a frente, e Saché acenou com a cabeça, discretamente. Qualquer que fosse seu desejo, as damas de companhia ajudariam a conquistá-lo.

CAPÍTULO 9

O APRENDIZ ESTAVA SENTADO no escuro, esperando o chamado de seu mestre. Há anos ele espreitava nas sombras, desde que fora escolhido, e agora isso começava a irritá-lo. Ele sabia que era intencional. Esperar o deixava com raiva, deixado de lado enquanto seu mestre manipulava a galáxia sem ele. O aprendiz se sentia indesejado, e pior: inútil. E, é claro, isso também o deixava com raiva.

Maul dominara a raiva havia muito tempo. Lutara com ela nas profundezas das cavernas de Dathomir quando criança e lutara com tanto afinco que isso chamou a atenção de seu mestre. A maioria teria sido consumida pela raiva. A maioria teria queimado em uma gloriosa fúria, levando inúmeros outros junto para a escuridão do vazio, mas não Maul. Maul estava destinado a coisas maiores e sua raiva era seu combustível.

Mas ele ainda lutava contra o ódio.

Simplesmente havia coisas demais para odiar. Odiava como a neblina em Dathomir havia obscurecido sua visão, fortalecendo as bruxas. Odiava como ele tinha sido menosprezado como apenas um garoto até que um estrangeiro enxergasse seu valor. Odiava esse mesmo estrangeiro por treiná-lo com tanta astúcia, por meio de tanta dor e sofrimento, e depois não o soltar para espalhar essa mesma dor por toda a galáxia. E, acima de tudo, odiava os Jedi.

Eles não o procuraram. Não sabia se eles sentiram sua presença e o consideraram indigno ou se, em seu estado sem treinamento, acharam que ele não valia a pena, mas não importava. Eles o ignoraram, rejeitaram-no por alguma razão e, apesar de essa rejeição ter servido melhor a ele — era mais poderoso com sua raiva do que poderia ser sem ela —, contava os dias até poder fazê-los pagar por isso.

As peças de seu sabre de luz flutuavam no ar em frente a ele, separadas de seu todo enquanto ele experimentava com o alinhamento pela centésima vez. O sabre de luz era a morte. E isso também era algo pelo que tivera de lutar. Tivera de roubar cada peça, e cada peça era irrevogavelmente *dele*, conquistada com sangue e dor, e apenas uma parcela desse sangue era sua. Ele se concentrou, conectando-se com o poço de escuridão dentro de si, as peças que haviam assustado as jovens bruxas e que agora encantavam tanto o seu mestre. Com a

facilidade da prática, ele reformou o sabre, as peças se alinhando facilmente, tão diferente de tudo mais em sua vida. Quando completou, esticou a mão, pressionou o botão e se perdeu no zumbido.

Se perguntassem, Maul diria que não temia nada.

Ele estava errado.



O chanceler Valorum não gostava das reuniões com a Federação de Comércio. Não podia admitir em público, mas tinha uma vaga antipatia por senadores que representavam corporações, não planetas. Era um ponto de vista antigo, uma das razões para manter essa aversão em segredo. A maioria na galáxia acreditava que o empregador de uma pessoa tinha o mesmo direito de ter um lugar no governo que a pessoa em si. Mas isso não significava que ele precisava gostar disso. Apenas que precisava, em sua atual posição, fingir que gostava.

A situação das tarifas estava começando a ficar ridícula. Qualquer outro projeto de lei que não tivesse sido aprovado no Senado tantas vezes teria sido varrido para debaixo do tapete a essa altura, mas, por alguma razão, variações daquela lei continuavam a reaparecer. Não era diferente de uma assombração, exceto que, em vez de um fantasma que precisava ser exorcizado, eram burocratas que simplesmente *não* paravam de falar sobre isso.

— Vocês não podem esperar que os planetas da Orla Média aceitem isso! — o senador Palpatine argumentou, mal se dando ao trabalho de moderar seu tom de voz na sala do chanceler. — Eles não têm cofres tão grandes.

Aquela era a quarta reunião de comitê que Valorum presidia na esperança de evitar uma briga geral na câmara do Senado. Os guardas senatoriais cobertos de azul inspiravam algum senso de decoro nos representantes, e as largas janelas mantinham a atmosfera leve e arejada. Mas, pelo menos até aquele momento, nada adiantou muito: nenhum acordo havia sido alcançado.

— A Federação de Comércio ficaria feliz em oferecer auxílio para qualquer planeta que precisasse — Lott Dodd rebateu. — Já discutimos isso várias vezes, senador.

O senador Yarua, o representante Wookiee, disse algo rápido demais para Valorum entender. Suas emoções ficaram claras, mas Valorum olhou para sua tela para ler a tradução.

— Não, senador — Palpatine disse. — Também não acho que os termos desse auxílio seriam muito atrativos.

O sistema de comunicação emitiu um bipe, indicando que o tempo da reunião

havia se esgotado. Todos tinham outros lugares para ir. Valorum se esforçou para não parecer muito irritado. Àquela altura, uma disputa no plenário estava começando a parecer inevitável.

— Senador, venha comigo — ele disse para Palpatine enquanto os outros se retiravam. Os Neimoidianos pareciam ofendidos, mas Valorum era respeitado demais para que fosse acusado de algum favoritismo. Mesmo assim, enviou Mas Amedda com a delegação de comércio na esperança de que a presença do vice-chanceler aliviasse suas preocupações.

— Perdão, chanceler — Palpatine disse enquanto os dois cruzavam o corredor na direção da sala do senador. — Eu não queria parecer tão agressivo.

— É o seu próprio planeta — comentou Valorum com alguma simpatia. — Ninguém pode culpá-lo por se sentir um pouco emocional quanto à negociação.

— Obrigado — Palpatine disse.

— Acha que teremos algum benefício se chamarmos um moderador independente? — Valorum perguntou.

— Quer dizer um Jedi? — Palpatine questionou, parecendo surpreso. — Não tinha pensado nisso. Não acho que já estejamos tão perdidos assim, senhor, e eu odiaria interferir na prerrogativa senatorial até ser realmente necessário.

— Tem razão, provavelmente — Valorum disse. Os Jedi eram uma boa solução, mas uma solução extrema. Não adiantaria chamá-los para mediar uma disputa sobre tarifas antes que todos os argumentos fossem apresentados. Isso era o tipo de coisa que acontecia *fora* de Coruscant.

Eles chegaram à sala de Palpatine e o senador se despediu. Valorum continuou para sua sala. Era bom ter aliados de bom senso.

Shmi Skywalker assistia à corrida quando o pod de seu filho pegou fogo e colidiu com uma duna. Ela quis gritar e xingar Watto por tê-lo obrigado a correr quando não era seguro. Nenhum outro humano havia competido em uma corrida de pods, e esse recorde dúbio de Anakin podia acabar sempre que ele esperava na linha de largada. Mas ela não podia fazer nada. Não podia protestar ou reclamar, não podia negociar ou trocar. Ela não possuía nada que fosse seu para dar.

Com exceção do próprio Anakin, é claro, que Watto já conhecia e de quem tirava vantagem sempre que podia.

Os droides médicos alcançaram o pod logo após os supressores de fogo serem acionados, e Shmi podia vê-los abrindo caminho nos destroços em busca de um

sobrevivente. Pelo menos dessa vez ele não foi lançado para fora. Ele havia colidido com uma parte rochosa da pista, não que areia fosse muito mais macia quando se colide naquela velocidade. Mesmo em chamas, o pod de corridas era moderadamente mais seguro do que colidir com o corpo no chão.

Watto se aproximou, o bater de suas asas revelando sua presença muito antes de chegar, mesmo sem ela precisar virar para trás.

— O garoto está bem — ele disse. — Como sempre.

— Algum dia, não será mais "como sempre", Watto — Shmi disse.

— Talvez algum dia ele pare de arruinar meu pod de corrida também — Watto disse, rindo.

Ele saiu voando para coletar seus ganhos — nunca apostava em seu próprio pod, obviamente — e Shmi voltou a esperar os droides médicos terminarem seu serviço.

Shmi seguiu para a pista de corridas, onde eles o trariam para ela. Shmi era um rosto familiar por ali. Droides não eram exatamente conhecidos por seus olhares solidários, mas ela sentiu como se todos a estivessem olhando assim quando entrou na área médica. Ela chegou pouco antes de Anakin.

Ele estava em uma maca. Era grande demais para ele, então foi transferido para uma menor. Ele não parecia estar sangrando muito, mas Shmi não conseguia dizer se havia sofrido algum ferimento interno.

— Está tudo bem, mãe — ele disse quando a viu. Ele ainda estava cheio de adrenalina, sem perceber a dor e ainda na euforia da corrida. Ele adorava tanto aquilo, e ele adorava tão poucas coisas. Essa era a verdadeira razão para ela nunca conseguir dizer não para as corridas.

— Ani — ela disse. Shmi acariciou seus cabelos.

— Eles só vão me tirar da ação enquanto o bacta costura meu fêmur — ele disse casualmente.

Shmi levantou o lençol e viu que suas duas pernas estavam tortas. Ao menos isso Watto pagaria sem pestanejar.

— Não se preocupe, mãe — Anakin disse. — Sempre vou ficar com você.

Ele estendeu a mão e ela a tomou. Era ridículo ela aceitar aquilo como conforto naquela situação — ultimamente, Anakin ficava com vergonha quando sua mãe demonstrava afeto em público —, mas ela não sabia mais o que fazer. Se começasse a gritar, ela nunca pararia.

— Precisa se afastar agora, madame — o droide disse.

Os droides médicos eram rústicos, mas eficientes. Logo, Anakin estava inconsciente e eles trabalhavam em suas pernas. Shmi precisou desviar os olhos quando os ossos começaram a se mover. Seu coração tinha seus limites.

— Algum dia, não será "como sempre" — ela disse. E foi uma promessa para

ambos.



Yoda sentava-se em um pequeno jardim no Templo Jedi, onde geralmente era deixado em paz. Hoje, entretanto, suas meditações foram interrompidas por Mace Windu, que viera até ali para conversar com ele, mesmo os dois estando juntos na câmara do Conselho apenas algumas horas antes.

— Questões impróprias para os outros, você tem? — Yoda perguntou quando Windu se sentou na grama ao seu lado. — Embaraçosas elas são?

— Não, Mestre Yoda — falou Windu. Ele nunca respondeu bem ao humor particular de Yoda, mesmo quando ainda era jovem. Era uma das razões para Yoda continuar com as piadas.

Yoda deixou o silêncio se prolongar mais um pouco, até Windu ceder.

— Você sentiu algo — disse Windu. — Algo que não contou para ninguém.

— Tão esperto você é, Mestre Windu — Yoda disse. — E tão perto da verdade. Mas na direção correta não pensa, eu diria.

— Que outra direção existe, Mestre? — Windu perguntou. — Ou você sente algo, ou não sente.

Yoda tomou mais um momento para não responder. Se esperasse o bastante, eles quase sempre descobriam sozinhos. Era seu método de ensino favorito.

— Você não sente nada — Windu disse, depois de um tempo. — Mestre, sempre existe *algo*.

— Abra sua mente, Mestre Windu — Yoda continuou. — Se sentido nada é, algo deve ser.

Windu se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos e o queixo sobre as mãos. Ele conseguiu deixar aquela posição graciosa, o que não era sempre algo fácil para homens humanos.

— Não — ele disse, finalmente. — Nada nunca pode ser algo. Eles são opostos.

— Tanta certeza você tem. Tranquilizador isso é. Nunca tanta certeza eu tenho.

— Você pensa diferente? — Windu disse. Estava começando a parecer um debate com Qui-Gon, e nenhum dos dois realmente gostava disso.

— Eu penso que nada sinto. Qualquer coisa depois disso, eu não presumo.

Yoda esperou enquanto Windu considerava sua próxima pergunta. Não adiantava perguntar se Yoda estava com medo, porque ele apenas devolveria a pergunta, e Windu não gostava de se expor assim. Tudo que podia fazer era

seguir suas lições, aquelas que recebera quando era garoto e quando era um Cavaleiro e Mestre no Templo. Ele precisava esquecer isso por enquanto. A Força lhe diria quando a hora chegasse, e ele não deveria se deixar distrair pelo comportamento de Yoda.

— Confio no seu julgamento, Mestre Yoda — ele disse, finalmente. — Sei que, se houver uma resposta, você a encontrará.

Yoda não respondeu. Em vez disso, fechou os olhos e buscou a calma da Força viva fluindo através dele. Após alguns minutos, sentiu Windu se levantar e deixá-lo sozinho com seus pensamentos, que era o seu lugar favorito.

A luz o cercava, a escuridão a uma distância confortável dos limites de sua percepção. Porém, havia algo; ou melhor, não havia nada. E isso o deixava completamente intrigado.

CAPÍTULO 10

A LUZ DO SOL entrando pelas janelas da sala do trono dava ao chão de mármore um brilho opalescente. O vidro fora tratado para lançar um arco-íris contra o teto quando a luz entrava por certos ângulos, e as cortinas tinham tons neutros para permitir a qualquer um na sala a apreciá-las totalmente. Ocasionalmente, as decorações na sala serviam como distração daquilo que acontecia lá dentro, mas hoje ninguém olhava para nada além da rainha.

Amidala estava vestida em tons púrpura. O vestido de baixo estava completamente coberto pelo veludo espesso da camada externa, exceto no colarinho, onde suaves cachos lavanda envolviam seu pescoço. Para o resto, ela podia ser uma estátua. O vestido tinha tantos bordados que pesavam a peça toda, em vez de usar truques ao redor das costuras para certificar que tudo ficasse no lugar. Uma faixa de um verde profundo completava o visual. O estilo era um pouco severo, o que se refletia na expressão estoica de Amidala, e a rainha estava coberta dos punhos até os calcanhares. O ornamento da cabeça era excepcionalmente simples, consistindo de uma peruca penteada com tranças enroladas em uma coroa, cada uma enfeitada com joias púrpura e verdes. Um pente prateado ficava preso na parte de trás da coroa de tranças, e um véu púrpura se pendurava atrás da cabeça.

Rabé e Eirtaé levaram quase uma hora para prender todos os alfinetes que o mantinham no lugar. Padmé estava quase com medo de mexer a cabeça.

A rainha Amidala havia pedido a presença do governador e de vários conselheiros. Nenhum deles recusou, naturalmente, embora ela não tivesse dado razão nenhuma para a reunião.

— Governador, representantes — começou a rainha Amidala. Não havia como confundir a voz agora. Tinha um tom mais grave e era um pouco irritante, mas definitivamente chamava a atenção. — Nós agradecemos a sua presença aqui hoje.

— É claro, Vossa Alteza — Bibble disse.

— Gostaríamos de informar que vamos organizar uma conferência no Palácio Real dentro de duas semanas — Amidala continuou. Já que aquilo era novidade para os convidados, todos pareceram um pouco surpresos.

— Uma conferência para quem? — a ministra do interior perguntou. Após um momento, ela acrescentou: — Vossa Alteza.

Amidala assentiu para mostrar que não tinha ficado ofendida.

— Para nossas contrapartes dos outros planetas no setor Chommell — ela disse.

Houve um longo silêncio depois.

— Vossa Alteza — Bibble interveio, com relutância. Ele parecia muito desconfortável. — É a única rainha no setor Chommell.

— Talvez você tenha entendido mal, governador — Amidala disse graciosamente. — Permita-me esclarecer: nós convidaremos os políticos daqueles planetas que servem como chefes de estado, independentemente dos títulos que tenham.

— Vossa Alteza — disse Graf Zapalo —, por quê?

— Chegou ao nosso conhecimento que nossas propostas comerciais não foram bem recebidas — Amidala respondeu. Aquilo era um eufemismo. Karlinus havia imediatamente respondido que eles não tinham nenhum excedente e Jafan sequer respondeu. — Nós queremos convidar nossas contrapartes aqui para que possamos discutir esses assuntos em pessoa e descobrir onde está o problema.

Eles não podiam simplesmente impedi-la. Podiam dificultar sua vida, razão pela qual estava se explicando a todos, mas eles não podiam impedir que a conferência acontecesse. Tudo que podiam fazer era deixar claro seu descontentamento e fazê-la se explicar em detalhes.

— Vossa Alteza — Bibble disse —, certamente a questão de um pouco de grãos não é tão importante para tomarmos medidas tão drásticas. Pode ser visto como um confronto.

Ela esperava que Bibble fosse seu maior aliado nesse assunto. Era de conhecimento geral que ele estava interessado em reabrir as relações interplanetárias, assim como ela. Mas, de repente, ela entendeu: ele estava deixando que ela convencesse os outros. Quando o governador parasse de protestar, eles não teriam mais nenhuma defesa.

— Não são apenas os grãos, governador — disse Amidala. — Quero conversar sobre todo o comércio e as relações entre os planetas de nosso sistema.

— É um objetivo grandioso — Bibble concedeu. — E que valeria muito a pena, eu diria.

— Capitão Panás. — Amidala se virou um pouco em sua direção. — Tem algo a dizer?

Não havia razão alguma para pedir que seu chefe de segurança fizesse algum comentário a essa altura. Panás não ocupava nenhum cargo legislativo e não tinha peso algum nas decisões da rainha quando se tratava de política. Mas Rabé

havia sugerido que ele fosse perguntado em público e Sabé havia concordado. Ele não poderia discutir muito se houvesse testemunhas.

— Vai ser preciso organizar muitas coisas — ele disse lentamente. Ele sabia o que elas estavam tramando e eles poderiam discutir os detalhes práticos mais tarde, com menos testemunhas. — Além da segurança do palácio, seria necessário planejar todos os passeios em que Vossa Alteza levasse os visitantes.

— Vamos levar suas sugestões em consideração para qualquer coisa fora do palácio. — Era sua oferta de paz. — Você conhece melhor os desafios que podemos encarar.

Ela esperou para ver o que Panás faria. Ele tomou um momento e, então, mostrou que Rabé estava correta.

— Embora eu ache que a segurança da rainha não tenha nada a ver com a conferência diretamente — ele disse —, qualquer encontro no setor envolveria a segurança planetária, e isso afeta tanto a rainha quanto o resto de vocês. Não é uma posição abertamente defensiva, mas também não nos faz parecer vulneráveis.

— Obrigada, capitão — Amidala agradeceu. Ela se voltou para os conselheiros.

Eles pareciam desconfortáveis, mas não tinham mais argumentos. Ela havia vencido, então estava livre para ser generosa. Ela se esforçaria para que a conferência os incomodasse o mínimo possível.

— Vossa Alteza — Zapalo chamou. — Aguardaremos mais instruções sobre como podemos ajudar nesse assunto.

— Obrigada.

Bibble os lembrou de que havia uma votação legislativa à tarde e eles se retiraram em grupo. Pelo menos nenhum deles estava reclamando muito. Amidala esperou a sala esvaziar antes de se virar para Panás.

— Capitão.

— Não gostei disso — ele disse. — Mas entendo seus motivos.

— Obrigada por seu apoio. Desculpe por pegá-lo de surpresa junto com eles.

Ela podia jurar que ouviu um dos guardas segurando uma risada.

— Agradeço suas sugestões, capitão — ela continuou.

— Vou pensar em muitas, tenho certeza — concluiu Panás.

Padmé não duvidava daquilo nem por um segundo.

A lista de Panás não era tão longa quanto ela temia. A maior parte era senso

comum. As portas blindadas que protegiam a sala do trono, por exemplo. Todas foram testadas, e quando uma delas se mostrou defeituosa, o mecanismo foi substituído. Uma vistoria do palácio e dos arredores foi conduzida para buscar pontos fracos no plano de Panás, e logo atrás dos guardas vinha um exército de droides de limpeza e jardineiros para ter certeza de que tudo estaria perfeito para os convidados.

Eles tiveram uma discussão sobre o trono em si.

— Você quer destruir uma antiguidade inestimável e plantar um blaster dentro? — Amidala exclamou.

O corredor na frente de sua suíte não era o melhor lugar para aquela discussão, mas Padmé ficou tão irritada quando leu aquele item na lista que invadiu o corredor para conversar com ele sobre aquela ideia. Padmé não ficou muito preocupada. Não era como se alguém naquele andar não soubesse de sua posição quanto a tomar armas de fogo.

— Não vou destruir nada — disse Panás. — Eu pediria a Eirtaé. Ela é sua engenheira, afinal de contas, e provavelmente gostaria do desafio.

Eirtaé passara quase o mês inteiro projetando o novo guarda-roupa da rainha para ser tão funcional quanto pomposo, e se a quantidade de rascunhos em sua mesa fosse alguma indicação, ela dificilmente estava entediada.

— E o blaster? — indagou Padmé.

— Será um modelo pequeno — afirmou Panás. — Apenas uma pequena célula de energia. E apenas para emergências. Se você vai receber dignitários estrangeiros, quero que fique preparada para o pior.

Padmé se recostou contra a janela e suspirou. Sanandrassa não havia recebido muitos visitantes estrangeiros na sala do trono e nenhum deles tinha sido violento. Certamente ninguém ficaria tão ofendido por dois anos de relativo silêncio da monarca de Naboo para que a atacassem em sua própria sala do trono. Mesmo assim, Panás geralmente estava aberto a mudar seus planos se elas conversassem com ele. Atrás de Panás, ela podia ver Sabé. Seu rosto estava cuidadosamente neutro.

— Não seria ruim expandir sua experiência com armas de fogo, Vossa Alteza — Sabé disse cuidadosamente. Parecia que estava concordando com Panás, mas não era exatamente isso.

Sempre que Padmé reclamava que se sentia encurralada pelas exigências de seus guardas, ou colegas, Rabé a lembrava que era mais fácil no longo prazo concordar agora e pressionar depois. Se deixassem Panás ter aquela vitória, então Eirtaé projetaria algo que Padmé aprovasse e Panás continuaria pensando que tinha vencido. Foi assim que Sabé a lembrou disso. Não era um código particularmente sutil, mas as palavras que usavam eram diferentes a cada vez e,

até agora, vinha funcionando bem.

— E se houvesse dois blasters? — Padmé perguntou. Panás ficou claramente surpreso. — Quer dizer, se sou a única com um, não faz muito sentido. Se vamos armar uma pessoa, podemos então armar duas.

— Posso fazer funcionar com duas — Eirtaé disse.

— Gostei da ideia — falou Panás, e então ficou decidido.

— Muito bem, capitão — concluiu Padmé. — Eirtaé vai apresentar o projeto depois de amanhã. Tem mais alguma coisa que precisa ser feita ainda esta noite?

— Não, Vossa Alteza — Panás respondeu. — Obrigado.

Padmé voltou para a suíte e afundou em uma poltrona na sala de estar quando a porta se fechou.

— Mesmo se nunca usarmos, sempre saberei que está lá — disse Padmé. — Sempre saberei que achamos que podemos ter medo de nossos vizinhos.

— Você será a única que poderá abrir — Eirtaé prometeu. Ao menos isso já seria algo de bom. Ninguém iria sacar os blasters sem motivo. — E vou me certificar de não arruinar o trono.

— Obrigada — Padmé respondeu, secamente. Ela deixou Yané e Saché retirarem o ornamento da sua cabeça, agora que haviam se recolhido para dormir, e aceitou o lenço de Rabé para limpar a maquiagem.

— Os conselheiros estão fazendo sua parte — Saché relatou quando voltou da sala de vestir. — Vários deles foram perguntados sobre a conferência depois da sessão legislativa e todos conseguiram responder sem parecer que desaprovavam.

— Bom, existe uma razão para Bibble continuar sendo eleito — Rabé comentou.

Ficaram observando Eirtaé rascunhar o compartimento dos blasters e ouvindo enquanto ela falava sobre seus planos até Sabé começar a questioná-la, e a conversa se tornou sarcástica.

— Espere eu construir um protótipo antes de achar defeito em tudo — Eirtaé finalmente disse. — Você não está entendendo e, honestamente, estou começando a achar que faz isso de propósito.

Sabé abriu a boca para responder, mas fechou com firmeza quando viu a expressão de Padmé.

— Você consegue arrombar trancas não mecânicas, Rabé? — ela acabou perguntando. Todas suspiraram de alívio.

— Bom, seria mais parecido com hackear do que arrombar — Rabé disse. — Mas, sim, é claro que consigo.

Havia trancas não mecânicas em várias caixas de joias de Amidala, então Rabé e Yané foram buscá-las na sala de vestir e todas se alternaram tentando

abri-las sem destruir a caixa.

— Pelo menos não precisamos pedir a Panás que consiga essas caixas — Saché disse, rindo com alegria quando finalmente conseguiu abrir uma tranca sozinha.

— Sim, imagino que ele faria algumas perguntas — Rabé concordou. — Agora tente abrir em menos de dois minutos.

Levou mais uma hora até conseguirem abrir em tempo compatível com as expectativas de Rabé e, nesse ponto, Eirtaé já tinha quase terminado de construir um modelo em escala do trono, com as modificações que ela queria acrescentar ao trono real. Sabé testou o problema que havia pensado ter identificado e descobriu que ele não existia.

— Você mudou o projeto — ela disse.

— É claro que mudei — Eirtaé confirmou. — Só porque ainda acho que não seria um ponto fraco não significa que vou deixar passar.

— Você podia ter falado isso antes! — Sabé exclamou.

— E perder a expressão no seu rosto agora? De jeito nenhum.

— É por isso que Panás acha que envelheceu dez anos desde a eleição — Saché disse. — Exatamente por isso.

— Então, um brinde aos próximos dez anos — emendou Eirtaé, erguendo sua xícara de chá.

— E aos dez depois disso — Sabé concluiu.

DISTRAÇÃO

E*IRTAMA HAVIA PLANEJADO MINUCIOSAMENTE cada parte do dia e não era* de jeito nenhum *culpa dela que tudo dera errado. Ela construíra uma plataforma flutuante baseada em um projeto próprio, que tinha criado como homenagem (não, ela não havia* roubado *nada) a um objeto de cena da primeira ópera em que a ex-rainha Réillata havia atuado depois de deixar o cargo. Tinha um orçamento muito menor, é claro, e tivera de fazer tudo sozinha porque seus pais a tinham enviado para uma oficina para* atores*, o que era bem diferente de uma oficina para objetos de cena, como havia pedido originalmente.*

Seus pais eram ótimos em quase *entender tudo.*

A ópera era uma peça levemente atualizada sobre os últimos dias dos conflitos entre humanos e Gungans, o tipo de peça que os mais velhos gostavam porque fazia com que se sentissem seguros, o que por sua vez os deixava dispostos a doar dinheiro para peças produzidas por estudantes, que universalmente a odiavam. A plataforma foi usada para representar um monstro aquático sando, cujas costas o personagem principal subia para tentar motivar a pequena força naval de Naboo. Eirtama havia projetado os repulsores para acomodarem quatro pessoas. Ela tinha sido muito clara quanto à restrição de peso. E foi totalmente ignorada.

Quando a quarta soprano subiu, a plataforma balançou de um jeito um pouco alarmante. Mas aguentou. Na plateia, Eirtama havia relaxado. Aquilo seria incrível. Certamente alguém passaria tempo suficiente olhando para as cantoras para notar que a plataforma onde estavam de pé era uma obra de arte.

A quinta soprano entrou pela lateral e começou a subir.

— Ah, não — Eirtama disse. A velha senhora ao seu lado pediu silêncio com veemência.

A música começou, o som preenchendo a sala de concertos enquanto a plateia se preparava para ser transportada a um tempo icônico na história de Naboo que absolutamente não tinha acontecido. A plataforma balançou de novo.

— Não — Eirtama disse ainda mais alto.

A velha senhora reclamou de novo, dessa vez com uma cotovelada nas

costelas. Eirtama tinha certeza de que era alguma parente do tenor principal. Ele era igualmente intolerável.

— Não, você não está entendendo — Eirtama tentou explicar. — A plataforma não foi...

Antes que a senhora pudesse reclamar pela terceira vez, ou machucá-la usando o cotovelo, o zumbido alto de um motivador superaquecido se sobrepôs ao som da orquestra. Uma das sopranos atingiu uma nota muito, muito acima do que a partitura pedia quando a plataforma começou a se mover descontroladamente pelo palco, derrubando uma das cantoras.

Se aquilo fosse tudo o que tinha acontecido, Eirtama teria chamado de vitória. Sopranos eram geralmente insuportáveis. Mas ela sabia que seria pior. Os sensores sob a plataforma detectaram a soprano que havia caído e o dispositivo de emergência desativou os repulsores, iniciando o único protocolo de segurança que o orçamento de Eirtama permitia.

— Cuidado! — ela gritou, porque não conseguia pensar em nada mais para dizer. Não era como se se abaixar fosse ajudar muita coisa.

Com o som de uma colisão de metais e mais gritos, a plataforma pendeu para trás na parede traseira do teatro, o único lugar garantido para estar vazio. As outras quatro sopranos foram indecorosamente derrubadas. Ajudantes de palco, cuja maioria se considerava atores e, portanto, cumpriam essa função com muita indiferença, foram rápidos para chegar até as cantoras, mas uma vez lá, ninguém sabia o que fazer.

Um homem de pele escura e ombros largos abriu caminho até a frente da multidão. Ele juntou as mãos ao redor da boca, com muita pressa para identificar os pontos acústicos do palco.

— Acalmem-se todos! — ele gritou. — Sou um profissional treinado e já chamei ajuda. Por favor, retirem-se do auditório de maneira ordenada. Se você é parente de um dos feridos, por favor, apresente-se para que os médicos possam identificá-lo quando chegarem.

Todos seguiram as instruções precisamente. Exceto Eirtama, que seguiu até a frente, mesmo não sendo parente de ninguém.

— O que está fazendo? — Ele a pegou pelo colarinho quando ela tentava passar por todo mundo. Seus cabelos loiros se derramaram ao redor dos dedos do segurança e ela tentou se soltar.

— Eu construí — ela disse. — Eu construí e fui muito clara quando falei que apenas quatro pessoas podiam subir, não vou deixar ninguém dizer que foi culpa minha.

Ele a soltou e ela ajeitou sua túnica.

— Hum, elas estão bem? — Eirtama perguntou. As pessoas provavelmente

pensariam que ela havia se tornado amiga do pessoal com quem vinha trabalhando por semanas naquela famosa, embora um pouco problemática, ópera.

— Elas ficarão bem — ele disse. — Talvez um calcanhar torcido ou dois, mas ninguém quebrou nada.

— Exceto minha plataforma flutuante — Eirtama resmungou, depois pensou melhor. — Quer dizer, que bom saber disso.

— Não há problema algum em ficar irritada quando alguém quebra algo que você construiu porque não seguiu suas instruções — ele disse a ela. — Acho que você está lidando muito bem com isso.

Os médicos chegaram e Eirtama saiu do auditório seguindo a multidão. Agora ela estava relativamente certa de que ninguém a culparia pela catástrofe. Ela voltou ao dormitório e leu até cair no sono.

Na manhã seguinte, ninguém sabia exatamente o que fazer. Eles deveriam desmontar o palco, agora que a grande produção havia acabado, mas o cenário havia literalmente se desmontado. Então ficaram à toa em uma das áreas verdes do lado de fora do auditório, esperando instruções. Ninguém esperou com Eirtama. Ela não se importava.

— Eirtama Ballory — uma voz familiar chamou.

Ela ergueu os olhos, e ao lado do diretor estava o homem da noite passada, aquele que havia chamado o socorro e mantido a calma de todos na sala. Aquele que havia acreditado nela. Um silêncio tomou conta do jardim. Eirtama se apresentou. Ela tinha certeza de que ele havia acreditado nela. Ele até tinha dito que ela estava lidando bem com aquilo. Ninguém nunca *lhe dizia que estava lidando bem com alguma coisa. Ela sempre reagia com exagero.*

— Nós nos encontramos brevemente na noite passada — ele a lembrou.

— Ah, sim — ela disse. — O oficial de segurança.

O rosto dele tremeu discretamente.

— Fiquei muito impressionado com a maneira como você lidou com tudo, mas não tive chance de me apresentar — ele continuou. Seu último pingo de preocupação evaporou. — Meu nome é Quarsh Panás.

CAPÍTULO 11

A GOVERNADORA DE KARLINUS foi a primeira a chegar. Amidala a recebeu na plataforma de aterrissagem como sinal de boas-vindas e respeito. O governador Bibble ficou ao seu lado, como já havia feito antes. Ela fora eleita apenas recentemente e Padmé esperava que não estivesse tão irritada com as recentes políticas de Naboo quanto o resto de seu governo aparentava. No passado, o movimento de pessoas entre Naboo e Karlinus era bastante comum: Karlinus era um bom lugar para artistas fazerem dinheiro trabalhando com as colheitas de seda e chá, e Naboo era um bom lugar para montar um estúdio quando um artista já havia se estabelecido um pouco.

— Governadora Kelma — Amidala disse assim que ela alcançou o fim da rampa. — Bem-vinda a Naboo. Estamos muito felizes por você poder estar aqui.

Kelma estendeu a mão e Amidala a tomou imediatamente. Ela podia imaginar a expressão no rosto de Panás, mas a rainha tinha avisado que faria todo o possível para que seus convidados se sentissem em casa e, se isso incluísse apertos de mão, então era o que faria.

— Foi um convite surpreendente — Kelma disse. Seus olhos escuros cintilavam com divertimento e sua pele marrom brilhava sob o sol de Naboo. — Fiquei mais do que um pouco curiosa.

— Espero que possamos satisfazer essa curiosidade — Bibble respondeu, magnanimamente. Ele ofereceu o braço e conversou com ela enquanto voltavam para o palácio.

Os olhos de Kelma observavam cada detalhe. Ela não estivera em Naboo antes, o que não era um traço incomum aos convidados, e parecia determinada a aproveitar ao máximo. Ela usava um vestido simples de viagem: calças largas sob uma túnica, tudo com tecidos combinando. Era simples, elegante e infinitamente mais confortável do que o vestido de Padmé. Ela ficou com um pouco de inveja. E também ficou com inveja de a governadora não precisar usar uma peruca. Seu cabelo era espesso e crespo, o que deixava seu rosto ainda mais adorável.

Karlinus foi o único planeta cuja delegação Padmé recebeu na plataforma de aterrissagem. Ficou preocupada de isso parecer desprezo, mas Bibble a

assegurou de que os outros planetas entenderiam que ela não poderia correr de plataforma em plataforma o dia todo. E, de qualquer modo, vários deles foram ligeiramente rudes em suas respostas, o que significava que Padmé podia ser um pouco distante até eles mudarem de atitude quando a conhecessem em pessoa.

O setor Chommell tinha mais de trinta planetas e milhares de assentamentos dependentes. Padmé convidou todos os governos principais, mas a maioria recusou o convite. Alguns escolheram participar via holoprojeção e outros concordaram em participar pessoalmente. Padmé esperava que o comparecimento fosse maior, mas Bibble parecia satisfeito com os números.

— Esses planetas representam nossos aliados e nossos detratores — ele apontara quando obtiveram a lista final. — Receber todos no mesmo lugar é um bom primeiro passo.

Jafan e Kreeling chegaram juntos. Os dois planetas não ficavam no mesmo sistema, então Padmé só podia enxergar isso como algum tipo de mensagem. Diferente de Kelma, que viera pessoalmente junto com três assessores, os diretores planetários enviaram embaixadores que consideravam combinar com a própria Padmé. Especificamente, seus próprios filhos. Padmé não ficou nem um pouco insultada, embora tivesse quase certeza de que essa era a intenção. Lidar com adultos podia ser exaustivo.

— Meu nome é Harli Jafan — apresentou-se uma garota humanoide alta e careca de pele azul-clara e delicados dedos aquáticos. — Meu pai é o diretor planetário.

— E eu sou Tobruna — disse um garoto humano baixinho de cabelos ruivos e olhos castanhos. — Minha mãe é encarregada das refinarias de Kreeling, o que mais ou menos nos deixa encarregados do planeta.

Padmé já sabia de tudo isso, mas eles precisavam começar em algum lugar. Jafan era uma colônia relativamente nova. Eles chegaram ao setor havia trezentos anos e ainda eram governados pela família que estabelecera a colônia. Kreeling era um mundo minerador. Ganhava-se muito dinheiro exportando minério refinado, então também havia muitas refinarias lá. Rumores circulavam de que os métodos usados para manter a ordem naquelas refinarias não eram nada democráticos, mas Padmé não podia deixar o preconceito afetar sua percepção dos representantes.

— Bem-vindos a Naboo — ela disse.

Padmé repetiu a saudação uma hora depois para o representante de Behpour, um cavalheiro idoso de pele negra e olhos castanhos travessos, que parecia ser muito amigo de Bibble, e depois uma última vez para a representante de Chommell Menor, uma mulher da mesma idade da mãe de Padmé, que parecia profundamente interessada na conferência para a qual ela cruzara o setor.

Com o passar da tarde, Padmé recebeu meia dúzia de outros representantes, trazendo o número total para doze, incluindo a si mesma. Mariek Panás, como a guarda de maior patente na ala diplomática, estava encarregada da segurança das delegações. Os funcionários do palácio foram avisados das necessidades dos representantes não humanos. Havia algo na atmosfera Kreelingi que afetava permanentemente a visão humana, Padmé se lembrou de repente. Tinha certeza de que sua equipe havia se preparado e feito os arranjos necessários, mas também sabia que precisaria confirmar pessoalmente, ou ficaria com isso na cabeça.

Padmé queria relaxar quando o último representante se retirou para seus aposentos na ala diplomática, mas manteve sua dignidade e deixou-se levar para ser preparada para o jantar oficial.

— Foi você quem pediu por isso — disse Panás.

— Estou ciente — Padmé respondeu.

Ele não insistiu.



As damas de companhia tinham duas horas para se preparar para o jantar oficial e Rabé pretendia usar todo esse tempo. Primeiro, todas tomaram banho no banheiro real. Geralmente elas se demoravam lá — era um dos poucos lugares onde nunca precisavam se preocupar com a política —, mas hoje elas estavam em uma missão.

Yané havia preparado roupões para que todas vestissem quando estivessem secas e, quando seguiram para a sala de vestir, ela passou túnicas verde-claras para todas, menos Padmé. A rainha foi instruída a se sentar e não se mover até receber permissão, e Padmé obedeceu com uma risada.

— Isso significa o seu rosto também — Rabé disse, chegando mais perto com base e um pincel. — Não quero errar por causa da sua risada.

Padmé riu mais forte, mas controlou sua expressão quando Rabé começou a parecer exasperada. Ela fechou os olhos e deixou a mestra do guarda-roupa fazer seu trabalho.

Yané estava trançando o cabelo de todas para que pudessem prendê-lo debaixo dos capuzes. Quando terminou, Rabé já havia terminado o rosto da rainha, exceto pelas marcas vermelhas, então foi se vestir enquanto Yané tomava seu lugar. Ela trançou o cabelo de Padmé com firmeza e prendeu tudo no topo da cabeça. Então cobriu as presilhas com uma camada de gel que impediria que elas — e a peruca — coçassem. Ela posicionou o ornamento de cabeça com cuidado,

checando frequentemente para ter certeza de que tudo estava alinhado antes de dar um último empurrão para baixo para prendê-lo firmemente contra o gel. Era um visual tradicional para aquela noite: um largo arco de cabelo que combinava com a cor natural de Amidala e várias longas tranças nas costas.

Eirtaé e Saché tinham terminado de preparar o vestido. Era uma das criações de Eirtaé e podia ser vestido simplesmente pisando nele. Isso facilitou tudo para o cabelo e a maquiagem, e Eirtaé havia resmungado por uma semana dizendo que era ridículo ter levado *tanto tempo* para que isso fosse normal. O vestido tinha um tom profundo de rosa em um estilo menos rígido que o das roupas da corte de Amidala. Havia babados de verdade, o que deixava o movimento nele muito mais divertido que o normal, e a linha do pescoço era menos conservadora do que seus vestidos habituais.

Padmé pisou no vestido e esperou pacientemente enquanto elas o posicionavam. Eirtaé deu a volta atrás dela e ativou as camadas internas para que selassem ao redor de seu corpo. Padmé aprendera rápido a não soltar o ar enquanto isso acontecia.

— Trapaceira — Eirtaé provocou-a, enquanto fechava as últimas presilhas e depois apertava a costura nas costas para fechar de vez, tornando-a praticamente invisível.

Sabé vinha trabalhando na maquiagem das outras. Era outro truque em que Rabé havia pensado. Quando elas maquiavam Amidala, também maquiavam as damas de companhia para que ficassem o mais parecidas possível. Só era viável quando havia capuzes envolvidos, ou então Eirtaé seria uma óbvia diferença; mas, fora isso, funcionava muito bem. Padmé havia passado na frente de Panás três vezes antes de ser identificada.

Após vários minutos de pequenos ajustes, Rabé e Yané anunciaram que todas estavam prontas, então elas saíram para a sala de jantar. As damas de companhia teriam um lugar à mesa dessa vez, intercaladas com vários representantes governamentais. Era uma mostra de confiança deliberada da parte de Padmé. Ela estava dando a seus convidados a oportunidade de descobrir algo muito importante a seu respeito. A única questão era quem faria a conexão intuitiva e o que faria com essa informação. Se fosse completamente honesta, Padmé diria que mal podia esperar para descobrir quem seria.



O primeiro jantar oficial da rainha Amidala depois de eleita para o trono foi, em todos os sentidos, um sucesso. Ela havia considerado o cardápio

cuidadosamente, certificando-se de destacar as iguarias de Naboo sem sobrecarregar seus convidados com muito peixe. Embora fosse uma proteína básica em Naboo, os outros planetas no setor não sustentavam muita vida aquática e ela sabia que a textura podia ser estranha. O arranjo dos lugares foi ajustado de última hora para deixar Bibble perto de Olan Carrus de Behpour, quando a amizade deles ficou aparente. Embora isso tivesse deixado Carrus perto do pé da mesa, ele pareceu apreciar o gesto. Padmé sentou-se na cabeceira com a governadora Kelma de um lado e Nitsa Tulin, a representante de Chommell Menor, do outro.

Os outros representantes alternavam com as damas de companhia aparentemente de forma aleatória, mas não foi por acidente que Saché tomou um lugar com uma clara visão do rosto de Tobruna e Tulin. Padmé confiava muito em suas observações. Sabé ficou ao lado de Harli, que acabou sendo muito mais social do que elas pensavam. Com o passar do tempo, foi Harli quem manteve a conversa, passando sem esforço de assunto em assunto. Foi maravilhoso de ver e tirou um grande peso dos ombros de Padmé, pois ela não sabia se Amidala seria uma boa anfitriã.

— ... e então o rebanho inteiro se virou e estavam apenas eu e meus primos idiotas em seu caminho — Harli disse, contando uma história sobre a migração anual dos silpaths em Jafan.

— O que você fez? — Sabé perguntou, fascinada.

— Bom, tinha uma árvore — Harli disse. — Então fiz meus primos subirem o mais rápido possível antes de eu subir também. Não era bem uma árvore. Juro, alguns dos silpaths tinham chifres mais altos, mas pelo menos não estávamos no chão com seus cascos.

Carrus fez uma pergunta sobre a quantidade de um rebanho e como isso afetava a dieta em Jafan, o que foi ótimo para distrair a todos quando seguiram para a varanda, enquanto a sobremesa era servida, para espairecer e apreciar a luz aquática que Padmé havia encomendado.

Com o passar da noite, enquanto Bibble contava sobre suas aventuras em todos os seus planetas, Padmé não ficou tão distraída a ponto de não notar Harli flertando descaradamente com Sabé. O que a surpreendeu foi o quanto Sabé flertou *de volta*. Nada inapropriado, é claro, e era possível que os adultos pensassem que elas estavam apenas se conhecendo discretamente, enquanto os demais conversavam sobre algo entediante, mas Padmé enxergava a verdade. Ela não tinha certeza se Sabé estava explorando uma vantagem ou se havia uma atração genuína, e não sabia como poderia descobrir sem fazer a pergunta parecer uma ordem superior. Seu relacionamento com suas damas de companhia estava progredindo muito *bem*. Ela não tinha antecipado isso.

Quando os pratos estavam sendo retirados, Sabé chamou sua atenção. Ela não deixou transparecer nada, seu rosto tão neutro quanto se estivesse na orquestra, e Padmé retornou o favor não colocando em seus olhos uma pergunta que ela não sabia se deveria fazer. Então Harli disse algo e Sabé chegou mais perto para ouvir, e o momento acabou. Tobruna arrastou Padmé para uma discussão sobre grav-bol com uma entusiasmada Eirtaé.

Finalmente, era hora de se despedir de todos. Eles se reuniriam pela manhã do dia seguinte para começar as discussões de verdade, e Padmé mal podia esperar.



— Bom — Sabé disse quando tudo já estava guardado e elas estavam todas confortáveis em suas camas. — Isso vai ser mais interessante do que eu pensava.

CAPÍTULO 12

— **S**EI QUE NÃO poderemos convencer a todos no setor depois de um único encontro de reuniões — Amidala disse, ao final de seu discurso de boas-vindas. A suave luz da sala do trono cintilava nas lantejoulas azuis e verdes de seu vestido, mas isso e as joias em seu ornamento da cabeça eram os únicos enfeites. — Mesmo assim, espero que possamos encontrar um lugar para começar.

Quando a governadora Kelma se levantou para dar uma resposta em nome dos convidados, Saché observou a sala do trono. Embora Naboo fosse tecnicamente o planeta principal no setor e o único que elegia uma rainha, naquele dia Amidala se sentava em uma cadeira igual à de todo mundo, e o gesto não passou despercebido. Nitsa Tulin ainda parecia entediada e mal prestava atenção, mas tanto Harli quanto Tobruna estavam visivelmente satisfeitos por ver Amidala sentando-se no mesmo nível deles. A única pessoa contrariada era o capitão Panás. Havia o pequeno fato de que dois blasters estavam escondidos no descanso de braço do trono de Naboo. Enquanto isso, o trono em si ficava na antessala, esperando que Padmé o requisitasse de novo.

— Desculpe, capitão — Amidala disse quando ele a confrontara sobre isso. — Não fiz de propósito, juro. Havia tantas outras coisas para organizar e as cadeiras pareciam uma boa ideia. Esqueci completamente dos blasters.

Panás olhou feio para Eirtaé, que definitivamente não esquecera.

— Por favor, não faça isso de novo — foi tudo o que ele disse.

— Não farei — a rainha prometeu.

A agenda do primeiro dia foi decidida muito antes da chegada dos representantes, e era a mais simples possível. Eles se reuniram no meio da manhã para permitir aos dois representantes com hiper-lag um tempo para se adaptarem e, depois do discurso de boas-vindas, cada pessoa teria alguns minutos para abordar os problemas específicos de seus planetas. O governador Bibble não esperava surpresa alguma, mas nenhuma das damas de companhia — que observavam de seus lugares atrás do círculo de cadeiras — estava tão indiferente. Harli começou a rodada de discursos.

— Vossa Alteza, prezados representantes, observadores — esse último foi direcionado especificamente para Sabé, que corou e abaixou a cabeça para que o

capuz escondesse mais o rosto —, o planeta Jafan esteve sozinho por quase três séculos. Sabemos que ainda não somos tão bem estabelecidos quanto Naboo, mas certamente temos nossa própria cultura e tradições. Vossa Alteza sabia que existem mais de três mil cidadãos de Jafan em Naboo agora mesmo, excluindo os presentes? — Padmé sabia, mas entendia o motivo de Harli dizer em voz alta. — Além disso, quase todos são artistas. Nós transbordamos cultura, meus amigos, e tudo acaba vindo para cá.

Harli continuou, dando detalhes sobre a demografia e as disciplinas dos artistas que estavam deixando o planeta. O problema não era que Jafan não tinha interesse em sua própria cultura, mas que Naboo tinha interesses semelhantes, assim como mais consumidores em potencial. Era, simplesmente, mais lucrativo ser um artista de Jafan em Naboo do que em seu próprio planeta.

— Por favor, corrija-me se eu estiver errada — Amidala disse quando Harli voltou a se sentar. — Mas parece que isso é uma questão de acessibilidade e comércio. Se pudermos facilitar a mobilidade de pessoas e obras de arte entre planetas, isso ajudaria?

— Seria um começo — Harli disse. — Infelizmente, a maior parte das obras de arte de Jafan não são exatamente portáteis.

Padmé se lembrou de algo sobre raspas de giz em encostas de morros e vastas estruturas rochosas que podiam ser vistas da órbita. Proprietários de terras poderiam encomendar as obras, então os artistas de Jafan podiam incorporar a paisagem para criar peças de grande impacto.

— É claro — ela disse. — Perdão. Talvez algum tipo de programa de intercâmbio?

— Você mesma falou que não podemos consertar tudo hoje — disse Harli. — E não espero que você consiga. Além dos aspectos práticos, existe uma boa dose de preconceito entre nossos planetas, e todas as trocas culturais no quadrante não vão conseguir mudar isso para certas pessoas.

— Acha que, se nos tornarmos parceiros comerciais regulares para, digamos, grãos e afins, nossos povos se acostumariam com a ideia de trabalharmos juntos? — Bibble perguntou.

Padmé se esforçou para não estremecer. Para um político de carreira, às vezes Bibble podia ser incrivelmente pouco sutil. Era uma grande parte de seu charme e a razão para tantas pessoas confiarem nele, mas isso ainda a surpreendia de vez em quando.

— Boa jogada, governador — Harli disse, com um sorriso no rosto. — Acho que caí direitinho nessa. É possível. Mas não sei se seria fácil convencer o diretor a ceder comida. Já se passaram trezentos anos, mas ainda mantemos um estoque de suprimentos muito apertado.

O espaço foi aberto para o próximo representante e as conversas continuaram. Nitsa Tulin passou sua vez de falar, e Olan Carrus disse que não tinha nada a acrescentar. A população de seu planeta era pequena, ele admitiu, e a razão de estar ali era dar um relato preciso do que havia acontecido na conferência. Padmé aceitou aquilo com serenidade, e então chegou a vez de Tobruna.

— Temo que os problemas de Kreeling sejam de uma natureza um pouco mais séria — ele começou. — Embora entendamos que o setor seja famoso por sua arte acima de tudo, somos nós os encarregados da produção de uma matéria-prima fundamental. Um tratado ultrapassado requer de nós que vendamos primeiro a Naboo e aos outros planetas do setor a um preço fixo, o que significa que eles sempre recebem o minério de alta qualidade a um preço abaixo do mercado. Quando nossos comerciantes são autorizados a sair pela galáxia, resta para eles apenas o material inferior.

Todos precisavam ter muito cuidado com suas respostas àquela colocação. Uma coisa era prometer apoio para uma comunidade de artistas e outra era falar rapidamente sobre a principal fonte econômica de um planeta, mesmo naquele estágio inicial em que ninguém fazia nenhuma promessa oficial.

— Entendo a hesitação de Vossa Alteza — Tobruna disse. — Nós assistimos à cobertura das eleições e sabemos que você se orgulha de sua compaixão. Sei que gostaria de oferecer imediatamente a solução mais fácil e não vou pressioná-la a fazer qualquer proposta comercial hoje, ou mesmo amanhã.

— Nós agradecemos a sua compreensão e sua generosa avaliação de nosso caráter — disse ela. — Você está correto. Agradecemos o tempo para considerarmos nossa resposta.

Tobruna fez uma reverência e se sentou. Isso deu a Padmé mais alguns momentos para pensar no que iria dizer.

— Naboo é o seu mercado principal? — ela perguntou. — E nós requeremos todo o seu minério de alta qualidade?

— Vocês são — confirmou Tobruna.

— Usamos o minério na construção de naves — Bibble disse, consultando suas anotações. — A maior parte, pelo menos. O resto vai para a manufatura de instrumentos musicais.

— E isso requer alta qualidade? — Amidala perguntou.

Ninguém sabia, então Padmé arriscou olhar para Sabé. Elas fizeram contato visual e Sabé discretamente negou com a cabeça.

— Uma de minhas acompanhantes é uma habilidosa instrumentista que toca hallikset — Amidala disse. — Sabé, você pode nos dizer?

— Vossa Alteza. — Sabé dobrou os joelhos levemente. Era a primeira vez que Padmé pedia conselho a uma dama de companhia quando estavam na presença

de outras pessoas. — Pela minha experiência, o minério de alta qualidade não é necessário. O brilho do metal é desejado, mas não obrigatório.

Yané tossiu discretamente e ajustou o capuz sobre o rosto antes de retornar a mão para a lateral do corpo. Padmé se lembrou de que, em questão de dias após as damas de companhia aparecerem na corte com a cabeça coberta, o estilo delas de se vestir se tornara moda em todo o planeta.

— Isso pode não ser tão difícil de mudar — Amidala disse. — Principalmente se convencermos novos músicos de que um instrumento com menos brilho é favorecido pelo palácio.

Tobruna sorriu.

— Eu não teria pensado nisso — ele disse. — Estou ansioso para ver suas soluções quanto à questão dos preços, se serão tão criativas assim.

— É apenas uma posição preliminar, claro — complementou Amidala. — Mas todos precisamos começar em algum lugar.

A governadora Kelma tinha o último discurso da manhã.

— Sei que Naboo está encarando sua própria falta de mão de obra — ela começou —, mas Karlinus está passando por uma dificuldade semelhante. Temos muitas pessoas vindo para fazer o trabalho normal de um ano inteiro, mas são os empregos sazonais que estão sofrendo. Eles pagam o mesmo, mas é difícil convencer alguém a se mudar se você não puder prometer um trabalho regular.

— As pessoas de Naboo que queremos contratar são aquelas de quem Vossa Alteza não sentiria falta — Kelma continuou. — São os jovens estudantes que acabaram de sair da escola e que ainda não decidiram se vão querer ser aprendizes ou a que ofício querem se dedicar. E eles seriam úteis para nós. Seriam bem pagos e, quando retornassem, seriam capazes de se estabelecer de qualquer modo que desejassem.

— Minha mãe fez isso em Karlinus — Padmé comentou. Na verdade tinha sido Sola, sua irmã, mas tão poucos estudantes faziam essa viagem agora que, se ela especificasse alguma pessoa jovem, alguém poderia descobrir quem ela era. — Ela sempre fala muito bem da experiência. Sei que era uma boa tradição e espero que possamos ressuscitá-la.

— Se for possível — Kelma disse —, então poderemos conversar sobre grãos.

Padmé assentiu e Bibble tomou aquilo como sua deixa para encerrar a reunião. Como suspeitava, eles resolveram quase nada, mas ao menos estavam conversando, o que era o começo que ela esperava conseguir.

— Foi incrível testemunhar, senador. — Panás não estava esperando uma ligação de Palpatine, mas, quando o senador o surpreendeu, no começo da noite do primeiro dia da conferência, ele ficou mais do que satisfeito em atender. — Vê-la falando com os outros e realmente ouvindo. E fazendo progresso! Mesmo sendo apenas o começo da reparação das relações. Até suas damas de companhia ofereceram conselhos.

— Que conquista incrível — Palpatine disse. — Espero que ela não tenha sido dramática demais e prometido direito ao voto na próxima eleição.

Panás riu.

— Sabe, sinto que ela respeita demais a soberania deles para fazer isso. Foi o que a fez tão eficaz, eu acho. Hoje ela não foi a rainha. Ela foi simplesmente a anfitriã.

— Um setor Chommell unido seria uma força formidável — Palpatine comentou. — Existem várias coisas que eu mesmo gostaria de fazer, mas temo que minhas mãos estejam cheias demais, representando o setor longe de casa.

— Se a rainha conseguir o que deseja, você não precisará esperar muito — disse Panás. Ele percebeu que estava falando sobre a conferência por um longo tempo e que Palpatine era uma pessoa ocupada. — Desculpe, senador. Ligou por alguma razão específica?

— Na verdade, não — respondeu Palpatine. — Só estou tomando um momento para checar com um velho amigo. Mas fiquei feliz por ter ligado para você. Tão inesperadas e emocionantes são essas notícias de casa.

Panás bocejou, sem conseguir esconder por trás de sua luva. Ele havia chamado guardas a mais, mesmo assim ficara acordado pela maior parte do tempo desde a chegada dos representantes.

— Não quero atrapalhar o seu descanso, capitão — Palpatine disse. — Estou feliz por tudo estar indo bem.

— Obrigado, senador — agradeceu Panás, e Palpatine encerrou a ligação.

Darth Sidious considerou suas opções. Os eventos no setor Chommell eram completamente inesperados. Ele não pensava que a rainha Amidala poderia conseguir esse tipo de realização no curto período desde sua eleição. Seria a última vez que ele a subestimava. Mesmo se ela conseguisse unir o sistema, ele ainda poderia usar isso para sua vantagem. Comerciantes de minério e caçadores de silpath não eram um desafio maior para o lado sombrio do que a própria Amidala. Mas ele teria de mudar sua linha do tempo. Chega de perder tempo no

plenário do senado esperando que projetos de lei fossem aprovados. Ele moveria as peças diretamente e, se isso lhe custasse algumas peças do tabuleiro, bom, ele tinha muitas outras de onde essas tinham vindo. Era hora de a Federação de Comércio parar com seus exercícios militares, mover sua força invasora para fora dos confins de Geonosis e começar a trabalhar.

CAPÍTULO 13

SABÉ NÃO RETORNOU PARA a suíte com a rainha quando deixou a sala do trono, no segundo dia da conferência. Não havia um jantar formal naquela noite, então ninguém precisava se preparar para nada. Padmé estava ansiosa para uma noite sossegada em sua sala de estar, discutindo as impressões sobre as conversas do dia. A ausência de Sabé não a impediu de se vestir com uma túnica mais confortável, ao estilo das damas de companhia e se acomodar para seu chá, mas Padmé rapidamente descobriu que sentia sua falta. As outras tentaram distraí-la.

Demorou quase meia hora até Sabé entrar. Ela estava um pouco sem fôlego, como se tivesse andado rapidamente para voltar ao quarto. Ou talvez por alguma outra razão, mas isso não era da conta de Padmé.

— Você se perdeu nos corredores? — Rabé perguntou docemente.

— Cala a boca — repreendeu Sabé. Ela olhou para Padmé em busca de apoio, mas Padmé se recusou a olhar de volta.

— Que bom que você cuida tanto das *relações* — Eirtaé disse. Yané ficou corada e Saché pareceu desconfortável. Ela vinha enfrentando uma dor de barriga o dia todo e não estava nem um pouco de bom humor.

— É bom vocês serem legais comigo — Sabé disse. — Tenho uma oportunidade para nós.

Isso ganhou a atenção de todas.

— Afeto Neurotransmissor está passando no Theed Odeon hoje — falou Sabé. — Um dos primos de Harli canta no coral com eles, então ela consegue nos fazer entrar.

Eirtaé soltou um som ininteligível de animação e Yané fechou a boca com a mão.

— Harli Jafan nos convidou para um concerto? — Padmé perguntou.

— Bom, mais ou menos — afirmou Sabé. — Ela convidou a mim. Não oficialmente. Mas disse que o resto de nós também poderia ir. Imagino que ela quis dizer as damas de companhia, não a rainha, mas não há motivo para que uma criada do palácio também não possa ir.

— Fora de questão — Padmé disse. — De jeito nenhum nós conseguiríamos passar pela porta, muito menos deixar o palácio.

— Não tenha tanta certeza — falou Rabé. — Ainda nem começamos a planejar. Aposto que conseguimos pensar em algo.

— E se houver uma emergência?

— Então nós lidamos com isso — Sabé disse a ela. — A menos que não queira ir. Seria bem mais fácil planejar sem você.

Isso acendeu um fogo no coração de Padmé.

— Eu definitivamente vou com vocês, se vocês forem.

— Eu ficarei aqui, se fizer alguma diferença — Saché disse. — Não estou me sentindo bem, de qualquer maneira, e nunca fui fã de lugares lotados e com som alto.

— Vamos trazer um souvenir para você — Sabé prometeu graciosamente. — Agora, sugestões?

Padmé ouviu enquanto elas planejavam, sentindo-se estranhamente desconectada. Sim, Afeto Neurotransmissor era incrivelmente popular, mas não havia motivo para ser tão imprudente e ir assistir em pessoa. A menos que Sabé de fato gostasse de Harli. Se fosse o caso, Sabé teria de manter segredo e isso certamente não seria divertido. A menos que acabasse gostando de Harli *mais*. Padmé se recusou a pensar nisso. Não havia razão para ter ciúme ou duvidar da lealdade de Sabé. Elas estavam simplesmente indo ver um concerto, como garotas normais. Uma noite. Elas conseguiriam planejar.

Rabé rejeitou quatro sugestões antes de elas pensarem em algo que fosse plausível. Sabé, Yané e Eirtaé iriam para o concerto com Harli, saindo às vistas dos guardas pela porta da frente do palácio. Elas não vestiriam as túnicas das damas de companhia, mas usariam as roupas mais discretas possível. Enquanto isso, Rabé e Padmé seguiriam para a biblioteca da rainha, supostamente para fazer uma pesquisa a pedido de Amidala. Os guardas não as incomodariam, e Rabé desceria Padmé com uma corda pela parede antes de descer ela mesma.

— E como vamos voltar? — Padmé perguntou. Não adiantava nada uma viagem só de ida.

— Vou escalar a parede e depois puxar você de volta.

— São cinco andares! — Yané protestou.

— Você tem uma ideia melhor? — Rabé disse.

Yané foi até uma das gavetas no lado da sala e procurou nela por alguns minutos.

— O capitão Panás ficou irritado por você não deixar os guardas ficarem aqui dentro, então ele tomou algumas medidas — ela disse. Ela encontrou e mostrou triunfalmente um disparador de gancho preso a um cabo. — Viu? Muito mais fácil do que escalar.

— Ele vai nos matar — Padmé previu. — Mas não vou deixar isso me

impedir.

Elas se vestiram. Era divertido fazer mais do que um penteado e Padmé ficou contente por não precisar usar as presilhas apertadas debaixo de uma peruca. Eirtaé tomou um tempo para encaracolar seus cabelos, já que raramente podia exibi-los. Rabé e Padmé vestiram túnicas sobre suas roupas, Rabé escondendo o cabo do gancho debaixo da saia. Cada uma pegou alguns créditos da carteira de Padmé, para o caso de alguma emergência, e guardaram em vários bolsos — no caso de Sabé, em suas botas.

Antes de saírem, elas se certificaram de que Saché estava o mais confortável possível. Ela estava encolhida sozinha na cama de Padmé, sentindo-se desolada e miserável demais para se mover.

— Se o seu estômago continuar doendo pela manhã, vamos chamar um droide médico — Yané disse, tirando uma mecha de cabelo de seu rosto. Saché não recuou, o que era algo novo. — Não pode ser comida estragada. Você não está vomitando e nós comemos as mesmas coisas.

— É melhor vocês saírem — Saché disse. — Sei que o Afeto Neurotransmissor sempre tem um incrível show de luzes na abertura.

As três garotas que obviamente iam assistir a um concerto saíram primeiro. Padmé podia ouvi-las rindo com os guardas no corredor — era a primeira vez desde sua chegada no palácio que as damas de companhia vestiam roupas diferentes, e podia ser a primeira vez que qualquer pessoa tinha a oportunidade de imediatamente distingui-las. Rabé as fez esperar quinze minutos, então ela e “Saché” seguiram para a biblioteca.

— Por que elas podem ir a um concerto enquanto vocês duas precisam ficar aqui lendo sobre minérios? — um dos guardas perguntou quando Rabé explicou para onde estavam indo.

— Ah, nós ficamos de propósito — Rabé disse. — Nós duas não gostamos de lugares lotados. Uma noite de sossego lendo um pouco faz muito mais o nosso estilo.

O guarda sacudiu a cabeça, mas as deixou passar sem mais perguntas. Padmé manteve a cabeça abaixada e torceu para ninguém notar que ela era uns bons cinco centímetros mais alta do que Saché.

Uma vez na biblioteca, Rabé tirou sua túnica de dama de companhia e a dobrou rapidamente. Padmé fez o mesmo, um pouco mais devagar, também deixando as túnicas em uma cadeira no canto da sala. Rabé abriu a janela e disparou o gancho em uma viga.

— Isso aguenta nós duas — ela disse. — Você vai precisar pisar no parapeito e colocar seus braços ao meu redor, depois vou baixar nós duas.

— Achei que você fazia e vendia falsificações — Padmé disse. — Como

aprendeu a fazer tudo isso?

— Bom, você não pode falsificar uma coisa se nunca a viu antes.

Padmé não tinha pensado nisso. Ela pisou no parapeito ao lado da ex-ladra de obras de arte e colocou os braços ao redor de sua cintura.

— Pise comigo no três — Rabé disse. — Um, dois, três!

Padmé se segurou nela e deu aquele primeiro passo no ar. Por um segundo, ela estava caindo, e então o cabo as sustentou. Rabé as baixou até o chão e apertou o botão de retração. O cabo se desprendeu e desapareceu, então Rabé guardou o disparador debaixo de um conveniente arbusto. Ela a guiou pelo caminho entre os jardins, sussurrando instruções sobre como ter certeza de que passariam pelos pontos cegos do sistema de segurança. Um rápido salto a deixou no topo do muro do jardim, depois ela puxou Padmé para cima.

— Essa é a parte difícil — Rabé admitiu. — Quando cair no poço seco, dobre os joelhos ao aterrissar. E, pelo amor da fruta jogan, não morda a língua.

Rabé deslizou até a beira do muro e desceu. Mesmo pendurada na ponta dos dedos, estava a uma distância considerável do chão. Ela rolou ao aterrissar e se levantou rapidamente, limpando a grama das mãos. Padmé se esforçou para replicar o movimento, sem rolar, e acabou perdendo o ar dos pulmões quando aterrissou. Ficou sentada ofegando por alguns momentos, então Rabé a ajudou a se levantar.

— Por favor, depois me ensine como fazer isso do seu jeito — ela disse quando recobrou o fôlego.

— Vou colocar na lista — prometeu Rabé, sorrindo. — Mas você se saiu bem.

— Obrigada — Padmé agradeceu.

As duas garotas se apressaram. Elas deveriam encontrar as outras na entrada VIP do Odeon e não queriam deixá-las esperando. Não era uma distância muito grande e havia uma multidão para se misturar assim que chegaram à via pública principal. Padmé sorriu, apesar do peito queimando. Fazia tempo que não ficava perto de tanta gente, e sentira falta disso.

Sabé acenou para elas na entrada e apresentou Padmé para Harli como uma criada que Rabé havia trazido.

— Quanto mais, melhor — Harli disse. — Venham, vamos ver que assentos meu primo conseguiu para nós.



Os assentos eram bem perto. E não eram exatamente assentos, eram mais um lugar na área de dança VIP. Isso definitivamente não era o que Yané esperava e

ela ficou muito satisfeita em ficar na beira da pista de dança e observar o palco. Eirtaé ficou muito interessada no sistema de iluminação e também não tinha desejo algum de dançar. Rabé disse que tinha dois pés esquerdos, algo de que Padmé duvidava muito, mas não se importava o bastante para discutir.

Harli tirou Sabé para dançar assim que o show de luzes de abertura terminou. Os atores subiram em colunas antigravidade quando a música mudou e começaram a dançar para a música ironicamente chamada “Desça daí” enquanto a plateia tentava imitá-los na pista de dança. Sabé e Harli se moviam bem juntas e Padmé quase se esqueceu de assistir à banda. Ela não gostava dessa sensação. Não achava que fosse ciúme — não inteiramente. Antes de Harli chegar, Padmé sabia em que pé ela e Sabé estavam. Sabé havia sido a primeira das damas de companhia, era a melhor em substituí-la e aquela que se arriscaria, caso houvesse algum perigo. E, naquele momento, Padmé não tinha certeza de como Sabé se sentia sobre essas coisas.

Ela deveria simplesmente perguntar. Se fossem garotas normais, ela perguntaria. Era como aquelas primeiras semanas quando nenhuma delas reclamava e simplesmente ficavam mais e mais irritadas umas com as outras. Mas elas não eram normais. E, embora Padmé pudesse perguntar como amiga de Sabé, não tinha certeza se deveria perguntar como rainha. Não, ela teria de esperar Sabé contar. E Padmé não gostava nem um pouco disso.

A música mudou, o ritmo se alterando levemente, mas não diminuindo muito enquanto os feixes sônicos de energia sólida reforçavam a batida. As luzes mudaram de cor e a multidão aplaudiu quando o palco foi envolvido em disparos de plasma de Naboo. Sabé se aproximou e agarrou a mão de Padmé, puxando-a para a pista de dança. Elas se moveram juntas e, por um momento, tudo estava como deveria ser. Então Harli apareceu segurando seu cotovelo, com um monte de bulbos iridescentes nas mãos.

— São brilho-lírios — ela disse, gritando para ser escutada na multidão. — Cada seção da plateia tem uma frequência de ativação diferente. Peguei algumas para todas nós!

Harli sacudiu os bulbos para misturar os elementos químicos. Ela abriu um e entregou para Sabé. As luzes principais se apagaram, e o Odeon tremeu com som e cores, mas, quando Harli abriu o segundo bulbo para Padmé, ele se quebrou e a cobriu com um líquido que brilhava no escuro.

— Nossa, desculpe! — Harli gritou. — Mas agora você não precisa se preocupar em se segurar em alguma coisa!

Padmé tentou limpar o líquido do rosto, mas apenas sujou ainda mais as mãos. Yané apareceu com uma echarpe e uma garrafa de água, mas nem mesmo isso foi suficiente para limpar totalmente as manchas.

— Vamos precisar lidar com isso em casa — Yané disse diretamente em seu ouvido. — Quer ir embora?

— Não — Padmé disse. — Estamos nisso juntas e não vou arruinar a noite para todo mundo.

Yané parecia preocupada, então Padmé abriu um sorriso e as duas voltaram para o show.

Pelo resto da noite, sempre que Padmé olhava para Sabé, ela estava rindo.

CAPÍTULO 14

PANÁS CONSEGUIU JANTAR COM sua esposa pela primeira vez em vários dias. Foi um pouco antes de ela sair para seu turno e ele não pôde preparar nada especial em tão pouco tempo, mas pelo menos conseguiram ver um ao outro. Panás contou a ela o máximo que podia sobre as discussões. A transcrição pública só ficaria pronta em alguns dias, mas mesmo trabalhando à noite, Mariek acabaria ouvindo algo pelas fofocas do palácio, e Panás preferia que ela ouvisse da boca dele. Estavam prestes a comer o pão de feijão-denta que a cozinha havia preparado para o primeiro dia da conferência quando o comunicador de Panás emitiu um sinal com um alerta que ele ouvira apenas uma vez antes.

Depois de a rainha ter se recusado a permitir guardas em seus aposentos pessoais, Panás havia tomado algumas medidas de segurança que não contara a ela. Havia armas escondidas na poltrona da janela, por exemplo, o que incluía uma variedade de coisas que ajudariam a rainha a escapar ou lutar, se a ocasião pedisse. Havia vários sensores que podiam detectar uma brecha no perímetro e vários outros para diferentes tipos de disparos de armas. Também havia um sensor do qual a rainha *tinha conhecimento*, porque certa vez Eirtaé o disparara quando estava costurando e furou o dedo com uma agulha. Era esse alarme que tocava agora: aquele que detectava sangue.

Mariek já estava de pé antes de seu marido. Ela já estava vestida para o trabalho, exceto por sua jaqueta. Não parou para pegá-la quando seguiram para a porta. Panás nem parou para colocar os sapatos. Ela segurou o ombro dele assim que entraram no pátio do quartel.

— Não corra — ela sussurrou.

— Eu sei — ele murmurou entre dentes. Não é como se alguém que o visse vestido daquele jeito não fosse ficar alarmado, mas eles tinham convidados, e correr pelos corredores do palácio atrairia muita atenção. Padmé tinha as garotas com ela. Ele podia ser profissional.

Os dois andaram o mais rápido que podiam.

O corredor da suíte da rainha estava silencioso. Os quatro guardas de plantão estavam em seus postos. Eles se endireitaram quando Panás apareceu e, quando viram seu desalinho, entraram em alerta. Panás não parou para falar com eles.

Abriu a porta da suíte.

As salas estavam vazias e escuras. Havia apenas uma luz baixa perto da lareira. Havia uma estranha calma, e Panás não queria ficar calmo. Ele tinha uma prioridade: Amidala.

Ele invadiu o quarto, e a garota na cama se levantou e gritou.



Mariek seguiu Panás para dentro do quarto da rainha. Os dois pararam imediatamente quando ouviram o grito e Mariek se virou para acender a luz. No centro da cama estava Saché. Ela estava pálida e ofegante. Eles a tinham assustado.

— Onde ela está? — Panás rugiu.

Saché recuou. Ela piscou, tentando acordar o mais rápido que podia.

Mariek tocou o ombro de Panás.

— Deixe-me cuidar disso, meu amor — ela disse. — Vá dizer aos guardas no corredor que não houve emergência nenhuma.

Panás obviamente pensava que *havia* uma emergência, já que a rainha claramente não estava em seu quarto, mas ele obedeceu mesmo assim.

Mariek se sentou na beira da cama.

— Ele está irritado porque o alarme o tirou de um pão de feijão-denta quentinho — ela disse. Saché riu da ideia do capitão Panás escolhendo uma sobremesa em vez do dever. — Foi o alarme de sangue, e acho que não foi um acidente de costura dessa vez.

Saché pareceu confusa por um momento, depois conectou os pontos entre suas cólicas e o alarme. Ela olhou debaixo dos lençóis e seu rosto se tornou vermelho-vivo.

— Nós guardamos os absorventes no banheiro — ela sussurrou, querendo que a cama a engolisse inteira e a fizesse desaparecer. — As instruções estão no pacote. Eu posso me virar sozinha.

— Vou cuidar da lavanderia — Mariek disse.

Panás esperava por ela no corredor. Ele olhou para o lençol que ela carregava, consideravelmente perplexo.

— Onde elas guardam as roupas? — perguntou, como se tudo estivesse normal.

— O que está acontecendo? Onde está a rainha? — ele questionou.

— Ainda não cheguei nessa parte — Mariek disse. — Você quase matou aquela pobre garota de susto, depois ela quase morreu de vergonha. Apenas nos

dê alguns minutos.

Panás observou enquanto Mariek depositava o lençol no cesto e pegava um conjunto de roupas de cama limpo. Ele procurou nos registros do guarda-roupa até encontrar as coisas de Saché e solicitou um pijama limpo para ela. Depois levou tudo de volta para o quarto da rainha. Panás estava com os nervos à flor da pele.

— Imagino que ela não esteja ferida, ao menos? — ele perguntou.

— Ela está bem — Mariek disse. — E você é um idiota por colocar um sensor de sangue no quarto de uma adolescente.

Panás fez várias conexões ao mesmo tempo e teve a decência de parecer se sentir culpado depois.

— Nunca disparou antes — ele murmurou.

— As garotas mais velhas provavelmente tomam supressores — Mariek disse. — Você sabe, como literalmente toda guarda que passa pelo ciclo. Nós somos pessoas ocupadas, Quarsh.

— Vou pedir desculpas por assustá-la. Assim que ela me disser onde está a rainha.

Saché saiu alguns minutos depois. Estava vestindo um roupão e parecia incrivelmente embaraçada. Manteve os olhos nas botas de Panás.

— Tem um concerto no Odeon — ela disse, sem ninguém perguntar. — É para lá que elas foram.

— Como conseguiram sair? — Panás exigiu saber.

— Sabé, Yané e Eirtaé saíram com Harli primeiro. — Saché fez uma pausa. Ela não queria revelar um segredo, mas não havia como evitar. — Rabé e Padmé saíram pela biblioteca.

— A biblioteca — continuou Panás, extremamente calmo — fica no quinto andar do palácio.

— Yané encontrou o disparador de gancho algumas semanas atrás — Saché disse, apontando para a poltrona da janela. — Foi isso que usaram.

Mariek fez um som muito parecido com uma risada suprimida e Panás cobriu o rosto com as mãos.

— Vamos fazer o seguinte — ele disse, depois de pensar um pouco. — Não vamos causar uma cena. Você vai ligar para a rainha e dizer para ela voltar. Ela vai entrar do mesmo jeito que saiu para não transformarmos isso em um espetáculo.

— Entendido — Saché sussurrou.

— Como ela está disfarçada? — Mariek perguntou quando isso lhe ocorreu. — Se estão com Harli Jafan, ela deve ter tomado algumas precauções.

— Elas foram como elas mesmas — Saché disse. — Ninguém sabe quem são.

Hoje são apenas garotas comuns.

— Ligue para ela, agora mesmo — falou Panás.

Saché tirou seu dispositivo do bolso e o segurou na palma da mão. Pelo menos aquela noite não podia piorar.



Padmé levava seu comlink no bolso. Ela o havia ajustado para vibrar o máximo possível. Não havia como ouvir no meio do concerto, mas ela podia sentir. Não esperava que alguém fosse ligar, mas, quando o comlink vibrou contra sua perna, sabia que só podia ser uma pessoa.

Ela ativou o dispositivo e uma Saché em miniatura apareceu na palma de sua mão. Padmé não conseguia ouvir no meio do barulho da música, mas Saché falou de um jeito claro o bastante para ela ler seus lábios.

— Volte para casa — ela disse. — Fomos descobertas.

Certo. Isso seria divertido.

Padmé chamou a atenção de Rabé. Rabé entendeu a situação imediatamente e foi reunir as outras. Sabé ainda estava na pista de dança com Harli, então elas não a interromperam.

— Padmé e eu vamos voltar — Rabé declarou quando Padmé atualizou a todas sobre a situação. — Vocês duas esperam por Sabé e depois voltam com ela.

A volta para o palácio não foi tão excitante quanto escapar dele. Panás estava dando a elas uma chance de preservar a própria dignidade — e o disfarce da rainha —, e Rabé não desperdiçou essa chance. Encontrou o cabo do gancho e passou as duas pela janela sem problemas. Elas vestiram suas túnicas de dama de companhia e saíram para encarar a música.

Os guardas no corredor estavam cuidadosamente neutros. Nenhum deles tinha certeza do que estava acontecendo e Padmé agradeceu a discrição deles ao não tentarem descobrir agora. Rabé abriu a porta da suíte e entrou.

— Estamos na sala de estar — Saché avisou.

Padmé tomou um momento para se recompor.

— *Não* o deixe passar por cima de você — Rabé sussurrou.

— Não vou deixá-lo passar por cima de *nós* — Padmé respondeu.

Quando foi até a sala de estar, estava vestida como dama de companhia, mas era a rainha Amidala até a ponta dos dedos. Rabé seguiu alguns passos atrás, como se fosse um passeio normal pelo palácio, e, em vez de se sentar, parou atrás de Padmé.

— Nem sei por onde começar — disse Panás. Ele já havia passado pelo calor da fúria e agora estava no meio de uma fria zanga. Estava fazendo todo o possível para mantê-la segura, e ela havia praticamente jogado tudo de volta na cara dele.

— Nós tivemos uma oportunidade de estreitar os laços com a delegação de Jafan — Padmé disse. — Considerei que era um risco adequado.

— Não me venha com essa, Alteza. — Panás se segurou em sua educação para não começar a gritar com ela. — Poderia ter feito isso no palácio. Poderia ter convidado qualquer entretenimento que quisesse. Em vez disso, passou por seus guardas, escalou cinco andares, de algum jeito conseguiu passar pelo muro do jardim e saiu sem nenhuma segurança!

— Capitão Panás, você sabe que isso não é verdade — Padmé contrapôs. — Você mesmo treinou minhas guarda-costas.

Ela usou a palavra muito deliberadamente.

— Não é a mesma coisa! — exclamou Panás.

— É sim — Padmé rebateu. Pela primeira vez, ela liberou todo o peso de suas emoções sobre ele: raiva, frustração e uma determinação tão sólida que quebraria rochas. — Esse era o ponto. Elas renunciaram a família delas e o próprio nome e reputação, e fizeram isso voluntariamente, porque acreditam na sua ideia do que podemos ser. Você nos treinou e nos deu a capacidade de nos defender. Nós trabalhamos para nos tornar um grupo fluido e adaptável, e somos poderosas, capitão. Mesmo que não seja o tipo de poder com que está acostumado.

Panás recuou, surpreendido. E um pesado silêncio se instaurou por vários momentos.

— Você vai fazer coisas que eu não gosto, capitão — continuou Padmé. — E eu vou fazer coisas que você não gosta. Mas, no fim das contas, um de nós é a rainha eleita de Naboo, e farei meu trabalho do jeito que eu achar melhor. Vou ouvir seus conselhos da mesma maneira que ouço os conselhos de todos, mas às vezes vou agir contra aquilo que você me disser. E você terá de fazer o seu trabalho e me proteger de qualquer maneira.

— Como posso protegê-la, se não sei onde está? — ele perguntou.

— Você me deu cinco protetoras. Terá de confiar nelas também.

Panás olhou para Rabé atrás dela, a garota que ele achou que conseguiria controlar. O olhar seco dela disse a ele tudo o que precisava saber. Aquela não era uma luta que ele podia vencer.

— Entendo, Vossa Alteza — disse Panás. — Da próxima vez que quiser sair em uma aventura, primeiro me informe. Farei todo o possível para que possa acontecer.

— Eu agradeço sua dedicação, capitão. — Ela deixou que ele ouvisse seu

afeto agora, e o respeito, já que tinha recebido as emoções negativas antes.

— Estou atrasada para meu turno — Mariek disse, conseguindo quebrar a tensão no ar. — E Saché provavelmente quer voltar para a cama.

Ela ajudou o marido a se levantar e eles se retiraram. Rabé se sentou e colocou os pés sobre a mesinha.

— Eu arruinei o lençol — Saché disse, como se fizesse perfeito sentido. — E você está coberta de glitter.

Provavelmente foi culpa da adrenalina, mas Padmé chorou de tanto rir.

CAPÍTULO 15

O GLITTER NÃO SAÍA. Yané tentou de tudo para limpar as mãos de Padmé, mas nada funcionava. Eirtaé analisou os elementos químicos e tentou criar um limpador que não dissolvesse a pele de Padmé até os ossos, mas até agora não havia tido sorte.

— Tente aplicar a maquiagem por cima — Rabé sugeriu.

Yané tentou, mas não adiantou. A maquiagem que elas usavam como corretivo funcionava bem no rosto de Padmé, mas rachava sempre que ela mexia os dedos. Yané tentou uma aplicação mais leve, mas não foi suficiente para cobrir o glitter.

— Já é de dia — Saché protestou. — Como pode ainda estar brilhando?

— É uma receita secreta — Eirtaé disse a ela. — Tive que invadir o banco de dados do fabricante para encontrar os ingredientes.

— Você não pode sair desse jeito — advertiu Yané. — Harli vai reconhecer você imediatamente.

— Luvas? — Rabé sugeriu.

— Não com um representante de Kreeling aqui — Yané disse a ela. — Não é exatamente uma regra, mas é uma diretriz cultural que devemos seguir, se quisermos manter nossa boa relação com Tobruna.

Houve um momento inteiro em que nenhuma delas entrou em pânico.

— Então vai ter de ser Sabé — Eirtaé disse. — Ela é a única que tomou o seu lugar em público e a voz dela é a melhor. Vai ser preciso falar muito hoje.

Sabé ergueu os olhos de onde ela vinha desembaraçando fios de contas de um dos ornamentos de cabeça mais ridículos da rainha.

— Como é? — ela disse.

— Eirtaé está certa — Padmé concordou. — Você terá que ser a rainha hoje e vou assistir as reuniões da galeria, como uma criada. Se eu mantiver minhas mãos dentro das mangas, ninguém vai perceber.

— Isso não é a mesma coisa que enganar os guardas ou tomar o seu lugar em um desfile — Sabé disse. — É trabalho de verdade. Com sérias ramificações.

— Estou ciente — afirmou Padmé. Sua voz saiu um pouco fria. — Quando saímos para o concerto, eu sabia que poderia haver consequências, e aqui estamos. Hoje, você é a rainha.

Isso serviu como uma declaração, e as garotas começaram a trabalhar.

Padmé e Sabé trocaram de lugar. O vestido do dia era bastante formal. O vermelho profundo era equilibrado com tons de cinza, e o ornamento da cabeça tinha mais uma vez o tradicional formato de leque. Rabé e Yané, que acompanhariam a rainha até a sala do trono, vestiam um laranja-vivo outra vez. Aquela cor vinha rapidamente se tornando seu tom principal, e a vitalidade do tecido as ajudava a desaparecer. Saché ajudou Padmé e Eirtaé a vestirem a túnica de um azul discreto e mangas largas, e todas cobriram a cabeça com o capuz.

— Ainda bem que está na moda — comentou Padmé.

— Você acreditaria se seu dissesse que não estou surpresa? — Yané perguntou.

— Sim — Padmé disse, sendo honesta até a alma. — Acredito.

Sabé se aproximou enquanto Padmé aplicava a maquiagem que disfarçaria sua aparência.

— Desculpe — ela disse.

— Não é culpa sua se a tampa quebrou — Padmé respondeu.

— É culpa minha que você estava lá — Sabé disse.

— Faço minhas próprias escolhas, Vossa Alteza — continuou Padmé. — Você sabe disso.

Parecia que estavam fazendo as pazes, mas Padmé teve a sensação de que estava apenas piorando as coisas. Mas não havia tempo para mais nada. Todas tinham lugares para ir.

A galeria estava quase cheia. A assembleia legislativa havia parado de enxergar a conferência como um capricho da rainha logo depois que a primeira transcrição pública tinha sido liberada. A resposta da população em geral havia sido favorável e agora os congressistas estavam curiosos para ver como tudo terminaria. Padmé e as outras tinham lugar na seção reservada como criadas, o que também significava que qualquer pessoa que precisasse passar uma mensagem poderia chamá-las.

Depois de duas horas de discussões finais, um representante chamou a atenção de Padmé. Não havia como passar a mensagem para Saché ou Eirtaé sem levantar suspeitas, então ela se levantou e foi ver o que era.

— Por favor, leve isto para a cozinha — pediu o representante. — Vamos sair mais cedo do que pensávamos e quero me certificar de que os cozinheiros tenham a contagem certa para hoje à noite.

Pela primeira vez, Padmé se perguntou por que eles não tinham um sistema mecanizado para esse tipo de coisa. Não seria difícil enviar uma breve mensagem via comunicador e, embora Padmé fosse perfeitamente capaz de levá-la, não queria perder a conferência. Tantas coisas no governo de Naboo eram

daquele jeito: um conjunto de tradições que funcionava como os créditos da República, valiosos apenas porque todos já tinham concordado que valiam alguma coisa. Mas isso significava que havia pontos fracos para serem explorados e nenhuma defesa contra eles. Se Padmé não entregasse a mensagem, haveria um número incorreto de cadeiras no jantar. Não era um grande problema, mas ela estava começando a se perguntar de que outras maneiras o sistema poderia ser explorado.

Padmé memorizou a mensagem do representante e depois saiu da galeria. Ela voltaria assim que possível. Já que não estava mais ali para ouvir, não ficou sabendo que, logo após sua saída, a rainha Amidala pedira um breve recesso, e também não viu Harli Jafan discretamente se retirar da sala do trono.



Padmé estava voltando da cozinha quando foi flagrada.

— Aí está você! — Harli disse, atrás dela e perto demais. — Quando não a vi com a rainha hoje de manhã, achei que não encontraria mais você.

Padmé congelou. Estava usando seu próprio rosto, apesar de o capuz e a maquiagem disfarçarem a maior parte. E aquela garota havia chegado mais perto do que qualquer pessoa de ver através do disfarce da rainha. Ela havia contado o número de damas de companhia na sala e percebido que Sabé não estava entre elas. Ninguém pensaria em olhar para a rainha, é claro, mas outra garota de túnica no corredor do palácio, de mesma altura, era um palpite lógico. Ainda mais quando aquela garota tinha deliberadamente aprendido a se mover da mesma maneira.

— Tive um trabalho diferente hoje. — Padmé falou o mais baixo possível. Rabé dissera que vozes baixas eram mais fáceis de confundir. A voz da rainha precisava ser alta, então aquilo exigia muito dela. Virou-se para ficar meio de frente para Harli, mas manteve a cabeça baixa e o capuz por cima.

— Eu só queria dizer que tive uma noite incrível ontem — Harli disse. — Primeiro achei que ficar com suas amigas estragaria o clima, mas elas também são muito divertidas.

— Foi um bom concerto — Padmé disse. Nunca se sentira tão exposta em toda sua vida.

— Você está bem? — Harli perguntou. — Teve problemas?

— O capitão Panás se preocupa demais — Padmé admitiu.

Harli riu, depois estendeu as mãos e tomou os cotovelos de Padmé. Ela se moveu muito rápido para Padmé desviar e a puxou um pouco perto demais.

— Olha, não sou muito boa nisso e sei que nós literalmente vivemos em mundos diferentes, mas gosto muito de você — Harli disse. O coração de Padmé acelerou, e não do jeito que Harli provavelmente pretendia. — Não conheço muito da cultura de namoro de Naboo, mas gostaria de lhe dar um beijo antes de ir embora.

— Oh, não — pediu Padmé. Foi um reflexo, foi absoluto e foi *cruel*. Ela se arrependeu imediatamente, mas não conseguiu pensar em nada mais para fazer. Ela se afastou.

— Oh — Harli disse. Ela parecia surpresa. — Você não vai nem olhar para mim hoje?

— Desculpe — Padmé disse. — Tenho que entregar uma mensagem importante.

Ela fugiu, deixando Harli sozinha no corredor e se perguntando o que tinha acabado de acontecer.

O resto da conferência passou sem incidentes, embora Harli tivesse falado muito pouco. A rainha presidiu um chá de despedida depois da última sessão, então cada delegação se retirou formalmente. Eles partiriam na manhã seguinte, mas aquele era o último evento oficial. As damas de companhia retornaram para a suíte e se prepararam para passar a noite relaxando depois de uma semana cheia. A manobra da dublê, até onde elas sabiam, havia funcionado sem problemas e todas estavam com vontade de celebrar.

Sabé não teve uma chance de olhar em seu comunicador pessoal ou de ter uma conversa particular com as outras até tarde da noite. Yané a havia ajudado a tirar o vestido e as outras tinham ido para a cama. Sabé percebeu que Padmé tinha algo sobre o que queria conversar e pensou que era apenas a rainha querendo avaliar seu desempenho naquela tarde. Quando finalmente teve um momento para si mesma, Sabé leu uma mensagem de Harli que a deixou confusa e logo com raiva quando percebeu o que tinha acontecido. Ela foi até o quarto de Padmé. Saché já estava debaixo das cobertas, mas Padmé ainda estava lendo.

— Acabei de receber uma mensagem muito estranha de Harli Jafan — Sabé disse com acidez. — E, francamente, estou surpresa por você não ter me dado nenhum tipo de aviso.

Padmé congelou. Ela baixou os documentos e deu atenção total a Sabé.

— Parece que ela tentou se despedir de mim hoje à tarde — Sabé continuou. Sua raiva entrava em ebulição dentro dela. Saché estava acordada, mas sem se

mover. — E eu fui muito rude com ela.

Harli tinha usado um linguajar muito diferente.

— Ela me surpreendeu — Padmé disse. Sua calma era completamente irritante, não por causa de seu controle, mas porque Sabé tinha certeza de que ela estava adaptando seu comportamento para a resposta de Sabé. Ela odiava ser manipulada. — Eu não estava esperando ser confundida com você. A ideia é que funcione ao contrário.

— E então você tinha de tratá-la mal? — questionou Sabé. — Consegue convencer um planeta inteiro a amar você, mas não pode tomar dois segundos para considerar os sentimentos dela?

— Eu deveria tê-la deixado me beijar? — indagou Padmé. Seu tom de voz aumentou. — Acha que ela ainda pensaria que eu era você então? Não acha que ela teria me reconhecido do concerto, já que ainda estou coberta de glitter?

— Eu não sei! — Sabé gritou. Ela estava ciente de que as outras estavam de pé atrás dela e moderou seu tom de voz para que os guardas não entrassem correndo. — Só achei que você podia, por um segundo, ser capaz de pensar em outra pessoa além de si mesma.

Não havia nada que ela pudesse dizer que machucaria mais Padmé, e ela sabia.

— Eu tentei, Sabé — disse Padmé, depois de um silêncio horrível. — Vi que você gostava dela e eu não sabia o que isso significava. Se eu fosse apenas sua amiga, eu poderia simplesmente perguntar, mas também sou sua rainha. Não posso ordenar que me conte sua vida pessoal, posso? Eu tinha que confiar que você me procuraria para me contar aquilo que eu precisasse saber. E você não fez isso.

— Você acha que eu revelaria segredos? — Sabé perguntou. — Realmente pensa tão pouco de mim?

— Não. Eu tenho muita consideração por você. Mas é mais difícil do que eu pensava ser sua amiga e sua governante ao mesmo tempo, e não posso fazer isso se você não me ajudar.

Sabé se sentou na cama. As outras vieram e se juntaram a elas, Saché encolhendo as pernas para dar mais espaço ao seu lado.

— Vocês queriam uma noite normal — Padmé disse. — E eu tentei dar isso a vocês. Achei que isso significava que minha versão criada iria junto com vocês, mas acho melhor evitarmos isso daqui em diante.

— Eu já havia ficado triste o bastante por Saché perder o concerto — Sabé admitiu. — Se você também não tivesse ido, não teria valido a pena.

— Achei que você queria passar mais tempo com Harli — falou Padmé.

— Eu queria — admitiu Sabé. — Ela é a primeira pessoa que gostou de mim

apenas por eu ser eu mesma. Mas isso não significa que eu também não queria passar um tempo com todas vocês. Fora desse maldito quarto.

— Bom, provavelmente não poderemos mais usar a biblioteca para escapar — Rabé disse com um tom mais leve. — Acho que Panás vai ficar de olho.

Sabé não conseguiu segurar uma risada. Elas não tinham resolvido nada, mas pelo menos identificaram o problema. Era um começo.

— Você pode ir, se quiser — ofereceu Padmé. — Não sei o que poderia dizer, mas você pode tirar a noite de folga.

Sabé ficou agradecida pela oferta, mas era tarde demais. E Harli havia deixado muito claro que não queria vê-la outra vez.

— Não — ela disse. — O que está feito está feito.

— Desculpe — Padmé disse. Era tudo que ela podia fazer, e não era suficiente.

— Saché, você pode trocar comigo hoje? — Sabé perguntou. Ela meio que esperava que Saché fosse recusar. Isso significaria ter de ficar no mesmo quarto que Yané.

— Só dessa vez — Saché sussurrou. Yané olhou para as próprias mãos. A noite seria profundamente desconfortável para todo mundo, aparentemente.

— Obrigada — falou Sabé. Ela sabia que era importante não dormir brava com Padmé, por mais que quisesse. Ela não queria conversar; mas, talvez, se estivessem no mesmo quarto, tudo se resolvesse por conta própria.

— Acho que a gente podia ir até a casa do lago, agora que o verão acabou — Padmé disse. — Ainda é cedo no meu reinado para tirar férias, mas acho que já conquistamos muitas coisas nesta semana e podíamos tirar uns dias de folga.

— Vou começar a planejar amanhã — ofereceu Yané. Ela bocejou. — Lá para o meio da tarde.

Todas saíram e Sabé entrou no lugar que Saché havia deixado.

— Você queria mesmo tê-la? — Padmé perguntou.

Sabé entendia o que ela estava fazendo, e o motivo, mas ainda não poderia consertar as coisas. Ela poderia fazer seu trabalho, mas só isso, por enquanto.

— Ainda não, por favor — ela disse. — Só quero conversar sobre política.

Padmé prontamente mudou de assunto.

BRAVURA

O TEAR A FEZ se sentir melhor. Havia várias versões mecanizadas diferentes para escolher, teares que faziam todo o trabalho e teares que deixavam você manter algum tipo de controle, mas Suyan gostava mesmo era dos manuais. Sem um computador para dizer se a tensão estava certa, ela precisava manter total atenção, e ela gostava de como o mundo se fechava ao seu redor enquanto tecia. Isso silenciava a agitação do mercado, para início de conversa, e às vezes aquele nível de barulho podia ser insuportável.

Hoje, eram cobertores. Muito simples, mas Suyan não tinha pressa. Cada um tinha um desenho diferente. Todos seriam enviados para o hospital de Theed em algum momento, mas isso não era razão para não apreciar o processo. Suyan adorava ver o tecido crescer sob seus dedos enquanto tecia com os fios, e ela nunca se cansava de como podia usar as cores para contar as histórias que ela queria na trama.

— Você que fez todos esses? — alguém disse.

Suyan parou e ergueu os olhos. Ela precisava enxergar para tecer e não gostava muito de ser interrompida. Já era tarde e ela já tinha fechado várias boas vendas. Queria terminar aquele cobertor antes de escurecer.

— Sim, fui eu que fiz — respondeu. — São para o hospital.

— São muito bonitos. — A pessoa era um homem alto de pele morena e ombros largos. — Do que são feitos?

— É um novelo que eu mesma preparo — Suyan disse a ele. — Eu enrolo com vários componentes, e o resultado é um cobertor leve, quente e que absorve a umidade.

Se notou que ela não deu nenhum detalhe particular, ele fez a cortesia de respeitar sua autoria. Algumas pessoas tentavam fazê-la revelar as combinações e, apesar de não se importar em compartilhar, ela não entregaria o segredo para qualquer um.

— Você consegue produzir tecidos para outras situações? — ele perguntou. — À prova d'água? Ou de fogo, talvez?

— Sim — Suyan disse sem considerar muito. Ela era jovem para ser uma

costureira mestra e ainda não havia recebido a designação oficial, mas era apenas questão de tempo. Ela conhecia muito bem os seus talentos. — Mas não sei o quão prático isso seria para um cobertor no hospital. Eles têm outros métodos de supressão de fogo.

— Não estou falando apenas de cobertores — ele disse. Ele ainda estava sentindo o tecido e ela percebeu pela maneira como o tocava que ele não entendia a qualidade do trabalho. Ela não tinha problema com as pessoas apreciando coisas por serem macias ou bonitas, mas suas perguntas não se encaixavam com o seu comportamento. — É preciso um novelo pesado para ter as características que você quer?

— A espessura facilita — ela admitiu. — Mas nem tudo precisa estar no fio. Existem resinas que podem ser usadas para tratar o tecido e ainda manter sua flexibilidade. E você provavelmente consegue fazer muitas coisas com bordados, se tiver o tipo certo de fio.

Ele considerou aquilo por um momento e ela pensou que ele continuaria andando. Em vez disso, ele voltou para o cobertor vermelho que ela havia terminado naquela manhã e o ergueu para ter certeza de que o acabamento estava bem-feito.

— Você sempre trabalha aqui? — ele perguntou, indicando o mercado em geral.

— Às vezes trabalho em casa — Suyan disse.

— Desculpe. Eu quis dizer, você sempre trabalha com o tear?

— Não — respondeu ela. — Tenho que enrolar meu novelo, como eu disse, e também tinjo a maioria dos tecidos.

— Isso é tudo que você sempre quis fazer?

Foi uma pergunta estranhamente direta e Suyan considerou o que dizer antes de responder.

— Sim. Estou feliz.

— Você consideraria outro emprego, se estivesse disponível? — ele perguntou.

— Nunca surgiu nada — respondeu Suyan.

Ele olhou diretamente para ela, parando de passar as mãos sobre as costuras do cobertor.

— Seria no palácio. Com muitas outras pessoas. Você não teria muito tempo para si mesma. Pode ser perigoso. E é muito importante.

Suyan pousou as mãos sobre o tear, soltando as bobinas e tirando os pés dos pedais. Ela percebeu que aquele homem definitivamente não a tinha encontrado por acidente. Ele não estava passeando no mercado até ser atraído pelas cores de seu estande. Ele sabia que ela estaria ali. Sabia o que ela fazia. Ele fora até

ali para fazer aquelas perguntas, embora já soubesse a maior parte das respostas. E tinha feito tudo isso de propósito.

— Sou uma costureira — ela disse.

— Você é uma artista — ele corrigiu. Era uma designação comum em Naboo, mas a maneira como ele disse deu um peso maior do que ela estava acostumada. — Você tem um conjunto de habilidades muito interessante e estou muito interessado em ver você atingindo todo o seu potencial.

— Costureiras não costumam ter empregos perigosos — ela disse. Mesmo tingir o tecido, que antes da automação era um trabalho quente e pesado, era relativamente seguro desde que você não fizesse nada estúpido.

— Esse emprego tem uma outra parte — ele admitiu. — Você seria responsável pelo bem-estar de uma pessoa de alto nível e espero que use todas as suas habilidades para mantê-la segura.

— Você é da segurança real — ela disse, cerrando os olhos diante dele.

— Capitão Quarsh Panás — ele se apresentou. — Sou o chefe da guarda pessoal da rainha Amidala.

A coisa sobre costurar cobertores para o hospital era que Suyan tinha a sensação de ter feito algo bom sem realmente se esforçar. Sim, era divertido fazer o trabalho e, sim, ela gostava de criar combinações de tecidos, mas a verdade era que fazia aquilo mais porque era confortável. Aquilo que o capitão Panás descrevia parecia aterrorizante. Suyan não precisava ser lembrada do poder de um bom tear, um bom fio, uma boa costura. Ela já sabia essas coisas. Só não estava acostumada com o reconhecimento desse poder.

Mas não tinha muita certeza de que ela, Suyan, seria boa em proteger alguém.

— Certo — ela ouviu a si mesma dizer. — Eu aceito.

CAPÍTULO 16

A RAINHA AMIDALA PASSOU a manhã na plataforma de aterrissagem, acenando educadamente à medida que seus convidados partiam. Ela estava acompanhada de uma única dama de companhia e um punhado de guardas. Ninguém perceberia apenas olhando para ela, mas Padmé estava exausta. Ao menos seu vestido ajudava na maior parte do trabalho, em termos de ficar de pé com as costas retas.

Panás olhava para o céu com uma expressão confusa no rosto.

— Capitão? — disse a rainha.

— Estamos recebendo alguns sinais inesperados das boias externas — ele disse. — Quem mais falta?

— Apenas a governadora Kelma — Saché respondeu. — Ela se voluntariou para ir por último porque tinha menos hiper-lag que os outros.

— Vou chamar seu piloto e dizer para começar a se mover — disse Panás. — Vamos precisar enviar algumas de nossas próprias naves para checar as boias.

— Como quiser, capitão — respondeu Padmé.

A nave de Karlini decolou assim que as checagens terminaram. O comunicador ainda estava aberto, e quando a nave saiu da órbita, Padmé ouviu alguém muito claramente.

— Mas o que é isso? — foi tudo que eles conseguiram ouvir antes de a nave sair do alcance, mas foi suficiente para deixar Panás ainda mais desconfiado.

— Eu gostaria que Vossa Alteza voltasse para o palácio — ele disse.

Padmé não considerou discutir aquilo.

Saché tirou seu comunicador e enviou uma curta mensagem para as outras, que com sorte ainda estariam na suíte. Elas haviam vestido Padmé em outro traje formal naquela manhã, uma roupa que seria visível de uma nave enquanto ela estivesse de pé na plataforma de aterrissagem. O vestido era vermelho, com uma larga saia e um tabardo elaborado que cobria seus ombros e o peito. Ao redor da saia, havia um anel de globos luminescentes laranja e amarelos. Não era exatamente um vestido para se locomover rapidamente, mas Padmé conseguiu fazê-lo, mesmo nos degraus. Na porta do palácio, parou e se virou para uma das guardas.

— Por favor, poderia encontrar o governador Bibble e pedir a ele que venha até a sala do trono? — Tradicional ou não, ela iria atualizar o sistema de mensagens. — O capitão Panás precisa passar um relatório.

Suas palavras foram deliberadamente discretas e Padmé percebeu que a guarda a entendeu de imediato. Ela saiu com pressa e Padmé continuou na direção da sala do trono. Tinha uma sensação ruim sobre aquilo.



Os comunicadores pessoais na suíte da rainha tocaram todos ao mesmo tempo, o que seria alarmante por si só. Quatro miniaturas de Saché apareceram em quatro palmas da mão, e imediatamente suas atenções se voltaram à mensagem.

— Fogo — foi a única coisa que ela disse antes de desaparecer.

Era um dos primeiros códigos que tinham criado. Em vez de ter uma única palavra que chamaria a todas em caso de uma emergência, elas tinham algumas diferentes para ajudar a identificar que tipo de emergência era. A cor da túnica que Saché vestia naquela manhã — no caso, tons laranja para amarelo — significava que elas precisavam aparecer como damas de companhia na sala do trono, assim que fosse possível.

Elas não se deram ao trabalho de trançar os cabelos. Em vez disso, túnicas foram vestidas e arrumadas no corpo, e todas tiveram de prender os cabelos sozinhas, da melhor maneira que podiam. Sabé seguiu na frente no corredor a passos largos. Mais ninguém parecia estar respondendo, então Amidala ainda precisava da discrição delas. As damas de companhia chegaram na porta da sala do trono e viram a rainha já sentada, com Saché ao seu lado. O resto delas correu para seus postos.

— Governador Bibble, obrigada — Amidala estava dizendo quando o governador entrou pelo outro lado da sala. — Sabemos que você pretendia partir esta manhã, mas o capitão Panás gostaria que estivesse presente.

— É claro, Vossa Alteza. — Bibble era um político experiente demais para mostrar sua irritação abertamente, mas ninguém podia culpá-lo por querer estar em qualquer outro lugar. Ele também teve uma longa semana.

— Vossa Alteza, governador Bibble. — Panás entrou apressado, suas botas fazendo barulho no chão de mármore, e parou no centro da sala. — Bem quando a nave da governadora Kelma estava saindo da órbita, nossas boias externas detectaram uma pequena nave desconhecida. Achamos que ela realizou uma varredura para analisar nossas defesas planetárias, mas todos sabem que não temos nenhuma. Não sabemos...

Um holograma apareceu sobre ele, então o capitão deu um passo ao lado para que a imagem ficasse mais clara. Mesmo sabendo que a pessoa não estava ali, ele não conseguiu evitar levar a mão até seu blaster.

— Vossa Alteza — disse o holograma. — Sou o vice-rei Nute Gunray da Federação de Comércio. Solicito que assine um tratado.

— Vice-rei, isso não é absolutamente nada ortodoxo — Amidala disse. — Não temos o hábito de assinar tratados com pessoas que acabamos de conhecer.

— De qualquer modo, Vossa Alteza assinará este — Gunray disse. — Está sendo entregue agora mesmo.

Sabé foi até o console e confirmou. O documento que o vice-rei mencionava havia aparecido na base de dados da rainha. Sua mão pairou sobre o botão para desconectar, mas ela esperou por um sinal.

— Vamos acrescentar à nossa agenda — disse Amidala — e entraremos em contato no momento oportuno, quando tivermos dado nossa total consideração.

— Você assinará — Gunray disse. — Ou sofrerá.

Ele desapareceu.

— Vossa Alteza — começou Panás, mas Padmé ergueu a mão.

— Capitão. Por favor, prepare seus guardas e o resto das Forças de Segurança. Sei que não temos muito em termos de segurança planetária, mas não vou ficar sentada sem fazer nada até entendermos o que quer esse vice-rei Gunray.

— Governador. — Ela se virou para Bibble. — Desculpe, mas preciso que permaneça no palácio por mais um tempo.

— Não é um tratado de verdade — Bibble disse. — Eles esperam que Vossa Alteza se entregue sem lutar.

— Eles estão errados — declarou Padmé. — Mas pode haver pistas no documento sobre quais são as intenções deles. Recomendo que você e sua equipe leiam rapidamente.

— Vou cuidar disso — ele disse. O governador se levantou, mas Padmé ergueu a mão outra vez para impedi-lo.

— Governador, quem em Naboo tem poderes para assinar tratados com estrangeiros de outros mundos? — ela perguntou. — Devo confessar, não estou familiarizada com a exata cadeia de precedentes, e gostaria que isso fosse esclarecido assim que possível.

— A rainha é a única pessoa com esse poder — respondeu Bibble.

— E se a rainha estiver ausente ou incapacitada?

— Eles precisam esperar sua recuperação ou retorno.

— E se a rainha estiver morta? — ela emendou, sem pestanejar.

— Então deve haver uma eleição, Vossa Alteza — Bibble disse, o desconforto óbvio em seu tom de voz e na maneira como apertava as mãos. — Isso nunca

aconteceu.

— Obrigada, governador — Padmé concluiu. — Vamos nos reunir em duas horas.



O tratado era, na opinião profissional de Sio Bibble, um monte de excremento de shaak. Naboo estaria se comprometendo aos caprichos da Federação de Comércio e não teria vantagem nenhuma com aquele acordo. Eles não podiam achar que a rainha fosse assinar.

Deviam ter outros propósitos mais sombrios. Bibble leu cada nota que conseguiu encontrar sobre quem tinha poderes para assinar em caso de emergência para saber se a sua afirmação original para a rainha estava correta. Se a Federação de Comércio buscava instalar uma rainha fantoche que seria mais simpática a suas exigências, isso seria outra questão. Tudo o que encontrou indicava a mesma coisa: ele estava correto. Apenas a rainha podia assinar, nada além de sua morte mudaria isso e, mesmo no pior dos casos, nada poderia acontecer até que houvesse outra eleição. Legalmente, eles ficariam bem.

Bibble começou a se preocupar com todos os caminhos não legais que poderiam fazer com que terminassem mal enquanto voltava para a sala do trono.



— Preciso falar com o senador Palpatine — Padmé disse. — Use o canal de emergência dele, se você conseguir encontrar.

— *Se* eu conseguir encontrar — Eirtaé resmungou. Em questão de segundos, ela havia preparado o comunicador e posicionado Padmé no lugar certo para a transmissão holográfica.

Independentemente da hora em Coruscant, Palpatine devia estar acordado, pois atendeu de imediato.

— Rainha Amidala? — respondeu ele, cintilando em azul diante dela. — Essa é uma surpresa inesperada.

— Temo trazer más notícias, senador — Padmé disse. — E nenhum tempo para gentilezas.

— Minha nossa. — Palpatine parecia um pouco sem fôlego. Talvez tivesse corrido quando ouviu o canal de emergência. — Por favor, prossiga.

— Nós recebemos uma comunicação ameaçadora do vice-rei Nute Gunray da Federação de Comércio — Padmé o informou. — Ele exigiu que eu assinasse

um tratado. Eu me recusei, é claro. E vou recusar novamente. Nós tivemos tempo para ler o documento e ele está pedindo que eu entregue o planeta inteiro.

— Eu temia que algo assim pudesse acontecer — Palpatine disse. — Mas nunca em meus sonhos mais extravagantes imaginei que aconteceria de verdade! Vossa Alteza, a Federação de Comércio está por trás de uma conspiração no Senado para mudar as tarifas sobre as rotas de comércio, e Naboo fica bem no meio da operação proposta por eles.

— As notícias que nos vinham eram de que as propostas de lei estavam sendo rejeitadas — Padmé disse.

— E estavam mesmo — confirmou Palpatine. — Parece que a Federação de Comércio está adotando uma abordagem mais extrema.

— O capitão Panás e os outros oficiais estão tomando todas as medidas possíveis — Padmé disse. — No momento, não há nada que possamos fazer, a não ser esperar. Eu quis lhe informar para o caso de você ter alguma sugestão.

— Vou levar a questão para o chanceler — disse Palpatine. — Sempre é melhor ir direto ao topo.

— Obrigada, senador. Agora preciso me retirar.

— Fique segura — tranquilizou Palpatine. — Vossa Alteza é importante demais para a perdermos.

Rabé encerrou a conexão.

— É hora de voltarmos para a sala do trono.

— Vocês estão todas bem? — Padmé perguntou antes de saírem outra vez. — Sei que esses últimos dias foram muito cheios.

— Estamos bem — Sabé respondeu em nome de todas. Era mais ou menos verdade.

A porta da sala de estar se abriu de repente e elas se assustaram.

— Vossa Alteza — Panás disse. — A Federação de Comércio está aqui. Em órbita. Eles estão bloqueando o planeta.



Darth Sidious olhou para o holograma de Naboo que pairava sobre sua mesa. Era um lindo planeta. Águas límpidas e árvores verdejantes, pedras amarelas e céu azul. Pessoas que não queriam nada mais da vida além de criar coisas bonitas que alegravam outras pessoas.

Ele queria se certificar de que o legado desse planeta nunca fosse esquecido.

E agora tinha meios para isso. Orbitando-o em um perfeito círculo, havia dezenas de naves em forma de anel produzindo um bloqueio. Cada uma era

altamente armada e com escudos ainda mais eficazes. E todas repletas de droides.

Ele ficou agradavelmente surpreso com a criatividade dos engenheiros Geonosianos ao projetarem a força invasora. Havia droides para cada patente e tarefa, assim como em um exército normal. Eles seriam capazes de dominar Naboo completamente, e podiam nem causar tantos danos ao planeta. Pelo menos não a princípio. Sidious preferia a completa destruição, mas uma profanação também serviria. O holograma brilhava, e ele tocou com o dedo o local onde Theed estaria, como se pudesse esmagar a capital.

O outro console, aquele em seu escritório público, emitiu um sinal alto o bastante para ele ouvir através da porta fechada. Provavelmente era o chanceler Valorum. Bem na hora.

CAPÍTULO 17

A PRIMEIRA SEMANA SOB o bloqueio da Federação de Comércio foi extremamente tensa e incrivelmente entediante. Na maior parte do tempo, não havia nada para fazer, a não ser esperar. Padmé passava horas na sala do trono, com vários funcionários do governo, teorizando sobre como Naboo poderia se defender e imaginando quais aliados poderiam ajudar. Todas as comunicações que eles enviaram foram respondidas de maneira pouco mais que vaga. Não havia dúvidas de que a Federação de Comércio estava ouvindo.

Ela nunca ficava sem suas damas de companhia. Ao menos duas delas sempre estavam ao seu lado, enquanto as outras se revezavam entrando e saindo da sala, em várias tarefas. Padmé começou a dar atribuições para cada uma delas em vez de esperar até que se recolhessem para dormir e falar com o grupo. Não era como o sistema deveria funcionar, mas elas precisavam se adaptar.

Não estava mais perto de fazer as pazes com Sabé, mas a dama de companhia parecia ter deixado todas as emoções de lado e se lançado aos seus deveres como se não houvesse nada mais a fazer. Padmé não podia fazer nada, a não ser também esperar por ela, embora toda aquela espera estivesse começando a lhe dar nos nervos.

O vice-rei se recusava a descer até o planeta e também não enviava um representante. Insistia que Amidala se juntasse a ele em uma de suas naves em órbita, mas isso obviamente estava fora de questão. Já que ela não cedia a suas exigências, ele começou a enviar emissários droides, todos carregando uma variação da mesma mensagem. Padmé enviou de volta cada um deles, sem resposta e sem assinatura.

Nenhuma nave tinha permissão para entrar ou deixar a atmosfera planetária. A Corporação Real de Caças Espaciais de Naboo não havia pressionado a Federação de Comércio para descobrir se eles realmente derrubariam as naves. Realizaram alguns exercícios na baixa atmosfera e receberam um alerta automático de um droide para não voarem muito alto, mas não viram nenhuma nave inimiga voando em formação. O impasse não deixava ninguém feliz, mas era melhor do que uma guerra total.

No sétimo dia do bloqueio, um transporte agrícola de Karlinus se aproximou

da linha orbital. A governadora Kelma tinha enviado o carregamento como sinal de boa-fé, um agradecimento pela reabertura das linhas de comunicação entre os dois mundos. Era uma quantidade relativamente pequena de grãos, mas o gesto simbólico era inconfundível. A nave teve a passagem recusada e foi forçada a seguir para Enarc, onde a carga foi estocada. Foi o primeiro teste real do bloqueio, e a Federação de Comércio prevaleceu.

— Quanto das plantações nós realmente colhemos? — Amidala perguntou a seu conselheiro agrícola, várias horas depois de o impasse acabar e eles aceitarem que a nave não pousaria no planeta.

— É mais complicado que isso, Vossa Alteza — Graf Zapalo disse. — A primeira colheita sempre é mais fraca, então escolhemos transformar a maior parte em fertilizante. Colhemos talvez um oitavo, e isso já foi replantado para a segunda metade da temporada de cultivo.

— Então quando a legislatura decidiu pela metade, isso significava a *segunda* metade? — Amidala perguntou. Ela deveria saber. Havia detalhes demais para acompanhar.

— É isso mesmo, Vossa Alteza — confirmou Zapalo. — Esperávamos que o primeiro carregamento de grãos vindo de fora do planeta chegasse dois dias depois de o bloqueio ser implementado, mas seria de um planeta aliado da Federação de Comércio, então começamos a procurar uma alternativa. Os grãos de Karlini teriam nos sustentado, mas não fará diferença se nada puder passar.

— Quanta comida ainda temos de reserva? — A voz da rainha fez a pergunta parecer fria, o que disfarçou a preocupação crescente de Padmé.

— No planeta? — Zapalo fez uma pausa para alguns cálculos. — Podemos sustentar a cidade de Theed por um mês.

— Naboo não é apenas a cidade de Theed — Amidala disse, uma repreensão gentil.

— É claro, Vossa Alteza. Se vamos sustentar o planeta inteiro, nossos suprimentos durariam uma semana. Cada base populacional possui suas próprias instalações de armazenamento, mas teríamos de suplementar com recursos da capital.

— Está dizendo que temos comida suficiente para uma semana? — Amidala perguntou. Parecia muito pouco tempo.

— Comida pública, Vossa Alteza — Zapalo disse. — Isso não leva em conta qualquer comida no mercado geral, ou o que os fazendeiros possuem em seus armazéns particulares.

Padmé estava prestes a perguntar se havia um consenso sobre esse tipo de coisa, mas se segurou. Ou existia, e ela já deveria ter estudado isso, ou não existia, e ela apenas faria Zapalo parecer tolo quando tivesse de admitir.

— Você tem algum plano de emergência para esse tipo de situação? — Amidala perguntou.

— Por região, sim. Mas a resposta é adaptada para desastres naturais, não bloqueios estrangeiros. Não temos um plano para o planeta inteiro ao mesmo tempo — veio a resposta.

— Eirtaé vai acompanhá-lo e ajudar a rascunhar um plano — disse Amidala. — Queremos algo que possa ser implementado ao fim do dia.

O conselheiro agrícola parecia querer protestar, mas Eirtaé gentilmente o guiou para fora da sala.

— Mais alguma coisa mudou? — Amidala perguntou.

— Os embaixadores do chanceler Valorum devem chegar amanhã — respondeu Bibble. — Seus assessores indicaram que eles se encontrarão primeiro com o vice-rei, mas, com o bloqueio, isso provavelmente era inevitável.

— Precisamos ter fé nos embaixadores — Amidala disse. — Yané, por favor informe a cozinha que vamos consumir rações, começando assim que possível. Se tivermos de fazer um pronunciamento para a população em geral, queremos dar o exemplo.

Yané fez uma reverência e deixou a sala.

— Imagino que você não consideraria se esconder até que tudo isso se resolva? — Panás perguntou.

— Não, capitão. Mas, como sempre, agradecemos a sua preocupação com nossa segurança.

— Valeu a pena tentar.

Padmé se vestiu para os embaixadores do chanceler com o mesmo cuidado que teria se as circunstâncias fossem melhores. Ela usou o vestido vermelho com a saia e ombros largos outra vez. Era o vestido mais fácil de usar que também era adequadamente suntuoso, feito com um desenho cuidadoso e acabamento em pele de potolli. Yané havia modificado o traje para que Padmé não precisasse mais de uma roupa de baixo. Ela vestia apenas um macacão, e o vestido sustentava a si mesmo. Isso deixava o traje mais leve e fácil de se mover. Yané fez um trabalho impecável em sua maquiagem e, quando o ornamento de cabeça foi posicionado, com a joia de Zenda pressionando sua testa, Padmé estava se sentindo quase confiante.

Todos seguiram para a sala do trono para esperar e passaram o tempo organizando os planos de racionamento. Quando duas horas se passaram, Padmé

enviou uma mensagem para Nute Gunray, lembrando-o de que ela sabia que já passava da hora de os embaixadores chegarem. O vice-rei parecia presunçoso demais.

— Vocês acham que embaixadores da República seriam suscetíveis a suborno? — ela perguntou para a sala quando a ligação se encerrou.

— Eu odiaria presumir demais — Bibble disse. — Mas nada é impossível.

— Liguem para o senador Palpatine — instruiu Padmé. — Talvez ele possa ao menos nos dizer quem foram os enviados.

O senador Palpatine estava disponível, mas sua imagem se desestabilizou antes que eles pudessem ter uma conversa real. Bibble imediatamente declarou aquilo que todos estavam pensando: uma invasão era iminente. Panás e o governador discutiram sobre como responder e, antes que pudessem tomar alguma decisão real, a decisão foi tomada por eles: as naves da Federação de Comércio já estavam aterrissando.

Não havia tempo suficiente para lançarem naves próprias. Os pilotos no hangar de Theed foram os primeiros alvos e o contato foi perdido imediatamente. As poucas naves que conseguiram decolar foram derrubadas antes que pudessem causar qualquer dano. Era apenas questão de tempo até que as tropas alcançassem o palácio.

Panás ordenou que todos se retirassem da sala do trono imediatamente: havia janelas demais e não era um bom lugar para se defender.

— Governador, recomendo que vá para seu escritório — instruiu Panás. — A guarda do palácio fará o possível para protegê-lo lá. Vossa Alteza, é hora de ir.

Bibble parecia aterrorizado, mas foi. Padmé seguiu seus guardas de volta para a suíte. Ela estava tão ocupada tentando calcular o tempo exato que levaria para arrombarem as portas do palácio que não percebeu o motivo de estarem indo para lá até um pouco antes de chegar. Então ela se virou e tomou a mão de Sabé.

— Qualquer coisa que tivermos de resolver vai ficar para depois — Sabé disse. — Desse ponto em diante, sou sua.

Foi um presente incrível. Padmé não achava que ela pudesse engolir seu orgulho desse jeito, e admirava Sabé tremendamente por isso. Essa era a razão, ela sabia, pela qual Panás havia recrutado Sabé, mas ainda era incrível de testemunhar.

A troca de lugares teria de acontecer mais rapidamente do que elas imaginavam. Sabé trocou sua túnica laranja por um vestido preto, todas as damas de companhia concentrando-se nela. Sozinha por um último momento precioso, Padmé se aproximou da janela do corredor. Os guardas deram espaço para ela pensar. Com o rosto solene, ela olhou para a cidade, memorizando a arquitetura ao mesmo tempo que os droides a destruíam, e fazendo promessas silenciosas

que ela não tinha certeza se poderia manter.

Padmé limpou o rosto da rainha antes de vestir uma túnica. Certificou-se de que as damas de companhia se voltariam para Sabé, não para ela, em busca de orientação. Aquele era o teste real — a primeira vez que faziam aquilo quando havia um perigo real, pessoal.

Sabé as conduziu para o terraço, chamando os guardas para se juntarem a elas, e todos esperaram pelo inevitável.



Jar Jar Binks estava tendo uma tarde terrível. Sim, o desastre sempre o perseguia; mas, naquele dia, a galáxia parecia levar isso a extremos.

O acidente decerto fora culpa dele. Geralmente, o caos que causava acontecia mais por sua má sorte, mas dessa vez ele *realmente* havia feito bobagem. Forçado a deixar Otoh Gunga e com medo de ficar sozinho nas águas profundas, Jar Jar tomou aquilo que pensou que seria uma decisão muito esperta. Subiu até a superfície. Havia decidido que iria se virar lá em cima enquanto o Chefe Nass esfriava a cabeça, depois tentaria voltar. Nada que um pouco de tempo não pudesse consertar. Ele simplesmente ficaria longe por um tempo.

Não esperava que sua primeira semana em Naboo acima das águas incluiria uma frota de naves aterrissando no planeta. As naves eram feias; não havia nenhuma graciosidade em suas formas. Eram quadradas, marrons e simplesmente desagradáveis.

Além disso, elas depositavam grandes tanques flutuantes que não olhavam por onde passavam e não se importavam com quem atropelavam.

O lado bom foi que alguém salvou Jar, e esse salvador era um Jedi. Os Gungans eram um povo provinciano, mas sabiam quem eram os Jedi e, se alguma confusão fosse acontecer na superfície, Jar Jar estava em boa companhia. O lado ruim era que o Jedi e seu aprendiz queriam que ele os levasse para a cidade subaquática, apesar de Jar Jar ter *acabado* de ser banido de lá. Tinham até respiradores para que pudessem lidar com as profundezas junto com ele.

E *então* acabaram tendo de atravessar o núcleo do planeta. Aquele estava sendo o pior dia de todos os tempos.

Quando as bolhas do bongo se abriram no rio de Theed, Jar Jar achou que nunca havia ficado tão feliz em ver algo que não fosse água. Por toda a sua vida, ouviu as histórias sobre como o povo de Naboo não era civilizado, mas as construções que ele via indicavam que eles deveriam ser ao menos razoavelmente inteligentes. Os prédios eram até que bonitos, embora fossem

retos e cheios de domos em vez de fluidos e curvados, e até havia algumas artes que ficariam bem em alguma exibição Gungan. O único problema era que a cidade estava coberta com mais daquelas naves marrons feias.

Quando conseguiram sair da água em segurança, tiveram de se mover cuidadosamente pela cidade para evitar as patrulhas de droides, algo que Jar Jar não era muito bom em fazer. Ele conseguiu manter suas trapalhadas ao mínimo, tropeçando apenas uma vez, e foi sobre uma pilha bem silenciosa de tapetes. Por fim, chegaram a uma pequena passarela sobre a rua, e o Jedi chamado Qui-Gon ordenou que parassem.

— Lá embaixo — ele disse.

Eles olharam cuidadosamente sobre a copa das árvores e viram uma estranha procissão. Vários droides escoltavam quase uma dúzia de pessoas vestidas com diversos uniformes. No meio estava uma pequena fêmea humana de vestido preto e maquiagem que Jar Jar teria reconhecido em qualquer lugar.

Os Jedi saltaram e atacaram os droides, e Jar Jar Binks os seguiu, direto para os braços do destino.

CAPÍTULO 18

— Somos corajosas, Vossa Alteza.

A escolha dos Jedi não foi fácil, e tudo dentro de Padmé gritava para que ficasse com seu povo. Ela ainda não tinha certeza se deveria confiar em Qui-Gon Jinn, mas sabia que Panás provavelmente acabaria morto se ficassem, e o governador Bibble parecia pensar que ir até Palpatine era a melhor chance agora que haviam sido invadidos, e Padmé concordou.

Não poderiam todos embarcar na nave. O espaço era repleto de limites difíceis que nenhuma negociação inteligente poderia superar. Havia apenas um momento para escolher quem ficaria e quem partiria, e nem foi Padmé quem tomou a decisão final. Todos olharam para a rainha e Sabé declarou que eles partiriam para Coruscant. Yané tomou a mão de Saché e seguiu para ficar ao lado de Bibble. Não houve nem tempo para uma despedida. Precisavam chegar até o hangar e, a partir dali, foram só tiros de blaster e manchas de carbono até se livrarem do bloqueio.

Com Naboo desaparecendo atrás deles, Padmé e Sabé não conseguiam impedir a sensação de que estavam apenas começando a encontrar situações além de seu controle.



A primeira coisa que os droides fizeram foi escanear a todos. Foi praticamente indolor, exceto pela pequena picada do teste sanguíneo, e depois eles foram jogados em uma pequena casa no pátio onde foram capturados.

— Vocês ficarão aqui até serem designados — disse o droide que parecia estar no comando. — Qualquer tentativa de fuga será respondida com violência.

Saché não planejava fugir.

Ela e Yané se sentaram juntas. Vários dos guardas andavam inquietos de um lado a outro, mas as garotas estavam perdidas em pensamentos. Naquele exato instante, a rainha tentava furar o bloqueio e elas não teriam como saber se tinham conseguido fugir, a menos que os inimigos decidissem contar. Depois de meia hora, um droide veio com uma ordem para remover o governador Bibble e

levá-lo de volta ao palácio. Ele saiu sozinho, e Saché só podia torcer para que ficasse bem.

Esperaram mais uma hora. Até o guarda mais inquieto parou de andar e se sentou. Yané chegou mais perto e, pela primeira vez, Saché não se importou. Ela não estava sozinha e, mesmo com seus sentimentos complicados, ao menos elas teriam uma à outra. Finalmente, a porta se abriu.

— De pé, humanos — o droide disse. — Venham comigo.

Eles foram escoltados através do centro de Theed e para dentro da praça do mercado. Tudo na praça havia sido destruído: as fontes, os bancos, as estátuas. Geralmente, o mercado fervia com vida e comércio, mas, no momento, os únicos sons eram o tilintar dos pés dos droides e vários barulhos que acompanhavam a rápida construção de uma pequena cidade de tendas.

— Vocês foram designados para o campo quatro — o droide informou. — Preparem-se para o encarceramento.

Foram conduzidos para uma das novas tendas e empurrados através de uma cortina. Dentro havia duas fileiras de camas e algo que parecia ser um banheiro coletivo aos fundos. Alguns guardas já estavam esperando lá dentro e Saché ficou aliviada por ver Mariek Panás entre eles. Mariek passou por todo mundo e olhou de perto para o rosto das duas.

— Ela conseguiu fugir? — ela perguntou, com a voz baixa.

— Dois Jedi nos encontraram — Saché sussurrou. — Se eles não conseguirem fugir do planeta, ninguém mais consegue.

Yané estava examinando a situação dentro da tenda com uma expressão séria. Era fácil ver que não havia camas suficientes. E ela duvidava que os droides fossem atender algum pedido. O mais cedo que Padmé poderia voltar era em três dias, e isso se tudo saísse perfeitamente bem na viagem, no Senado e na viagem de volta. Se levasse muito mais que uma semana, todos ficariam desconfortavelmente famintos e sedentos, a menos que a Federação de Comércio decidisse fazer algo para mantê-los vivos. A tempestade perfeita de falta de comida em Naboo e o bloqueio planetário ficaria ainda pior se também acontecesse uma falta de água. Era tempo de calor e o acampamento sem dúvida estava superlotado.

Mariek sussurrou com um jovem guarda de rosto largo e cabelos pretos. Ele assentiu e foi até a abertura da tenda. Claramente, ele fora destacado para ficar de vigia. Mariek fez um gesto para as garotas se aproximarem. Não sabiam até onde os droides podiam ouvir.

— O que vocês têm para relatar? — indagou Mariek. Ela percebeu que Yané vinha cuidando da logística.

— Ficaremos bem por alguns dias — afirmou Yané. — Mais do que isso, a

comida vai se tornar um problema. Ainda não localizei uma fonte de água, mas havia quatro fontes aqui no mercado, então deve existir algo em algum lugar.

— Isso dá conta desta tenda — disse um guarda que Saché não reconhecia. — E quanto ao resto?

— Faremos uma análise quando terminarem de erguer tudo — Mariek disse. — Não adianta fazer o inventário enquanto os droides ainda estão movendo as coisas.

— Precisamos descobrir quantos acampamentos são — disse o guarda na entrada da tenda. Ele tinha uma voz agradável.

— Os droides disseram que este é o acampamento quatro — interveio Saché.

— Parece que estão concentrando as pessoas de acordo com seus trabalhos — disse o guarda na porta. — Todos que vi neste acampamento até agora vestiam algum tipo de uniforme do governo.

— Onde está Bibble? — Mariek perguntou.

— Eles o levaram de volta ao palácio — Yané disse. — Provavelmente querem que ele fique por perto caso precisem de alguém para enviar uma transmissão.

Fora da tenda, os barulhos da construção pararam. Mariek foi até a entrada e abriu a cortina. O mercado inteiro estava coberto com lona e ela podia ouvir o burburinho confuso dos cidadãos aterrorizados. Havia droides por toda parte, mas eles não pareciam se importar que seus prisioneiros andassem por aí, desde que ficassem longe dos limites estabelecidos no mercado com explosivos.

— Certo — Mariek disse. — O acampamento foi montado em um sistema de grade, o que facilita dividir em quadrantes. Veja se conseguem uma contagem de pessoas em cada área e uma ideia geral de quem está aqui, depois reportem. Ah, e também encontrem a fonte de água.

— E quanto aos droides? Não acha que devemos monitorar suas patrulhas e ver o que podemos descobrir sobre as defesas deles?

— Uma coisa de cada vez, sargento Tonra — respondeu Mariek. — Pessoas primeiro, depois vamos nos preocupar com os droides.

Saché começou a andar até a entrada da tenda, mas Mariek a pegou pelo colarinho e a puxou de volta.

— Não vocês duas — ela disse. Yané começou a protestar e Mariek ergueu a mão. — Sei do que são capazes. Preciso que encontrem uma maneira de registrar tudo sem que os droides notem. Vocês duas ficarão encarregadas de analisar toda a informação que juntarmos para descobrir o que podemos fazer.

Com isso, ela os deixou. As duas damas de companhia ficaram olhando uma para a outra por um momento.

— Por favor, diga que você vestiu a roupa de baixo hoje de manhã — Yané

disse. O tecido cor de fogo estava incrivelmente limpo, embora isso parecesse menos importante agora. Para combater manchas de suor, Yané havia projetado um traje íntimo com seda Karlini laranja. Mas às vezes as garotas não o usavam, pois acrescentar uma camada extra era quente demais.

— Eu vesti — Saché disse.

— Ainda bem — comentou Yané, puxando sua túnica por sobre a cabeça. — Vou precisar das suas roupas.



Ninguém achava que limpar as manchas de carbono de um droide era algo divertido, mas Padmé não se importava. Valia a pena ter uma razão para ficar nas partes mais movimentadas da nave, em vez de ficar presa junto com a rainha. Era por isso que Sabé tinha dado a ela esse trabalho, embora Padmé soubesse que sua dublê achava aquilo profundamente engraçado. Todas elas foram contratadas porque conseguiam fazer várias coisas ao mesmo tempo, afinal de contas, e, se deixassem o desespero dominá-las, estariam realmente encrencadas.

Padmé esfregou o metal por um tempo antes de perceber que não estava sozinha. O Gungan, Jar Jar Binks, até que parecia simpático. Ela nunca havia encontrado um Gungan antes e duvidava que Jar Jar representasse toda sua raça mais do que Padmé representava a dela, mas um aliado era um bom começo.

— O que você acha, garoto? — ela perguntou para o droide que havia salvado a vida de todos dentro da nave. Falou baixo o bastante para Jar Jar não ouvir. — Assim que terminarmos de libertar nosso planeta da Federação de Comércio, acha que a rainha deveria tentar fazer as pazes com os Gungans? Eles certamente se lembrarão dela se ela conseguir isso.

O astromec azul emitiu uma série de bipes que pareciam uma afirmação, e Padmé sorriu para ele.

— Certo, então — ela disse. — Vou acrescentar isso na lista.



Não era nada pessoal, mas Sabé estava começando a realmente odiar Tatooine. O planeta era seco e, mesmo com o controle de ambiente dentro da nave, Sabé podia jurar que sentia o gosto da areia na boca. A pior parte era que ela precisava usar aquele enorme vestido preto e podia apenas observar enquanto Rabé e Eirtaé ajudavam Padmé vestindo os trajes mais simples que elas tinham: calças azuis e uma túnica.

— Vocês acham que o Jedi percebeu? — Sabé perguntou. — Supostamente, eles conseguem sentir as coisas.

— Tenho certeza de que o Mestre Qui-Gon está perto de perceber — Padmé disse. — Mas não deu nenhuma indicação de que vai nos impedir.

— Ele pode fazer isso quando você se lançar ao perigo — Rabé disse.

Nenhuma das damas de companhia estava particularmente satisfeita com o plano de Padmé e cada uma delas tinha certeza de que Panás o rejeitaria. Padmé insistiu que ele fosse consultado mesmo assim. Já que isso envolvia ficarem sozinhas com ele em uma nave lotada, foi preciso um pouco de trabalho, mas não havia tempo para discussões.

— Obviamente, não estou satisfeito por estarmos aqui — disse Panás, quando ela lhe perguntou. — Mas você me contou o plano antes de seguir em frente e agradeço por isso.

— O Jedi pode descobrir — Padmé disse.

— Podemos confiar na discrição dele depois — comentou Panás. — E entendo o motivo de você querer ver isso pessoalmente. Eu me sentiria da mesma maneira, se estivesse no seu lugar. Eu me sinto, na verdade, mas não tenho como voltar para casa mais cedo sem você, então o que estou tentando dizer é: por favor, tome cuidado, mas eu aprovo.

— Alguém está na rampa — Eirtaé disse, lembrando-lhes a urgência do momento. — É melhor nos apressarmos.

Elas soltaram o cabelo de Padmé, sem tempo de terminar de prender suas tranças. Sabé pensou em um milhão de coisas para dizer, mas não conseguiu encontrar as palavras. Ela queria pedir desculpas, queria fazer as pazes, mas elas nunca pareciam ter tempo. Tudo o que podia fazer era aceitar seu lugar, como sempre tinha feito.

— Vou tomar cuidado — Padmé prometeu. — Tentem se manter ocupados enquanto eu estiver fora. Vai fazer o tempo passar mais rápido.

— Eu queria bater um papo com aquele astromec, mas eles o levaram junto — Eirtaé reclamou.

— Veja se consegue fazer o piloto preparar um simulador de voo — Padmé sugeriu. — Isso não consumiria muita energia.

As garotas se animaram com a ideia de ter algo para fazer, mas Sabé ainda buscou a mão de Padmé quando ela passou por perto.

— Vou tomar cuidado — Padmé prometeu outra vez, apenas para os ouvidos de Sabé.

— É bom mesmo — Sabé disse. — Essa peruca coça muito e não quero vestir isso para sempre.

Era quase como se tudo estivesse normal.

Havia quase três mil pessoas amontoadas na praça do mercado, todas seguranças ou funcionárias do palácio. Ninguém da cozinha estava presente, o que era alarmante, mas os droides distribuíram rações quando o sol se pôs, e isso era melhor que nada. Mariek e o sargento Tonra se juntaram e prepararam uma agenda de tarefas, já que não podiam dormir todos juntos. Yané e Saché compartilhavam uma cama.

— Desculpe — Yané disse. Não havia nenhuma bagagem para arrumar, então elas simplesmente ficaram sentadas em um silêncio embaraçoso sobre as pilhas de tecido que Yané já havia juntado. — Sei que isso a deixa desconfortável.

— Eu nunca... — Saché hesitou. Então mordeu os lábios e continuou. — Eu nunca tive que passar tanto tempo com alguém que... quer dizer, eu queria agir de modo profissional.

— Entendo completamente — Yané disse a ela. — Mas é muito bom, enfim, poder falar disso abertamente.

— Eu preferia que não fosse no meio de uma invasão. Mas é, sim.

Yané passou a tarde desfiando seda. Embora Saché tivesse feito o possível para ajudar, Yané machucou as mãos no processo. A pressão repetitiva dos fios de seda deixou cortes vermelhos na pele macia entre seus dedos. Ela os limpou o melhor que pôde e os deixou expostos, porque as únicas ataduras que tinham já estavam sendo usadas. Empurrou o colchão fino da cama, expondo o estrado de metal, e enrolou um terço dos fios por toda a extensão, da cabeça ao pé da cama.

— Não é exatamente um tear — ela disse quando terminou. — Mas vai servir.

Ela pôs de volta o colchão na cama, cobrindo seu trabalho, e empurrou o resto da seda para baixo da cama. Também não era um esconderijo muito bom, mas aquele era o momento para fazer o melhor possível.

— Vamos tecer um código com o resto dos fios — ela explicou enquanto as duas tentavam dormir. Ambas estavam exaustas pelos eventos do dia, mas o sono não vinha. — Será algo simples, como o velho código de comunicação que aprendemos como um jogo de memória na infância. Algo que as pessoas vão entender e que passará batido pelos droides. E, por ficar debaixo do colchão, sempre estará escondido, se alguém entrar na tenda.

Era uma boa ideia, melhor do que qualquer coisa que Saché houvesse pensado. O chão de pedra era duro demais para raspar e não tinham nenhum giz, muito menos algum dispositivo pessoal.

— Está com medo? — Yané perguntou. — Você mal abriu a boca.

— Não tenho muita coisa para falar — Saché respondeu. — E, sim, estou com

medo. Não sei o que aconteceu com minha família ou meus amigos, e ainda não sabemos se a rainha conseguiu fugir do planeta. Eu apenas... às vezes gosto de ficar em silêncio, só isso.

— Eu sei — falou Yané. — É uma das coisas que gosto em você.

Saché corou. Em seus doze anos, nunca havia falado tão abertamente sobre seus afetos.

— Sei que você gosta de resguardar seus sentimentos — Yané continuou. — Não temos muita privacidade e eu respeito a sua. Mas queria que você soubesse. Eu gosto sim de você.

— Também gosto de você — Saché disse, tão baixo que só o colchão ouviu.



Em um mundo coberto de areia, com dois sóis escaldantes, um garotinho tirou os olhos de seu trabalho e viu um anjo.

CAPÍTULO 19

SACHÉ ESTAVA SENTADA PERTO da frente da tenda, vigiando tudo enquanto Yané trabalhava, quando os Neimoidianos chegaram. A situação no acampamento se deteriorara rapidamente. Havia uma distinta falta de saneamento e nunca havia água potável suficiente. Ninguém havia ficado doente ainda, mas era apenas questão de tempo. Como esperado, os estoques de comida na cidade estavam acabando e a Federação de Comércio não tinha pressa alguma em distribuir seus próprios recursos. Yané vinha tecendo sem parar desde que Mariek começara a receber relatórios, e logo ela teria um mapa completo e a rotação dos guardas costurados com seda debaixo de sua cama.

Saché tossiu duas vezes, um sinal combinado previamente, e ouviu o colchão caindo de volta no estrado antes de respirar de novo. Ela não olhou para trás. A cortina da tenda foi aberta bruscamente e um droide entrou.

— Você vem comigo — ele disse. Saché foi.

Fora da tenda havia três Neimoidianos. Dois deles ela reconhecia do momento inicial em que Amidala fora capturada. Atrás, parecendo muito abatido, estava o governador Bibble. Ele se animou consideravelmente quando viu que Saché não estava ferida.

— Vocês de Naboo dizem que têm muito orgulho e que cuidam muito bem de suas crianças, mas esta aqui estava no palácio quando nós atacamos e agora ela está aqui. Isso é culpa sua. — Nute Gunray não ganhava nenhum respeito à medida que continuava falando. — Você dirá para sua rainha que não consegue proteger nem mesmo uma única criança em sua ausência?

O droide colocou sua mão de metal sobre o pescoço de Saché. Ela sabia exatamente como uma disputa entre plastaço e vértebra humana terminaria, então não se mexeu. Saché imaginou como seria ficar realmente com medo e forçou lágrimas em seus olhos para ser mais convincente. Mariek apareceu do nada atrás dos visitantes, com Tonra ao seu lado, mas não havia nada que pudessem fazer.

— Direi a minha rainha qualquer coisa que você quiser — disse Bibble. Seus olhos se moviam entre Gunray e Saché, e ela sabia que as palavras dele eram destinadas a ela. — Posso garantir que ela não vai assinar o tratado.

— Diga para a rainha que a contagem de mortos é catastrófica — instruiu Saché. Ela usou um tom de voz mais agudo que o normal. Havia uma boa chance de que os Neimoidianos achassem que ela era mais jovem do que realmente era, e enganá-los para pensarem que estava aterrorizada não seria tão difícil. Ela conseguiu mais algumas lágrimas antes de o droide a soltar. Então caiu de joelhos e achou que até Rabé ficaria impressionada com sua atuação.

— Aí está, governador, está vendo? — Gunray disse. — Acha que Amidala é tão fria a ponto de ignorar isso? O seu povo ainda nem começou a *realmente* morrer e essa pobre criança já está aterrorizada. Venha, vamos terminar nossa visita pela instalação, depois enviaremos uma mensagem para a sua rainha.

Eles se retiraram, os passos do droide de escolta fazendo barulho no chão de pedra. Assim que dobraram a esquina, Saché se levantou e limpou os joelhos. Sua túnica já começava a cheirar mal e não havia razão para piorar. Tonra olhou para ela com uma considerável admiração.

— Eu disse a você que elas são boas — falou Mariek. — Entrem, vocês dois.

Yané esperava por eles dentro da tenda e jogou os braços ao redor dos ombros de Saché.

— Ah, sei que não havia motivo para ter medo — ela disse. — Mas fiquei tão preocupada.

— Estou bem — Saché disse a ela. — Bibble vai enviar uma mensagem para a rainha. Isso significa que eles sobreviveram!

— O que exatamente a rainha vai ouvir nessa mensagem? — Mariek perguntou, depois de claramente ter lido nas entrelinhas da conversa, embora ninguém mais tenha feito o mesmo. — Não acho que alcançamos níveis catastróficos ainda.

— *Contagem* é uma das nossas palavras de alerta. Eirtaé calculou que essa palavra não aparece muito frequentemente em conversas normais, então, quando ela ouvir, Amidala saberá que a mensagem vem de mim ou de Yané. Ela saberá que estamos vivas e que estamos fazendo o máximo possível, e saberá que deve continuar com sua missão.

— Acho que Eirtaé não esperava que fôssemos usar isso sob essas circunstâncias — Yané acrescentou. — Mas o capitão Panás queria que ficássemos preparadas, então... nós nos preparamos.

— Quando escreverem a história oficial desta era, espero que deem algum crédito a vocês — Mariek disse.

— A questão é que somos anônimas — objetou Yané. — Essa sempre foi a ideia.

Eles foram até os fundos da tenda e tiraram o colchão da cama. Yané explicou como havia tecido as informações na seda. Já que Mariek e Tonra haviam

aprendido os velhos códigos de comunicação quando eram crianças, enxergaram o padrão imediatamente. O trabalho final mostrava não só a rotação da guarda, mas também a localização de cada lugar onde havia uma fonte, todas as entradas para o sistema de esgoto e cada gerador de energia que eles conseguiram localizar.

— Precisamos distribuir isso para as outras tendas — Mariek disse. — A rainha vai voltar em algum momento e precisará de nós. Precisamos estar prontos para fugir, se conseguirmos, ou, no mínimo, ajudar, se formos resgatados.

— Se eu tivesse mais material, poderia tecer um pedaço de pano com a rotação da guarda — Yané disse. — Isso seria suficiente, não acha?

— E eu poderia distribuir enquanto ela trabalha — emendou Saché. — Os Neimoidianos já acham que sou uma criança assustada, e os droides nunca olham para mim duas vezes.

Eles passaram mais meia hora planejando os detalhes daquilo que Yané deveria tecer. Ficou decidido que qualquer plano de fuga precisaria ser mantido em segredo. Eles eram em sua maioria soldados, afinal de contas, e soldados sabiam seguir ordens. O tecido conteria apenas a rotação da guarda e Saché daria instruções verbais para memorizarem a informação e depois destruir o tecido.

— Ainda bem que vocês duas estão conosco — Mariek disse quando terminaram de planejar e Tonra saiu para tentar encontrar mais tecidos.

Saché entendia o sentimento, mas ainda podia sentir os dedos de metal frio em seu pescoço, e não conseguia realmente concordar.



— É mentira — disse o jovem Jedi. — Não envie resposta.

Ele se retirou da sala com pressa, sua túnica marrom esvoaçando dramaticamente, e a porta se fechou atrás dele.

— Bom, é *claro* que é mentira — explodiu Rabé. — Ele acha que somos idiotas?

— Ele acha que estamos escondendo coisas — Eirtaé disse. — E ele está certo.

O rosto de Sabé estava começando a coçar debaixo da maquiagem. Ela nunca tinha passado tanto tempo como a rainha. No palácio, elas usavam a mistura que Yané havia preparado, mas as tintas estocadas na nave eram de marca genérica e Sabé não gostava muito delas. Era uma coisa ridícula da qual reclamar, ela sabia, mas também era o seu *rosto*, então não havia como evitar. Fazer papel de rainha

estava começando a lhe dar nos nervos.

Além disso, a nave estelar podia ser chamada de real, mas tinha um estilo militar, o que tornava ir ao banheiro um pesadelo de logística.

Ela só queria sair e respirar ao ar livre, mesmo que fosse quente e cheio de areia. Panás havia proibido, e também houve uma tempestade de areia — nem Sabé estava tão desesperada. Ela não gostava de ser a pessoa no centro das atenções. Mesmo com Rabé e Eirtaé sabendo quem ela era, as duas ainda precisavam tratá-la como a rainha sempre que alguém estava por perto, e aquele distanciamento era perturbador.

Era assim que Padmé se sentia o tempo todo, Sabé percebeu. Por mais perto que as outras damas de companhia chegassem, assim que a maquiagem era colocada, os muros se erguiam, e Padmé tinha de confiar que, quando os muros caíssem outra vez, todos ainda gostariam dela. Foi por isso que o interesse de Harli em Sabé havia perturbado tanto Padmé: essa distância que Sabé não conseguia evitar mais do que a coceira em seu rosto.

— Acha que devíamos ter dito a ele o que a mensagem realmente queria dizer? — Sabé perguntou.

— Não — Eirtaé respondeu. — Não tenho certeza se ele acreditou em você e, de qualquer maneira, não é da conta dele. Ele está aqui para negociar: seu mestre foi muito claro quanto a isso. Não pode interceder.

Elas permaneceram no silêncio de seus pensamentos por um tempo, cada uma evocando diferentes medos sobre o que estava acontecendo no planeta que elas tinham deixado para trás. As duas sabiam que seriam levadas para processamento e que provavelmente acabariam em algum campo de realocação. A velocidade com que os acampamentos foram erguidos significava que provavelmente não seriam muito confortáveis, e droides não eram conhecidos por sua consideração pelas fragilidades humanas. Ao menos o clima estava ameno.

— Fiquei feliz em saber que elas estão bem — disse Eirtaé. — Quando ouvi a palavra, quase ri de tanto alívio.

— Entendo exatamente o que você quer dizer — emendou Sabé.

— E se Saché sabia que Bibble enviaria a mensagem, então isso significa que elas sabem que também estamos bem — acrescentou Rabé. — Ao menos, se compararmos.

— Panás disse que devemos ter a peça ao final do dia de amanhã, ou então nunca vamos conseguir a tal peça — Sabé disse a elas. — O Mestre Qui-Gon vai participar de algum tipo de evento cultural amanhã de manhã. Ele foi vago quanto aos detalhes, mas parecia achar que conseguiria cuidar de tudo.

— Os Jedi são bons, mas prefiro quando somos *nós* manipulando as pessoas

— Rabé disse.

— Concordo — acrescentou Sabé. — Quando Padmé voltar, vamos ver o que podemos fazer quanto a isso.

Mesmo quando Sabé usava o rosto da rainha, ainda era de sua natureza buscar os conselhos de Padmé. Era algo de que sentia falta desde que discutiram depois do concerto, e era algo que ela queria muito restaurar. A galáxia parecia conspirar contra elas nesse sentido, mas Sabé estava determinada. Se não conseguisse encontrar tempo, ela simplesmente criaria esse tempo.



Padmé estava completamente acordada e se sentia péssima por causa disso. Qui-Gon e Jar Jar, ambos afirmando gostar de acordar cedo, haviam se voluntariado para dormir no chão da sala de estar da casa de Shmi Skywalker. Shmi foi junto de seu filho para o pequeno quarto dele e cedeu sua cama a Padmé. Era o máximo de hospitalidade que Shmi podia oferecer, mas a cama era tão dura e a noite do deserto tão seca que Padmé não conseguia dormir.

Depois de uma hora tentando não se revirar na cama, ela se levantou para beber água. Padmé passou cuidadosamente pelo Gungan que roncava no chão da cozinha. Depois de limpar o copo e guardá-lo na prateleira, seus olhos haviam se acostumado com a escuridão o suficiente para ela enxergar o contorno do Mestre Qui-Gon, dormindo de lado na porta da casa, como se fosse proteger a todos de qualquer coisa que entrasse.

Do outro lado da cozinha, uma luz vazava debaixo de uma porta fechada. Padmé ouviu suaves sons vindo do outro lado e imaginou se Anakin havia se levantado para mexer em algum de seus projetos. Ele realmente deveria estar dormindo, então Padmé abriu a porta para checar.

— Precisa de alguma coisa? — Era Shmi Skywalker, não seu filho, debruçada sobre a mesa com as partes de vários dispositivos espalhadas na sua frente. Ela estava trabalhando em algum tipo de tela.

— Eu não queria interromper — Padmé respondeu. — Achei que Anakin tivesse levantado porque estava nervoso.

Shmi riu baixinho.

— Não, meu filho dorme como uma pedra antes de uma corrida — ela admitiu. — Sou eu quem fica de pé a noite toda preocupada com ele. E por que você está acordada?

Padmé hesitou. Ela já havia passado vergonha na frente de sua anfitriã quando mencionou a escravidão, mas isso não era motivo para não continuar sendo

honesta.

— Estou acostumada com outro tipo de cama — ela disse diplomaticamente. — Está demorando para eu me ajeitar.

— Você pode ficar aqui comigo, se quiser — ofereceu Shmi. — Só estou tentando consertar essa tela para poder usar na corrida amanhã.

— Eu ficaria feliz.

Elas não conversaram muito depois disso. Padmé ficou observando enquanto os dedos hábeis de Shmi remontavam a tela, cada peça se encaixando tão facilmente que ela parecia estar fazendo mágica. Era relaxante do mesmo jeito que assistir a um artista, e Padmé percebeu que aquilo era apenas arte de um tipo diferente. Em dado momento, ela se sentiu calma o bastante para tentar dormir de novo e deu boa-noite para Shmi.

Quando puxou as cobertas sobre o corpo, a mente de Padmé acelerou. Ela sempre soube que a galáxia era um lugar complicado, mas ver, cheirar, *viver* a galáxia a fazia entender o quanto ela era tola e privilegiada. Tinha seus próprios problemas no momento, e eram enormes — muito maiores do que ela. Não podia se deixar distrair por um planeta que nem mesmo era o seu. Porém, seu coração se apertava por aquela boa mulher e seu filho generoso, e ela sabia que seria sempre assim.



O escritório do senador Palpatine no edifício do Senado da República era bastante comum. Havia uma janela alta e uma vista decente de Coruscant. Ele não conseguia ver o Templo Jedi, e era muito grato por isso. Havia decorado a sala com várias obras de arte que havia comprado em suas viagens quando jovem, cada peça escolhida com cuidado, apesar do fato de que os museólogos provavelmente achariam que aquilo era apenas uma coleção de sucata. O efeito geral era profissional e apenas intimidador o bastante para que raramente tivesse de hospedar reuniões em seu próprio escritório. Ele não queria incentivar visitas.

Enquanto aguardava a chegada da comitiva real, não tinha muita coisa para fazer. O Senado estava em um impasse sobre questões com que ele não se importava, embora tivesse escrúpulos para comparecer às votações, e ele não poderia fazer mais nenhum movimento sem a presença da rainha. Restava apenas olhar seu catálogo de arte, passando pelas várias obras que havia armazenado porque não tinha onde colocar.

Ele congelou a tela em uma estátua preta. À primeira vista, mal era esculpida e não merecia muita atenção. Mas, se você conhecesse a história de Yonta Prime,

e ele conhecia, você saberia que a superfície profundamente preta da estátua absorvia luz melhor do que quase qualquer outra substância na galáxia. Era uma de suas peças favoritas. Ele nunca teve espaço para mantê-la em qualquer outro lugar que não fosse seu depósito.

Ele mediu seu escritório mentalmente. Não, seria impossível. A estátua o faria parecer um colecionador descuidado que não se importava com a ordem desde que a obra o agradasse. Ele se recusava a ceder à bagunça.

É claro, havia um escritório onde a obra cairia muito bem. Ficava alguns andares acima, e Palpatine estava de olho nesse escritório havia algum tempo.

Ele arranjou para que a estátua fosse empacotada e enviada para sua residência em Coruscant. Ela ficaria ali por algum tempo, depois ele teria todo o espaço de que precisava para exibi-la.

CAPÍTULO 20

— VOU CONVERSAR COM os Gungans — disse Padmé.

Sabé ainda estava empolgada demais depois de ver Padmé derrubar o governo da República Galáctica naquela tarde, depois de pedir um voto de não confiança no chanceler Valorum, então ela não tinha certeza se ouvira direito.

— Você vai fazer o quê? — disse ela, passando um pente nos cabelos de Padmé da maneira mais delicada que podia.

As damas de companhia estavam arrumando as malas com as várias roupas que Padmé precisou usar naquele dia, enquanto Sabé vestia a rainha com seu vestido de viagem e o ornamento de cabeça, ambos púrpura, e retocava a maquiagem dela. Aquele fora um dia muito cheio, e elas teriam de se contentar com o sono durante o hiperespaço. Sabé ficou contente por fazer essa viagem usando roupas normais.

— Vou conversar com os Gungans — Padmé repetiu. — Jar Jar me contou que eles têm um exército, pouco antes da volta do senador Palpatine. Vou pedir que nos ajudem.

Sabé pensou um pouco. Elas foram avisadas de que os Jedi também retornariam a Naboo, mas havia apenas dois deles, e as forças de segurança de Naboo eram pequenas. Os Gungans também viviam no planeta, afinal de contas. A Federação de Comércio não os ignoraria para sempre. Era possível que já tivessem sido descobertos. Panás ficaria feliz com mais tropas, principalmente se não fossem tão pacifistas quanto as de Naboo.

— Acha que Panás vai concordar com você voltando para Naboo como a rainha? — Sabé perguntou. — Você vai correr perigo e teremos que abandonar a nave quando aterrissarmos. Não vamos conseguir trocar de lugar.

— Vamos trocar antes de aterrissar — Padmé disse. — Vou lhe dizer o que quero falar com eles.

Os dedos de Sabé se apertaram sobre o pente. Ela havia fingido ser a rainha na primeira visita real, no encerramento da conferência e na viagem até Coruscant como parte da segurança de Padmé, mas um encontro com os Gungans era um passo político enorme para todo o povo de Naboo.

— Você foi maravilhosa na visita e perfeita durante a conferência — disse

Padmé. — Foi tão perfeita que cobriu o meu erro quando Harli me flagrou, em vez de explicar a ela o que aconteceu. Você sempre correrá mais perigo e esse sempre será o seu trabalho, mas... eu confio em você. Confio muito em você.

— Mas você é a rainha. Eu não entendia isso realmente até a tempestade de areia, o quanto você fica isolada e como transforma isso em influência. Eu apenas me senti solitária, mas você sempre encontra maneiras de fazer conexões.

— Você é tão qualificada para o trabalho quanto eu. Se quisesse concorrer nas próximas eleições, acho que se sairia muito bem.

— Não — Sabé disse. — Eu não me sairia.

— Como assim? Não há nada que eu possa fazer e você não.

— Existe uma diferença crucial entre mim e você. Você comanda, e eu sigo ordens.

Padmé não respondeu, então Sabé continuou.

— Sabe por que o capitão Panás me recrutou? — ela perguntou, meio que retoricamente. — Não foi por causa de exercícios de respiração. Nós nos parecemos muito, mas existem incontáveis meninas de cabelo castanho na galáxia. Ele me escolheu porque acha que sou a melhor na única coisa que sempre fui a melhor, que é *não ser a melhor*.

— Você não é... — Padmé começou a dizer.

— Não, eu sou. — Sabé a interrompeu. — Sou boa em várias coisas. Eu trabalho muito e consigo resultados, mas nunca sou a melhor. E eu achava que já tinha aceitado isso, até Harli olhar para mim como se eu fosse especial. E, sim, sair com ela foi divertido e eu queria que ela me beijasse, mas aprendi algo importante naquela noite.

— Não sair escondida do palácio? — Padmé perguntou.

— Não seja boba. — Sabé deu a volta na frente de Padmé para checar seu cabelo. — Essa foi a melhor parte. O que aprendi era que prefiro ficar em segundo para você do que em primeiro para qualquer outra pessoa.

Confessar seus sentimentos foi como tirar um peso do peito de Sabé. Levou muito tempo para ela entender aquilo, para colocar em palavras o que sabia dentro de seu coração. E, agora, ela fez isso. Ela queria voar.

— Posso mandar você rumo à morte — Padmé disse.

Sua voz saiu tão baixa que Sabé mal conseguiu ouvir. Ela tomou as mãos de Padmé.

— E eu aceitaria.

— Não posso ser tão dedicada a você.

— Eu sei — Sabé respondeu.

Um longo silêncio cresceu entre elas, mas não foi constrangedor. As duas sabiam em que pé estavam.

— Então — falou Sabé. — Os Gungans.

Ela separou o cabelo de Padmé e começou a trançá-lo em preparação para o ornamento.

— Sim — Padmé disse. — É uma pena que não sabemos muita coisa sobre eles.

— Bom, sabemos que o Jar Jar é uma exceção. Isso é um começo.

— Estive pensando na conferência, em como convidei pessoas de todo o setor e ninguém da espécie que compartilha nosso próprio planeta — continuou Padmé. Sabé percebeu pelo seu tom de voz que ela estava pensando alto e não a interrompeu. — De muitas maneiras, é um problema ainda mais complicado de resolver.

— E você vai começar pedindo ajuda a eles. Isso não vai facilitar as coisas.

Sabé endireitou o ornamento na cabeça de Padmé e virou a cadeira para uma checagem final na frente.

— Quando você falar com eles, acho que seria uma boa ideia ser o mais formal possível — acrescentou Padmé. — Queremos que saibam que têm o nosso respeito.

— Você quer dizer o respeito da rainha? — Sabé perguntou.

— Sim. Podemos trabalhar o resto depois.

Sabé tomou as mãos de Padmé e a ajudou a entrar na roupa de baixo de seda púrpura. Ela selou todas as costuras e depois ergueu as peças de veludo escuro no lugar. Uma vez amarradas, ela dobrou o tecido mais pesado para revelar lampejos de cor.

— E se você conversar com Jar Jar mais algumas vezes enquanto eu observo? — Sabé sugeriu. — Quero dizer, observo como uma dama de companhia. Você poderia fazer perguntas a ele sobre a cultura Gungan. Você tem uma ideia melhor do que precisamos saber.

— Não precisamos trocar de lugar até chegarmos a Naboo. Então, sim, acho que isso pode funcionar.

Sabé fez uma última inspeção na rainha. Atrás dela, as outras tinham quase terminado de arrumar as malas.

— Esse é um assunto diferente, mas tenho que perguntar — Sabé disse. — Como se sentiu quando derrubou o chanceler?

— Eu não diria que foi isso que aconteceu — objetou Padmé. — Faz parecer que eu fomentei uma rebelião aberta. Eu só... tirei vantagem dos procedimentos parlamentares enquanto discursava no plenário.

— Você derrubou o chanceler.

— Eu queria que você tivesse visto. — Padmé parecia triste. — Tantas pessoas de toda a galáxia, e tudo que conseguiam fazer era ficar discutindo. Eu

disse a eles que nosso povo estava sofrendo e eles queriam que esperássemos o envio de um comitê até o setor Chommell para checar. Estavam mais preocupados em votar de acordo com suas alianças do que em ouvir os problemas e tentar encontrar soluções. Foi caótico, e o chanceler Valorum não fez nada. Absolutamente nada.

— Acha que um chanceler novo vai ser melhor?

— Não tive tempo de pesquisar todos os candidatos. Obviamente eu confiaria no senador Palpatine, e ele parece genuinamente gostar dos outros. Acho que de qualquer maneira as coisas sairão a nosso favor.

— Mas não em tempo para Naboo. Independentemente do que acontecer no senado, estaremos sozinhas.

— Isso vai impedir que a Federação de Comércio tente de novo — Padmé disse com firmeza. — Com a gente ou com qualquer outro planeta.

Sabé duvidava mais do caráter do Senado da República do que Padmé, mas era por isso que Padmé fazia coisas como concorrer ao cargo de rainha do planeta. Ela acreditava no sistema, mesmo enxergando suas falhas. Ela sempre tentava consertá-las. E Sabé a ajudaria, pois era isso que havia escolhido fazer.

— Os Jedi vão nos encontrar na plataforma? — Sabé perguntou. Ela achava difícil acompanhar as horas em Coruscant. Havia muita luz ambiente.

— Sim — afirmou Padmé.

— Sei que estamos todas preocupadas, mas espero que você encontre tempo para dormir durante a viagem, e eu também preciso dormir um pouco — falou Sabé. — Se vou ser a rainha de novo, vou precisar do meu descanso.

Padmé riu, como Sabé pretendia. Foi uma tentativa fraca de humor, mas deu certo. A situação era difícil, mas elas não podiam se desesperar.

— Posso fazer uma pergunta estranha? — indagou Padmé.

— É claro — Sabé respondeu.

— Você notou alguma diferença na maquiagem?

Apesar de tudo, Sabé também se desfez em risadas.

Seu mestre lhe ordenara que fosse direto para Naboo, então direto para Naboo ele foi. Os Neimoidianos que o receberam no palácio haviam feito de tudo para ele se sentir bem-vindo. Levaram-no até um quarto, e ele os ignorou.

Em vez disso, ele espreitou pelos corredores do palácio. Era um lugar bonito, cheio de cores vivas, mesmo sob a luz do nascer do sol. Explorou o palácio de cima a baixo, procurando todos os pontos de acesso. Sabia que teria uma luta

adiante; seu sangue cantava com a sensação de alerta. E ele estava determinado a escolher a arena dessa luta.

O hangar perto do Palácio Real era o lugar mais provável para uma força invasora atacar primeiro. Ele não se deu ao trabalho de dizer isso aos Neimoidianos. Eles perceberiam sozinhos, ou não. Não importava para ele.

O que realmente importava era a série de corredores que levava do hangar até as instalações de geração de energia. Havia dois Jedi, o que significava que eles tinham a vantagem de atacá-lo de múltiplas direções ao mesmo tempo. Ele queria uma maneira de remover algumas dessas direções, e o labirinto de passarelas e passagens desprotegidas na área do gerador era perfeito para isso. Sempre saberia de onde eles vinham.

Aos fundos da instalação, havia uma série de campos de força que se abriam e fechavam com um temporizador. Aquele lugar seria seu objetivo final. Ele teria uma boa chance de separá-los se os enfrentasse naquele local, e tinha certeza de que poderia lidar com eles por tempo suficiente para atraí-los até ali.

Esperou os campos se abrirem e então correu através deles até se fecharem de novo. A sala do outro lado não era perfeita para um duelo — nenhuma sala com um buraco no meio daquele tamanho seria perfeita —, mas serviria, ele decidiu. Sim, serviria bem.

Ele ativou os dois lados de seu sabre de luz e o girou, acostumando-se a sentir as lâminas tão perto das paredes. Seria um lugar apertado. Ele seria capaz de usar toda sua força física. Seu mestre não aprovava tantos socos e chutes em seu estilo de luta, mas não havia nada melhor do que sentir ossos quebrando sob seu toque. Um sabre de luz era bom, mas nada se comparava com usar as próprias mãos.

Ele deu um salto voador e facilmente passou por cima da abertura no chão. Considerou por um segundo onde aquilo daria, então decidiu que não importava. Logo enfrentaria os Jedi ali e soltaria todo seu ódio contra eles. Estava ansioso por isso.

Seu comunicador emitiu um sinal e ele o ativou, embora não tivesse desejo algum de falar com qualquer palerma da Federação de Comércio. Mas seu mestre ordenou que não atrapalhasse seu plano.

— Milorde — disse o vice-rei. — A nave real foi detectada em nosso sistema. Ela conseguiu furar o bloqueio e aterrissou em uma área do planeta com uma densa floresta. Enviamos tropas para recuperar a nave, mas é provável que a rainha e sua comitiva já tenham se evadido. Gostaria de procurar por eles?

Era tentador. Ele gostava de uma boa caça. Mas ele havia escolhido aquele lugar como seu campo de batalha e não queria desistir agora.

— Não — ele respondeu. — Deixe que venham até nós.

DETERMINAÇÃO

*— **V**OCÊ CONTINUA VOLTANDO aqui.*

Panás não viu as pernas da garota até ela falar, então quase tropeçou nelas.

— É um prédio público — ele disse. — Posso ir e vir quando quiser.

— É um prédio público que está sendo usado para receber uma oficina de atores — ela disparou de volta. — Para garotas.

Aquilo estava começando a ficar embaraçoso.

— Estou recrutando — ele disse a ela.

— Estamos no meio do feriado. As Forças Reais de Segurança fazem o recrutamento no fim do semestre. Ninguém avisou sobre nenhuma mudança no calendário.

Ele não se deu ao trabalho de perguntar como ela sabia que ele fazia parte das Forças Reais. Tinha a sensação de que não gostaria da resposta.

— Os seus instrutores sempre avisam quando o calendário vai mudar? — ele perguntou.

— Não. Mas sempre dizem coisas na minha frente. Ninguém presta muita atenção em mim.

Depois de quase tropeçar nela, Panás não podia negar.

— A garota que você fica recusando é a melhor escolha — ela disse.

— Como é? — Panás perguntou. Ele estava começando a se acostumar a lidar com crianças prodígio diariamente, mas aquilo estava exigindo muito de seus nervos.

— Você fica olhando para ela e fazendo uma cara de quem queria que algo fosse diferente, depois volta a olhar para todas as sopranos de cabelo castanho — a garota continuou. — Escolher uma loira seria uma vantagem.

Era verdade que a candidata de que Panás gostava mais na oficina tinha cabelos loiros. Ela parecia não gostar muito de atuar, apesar do quanto era difícil ser aceita no programa, e parecia estar se dedicando mais à construção do cenário. As outras atrizes designadas a trabalhar como contrarregras estavam profundamente ofendidas, mas ela parecia ter escolhido aquilo.

— Qual é a vantagem? — ele perguntou.

— Se você apenas escolher garotas que se parecem com ela, ela nunca poderá mudar de aparência sem se destacar — a jovem respondeu.

Panás se encostou na parede baixa de pedra e a observou, avaliando-a.

— Quem é você? — ele perguntou. — Não vi você no palco essa semana.

— Meu nome é Sasha — ela disse. — Eles não me deram um papel e esqueceram de me nomear como contrarregra, e eu nem queria estar aqui, para começar, então estou tirando essa semana para aprender mais sobre como as pessoas funcionam.

— Acho que você está se saindo bem. Mais ninguém descobriu o que estou fazendo, e venho trabalhando faz uma semana. Meu nome é Panás.

— Venha assistir ao espetáculo hoje — convidou Sasha. — Você poderá vê-la em ação.

— É mesmo? Que tipo de ação uma cenógrafa faz durante a peça?

Sasha sorriu.

— Ela disse a eles várias vezes o que estão fazendo de errado. Eles não ouviram nada.

Ele tinha de admitir que ela havia despertado sua curiosidade.

— E quanto a você? — ele perguntou. — Deve ter notado que se parece com ela.

Sasha considerou brevemente, depois sacudiu a cabeça.

— Sou pequena demais. Estou aqui porque meus pais pensaram que me forçar a falar em público seria bom para mim, mas nem mesmo isso conseguiu me colocar em cima do palco. Você precisa de pessoas que conseguem chamar atenção e desaparecer no ambiente. Eu consigo apenas me esconder.

— Você chamou minha atenção — disse Panás.

— Só porque falei primeiro com você. Eu sempre me sento aqui e essa foi a primeira vez que você me viu.

— E você me deu um excelente conselho — Panás replicou. — Você escolheu o momento e tirou vantagem disso.

A garota olhou para ele solenemente e puxou os joelhos até o queixo. Ela apertou os lábios enquanto considerava aquilo. Ele gostava que ela estivesse tomando seu tempo para pesar suas opções. Ela sabia o que estava em jogo, ou pelo menos suspeitava fortemente, e ela não diria sim simplesmente por uma questão de ego. Ela se certificaria de que seria de fato necessária.

— Certo, capitão — ela disse. Não ficou surpreso por ela já saber a patente dele. — Eu vou com você. Quando partimos?

— Amanhã, provavelmente. E imagino que seremos três.

— Vou arrumar minhas coisas. Você já tem uma mentira preparada para meus pais? Eles vão querer saber onde estou depois de desaparecer de Theed.

— Diga a eles que você acompanhará um oficial do governo — respondeu Panás. — É mais ou menos a verdade. E diga que tudo mais é confidencial.

— Está bem. Vejo você à noite, capitão.

Ela se levantou com a graciosidade de uma dançarina e entrou no prédio.

Panás olhou para a alcova onde ela estava sentada. Era um bom lugar para ficar: dava boa visibilidade do terreno e era protegido do vento e do sol. Se ela passava muito tempo ali, e ele achava que sim, ela poderia juntar muita informação. Ela podia ser pequena, mas suas contribuições para a segurança da rainha não seriam.

A palavra pequena *flutuou em sua mente por um momento, enquanto ele observava a alcova. Era maior do que ele pensava. Definitivamente grande o bastante para que, se ela se sentasse de costas para a parede, suas pernas não alcançassem a escada.*

Ela o fez tropeçar de propósito e depois o manipulou para que oferecesse a posição que almejava. Panás saiu para o palácio, rindo consigo mesmo. Sasha se encaixaria perfeitamente.

CAPÍTULO 21

SACHÉ ESTAVA EM SUA décima volta pelo acampamento quando foi flagrada.

— Você aí, pare — disse o droide, e Saché parou. O pano dobrado no bolso de sua túnica laranja desgastada queimava contra sua perna. — Vire-se.

O droide não estava sozinho. Era um esquadrão de seis, em patrulha. Desde que o encarceramento havia começado, as patrulhas de droides se tornaram mais frequentes, e seus métodos, mais violentos. No dia anterior, três pessoas tinham sido mortas por tentar roubar comida nas tendas da Federação de Comércio, e as rações foram cortadas para todos como resultado.

Houve uma briga na tenda de Saché quando um guarda acusou outro de estocar comida. Mariek e Tonra os separaram o mais rápido possível. Ninguém queria que os droides os ouvissem. Mariek colocou os dois guardas para limparem a latrina. As latrinas originais já haviam transbordado havia muito tempo, e trocá-las era punição suficiente por uma briga na tenda. Mas havia limites para o que Mariek podia fazer, então eles estavam apenas esperando a próxima briga.

— Suas ações são desnecessárias — disse o droide. — Você não tem motivo para ficar vagando pelo acampamento. Explique-se.

— Não gosto de ficar confinada dentro da tenda — Saché respondeu. — Eu só estava tentando me exercitar um pouco.

— Humanos são criaturas de hábito — disse o droide. — Se estivesse se exercitando, você faria a mesma rota. Mas você não faz. Explique-se.

— Eu estava apenas olhando ao redor. — Saché tentou soar o mais infantil possível, embora os droides não tivessem demonstrado qualquer indicação de que se importavam com sua idade.

O droide inclinou a cabeça como se estivesse escutando ou calculando algo.

— O seu comportamento foi marcado como suspeito — o droide disse. — Você virá conosco.

Não adiantava fugir. E Saché lembrava-se muito bem da sensação de plastaço contra seu pescoço para pensar em resistir. Tentou não estremecer quando os droides a cercaram e iniciaram uma marcha forçada. Seguiram na direção do escritório do mercado, que os droides haviam transformado em uma estação de

processamento e um pequeno escritório para a Neimoidiana que supervisionava as operações no acampamento.

O sargento Tonra estava entre duas tendas, com uma expressão alarmada no rosto. Saché não olhou para ele. Ele se virou e desapareceu antes que os droides pudessem dizer alguma coisa, e Saché sabia que a notícia de sua captura chegaria até Yané e Mariek assim que ele conseguisse atravessar o acampamento.

Os droides a levaram para dentro da sala e apertaram sua formação ao redor dela até Saché só conseguir enxergar torsos de metal.

— Saiam do caminho, seus imprestáveis — ordenou a supervisora Neimoidiana. — Como posso interrogá-la, se não consigo vê-la?

Saché pensou em algumas maneiras, mas era melhor não sugerir. Os droides na sua frente deram um passo para o lado, movendo-se em perfeita sincronia.

— Crianças humanas são tão pequenas — a supervisora disse.

— Ainda estou crescendo — Saché disse a ela. — Tenho doze anos.

— Sei. — A supervisora relaxou em sua cadeira. — Por favor, sente-se.

Saché não baixou a guarda e se preparou para aproveitar qualquer vantagem que encontrasse. A cadeira era alta e seus pés ficaram pendurados, mas ela se acomodou.

— Meu nome é Usan Ollin. Como sabe, sou a encarregada deste acampamento. Fiquei surpresa por descobrir que você está sendo colocada em perigo.

— Estou? — Saché perguntou. Ela deixou seus olhos se arregalarem o máximo que podia e fez a voz sair aguda e um pouco sem fôlego.

— Os humanos adultos estão conspirando contra nós — Ollin disse. — E estamos sendo muito atenciosos desde que nossa visita começou. A sua rainha e seus comparsas são responsáveis por essa situação. Ela podia colocar um fim nisso a qualquer momento.

— Eu sei — Saché disse. Era sempre melhor misturar o máximo de verdade possível. — Mas por que estou em perigo? Vamos ter falta de comida?

— Bom, provavelmente — Ollin admitiu. Ela sacudiu a cabeça. Ela disse algo que não deveria. — Mas não é por isso que você está em perigo. Os adultos estão usando você, minha querida, para levar mensagens.

— Eles estão? — Saché ficou de queixo caído. — Eu só queria me exercitar um pouco.

— Temo que sim — Ollin disse. — E você está com grandes problemas, a menos que me conte quais são essas mensagens.

— Mas eu não sei. — Saché fingiu ser o mais inocente e vulnerável que conseguia e torceu para que a linguagem corporal dos Neimoidianos fosse

semelhante. Ela lembrou que eles faziam muitas caretas e encolhiam os ombros.

— Eles pensaram que eram muito espertos — Ollin disse. — Colocaram a informação em pequenos pedaços de tecido. Encontramos um na noite passada e tem outro no seu bolso agora mesmo. Nossos droides vão desvendar o código em algum momento. Mas, se me contar, vou deixar você ir.

Os droides não conseguiriam desvendar. O motivo de usarem o velho código dos comunicadores era que as crianças o aprendiam através de um jogo de memória completamente independente da tecnologia. Era como uma equação impossível de ser resolvida ou uma pegadinha lógica sem solução. Nenhum computador conseguiria desvendar sem ajuda orgânica.

— Eu não sei — ela repetiu. Ela se encolheu o máximo que podia.

— Quem deu o tecido para você? — Ollin perguntou.

— E-eu não lembro — Saché gaguejou. — Fico no meio de tantos estranhos e ninguém quer conversar comigo. É tão difícil distinguir quem é quem nos uniformes.

— E quanto à outra garota, aquela que se veste como você? — Ollin disse. — Minhas fontes dizem que vocês eram criadas no palácio. Ela também é uma estranha?

— Nós trabalhamos juntas. Mas eu não a vejo muito. Temos funções diferentes.

Ollin parecia suspeitar, mas permitiu aquelas duas verdades e uma mentira. Ela se inclinou para a frente.

— Criança, é muito importante eu saber o que dizem essas mensagens. E acho que você sabe mais do que está me contando. Vou perguntar de novo. Para o seu próprio bem, diga quem deu as mensagens para você.

Saché não disse nada. O momento de blefar havia acabado.

— Então você não me dá escolha — Ollin disse. Ela apertou um botão na mesa e os droides voltaram para dentro da sala. — A câmara de interrogatório já está pronta, soldado?

— A construção está completa — o droide respondeu. — A energia foi ativada. Ainda não testamos as instalações.

— Então tenho uma cobaia para você — Ollin disse. Duas mãos de droides se fecharam sobre os ombros de Saché e a arrancaram da cadeira. — Vou enviar as questões para a sua base de dados. Não pare até ela contar alguma coisa.

Saché fez com que eles a carregassem para fora da sala, embora ela duvidasse de que suas pernas fossem apoiá-la por mais do que alguns passos, de qualquer maneira. Seu cérebro estava tentando se manter calmo, mas o corpo não obedecia.

Aquilo provavelmente iria doer.

O sargento Tonra invadiu a tenda sem se anunciar ou dar a senha. Yané jogou um punhado de fios de tecido no ar e tentou esconder o colchão. Mariek se jogou sobre ele sem pensar, os dois caindo no chão, quase batendo na quina da cama mais perto da porta.

— Sou eu! — ele disse, e Mariek o soltou.

— O que aconteceu? — Yané perguntou. Tinha que ser ruim para o sargento ignorar todos os protocolos de segurança que eles haviam combinado.

— Os droides levaram Saché para a sala da supervisora — Tonra disse. Yané se sentou pesadamente na cama.

— Eles sabem? — Mariek perguntou. Pela primeira vez desde que foram presos, ela parecia realmente com medo.

— Não sei.

— Não importa se eles sabem. Se suspeitam o bastante para levá-la sob custódia, eles querem informações.

— Saché não vai ceder — Mariek disse. — Ela é esperta o bastante para lidar com uma Neimoidiana.

— Eles construíram uma sala de interrogatório depois das execuções de ontem. Eles trouxeram equipamentos durante toda a noite. Ninguém conseguiu chegar perto o bastante para ver quais eram essas máquinas, mas nosso pessoal ouviu os droides conversando sobre isso.

Yané soltou um som como o de um nuna ferido. As damas de companhia não foram treinadas para aguentar dor física. Não havia motivo. Nem a paranoia do capitão Panás chegava a esse ponto. Mas não era só. Yané não queria que Saché se machucasse por *nenhum motivo*. Sendo treinada ou não.

— Vamos nos aproximar o máximo que conseguirmos — Mariek disse. — Se ficarmos aqui, vamos ficar loucos pensando nisso.

Os rumores no acampamento já estavam correndo soltos quando Yané terminou de esconder tudo e eles saíram da tenda. Os guardas e funcionários do palácio circulavam ao redor, sabendo que algo ruim havia acontecido, mas sem ter os detalhes. Alguns viram Yané sozinha e juntaram as peças, mas uma única olhada para Mariek era suficiente para silenciar qualquer pergunta. Era muito importante que todos continuassem agindo normalmente tanto quanto fosse possível.

Droides se alinhavam no perímetro do escritório do mercado, colados ombro a ombro, como se esperassem um ataque a qualquer momento. Seus blasters estavam de prontidão. Outros droides circulavam pelo acampamento, cada

patrulha de seis marchando ritmicamente e certificando-se de que ninguém saísse da linha. A tensão no ar era palpável. Yané a sentia pesando nos ombros. Era a pior coisa que já sentiu. Saché precisava de ajuda, e tudo que ela podia fazer era esperar e torcer.

Os gritos começaram depois de cerca de vinte minutos, e todos os humanos no acampamento congelaram. Saché tinha uma voz muito discreta. Eles estavam acostumados a fazer esforço para ouvi-la, a chegar mais perto para entender melhor, porque a maioria das coisas que ela dizia era importante. Os gritos não eram nada discretos. Eram horrivelmente agudos e cortavam o ar com tanta ferocidade que Yané não sabia se Saché estava tendo a chance de respirar. Continuou por vários horríveis minutos, e então parou.

O intervalo não durou muito. Eles devem ter perguntado algo e ela não deve ter respondido, ou não acreditaram na resposta. De qualquer modo, o resultado foi o mesmo e mais gritos preencheram o ar. Yané queria vomitar. Queria tapar os ouvidos. Queria ela mesma gritar para bloquear os sons terríveis. Mas não fez nada disso. Ela apenas podia testemunhar o que Saché estava fazendo.

— Vou me entregar — Tonra disse. — Vou dizer que...

— Não — Mariek o interrompeu. — Se alguém vai fazer algo heroico, esse alguém sou eu.

Yané teve uma horrível premonição em que contava a Panás sobre a morte de sua esposa e isso a tirou de seu estado de choque.

— Não — Yané ecoou. Ela usou a voz da rainha sem pensar e os dois guardas imediatamente ficaram de prontidão. O tom de autoridade em sua voz foi inesperado e absoluto. — Você não vai fazer nada.

— Precisamos fazer alguma coisa — Mariek protestou. — Ela está gritando.

— Se ela ainda está gritando, então ainda não deu a eles o que querem. — Lágrimas escorriam dos olhos de Yané. Ela amava Saché e não podia ajudá-la a lutar contra a dor. — Ela está lutando muito para manter nossos segredos, e está ganhando até agora. Ela sabe que tudo que precisa fazer para aquilo acabar é contar o que eles querem saber, e ela está escolhendo não contar. Não vamos desfazer essa escolha dela.

Mariek tomou as duas mãos dela e as apertou.

— Você está certa — ela disse. — Odeio admitir, mas você está certa.

— Ela só precisa aguentar mais um pouco — disse Yané. — Em algum momento, eles pensarão que ela entregou tudo que sabe.

As palavras eram mais para seu próprio conforto, mas dizê-las em voz alta a fez se sentir melhor. Os gritos pararam, interrompidos como uma porta se fechando. Todos respiraram fundo e se permitiram pensar que havia acabado.

Mas não havia.

Suas veias, pele e ossos queimavam, e sempre que o fogo se apagava, o droide pedia que ela traísse seus amigos. Ele falava com muita calma e dava argumentos lógicos. Diga o que eles querem saber e o fogo ficaria longe. Ela ficou tentada. Muito tentada. Aqueles poucos momentos quando o fogo se extinguia se tornaram o centro de sua galáxia.

Mas não havia escolha. Saché selecionava seus amigos todas as vezes. E o fogo continuava queimando.

CAPÍTULO 22

MARIEK OBSERVAVA YANÉ ENROLANDO as mãos de Saché com as tiras de tecido pelas quais ela sofrera tortura, e fervia de raiva. Os droides a soltaram depois de três horas de questionamento, durante as quais ela não entregara nada de útil, até que Usan Ollin decidisse que ela realmente era tão ignorante quanto afirmava. Saché havia caminhado da sala de interrogatório até a linha de droides que protegia o escritório do mercado com suas próprias forças, mas isso havia exigido os últimos resquícios de energia que tinha. O sargento Tonra a carregara pelo resto do caminho até a tenda.

Ela estava consciente e não parecia sentir mais dor. Dispositivos de tortura eram geralmente programados dessa maneira para que as vítimas permanecessem no limiar entre a dor e o alívio, sem nunca cair em um estado de aclimatização. Seu corpo estava coberto por lacerações cauterizadas, linhas vermelhas nas mãos e no rosto e, presumia-se, no resto do corpo, sob a túnica laranja quase totalmente arruinada.

— Eu consigo me sentar — Saché disse com determinação, afastando as mãos de Yané e se erguendo para se sentar na beira da cama.

Sob as marcas, ela estava pálida. Seus olhos estavam avermelhados e a voz, rouca, como se os droides a tivessem arrancado diretamente de sua garganta. Mas seu rosto estava resoluto.

— Quem vai levar as últimas mensagens? — ela perguntou.

— Tonra vai cuidar disso — Mariek disse a ela. — Ele já saiu com a primeira. Vamos mandar o resto nas próximas horas com pessoas diferentes.

— Preciso voltar lá — disse Saché.

— Não vou deixar você se arriscar em entregas outra vez! — objetou Yané. Sua insistência estridente surpreendeu a todos.

— Não vou levar nada comigo. Vou apenas andar aleatoriamente pelo acampamento e os droides vão ficar de olho em mim.

— E se eles prenderem você de novo? — Yané perguntou.

— Bom, não terei nenhuma evidência incriminatória no meu bolso dessa vez, então isso é um começo. — A piada não funcionou. — Serei uma distração. Eles ficarão ocupados me vigiando, querendo saber o que seria tão importante para eu

já estar de pé e andando por aí, e não vão olhar para mais ninguém. Você sabe que estou certa.

— Eu sei — Yané sussurrou. Ela terminou de enrolar as mãos de Saché e prendeu a parte solta do tecido para que a atadura não se abrisse. Saché olhou para as mãos.

— Você não precisa disso para terminar o seu trabalho? — Ela ergueu as mãos.

— Não — disse Yané. — Temos mais.

Yané procurou debaixo do colchão e tirou os últimos quatro pedaços de tecido com as mensagens. Ela os entregou para Mariek, que assentiu e saiu em busca de Tonra. Yané encontrou um pequeno cantil de água para Saché. Eles não tinham muita, principalmente com o corte das rações, mas Saché estava precisando.

— Desculpe, mas acho que não temos nada para a sua garganta — ela disse.

Saché bebeu lentamente. Sentiu-se um pouco melhor.

— Ah. A supervisora disse que vamos ter falta de comida. Ela mencionou isso e depois pareceu se arrepender. Nossa linha do tempo está certa.

— Tomara que a rainha volte logo — comentou Yané. — Ou envie algum grupo para nos resgatar.

— Teria que ser um grupo bem grande — Saché comentou. A tentativa de humor ficou presa em sua garganta e ela tossiu, estremecendo. — Preciso ir. Preciso ter certeza de que Tonra vai conseguir realizar o trabalho.

Yané sabia que não adiantava tentar convencê-la do contrário, ou mesmo perguntar se podia ir junto. Ela não havia saído muito da tenda desde sua chegada e era importante continuar com o comportamento que os droides achariam normal enquanto havia tanta coisa em jogo.

— Tome cuidado — foi tudo que ela disse.

Saché lhe deu um rápido abraço e depois se levantou da cama. Seus músculos protestaram, mas isso não a impediria. Com um pé depois do outro, ela andou até a entrada da tenda e saiu.

Era a mesma caminhada pelo acampamento de sempre, para dizer a verdade. Não olhou para ninguém e passou longe das patrulhas dos droides, encolhendo-se sempre que encontrava um. Entrou aleatoriamente em tendas, erguendo a mão pedindo silêncio quando encontrava outros prisioneiros. Ela circulou de volta para Yané, ficou com ela por meia hora, depois saiu de novo.

Levou três horas até os droides pararem-na pela primeira vez.

— Humana — disse o droide. Saché estremeceu, dessa vez de verdade. O droide fez um gesto para um de seus companheiros. — Revistem.

Saché aguentou. As mãos de metal buscaram em seu corpo, revirando seus bolsos e procurando saliências debaixo da túnica. Não encontraram nada e a

deixaram ir. Os passos de Saché não tinham mais firmeza, mas ela conseguiu dobrar uma esquina antes de as pernas falharem. Mesmo então, sentada no chão de pedra, não deu voz ao grito que sentia começando a ferver em seu estômago desde que o droide a tocara. Respirou fundo, apoiou o corpo nos joelhos, depois se levantou e continuou andando.

Os droides a pararam mais três vezes antes de o sol se pôr e o toque de recolher começar. Em todas as vezes, foi uma luta entre vontades dentro do peito de Saché: a vontade de gritar e a vontade de ficar em silêncio. O silêncio venceu, e ficava mais fácil sempre que os droides eram forçados a liberá-la. O último droide, o mesmo soldado que a havia detido pela manhã, a enviou de volta para a tenda ao anoitecer.

Yané esperava por ela na entrada e a puxou para um abraço assim que entrou. Mariek também a abraçou e Tonra apertou seu ombro de leve para não machucar mais suas queimaduras. Yané a puxou para os fundos da tenda e a deitou no colchão. Pela primeira vez naquele dia, Saché se entregou ao vazio.



Aquele era o traje real mais simples no guarda-roupa da rainha. Sabé conseguiu vesti-lo sozinha, exceto pelo largo cinto, que fechava nas costas. Padmé fechou-o para ela, determinada a fazer tudo o que podia para proteger a amiga ao mesmo tempo em que a enviava para o perigo.

— Vai ter perigo suficiente para todo mundo — disse Sabé, adivinhando o que Padmé estava pensando.

— Eu não queria uma guerra, mas aproveitei a primeira chance que tive para lutar — Padmé respondeu. — Vou até tentar recrutar um exército. Não gostei da hipocrisia do Senado, mas no fim sou a mesma coisa.

— De jeito nenhum. Você está defendendo o seu planeta em um momento de desespero, e está sendo muito, muito deliberada quanto aos passos que toma. Não há nada vergonhoso ou hipócrita nisso.

Padmé ajudou Sabé a vestir o casaco e estreitou as linhas das mangas.

— Quer revisar alguma coisa? — Padmé perguntou. — Podemos repassar o seu discurso se quiser.

Sabé respirou fundo e olhou para si mesma no espelho. O ornamento de cabeça já estava no lugar. Só faltava calçar as botas resistentes.

— Acho que estou pronta — Sabé disse. — Estou nervosa, mas vou fazer você se orgulhar de mim.

Padmé tomou a mão dela e apertou.

— Eu sei que vai. Aconteça o que acontecer, sei que vai.

— Estou pronta para você, Padmé — Rabé disse, do outro lado da sala. Ela e Eirtaé estavam vestidas em tons dourados e marrons, assim como Padmé, e ambas já haviam terminado seus penteados.

Padmé se sentou e deixou Rabé arrumar o cabelo. Não havia muita coisa que Eirtaé pudesse fazer para defesa em tão pouco tempo, mas Rabé havia pegado um material que absorvia concussões, usado como forro de um dos vestidos da rainha, e o usou para prender o cabelo de todas elas. Não adiantaria para impedir um tiro de blaster, mas daria alguma proteção contra um golpe forte ou algum destroço que caísse sobre elas, e isso era melhor do que nada.

— Estamos prestes a sair do hiperespaço. — A voz do piloto Ric Olie soou através do sistema de comunicação da nave. — Preparem-se para evacuar após a aterrissagem.

Havia mais dois vestidos marrons separados, com presilhas de cabelo prontas para serem usadas. Nenhuma das jovens disse nada sobre isso, mas todas ainda tinham esperança.

Panás atravessou o sistema de esgoto de Theed até alcançar o cano que levava para uma das fontes na praça do mercado. Ele não conseguiu fazer o reconhecimento que queria. Já que aterrissaram e evacuaram a nave real tão rapidamente, ele tinha poucos recursos disponíveis. Conseguiram apenas realizar rápidas varreduras do planeta quando se aproximavam da superfície, e foi assim que descobriu que havia um campo de prisioneiros atrás dos muros da cidade. Ele esperava que esse campo contivesse as pessoas que estava procurando.

Havia alguns obstáculos que ele precisava remover, todos criados para manter as pessoas *dentro*, não fora. O sistema de esgoto de Theed era a única parte da infraestrutura do planeta completamente gerida por droides — por uma questão de saúde — e, portanto, ficava inundado o tempo todo. Havia drenos de emergência em cada junção, mas podiam apenas ser ativados sequencialmente, começando pela estação de tratamento de esgoto fora da cidade. Isso explicava o motivo de ninguém no acampamento ter tentado usar os túneis para escapar. A situação podia não ser confortável; mas, se não estavam se arriscando tanto, então significava que não era tão desesperadora ainda.

Subiu a escada e depois estendeu um sensor através da tampa de um bueiro. Estava escuro, mas ele não tinha ideia do que encontraria. Pelo menos, daquele jeito, conseguiria evitar os droides.

Não havia ninguém na rua. Panás testou a força da tampa do bueiro. Era feita de pedra, presa no lugar por uma saliência esculpida. Tudo que precisava fazer era empurrar para o lado, e começaria a se mover. Movê-la para o lado sem fazer muito barulho seria o desafio.

Ele se apoiou nos degraus, se preparou debaixo da tampa e depois empurrou. A tampa se moveu para cima e ele se esforçou para se erguer em um degrau e ter mais apoio. Quando passou pela abertura, apoiou-se de costas para mover a tampa até o chão. Doeu tremendamente, e ele ficou muito feliz por estar usando seu casaco de couro. Depois de um momento angustiante, durante o qual ficou equilibrado na ponta dos pés, inclinado de costas com um grande peso no pescoço, o centro de gravidade se moveu para o chão em vez de para a abertura do esgoto, e ele respirou aliviado.

Ele subiu para fora e depois reposicionou a tampa. Não sabia quanto tempo passaria ali, e não seria nada bom se os droides descobrissem sua rota de fuga. Ele atravessou o acampamento, com o chapéu cobrindo o rosto, até ver, do lado de fora de uma tenda, uma guarda que ele reconhecia. Ela estava sentada, tentando consertar sua bota, mas ele percebeu que ela estava vigiando algo. Ele sorriu.



A guarda do palácio na frente da tenda de Mariek ficou muito surpresa quando viu seu comandante.

— Capitão! — ela disse, lembrando no último segundo que precisava manter a voz baixa. Ela se levantou rapidamente. — Como você...

A expressão no rosto dele a silenciou. Os detalhes não eram importantes no momento. Com uma curta saudação, a guarda ergueu a cortina da tenda e ele entrou.

Panás só tinha olhos para uma pessoa.

— Estou tão feliz por você estar bem — ele disse quando Mariek congelou de surpresa e depois se jogou em seus braços. — Fiquei sabendo que as garotas também estão aqui?

— Sim — Mariek respondeu. Ela o apertou mais uma vez e depois o soltou. — Elas estão bem.

Saché acordou no meio da agitação e se aproximou para dizer oi. Ela certamente não parecia estar bem, e Yané parecia preocupada com ela, mas Panás confiou no julgamento de sua esposa, por enquanto.

— Não podemos sair todos juntos — Mariek disse assim que Panás explicou

que havia liberado os túneis do esgoto para uma fuga. — É impraticável, vai arruinar o elemento surpresa.

— Quantas pessoas você acha que podemos levar sem os droides perceberem? — Panás perguntou. — Precisamos dar prioridade aos pilotos, se vamos deixar pessoas para trás.

— Algumas dezenas, talvez — Tonra respondeu. — Se dividirmos entre as tendas, isso pode nos dar mais algumas pessoas.

— Como podemos coordenar isso? — Panás disse.

— Já começamos, capitão — Yané respondeu. — Cada tenda tem um mapa do acampamento e o horário da rotação dos guardas. As pessoas só precisam de uma direção e ordens para iniciar.

Ele olhou para ela e Saché, depois para Mariek.

— Mais tarde eu explico — sua esposa intercedeu. — Temos que nos mover.

Já que sua tenda perderia as pessoas que levariam a mensagem em uma viagem só de ida para acionar os outros grupos, ficou decidido que apenas Mariek, Tonra, Yané e Saché iriam com Panás. Os mensageiros foram enviados, e Panás liderou o caminho de volta ao bueiro que havia usado anteriormente. Eles esperaram pelo primeiro grupo de fugitivos e então quatro deles ergueram a tampa juntos. Foi bem mais fácil assim. Ele enviou Mariek na frente, com Yané e Saché, depois ficou com Tonra até todos que estavam fugindo na primeira onda terem descido pelo bueiro. Quatro guardas do palácio ficaram para trás para recolocar a tampa no lugar, uma decisão de último minuto da qual Panás não gostava, mas seus subordinados insistiram. Então, com seus rastros encobertos da melhor maneira possível, a fuga começou.



Saché andava, embora estivesse exausta e só quisesse voltar a dormir. Não havia promessa de descanso em seu destino, mas de jeito nenhum ela ficaria no acampamento mais tempo do que o necessário. Não queria nunca mais ser parada por droides.

Eles saíram do esgoto através de uma grade que dava em um dos muitos lagos de Naboo. Vários landspeeders esperavam ali, e Panás os levou de volta para onde o grupo da rainha estava. Panás contou a elas sobre o plano de conversar com os Gungans e como precisavam esperar a volta do emissário. E então Saché viu listras douradas que decoravam os trajes das damas de companhia no meio do escuro e soube que estava realmente segura. A rainha manteve alguma distância, é claro, mas Padmé estava perto o bastante para dar uma boa olhada

nelas.

Saché percebeu que ela tinha centenas de perguntas e provavelmente alguns pedidos de desculpa, mas agora não era momento para nada disso. Quando Padmé estendeu os braços, Saché hesitou por um momento — ciente demais de seu próprio cheiro —, depois envolveu os braços ao redor dela.

— Estou tão feliz — falou Padmé. — Tão feliz.

Eirtaé e Rabé também a abraçaram. Saché queria rir e chorar ao mesmo tempo. Era possível que finalmente estivesse entrando em choque. Ela e Yané lavaram o rosto no lago e prenderam o cabelo. Depois de se limparem o melhor que podiam, vestiram o uniforme de combate marrom e dourado que as outras também usavam. Sabé tomou suas mãos, o que era o máximo que podia fazer enquanto usava o rosto da rainha. Elas estavam juntas de novo, e Padmé Amidala tinha um plano.

A Federação de Comércio não tinha a menor chance.

CAPÍTULO 23

NO MOMENTO EM QUE Padmé deu um passo à frente, Sabé teve a certeza de que havia fracassado. Seu objetivo supostamente sempre tinha sido colocar-se entre a rainha e o perigo, e não apenas ela havia fracassado em sua tarefa como também ficou ali parada de queixo caído, enquanto Padmé tomava a frente. Era seu momento, e ela deixou que escapasse entre os dedos.

Elas praticaram o máximo que podiam. Sabé estudou Jar Jar, e ela e Padmé ensaiaram muito o que dizer. Sabé nunca estivera tão nervosa em sua vida como no instante em que se apresentou para falar diretamente com o Chefe Nass, e ela sabia ter desempenhado com perfeição tudo o que havia preparado.

E não foi suficiente. Padmé intercedeu e mudou o roteiro. Foi brilhante, é claro, mudar tão rapidamente quando percebeu aquilo que o Chefe Nass de fato queria ouvir, mas também fez com que ficasse exposta na frente de todos, e isso era algo que Sabé deveria evitar a qualquer custo.

Queria ter permanecido de joelhos, mas é claro que teria de se levantar. Quando Padmé se levantou, sorrindo com a aprovação do Chefe Nass, Sabé fez o mesmo. Pelo menos agora ela poderia tirar a maquiagem e o vestido da rainha.

— Não foi culpa sua — Padmé disse. Ela se aproximou do tronco onde Sabé estava sentada, algo longe da realeza. Finalmente sendo ela mesma, podia relaxar. — Você fez exatamente o que planejamos.

— E não foi suficiente — Sabé retrucou. — Eu poderia ter sido melhor. Se eu fosse mais como você, eu teria enxergado que não estava funcionando e chegado à mesma conclusão que você. Eu poderia ter falado da mesma maneira com ele.

— Mas não seria verdadeiro. E, naquele momento, nós precisávamos da verdade.

— Na maior parte do tempo, não me importo de ser a segunda melhor — Sabé disse. Ela olhou para Padmé e viu o rosto da amiga, não a compreensão desapontada da rainha. — Você é convidada para todas as festas sofisticadas e raramente precisa falar em público. Nunca existe qualquer pressão sobre você. É assim que é ser Amidala. Eu apenas tento ser você e isso é tudo de que as pessoas vão se lembrar. Mas, às vezes, sei que eu poderia ter feito melhor e, quando finalmente entendo como, já é tarde demais. Odeio isso. Sinto que

fracassei com você.

— E eu sinto que fracassei com você — Padmé replicou. — Apenas preparamos um discurso. Eu deveria ter sido mais flexível quando estávamos nos preparando.

Sabé se endireitou.

— Eu não tinha pensado nisso desse jeito — ela admitiu.

— É da nossa natureza culparmos a nós mesmas, eu acho. Isso com certeza é uma semelhança entre nós duas.

— Quer trocar de roupa? — Sabé perguntou. — Vai ter que ser rápido.

— Não dá tempo. O capitão Panás quer sair imediatamente. E, mesmo se tivéssemos tempo, preciso que você seja a rainha mais um pouco. Temos que retomar a sala do trono e, se você puder ser uma distração, temos que usar essa vantagem.

Sabé assentiu, um pouco decepcionada. A manobra da dublê era excitante, mas, depois de desempenhar o papel por tanto tempo, queria voltar a ser ela mesma. Era ridículo colocar seus desejos pessoais em primeiro lugar diante de circunstâncias tão sérias, mas não podia evitar.

— Sabé — Padmé disse com seriedade. — Você pode morrer.

— Eu sei. Isso sempre fez parte do trabalho.

— Mas desta vez é pra valer. Antes, se viesse a acontecer, morreríamos todas juntas, em uma explosão da nave real ou algo assim. Mas você estará sozinha. Estará exposta. E você será Amidala.

— Eu sei.

— Eu queria ter a nobreza de dizer que não vou ordenar que faça isso. Mas também seria covardia, e você merece coisa melhor do que me deixar transformá-la em mártir.

— Eu agradeço — Sabé disse. Era estranho falar sobre aquilo em voz alta depois de pensar tanto no assunto, mas era muito libertador ouvir Padmé dizendo as palavras. — Minhas mãos são suas.

E sempre foram.



Gregar Typho não estava em Theed quando a invasão começou. Suas férias começaram assim que a conferência acabou, então ele foi para casa. Seu tio e sua tia, Quarsh e Mariek Panás, deveriam ter feito o mesmo alguns dias depois, supondo que seu tio tivesse sido persuadido a deixar a rainha, mas é claro que isso não aconteceu.

Em vez disso, Typho passara à Ocupação no acampamento três, que continha principalmente civis presos nos dormitórios da Universidade Montanha Gallo. Saneamento e água fresca não eram problema, mas houve falta de comida quase imediatamente, e Typho dividia seu tempo entre proteger sua família e ter certeza de que as crianças no acampamento tinham o máximo de comida que ele conseguia encontrar.

A Federação de Comércio não havia se dado ao trabalho de escanear os dormitórios antes de instalar os prisioneiros, pensando que todos que tinham alta educação em Naboo fossem artistas ou filósofos. Typho conseguiu quase imediatamente encontrar um transmissor ainda operante e definiu turnos para pessoas em quem ele confiava monitorarem os canais de comunicação para o caso de alguém conseguir furar o bloqueio. À medida que seus colegas prisioneiros enfraqueciam com a falta de comida, ele mesmo assumiu alguns turnos, e foi ele quem estava de prontidão nas primeiras horas da manhã quando o chamado finalmente veio. A rainha estava de volta e a resistência finalmente era possível.

Gregar Typho esfregou os olhos e se preparou para lutar.



Sabé ficou aos fundos da reunião enquanto Panás apresentava o plano para aquilo que ela já vinha pensando como a Batalha de Naboo. Haveria três frentes. O exército Gungan enfrentaria a maior parte dos droides em terreno aberto, do lado de fora da cidade. Era a força que estava tentando exterminá-los, então os Gungans estavam loucos para lutar. A segunda frente seria no espaço. Panás e os Jedi levariam os pilotos até o hangar para que o máximo deles pudesse decolar, depois seguiriam para a sala do trono. A terceira frente seria na própria cidade. Assim que o combate iniciasse, uma força separada liderada por Mariek Panás chamaria o máximo de cidadãos de Naboo que encontrassem para tentar espalhar a notícia do que estava acontecendo na cidade por meio dos comunicadores de curto alcance.

Era quase um alívio que todos os presentes soubessem que ela era uma fraude. Se ainda estivesse atuando como Amidala, estaria na frente, tentando coordenar as expressões faciais de Padmé em alguma resposta adequada. Era muito mais fácil daquele jeito, observar e se preocupar em proteger a rainha mais tarde. Panás as dispensara para que pudessem fazer preparações de última hora, e Sabé se afastou alguns passos do grupo principal para recompor seus pensamentos.

— Qual é o seu nome? — alguém perguntou. Ela se virou. Era Anakin

Skywalker, olhando diretamente para ela. Nenhum dos Jedi havia perguntado.

— Sabé — ela se apresentou. Não havia motivo para manter segredo. Ele partiria e ela provavelmente nunca mais ouviria falar dele.

— É um prazer conhecê-la, Sabé — ele disse. — Obrigado por mantê-la segura.

Qui-Gon o chamou e ele foi embora. Sabé ficou estranhamente comovida.

As damas de companhia se juntaram enquanto Padmé discutia os últimos detalhes com Panás e os Jedi. Todas receberam blasters para a iminente batalha. Elas foram treinadas em combate tanto corpo a corpo quanto à distância, mas nenhuma delas se sentia muito preparada.

Todas viram as marcas na pele de Saché, mas ela não revelou nada sobre aquilo e as outras hesitaram em perguntar. Em vez disso, Rabé contou tudo o que havia acontecido em Coruscant. Elas tentaram preencher o tempo, mas não havia nada que alguma delas quisesse dizer. Tudo o que podiam fazer era esperar a ordem para começarem a marchar.

Finalmente, o último batalhão de Gungans partiu em direção à planície verdejante onde o combate aconteceria. O resto embarcou em speeders e seguiu para a capital.

Acontecesse o que acontecesse, eles alcançariam a sala do trono.

CAPÍTULO 24

O PLANO DE BATALHA desmoronou quase imediatamente. Assim que os pilotos conseguiram escapar, uma figura sombria empunhando uma lâmina vermelha apareceu no hangar, bloqueando o acesso principal para o palácio. Padmé declarou que eles tomariam o caminho mais longo e deixou os Jedi cuidarem daquela luta. Sabé não queria estar perto da pessoa que os estava atacando, mas também ficou preocupada por abandoná-los. Sem os Jedi, o plano de tomarem a sala do trono se tornou mais complicado.

As duas equipes se separaram, com Sabé seguindo para os jardins do palácio e Padmé seguindo pelos corredores. Sabé tentou não pensar em como os outros estavam se saindo. Sabia que os Jedi provavelmente cuidariam de si mesmos, mas os Gungans encaravam uma situação realmente difícil e dependiam por completo dos pilotos de Naboo destruindo a nave de controle. Ela se concentrou nos droides à sua frente e, sentindo o blaster nas mãos, moveu-se pelo palácio o mais rápido que podia.

— Sabé!

Alguém chamou seu nome e Sabé se virou para ver o grupo de Rabé em um corredor que não deveria fazer parte de sua rota. O grupo era pequeno demais: Padmé não estava com eles. Sabé chamou a atenção de sua equipe e juntou os dois grupos.

— Qual é a situação? — ela perguntou, decidindo que aquilo era o que Panás faria.

— Eles estão bem — respondeu Rabé. — Nós fomos bloqueados em um corredor e eles usaram disparadores de gancho como atalho.

Um peso sumiu do peito de Sabé.

— O palácio está cheio de droides, mesmo com a manobra dos Gungans — um guarda informou. — Ainda estamos tentando chegar à sala do trono, caso precisem de nós.

— Caso ela precise de mim — Sabé disse. — Nossa rota não estava livre, mas não foi tão difícil. Venham com a gente.

Sabé faria todo o possível. Dessa vez, não haveria espaço para erros. Se fosse chamada para ser a rainha, teria de agir imediatamente. Nunca sentira tanto

medo em toda a sua vida.



Anakin Skywalker gostava de voar.



Mariek e Tonra subiram correndo as escadas para as torres que cercavam a praça do mercado. Usando o mapa tecido por Yané, eles sabiam qual torre continha menos droides naquela hora do dia, então decidiram seu alvo. Foi uma luta difícil, como qualquer disputa com blasters em um espaço pequeno, mas os dois conseguiram superar os droides. Dali, tomaram controle do canhão da torre e destruíram os outros pontos de vigia.

Não foi um sinal combinado anteriormente, mas os guardas que ainda estavam no acampamento sabiam que deveriam esperar algo em algum momento, e a destruição das torres da Federação de Comércio foi um óbvio chamado para a ação. Sob considerável risco, atacaram os droides de combate, tentando acertá-los onde seus corpos eram mais vulneráveis e imediatamente roubando seus blasters. A maioria foi bem-sucedida, embora nenhum deles tenha escapado sem ao menos algum ferimento leve.

Usan Ollin estava diante da porta de seu escritório, gritando ordens para droides ocupados demais para prestar atenção nela. Mariek viu a oportunidade, e era tentadora demais para deixar passar. Deixando Tonra encarregado dos canhões, ela desceu as escadas correndo até o acampamento principal e atravessou uma última vez a praça do mercado arruinada. Poderia ter parado para apanhar um blaster, mas não fez isso. Ela derrubou o droide mais perto de Ollin e, quando a lata-velha caiu, deu um soco na cara da supervisora.



Anakin Skywalker *realmente* gostava de voar.



Quando o capitão Panás implementou as damas de companhia como a guarda pessoal da rainha Amidala, havia introduzido um grande número de peças em

um tabuleiro de altíssimo risco. Ele tinha suas metodologias, a rainha tinha as dela e cada dama de companhia trouxera algo diferente para a mistura. Podia ter dado muito errado, mas as garotas trabalhavam duro e se adaptavam a cada cenário que encontravam. Não era um sistema perfeito, ainda não, mas todos rapidamente se acomodaram em seus papéis.

Ele havia selecionado Tsabin porque ela estava acostumada a ser a segunda melhor. Estava acostumada a não ser notada pelas pessoas enquanto desempenhava sua parte. Estava acostumada a ficar longe dos holofotes e da mente das pessoas. Tsabin havia tentado convencer os Gungans a se juntar à luta, e Tsabin havia fracassado. Sabé estava determinada a que essa fosse a última vez.

Quando chegou à sala do trono, ela avaliou a situação rapidamente. Seu coração afundou. Havia droides demais. Nute Gunray havia dominado Padmé e achava que ela era Amidala. Eles estavam em menor número e em total desvantagem, mas haviam alcançado seu objetivo principal. Estavam na sala do trono. Tudo que Padmé precisava era um momento. Uma distração.

Uma dublê.

Sabé começou a se mover antes de terminar de pensar. Deixou a relativa segurança dos guardas que a cercavam e correu na direção da sala do trono. Eles a seguiram, como ela sabia que fariam. Ela ficou bem à vista dos Neimoidianos e seus droides.

— Vice-rei! — ela chamou com a voz da rainha. — Sua ocupação termina agora.

E então correu.

Ela voltou e passou entre a linha dos guardas, seus passos atingindo com força o chão de mármore do corredor enquanto os droides saíram em seu encalço. Ela se movia tão depressa que o ornamento de cabeça que usava se soltou das presilhas e pendeu para trás. Ela ouviu o som das portas se fechando e selando a sala do trono e soube que sua jogada desesperada havia funcionado. Os droides estavam do lado dela da porta, e Padmé estava do outro, com a pistola real nas mãos. Tudo que Sabé precisava fazer agora era se manter viva.

Os droides a seguiram sem realizar uma análise tática da direção para onde ela estava correndo e deram de cara com uma muralha de guardas. Quando Sabé conseguiu se virar, a maioria dos droides estava caída. Ela ainda derrubou um deles, e então o som de tiros de blaster cessou. No silêncio, podia ouvir seu coração batendo. Ela não tinha ideia do que estava acontecendo na sala do trono. Só podia confiar que tudo havia acontecido como esperava.

Padmé Amidala se saíra vitoriosa em sua sala do trono, com o vice-rei à sua mercê e o planeta de volta sob seu controle. Ela baixou o blaster e olhou ao redor da sala. Havia marcas de carbono no chão e arranhões onde o metal havia sido arrastado sobre o mármore. Algumas das instalações artísticas foram destruídas e mais de uma janela fora quebrada. O resto de Theed provavelmente estava da mesma maneira, mas haveria tempo para isso depois de discutir o novo tratado.

Os edifícios estavam danificados, mas era possível consertar. As pessoas estavam famintas, mas era possível alimentá-las. E, mais uma vez, Naboo pertencia a seu povo.

CAPÍTULO 25

A PRIMEIRA COISA QUE precisavam fazer era enterrar os mortos.

Os Gungans levaram seus guerreiros caídos para seu local sagrado. Amidala foi convidada a acompanhar o funeral, mas não havia tempo. Ela enviou Eirtaé e Yané, que deram um relato completo da tocante cerimônia quando retornaram.

Os mortos de Naboo foram enviados para suas famílias ou enterrados no cemitério da cidade. Todos que morreram na batalha teriam o brasão da rainha esculpido em suas lápides e Padmé decidiu que, um ano depois, viajaria pelo planeta visitando as lápides e realizando memoriais.

Os droides foram recolhidos e derretidos. Eram feitos de material de alta qualidade. Seriam reciclados em postes de cercas, treliças de jardim e arte.

Qui-Gon Jinn foi colocado em uma pira, perto da cachoeira no penhasco ao final do rio. Eles esperaram antes de cremá-lo até que o Conselho Jedi chegasse para acompanhar o funeral. O chanceler-eleito Palpatine chegaria junto com os Jedi, e Padmé estava ansiosa para parabenizá-lo quase tanto quanto estava ansiosa para entregar Nute Gunray para a justiça da República.

Um funeral Jedi era uma ocasião solene, e Padmé sabia que era uma grande honra para os habitantes de Naboo cuidar de seus restos mortais. Ela usou o vestido púrpura de novo, mas dessa vez todas as damas de companhia a ajudaram a se vestir. Yané arrumou o ornamento de cabeça e Rabé fez a maquiagem. Saché poliu os sapatos dela e Eirtaé fechou as presilhas nas costas. Sabé baixou o veludo pesado para deixar a seda leve mais visível, e a rainha Amidala estava pronta para o velório.

A cerimônia em si foi simples. Ninguém falou, exceto discretamente entre eles. Em vez de discursos, eles observaram quando a pira sob o corpo de Qui-Gon foi acesa em uma brilhante fogueira, e continuaram assistindo até ele ser reduzido a cinzas. A dor de Padmé parecia mais pessoal do que ela esperava. O Mestre Jedi havia confiado nela mesmo sabendo que ela mantinha segredos, deixou que ela tentasse manter controle de uma situação incrivelmente imprevisível e respeitou o julgamento dela o suficiente para ao menos ouvir os argumentos que tinha. Ela nunca teria a chance de agradecer por tudo isso. Eles nunca teriam a chance de olhar para trás e rir do absurdo que passaram juntos.

Isso sempre seria uma ferida aberta.

Os Jedi se retiraram da pira sozinhos ou em pares, misteriosos e tristes de um jeito que era difícil de descrever. Obi-Wan e Anakin ficaram até a última brasa se apagar, assim como a rainha e sua corte. O ar noturno estava gelado e todos estavam exaustos, mas era a melhor maneira de demonstrar sua gratidão ao Jedi de fala mansa que havia arriscado tanto e entregado tudo para salvar o lar deles.



Quando a música terminou e as pétalas de flores foram varridas da praça, a rainha Amidala e suas damas de companhia se reuniram na varanda onde haviam sido capturadas pela Federação de Comércio. Os Jedi se foram e, junto com eles, Anakin Skywalker. A maioria das pessoas em Naboo não saberia o que ele fizera pelo planeta, mas aqueles que sabiam nunca esqueceriam.

Sabé trouxe seu hallikset para a varanda. Não tocava havia meses, mas abrir a maleta foi como voltar para casa. Ela montou as peças e checou a afinação. No passado, aquele instrumento era sua obrigação. Seu trabalho. Seu dever. No passado, a música que ela tocava preenchia seu coração enquanto seus fracassos o drenavam. Mas agora ela era outra pessoa.

Cercada por suas amigas e debaixo do límpido céu azul de Naboo, ela começou a tocar.

A GAROTA DO VESTIDO branco tinha o cérebro da mãe e o coração do pai, e uma fagulha que era toda própria. Uma inteligência, uma direção e uma compaixão tão brilhantes quanto as estrelas. Mas agora estava sozinha e ninguém poderia ajudá-la. Independentemente do que acontecesse, de como fosse registrado e de como fosse lembrado, ela estava sozinha.

Desde pequena, ela queria ajudar. Seu pai frequentemente viajava para fora do planeta e só depois dos dezesseis anos ela tentou agir por conta própria. Não acabou muito bem, mas ela aprendeu uma valiosa lição e ganhou a confiança de seus pais no processo. Quando alcançou o topo do Pico Appenza, seu planeta se estendendo no horizonte em lindos tons de azul e verde até onde a vista alcançava, ela soube que nunca veria algo tão bonito quanto seu lar.

Sempre soube que foi um grande privilégio ter sido adotada por aquela família e o que isso significaria para ela quando chegasse o momento de tomar o lugar de sua mãe no trono. Ela trabalhou duro para se tornar digna, mesmo as partes que não gostava. Ela abriu mão de sua dignidade e liberdade e, uma vez, de um garoto que amava, e sabia que sempre faria o mesmo pelo povo que ela um dia governaria.

Mas agora — agora nunca viveria os sonhos que seus pais tinham para ela. Nunca se elevaria tão alto quanto eles esperavam. O trono se foi e a montanha se foi e eles se foram, e ela sentia como se fosse a única restante. Mas isso não a impediria.

Quanto mais pensava sobre aquilo, mais ela entendia que gerenciar uma rebelião ou um planeta não eram tão diferentes quanto ela pensava. Ambos pediam um sacrifício de si mesma, e ambos pediam um entendimento de ser uma parte pequena de um todo maior. A esperança da Rebelião era forte, mas sua lista de aliados era curta. Ela sabia que estava à altura do desafio.

E agora estava sozinha, mesmo cercada de pessoas no salão. Ela podia ver outros Alderaanianos na primeira fila, de queixo erguido como se suas almas não estivessem destroçadas por uma perda que era quase impossível de quantificar. A batalha havia acabado e era hora de celebrar. Mas, em seu coração, ela sabia que a guerra seria longa. Sempre soube. Ela se preparou para a luta e continuaria lutando enquanto respirasse.

A música começou e as grandes portas ao fundo do salão se abriram para revelar os Heróis da Rebelião. De repente, ela não se sentiu mais tão sozinha.

A garota do vestido branco nunca seria rainha, mas ela estava pronta.

AGRADECIMENTOS

OBRIGADA, COMO SEMPRE, A JOSH, que me ligou dez minutos depois de receber meu *e-mail*, "Ei, você acha que podemos conseguir um livro de *Star Wars*?", naquela manhã fria de dezembro de 2014. Tinha um título diferente e, hum, um enredo diferente, mas o coração era o mesmo e Josh me ajudou a enxergar.

Jen Heddle continua extraordinária, caso alguém esteja contando. Obrigada por sempre me deixar correr riscos e depois se certificar de que eu acerte no final. E por aquela cena que fizemos questão de usar para que alguém precise acrescentar uma página na Wookieepedia sobre menstruação. O que vem em seguida?

O Lucasfilm Story Group continua contendo algumas das minhas pessoas favoritas, mesmo quando eu não faço perguntas específicas o bastante, resultando em Leland me dando oito planetas (o que eu tinha pedido) e depois Pablo me dizendo que, na verdade, são VÁRIAS DEZENAS DE PLANETAS. As anotações de Matt sempre me fazem rir. Emily, provavelmente vou contar a pessoas demais que eu estava certa sobre os pilotos, então fique à vontade para lembrar a todos que eu literalmente nunca consigo lembrar o nome de nenhuma das naves.

Leigh e Tara, vocês fizeram minhas palavras parecerem lindas (de novo!) e fiquei muito, muito satisfeita com todo o pacote. Um brinde para muitos outros vestidos.

Michael Siglain, Lyssa Hurvitz, Dina Sherman e o resto da Team Space Mouse, obrigada por espalharem a notícia. Para meus colegas escritores de *Star Wars*: é sempre um prazer compartilhar essa galáxia com vocês e pegar emprestado coisas legais. Eu não arruinei o Panás. Isso é culpa da Claudia.

Emma, como sempre, acho que sou sensitiva da Força.

Davis, você gostou de *A Ameaça Fantasma* e eu respirei aliviada. Amo muito você. O seu entusiasmo por *Star Wars* aumenta minha alegria sempre que penso nisso.

E, finalmente, obrigada a Dot, que fez piada com My Chemical Romance exatamente no momento certo da minha vida. Acho que foi o destino.

O *Desafio da Rainha* começou na cabeça da autora em 1999, foi escrito em

setembro de 2019, em uma névoa de *Mindhunter* e *My Little Pony*, e editado impiedosamente por toda a América do Norte.


AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
E. K. JOHNSTON
STAR WARS
A ESPERANÇA DA RAINHA
UNIVERSO geek

E. K. JOHNSTON

STAR WARS™

A ESPERANÇA DA RAINHA

São Paulo
2025

Disney · Lucasfilm

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Star Wars: Queen's Hope
Copyright © 2021 by Lucasfilm Ltd. & ® or ™ where indicated. All rights reserved.

Star Wars: A esperança da rainha é uma obra de ficção. Todos os nomes, lugares e situações são resultantes da imaginação dos autores ou empregados em prol da ficção. Qualquer semelhança com eventos, locais e pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

© 2025 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor-geral
Alessandro Gerardi

Gerente editorial
Marcia Batista

Produção editorial
Letícia Nakamura
Raquel F. Abranches
Victoria Viana

Tradução
Felipe CF Vieira

Preparação
Monique D'Orazio

Revisão
Guilherme Summa
Tássia Carvalho

Arte
Barbara Garoli
Renato Klisman

Ilustração de Capa
Tara Phillips

Design de Capa
Leigh Zieske

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

J65s

Johnston, E. K.

Star Wars : a esperança da rainha / E. K. Johnston ; tradução de Felipe CF Vieira. – São Paulo : Universo dos Livros, 2025.

240 p.

e-ISBN 978-65-5609-682-7

Título original: *Star Wars: Queen's hope*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica
I. Título II. Vieira, Felipe CF III. Série

25-1811 CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803
CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP
Telefone: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Para todas as rainhas solitárias: meu bem, você não está dançando sozinha.

HAVIA UMA GAROTA QUE não tinha nada, e ela não estava contente.

Seu mundo era difícil, sombrio. Ela cresceu cercada de areia e miséria e estava sempre com fome porque sempre faltava comida. Suava enquanto trabalhava sob os sóis do deserto e congelava quando o calor evaporava. Sua família havia desaparecido e não havia ninguém para confortá-la desde quando era pequena.

Mas a garota tinha algo, uma crença que ninguém podia tirar dela. A garota tinha fé na bondade inerente da galáxia e nas forças que a faziam funcionar. Embora ninguém se importasse com seus sentimentos ou futuro, ela se importava com as pessoas ao seu redor e mostrava isso com pequenos gestos. Ela não sabia, mas isso a tornava especial. Outra pessoa talvez se perdesse sob a mesma pressão e se voltasse para o ódio. Mas ela era sempre generosa, sempre oferecia ajuda para quem precisava, porque ela não podia conter seu espírito.

Enquanto crescia, ela aprendia mais sobre como a galáxia funcionava. Os Jedi e sua cruzada para manter o equilíbrio. A República e suas leis que não podiam protegê-la. Mas para ela existiam apenas criminosos, aqueles que usavam seu poder para servir somente a si próprios. Outra garota talvez desistisse, resignada a seu destino e à amargura. Conhecia muitas pessoas assim, e não as culpava. Faziam o possível para sobreviver. Mas havia algo nela que sempre se voltava para longe da escuridão, por mais tentadora que fosse.

A garota envelheceu. O deserto marcou seu rosto antes do tempo e rachou a pele de suas mãos. Trabalhava incansavelmente, até em projetos próprios em seu tempo livre para enfrentar a solidão. Podia vender seu trabalho, embora nunca fosse ter dinheiro suficiente para comprar sua liberdade. Ninguém a notava, ao menos ninguém em Tatooine.

Não era algo que ela ouvia, não exatamente. Era um chamado, mas era o tipo de chamado que você sente. Em algum lugar, na vastidão da galáxia, algo esperava por ela. Ela não entendia e não tinha muito tempo para tentar entender, mas quando sonhava, ouvia uma canção e se sentia menos sozinha.

A canção prometia algo que, ao menos por um tempo, seria apenas dela. Não haveria posse, nenhuma obrigação imposta. Apenas amor, conexão e a sensação de um lar. A garota não se sentia manipulada, embora o poder que cantava para ela estivesse além de sua percepção.

A garota sabia que nada era permanente. Até mesmo as cicatrizes em suas costas podiam se curar se alguém se importasse o suficiente com ela. Era uma

oferta de felicidade, uma chance de pertencer a alguém porque ela havia escolhido, não porque alguém a tivesse roubado. Uma chance de ter alguém que, quando olhasse para ela, sentisse amor. Algo que fizesse a luta valer a pena.

Shmi Skywalker ergueu as mãos para as estrelas e disse:

— Sim.

CAPÍTULO 1

EM UMA DAS POUCAS vezes em sua vida, Padmé Amidala não sabia o que fazer. Ela mantinha segredos o tempo todo, mas aquele era diferente. Em geral, as garotas com quem compartilhava seus segredos também ajudavam a mantê-los. Não eram apenas suas confidentes — elas faziam a manutenção de sua teia de segredos. E desta vez ela estava sozinha.

Um leve zumbido robótico no canto da sala a lembrou de que isso não era inteiramente verdade. Havia outros seres que manteriam esse segredo com ela, embora não muitos. O único problema era que nenhum deles podia ajudá-la agora. Bom, tinha quase certeza disso. Não custava nada perguntar.

— Você por acaso sabe alguma coisa sobre costurar vestidos? — ela perguntou à pequena unidade R2 azul.

Ele girou seu domo de um lado para o outro, imitando um humanoide negando com a cabeça e emitiu bipes talvez mais pesarosos do que a situação realmente pedia. Padmé agradeceu mesmo assim. Não havia motivo para ser rude.

Ela voltou a contemplar o tecido em seu colo. Não havia o suficiente para um vestido novo inteiro, mas ela não esperava por isso. O tecido estivera em sua família por várias gerações, cada pessoa recebendo um pedaço para incorporar em suas vestimentas de casamento. Sua irmã, que havia escolhido não se casar, usara sua porção para costurar roupas para suas filhas, mostrando que dava boas-vindas para as novas adições à família.

Doía um pouco fazer aquilo sozinha. Anakin não entendia, mas ela não podia esperar que entendesse. Ele entendia a questão familiar, é claro, e o desejo de manter uma tradição, mas não tinha muita intimidade com a costura. No entanto, ela ficou agradecida por ele ter a compaixão de permitir um tempo e espaço para ela encontrar uma solução. Estavam com um pouco de pressa.

R2-D2 emitiu mais alguns assobios e, quando ela voltou sua atenção para o droide, ele projetou uma imagem holográfica. Era uma arte familiar, uma das janelas do palácio de Theed que havia sido substituída depois da Batalha de Naboo. Aquela janela tinha sua imagem, quando era rainha, cercada por damas de companhia em tons de laranja. A sugestão do droide ficou clara.

— Não posso, R2 — Padmé disse a ele. Quase causava uma dor física dizer aquilo. — O que estamos fazendo precisa ser um segredo. Não posso trazê-las

para isso.

A projeção mudou para uma imagem da holonet capturada durante as celebrações da vitória dez anos antes. A Rainha Amidala estava de branco ao lado do líder Gungan, o Chefe Nass, cercada por membros de sua corte. R2-D2 aproximou a imagem sobre uma dama de companhia em particular e emitiu um bipe de incentivo.

— Não sei, R2 — falou Padmé. — Acho que não seria justo pedir ajuda sem dar nenhum detalhe.

O droide fez um som equivalente a um dar de ombros, e a imagem desapareceu.

Padmé considerou sua sugestão. Desta vez, ela não estaria pedindo ajuda como a rainha ou uma senadora. Isso seria normal e fácil. Estaria pedindo ajuda como Padmé e, por algum motivo, isso complicava tudo. Ela achava que sabia quais eram os limites, mas raramente os testava. Não era muito boa em pedir ajuda para as garotas como amiga. Elas haviam passado tempo demais trabalhando juntas.

Mas *eram* amigas. O que ela compartilhava com suas damas de companhia, atuais e antigas, era uma amizade tão profunda que incluía grandes partes de seu coração. Lamentava por Cordé e Versé, ao mesmo tempo que se alegrava pelos sucessos que as outras tinham tido além de sua esfera de influência. Certamente ela, Padmé, poderia pedir por essa ajuda.

Decisão tomada, juntou o tecido para não tropeçar nele, levantou-se da cadeira e seguiu para o console de comunicação.

Saché havia ligado para ela algumas horas antes, dizendo que chegaria tarde em casa e para não esperar acordada. Era melhor assim, Yané pensou. A cama estava cheia de crianças dormindo. Um deslizamento de terra em uma das regiões do leste do continente secundário de Naboo havia destruído uma vila quatro dias antes. Os únicos sobreviventes eram oito crianças que estavam em um transporte escolar no momento do desastre. Enquanto Saché e os outros representantes do governo trabalhavam para estabilizar o deslizamento e calcular os prejuízos, Yané abriu sua casa para as crianças.

Quatro delas já tinham sido recebidas por outros membros de suas famílias, mas as quatro restantes, todos primos, pareciam ter perdido a família inteira. Yané esforçou-se para que se sentissem seguras e bem-vindas, mas sabia que não era fácil lidar com o trauma. Se queriam dormir juntos na cama que ela compartilhava com Saché, então eram bem-vindos a isso. Era uma cama grande,

afinal de contas.

Como sempre fazia quando tinha um tempo para si mesma, Yané foi até seu tear. Ela não tinha muito tempo para tecer naqueles dias, embora ainda costurasse a maior parte das roupas das crianças, assim como as suas próprias e as de Saché. Sempre era bom voltar para o início de sua forma de arte, então quase decidiu ignorar o console de comunicações quando um sinal chamou sua atenção, até que retomou o bom senso. Quando viu quem estava chamando, ela tremeu com a expectativa.

— Senadora! — ela disse quando Padmé apareceu na sua frente. — A que devo o prazer desta chamada?

Ela sabia que Padmé estava em Naboo, é claro. Havia chegado depois do incidente em Geonosis e seguido diretamente para a casa do lago com um pedido para não ser perturbada. Saché relatou que a guerra estava se espalhando e Naboo quase certamente seria envolvido, mas havia poucos detalhes. Mesmo assim, Yané ficou contente em ver Padmé.

— Oi, Yané — cumprimentou Padmé. — Desculpe ligar tão tarde. Eu estava torcendo para você estar disponível.

— Foi a hora perfeita — respondeu Yané. — Saché ainda está no trabalho, lidando com o deslizamento de terra, e todos os sobreviventes estão dormindo na nossa cama. Estou completamente ao seu dispor.

— Oh — disse Padmé. — Desculpe. Eu tinha esquecido do deslizamento de terra. Vocês têm tudo que precisam para as crianças adicionais? Você deve estar tão ocupada.

— Você tem muitas outras coisas para se preocupar — falou Yané. — E eu também, para ser perfeitamente sincera; mas, no momento, eu estava mesmo precisando de uma distração. Sobre o que você queria conversar?

Padmé hesitou e, naquele momento, Yané soube que seria um favor pessoal. Se fosse relacionado ao trabalho, ela já teria simplesmente afirmado a razão daquela ligação.

— Eu gostaria do seu conselho sobre um vestido — Padmé finalmente disse.

Yané reconheceu o tecido de imediato, ou melhor, sua função, se não sua forma particular. Aquilo seria para um vestido de noiva. Para Padmé. Aparentemente uma surpresa, mas agora que a senadora passava tanto tempo fora do planeta, não era de se admirar que ela fizesse coisas que Yané desconhecia.

Ainda assim, magoava um pouco. Yané deixou transparecer em seu rosto e viu Padmé reconhecer exatamente suas emoções. Elas não precisavam de palavras. Aquilo era suficiente.

— Você deveria usar como véu — sugeriu Yané, indo direto ao assunto agora

que tinham esclarecido tudo. — Alguns anos atrás, a moda era incorporar o tecido com a cauda ou a faixa, mas acho que um véu cairia melhor para você.

O tecido de casamento de Yané fora incorporado tanto na cauda quanto na faixa, já que ela havia usado seu próprio tecido e o de Saché no desenho final. O vestido de Saché foi espelhado no dela, com calças largas no lugar da saia para combinar melhor com seu gosto pessoal. Isso foi há quase dois anos.

— Faz sentido — reconheceu Padmé. — Eu consigo costurar isso aqui. Você tem alguma sugestão para o vestido em si?

Yané olhou mais atentamente para o tecido nas mãos de Padmé e depois olhou para o outro lado do quarto, onde ficava seu tear. Padmé merecia mais do que um vestido improvisado com qualquer tecido à disposição. Ela merecia algo feito pelas mãos de uma amiga. Se Yané tirasse seu tear mecânico e bebesse um pote inteiro de caf, ela conseguiria. Saché não voltaria mais naquela noite, de qualquer maneira.

— Pode deixar que eu cuido disso — ela assegurou.

O rosto inteiro de Padmé se transformou quando ela sorriu. Não foi um sorriso da rainha ou da senadora, mas um sorriso pessoal que Yané raramente presenciava, embora valorizasse sempre que via. Seja lá o que Padmé estivesse aprontando, ela estava feliz, e Yané não podia negar que a felicidade de Padmé era uma de suas coisas favoritas. Isso fazia tudo valer a pena, até mesmo os segredos mantidos depois que Padmé se distanciara delas.

— Obrigada — disse Padmé. — Obrigada mesmo.

Elas não se demoraram mais na ligação, embora ambas tivessem tanta coisa para conversar. Agora tinham trabalho a fazer.

Padmé encontrou o droide de costura exatamente onde esperava, em uma das salas de trabalho da casa do lago. Era uma casa para artistas, como a maioria das casas naquela área, mas aquela havia sido especificamente preparada para os talentos das garotas que ela trouxera ali durantes os anos. As luzes na sala de trabalho eram suaves e bem-posicionadas, e Padmé começou o trabalho imediatamente.

Por um instante, ela se perguntou o que Anakin estaria fazendo. Não o veria de novo até a tarde do dia seguinte, embora ele fosse o único outro humano na casa. Ele podia sentir a presença dela, Padmé sabia disso, e ele provavelmente sentia seu entusiasmo e preocupações. Ela torcia para que ele entendesse que seus sentimentos eram normais. Nem todo mundo tinha o treinamento Jedi para controlar as emoções que projetava. Ele provavelmente estava meditando ou

trabalhando em C-3PO, que ainda precisava de uma limpeza antes de receber sua cobertura final. O droide estivera em Tatooine, depois em Geonosis. Suas juntas provavelmente estavam cheias de areia.

A agulha refletia a luz enquanto ela trabalhava, finalizando as bordas e modificando as pregas do véu. Tudo estava quieto, e isso era estranho. Mesmo sem ninguém falando, as salas onde ela trabalhava sempre estavam cheias de gente. Ela geralmente ficava cercada de pessoas.

A dor da ausência de Sabé a atingiu de repente e sem aviso. Sentia falta de todas as garotas, é claro, mas sentia mais saudades de Sabé. Nem sabia exatamente para onde sua amiga tinha ido. Elas não tinham conversado sobre isso, com Padmé correndo por toda a Orla Exterior e depois com a guerra estourando. Não houve tempo. Sabé tinha executado várias missões fora do planeta para a Senadora Amidala desde que tinha ido para Coruscant, mas Padmé sempre deu a ela o tempo que precisava para realizar seus próprios interesses. O tráfico a levava até os cantos mais escuros da República, e nem sempre Sabé conseguia fazer contato. Agora, embora aquele casamento fosse um segredo que a galáxia não podia descobrir, Padmé sentia sua falta.

Padmé afastou o sentimento de culpa e tristeza que sentia e se concentrou nas coisas boas. Estava segura. A Batalha de Geonosis tinha sido vencida, mesmo com um custo muito alto. Anakin Skywalker a amava.

E, no dia seguinte, ela ia se casar.

CAPÍTULO 2

DESTA VEZ, SERIA DIFERENTE. Sabé havia decidido isso anos antes, quando sua primeira operação em Tatooine fracassara. Desde então, ela não havia retornado ao planeta, mas conseguiu juntar uma lista de contatos e identidades tanto para ela quanto para o Capitão Tonra, que lhes permitiria voltar e tentar libertar as pessoas de novo. Ambos ainda estavam tecnicamente empregados pela senadora de Naboo, mas sua missão de longo prazo não havia mudado. Sem ter nenhuma outra tarefa, Sabé decidiu que tinha chegado a hora.

A maioria das pessoas na Orla Exterior não se importava com o crescente conflito Separatista dentro da República. Não afetava seu dia a dia e não envolvia seus governos. Eles tinham preocupações muito mais imediatas. Entretanto, para aqueles que lucravam com a dor e o sofrimento — os senhores do crime e os traficantes —, toda guerra era uma oportunidade para mais negócios. Sabé estava ali para fazer todo o possível para impedir que isso acontecesse.

— Eles estão chamando de Guerras Clônicas — disse Tonra, no assento do copiloto.

Nos últimos seis anos, haviam passado mais tempo longe um do outro do que juntos. Ela vinha aumentando sua rede de contatos e ele agora trabalhava muito mais próximo de Typho e Mariek Panás, protegendo a senadora. Quando se encontravam, geralmente era para alguma operação específica de Padmé, ou porque Sabé precisava de ajuda. Mas sua voz continuava sendo tranquilizadora como sempre, e sua presença, igualmente sólida. Sabé tinha muitas dúvidas sobre várias coisas ultimamente, mas Tonra nunca tinha sido uma delas.

— Que criativo — disse Sabé.

— Eles precisam dar algum nome — comentou Tonra. — Ou então como venderiam novos holos sobre tudo isso?

— Dois exércitos construídos do nada — falou Sabé. Ela sacudiu a cabeça. — Não gostei disso. O nosso lado tem alma. Não podemos simplesmente jogá-los contra máquinas produzidas em massa.

— Existe uma discussão significativa quanto a isso — prosseguiu Tonra. Ela olhou feio para ele e Tonra ergueu a mão defensivamente. — Mas eu concordo com você.

Sabé olhou para o cronômetro da nave. Ela ainda vestia uma roupa elegante e colorida e precisava se trocar antes que chegassem. Era um visual perfeito para uma assessora de alto nível nos corredores do Senado da República ou para importantes negociações nos mundos do Núcleo, mas não representava mais quem ela realmente era. Sabé transferiu o controle da nave para Tonra e seguiu para o compartimento traseiro.

Tecnicamente, uma pessoa de seu nível social declarado não possuiria sua própria nave. Eles deveriam usar um transporte público para Tatooine, se quisessem que tudo fosse perfeito. Mas Sabé não queria abrir mão da liberdade e flexibilidade que uma nave particular proporcionava, então fez de tudo para incorporar a nave em seu disfarce.

Sabon e Arton Dakellen eram negociantes de sucesso mediano, especializados em viagens curtas para cargas específicas de alto valor e baixo volume. Com o início da guerra, eles haviam vendido sua parte nos negócios e encontrado empregos que seriam mais estáveis durante o conflito. Já que Sabon tinha posse total da nave, ela a manteve. Os dois estavam se mudando para Tatooine, onde Sabon cuidaria da logística para uma empresa de exportação de água e Arton manteria a cadeia de suprimentos de uma das cantinas locais. A nave deles estaria disponível para aluguel, e embora não fosse a principal fonte de renda, isso explicaria qualquer ausência do planeta.

Na última vez que haviam passado por Tatooine, eles simplesmente apareceram. E fizeram perguntas demais. Desta vez, fariam parte da comunidade. Levaria mais tempo, e não seriam capazes de ajudar tão diretamente, mas Sabé entendia em seu coração que esse era um plano melhor.

Ela tirou seus trajes refinados de Coruscant, mas manteve a roupa de baixo. Ninguém veria mesmo, e ela certamente não precisava se livrar de nenhum item prático que de qualquer maneira já ficaria escondido. Vestiu uma camisa leve sobre a cabeça. A peça a cobria até os punhos, para manter o sol longe de sua pele, mas era feita de um material respirável. Vestiu um par de calças resistentes de cor amarronzada. A calça tinha vários bolsos para qualquer ferramenta que precisasse. A seguir, veio sua sobretúnica, um colete sem mangas que chegava até as coxas, embora houvesse aberturas na cintura para ela poder se mover. Tinha um tom laranja, dando-lhe uma impressão geral empoeirada. Ela se encaixaria muito bem no cenário de Tatooine. Por último, veio um cinto largo, onde carregaria sua bolsa, cantil e vibrolâmina.

Ela guardou as roupas elegantes no fundo do baú, deixando suas outras roupas adequadas para Tatooine no topo para acesso rápido. Teoricamente, havia um apartamento esperando por eles, mas não havia como saber qual seria a situação para armazenar suas coisas. Vestiu suas botas e depois abriu o baú de Tonra. Ele

era perfeitamente capaz de separar suas próprias roupas, mas velhos hábitos não morrem fácil.

— Sua vez — disse ela, voltando para a cabine e retomando seu assento.

— Vamos sair do hiperespaço a qualquer momento — informou Tonra, devolvendo o controle da nave para ela.

Sabé preparou a permissão de aterrissagem e a liberação para atracar enquanto Tonra se trocava. Suas roupas eram basicamente as mesmas que as de Sabé, só que maiores. Ele carregava um blaster abertamente, uma arma deselegante preta e cinza que ele adquiriu em um lugar qualquer. Estava se sentando de volta no assento quando o comunicador ganhou vida e uma voz foi ouvida.

— Cargueiro Um Dezessete, aqui é o controle de voo. Declare suas intenções. — Não era um droide falando, apenas uma pessoa incrivelmente desinteressada.

— Enviando permissões agora — respondeu Sabé, transmitindo primeiro os documentos de aterrissagem e depois a liberação para atracagem.

— Recebido, cargueiro — a voz disse. — A plataforma trinta e um é sua.

— Obrigada, controle — falou Sabé. A conexão já tinha se encerrado, mas ela ainda tinha uma boa educação. — Aqui vamos nós — prosseguiu Sabé e iniciou a sequência de aterrissagem.

— De novo — Tonra acrescentou enquanto revisava a lista de checagem do copiloto.

Sabé exalou, um pouco irritada. Não haviam conversado sobre isso, não de verdade, mas ela sabia que ambos ainda estavam um pouco queimados por causa de como as coisas haviam acontecido da última vez que estiveram ali. Eles estragaram completamente o disfarce e mal conseguiram salvar a operação usando seus próprios recursos para comprar um carregamento de pessoas escravizadas. Essas pessoas foram imediatamente libertadas e levadas para Karlinus, um planeta onde trabalhadores eram bem-vindos e bem-pagos, mas nem de longe foi o sucesso que Sabé queria. Nada irritava mais do que fracasso e negócios inacabados.

— Estou contente por você ter vindo comigo — afirmou ela. — Sei que você seria útil para a segurança de Coruscant, e provavelmente já tem uma patente alta o bastante para conseguir um emprego regular no palácio de Theed se quisesse.

— Você também não precisa exatamente estar aqui — Tonra a lembrou. — Nós dois estamos aqui porque deixamos algo inacabado e queremos tentar de novo.

— Agora que somos mais espertos — Sabé acrescentou.

— Mais sábios — Tonra a corrigiu gentilmente. — Não sei se a galáxia conseguiria lidar com você se ficasse ainda mais esperta.

Sabé riu e manobrou a nave sobre Mos Eisley. A cidade não havia melhorado desde a última vez em que estivera ali. Construções baixas em tons de marrom se estendiam até perder de vista debaixo deles. Havia pouca evidência de infraestrutura pública. As ruas eram posicionadas de qualquer jeito e sem largura uniforme. Havia cabos e tanques de água pendurados em toda parte. Ela sabia que não era possível, não com os circuladores de ar dentro da nave, mas era quase como se pudesse sentir o cheiro: calor e poeira e gente demais.

Tonra estendeu o braço e pousou a mão suavemente sobre a mão dela. Sabé não estava sozinha. Eles aterrissaram a nave juntos.



A lista de Dormé era muito curta. Não sabia exatamente quanto tempo Padmé planejava ficar em Naboo, e não *queria* saber o que ela estava aprontando, mas Dormé tinha sua própria tarefa nesse meio-tempo. Era um pouco mórbido substituir suas colegas de trabalho, mas a tarefa deveria ser feita. Cordé e Versé haviam partido, e Dormé não conseguia fazer tudo ao mesmo tempo. Precisavam de mais damas de companhia.

— Acho que deveria ser diferente desta vez — Padmé dissera. Dormé voltava para Theed com Typho. Padmé já tinha aterrissado e seguido para a casa do lago. — Quando trouxemos você e as outras, procurávamos talentos específicos. Na primeira vez, eu precisava de sósias e amigas. Acho que, desta vez, preciso mais de…

A voz dela sumiu, mas Dormé sabia o que estava pensando. E também não era apenas a tristeza falando. Era a praticidade.

— Você precisa de assessoria para o Senado — concluiu Dormé. — Você precisa de damas de companhia para realmente fazer aquilo que todo mundo pensa que damas de companhia fazem. Elas não serão tão multitalentosas como as últimas equipes, mas podemos encontrar pessoas leais e que desejam servir.

— E seria justo pedir a elas que façam isso? — questionou Padmé. Servir sem amizade lhe parecia algo frio. — Ofereci para o restante de vocês muito mais em troca, em termos de um relacionamento comigo e um desafio no trabalho.

— Para elas, isso será normal, senadora — Dormé dissera. — E eu ainda estarei com você, é claro.

— Então, deixarei para você cuidar disso — Padmé respondera. — Obrigada.

— Estou ao seu dispor — Dormé murmurou, e a conexão foi encerrada.

Agora, sentada com a lista de nomes, Dormé estava satisfeita com o resultado das entrevistas. As damas de companhia eram basicamente lendárias. Todos sabiam que apenas as melhores eram selecionadas; no entanto, ninguém

realmente sabia o que elas faziam, e a maioria das pessoas achava que nunca teria chance de descobrir. Três das entrevistadas eram claramente mais adequadas à vida na corte de Theed em si. Dormé já tinha lhes enviado uma educada rejeição e uma carta de recomendação para o palácio. Uma quarta pessoa tinha habilidades semelhantes demais às de Dormé, considerando o que Padmé vinha procurando. Três meses antes, teria sido perfeita. Dormé enviou seu nome para Saché, caso ela um dia precisasse.

Isso a deixava com duas. Ela gostara das duas candidatas quando as entrevistou e ficou satisfeita quando retornaram para uma segunda conversa. Sabiam que estavam substituindo damas de companhia que haviam falecido, e Dormé não as culparia se decidissem recuar.

— A senadora está ansiosa para conhecê-las — Dormé lhes assegurou depois de assinarem os contratos. — Às vezes, sua agenda pode ser imprevisível, mas ela está passando um período com a família agora, então vocês têm tempo para voltar para casa e se preparar para deixar Naboo. Recomendo levarem apenas alguns itens pessoais. Vamos fornecer todo o restante, e assim fica mais fácil para se locomoverem mais depressa.

As duas garotas assentiram e depois trocaram olhares. Dormé decidiu esperar suas reações.

— E quanto aos nossos nomes? — Elleen enfim perguntou.

Dormé ficou agradavelmente surpresa. Mudar o nome não era uma regra das damas de companhia, e ela não havia planejado tocar no assunto a menos que elas mencionassem, mas era um bom sinal. Por toda Naboo, as crianças vinham recebendo nomes terminados em *é*, como homenagem a Padmé. Era moda, como as túnicas encapuzadas na corte, mas ainda assim fazia parte de seu legado.

— Nós somos Naboo — Dormé disse a elas. — Eu chamarei vocês da maneira que desejarem.

— Então, eu serei Ellé — a garota declarou. Ela claramente vinha considerando aquilo. Dormé olhou para a segunda garota.

— Moteé — falou ela. Não era particularmente tímida, apenas preferia deixar os outros falarem por ela, já que falariam mesmo.

— Vou modificar os arquivos — disse Dormé. — Em nome da Senadora Padmé Amidala, fico feliz em receber vocês.

As novas damas de companhia se retiraram, e Dormé enviou seus arquivos para que Padmé pudesse se familiarizar com elas. Não houve resposta, mas Dormé não esperava uma. Desde que não soubesse o que Padmé estava fazendo, não precisava dar sua opinião, e sua opinião não era mesmo da conta de ninguém. Quando chegasse a hora, Padmé contaria a ela. Era assim que funcionava.

Um leve bipe indicou que havia uma nova mensagem. Dormé sorriu: era Typho.

— Você já acabou? — ele perguntou, quando o rosto holográfico apareceu na frente dela. Dormé sempre ficava contente em vê-lo, mesmo naquela forma azul e transparente.

— Sim — disse ela. — Um grupo inteiro para a viagem de volta para Coruscant.

— Excelente — respondeu ele. — Eu reservei uma mesa naquele restaurante que está recebendo as algas que Eirtaé vem cultivando. Quer ir comigo comer um pouco de arte?

Dormé riu e disse que adoraria. Seu trabalho era importante e muito satisfatório, mas às vezes era bom estar em casa.

CAPÍTULO 3

SACHÉ FOI TRABALHAR ESPERANDO um longo dia de debates e discussões com a legislatura ao lidar com o resultado do deslizamento de terra no continente secundário. Ela sabia que Yané tinha a parte mais importante da situação sob controle: os sobreviventes estavam seguros e recebendo cuidados. Cabia ao restante das pessoas avaliar a situação e fazer seu melhor para ter certeza de que nada como aquilo acontecesse de novo.

Levou algumas horas, mas a legislatura passou razoavelmente rápido pela lista de tarefas. Equipes de avaliação foram enviadas para o local do deslizamento e as regiões próximas. Engenheiros foram chamados para desenvolver novos mecanismos de segurança. Fazendeiros foram consultados sobre qual seria a melhor maneira para prosseguir com o assentamento das colinas. Financiamento médico foi separado para as crianças órfãs, para assegurar que teriam recursos se precisassem de algo que seus cuidadores não pudessem fornecer. Embora a agenda fosse embasada em um desastre, a legislatura até que teve um bom dia. Completaram todo o trabalho e ninguém fugiu muito do assunto ou tentou manipular os procedimentos para ganhos pessoais. Na verdade, estavam prestes a encerrar a noite, quando um jovem legislador de Theed se levantou e pediu a palavra.

— Excelentíssimos colegas, sei que tivemos um longo dia — começou o jovem rapaz. Saché preparou-se para o pior. — Mas agora que lidamos com a crise em nosso planeta, penso que devemos voltar nossa atenção para a situação galáctica.

Algumas pessoas resmungaram ao ouvir aquilo. Todos sabiam que era importante, mas já era tarde e eles não poderiam fazer algo até a manhã seguinte.

— Eu sei, meus amigos — o jovem rapaz continuou. — Mas já estamos aqui, e um assunto de muita importância foi trazido ao meu conhecimento, porque afeta não apenas Naboo, mas todo o setor Chommell.

Isso ganhou a atenção de Saché. As relações com os outros planetas do setor Chommell eram cordiais, mas não houve o progresso que a Rainha Amidala desejava quando encerrou seu reinado.

— Diante da Guerra Clônica — o jovem disse, usando as palavras aparentemente pela primeira vez —, eu me volto para um profissional militar

para aconselhar a legislatura, e cedo a palavra ao Capitão Quarsh Panás.

Nesse momento, veio um burburinho mais agitado. Quarsh Panás raramente falava em público nos últimos tempos. Seus chamados para incrementar a militarização depois que o canhão de íons tinha sido construído foram recebidos quase inteiramente com rejeição, e sua credibilidade perante a coroa havia diminuído muito. Mas ele ainda tinha amigos na legislatura, e sua presença sempre era um acontecimento. Saché aproveitou a distração de todos para escrever um lembrete para ligar para Yané durante o recesso e dizer para não esperar acordada.

Panás andou a passos largos até o centro do salão. Era um anfiteatro, e pequeno o bastante para a acústica funcionar sem a necessidade de tecnologia. Tudo que Panás dissesse seria perfeitamente ouvido, desde que ele não andasse de um lado a outro.

— Parlamentares — ele começou —, não quero mantê-los acordados depois de sua hora de dormir à toa, mas com o início da Guerra Clônica, existem coisas com que Naboo precisa lidar.

O murmúrio que veio em resposta foi de leve ofensa, mas todos eram educados demais para gritar com ele.

— Na sua tela agora está aparecendo uma cópia de uma velha lei, aprovada no passado nestes mesmos corredores — disse Panás. Saché olhou para sua tela pessoal e começou a ler, dividindo sua atenção. — Como vocês verão, essa lei remonta aos tempos quando Naboo se expandiu para os planetas inabitados no setor. Como parte do acordo, os colonos assinaram um contrato que permanece ativo até hoje.

— Apenas nos diga logo o que o contrato diz, capitão. — O Governador Bibble claramente já estava sem paciência.

— É claro, governador — falou Panás. — Em troca do empréstimo que Naboo forneceu para os custos iniciais, os colonos concordaram em serem chamados para suprir Naboo em tempos de emergência. Não fizemos isso durante a Ocupação porque não tivemos tempo, mas poderíamos ter feito. Eles seriam legalmente obrigados a nos fornecer qualquer coisa que decidíssemos que fosse necessário.

Um silêncio mortal seguiu seu discurso. Saché apertou com tanta força o botão para falar que achou que fosse quebrá-lo.

— Legisladora Saché? — o droide de protocolo a anunciou.

— Governador — disse ela, e se levantou. — Capitão, os termos do contrato são mesmo vagos assim?

— Sim, eu diria que são. — Ele não a chamou com nenhum título e seu rosto suavizou um pouco quando falou em sua direção, ao mesmo tempo que seus

olhos recaíam sobre as cicatrizes que ele não fora capaz de impedir. Depois de todo aquele tempo, ele *ainda* não entendia completamente o que havia formado nela. — Assim que as colônias se tornassem estáveis, como são agora, Naboo poderia cobrar o empréstimo.

— E os planetas do setor sabem disso? — ela perguntou.

— Eles sabem, Vossas Excelências — garantiu ele. Panás tirou os olhos dela para voltar a falar com todo o plenário. — Precisamos considerar cuidadosamente o que faremos agora. A guerra irá nos alcançar, de uma forma ou de outra, e logo. Naboo é conhecida por fornecer auxílio. Se também tivermos os planetas do setor Chommell como fonte, isso afetará como faremos a distribuição de recursos nos próximos dias.

— E se eles não conseguirem sustentar a si mesmos e a nós? — Saché ainda tinha a palavra, aparentemente, embora não tivesse sido a única a gritar uma variação da mesma pergunta.

— É por isso que venho trazer essa questão para vocês — esclareceu Panás.

— Você tem minha gratidão, capitão — disse Bibble. — Se todos puderem se sentar novamente para retomarmos a ordem, eu ouvirei as recomendações sobre como prosseguir.

Saché não se deu ao trabalho de apertar o botão de fala novamente. Outra pessoa se levantou para recomendar um recesso de quarenta minutos para que pudessem ler a lei e formular seus pensamentos — e comer alguma coisa, ou ao menos isso ficou subentendido — e Bibble concedeu. Saché tinha nove mensagens de aliados quando chegou em seu escritório, e três de seus adversários de sempre, todos perguntando o que ela faria agora. Por dez minutos, ela ignorou tudo.

Todos se lembravam da Ocupação. Todos se lembravam da falta de comida e, depois, por causa da Federação de Comércio, não serem capazes de distribuir a comida que tinham. A maioria foi enviada a campos de concentração. Mas apenas Saché foi torturada.

As lembranças daquela experiência horrível a assombravam apenas de vez em quando. Geralmente, ela tinha um pesadelo, então Yané a acalmava até que voltasse a dormir, e isso era tudo. Às vezes, se a menção da Ocupação a pegasse de surpresa, sua garganta fechava e ela claramente se lembrava da dor. Agora, aquilo não era nenhuma dessas duas coisas. Ela se lembrava, mas isso não a consumia. Aquilo era um fogo que ela podia canalizar.

Saché respirou fundo e se olhou no espelho que mantinha na gaveta de sua mesa. Rabé havia criado duas versões da mesma maquiagem para ela. A primeira era uma cobertura que igualava o tom de sua pele. Ela quase nunca usava. A outra, que ela usava quase todos os dias, destacava a diferença entre sua pele

pálida e a vermelhidão de suas cicatrizes. Ela havia conquistado aquelas cicatrizes, foram à custa de *muito* sofrimento, então as usaria abertamente. Quando falasse no plenário, todos a veriam, e então saberiam.

Saché retornou ao plenário trinta minutos depois, após contatar sua esposa e dizer boa noite para suas filhas, que passaram na frente da transmissão. O mesmo sinal chamou todos de volta. A noite se arrastava enquanto os legisladores discursavam e facções eram formadas. Panás não falou de novo, mas continuou no plenário o tempo inteiro, e Saché se perguntou como ele havia se deparado com aquela informação tão vital naquele exato momento. Ele não era do tipo que vasculhava velhos arquivos da política de Naboo apenas por diversão. Se havia uma guerra, talvez estivesse procurando uma forma de voltar às graças da rainha. Afinal de contas, ele sempre tinha o bem de Naboo como sua principal preocupação, mesmo não concordando com o consenso da maioria sobre como proceder para isso.

Finalmente, a vez de Saché chegou, e ela se levantou para discursar para o plenário. Ela não revelou nenhuma de suas especulações, pelo menos não naquele momento. Era hora de encontrar boas perguntas, não perguntas sobre hipóteses não confirmadas. E ela sempre podia descobrir mais depois se ninguém soubesse exatamente o que estava pensando.

— Meus amigos, estamos em uma encruzilhada — disse ela. — E temos uma escolha. Podemos ser ditatoriais e impiedosos, e assegurar nossas próprias necessidades antes de qualquer outra. Ou podemos cancelar a lei por inteiro e declarar esse episódio como águas passadas. Acho que todos vocês sabem onde eu me posiciono sobre essa questão.

Houve alguns aplausos de aprovação para sua fala.

— O que não muda é isto — ela concluiu. — Precisamos conversar com os outros planetas para encontrar maneiras para trabalharmos juntos. Todos temos recursos que outros planetas necessitam, e não há motivo para não cooperarmos. Mas isso deve ser feito sob a prerrogativa de um bom governo, não de uma lei datada, assinada por nossos antepassados durante tempos de desespero.

Eram quase três horas da manhã quando Bibble anunciou uma pausa nos procedimentos. O discurso de Saché foi o mais bem-recebido, mas havia um contingente maior do que o esperado de legisladores que não queria que a lei fosse rescindida. Eles estavam tão preocupados com as dificuldades que poderiam passar que não conseguiam entender — ou não se importavam — como isso afetaria o padrão de vida dos outros. Não aceitavam que Naboo pudesse sofrer junto com seus vizinhos, uma escolha deliberada para se juntar a eles em vez de explorá-los. O medo que sentiam os deixava egoístas e cegos. Então, depois de tudo aquilo, não houve nenhuma votação. Bibble os mandou

para casa com instruções para retornarem ao debate no dia seguinte.

Saché pensou em tentar falar com Panás na saída, mas ele foi cercado pelos legisladores que queriam manter a lei, e ela não suportava falar com nenhum deles, então preferiu voltar a seu escritório. Enviou uma mensagem para a governadora de Karlinus, uma velha amiga, e para Harli Jafan, que geralmente era uma aliada razoável. Havia uma foto enviada por Yané de uma cama familiar cheia de crianças, e uma mensagem de Dormé sobre uma pessoa que poderia ser uma boa assistente. Saché definitivamente precisava de um, mas decidiu esperar uma hora melhor para responder.

Deixando todo o restante para depois de descansar, Saché se deitou no sofá que Yané havia comprado para aquele exato propósito e dormiu.



O quarto de Quarsh Panás no quartel era frio, mas era assim que ele preferia. Mariek sempre aumentava o aquecimento e, embora ele ficasse contente sempre que ela ficava contente, o frio não era nada mal. A noite no plenário ocorreu quase exatamente como ele havia imaginado: muita conversa e pouca ação. Mais legisladores do que ele esperava se posicionaram a favor de manter a lei. Eles seriam derrotados, é claro, mas haveria concessões e acordos quando isso acontecesse, e Panás poderia usar isso para fortalecer as defesas de Naboo.

Antes de encerrar a noite e dormir, ele enviou uma rápida mensagem para Coruscant. O Chanceler Palpatine era um homem ocupado, mas ainda encontrava tempo para escrever a Panás de vez em quando. Ele dissera que ler sobre a história de Naboo e conversar sobre isso com os amigos de seu planeta natal o ajudava a se focar e o lembrava de seu propósito, mesmo com a galáxia entrando em uma guerra. Ele ficaria grato de saber que Panás havia agido conforme sua última mensagem e que seu planeta natal estaria, como sempre, tão seguro quanto possível.

CAPÍTULO 4

O SOL HAVIA SE erguido, mas ainda não havia passado pelas montanhas quando Padmé mergulhou no lago. Era sua hora favorita para nadar, naquele momento quando havia luz o suficiente para enxergar antes de o dia realmente começar. A água estava límpida e fria, como sempre. O lago recebia água de riachos das montanhas, e o povo de Naboo tomava cuidado para não poluí-lo com o escoamento agrícola. Antes do calor do dia aquecer as águas, nadar causava um despertar abrupto. Padmé queria clarear a mente.

A questão não era que ela se sentisse confusa ou incerta sobre o que estava fazendo. Na verdade, sua conversa com Yané na noite anterior e as horas de meditação passadas costurando a deixaram ainda mais convicta. O que a incomodava era que ela sempre se considerava uma pessoa sincera e direta. Sim, ela mantinha segredos, mas era pelo bem de seu planeta, seu povo. E sempre havia aqueles que conheciam toda a história. Agora suas verdades estavam separadas, divididas entre aqueles que ela queria bem, e ninguém possuía toda a verdade. Apenas ela sabia, sozinha e no centro de sua própria vida.

Ela gostava disso. Embora sentisse muito a falta das amigas e dos pais e irmã, ela adorava a solidão daquele momento, de saber que sua decisão era apenas dela. Era contraditório, outra coisa que ela nunca foi, mas Padmé estava amadurecendo, e isso causaria mudanças.

Por muito tempo, sua vida havia girado em torno da percepção das pessoas sobre ela. O que faria e como se vestiria. Como suas decisões afetariam as massas de pessoas que ela nunca havia conhecido. Era um fardo tremendo, e ela o carregava desde a infância. Ela não se importava — às vezes, até gostava da responsabilidade —, mas com a liberdade de ser uma desconhecida, ela sentiu uma onda de entusiasmo. Anakin seria dela, e ela seria dele, e quase ninguém em toda a galáxia compartilharia isso com eles.

Padmé mergulhou o mais fundo que podia, ficando submersa pelo tempo que conseguiu ali onde havia silêncio. Quando seus pulmões queimaram em busca de ar, ela bateu os pés, emergindo na superfície com uma cascata de pingos d’água cintilando sob o sol da manhã. Tudo estava perfeito. O lago, a casa, seu espírito. Ela havia construído tantas coisas em sua vida — casas e hospitais, alianças e acordos — e agora Padmé tinha algo que era apenas para ela. Bom, para ela e

para Anakin. Eles seriam algo novo. E mesmo mantendo isso em segredo, Padmé sabia que aquele amor brilharia muito.

O dia estava começando. Eventualmente, ela teria que voltar para a vida real. Mas o lago a lembrava, como sempre fazia, da paz e tranquilidade de casa e a promessa de lugares onde ninguém alcançaria. Ela nadou até o píer, com a energia renovada e pronta para encarar o dia.



Anakin Skywalker não estava totalmente pronto para aquilo. E isso, ele percebeu, não era surpresa. Seu treinamento focava inteiramente no altruísmo e no desapego. Isso podia ser suficiente para a maioria dos Jedi, mas não era suficiente para ele.

A verdade era que Anakin havia decidido se casar com Padmé na cozinha da casa de seu padrasto. Ele observava como Owen e Beru se moviam enquanto preparavam o almoço, passando coisas antes mesmo de pedirem e rindo quando trombavam um com o outro. Era uma conexão que não tinha nada a ver com a Força, e Anakin queria aquilo para sua vida. Sua mãe também provavelmente teve algo assim com Cliegg. A importância de Shmi para a família Lars ficava muito clara pela maneira como falavam sobre ela. Ela tinha sido o centro daquela família. E Anakin não tinha feito parte disso.

Isso não era verdade. Eles souberam quem ele era assim que o viram e imediatamente o levaram para dentro de sua casa. Shmi devia ter falado sobre ele muitas vezes e deixado claro que, se um dia visitasse, ele deveria ser incluído. E eles fizeram exatamente isso. Como se não fosse nada de mais. Como se ele fosse da família. Os Jedi nunca tinham dado isso a ele. E agora Anakin poderia construir sua própria família.

Anakin sentou-se no meio do chão de pedra e pousou as mãos sobre os joelhos. Ele ainda estava se acostumando com a mão de metal — uma protuberância, ainda não uma prótese de verdade. Em termos médicos, tudo estava bem, e em termos de engenharia, a mão era perfeita. Mas Anakin sentia a diferença, mais do que as estranhas sensações que às vezes emanavam das juntas e nós que não estavam mais lá. Ele já tinha uma lista de modificações que faria quando voltasse para a oficina do Templo. A mão era *dele*, e ele se certificaria de que ficasse exatamente do jeito que queria.

Ele afastou suas preocupações mundanas e expandiu sua mente usando a Força. Ouvira a voz de Qui-Gon no deserto, implorando para que ouvisse ao lado bom de sua natureza, para que não cedesse ao ódio. Mas ele o havia ignorado. Naquele momento, Anakin disse a si mesmo que era apenas sua

imaginação, mas sabia que estava mentindo. Se a presença de Qui-Gon ainda existia em algum lugar, Anakin lhe devia um pedido de desculpas. E ele sempre agradeceria aos conselhos do Mestre.

Mas não encontrou nada. Anakin procurou mais fundo. Havia tantas lutas em seu futuro, mas era tudo pelo bem da República, pela ordem. Talvez fosse isso que Qui-Gon quisesse que ele visse. Sempre haveria uma forma para ele consertar as coisas.

Anakin sentiu-se centrado. Em paz. Sim, havia uma guerra e, não, ele não sabia muito sobre essa coisa de casamento, mas conseguia enxergar o caminho adiante, e teria que caminhar sozinho. Olhando para sua túnica Jedi, ele se perguntou pela primeira vez se deveria ter pedido que C-3PO encontrasse um traje melhor para ele se casar. Ele tinha certeza de que Padmé teria alguma coisa. Roupas incríveis eram a especialidade de Naboo. Mas não: ele era um Jedi se casando. Ao menos seria verdadeiro consigo mesmo. Já havia segredos demais em seu futuro. Ele se casaria da maneira que quisesse.

— Obrigado, Mestre — disse Anakin, embora não soubesse se Qui-Gon foi mesmo responsável pelas coisas que tinha visto e sentido.

Enquanto se preparava para voltar para a casa do lago, seus pensamentos retornaram para Padmé. Ele gostava quando ela ficava feliz, e ela parecia muito feliz desde que chegaram em Naboo. Era um lado dela que ele nunca tinha visto: sem preocupações e descontraída. Mesmo quando estiveram na casa do lago antes, ela se apoiava na formalidade como um escudo. Agora estava inteiramente relaxada, e eles podiam ser absorvidos um no outro de um jeito que não seria possível em nenhum outro lugar.

Anakin saiu a passos largos do templo, andando com determinação. Era o dia do seu casamento e tudo seria perfeito.



Padmé não estava com pressa para fazer nada, então ficou em seu roupão confortável enquanto o cabelo secava sob o sol da manhã. Havia vários bancos confortáveis na varanda para esse exato propósito e ela ficou contente em usá-los. Ela tinha, sim, uma lista de afazeres, mas também tinha bastante tempo. Enquanto observava o sol brilhando cada vez mais sobre a superfície do lago, ela ouviu o zumbido grave de um transporte se aproximando. Anakin havia levado o speeder naquela manhã, então ela não deu muita atenção até o transporte aparecer em seu campo de visão.

Mesmo ao longe, Padmé podia reconhecer um transporte real de Naboo. Aquele era para pequenos grupos, algo que a rainha podia usar para uma rápida

viagem até a cidade ou para enviar membros de seu círculo em uma missão oficial. Só podia estar se dirigindo para a casa do lago, Padmé sabia. Não havia outras casas na área onde o esquife podia atracar. Ela fechou o roupão e prendeu o cabelo úmido atrás da cabeça antes de descer até o píer.

A Rainha Jamillia desembarcou sozinha, deixando seus guardas e damas de companhia para trás para poder conversar com Padmé em particular. Ela usava um pesado vestido de veludo vermelho, mas seu rosto estava sem maquiagem e ela não trazia um adorno de cabeça elaborado sobre o cabelo. Qualquer que fosse o motivo daquela visita, não era exatamente algo formal.

— Vossa Majestade — cumprimentou Padmé, inclinando a cabeça. — A que devo a honra de sua visita?

— Senadora — disse Jamillia —, peço desculpas por invadir sua privacidade enquanto está se recuperando. Você está bem?

— Ainda doendo um pouco — Padmé admitiu. — Mas fora isso, nenhuma reclamação. Você me acompanha até a varanda? Ainda não tomei o café da manhã.

— Não posso ficar muito tempo — Jamillia explicou. — Eu gostaria de pedir um favor, se você estiver disposta a me ouvir. É um assunto um pouco sensível, por isso eu gostaria que você lidasse com isso de uma forma não oficial.

Padmé nem chegou a pensar em não atender ao pedido. Ela sabia que Anakin entenderia. Ele também servia a um propósito maior.

— Fico feliz em fazer o que eu puder — assegurou Padmé. — Por favor, diga-me o que você precisa.

— Vários membros do Coletivo Torada estavam fora do planeta quando a guerra estourou — começou Jamillia. — Isso não é incomum, é claro, mas cinco deles em particular estão atrás das linhas Separatistas, e seus pais gostariam que fossem resgatados.

O Coletivo Torada era um grupo de artistas de Naboo que não se encaixavam bem com seus pares. Alguns queriam mais riquezas e reconhecimento do que poderiam obter com as comunidades artísticas de Naboo, alguns tinham ideais políticos que não eram representados na legislatura e alguns apenas queriam se rebelar contra os desejos de suas famílias. Eles tinham algumas instalações no planeta onde podiam viver e trabalhar em paz, mas a maioria preferia viajar frequentemente.

— Estão todos juntos? — Padmé perguntou.

— Sim — afirmou Jamillia. — Posso lhe enviar as coordenadas. É possível que não estejam correndo perigo ainda, mas eu gostaria de estar o mais preparada possível. Sei que você trouxe uma escolta Jedi na volta para Naboo, e não posso enviar meus próprios oficiais de segurança para fazer isso. Existem

pessoas de Naboo por toda a galáxia e não posso parecer favorecer um grupo em particular.

— É claro — disse Padmé. Ela sabia que havia algo que Jamillia não estava dizendo, alguma razão para a rainha estar desesperada o suficiente para procurar Padmé em vez de usar os canais oficiais. Mas Padmé também sabia quando não fazer perguntas. Já estava na política há muito tempo, e Jamillia era uma pessoa em quem confiava. — Posso levar uma equipe pequena e trazê-los de volta em segurança a tempo para o jantar.

Era um pouco otimista demais, mas ela e Anakin haviam planejado uma cerimônia ao entardecer, de qualquer maneira. As vidas das pessoas eram mais importantes.

— Obrigada, senadora — Jamillia falou. — Se me der licença, eu preciso voltar para a capital.

— Faça uma boa viagem, Vossa Majestade — desejou Padmé.

— Você também, senadora — Jamillia respondeu.

A rainha caminhou de volta para o esquife real, que decolou imediatamente. A nave desapareceu em questão de momentos, deixando apenas ondulações na superfície do lago em seu caminho. Padmé sentiu como se tivesse sonhado todo o encontro, com exceção do chip de dados entregue pela rainha, marcado como prioridade um, com todos os detalhes que ela precisaria para a jornada.

Outro zumbido surgiu no ar da manhã e Padmé viu Anakin retornando pelo lago em seu speeder. C-3PO estava determinado a mantê-los separados antes da cerimônia, mas de jeito nenhum Padmé se lançaria naquela missão sem a ajuda de Anakin. Não havia outros guardas para levar com ela e, acima de tudo, ela gostava da ideia de trabalhar com ele de novo. Padmé observou quando ele atracou o speeder e saltou graciosamente para o píer na frente dela.

— O que foi? — ele perguntou. — Estou sentindo algo inesperado.

— Precisamos fazer uma rápida viagem — ela respondeu, um sorriso aparecendo em seus lábios. Ele também sorriu em resposta. — Um pouco de heroísmo, depois voltamos para o casamento.

— Vou avisar C-3PO enquanto você se arruma — disse Anakin.

Ele lhe ofereceu o braço, e os dois andaram juntos para dentro da casa.

CAPÍTULO 5

NOOROYO SE ESTENDIA ABAIXO deles, um planeta de grande biodiversidade, cheio de selvas e praias rochosas. Eles se dirigiam para a parte mais quente daquele mundo, o que era bom, pois o único conjunto aventureiro que Padmé tinha na casa do lago era uma nova versão de seu traje branco, rasgado na arena de Geonosis, e esse traje era criado para climas quentes. Anakin vestia sua túnica e manto, mas deixou sua capa pendurada em um compartimento a bordo da nave.

Padmé adorava a expressão em seu rosto quando ele via um novo planeta pela primeira vez. Até mesmo Geonosis, que não tinha sido exatamente uma viagem agradável, havia suavizado seus olhos e apagado um pouco do estresse de seus ombros. Nooroyo, verde e exuberante, iluminou seus olhos com uma curiosidade de garoto e um deleite irreprimível. Ela ficou contente em dar a ele um momento assim.

Uma voz interrompeu o silêncio:

— Nave não identificada, aqui é o controle aéreo de Nooroyo. Por favor, identifique-se imediatamente.

— Olá, controle, somos uma nave civil de Naboo que veio aqui para encontrar alguns de nossos artistas. Eles vivem em um assentamento ao norte da Cidade de Nooro — disse Padmé.

Houve uma pausa e Padmé suspeitou de que o controle estava fazendo a varredura da nave. Sua nave senatorial não tinha armamentos e eles não chegaram com uma escolta de caças. Se tivessem problemas, as habilidades de Anakin como piloto teriam que ser suficientes para tirá-los dali.

— Situação confirmada — retornou a voz. — Por favor, sigam para a rota de voo e a plataforma de aterrissagem destacadas. Todas as naves são registradas.

— Isso é novidade — Padmé comentou depois que o canal foi encerrado. — Nooroyo é até mais acolhedora do que Karlinus no próprio setor Chommell. Geralmente, eles não registram as naves.

— Acho que podemos agradecer aos nossos amigos Separatistas — disse Anakin. — Não gosto desse disfarce todo em vez de simplesmente dizer a real razão de estarmos aqui, mas provavelmente é mais seguro para todos se pudermos fazer isso tudo rapidamente.

Padmé concordou e manobrou a nave ao longo da rota destacada até o

assentamento dos artistas. Anakin, apesar de todo seu mau humor contra os Separatistas, passou o tempo inteiro olhando pela janela em busca de novas plantas e formações rochosas. Ela aterrissou a nave na plataforma designada, tocando o solo o mais suavemente possível para não perturbar a flora local.

O assentamento dos artistas era um conjunto bem-cuidado de construções às margens de um largo rio revolto. As construções eram todas pintadas com um tom de azul-claro, e havia flores em toda parte, jardins alinhados com as calçadas e preenchendo cada espaço disponível dentro da cerca de metal esculpido. O aroma era incrível quando Padmé saiu da nave. Uma brisa quente soprou para longe o ar parado do espaço e o substituiu pelo frescor de plantas nascentes. R2-D2 emitiu um bipe aprovando o clima.

Uma mulher humana alta veio caminhando na direção deles. Não parecia estar com pressa. Padmé não sabia se era uma das artistas de Naboo que tinham vindo resgatar, mas haveria tempo para isso depois das apresentações.

— Saudações, viajantes — a mulher disse. — Meu nome é Celena e esta é minha propriedade. Vocês são bem-vindos aqui, desde que obedeçam às nossas regras. Vocês vieram para ficar muito tempo?

— Olá — cumprimentou Padmé. — Nossa estadia será muito breve, embora a sua propriedade seja tão bonita, eu gostaria de termos mais tempo. Estamos aqui em nome da rainha de Naboo. Algumas de suas pessoas estão aqui e ela gostaria de se certificar de que estão seguras, considerando os eventos recentes.

O rosto de Celena endureceu, sua pele de porcelana tensionando ao redor dos olhos quando ela piscou de surpresa lentamente.

— Isso é compreensível — falou ela. — Somos todos cidadãos galácticos, independentemente de nossas afiliações políticas.

Seus olhos recaíram sobre Anakin, analisando suas roupas e penteado distintos, mas não disse nada para chamar atenção a isso.

— Venham — disse ela. — Eu os levarei para verem aqueles que procuram.

— Obrigada — murmurou Padmé.

Anakin disse para R2-D2 esperar com a nave, e eles partiram pelo caminho bem-cuidado.

— Todos são bem-vindos aqui — Celena reafirmou enquanto andavam. Aquilo parecia ser seu cartão de visitas padrão. — Qualquer um que deseja fazer arte sem supervisão pode ficar.

— Você mencionou regras? — disse Anakin. — Que tipo de coisas as pessoas que moram aqui precisam fazer?

— Nós somos antiviolência, então não permitimos conflitos — respondeu Celena. — Qualquer disputa deve ser resolvida por mim. Residentes não podem bagunçar demais em seus quartos, e devem ajudar a cuidar dos jardins enquanto

ficarem aqui.

— Isso parece mais do que justo — disse Anakin.

— Existem outras regras sobre comida e coisas assim, mas isso não será relevante para vocês se não ficarem por muito tempo — acrescentou Celena.

Aquilo foi um convite para não fazer mais perguntas, e Padmé foi graciosa o bastante para entender a dica.

Eles andaram sob um longo arco feito com flores de cores vibrantes, e Celena parou ao final.

— Vocês podem aguardar aqui — disse ela. Ela não esperou por uma resposta antes de se dirigir para uma das pequenas casas azuis.

Padmé virou seu rosto na direção do arco e respirou fundo. As flores eram tão cheirosas quanto coloridas, e já fazia tempo que estivera em um jardim tão bonito pela última vez.

— Você acha que o seu pai me ensinaria a fazer esse tipo de… coisa com as flores? — Anakin perguntou. — Quando o visitamos, notei o quanto ele gostava de seu jardim. Sei que eu não conseguiria fazer nada assim agora, mas talvez algum dia?

— A parte difícil seria fazer ele parar de falar sobre isso — brincou Padmé. Ela sorriu pensando em Anakin construindo um jardim para ela, aprendendo as técnicas de Naboo da mesma forma que ela aprendera na infância.

— Vou acrescentar isso para nossa lista — disse Anakin.

— É uma lista bem longa — observou Padmé. Ela não conseguiu segurar um pouco de ressentimento quando falou.

— Mas é nossa — acrescentou Anakin. Ele apanhou uma flor caída no chão e a prendeu atrás da orelha de Padmé, abrindo um grande sorriso quando ela sorriu para ele.

Aquele momento singelo entre os dois foi interrompido pelo som abafado de vozes alteradas dentro da casa. Era impossível distinguir as palavras, mas ao menos uma pessoa estava claramente muito zangada sobre algo. Depois de mais alguns momentos, Celena apareceu com um jovem rapaz humano atrás dela. Ele vestia roupas de Naboo, de ombros largos e calças coloridas. Ele tinha um par de suportes em suas pernas e andava se apoiando em duas bengalas. Celena voltou para dentro da casa.

— Deveriam ser cinco deles — falou Anakin, em voz baixa.

— Temos que começar por algum lugar — disse Padmé. Ela se voltou para o jovem rapaz. — Olá. Meu nome é Padmé. A rainha pediu para que eu viesse aqui me certificar de que vocês estão todos bem.

— Meu nome é Kharl, e eu sei por que você está aqui — adiantou-se ele. — Jamillia quer dizer aos nossos pais que estamos seguros em casa. Mas eu tenho

que dizer, vai ser difícil convencê-los. Os outros realmente não querem voltar.

— Mas pode ser perigoso ficar aqui. — Anakin inclinou-se para frente. — Naboo é a sua casa.

— Aqui é a nossa casa. — Kharl abriu seus braços para incluir todo o assentamento. Padmé não podia culpá-lo. Era um lugar maravilhoso, mesmo com a guerra se aproximando.

— Kharl, sabemos que vocês escolheram viver aqui, e respeitamos isso — disse Padmé. — Mas a Rainha Jamillia não pode protegê-los aqui. Os seus pais não podem protegê-los aqui. Nós só queremos que vocês fiquem seguros.

Kharl piscou devagar enquanto olhava para eles, seus olhos perdendo o foco por um momento. Foi o suficiente para Anakin.

— Você ingeriu especiaria! — ele falou, suas palavras cheias de acusação. — É por isso que não quer voltar para Naboo? Porque precisa continuar usando sua dose?

— Eu só uso a versão medicinal — alegou Kharl friamente. Qualquer sinal de cordialidade desapareceu dele. — Tenho uma condição crônica que me causa imensa dor. A especiaria me ajuda a tolerar. Não consigo comprar em Naboo por causa das suas leis. Eu mal consigo funcionar quando estou em casa, mas em Nooroyo, consigo fazer meu trabalho.

O sistema de saúde de Naboo era bom, mas não perfeito. Não havia cura para certas condições. Os médicos discutiam o melhor tratamento enquanto seus pacientes esperavam, desesperados por alívio. A especiaria não era bem-vista, considerada uma euforia recreativa que causava mais problemas do que resolvia, mas sua capacidade de aliviar a dor era inegável.

— Todos estão aqui por causa da especiaria? — Padmé perguntou o mais gentil que pôde. Ela não queria julgar, mas precisava saber.

— Não — garantiu Kharl. — Mas os Separatistas certamente estão. E eles não querem isso para aliviar a dor.

Padmé apertou o meio de seus olhos. Aquilo era muito mais complicado do que ela esperava, mas ela não podia culpar Jamillia. Era provável que ninguém em Naboo entendesse completamente a razão para aqueles artistas escolherem Nooroyo como seu lar.

— Nossa missão é levar todos vocês de volta para Naboo — contou Padmé. — Entendo que vocês estejam relutantes, mas se os Separatistas estão aqui por causa da especiaria, então será apenas questão de tempo até o planeta mergulhar em combate. E não será apenas os droides e a República. Criminosos também vão se envolver. Não podemos forçar você a fazer nada, mas eu agradeceria se ajudasse a convencer seus amigos.

Kharl pensou um pouco e então assentiu com relutância.

— Vai ser difícil — ele disse outra vez. — A maioria de nós deixou Naboo por um motivo, mesmo com os motivos não sendo todos iguais.

— Já estive em muitos lugares terríveis — afirmou Anakin. — Naboo é um bom lugar.

— Eu sei — concordou Kharl. — É tão bom que às vezes esquece que nem todo mundo na galáxia tem uma vida fácil. A maioria de nós está aqui porque não quer esquecer.

Anakin cerrou os olhos enquanto absorvia a declaração de Kharl, mas não disse nada.

— Você é exatamente o tipo de pessoa que precisamos em Naboo — Padmé disse para o jovem rapaz. — Trabalhando pela mudança, impedindo de nos tornarmos complacentes. Mas não é o tipo de trabalho que todo mundo quer fazer.

— Eu só quero pintar — Kharl concordou. — A ideia de falar em público me deixa enjoado. Mas eu gosto de ensinar. Temos crianças aqui e eu ensino como misturar cores e preservar as plantas.

Padmé sorriu, sentindo o calor do sol. Kharl olhou atentamente para ela por um momento, e então seu rosto empalideceu.

— O que foi? — questionou Anakin, instantaneamente detectando uma mudança emocional.

— Você não é apenas uma representante da rainha — disse Kharl, horrorizado. — Você é Amidala.

— Sim — respondeu Padmé. Ela não esperava ser reconhecida, mas não havia razão para negar.

— Você não pode estar aqui — falou Kharl. — Você não pode ficar aqui.

Ele irradiava seu alarme em ondas. Era óbvio, mesmo sem a Força. Anakin agarrou o braço de Padmé, pronto para arrastá-la de volta para a nave. Ela o dispensou.

— Por que não? — Padmé perguntou.

— Gunray está aqui — disse Kharl rispidamente. — Em pessoa. Para as negociações da especiaria. Sua nave foi marcada. Ele pode não reconhecer como sendo sua, mas definitivamente vai reconhecer como uma nave de Naboo e enviar alguém para checar. Você precisa ir embora. Agora.

Anakin agarrou seu braço de novo, e desta vez Padmé não o impediu. Nute Gunray havia fugido da justiça muitas vezes, e agora a autoridade da República não podia mais alcançá-lo. E estava *ali*. Gunray havia assistido da tribuna enquanto Padmé lutava por sua vida e comemorou quando ela foi ferida. Padmé não era uma pessoa violenta, ou vingativa, mas por um breve momento ela entendeu inteiramente o que Anakin sentiu naquela vila do povo Tusken em

Tatooine.

— Diga aos outros — Padmé gritou enquanto Anakin a puxava de volta na direção da nave. — Se quiserem vir, precisa ser agora. Vou explicar para a Rainha Jamillia toda a situação quando chegarem em casa. Vamos deixar vocês ficarem em um lugar isolado, se quiserem. Apenas converse com eles.

Kharl assentiu e começou a voltar para a casa. Padmé parou de resistir e seguiu Anakin pelo caminho que levava até a nave. As flores ainda preenchiam o ar com seu aroma glorioso. A Federação de Comércio não podia arruinar tudo.

CAPÍTULO 6

— NÃO ERA ASSIM que eu pensava que este dia seria — disse Anakin. Ele estava no assento do piloto, preparando a partida. Nunca tomava a iniciativa na nave de Padmé, mas os dois entendiam que aquela era uma exceção. — Pensei que nosso maior problema seria lidar com o R2 ficando entusiasmado demais com as flores ou algo assim.

— Eu até gostaria de dizer a você que isso não é um mau presságio — Padmé respondeu. Ela fez sua metade das checagens pré-decolagem o mais rápido possível. Atrás dela, ouviu o zumbido de R2-D2 enquanto reforçava os escudos. — Mas tenho certeza de que coisas assim vão continuar acontecendo.

Lá fora, um caça estelar droide fazia um voo rasante sobre as casas. O caça parou entre o assentamento e a nave de Padmé.

— Atenção, residentes de Nooroyo — o caça comunicou. — Uma nave estrangeira foi identificada nesta localização. Por favor, aguardem a chegada da equipe de inspeção.

— Não adianta tentar destruir — disse Anakin. — Já registrou a localização e enviou uma mensagem de volta.

— Concordo — falou Padmé. — Só precisamos estar prontos para ir assim que for possível.

— Não podemos esperar eles se decidirem — declarou Anakin. — Com ou sem uma boa razão, Kharl é um usuário de especiaria, e o restante deles provavelmente também são encrenqueiros. Se não querem ir embora, então merecem o que vai acontecer.

— Não vou abandonar pessoas para os Separatistas se houver alguma possibilidade de eu os ajudar — Padmé retorquiu.

— Você precisa começar a ter uma visão geral dessa guerra, Padmé. — Anakin parecia calmo demais quando disse essas palavras, como se estivesse usando a Força para se tranquilizar. — Perdas serão inevitáveis.

— E eu vou lutar por cada uma delas — afirmou Padmé.

Anakin suspirou, mas não insistiu. Os motores começaram a vibrar quando o painel de controle indicou que estavam prontos para decolar quando quisessem. Pela janela, Padmé viu duas figuras se aproximando da nave, e foi até a rampa para recebê-las.

Kharl não trazia nenhuma bagagem, e também não parecia ter um dispositivo que a carregasse por ele. A garota ao seu lado tinha duas grandes malas e uma maleta de algum instrumento musical. Ela tinha pele marrom e longos cabelos escuros. Padmé era uma das poucas pessoas que já tinham visto a Rainha Jamillia sem maquiagem, e a semelhança era inconfundível. A urgência de Jamillia se tornou mais clara, assim como a necessidade por discrição. Uma missão para salvar uma pessoa era uma ação política arriscada, mas completamente compreensível se fosse um pedido pessoal. Resgatar a irmã da rainha, mesmo com a proximidade de eleição e Jamillia saindo do poder, era importante.

— Esta é Antraya — disse Kharl. — Ela está pronta para partir.

Padmé abriu caminho para Antraya subir a bordo. Ela percebeu que a irmã da rainha estava irritada sobre deixar Nooroyo e seus amigos. Estava fazendo isso por Jamillia, o que também era algo que Padmé podia entender.

— Não posso prometer que outra chance surgirá para o restante de vocês — afirmou Padmé. — Este pode ser seu único jeito para voltar a Naboo.

— Nós sabemos — disse Kharl. — Não tivemos muito tempo para discutir isso, obviamente, mas todos sabem o que estão fazendo. E é importante que você vá embora antes que a equipe de inspeção chegue aqui.

— Isso não vai causar problemas para o restante de vocês? — Padmé perguntou.

— Ficaremos bem — assegurou Kharl. — Não nos sentimos mais em casa em Naboo, mas ainda é o lugar de onde viemos. Não é perfeito, mas é um bom lugar. Só não é para nós. Talvez, aqui, nós possamos deixar a galáxia um pouco mais como lá.

— Que a Força esteja com vocês — disse Padmé.

Os motores rugiram, e ela sabia que Anakin estava ansioso para decolar.

— Vão! — falou Kharl.

Padmé subiu a rampa correndo e fechou a porta. Assim que a trava foi fechada, Anakin ergueu a nave no ar, e quando Padmé e Antraya entraram na cabine de voo, eles já estavam na atmosfera superior.

— Estamos sendo escaneados — avisou Anakin, seus dedos voando sobre o painel de controle. — Mas eles não vão terminar antes de saltarmos.

— Agradeço a vocês por estarem fazendo isso por minha irmã — Antraya disse. — Mesmo não sendo a maneira como eu teria escolhido.

— Eu sei — concordou Padmé. — E eu sinto muito por você ter que fazer esse sacrifício.

Anakin manobrou a nave para longe do planeta e suas luas, concluiu os cálculos e saltou para o hiperespaço. Assim que as estrelas se tornaram rastros de

luz na janela, ele soltou o ar dos pulmões e se recostou no assento do piloto.

— Não acredito que não precisamos lutar contra ninguém — comentou ele.

— Ainda bem — disse Padmé.

— Não gosto de não poder controlar o resultado — falou Anakin. — Não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar.

— É por isso que *eu* vou com você nas missões — disse Padmé. Ela esqueceu que eles tinham companhia e disse aquilo com um pouco mais de flerte do que deveria.

— Quem são vocês, afinal de contas? — Antraya perguntou.

— Amigos da rainha — Padmé respondeu, sem dar mais explicações.

Antraya, aparentemente não mais confortável com a política do que Anakin, bufou, contrariada, e afundou em seu assento. Ela havia deixado suas malas no compartimento de carga, mas abraçava a maleta do instrumento contra o peito. Padmé não sabia o que ela tocava, mas claramente significava muito para ela.

— Logo levaremos você para casa — disse-lhe Anakin.

— Qual é a pressa? — indagou Antraya. — Vocês têm outros planos?

— Pode-se dizer que sim — falou Padmé. Ela não conseguiu não rir de suas próprias palavras.

Anakin não desembarcou da nave senatorial enquanto Padmé entregava Antraya para a rainha. Poucas pessoas sabiam que Anakin estava em Naboo, e ele preferia manter assim. Ele observou pela janela quando Padmé falou rapidamente com Jamillia, e então as duas irmãs se abraçaram. Antraya podia até estar relutante em voltar para Naboo, mas não havia relutância em como se sentia sobre sua irmã. Anakin perguntou-se como estaria Obi-Wan agora. Eles não costumavam passar muito tempo longe um do outro.

Padmé desapareceu da janela e Anakin ouviu seus passos dentro da nave voltando para a cabine. Era uma rápida viagem de volta para a casa do lago, e eles ainda tinham duas horas antes de o sol se pôr. Apesar disso, ele sabia que Padmé provavelmente precisaria de um tempo para se arrumar, já que não havia ninguém para ajudar. Mesmo assim, ele queria conversar algumas coisas com ela, então fez um trajeto um tanto tortuoso de volta para a casa.

— Desculpe ter sido tão abrupto com você lá em Nooroyo — ele disse quando Padmé se sentou ao seu lado. Ela tomou sua mão, entrelaçando os dedos com seus dedos de metal como se nada tivesse mudado.

— Está tudo bem — falou ela. — Até mesmo os Jedi sofrem com a adrenalina.

— Não é só isso. — Ele ergueu os dedos até seus lábios. — Nós dois fomos treinados de maneiras diferentes para fazer um trabalho parecido, e esses dois trabalhos agora são diferentes por causa da guerra. Eu deveria ser mais paciente com você enquanto você se ajusta. Eu sei que você seria paciente comigo se a situação fosse inversa.

— Você está preocupado sobre comandar as tropas? — perguntou Padmé. — Sei que nós dois fizemos isso em Geonosis, mas aquilo foi diferente. Agora será a longo prazo.

— Eu não diria que estou preocupado — explicou Anakin. — Estou apreensivo sobre como os Jedi vão reagir no comando de um exército, mas eu sei que consigo lidar bem com isso. Será bom combater com mais pessoas, e não apenas eu e Obi-Wan.

A nave deslizava pela atmosfera baixa de Naboo, tons de cores em arco-íris dançando sobre o casco prateado com a condensação se espalhando pelos painéis.

— Você vai falar com ele? — perguntou Padmé.

— Não — respondeu Anakin. — Ele não entenderia. Nenhum deles entenderia.

— Sinto muito — disse ela. — Sei que esconder as coisas não é fácil para você.

— Bom, eu tenho a melhor professora — provocou ele. Anakin tentou parecer descontraído, mas não conseguiu.

Atrás deles, R2-D2 emitiu uma série de bipes.

— C-3PO enviou quantas mensagens? — Anakin perguntou. — E você ignorou todas elas?

Padmé riu quando a primeira de várias mensagens do ansioso droide de protocolo começou a ser reproduzida na frente dela.

— Temos bastante tempo — disse ela. — Tenho certeza de que é isso que R2 vem falando para ele.

R2-D2 emitiu um bipe afirmativo quando a casa do lago surgiu abaixo deles. Anakin estava sorrindo quando aterrissou a nave, olhando para ela como se fosse um planeta que ele via pela primeira vez.

CAPÍTULO 7

A Guerra Clônica havia começado. Era inegável e, embora ninguém realmente soubesse o que aquilo significava, a guerra havia finalmente chegado na pequena bolha de tranquilidade de Padmé Amidala na casa do lago em Naboo. C-3PO não foi o único que enviara inúmeras mensagens enquanto ela estava em Nooroyo. As atualizações de Bail não diminuíram o ritmo, e até Mon Mothma havia enviado algumas curtas comunicações para ela. Mesmo assim, Padmé manteria sua paz por mais um pouco de tempo, porque era o que ela queria. Fechou as mensagens que Bail vinha mandando sem responder a nenhuma delas. O sol já estava quase se pondo e aquele era o dia de seu casamento.

Padmé havia trabalhado apenas brevemente com os soldados clone em Geonosis. Foi um episódio de alta tensão e ela agiu impulsionada pela adrenalina — apenas depois ela teve tempo para pensar em tudo aquilo. Os soldados a haviam procurado em busca de ordens e as seguiram quando ela as proferiu. Eles foram educados e se preocuparam com seu bem-estar físico. Não a questionaram. Foi quase como as equipes com as quais Padmé já estava acostumada a trabalhar, mas não exatamente.

Foi fácil. E isso a aterrorizava.

Decisões espontâneas nunca foram o forte de Padmé. Ela gostava de planejar. Ela antecipava resultados e suas consequências. Ela nem sempre compartilhava seu método de raciocínio, é claro, mas ela tinha um, e até suas decisões mais impulsivas eram consideradas. Isso servira bem em sua vida profissional por mais de uma década, desde antes de sua eleição como rainha de Naboo. Para ser perfeitamente honesta, ela estava um pouco cansada de viver para outras pessoas, de sempre considerar os outros antes de si mesma. Queria algo que fosse *seu*. Certamente, conseguiria gerir as duas coisas ao mesmo tempo.

Foi fácil se apaixonar por Anakin Skywalker. E isso também a aterrorizava.

Ela se achava imune a coisas dessa natureza. Sim, tivera paixões na adolescência e, sim, havia pessoas que ela achava atraentes, mas isso nunca afetou sua mente igual Anakin. Ela sempre conseguiu superar essas coisas rapidamente, evitando relacionamentos e retornando ao trabalho. Ela tentou a mesma coisa quando percebeu para onde seus sentimentos por Anakin a estavam levando, e quase conseguiu; mas, diante da morte, ela decidiu se livrar de toda

sua cautela.

E isso era amor, não é mesmo? Não era como se tivesse alguém para quem perguntar.

O segredo não a incomodava. Ela manteve segredos por toda sua vida. Aquele era de Anakin, primariamente, porque ele tinha mais a perder se fosse exposto, mas ela estava feliz em fazer parte disso.

C-3PO, agora com sua cobertura dourada, entrou de repente no quarto, tirando Padmé de seu devaneio. O droide era importuno e estranho — ela às vezes se perguntava como sua programação foi parar em Tatooine para Anakin depois catar em algum ferro-velho —, mas era eficiente. Assim que ela e Anakin decidiram fazer uma cerimônia de casamento, o droide entrou em ação, insistindo em todo tipo de costume antigo de Naboo e Tatooine. Padmé teria protestado, mas Anakin parecia gostar genuinamente da atenção que o droide estava dando a ele, então ela deixou que C-3PO cuidasse de todos os preparativos. Eles tinham o resto de suas vidas.

— Está na hora de se arrumar, milady — informou C-3PO. — R2 me contou que você geralmente tem ajuda com essa parte dos eventos formais, e já que hoje não terá essa ajuda, eu fiz o possível para organizar o seu guarda-roupa para deixar tudo acessível.

— Obrigada, C-3PO — disse Padmé.

— Precisa de alguma coisa de mim? — o droide perguntou, constrangido. — Temo que minha programação não inclui cuidados pessoais, mas acho que eu poderia segurar algo para você?

Uma imagem do droide de protocolo tentando fazer as tranças de seu cabelo passou pela mente de Padmé, e ela se esforçou para não cair na risada. C-3PO se levava muito a sério, e a oferta tinha sido feita com boas intenções.

— Não precisa, C-3PO — respondeu ela. — Anakin está bonito?

O droide a repreendeu.

— Você não vai tirar nada de mim, milady! — protestou ele. — Mas parece que nada vai impedir meu cronograma, se isso for uma resposta aceitável para você.

Ele se retirou a passos rígidos do quarto, uma característica de sua construção, não de sua atitude, e Padmé se permitiu sorrir quando ele saiu. O droide de protocolo devia ter sido um sucesso absoluto com os vaporizadores de umidade na fazenda da família Lars. Ela ficou contente por Anakin trazê-lo de volta quando eles deixaram Tatooine. Além de ser a última coisa que conectava Anakin com sua mãe e seu planeta natal, ele rapidamente estava se tornando indispensável. Padmé nunca tivera sorte com droides de protocolo, mas talvez aquele, construído por um garotinho que queria ajudar sua mãe, fosse

exatamente o tipo de droide de que a galáxia precisava.

O vestido de Yané já estava esticado sobre sua cama. Havia chegado na hora do almoço, e C-3PO o tirou da mala imediatamente porque não queria que amassasse. Olhando para o vestido, Padmé não fazia ideia de como Yané havia conseguido fazer um trabalho tão detalhado em tão pouco tempo, mesmo com a ajuda de seus teares mecânicos. O vestido combinava perfeitamente com o tecido que Padmé havia transformado em seu véu, e era absolutamente lindo. Pregas elegantes e uma miríade de pérolas eram apenas o começo. As rendas e bordados deixaram Padmé de queixo caído. Era deslumbrante.

Ela já tinha decido por uma maquiagem e penteado simples, mesmo antes de C-3PO lembrá-la de que teria que fazer tudo sozinha. Ela não estava se casando como uma senadora ou representando o planeta de Naboo. Aquilo era apenas para ela e para Anakin. O véu cobriria a maior parte de sua cabeça, de qualquer maneira, e entre o vestido, o lago e aquilo que estava se tornando um perfeito pôr do sol de Naboo, ela tinha mais do que certeza de que seu visual estaria ótimo.

Rapidamente começou a trabalhar, separando seus cabelos em mechas simples que apoiariam todos os prendedores do véu. Em seguida, maquiou seu rosto, certificando-se de destacar suas feições em vez de deixá-las discretas, como geralmente fazia. Quando terminou, ela vestiu suas roupas de baixo. Tarde demais, Padmé percebeu que o vestido de Yané era abotoado nas costas — cerca de um milhão de pequenos botões que nunca conseguiria fechar sozinha.

Por um momento, sua solidão ameaçou esmagá-la. Suas amigas estavam todas longe. Nem imaginava onde Sabé estava. Seus pais não sabiam que ela estava em Naboo. Seus colegas no Senado sabiam apenas em linhas gerais sobre seu paradeiro quando desapareceu depois de Geonosis.

Mas Anakin estava aqui.

Padmé lembrou a si mesma que era escolha sua. Ela queria aquilo. Estava fazendo aquilo, não por seu planeta ou seu povo, mas por seu coração. Ela fecharia aquele vestido. E depois iria se casar.



Até onde Anakin sabia, tudo estava perfeito. C-3PO finalmente foi convencido de que suas preparações foram suficientes e agora estava ao lado, junto com R2-D2. O celebrante, um homem que Anakin havia conhecido apenas alguns momentos antes, mas que parecia agradável o bastante, estava elogiando o droide por um arranjo de flores em particular que Anakin nem havia realmente notado. Ele tinha olhos apenas para o lago e o céu, e para Padmé.

Quando ela saiu para a varanda, ele se sentiu em uma câmara de compressão cujo ar havia sido todo retirado. O mundo inteiro se fechou ao redor de sua visão dela, pálida e perfeita sob o pôr do sol. O véu que cobria seu cabelo era intrincado, e suas delicadas tranças se derramavam sobre a cauda, carregando aquilo que pareciam ser constelações inteiras de estrelas, cintilando sob a luz. Ela sempre foi a coisa mais linda que ele já viu, mas agora era impossível descrevê-la.

A princípio, ele mal ouviu as palavras que o celebrante dizia, unindo os dois para fins legais e espirituais. Os Jedi não tinham palavras para casamentos, é claro, mas o povo de Naboo, sim. Quando a atenção de Anakin se estendeu para além da presença de Padmé, ele ouviu e gravou as palavras em seu coração.

Quando o celebrante se afastou, Anakin tomou a mão de Padmé com sua mão esquerda. Após um momento de hesitação — uma hesitação que ela não compartilhava —, ele tomou a mão direita também. Ela deu um passo adiante, seu rosto virado para o dele. Agora ela parecia tão solene, mas ele podia sentir sua alegria debaixo da superfície. Seria assim com eles. Um rosto para o público e um rosto para um e para o outro. Ele aceitaria. E adoraria.

Anakin Skywalker baixou a cabeça e beijou sua esposa.

CAPÍTULO 8

O Conselho Jedi se dispersou rapidamente, mas o Mestre Yoda permaneceu em sua cadeira. Seus compatriotas já estavam cruzando a galáxia com o exército que eles de alguma forma haviam adquirido, respondendo a ameaças Separatistas em todos os cantos da República. Quatro deles participaram da reunião através de hologramas, e Yoda sabia que esse número aumentaria nos dias seguintes. Até mesmo ele seria enviado para fora, quando chegasse o momento. Ele havia previsto.

Mas, por enquanto, ele ficaria. Em Coruscant, sim. No Templo, certamente. Em sua cadeira, pelo maior tempo possível. Velho ele podia ser, mas sua teimosia aparecia de tempos em tempos, e de tempos em tempos ele fazia uso dela.

Ao seu redor, a grande cidade-planeta vibrava com vida. Alguns Jedi consideravam Coruscant fria e estéril, mas Yoda nunca tinha tido dificuldades de seguir as conexões da Força entre os incontáveis seres que viviam ali. Havia muito pouco da confiável pulsação da natureza, mas o fluxo de seres sencientes seguindo com suas vidas mais do que compensava isso. Às vezes, Yoda achava barulhento demais e se voltava para si mesmo, mas hoje ele queria sentir toda a cidade ao mesmo tempo.

As janelas do Conselho eram largas, e as luzes de Coruscant cintilavam. As linhas retas do Senado e de vários outros edifícios se projetavam sobre os níveis mais elevados do planeta. Também havia as filas de tráfego aéreo, traçando uma rede através de cada comunidade e ocasionalmente seguindo na direção dos níveis inferiores da cidade. Tudo era conectado ali, da mesma maneira que tudo era conectado na exuberância das selvas Felucianas, e Yoda podia sentir tudo.

Ele sentia falta dos dias em que a Ordem o deixava levar os jovens aprendizes em aventuras, além da mera busca por seus cristais kyber. Ele gostava de viajar, gostava da companhia das mentes mais jovens e da maneira como se moviam ao seu redor na Força. Agora isso era perigoso, e ele estava velho, mas ainda desejava aqueles tempos mais simples.

Ele sacudiu a cabeça. Nada de bom viria de distrações, ou de ficar pensando no passado. Ele se voltaria à meditação antes de deixar a sala para se recolher, mas antes disso, tinha um trabalho a fazer. Ele digitou no braço de sua cadeira e

fez uma chamada em seu holoprojetor.

— Mestre Yoda? — veio a voz de Bail Organa, junto com a imagem do senador. — Em que posso ajudá-lo nesta noite?

Bail Organa era um dos melhores aliados que os Jedi tinham no Senado. Era com ele que os Jedi mais trabalhavam, e sua facção de legalistas era altamente respeitada. Se havia uma missão secreta que precisava ser realizada, Organa era a pessoa certa para prepará-la. Ele tinha muita relutância em participar da guerra, embora não tivesse negado nenhum dos consideráveis recursos de Alderaan e estivesse à frente da organização do envio de ajuda e suprimentos. Yoda considerava isso particularmente tranquilizador.

— Uma estranha pista nós temos, senador — Yoda disse. — Do seu interesse pode ser.

O senador ergueu as sobrancelhas.

— É sobre aquela empresa de suprimentos de que suspeitamos? — Bail perguntou. — Não encontramos nada durante nossa investigação, mas não tivemos tempo de checar os detalhes.

— Sim, é — Yoda lhe confirmou. — Muito desconfiada uma das empresas está. Muito desconfiada de nós! Exigiu um contato, mas que um Jedi não fosse. Apenas um senador, enviado em segredo.

Essa parte elevou a irritação de Mace Windu ao máximo. Era o oposto de como deveria ser. Os *Jedi* eram os agentes confiáveis. O Senado sempre era incrivelmente imprevisível, em especial com missões delicadas como aquela.

— Isso vai ser difícil de arranjar — Bail confessou. — Minha facção está no limite tentando manter os legalistas unidos. Se um deles desaparecer, definitivamente seria notado.

— Sim, sim — concordou Yoda. — Sempre em movimento o Senado está, mas principalmente com o Senado em guerra. Pensar mais eu vou, e você também, eu presumo.

— Obrigado, Mestre Yoda — disse Bail. Ele parecia cansado. — Suas informações são sempre bem-vindas, mesmo se levarmos um tempo para agir.

Yoda desconectou a chamada e voltou sua atenção para a cidade. Quando fechou os olhos e expandiu sua mente com a Força, ele pensou mais uma vez sobre as crianças e coisas novas, e sobre encontrar caminhos de luz em meio às trevas.

Bail Organa apertou o meio de seus olhos e depois esfregou o rosto. Ele estava acordado por aquilo que parecia horas, tentando digerir os poderes que o

chanceler agora tinha e se manter atualizado com as novas diretrizes que sua facção tentava aprovar. Seus assessores estavam igualmente ocupados, lendo outros documentos, acompanhando as notícias e filtrando tudo para ele, embora já parecesse que seu cérebro estava prestes a explodir. Ele sabia que Mon Mothma ainda estava em sua sala, fazendo a mesma coisa. Não fazia ideia de onde Padmé Amidala estava e não sabia quando voltaria. Ainda assim, ele a mantinha atualizada. Ela foi ferida em Geonosis e merecia um tempo para se recuperar, mas ele precisava muito que ela voltasse.

Sentado na poltrona para convidados, longe do fluxo do movimento, estava o Representante Binks. Jar Jar vinha trabalhando no Senado há mais de uma década, e ele era excelente para organizar arquivos e se lembrar do que as pessoas haviam falado em conversas aleatórias, mas sua inocência não havia diminuído. O discurso bem-intencionado no Senado havia permitido que o chanceler ganhasse poderes que Bail não aprovava, mas ele era realista o bastante para admitir que teria acontecido de qualquer maneira. O Chanceler Palpatine tinha talento para conseguir aquilo que queria, mas doeu um pouco saber que isso tinha vindo de sua facção e deixado Bail em desvantagem enquanto tentava decidir os próximos passos. Ao menos o chanceler agora devia um favor a eles, e não a outra pessoa.

A nova informação do Mestre Yoda era boa demais para não ser usada. Havia uma empresa de reabastecimento que alguém em Alderaan havia subcontratado — tudo normal, principalmente com a galáxia se mobilizando naquela escala —, mas a empresa era realmente estranha. A equipe de Bail havia investigado o máximo possível, assim como sua esposa, mas eles estavam todos sobrecarregados. Essa nova informação, dada aos Jedi, mas insistindo no envolvimento do Senado, era a única pista que tinham. Bail só precisava descobrir onde isso entrava em sua lista de prioridades.

Uma xícara de caf apareceu diante dele, e um pouco foi derramado quando Jar Jar a colocou sobre a mesa.

— Ooops — murmurou o Gungan.

— Está tudo bem — assegurou Bail, ele mesmo limpando a bagunça. — Eu agradeço.

— Você precisa ir dormir, não tomar caf — falou Jar Jar.

— Você está absolutamente certo, meu amigo — Bail disse. Ele então tomou quase tudo em um gole só, mesmo o caf estando bem quente. — Infelizmente, acho que vou acabar tomando ainda mais caf.

— Todos estão fazendo suas tarefas, trabalhando duro — comentou Jar Jar. Ele tocou seu longo nariz. — O que precisamos é de alguém que fique em dois lugares ao mesmo tempo.

Bail piscou, pensativo. Jar Jar voltou para sua poltrona e tentou não atrapalhar. Ele derrubou uma pilha de datapads, riu consigo mesmo e começou a reorganizá-los. Bail não se importou.

— Obrigado, Representante Binks — disse Bail. — Esse é exatamente o tipo de solução que eu estava procurando.

Ele enviou outra mensagem para a Senadora Amidala. Nada específico, é claro, mas uma enigmática sugestão para que retornasse a Coruscant assim que possível. Ele pediu ao comissário para que trouxesse jantar para toda sua equipe, além de algumas das iguarias aquáticas que Jar Jar tanto gostava. Revigorado, ele voltou a mergulhar nos documentos que delineavam os novos poderes do chanceler, e tentou imaginar como contornaria a situação.



Às vezes, em suas fantasias mais simples, o Chanceler Palpatine se imaginava ateando fogo ao Senado. Seria mesquinho e tolo, e não resolveria nenhum de seus problemas, mas ele gostava da ideia de ver todos correndo e gritando enquanto ele assistia. O que acontecia agora era quase tão satisfatório, mesmo tendo um poder de destruição menos imediato. O Senado estava digerindo o novo exército e seus novos poderes, tentando encontrar onde poderiam pressionar por vantagens individuais ou em grupo, e ainda tentando continuar com as operações diárias da República. Se esperasse tempo suficiente, talvez eles mesmos pudessem atear fogo por ele.

Palpatine gostava do prazer que sentia quando manipulava as pessoas. Sempre foi um de seus maiores talentos desde criança, e ele havia afiado tanto essa lâmina que as pessoas raramente notavam quando eram cortadas por ela até perceberem que haviam perdido muito sangue. Não havia cauterização sancionada pelos Jedi para os ferimentos que ele causava. Eles sangravam, e espalhavam infecções de maneiras que às vezes até o surpreendiam, mas sempre o encantavam. Era seu jeito favorito de expandir seu próprio poder, a única maneira segura com tantos Jedi por perto. Contava com outras opções, é claro, coisas que aprendera quando era um jovem rapaz cruzando a galáxia, mas essas opções ele mantinha em segredo.

Porém, podia usá-las de maneira discreta. Agora mesmo, por exemplo, ele podia sentir as emoções de todos os senadores e suas equipes enquanto se apressavam pelo edifício, respondendo às novas ameaças da guerra. Era nesses momentos em que ele se sentia mais supremo. Não quando agia por causa de sua raiva, mas quando a acumulava, usando-a como um foco para crescer. Havia poderes na galáxia aos quais ele não tinha acesso, algo que o irritava, mas ele

tinha isso, e isso o tornava forte.

Seu assessor, Mas Amedda, entrou na sala, tirando a atenção de Palpatine do turbilhão de emoções correndo nos andares abaixo.

— O que foi? — ele perguntou.

— O Jedi Skywalker está em Naboo — informou Amedda. — Kenobi retornou com os outros, mas Skywalker não está com eles.

O garoto não foi para Naboo por causa do clima ameno. Isso era óbvio.

— Certifique-se de trazê-lo aqui quando retornar — instruiu Palpatine. — Não imediatamente, é claro. Ele pode ir para o Templo primeiro. Mas quero conversar com ele antes que seja enviado a algum outro planeta.

— Farei isso — assegurou Amedda. — Você precisa de mais alguma coisa?

A lista de coisas que Palpatine precisava era longa e incrivelmente secreta. Como seu assessor, Mas Amedda tinha uma ideia geral sobre o que seu chanceler estava tramando, mas Palpatine não o incomodava com detalhes. Ele tinha maneiras para deixar seus assessores sob seu controle. O Chagriano era muito útil quando se tratava de lidar com os políticos que Palpatine não tinha tempo para conversar, e perdê-lo seria altamente inconveniente.

— Não, obrigado — disse ele. Foi sua única dispensa. Com o canto do olho ele viu Amedda curvando a cabeça em respeito e ouviu a porta se fechando depois que o assessor se retirou.

Independentemente do que Skywalker fazia em Naboo, logo retornaria. Ele estaria faminto por vingança contra Darth Tyranus e ansioso para restaurar a ordem na República. Os Jedi ainda não haviam arruinado completamente seu ímpeto para fortes emoções e sua obstinação, e Palpatine sabia exatamente para qual caminho ele queria enviar o garoto em seguida. Ele se lembrou das especificações técnicas do novo droide que, segundo os rumores, os Separatistas possuíam e sorriu. A verdade era muito melhor do que os rumores. Tudo estava progredindo da maneira como ele esperava, e logo poderia dar seus próximos passos.

Sabé fechou o arquivo das requisições semanais de água para as fazendas periféricas e fechou os olhos. Era fácil se perder naquele trabalho, a simples mobilização de recursos das pessoas que possuíam para aqueles que necessitavam. Não podia fingir que era algo que mudaria a galáxia, mas era um trabalho necessário, principalmente para um lugar como Tatooine, que rastreava cada gota de água. E fazer isso a acalmava. Eram problemas que ela podia resolver, pessoas que podia ajudar. Era fácil se perder nessas tarefas, voltar para

casa no fim do dia e fingir que tudo estava bem.

Ela nunca se sentiu assim antes, tão focada e satisfeita fazendo tão pouco. Ela havia passado sua infância se esforçando para seguir em frente e sua adolescência intencionalmente se colocando de lado. Ela havia dominado a arte de chegar em segundo lugar, de ser a pessoa que ninguém via ou se lembrava. Ainda se surpreendia quando seus vizinhos a cumprimentavam quando ela caminhava de volta para casa depois do trabalho. Estava gostando de sua independência, de fazer seu próprio trabalho. Gostando muito mais do que esperava.

Mas a missão sempre viria em primeiro lugar. Padmé sempre viria em primeiro lugar. Elas haviam prometido isso uma à outra havia mais de uma década, e Sabé não era do tipo que renega sua palavra sem uma boa razão. Ela continuaria o trabalho do coração de Padmé em Tatooine porque Padmé não podia mais fazer isso, e se estava gostando, melhor assim. Mas sempre estaria pronta para partir se Padmé precisasse dela. Tonra entendia isso, assim como sua chefe, mesmo sua chefe não sabendo exatamente quem era seu tal de “contato de fora do planeta”.

Estavam fazendo um bom progresso em Tatooine. Estavam se tornando membros confiáveis da comunidade. Mesmo se ela precisasse deixar o planeta, Tonra poderia ficar e cuidar do trabalho sozinho por um tempo. Ela estaria pronta para qualquer coisa, como sempre.

Sabé abriu os olhos. Já estava na hora de encontrar Tonra na cantina. Seu trabalho diurno estava pronto, e agora seu outro trabalho podia começar.

CAPÍTULO 9

O CONSOLE DE COMUNICAÇÃO de Padmé emitiu um sinal, e desta vez ela se forçou a atender.

— Não sei por que você não pode ignorar por mais algumas horas — disse Anakin, quando ela voltou. Ele estava sentado em um divã, olhando para o lago. Eles não vinham conversando ou fazendo qualquer outra coisa. Apenas apreciando o silêncio.

— Há dias que estou ignorando as chamadas — a esposa argumentou com ele. — No mínimo, preciso checar para saber se é alguma emergência.

Os últimos dias haviam sido gloriosos. Tinham vindo nadar em uma das pedras perto da casa do lago — evitando a praia — e passaram horas sob o sol e dentro da água sem nenhuma preocupação que não fosse um ao outro e reaplicar o protetor solar. Eles escalaram uma das montanhas atrás da casa e Padmé mostrou os pontos históricos visíveis daquela grande altura. Eles se deitaram na varanda no escuro, observando as estrelas, e Anakin lhe contou sobre os locais onde esteve enquanto ela passava todo seu tempo trabalhando no Senado. Ele ainda não havia visitado todas as estrelas, mas estava acumulando um total impressionante.

— É, acho que sim — cedeu Anakin. — O Mestre Obi-Wan Kenobi deve estar se perguntando por que estou demorando tanto.

— Você não contou a ele para onde estava indo? — perguntou Padmé.

— Eu disse que estava fazendo sua escolta de volta para Naboo e depois eu seguiria para algum lugar para meditar por um tempo — contou Anakin. — Isso é mais ou menos verdade. Ele não vai ficar preocupado comigo e eu saberia se algo estivesse errado.

— Mesmo assim, não podemos ficar aqui para sempre — disse Padmé.

Anakin queria provocá-la e perguntar por que não, mas não fez isso. Ele sabia que era um momento especial e que logo teria que acabar.

— Eu sei — concordou ele. — Mas foi bom enquanto durou.

Ele se levantou, focando sua mente e afastando todas as coisas que o distraíam da realidade.

— O que o Senador Organa queria? — indagou ele.

— Como você sabe que foi ele quem ligou? — perguntou Padmé. — Eu

recebo mensagens de todo tipo de pessoa.

— Sim, mas as mensagens do Senador Organa sempre deixam você pensativa — explicou Anakin. — Você torce o nariz e aparece uma pequena linha entre as suas sobrancelhas.

— Eu não *torço* o nariz — falou ela, mas estava rindo.

Havia apenas dois políticos que Anakin gostava. Padmé, porque era linda e bondosa e o amava, e o chanceler, porque ele era muito ponderado e tinha bom senso. Anakin tolerava os outros; mas, dentre todos na facção de Padmé, Bail Organa era seu favorito. Ele era direto e não fazia rodeios sobre aquilo que queria.

— É uma missão — Padmé admitiu. — De uma natureza muito sensível, pelo que eu entendi, e não pode haver nenhum Jedi envolvido. Não sei os detalhes. Bail não pode me contar em um comlink inseguro. Mas acho que será importante, e eu deveria voltar para Coruscant para ajudar.

— Certo — disse Anakin. — Então, aqui vai a minha opinião sobre o que devemos fazer. Podemos fazer uma última refeição juntos hoje à noite, e então, pela manhã, você pode voltar para Theed e embarcar em uma nave governamental para Coruscant. Eu voltarei em outra nave.

— Por que separados? — questionou Padmé. — Podemos viajar juntos. Ninguém vai notar.

— Eu vou notar — falou Anakin. — Quero que nosso trabalho e nossas vidas fiquem o mais separados possível. Isso faz sentido? Eu sei que você vai ficar lendo durante toda a viagem no hiperespaço, por exemplo. Isso não conta como tempo passado comigo.

— Gostei disso — disse Padmé. Ela andou de volta até o divã e se aninhou ao seu lado. — Você leu isso em algum lugar?

— Li. — Anakin enrubesceu. — Eu tinha umas lacunas na minha educação que eu precisava preencher.

— Eu te amo — falou Padmé.

— Eu também te amo — ele disse a ela.

Eles ficaram ali sentados, unidos por todo o tempo que não teriam juntos e completamente absorvidos na companhia um do outro, até que C-3PO apareceu para dizer que já era hora do jantar.

A viagem de volta a Coruscant foi como acordar de um sonho. Até mesmo Theed, que geralmente parecia acolhedora e pequena para ela ultimamente, foi um borrão de barulho e pessoas, quando tudo que ela queria era a paz que

haviam desfrutado na casa do lago. Sua definição do que seria seu lar havia mudado, ela percebeu. Não era mais um lugar, não mais uma localização para onde ela podia ir. Era uma pessoa. E seu lar estaria longe enquanto os dois estivessem separados.

Não era de todo mal. Typho e Dormé esperavam por ela no espaçoporto. Suas novas damas de companhia, Ellé e Moteé, também estavam lá. Usaram a viagem para se atualizarem com as novas leis, o que significava que Padmé e Dormé tentaram ler o máximo que fosse humanamente possível, e Ellé e Moteé tiveram seu batismo de fogo, tentando encontrar um lugar para se encaixarem no sistema. C-3PO tinha acompanhado Padmé, enquanto R2-D2 ficara com Anakin. Ela sentiria falta do pequeno astromecânico, mas eles concordaram que seria melhor que Anakin tivesse um droide em quem confiava quando os Jedi fossem enviados para a guerra, e era mais seguro para C-3PO se juntar à equipe de Padmé.

— Não consigo acreditar em como os conflitos se espalharam com tanta rapidez — comentou Padmé, tirando uma folga dos incontáveis arquivos que Bail havia enviado. — Estamos enfrentando a Federação de Comércio há algum tempo, de um jeito ou de outro, e sempre pareceu algo menor, como se fosse apenas problema de Naboo ou meu. Mas agora isso tudo é enorme.

— Tenho a impressão de que os Separatistas estavam esperando para fazer uma grande jogada — disse Dormé. — Geonosis deveria ter sido uma vitória para eles, então suas tropas já estavam posicionadas para terminar o trabalho.

— Mas eles não contavam com o exército de clones da República — acrescentou Padmé. — E ninguém realmente sabe de onde veio esse exército.

— Ouvi em um holograma de notícias que um Jedi havia encomendado o exército anos atrás — disse Ellé. — Claro, esse tipo de holograma não é muito confiável, e ninguém parece entender por que um Jedi faria isso, mas é a única teoria razoável que apareceu até agora.

— O chanceler parece bastante satisfeito — Moteé acrescentou. — Ele deu o comando do exército para os Jedi, porque a República não conseguia fornecer generais suficientes, mas isso pareceu mais uma jogada para manter o Senado fora da linha direta do poder, e os Separatistas podem… agradecer por isso, caso haja negociações para o fim da guerra.

— E os Jedi sabem o que fazer com o exército? — Dormé perguntou.

— Logo saberão — falou Padmé. — Estou mais preocupada sobre como manter a República unida enquanto a guerra acontece. Quando as coisas se complicam, os Separatistas aparecem com soluções fáceis. Não quero que os planetas caiam nessa armadilha.

— Ao menos nós sabemos aquilo em que acreditamos — disse Typho, sobre

seu ombro, sentado no assento do piloto. — Já é um começo.

Ele estava certo, e isso era melhor do que nada.



A Senadora Amidala pediu para que a nave aterrissasse diretamente na plataforma do Senado, em vez de em sua residência. Já tinha passado muito tempo longe e queria começar a trabalhar imediatamente. Ellé e Moteé, supervisionadas por Dormé, a ajudaram a colocar um vestido mais elaborado do que geralmente usava no Senado. Era hora de lembrar a todos quem ela era, de onde tinha vindo, e que estava falando sério.

Seu cabelo estava preso em dois coques logo abaixo das orelhas, e um terceiro na base do pescoço. Um fino adorno metálico cobria sua cabeça, decorado com flores e vinhas. Seu rosto foi maquiado em tons pálidos, não com o tradicional branco puro da rainha de Naboo, mas definitivamente puxando para esse lado. Seus lábios haviam sido pintados de vermelho e os olhos sombreados com pó vermelho-vinho.

O vestido era feito de três partes. Uma roupa de baixo de seda Karlini que chegava até os joelhos e a cobria até os punhos, por cima uma túnica mais pesada de veludo cor de vinho. Não tinha mangas e se estendia de seus ombros até o chão em uma única linha ininterrupta que era apoiada por leves suportes de aço costurados no tecido. Finalmente, uma elaborada cauda de quase meio metro de largura ficava presa ao redor da cintura e se estendia atrás dela como um trem.

Ellé e Moteé receberam mantos púrpuras para usar por cima de seus vestidos. Dormé não cobriu a cabeça com nada, mas usava as mesmas cores. Typho usava seu uniforme, carregando o chapéu debaixo do braço. C-3PO, polido até brilhar, caminhou com eles nos corredores do Senado e comentou que, de fato, ele tinha sido criado para aquilo.

Dormé e Typho se separaram do restante, seguindo para a sala de Padmé para começar a trabalhar em sua agenda. Eles levaram o droide junto. Ellé e Moteé seguiram Padmé pelos corredores enquanto ela caminhava com determinação para seu destino. Algumas pessoas a saudaram, mas ela não parou para ninguém. Sem demora, elas chegaram na sala do Senador Organa.

— Ah, Senadora Amidala — disse Bail. — É muito bom vê-la novamente. Então, você já se recuperou de seus ferimentos em Geonosis?

Padmé ficou agradecida por ele ter ajudado a disseminar sua história, mesmo sem ele saber que estava fazendo isso. Em termos gerais, era uma história muito próxima da verdade, exceto por uma flagrante omissão.

— Sim, obrigada, senador — falou Padmé. — Os ferimentos não foram profundos, mas aconteceram em um lugar incômodo.

— Estamos contentes por você estar de volta — disse Mon Mothma. Ela se levantou elegantemente de sua cadeira para se aproximar e apertar a mão de Padmé. Como de costume com as damas de companhia, ninguém mencionou Ellé ou Moteé, que permaneceram de pé ao lado da porta.

— Então, temos uma missão de natureza sensível para considerar? — Padmé perguntou, ansiosa para começar.

— É infinitamente complicada — respondeu Mon Mothma. Ela enlaçou o braço com Padmé e a conduziu para seu assento.

Apenas Bail e Mon Mothma estavam presentes, o que surpreendeu Padmé. Eles sabiam que ela estava vindo, e Padmé esperava que outros membros da facção estariam presentes.

— A missão em si é bastante direta — Mon Mothma continuou. — Precisamos enviar um senador e um ou dois droides para dentro de uma nave específica, e então eles devem esperar por um contato. O problema é que precisa ser um senador. Qualquer um de nossa facção poderia ir, mas estamos todos ocupados. Além disso, a natureza sensível da missão requer que o senador seja pouco notável, e qualquer um que pudéssemos enviar definitivamente chamaria atenção. Somos todos muito proeminentes aqui. E nenhum de nós pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Bail Organa era um político experiente demais para mostrar reação se não quisesse. Ele não perguntaria diretamente e não entregaria os segredos de Padmé. Ela sempre havia confiado nele, mas agora soube com certeza que estava certa por depositar essa confiança. Ele a olhou nos olhos atentamente, sem revelar nenhum dos segredos dela. Bail estava oferecendo uma escolha para Padmé.

— Senadores — disse ela, cruzando os braços —, se estão procurando alguém que pode fazer isso, eu tenho a solução perfeita para vocês.

ERA UMA VEZ, UMA garota que vinha trabalhando demais a vida inteira, e essa era a parte que mais detestava.

Foi pura sorte ter sido levada até a porta de Shmi Skywalker. Seu nav portátil, útil para evitar os perigos dos desertos de Tatooine, não estava funcionando direito em uma de suas viagens em busca de suprimentos na cidade, e o negociante com quem estava barganhando havia recomendado um lugar onde ela podia consertá-lo por um bom preço. Shmi fez o trabalho e recebeu o pagamento, e a garota retornou para casa sem conseguir tirar de sua mente a imagem da mesa de Shmi, coberta com partes para consertar qualquer coisa.

Sua rede de contatos ficou interessada. Cliegg Lars — depois de sua primeira conversa com Shmi — ficou ainda mais interessado.

Nas semanas seguintes, Shmi contou a todos sobre as fraquezas do Toydariano e como ele trapaceava para superá-las. Ela passava a maior parte de seu tempo com Cliegg, sob a desculpa de ter sido contratada para calibrar os vaporizadores de umidade, e ele sempre a fazia rir. No restante do tempo, ela e a garota trabalhavam em dispositivos de rastreamento, criados para encontrar um chip muito específico.

— Encontrar é só metade do problema — disse a garota. — Se não conseguirmos desativá-lo, então não adianta nada.

— Tudo é resolvido com um passo de cada vez — afirmou Shmi. Ela estava acostumada a pequenas vitórias.

Finalmente, o dia chegou: Cliegg atraiu Watto para um jogo e o derrotou, e Shmi era o prêmio prometido. Ela estava livre quando eles voltaram para a fazenda da família Lars, mas seu chip continuou onde estava.

Foi preciso quase três meses de tentativa e erro. Shmi teria morrido se o chip estivesse sob o controle de um escravista e não de alguém que gostava e cuidava dela. Era aterrorizante de ver, de pensar sobre aquilo; ainda assim, ela se levantava da cama todos os dias e tentava de novo. A garota fazia o possível para ajudar, mas o talento para engenharia de Shmi era o melhor entre todos eles.

— Espero que um dia você possa conhecer meu filho — disse Shmi. — Eu ensinei a ele tudo que sei, mas ele era muito talentoso. Ele queria um dispositivo como esse. É bom poder terminar seu sonho.

Finalmente, o desprogramador ficou pronto. Restava apenas testá-lo.

Cliegg não conseguiu assistir. Owen o levou para o outro lado da fazenda e tentou mantê-lo distraído. A garota posicionou o dispositivo no braço de Shmi e

seguiu o scanner até localizar o chip: fundido com sua coluna vertebral. Uma vez localizado o chip, seu tempo era precioso. Precisava ser desativado antes que o dispositivo de monitoração no escritório de Cliegg percebesse que estava sendo manipulado. Shmi não morreria se eles fracassassem, mas a próxima pessoa com quem tentassem aquilo não teria a vantagem de estar livre.

Os cortes foram rápidos e precisos, e logo a garota segurava o chip em sua mão. Ela fez o curativo nas costas de Shmi e se certificou de que o sangue perdido não fosse significativo. Eles haviam conseguido. Tinha funcionado.

Não funcionava sempre.

Havia um momento um pouco antes da salvaguarda do chip ser ativada quando todos sabiam que havia dado errado. Algumas pessoas gritavam. Algumas fechavam os olhos e esperavam. Sempre era terrível. Shmi trabalhava incansavelmente para melhorar o scanner, melhorar a programação, mas parecia não conseguir resolver tudo.

E então, ela morreu.

Cliegg ficou desolado. Owen ficou furioso, embora sua fúria não fosse nada em comparação com a fúria do filho de Shmi, que havia chegado tarde demais para ajudar e foi embora quase imediatamente. A garota fazia a única coisa que podia: ela se levantava da cama todos os dias e tentava de novo. Outros assumiram os aspectos técnicos para libertar pessoas escravizadas em Tatooine, mas era a garota que os alimentava quando não estavam mais presos. Era a garota que os confortava quando o resultado era trágico. A maioria dos seres recém-libertos deixava Tatooine, e a garota não podia culpá-los. Não eram as mãos dela que os libertavam, e eles podiam nunca saber seu nome, mas era a bondade dela que os encaminhava para seus destinos.

Beru Whitesun sabia que seu trabalho nunca terminaria, mas ela torcia para que fosse suficiente.

CAPÍTULO 10

O PROBLEMA COM O negócio de exportação de água era sua sazonalidade, e se a estação tivesse sido ruim, então não havia água para exportar. Geralmente, isso resultava em uma indesejada perda do emprego, mas já que Sabé não estava em Tatooine realmente para lucrar exportando os limitados recursos do planeta, ficar sem emprego lhe convinha muito bem. Sua chefe, uma pessoa decente que parecia genuinamente sentir muito por tê-la trazido de tão longe para nada, conseguiu dar a ela um dia de trabalho por semana monitorando as projeções daquele ano. Isso significava que Sabé, e sua nave, tinham tempo livre.

O primeiro contato que os procurou veio através do trabalho de Tonra na cantina. Alguém precisava que algumas caixas de mantimentos fossem enviadas para uma das fazendas mais distantes e estava procurando por transporte que os Tusken não pudessem alcançar. Sabé realizou a entrega com facilidade e combinou de fazer aquela rota mensalmente e, depois disso, mais trabalhos começaram a aparecer.

Não seria suficiente para sustentá-la se estivesse sozinha. O salário de Tonra na cantina e seu pequeno salário no depósito de água pagavam a maior parte de suas contas. Mas a questão nunca foi o dinheiro. Serem conhecidos como confiáveis era mais importante.

Seu primeiro trabalho para fora do planeta foi transportando uma família para outro setor da galáxia. Em vez de esperar por um transporte público, eles escolheram pagar a ela para levá-los até o centro de transportes mais próximo, de onde poderiam seguir viagem para onde quisessem. A família era muito silenciosa, muito emaciada e praticamente não levava nenhum pertence. Sabé não fez perguntas, mas também não precisava. Ela esperava que seus trabalhos no planeta tivessem sido uma preparação para aquela nova tarefa. No fim, ela entregou a família em segurança no centro de transportes, surpreendeu os adultos repassando algumas moedas extras e voltou para Tatooine.

Tonra fez o transporte seguinte e relatou uma série de eventos semelhantes. Sua carga foram três irmãs e seus filhos — todos magros e queimados de sol. Dessa vez, Sabé havia preparado um kit com suprimentos médicos e rações para os refugiados. Não sabia se as pessoas que eles transportavam continuariam se comunicando com seus contatos em Tatooine, mas estava fazendo isso não

apenas para incrementar sua reputação.

E foi preciso só isso. Duas semanas de viagens cuidadosamente preparadas, e Sabon e Arton se tornaram conhecidos portos seguros em Mos Eisley. Era frustrante se mover tão lentamente e não ter a visão geral, mas Sabé disse a si mesma que estava fazendo um trabalho melhor ajudando um sistema ativo desta vez. Ela ainda não tinha ideia de com quem estavam agindo, mas sabia que eles eram necessários e estavam fazendo um bom trabalho.

Tonra tinha preparado o jantar quando ela chegou em casa depois da terceira viagem de transporte. A comida na cantina onde ele trabalhava era decente, mas ele tendia a adicionar seus próprios temperos quando trazia comida para casa.

— O cheiro está ótimo — Sabé disse, tirando sua jaqueta. — E eu não quero nem imaginar o que isso seja.

— É melhor mesmo — falou Tonra a ela. — Só pense em como o cheiro está bom.

Havia muitos animais reptilianos estranhos em Tatooine, e Sabé não tinha desejo algum de saber qual eles comeriam.

— Com certeza — disse ela, depois se sentou. — Mais uma viagem tranquila hoje. Os passageiros pareciam menos tímidos. Talvez as pessoas já estejam ouvindo falar que nós somos seguros. Um deles quase conversou comigo.

— Eles sempre conversam comigo — comentou Tonra, deixando uma tigela na frente de Sabé. Ela resistiu à vontade de mostrar a língua para ele. — Chegou uma mensagem de Coruscant para você.

Apenas uma pessoa a chamaria em Coruscant, e dificilmente Padmé queria apenas conversar. Parte dela ficou entusiasmada. O trabalho que ela fazia em Tatooine era bom, mas um pouco entediante. Sentia falta dos altos riscos da política e da emoção de trabalhar em um nível galáctico. Uma parte maior dela ficou desapontada, o que a surpreendeu. Ela estava construindo algo ali, e desta vez eles estavam no caminho certo. Ela não queria deixar o planeta *de novo*.

— Vou comer primeiro — Sabé disse a ele. — Alguma coisa interessante aconteceu enquanto eu estava fora?

— Teve uma briga na cantina hoje à tarde — Tonra contou. — Dois comerciantes de longa distância da mesma nave. Ninguém se feriu muito. Acho que eles só queriam extravasar um pouco.

Ele então descreveu a briga com tons de comédia, tentando imitar as vozes dos participantes e de seu próprio chefe, que tentava impedir que eles quebrassem tudo. Sabé riu enquanto ele contava toda a história e comeu o jantar sem pensar no que realmente era.

— Se ela precisar de mim, você podia ficar aqui — Sabé disse quando ele terminou a história e começou a comer antes que sua comida esfriasse. Ele não

respondeu imediatamente. — Quer dizer, se você quiser. Se preferir ficar em outro lugar, eu vou entender. Mas eu… quer dizer, Sabon, podia simplesmente… sair em uma viagem de suprimentos mais longa. E você poderia continuar o que estamos fazendo aqui, e quando eu terminar, eu poderia voltar.

— Eu pensei nisso — respondeu Tonra. Ele baixou a colher sobre a mesa. — Eu poderia deixar você no centro de transporte e ficar com a nave. Podemos inventar uma história. Assim eu poderia continuar fazendo as viagens e simplesmente buscar você quando estiver pronta.

— Eu gosto dessa ideia — falou Sabé. Agora que ela sabia que eles estavam pensando a mesma coisa, ficou ainda menos disposta a abandonar Mos Eisley. — Deixe-me ver o que ela quer antes de tomarmos qualquer decisão.

Sabé pegou seu prato vazio e o de Tonra e foi para a cozinha lavá-los. Antes, uma ligação de Padmé a faria correr para o holoprojetor, ansiosa para ouvir o que sua amiga queria que ela fizesse. Mas algo havia mudado. Depois de Geonosis, Padmé parecia estranhamente reticente, escondendo tudo até mesmo de Sabé. Ela havia sumido na casa do lago em Naboo e não havia entrado em contato há semanas. E, sim, a própria Sabé não era fácil de se rastrear, mas Padmé era uma senadora. Se fosse importante, encontraria um jeito. E agora ela precisava de Sabé outra vez, e Sabé ficou alarmada ao perceber que se sentia um pouco ressentida. O que estava acontecendo com elas?

Quando tudo estava limpo, ela foi até o holoprojetor e o ligou. Ela não fazia ideia do horário em Coruscant, e não sabia quanto tempo teria que aguardar para Padmé atender, mas alguém estaria do outro lado da linha e contaria a ela o que esperar.

— Sabé! — Para sua surpresa, o rosto de Padmé apareceu na sua frente quase de imediato. A senadora parecia bem, claramente recuperada dos acontecimentos na forja droide, e seu tom de voz estava normal. — Ah, estou tão feliz em ver você. Senti tanto a sua falta.

— Eu também senti a sua falta — disse Sabé. E era verdade. Sentir a falta de Padmé era como sentir a falta do sol, e ela atualmente estava em um planeta com dois sóis.

— Como está Tatooine? — perguntou Padmé.

— Quente, seca e empoeirada — respondeu Sabé. — Mas estamos fazendo um progresso real. As pessoas daqui, aquelas com quem eu me importo, estão começando a confiar em nós. Já fizemos alguns transportes para fora do planeta.

— Isso é bom. — Padmé mordeu o lábio. Ela definitivamente estava prestes a pedir a Sabé que deixasse o planeta.

— Tonra sugeriu que encaixaria em nosso disfarce se eu desaparecesse em uma missão mais longa — disse Sabé. O alívio de Padmé foi imediato. — Ele

vai ficar com a nave, mas eu posso viajar para Coruscant a partir do centro de transporte daqui. Quando terminarmos, eu posso voltar.

— Vou enviar a Capitã Mariek para você — Padmé ofereceu, tentando facilitar o máximo que podia. — A sua viagem será mais fácil assim e eu não vou me preocupar com você durante todo esse tempo.

— O que você precisa que eu faça? — Sabé perguntou. Ela se recostou na cadeira, quase relaxada com a maneira como tudo aquilo parecia familiar.

— Essa será complicada — disse Padmé. — Minha facção no Senado está realizando uma missão, e quem precisa ir sou eu. O problema é que não posso desaparecer do Senado, porque as pessoas vão notar. Preciso que você venha para Coruscant e seja a Senadora Amidala.

Todo seu relaxamento se foi. A *Senadora* Amidala era uma questão muito diferente. Não havia maquiagem para se esconder, nenhum vestido volumoso para usar como barreira física. Não seria uma troca normal. Ela teria que imitar Padmé no plenário do Senado Galáctico.

— Quem saberá? — Sabé perguntou.

— O Senador Organa — disse Padmé. Não era uma surpresa. Ele havia notado o disfarce logo no início, mas nunca contara a ninguém. Sabé gostava dele. — E Mon Mothma.

Era uma lista muito curta, e o chanceler não aparecia nela.

— Isso será um desafio — observou Sabé.

— Pelo lado bom, acabei de trazer mais duas damas de companhia — contou Padmé. Sua voz vacilou um pouco ao se referir à tragédia como tendo um lado bom. — Você pode trocar de lugar com uma delas facilmente para reaprender como o Senado funciona, e então você e eu podemos trocar de lugar por alguns dias antes da minha saída.

Sabé já estava fazendo suas malas mentalmente.

— Vou encontrar Mariek no centro de transporte amanhã, se ela puder estar lá — disse Sabé.

— Vou cuidar dos preparativos — falou Padmé. Ela hesitou, então sorriu. — Estou tão feliz por nos vermos de novo.

— Eu também — respondeu Sabé. E era verdade. — Será como nos velhos tempos. É melhor eu ir arrumar minha mala.

Padmé tinha toda a intenção de contar a história inteira para Sabé, desde ter encontrado Anakin de novo, o tempo que passaram na fazenda da família Lars e como foram capturados em Geonosis, incluindo o casamento. Mas então Sabé

disse “como nos velhos tempos”, e sua determinação desabou.

Anakin não pôde encontrá-la quando retornou para Coruscant. Ele ficou no planeta apenas pelo tempo de se encontrar com o chanceler e receber a missão seguinte antes que ele e Obi-Wan fossem enviados para o combate. Ainda não tinham criado uma forma para se comunicar em segredo, e Padmé não tinha razão para contatá-lo através de canais oficiais. Ela já esperava esse tipo de coisa; essa era a razão para terem viajado separados quando voltaram da casa do lago, mas ainda assim doía. Ela aceitava que ele tinha um trabalho a fazer, assim como ela, mas não esperava que a realidade fosse jogar aquilo na sua cara tão depressa. Quando tivesse um momento, ela perguntaria a C-3PO se havia algum jeito de ele se conectar com R2-D2 de um modo seguro.

Esse tempo com Sabé era exatamente o que ela precisava. Ela o usaria para seguir em frente, equilibrando o velho e o novo. *Seria* como nos velhos tempos. Aprenderiam a ser o espelho uma da outra de novo, algo que não faziam há anos e nunca haviam tentado naquela escala. Passariam tempo juntas e seria fácil e divertido, e teriam seus trabalhos para se manterem ocupadas. Quando tivesse que se separar para Padmé seguir com a missão, teria certeza de que Sabé estaria esperando por ela quando voltasse.

Quando Sabé chegou, Padmé a recebeu com um sorriso. Ela a apresentou para Ellé e Moteé, e elas se sentaram com Dormé, Typho, Mariek e os outros guardas para o jantar ao estilo de Naboo que Padmé havia planejado para receber Sabé de volta. Havia pimentões recheados e coloridos e pães de cinco-folhas, além de uvas da casa do lago mergulhadas em creme de rum. Observando seus amigos comendo, rindo e conversando uns com os outros, Padmé se sentiu feliz.

Ela desejava que Anakin estivesse ali. Era a única coisa que faltava para a noite ser perfeita. Sentia sua falta, e nem mesmo Sabé conseguiria fazê-la sentir-se melhor. Era estranho, amar tanto duas pessoas, de maneiras tão diferentes. Ela não entendia direito, e não sabia como fazer tudo aquilo funcionar.

Algum dia, ela encontraria um jeito para juntar essas duas metades de sua vida. Algum dia, ela faria os lados político e pessoal mais coesos. Algum dia, ela não os manteria tão divididos. Algum dia, Anakin também se sentaria à sua mesa. Havia uma guerra acontecendo, e eles estavam sempre correndo perigo, mas não havia razão para não se planejar para um futuro otimista, onde cada pessoa que ela trouxera para sua vida estaria tão feliz quanto todas as outras.

CAPÍTULO 11

A VIAGEM PARA KARLINUS sempre era longa o bastante para ser relaxante. Era curta demais para trabalhar, então Saché sempre usava o tempo para ouvir música e pensar. Se fosse mais curta, ela acharia difícil se perder em seus pensamentos. Se fosse mais longa, insistiria em usar o tempo de modo produtivo. Não, a viagem era perfeita, e ela sempre chegava se sentindo renovada, mesmo quando usava o transporte público, como fazia agora.

Ao seu lado, Tepoh, a pessoa recém-designada para auxiliá-la, folheava um guia de Karlini. Já havia viajado para fora de Naboo antes, mas nunca tinha visitado Karlinus. A curva de aprendizado era íngreme para aquele tipo de missão diplomática, mas Saché sabia que qualquer um que viesse recomendado por Dormé estava à altura do trabalho. Quando se conheceram, Tepoh usava uma saia verde esvoaçante, mas hoje vestia calça azul-escuro e um blazer prateado com bordados combinando.

— O que fez você querer ser uma dama de companhia? — Saché havia perguntado na entrevista.

— Eu não queria, não necessariamente — respondeu. — Quer dizer, eu não sabia que era uma possibilidade. Mas quando me recomendaram para a posição, eu admito que me causou curiosidade o bastante para aceitar a entrevista.

— Alguém do escritório da Senadora fica sempre de olho em todos no corpo diplomático — declarou Saché. — Se as qualidades se destacam, ela recebe uma notificação.

— Eu não me referia às minhas qualidades, milady — disse Tepoh. — Na época, achei que eles apenas procuravam por garotas.

Isso fez Saché pensar um pouco. Elas *vinham* mesmo procurando por garotas quando Saché foi contratada. Mas se alguém estivesse disposto a desempenhar o papel, realmente não importava com qual gênero essa pessoa se identificava. Seria um trabalho, um disfarce. Quem ela era fora do capuz havia mudado com os anos, mas ela sempre tinha sido Saché, mesmo quando servia à rainha.

— Quando a rainha era mais jovem, era importante que suas damas de companhia fossem semelhantes a ela na aparência — explicou Saché. — Isso mudou com o passar dos anos. A semelhança física já não é mais a principal qualidade. Eu acho que você teria sido uma excelente dama de companhia, e fico

contente por ter escolhido se juntar a mim.

— Eu também fiquei contente — disse. — Às vezes, eu acordo e quero ser percebide como mulher em algum grau, mas às vezes não.

— Bom — falou Saché. — Nós nos vestíamos daquela maneira para desaparecermos à vista de todos. Talvez a Senadora Amidala quisesse que você desaparecesse de outras formas que fizessem mais sentido para a sua personagem. Ela nunca me pediu para fazer nada contra a minha, por exemplo, mesmo quando éramos jovens e ainda estávamos nos conhecendo.

Tepoh fez uma pausa para considerar aquilo e sorriu.

— Acho que eu teria gostado — disse. — Talvez eles me deixassem vestir um uniforme da guarda às vezes. Aqueles uniformes são muito bonitos. Mas acho que serei mais feliz com você. Precisei de um tempo para me descobrir, e acho que vou servir Naboo melhor assim. Eu gosto de ser quem sou.

— Eu tinha apenas doze anos quando o Capitão Panás me recrutou — Saché contou. Às vezes, aqueles dez anos pareciam uma vida inteira. Ela tinha mudado muito desde então. — Naquela época, fazer parte da equipe da rainha era tudo que eu queria. Fiquei triste quando tive que deixá-la, quando seus mandatos acabaram, embora eu tivesse acabado de vencer minha própria eleição. Mas agora acho que você tem razão. Há muito valor em ser quem se é. Nem todo mundo nasceu para viver na sombra de alguém.

Tepoh sorriu.

Karlinus crescia cada vez mais na janela. Suas águas tinham um tom de azul diferente de Naboo, mas era tão verdejante quanto. O planeta era um pouco mais quente e muito mais úmido, o que significava que grandes partes podiam ser usadas para cultivar o chá e criar os bichos-da-seda pelos quais Karlinus era conhecido. Também havia bastante espaço para os campos de grãos. Karlinus era, entre todos os planetas do setor Chommell, o mais próximo de ser autossuficiente. Até mesmo Naboo precisava receber trabalhadores de fora, enquanto Karlinus podia sustentar a si mesmo se precisasse.

Saché não esperava que a Governadora Kelma as recebesse na plataforma espacial pública e, de fato, ela não foi, mas Saché ficou agradavelmente surpresa ao ver a pessoa que *foi* até lá.

— Harli Jafan! — disse ela, estendendo a mão. — Faz muito tempo que não vejo você!

— Seu nome é Saché, certo? — falou Harli. — Perdão, eu sempre confundo todas vocês.

— Isso é totalmente compreensível — respondeu Saché. — Nós nos esforçamos muito para conseguir isso.

— Eu tenho certeza de que já tentei beijar a pessoa errada entre vocês —

comentou Harli. — E por eu ser uma adolescente, eu reagi mal àquela rejeição.

Saché lembrava muito bem daquele incidente e estremeceu.

— Já são águas passadas — Harli assegurou. — E quem está com você?

— Tepoh, recém-contratade para me auxiliar — apresentou Saché. — Elu nunca esteve em Karlinus antes, mas tenho altas expectativas.

— É um prazer — disse Harli, apertando a mão de Tepoh. — Qualquer coisa que ela tenha falado sobre eu ser uma má influência, não é verdade.

— Ah, então foi outra pessoa que arranjou para sairmos escondidas do palácio de Theed para ver aquele show? — disse Saché. — Eu tive a noite mais embaraçosa da minha vida por causa daquela travessura. Tenho certeza de que lembro muito bem de quem teve aquela ideia.

— Ei, eu só tinha os ingressos. — Harli riu. Tepoh ficou olhando para as duas com uma expressão chocada. — Foram vocês que conseguiram sair escondidas do palácio.

— Isso é verdade — reconheceu Saché. Já fazia muito tempo que ela não pensava naquela noite. Olhando agora, até que havia sido engraçado. A expressão no rosto de Panás quando percebeu o que tinha acontecido!

— Acho que estamos deixando Tepoh com vergonha — disse Harli. — Todo mundo sabe que a Rainha Amidala *nunca* faria uma coisa dessas.

Saché riu, e isso não tranquilizou Tepoh nem um pouco. Saché então apanhou sua mala de viagem.

Harli as conduziu até o transporte e elas seguiram para a casa da governadora, onde ficariam hospedadas. Harli também estava hospedada lá, é claro. Tecnicamente, estava muito acima de Saché em termos de autoridade, já que era a herdeira da família que governava seu planeta, mas os Jafan nunca agiam muito formalmente, a menos que precisassem de algo.

As ruas da Cidade de Karlini eram largas avenidas, com muito espaço para veículos e tráfego de pedestres. Os edifícios eram revestidos com painéis de metal, que refletiam o calor do sol e mantinham os interiores mais frescos. O visual em geral era ofuscante demais, com a luz refletindo nos prédios. Saché não conseguia olhar diretamente para nada e tentou se lembrar se tinha trazido óculos escuros ou algo assim. Jurava que não se lembrava de tanta claridade na última vez em que estivera ali. Ao menos a rua na frente delas era fácil de enxergar.

Tepoh olhava para tudo. Não parecia se importar com a claridade e observava os edifícios, lojas e infraestrutura ao nível da rua com igual nível de interesse. Saché estava feliz com sua vida em geral; mas, naquele momento, sentiu saudades de viajar para novos mundos e conhecer novos lugares.

A casa da governadora não tinha revestimento metálico, foi construída com

um estilo mais antigo. Sua arquitetura era bastante semelhante à de Naboo à primeira vista, cheia de curvas e domos suaves. Olhando de perto, entretanto, as diferenças ficavam imediatamente aparentes. A rocha nativa de Karlinus era menos densa do que o granito usado em Naboo, então podiam construir seus edifícios com diferentes formas sem o mesmo apoio externo de contrafortes. Havia uma delicadeza na arquitetura de Karlini que Naboo só conseguia atingir trapaceando com tecnologia.

E então, é claro, havia a seda. Todas as janelas tinham cortinas de todas as cores imagináveis, e havia bandeiras forrando o teto. A combinação de seda gentilmente soprada pelo vento e rocha sólida dava à casa uma sensação etérea, como se coisas reais e não reais se unissem para mantê-la de pé. O efeito era maravilhoso.

A Governadora Kelma esperava por elas no topo da escadaria. Também estava uma década mais velha, mas sua pele de tom marrom-dourado ainda não revelava linhas do tempo, e seu longo cabelo ainda era tão preto e volumoso como sempre. Ela sorriu quando o grupo se aproximou.

— Representante Saché, é muito bom vê-la de novo — declarou a governadora. — Bem-vinda a Karlinus e à minha casa. E bem-vinda você também, minha jovem. Como devo chamá-la?

— Meu nome é Tepoh — disse, claramente em choque pela abordagem. Afinal de contas, era seu primeiro dia de trabalho. — Estou assessorando a representante.

— Tepoh é a nova adição para minha equipe — Saché explicou —, mas, honestamente, não sei como eu me virava sem sua ajuda antes. A própria viagem até aqui foi muito mais organizada e minha mala já estava arrumada antes mesmo de eu saber que faríamos a viagem.

Aquilo foi um leve exagero, mas Tepoh ficou lisonjeade mesmo assim.

— Por favor, entrem — Kelma disse. — Vou pedir para minha equipe levar suas malas para os quartos, mas, se não se importarem, eu gostaria de ir direto ao trabalho. Já pedi que trouxessem comida para nós.

— É claro — falou Saché. — Também quero resolver tudo o mais rápido possível. Tepoh, você poderia pegar meu…

Ela se virou e encontrou Tepoh segurando o dispositivo oficial de gravação legislativa que estava prestes a pedir, junto com seu datapad pessoal.

— Está vendo? — ela disse a Tepoh. — Exatamente o que eu falei.

Elas seguiram a governadora pelos largos corredores da parte pública de sua casa. Saché sabia que existia um salão de baile e uma grande biblioteca — que abrigava em sua maior parte documentos públicos —, assim como um centro recreacional e um teatro. Também havia várias salas de reunião, e o grupo foi

conduzido para a maior delas. Felizmente, a sala não estava cheia. Ao que parecia, a governadora queria manter aquelas conversas entre poucas pessoas. Mas aquele era o lugar mais seguro na casa pública. Uma mesa foi preparada com dez lugares. Harli trazia uma equipe com ela, claro, e Kelma também tinha vários assessores. Saché não se sentiu acuada.

Enquanto comiam, a Governadora Kelma delineou as principais preocupações de seu planeta com a velha lei. Nenhuma foi uma surpresa em particular, mas Saché estava mais do que disposta a ouvir sua perspectiva.

— Nós pesquisamos um pouco — começou Kelma. — Acontece que a lei tem sido contestada desde o dia em que foi assinada. Os colonos de Karlini, e os de outros planetas, achavam que os termos eram injustos. Em particular, a parte sobre nunca expirar.

— Jafan, como você pode imaginar, também não está contente com isso — disse Harli. — Algo assim poderia nos quebrar do dia para a noite.

— Estou aqui para me certificar de que a lei nunca seja exercida — declarou Saché. — Não me importo de dizer que acho essa lei terrível e eu nunca votaria a seu favor. Naboo não é autossuficiente, mas não há razão alguma para explorar outro planeta para cobrir nossos próprios pontos fracos em uma crise. Meu objetivo é eliminar a lei por inteiro.

— Mas você precisou vir até aqui — a governadora disse. — Em vez de apenas nos dizer que já está feito.

Saché rangeu os dentes.

— Existe uma facção, pequena, que está sucumbindo a seu medo — ela admitiu. — Eles não querem que a lei desapareça por completo. Eles se lembram do sofrimento durante a Ocupação, e querem evitar que isso aconteça de novo com o decorrer da Guerra Clônica.

— Jafan não permitirá ser explorada — Harli declarou. — E também irá defender outros planetas.

— Não duvido — disse Saché. — Estou aqui para encontrarmos um plano que eu possa levar de volta para meu governo e apresentar como um meio-termo. Acho que eles não se importam com o texto final. Só querem algo para substituir a lei que estamos anulando.

— Não estou gostando muito disso — comentou Kelma.

— Eu também não — disse Saché. — Mas estou escolhendo olhar para isso como uma oportunidade. De tempos em tempos, Naboo tirou vantagem de cada planeta no setor Chommell. Podemos acabar com isso se nos esforçarmos. Podemos sugerir algo que seja tão mutualmente benéfico que o governo de Naboo vai implorar para ser assinado, então vocês estarão protegidos contra nós ao mesmo tempo que poderão desfrutar de nossa produção.

— Eu senti falta desse seu otimismo agressivo — observou Harli. — Sabé também era assim.

— Era uma exigência do trabalho — disse Saché. Ela ergueu a mão e Tepoh entregou seu datapad. — Podemos começar?

CAPÍTULO 12

CORUSCANT NÃO HAVIA MELHORADO desde a última vez que Sabé estivera ali. Assim que aterrissaram, ela sentiu o peso opressivo de tanta gente junta, a estranha dicotomia de tanta vida sem nada natural por perto. Tudo em Coruscant era artificial, construído em camadas sobre aquilo que veio antes: apagando, cobrindo, destruindo, tudo em nome de chegar cada vez mais alto. Ela percebeu que Padmé estava feliz, então Sabé se esforçou para abrir um sorriso e acabou genuinamente gostando do jantar de boas-vindas. Foi bom ver a todos de novo, fazer parte de uma grande equipe, mesmo se alguns dos rostos não fossem familiares.

Ellé e Moteé eram, claro, garotas brilhantes com uma grande independência. Não tinham medo de mostrar iniciativa, mas não se gabavam. Sabé entendia isso intimamente. Ellé tinha sido assessora do Governador Bibble, roubada de forma amigável do governo. Moteé era uma recém-formada da academia de política de Theed. Dormé fizera um trabalho excelente as recrutando. Sabé notou que ambas eram mais inclinadas a discutir política do que suas antecessoras. Ela comentou isso com Dormé discretamente no meio do jantar enquanto o novo droide de protocolo de Padmé trocava os talheres.

— Sim — disse Dormé. — Decidimos que um foco no trabalho do Senado era necessário. Agora eu também tenho uma pequena equipe para lidar com o lado mais doméstico da vida da senadora aqui. Elas se vestem e se parecem com damas de companhia, mas Padmé decidiu separar um pouco sua equipe doméstica daqui para frente.

Fazia sentido. O velho sistema do disfarce da rainha havia sido todo pensado para desviar a atenção. Padmé o havia mudado quando se tornara senadora, e fazia sentido mudar de novo com a alteração de suas necessidades. No entanto, dificultava o trabalho de Sabé. Ela precisava aprender um novo sistema que não havia sido criado para uma dublê, então teria que ser uma dublê sem os truques de maquiagem e roupas que elas costumavam usar. Sua pele marcada pelo sol e pelo vento era o menor de seus problemas. Conforme ela e Padmé foram ganhando idade, as duas se tornaram mais fisicamente distintas. Felizmente, Dormé era incrivelmente talentosa como maquiadora.

Sabé também percebeu que o novo sistema permitiria a Padmé separar seu

trabalho de sua vida particular. Antes, ela vivia e respirava política o tempo todo, com suas damas de companhia sempre prontas para ajudá-la. Agora, com Dormé como único ponto em comum, ela podia deixar o trabalho no edifício do Senado tanto quanto quisesse. Era uma liberdade que Padmé nunca havia buscado antes, e Sabé só podia imaginar o que tinha mudado.

Porque ela *havia* mudado. Isso era certeza. O sorriso de Padmé brilhava um pouco demais, e seus olhos prestavam ainda mais atenção às conversas ao redor da mesa. Sabé conhecia o rosto de Padmé tão bem quanto o seu próprio, e ela percebeu que, por alguma razão, Padmé estava representando um papel naquela noite. Não era algo que ela geralmente fizesse entre amigos. Talvez tivesse algo a ver com a missão que Bail havia entregado a ela. De qualquer maneira, Sabé não perguntaria. Padmé contaria, se ela precisasse saber, e elas incorporariam isso no disfarce, assim como sempre faziam.

Seus olhos se cruzaram durante a sobremesa, e a máscara de Padmé caiu por um momento quando sorriu. Era bom estar de volta em casa.

Padmé precisou de três dias para separar tempo suficiente para informar Sabé de tudo. Ela queria fazer isso em particular, e já que todo o processo era clandestino, não podia se ausentar de seus compromissos já agendados. Havia dias longos no Senado e noites longas nas reuniões do comitê ou, pior, em festas para angariar apoio. Com Dormé cuidando de seu visual, e Ellé e Moteé para registrar, observar e memorizar tudo, Padmé conseguiu planejar sua missão ao mesmo tempo que fingia que tudo estava normal. Mesmo assim, sua distração significava que a maior parte do trabalho físico ficava com o Capitão Typho.

— Você é perturbadoramente boa nisso — Typho disse quando Sabé entregou as identificações falsas para ele e para a senadora.

— Você aprende certas coisas quando está tentando combater traficantes — Sabé respondeu. Ela piscou para ele. Typho não fazia ideia.

Quando não estava ajudando Typho, Sabé estava sempre ocupada. Ela aprendeu como funcionavam os dois aspectos da nova vida de Padmé, tomando o lugar de uma das damas de companhia dentro de casa e acompanhando a senadora até o trabalho. Passava horas com Dormé, decorando rostos, nomes e afiliações. Até havia falado com o Senador Organa duas vezes. Ambas as ligações foram inócuas, uma para dar as boas-vindas a Coruscant e uma para perguntar quantas pessoas a Senadora Amidala levaria para um jantar.

Às vezes, ela queria arrancar seus cabelos. Em Tatooine, Tonra estava perto de uma grande operação, e ela estava presa ali, contando quantos convidados para

um jantar. Sabia que as tarefas de Padmé eram importantes, mas era estranho voltar para o trabalho senatorial quando tinha acabado de se acostumar com seu lugar em Tatooine.

Finalmente, no terceiro dia, Padmé chegou em casa vinda do Senado, sem planos para o restante da noite, e decidiu ir dormir mais cedo. Ela dispensou a todos, menos Sabé, e as duas se acomodaram para uma conversa.

— Você está muito mais popular do que era quando eu estava aqui. — Sabé tinha um pente em uma das mãos e cuidadosamente desatava as mechas deixadas pelas várias presilhas no cabelo de Padmé, tentando preservar seus cachos. — Ainda não li nenhuma fofoca maldosa sobre você nesses três dias.

— Ainda bem — disse Padmé. — Mas as notícias hoje em dia falam apenas da guerra. Eu quase queria que meus supostos escândalos fossem a única coisa falada no noticiário.

Ela relaxou na cadeira enquanto as cuidadosas mãos de Sabé desatavam seu cabelo. Talvez, depois de tudo aquilo, ela mudaria para estilos mais simples. Ou, no mínimo, desistiria dos ornamentos de cabeça.

— Eu gostei do novo jornalista — falou Sabé. — Sua voz é tranquila, mesmo com as manchetes sendo todas sensacionalistas. Sei que parte disso é propaganda, mas ele parece consistente.

Ela começou a trançar o cabelo de Padmé. Não era fácil encontrar um penteado prático que Padmé pudesse fazer sozinha e que coubesse dentro de um capacete de voo, então elas estavam praticando. Aproveitando os momentos livres. Realmente era como nos velhos tempos.

— Prender as tranças em uma coroa seria mais fácil, mas não caberia dentro de um capacete — Padmé resmungou. — Talvez seja melhor cortar?

— Dormé me mataria — disse Sabé. — Me dê cinco minutos e, se ficar ruim demais, nós enviamos uma mensagem para Rabé.

— Eu nem sonharia em interromper uma importante musicista para pedir conselhos sobre meu penteado. — Padmé riu.

Sabé começou a trabalhar na segunda trança.

— Eu já juntei bastante informação sobre a missão — informou ela. — Enfim, entre aquilo que você pôde me dizer e aquilo que o Senador Organa não perguntou.

— Eu ainda queria contar o plano inteiro para você — falou Padmé. — Sem interrupções, se possível.

— Eu agradeço — disse Sabé. — Apesar de termos treinado espionagem juntas.

— Existem várias novas corporações que estão enviando suprimentos e atendendo às necessidades para a zona de guerra, principalmente na Orla Média

— contou Padmé. — Muitas delas são apenas comerciantes normais que se ajustaram quando a guerra estourou, mas tudo aconteceu tão rápido que ninguém realmente sabe quem está trabalhando para quem.

— Você quer dizer que suspeita de que alguns deles estão fazendo jogo duplo? — Sabé perguntou. — Vendendo para os dois lados e lucrando com isso?

— Isso é basicamente inevitável. — Padmé fechou o rosto. — Não podemos impedir ou controlar nada disso, mas queremos direcionar os contratos para pessoas em quem confiamos.

Sabé prendeu a segunda trança e começou a terceira.

— E as armas? — perguntou. — E o tráfico?

— Também tem isso, é claro — disse Padmé. — O Senador Organa acha que eventualmente teremos que conduzir uma investigação oficial. Só não temos tempo para fazer isso agora, porque estamos tentando reunir todos os outros.

O comunicador pessoal de Padmé vinha piscando sem parar desde que a senadora se sentara, e ela o ignorava com determinação. Ela teria que voltar ao trabalho eventualmente, mas quando dizia nada de interrupções, falava sério.

— E então, nós recebemos, por falta de um termo melhor, um convite — disse Padmé. — Os Jedi receberam uma informação sobre uma das corporações que queriam se encontrar com um senador, mas em particular. É uma oportunidade boa demais para ver de perto como funciona nossa cadeia de suprimentos de um modo tão direto, mas ainda precisamos de muita discrição fazendo isso.

— E é aí que nós entramos — falou Sabé. — Como você sabe que a informação é boa?

— Não sabemos — confessou Padmé. — Mas é uma boa pista, e o Capitão Typho vai preparar uma nave para nós e deixar o mais segura possível. A nave era de um fornecedor independente que fazia transportes médicos de curta distância, mas agora foi convertida para transportar suprimentos médicos, e eles trabalham de modo particular para a corporação.

— Só estou imaginando a úlcera que Quarsh Panás sentiria agora — disse Sabé. Ela achava estranho ele não estar por perto.

— Mariek Panás não viu problemas nesse plano — contou Padmé. Se ficou preocupada, ela não demonstrou. — Além disso, o capitão é um Wookiee. Não sei por que, mas eu sempre me sinto segura perto de Wookiees.

Sabé terminou a quarta trança e começou a prendê-las nas espirais que ficavam atrás do pescoço de Padmé. O espaço entre o colarinho de seu traje de voo e a parte de baixo do capacete era o único que elas tinham para trabalhar, então as espirais precisavam ser apertadas. Padmé tocou a tiara de contas que ela costumava usar quando seu cabelo ficava preso para voar. Era o estilo mais fácil, mas não o mais fácil para se fazer sozinha atrás da própria cabeça. A joia

deixada por sua dama de companhia era um frio substituto de sua presença.

— Onde está seu capacete? — Sabé perguntou quando terminou o penteado.

— Dentro do armário — respondeu Padmé. Ela esperou enquanto Sabé foi buscá-lo, depois o experimentou.

— Bom, acho que não vai ficar melhor do que isso — Sabé disse, fazendo alguns ajustes rápidos nas espirais. — Agora tire o capacete e vamos ver se você consegue refazer tudo sozinha.

Padmé queria lhe contar. Realmente queria, mas era tão confortável… Tão familiar. Elas estavam planejando e trabalhando juntas, e Padmé não queria estragar isso com novas informações, principalmente com algo tão volátil. Haveria tempo mais tarde. Sempre haveria tempo para elas duas.



— Você não se cansa nunca disso? — Obi-Wan Kenobi perguntou quando a lâmina de seu sabre de luz desapareceu no cabo. Ao seu redor, o som de combate não diminuiu. Havia várias lutas por perto, e o cheiro de ozônio queimado indicava que as batalhas aéreas também continuavam.

— Por que me cansaria? — Anakin estava cercado pelo metal derretido de vários droides de combate desmembrados caídos no chão.

Não era o primeiro encontro deles com as forças Separatistas naquele planeta. Não era nem o primeiro encontro naquele dia. Ainda assim, Anakin saltou direto todas as vezes para o meio do combate, o sabre de luz ativado e seus movimentos mortalmente precisos. Obi-Wan o seguia, mas não tinha o mesmo entusiasmo que seu Padawan parecia sentir. Talvez eles entrassem em algum tipo de equilíbrio. Seus soldados clones estavam terminando seus próprios combates a alguns metros dali. Combinar as táticas ainda era um trabalho em andamento.

— Você podia ao menos parecer menos alegre fazendo isso — Obi-Wan sugeriu.

— Estamos fazendo nosso trabalho, Mestre — justificou Anakin. — Estamos ajudando as pessoas que precisam e restaurando a justiça e a ordem. Como não gostar disso?

Quatro clones não se levantaram. Isso escureceu a expressão no rosto de Anakin. Um quinto soldado aproximou-se de seus companheiros caídos. Ela tirou o capacete, suas longas tranças escuras caindo pelos ombros. Anakin observou enquanto ela colocava a mão de cada soldado sobre o peito.

— Podemos recolher os corpos quando voltarmos — falou ele.

— Obrigada, senhor — disse ela. — Deixamos os capacetes de nossos irmãos onde eles caem.

Anakin continuou observando quando ela apanhou cada capacete e os alinhou sob uma árvore próxima. Não era o melhor dos monumentos, mas era melhor do que nada. A armadura dos clones levava muito tempo para se decompor. Qualquer um que passasse por ali nas próximas décadas saberia.

— Qual é o seu nome, soldado?

— Irmã — respondeu ela. — É assim que meus irmãos dizem a todos que eu pertenço a essa família.

— Fazer parte de algo é importante — observou Anakin. Ele sabia disso melhor do que ninguém.

— Eu tinha medo, antes de deixar Kamino — contou a Irmã. — Não sabemos exatamente o que acontece com clones incomuns. Mas meus irmãos nunca me deixaram duvidar. Eu não sabia se os Jedi entenderiam.

— Os Jedi sempre buscam a transcendência — disse Anakin. — Acho que não podemos reclamar se você transcendeu os gêneros.

— Transcender os gêneros — ponderou a Irmã. — Podemos melhorar isso, mas gostei de como você está pensando.

Anakin riu. Ele gostava dos clones, de todos eles. Os clones estavam rapidamente desenvolvendo individualidade, e isso deixava Anakin mais confortável ao lutar ao seu lado. Anakin entendia os droides, e sabia melhor do que ninguém como trabalhar com eles, mas preferia pessoas agora que estava em uma posição onde podia protegê-los. Além disso, eles eram muito mais divertidos do que os Jedi, e sua visão da vida — e da guerra — combinava muito mais com a sua própria.

— Vamos voltar antes que o General Kenobi pense que nós desertamos — disse ele.

Obi-Wan tinha se afastado para conversar com o Comandante Cody, R2-D2 seguindo logo atrás. O droide não parecia se importar com o terreno rochoso, movendo-se lentamente, mas com determinação.

— Eu gostaria que tivéssemos mais cobertura — Obi-Wan comentou, olhando para a planície rochosa e desejando mais rochedos do tamanho de banthas. — Odeio perder soldados desse jeito.

Cody concordou. A produção de clones continuava agora que a guerra estava em pleno curso. A República precisava de mais tropas. A República também precisava, na opinião de Obi-Wan, de mais generais, mas ninguém perguntou a ele. No mínimo, ele podia dizer ao Conselho Jedi que Anakin estava pronto para os testes. Ainda ficariam juntos o máximo possível se Obi-Wan pudesse arranjar isso, mas Anakin teria seus próprios soldados e uma patente mais alta. Não era algo que acontecia sempre, mas aquelas eram circunstâncias pouco comuns, e Obi-Wan tinha certeza de que Anakin estava à altura do desafio.

O Comandante Cody enviou um aviso no canal de comunicação seguro: mais droides Separatistas se aproximavam. Obi-Wan observou quando Anakin ergueu um dos enormes rochedos. Um dos soldados de Cody lhe deu cobertura. Anakin lançou a rocha diretamente sobre os inimigos que se aproximavam como seu primeiro ataque. Foi eficaz, apesar de um pouco chamativo.

Teriam uma conversa sobre isso mais tarde.

CAPÍTULO 13

A NAVE QUE O Capitão Typho havia selecionado para a missão era um transporte Wookiee chamado *Namrelllew*. Padmé e Typho deveriam se apresentar a bordo dentro de mais dois dias. Sua função oficial era assegurar a entrega dos suprimentos que a *Namrelllew* levava. Os negociantes a bordo eram experientes viajantes do espaço, mas não tinham o costume de lutar. Portanto, Padmé e Typho seriam responsáveis pela segurança física da tripulação e da carga, enquanto a tripulação ficaria encarregada das operações. Padmé podia facilmente imaginar a expressão do Capitão Panás diante da ideia de que eles ficariam à mercê de seres desconhecidos para chegarem a seu destino com segurança. Mas ela agora estava mais velha, e mais experiente, e sabia como se precaver sem a supervisão dele.

Padmé selecionou seu uniforme de piloto de Naboo para a viagem. A estampa não era particularmente conhecida e ficaria ainda menos reconhecível depois de tirar todos os elementos específicos de Naboo. Ela passou uma noite trabalhando na calça de couro e túnica, deixando o tecido parecendo mais gasto sem comprometer sua resistência. Typho ficou bastante satisfeito em não usar o chapéu de seu uniforme, também escolhendo o traje de piloto de Naboo modificado. Podiam usar capacetes para o improvável caso de se depararem com alguém que pudesse reconhecer seus rostos, e teriam um comlink seguro apenas para os dois. Padmé fez um grande esforço tentando não pensar no que havia acontecido na última vez que ela e Typho vestiram aqueles disfarces. Ao menos agora estava apenas colocando Typho em risco, e mais ninguém.

Intencionalmente, ela não usou C-3PO para contatar Anakin. Considerou bastante, tentando criar um código e até rascunhando algumas mensagens, mas no fim achou melhor não. Sim, ele era seu marido, mas ela era uma senadora, e aquele era seu trabalho. A missão era secreta e, estritamente falando, ele não precisava saber. A única razão para ela lhe contar era o casamento, e o casamento em si era segredo. Ela o trataria como se eles não fossem nada um para o outro. Não era uma decisão fácil, e ela tinha certeza de que não seria a última vez que precisaria escolher. Sabia que ele entenderia. Ele também teria que manter segredo sobre as missões dos Jedi, e ela compreendia isso perfeitamente.

Equilibrar o novo casamento com seu trabalho era mais difícil do que ela esperava. Ela não tinha muito tempo para estabelecer novos hábitos, portanto, era mais fácil manter tudo em segredo. Assim que começasse a explicar as coisas — para Anakin ou para Sabé —, ela sentia que nunca pararia. Padmé não tinha tempo para isso agora, então optou por segurar tudo. Depois da missão, certamente, as coisas ficariam mais tranquilas por tempo suficiente para ela contar alguns detalhes para Anakin sobre seus procedimentos e contar a Sabé sobre suas boas notícias.

Não gostava de manter segredos das pessoas que amava, é claro, mas agora esse era o caminho mais fácil. A guerra não podia durar por muito tempo. A República ajudaria os planetas Separatistas a entender que pessoas como a Federação de Comércio não tinham seu melhor interesse em mente, e então o conflito se encerraria. Havia muitas pessoas boas trabalhando em soluções, muitas pessoas boas querendo a paz, para que a guerra se arrastasse por muito tempo. Ela era uma idealista, e não mudaria isso agora. O artista Kharl estava certo: estava na hora de levar um pouco de Naboo para o restante da galáxia.



Na noite anterior ao embarque, a Senadora Amidala foi ao teatro assistir à ópera com o Senador Organa. Ela levou duas damas de companhia, ambas encapuzadas em tons discretos de verde e vermelho. A senadora usava um vestido de um verde profundo, bordado com destaques verde-claros que entrelaçavam vinhas de alguma planta imaginária. A longa saia era pesada, apoiada por baixo por uma anágua à prova de tiros de blaster. O corpete era um pouco menos formal do que aquilo que ela geralmente usava no plenário do Senado, deixando o topo de seus ombros expostos, embora o peitilho chegasse quase na base do pescoço. Seu cabelo estava solto, mas trançado entre as mechas havia as mesmas vinhas do vestido, fazendo parecer que todas estavam unidas na raiz.

A senadora conversou com todos com sua graciosidade e entusiasmo de sempre, não deixando ninguém lhe dar respostas fáceis, embora estivessem reunidos para uma noite de apreciação das artes. Qualquer pessoa que esperasse ter alguma dica sobre os procedimentos do Senado se decepcionou, e qualquer pessoa para quem ela pedia uma atualização sobre a guerra dava uma resposta completa. Ela não tinha um fio de cabelo ou pingo de maquiagem fora do lugar, era o perfeito símbolo de tudo aquilo que a República podia ser se todos lutassem para permanecerem unidos.

Sabé sentiu-se profundamente desconfortável durante todo o tempo, mesmo

com Bail ajudando com qualquer apresentação que ela pudesse errar.

Dormé fez um trabalho maravilhoso com a maquiagem. Sabé ainda estava um pouco queimada com o sol de Tatooine, mas cor e contorno transformaram seu rosto na perfeita imagem da Senadora Amidala. Elas acrescentaram apliques em seu cabelo, juntando o novo comprimento com o estilo curto que ela usava atualmente. Aquilo era Sabé em sua essência, se assim desejasse, sempre próxima do coração do poder da galáxia.

Durante o intervalo, várias pessoas que Sabé não conhecia entraram na cabine do Senador Organa para prestarem respeito. Como Amidala, ela foi graciosa e educada, embora um pouco atrapalhada. Quando as luzes começaram a se apagar outra vez, Sabé ficou aliviada, não apenas porque tinha perdido as últimas três temporadas da ópera Alderaaniana e estava contente por voltar a assistir.

— Vai melhorar — Bail sussurrou em seu ouvido. Ela não sabia se ele se referia à ópera ou às manobras políticas. Possivelmente as duas coisas. Ela estava mais sem prática com as sutilezas da política do que imaginava. Ou, mais precisamente, talvez não tivesse mais a tolerância que tinha antes. — Você está fazendo um trabalho excelente.

Sabé estendeu a mão para trás onde as damas de companhia estavam, e Padmé apertou seus dedos. Logo elas estariam longe uma da outra, levadas pela missão, seus deveres e lealdade. Ela confiava em Bail. E confiava na visão de Padmé. Estava até mesmo começando a confiar em Coruscant, por mais que isso a chocasse. Era bom voltar a trabalhar com suas amigas.



Primeiro o vaporizador queimou um fusível, depois a água começou a vazar nas unidades de refrigeração, e *então* seis pilotos de pod apareceram quinze minutos antes do horário do fechamento da cantina. A comédia de erros não estava ajudando o Capitão Tonra a interpretar o papel de Arton Dakellan, mas não tornava impossível manter seu disfarce. Ele fez o que podia para salvar o armazenamento de comida enquanto assegurava ao cozinheiro que tudo daria certo se os pilotos pudessem escolher apenas um cardápio limitado. Ele chegou até a ameaçá-los. Só um pouco.

Quando tudo acabou, Tonra estava tão atrasado quando voltou ao apartamento que apenas parou para jogar uma túnica sobre seu uniforme. Ele tinha planejado trocar totalmente de roupa e também comer alguma coisa, mas tudo que conseguiu fazer foi pegar um saco de ração emergencial e correr para a nave.

Ele finalmente chegou nas coordenadas de embarque, com um atraso de quase uma hora e meia. Ninguém esperava por ele, mas Tonra pousou mesmo assim.

Talvez houvesse alguma mensagem.

Assim como todos seus pontos de embarque em Tatooine, aquele era uma duna de areia no meio de um oceano de dunas. Tonra sabia que o planeta possuía rochas e penhascos e esse tipo de coisa, mas por alguma razão ele se encontrava com todos os seus contatos no meio do deserto. Já tinha desistido de limpar suas botas.

Quando desembarcou, um droide esperava por ele na frente da rampa. Ele já tinha encontrado um droide antes. Era um simples modelo humanoide da cintura para cima que se apoiava em esteiras triangulares em vez de pernas. Claramente feito à mão, ou ao menos altamente modificado. Tonra ficou parado enquanto o droide o escaneava, confirmando sua identidade. Então, ele falou:

— Desculpe — disse ele. — Eu não estava conseguindo sair da cidade sem levantar suspeitas e achei que seria… melhor assim.

— Agradecemos a sua discrição — respondeu o droide.

Ele ficou satisfeito ouvindo aquilo. Tonra estava acostumado com a cadeia de comando militar, mas não ter informações suficientes para saber quando podia quebrar um pouco as regras o estava deixando ansioso.

— Será que você poderia me dizer por que nossa janela de tempo é tão apertada? — ele perguntou. — Pode me ajudar a evitar que aconteça de novo.

— Não posso fazer isso — falou o droide. — Por favor, aguarde um momento.

Tonra esperou. Uma figura saiu de trás de uma das dunas e andou em sua direção. Parecia humana, ou ao menos humanoide. Usava um grande capuz — o que não era incomum no deserto — e Tonra nem tentou olhar o rosto mais de perto.

— Arton Dakellan — disse a figura através de um modulador de voz. — Você e sua esposa ainda são novatos em Tatooine.

— Sim, nós somos — confirmou Tonra. Ele não fazia ideia de quanto tempo você precisava morar ali antes de ser considerado um morador local, mas aparentemente precisava ser mais do que o tempo que ele e Sabé haviam passado.

— Você veio aqui para nos ajudar? — a pessoa questionou.

Era uma pergunta estranhamente genérica que podia significar quase qualquer coisa, mas Tonra sabia o que ele queria que significasse, então esta foi a resposta que deu:

— Nós viemos — disse ele. — Sabíamos que era uma possibilidade quando viemos até aqui, e esperávamos ser úteis.

A figura o considerou por um momento e então pareceu chegar a uma conclusão.

— Cada escravo em Tatooine recebeu um implante com um chip. Esse dispositivo tem o poder de matar o escravo instantaneamente se quebrar alguma regra ou tentar fugir. — Tonra assentiu, e a figura continuou. — Temos um dispositivo que nos permite desativar os chips, mas não é garantido. Aquilo que funciona no primeiro chip pode não funcionar mais no décimo.

— A minha carga! — Tonra ficou alarmado. — Eles estão…?

— Eles estão bem — a figura lhe disse. — Precisamos reprogramar o dispositivo antes de fazer outra tentativa, qualquer tentativa. Por acaso você ou sua esposa são slicers?

— Temos algum conhecimento de como invadir sistemas — garantiu Tonra. — E temos acesso a equipamentos muito bons.

A figura não perguntou quais seriam esses recursos. Trabalho clandestino podia ser ao mesmo tempo eletrizante e frustrante, e naquele momento Tonra se encontrava entre os dois. Mas, de novo, ele sabia que era melhor não fazer perguntas. Cruzaram um limite na primeira vez que estiveram em Tatooine, e as portas se fecharam para os dois. Mas agora haviam prometido um para o outro que desta vez fariam tudo com mais calma e deixariam que os habitantes locais os procurassem primeiro.

— Leve isto. — A figura entregou um dispositivo de varredura improvisado e uma sacola que tilintou quando Tonra a sacudiu. — É um de nossos desativadores de chip e alguns chips em branco para testes. Veja se consegue fazer alguma modificação para melhorar o dispositivo.

— Faremos o melhor possível — disse Tonra. Ele observou o dispositivo em sua mão. Era realmente bastante improvisado.

— Você precisava ver o primeiro — a figura comentou. — Era praticamente todo feito com utensílios de cozinha.

— O que importa é funcionar — Tonra afirmou, em voz baixa.

— De fato — a figura disse. — Entraremos em contato, Arton Dakellan.

— Obrigado pela confiança — agradeceu Tonra.

A figura assentiu e desapareceu outra vez atrás da duna. Tonra não ouviu nenhum speeder, mas havia muitas outras maneiras para se cruzar as areias de Tatooine, principalmente se você preferisse a discrição em vez da velocidade.

Ele andou até a nave e checou o cronômetro. Já era tarde em Theed, mas não tarde demais para tentar. Ativou o holoprojetor e esperou, desejando profundamente que Versé ainda estivesse viva. Várias das damas de companhia eram slicers, mas Versé foi indiscutivelmente a melhor.

— Capitão? — A forma familiar da sensação musical Rabé Tonsort apareceu na sua frente.

— Olá, Rabé — ele cumprimentou amigavelmente. — Você tem um

momento?

— Sempre tenho tempo para velhos amigos — respondeu ela. — O que você precisa?

— Você está ciente do nosso projeto atual? — ele perguntou.

— Sim — disse ela. — E que você está atualmente operando sozinho.

— Certo — confirmou ele. — Este dispositivo é usado para desprogramar chips, mas os chips possuem um código defensivo autorreplicante. Sempre que é usado, ele funciona apenas mais algumas vezes. Gostaríamos que fosse mais flexível e poderoso.

— Isso aí é uma tesoura de jardinagem? — Rabé apertou os olhos tentando entender o objeto na mão de Tonra.

— Possivelmente — falou ele. — Eles usam qualquer coisa disponível para os aspectos mecânicos, e isso ajuda a disfarçar aquilo que estão fazendo. O problema é o lado técnico.

— Envie as especificações e verei o que posso fazer — afirmou Rabé.

— Obrigado — disse Tonra. — Eu sei que você já está cheia de trabalho para fazer.

— Imagina. O dia em que eu não puder me preparar para um show gigantesco enquanto, ao mesmo tempo, eu desprogramo um dispositivo será o dia em que eu me aposento. Diga oi para Sabé por mim quando ela voltar. Diga a ela que eu a amo.

— Tenho certeza de que ela diria o mesmo para você — assegurou Tonra, depois desligou a chamada.

Sem a luz azul do holograma de Rabé, o compartimento de cargas ficou repentinamente muito escuro, então Tonra subiu até a cabine de voo, onde a luz da lua iluminava através da janela. Ele examinou o dispositivo em sua mão outra vez. Era realmente brilhante. Simples e basicamente eficaz. Fácil de esconder. Se conseguisse incrementá-lo, mesmo que só um pouco, faria muita diferença. E foi por isso que eles voltaram para Tatooine. Era aquilo que desejavam realizar. Era assim que fariam da galáxia um lugar melhor.

Agora, só faltava Sabé.

CAPÍTULO 14

O PRIMEIRO DIA DE reuniões em Karlinus não foi tão produtivo quanto Saché esperava, mas ela não ficou totalmente surpresa. Trabalhava na política há muito tempo e sabia exatamente o tipo de líder que Harli Jafan era. Além disso, sua principal missão no momento era descobrir os fatos, então realmente não foi um problema sentar-se para ouvir pacientemente enquanto os líderes do setor Chommell ventilavam suas queixas. Era apenas frustrante.

Ao menos a Governadora Kelma não passou a tarde inteira gritando com ela. Harli era passional e impetuosa, e tinha apenas um volume quando falava em público. Estava determinada a não deixar que seu planeta fosse explorado de novo. Ouvindo os detalhes sobre aquilo que Naboo havia tomado para si sob o contrato existente, Saché podia entender a irritação. A abordagem de Kelma foi um pouco mais plácida, mas igualmente condenatória. Não havia como negar: a legislação atual favorecia Naboo ao extremo, e teria que mudar assim que possível, ou o conflito poderia tomar conta do setor.

Eles fizeram uma pausa para o jantar quando Kelma decidiu que já tinham lavado bastante roupa suja para aquele dia.

— Vou lhe dar uma ideia da resposta que suas emendas receberão — ela disse para Saché quando se levantou. — Qualquer coisa que não seja a completa remoção vai ser recebido com uma considerável ira.

— Eu entendo — falou Saché. — Obrigada por me dar um tempo extra para pensar a respeito.

Ao seu lado, Tepoh fazia anotações quase à velocidade da luz em seu datapad. Estava vestindo calças de novo naquele dia, mas a túnica que usava por cima era longa e esvoaçante, caindo quase até os joelhos. Tepoh sempre parecia ter uma quantidade quase infinita de bolsos e conseguia guardar e monitorar todos os seus dispositivos e os de Saché enquanto trabalhavam, liberando Saché para dar total atenção aos outros participantes. Era um sistema muito eficiente. Saché torcia para que não deixasse nunca aquela posição.

— Representante Saché? — Kelma disse, antes que Saché pudesse decidir o que fazer em seguida. — Se não se importa, tenho outra razão para encerrar as conversas de hoje mais cedo. Eu gostaria que você visse uma coisa. Como… amiga da rainha.

— É claro — respondeu Saché. — Tepoh, por que você não volta para nossos aposentos? Você já ficou tempo demais olhando para telas hoje. Descanse um pouco, talvez depois faça um passeio pelos jardins?

Tepoh ainda era inexperiente na política, mas não era inocente, e não se ofendeu com a dispensa abrupta.

— É claro — respondeu, depois saiu da sala.

Harli estava sozinha agora, também dispensando seus assessores. Ela claramente não tinha ideia do que Kelma estava falando e claramente não queria ficar de fora.

— Se você puder me seguir agora… — Kelma pediu, conduzindo o caminho pela casa até a saída dos fundos e seu hangar particular. — Houve duas grandes mudanças na economia de Karlini desde o início da guerra — prosseguiu Kelma. Ela destravou o speeder e elas embarcaram. Saché vestiu um par de óculos de proteção, mas as outras duas mulheres decidiram não usar nada. — Nossa exportação de chá quase dobrou e não está mais sendo enviada para o Núcleo como de costume.

— Quem é o comprador? — Harli perguntou, apertando o cinto de segurança.

— Não tenho certeza — disse Kelma. — As compras são feitas diretamente com os fazendeiros, o que é interessante, porque garante o maior lucro para eles.

— Você não se importa por não ficar com uma parte? — questionou Harli.

— Eles pagam impostos — respondeu Kelma. — E eles ficam satisfeitos com isso. Tudo se equilibra no fim.

Ela engatou a marcha à ré do speeder e elas saíram do hangar e entraram na estrada principal.

— E a sua força de trabalho consegue acompanhar? — Saché perguntou.

Por causa da iniciativa posta em prática quando Amidala era rainha, a quantidade de artistas de Naboo que escolhia ganhar seus créditos iniciais colhendo chá e seda em Karlinus havia diminuído. Sem esse fluxo de trabalhadores, cada vez mais a produção ficava nas mãos de droides. Eles eram competentes, mas sem supervisão orgânica, a delicadeza do chá e da seda poderia ser afetada.

— Essa seria a segunda mudança — disse Kelma. — Também estamos recebendo um novo fluxo de trabalhadores.

— De onde eles são? — Saché perguntou, depois se corrigiu. — Desculpe, sei que a sua política de imigração não funciona assim.

Karlinus aceitava todos que chegavam para trabalhar como cidadãos imediatamente, então não mantinham registros sobre o lugar de onde as pessoas vinham.

— Está tudo bem — falou Kelma. Elas passaram pelos portões da cidade e

entraram na zona rural. Kelma virou para o leste e acelerou. — Houve conversas sobre mudar o processo de entrada apenas por razões estocásticas, mas está demorando um pouco porque a maior parte da legislatura pensa que isso seria uma violação da privacidade.

— Alguém chegou a pedir? — ironizou Harli.

— Não — Kelma respondeu. — É meu primeiro dia governando o planeta.

Harli riu.

— São famílias em sua maioria — disse Kelma. — Nem sempre da mesma espécie, mas tendem a chegar em grupos. São tímidos. Eles têm medo do governo. E ficam profundamente surpresos com o tamanho do salário.

— Eles foram escravizados — observou Saché. — E agora estão livres.

— Essa é a minha hipótese — falou Kelma. — Evitei fazer visitas oficiais, mas já que vocês duas estão aqui, eu queria que soubessem.

— É Sabé que está enviando para você? — Saché perguntou.

Os olhos de Harli se arregalaram.

— Não — afirmou Kelma. — Ou ao menos ela não disse nada. Ela não entra em contato desde quando trouxe os primeiros vinte e cinco até aqui, e isso foi uns seis anos atrás?

— Por aí — disse Saché.

— Por que a Sabé está envolvida nisso? — Harli perguntou.

— Começou como um projeto especial da Senadora Amidala — Saché respondeu. — Ela estava em Tatooine quando Padmé foi eleita para o Senado. Ela precisou deixar o planeta, mas passou um bom tempo lá nos anos seguintes. Disse que já existia um sistema em Tatooine, e que ignorar esse sistema da primeira vez causou problemas para ela; então, desta vez, Sabé disse que faria tudo mais devagar.

O speeder chegou em uma pequena vila no limiar de uma larga planície de plantação de chá. Droides de irrigação flutuavam sobre os campos. Não havia nenhum droide de colheita. Era cedo demais na temporada. As casas eram pequenas, mas bem conservadas, e a maioria tinha pequenos jardins com flores coloridas ou janelas de vidro colorido para que a luz brilhasse no interior como um caleidoscópio. Quando desceram do speeder, uma Rodiana alta se aproximou delas.

— Sabé? — disse ela, surpresa. Uma criança passou por ela correndo na direção de Saché, mas parou de repente quando percebeu seu erro.

— Você não é Sabé — a garotinha falou.

— Não — respondeu Saché. — Meu nome é Saché. Sabé é uma das minhas melhores amigas.

— Ok, isso é bom — disse a criança. Ela voltou para sua mãe.

— Saché também é casada com Yané — acrescentou Kelma gentilmente. — Uma das pessoas que ajudaram vocês a se estabelecerem aqui.

— Ah, eu me lembro dela — afirmou a Rodiana. — Ela era maravilhosa.

— Sim, eu também gosto muito dela — falou Saché, sorrindo.

— Meu nome é Harli, se alguém estiver interessada — disse Harli. Então, lembrou-se de que tinha educação. — Sua vila é adorável.

— Obrigada — agradeceu a Rodiana. — Meu nome é Xeebi e moro aqui há seis anos. Imagino que vocês estejam aqui por causa dos recém-chegados?

— De maneira não oficial, é claro — observou Kelma. — Você sabe melhor do que ninguém que Amidala tem um interesse pessoal nas pessoas daqui e, apesar de agora ser a senadora de Naboo, ela considera vocês como sua responsabilidade.

— Nesse caso, fico feliz em convidá-las para minha casa — prosseguiu Xeebi. — Mas, claro, meus vizinhos decidirão o que querem compartilhar ou não com vocês.

— Eu entendo — disse Saché. — Obrigada por nos receber.

Saché desejava que Tepoh a tivesse acompanhado, ou que pelo menos ela pudesse fazer anotações abertamente. Mas seria rude, sem mencionar que seria uma profunda intromissão, então tentou memorizar cada nome, rosto e situação.

Os novos cidadãos de Karlini vinham de toda parte. Não havia um ponto em comum que Saché pudesse determinar, exceto que todos haviam sido escravizados na Orla Exterior e agora estavam livres em Karlinus. Ela tentou memorizar o nome dos planetas, ou pelo menos os sistemas, enquanto ouvia cada pessoa contar sua história. Alguns foram comprados e depois imediatamente libertados por pessoas desconhecidas. Outros foram “sequestrados”. E havia aqueles que tinham conseguido escapar sozinhos e acabaram juntos com os recém-libertados por acaso. Todos haviam chegado em transportes civis normais.

— Estávamos apreensivos, a princípio, é claro — disse um Mon Calamari macho. — Este planeta é obviamente um centro de produção, mas Xeebi e os outros nos ajudaram a entender que estamos aqui apenas se quisermos ficar aqui, e que podemos receber nossos créditos e seguir para onde desejarmos.

— Vocês são cidadãos — lembrou Kelma com firmeza.

— Leva um tempo para se acostumar — justificou Xeebi.

— Não sei exatamente como vocês sofreram — disse Saché. Ela baixou o colarinho de sua túnica, revelando mais das cicatrizes que cobriam seu corpo

inteiro. — Mas posso entender um pouco, eu acho. Eu ainda tenho pesadelos. Sei que não é fácil simplesmente seguir em frente.

O Mon Calamari assentiu e bebeu seu chá.



— Acho que já entendi — falou Tepoh, algumas horas mais tarde, depois de traçar cada planeta e nome que Saché conseguia se lembrar em um mapa galáctico.

— Bom, já acabou o caf, então você chegou na hora certa — disse Saché. Ela já estava ficando trêmula, mas sabia que não dormiria bem sem resolver aquele enigma.

Já era quase meia-noite e estavam trabalhando desde que Saché voltara para a cidade.

— Esse é o esquema — Tepoh continuou. Então projetou o mapa sobre a mesa onde trabalhava para que flutuasse no ar em três dimensões. — Ou pelo menos uma parte.

— Você tem razão — Saché elogiou. — Todos esses planetas tiveram incursões dos Separatistas e uma resposta do Exército da República. O ponto em comum é que são planetas da Orla Exterior onde os Separatistas tentaram estabelecer uma posição, lugares onde a lei da República não alcança.

— Mas as corporações de suprimentos alcançam — falou Tepoh. — Não as maiores. Essas focam na Orla Média e no Núcleo. Mas as empresas menores, aquelas que eram apenas comerciantes e tiveram que se adaptar para a guerra. Elas não têm a mesma proteção legislativa, mas continuam tentando lucrar.

— Não existe lucro na libertação de pessoas escravizadas — declarou Saché. — Não em créditos, de qualquer maneira. Moralmente, é maravilhoso, mas é um pouco estranho, você não acha?

— Talvez alguém estivesse esperando por uma oportunidade — Tepoh aventou. — Não estou reclamando, e acho que a Governadora Kelma também não está.

— Eu também não acho nada ruim — disse Saché. — Só estou um pouco perplexa. Isso vai contra… bom, você se lembra da Ocupação. Não estou acostumada a elogiar corporações.

— Elas não podem ser todas ruins — Tepoh falou. — Os Jedi têm uma regra, ou algo assim, sobre equilíbrio.

— Tenho certeza de que não é assim que funciona — disse Saché. — Mas, como você disse, não vou reclamar.

Tepoh bocejou e Saché dispensou para ir dormir. Antes de também se

recolher, Saché enviou duas mensagens. A primeira diretamente para Sabé, para avisar que o trabalho que ela iniciara em Tatooine havia continuado, mesmo sem ela saber do escopo. A segunda também foi para Sabé, porém, foi mais formal, para ser compartilhada com Padmé como um assunto de interesse do setor que Sabé também recebia como cortesia.

— Alguém no topo de uma corporação está trabalhando de um modo diferente do esperado para a operação normal de algo como a Federação de Comércio — ela resumiu na mensagem. — Não sei detalhes, mas é algo a ser considerado. Podemos ter um aliado. Ou pode ser uma armadilha. Ou uma coincidência. Mas é incomum, e achei que você pudesse querer verificar se tivesse a chance.

Com a mensagem enviada, Saché mandou mais um rápido holograma para Yané, transmitindo seu amor para as crianças, então foi se sentar no jardim. Ela estava cansada, sim, mas havia muito para se pensar.

CAPÍTULO 15

A *Namrelllew* era uma nave velha; mas, sendo de fabricação e design Wookiee, era muito bem construída. O sistema de filtragem de ar em particular era notadamente superior a qualquer coisa produzida por Naboo. Não havia nenhuma partícula flutuando no ar reciclado, e o ambiente quase sempre parecia fresco. Padmé rapidamente decidiu que essa era a parte favorita de suas novas acomodações.

O restante da nave era curiosamente luxuoso, embora um pouco estranho para humanos. Apesar de terem sido avisados que suas cabines seriam apertadas, a cama de Padmé era comicamente enorme. Ela pôde guardar toda sua mala na extremidade da cama, liberando espaço no chão limitado. O Capitão Typho, que estava na cabine em frente à sua, disse que era maior do que qualquer dormitório em que já estivera, e que os Wookiees é que sabiam das coisas. Os banheiros tinham secadores de ar quente para o corpo inteiro em vez de toalhas, e Padmé precisava de um banquinho para alcançar a parte de trás da pia.

A missão para Hebekrr Menor não seria desconfortável. Ao menos não até a parte da espionagem começar. A *Namrelllew* era muito mais habitável do que o transporte que Padmé e Typho tinham usado para chegar até ali. Eles pararam na estação Kebro para tomar mais passageiros e finalmente desembarcaram no terminal Emoh, onde se encontraram com a nave mercante que seria seu lar durante toda a viagem.

Embora a nave pertencesse a Wookiees, havia apenas dois a bordo. O piloto, Naijoh, e sua esposa, Rayyne, a navegadora. Ambos entendiam o idioma Básico, e o droide de protocolo da nave, uma unidade bípede antiga chamada G-1FY, cuidava do restante. O quarto membro da tripulação permanente era uma engenheira. Padmé não a conheceu no começo da viagem, e depois quase esbarrou nela no dia seguinte no refeitório.

— Ah, desculpe — disse Padmé. Já estava tão acostumada a tomar cuidado com coisas na altura dos Wookiees que tinha esquecido de também olhar para baixo.

— Está tudo bem — assegurou a engenheira. Ela falava o Básico com frases curtas em um tom agudo, mas era fácil de entender. — Você deve ser a nova segurança.

— Sou metade da nova segurança — Padmé respondeu. — Meu parceiro está fazendo o inventário da nossa carga.

— O droide faz isso — comentou a engenheira. — Mas segurança tem que fazer a segurança. Precisa checar antes.

— Algo assim — falou Padmé. A missão era clandestina, afinal de contas. Ambos preferiam que não houvesse surpresas dentro daquelas caixas. — Meu nome é Padmé.

— Idda — disse a engenheira. Ela se virou para olhar a mesa onde a ração da tarde estava servida.

Idda era uma Mriss e raramente deixava a sala de máquinas se não fosse para comer. Era incrivelmente pequena, e Padmé se perguntou como conseguia fazer qualquer coisa naquela nave onde tudo era feito para Wookiees. Sob seu olhar, a diminuta engenheira subiu acrobaticamente sobre a mesa, selecionou a comida que queria, depois graciosamente desceu segurando sua bandeja em uma das mãos e uma lata de suco de meiloorun em seu bico. Vestia um sobretudo que prendia suas asas, possivelmente por uma questão de segurança. O olhar atento de Padmé notou aquilo que parecia uma escotilha de fuga no sobretudo. Os Mriss não voavam, mas usavam suas asas para se equilibrar. Se Idda precisasse das asas, poderia soltá-las rapidamente.

— Almoça comigo? — perguntou Padmé, apontando para uma cadeira vazia.

— Eu como no trabalho — respondeu Idda. Ela inclinou a cabeça para o lado, e Padmé pensou que aquilo era algo como um sorriso para quem não tinha lábios. — A segurança vem junto?

— É claro — disse Padmé. Ainda não havia turnos separados para os seguranças, com exceção de um pedido geral de que um ficasse acordado o tempo todo. Isso significava que Padmé passava bastante tempo sozinha e, embora desejasse a solidão, ela sabia por experiência própria que solidão demais seria insuportável a curto prazo.

Ela apanhou sua comida. Apenas um dos pacotes estava aberto, então foi fácil levar tudo. Em seguida, seguiu a Mriss pela porta do refeitório e atravessou o corredor que levava até a escotilha da sala de máquinas. Idda abriu a escotilha e desceu usando a mesma técnica que havia usado para pegar seu almoço sobre a mesa. Manipular as grandes peças de equipamento não era um problema para ela. Padmé foi um pouco mais atrapalhada, esticando-se entre os degraus da escada e tentando equilibrar a bandeja em sua mão livre.

— A prática leva à perfeição — observou Idda, soltando uma risada de pássaro. Padmé não ficou ofendida; estava muito ciente de que parecia ridícula.

Elas comeram em relativo silêncio. De vez em quando, Idda erguia os olhos, clicava o bico em frustração e desaparecia no meio das máquinas por alguns

minutos. Padmé não conseguia detectar nenhum dos problemas que a Mriss podia, mas sempre que Idda voltava, ela tinha uma nova marca de graxa em seu sobretudo e parecia satisfeita consigo mesma.

— Naves Wookiee são como a vida. Pequenos passos — Idda explicou depois da quarta ou quinta interrupção de sua refeição. — Boas, mas dão trabalho.

— Você sempre trabalhou na *Namrelllew?* — perguntou Padmé.

— Não, em nave Mriss primeiro — disse Idda. — Barulhenta demais.

A sala de máquinas era uma cacofonia só, então Padmé pensou que Idda se referia à tripulação, não à nave em si. Ela entendia isso. Às vezes, o Senado era tão barulhento que ela mal conseguia ouvir a si mesma. A nave, ao menos, fazia barulho com um propósito.

Padmé terminou seu almoço e relutantemente se retirou da sala de máquinas. Seu único trabalho, até eles chegarem em algum planeta, era ficar alerta quando fosse sua vez de fazer a guarda. A nave não podia ser atacada no espaço. Ainda assim, Padmé não gostava de ficar à toa, e respeitava demais o trabalho dos outros para se tornar uma distração. Pegou a bandeja e os restos de Idda e levou tudo de volta para o refeitório. Quando estava na metade da escada, ouviu Idda cantando para si mesma, metade em Básico e metade em pios. Era uma canção absurdamente positiva sobre uma família de grandes peixes predatórios, e Padmé quase riu de novo. Às vezes, era bom ficar longe do Senado.

Typho estava no refeitório quando ela chegou, preparando uma bandeja para seu almoço. Ela se desfez de suas bandejas e se sentou na frente de Typho.

— E então, capitão? — perguntou.

Estavam usando seus próprios nomes, mais ou menos, e tecnicamente seguranças mercenários também tinham capitães. Fazer Typho parar de usar “milady” foi mais difícil.

— Suprimentos médicos básicos, em sua maioria — relatou ele. Typho abriu o pacote contendo sua ração de proteínas e fez uma careta. Wookiees tinham estômagos muito fortes, e embora sua comida fosse tecnicamente segura para humanos, a consistência deixava um pouco a desejar na forma de ração. Padmé tendia a beber a maior parte de suas proteínas, mas Typho preferia algo que pudesse mastigar. — Nada muito surpreendente ou valioso.

— Suprimentos médicos geralmente só são valiosos quando são muito necessários — disse Padmé. Era um alívio não haver bacta ou especiaria a bordo. Ela podia lutar com um blaster, e já tinha feito isso, mas não era seu método preferido de contato. Com carga menos valiosa, havia menos chances de serem atacados por ameaças sérias. Padmé tinha certeza de que podia usar a diplomacia para se safar de qualquer um desesperado o bastante para roubar bandagens e antisséptico.

— Isso é verdade — ele concordou. — Também estamos levando grandes quantidades de grãos Raadanos, chá Karlini e rum Chadiano.

Isso era incomum. A galáxia não estava mais acostumada a guerra em grande escala, então Padmé não ficou inteiramente surpresa por encontrar uma carga inesperada a bordo. Talvez alguém apenas precisasse se livrar da carga e aproveitou a oportunidade oferecida pela *Namrelllew*.

— Os grãos eu entendo — disse Padmé. — Ajuda a equilibrar o sistema digestivo da maioria dos humanoides baseados em carbono se sua fonte de água foi contaminada. Isso pode ser útil se o combate chegar perto das cidades ou da principal fonte de água de um planeta. Mas para que serve o restante?

— O rum é legalizado — esclareceu Typho. — Embora seus potenciais usos no mercado clandestino sejam óbvios. Talvez seja um costume local para as pessoas em Hebekrr Menor. Não é necessário interromper tudo por causa da guerra. Às vezes, um pouco de normalidade ajuda.

Ele abriu a porção vegetal de sua ração e comeu com considerável mais prazer do que a proteína.

— Isso eu posso entender, sem dúvida — disse Padmé. — O Senado fica relativamente em paz durante a maior parte do tempo, mas ainda aprecio quando recebo um gostinho de casa.

— O chá é a parte mais estranha — continuou Typho. — Karlinus exporta para toda parte, é claro, mas geralmente para os Mundos do Núcleo, ou para a própria Naboo. Você se lembra de ouvir alguma coisa sobre um aumento na produção ou no comércio?

— Não — respondeu Padmé. — Mas admito que ultimamente tenho focado mais em assuntos galácticos, não domésticos. Podemos perguntar sobre isso quando voltarmos.

Typho assentiu, tomando algo de uma lata cujo rótulo Padmé não tinha visto. A porta do refeitório se abriu, e o droide de protocolo entrou.

— Saudações — disse ele. — Meus capitães gostariam de saber se vocês estão se adaptando bem?

— Sim, obrigado — falou Typho. Já que era tecnicamente o oficial no comando, era ele quem falava pelos dois. Isso ajudava Padmé a desaparecer, o que a fazia sentir-se mais segura sem Sabé ou uma das outras damas de companhia para fazer sua cobertura.

— Ótimo — G-1FY disse. — Meus capitães os convidam para o jantar hoje à noite. Será no deque de voo, portanto, nada formal, mas não serão servidas rações, então eu diria que isso já ajuda um pouco.

O droide parecia profundamente desapontado com a ideia de não poder servir um jantar formal para eles. C-3PO era do mesmo jeito; embora, desde que havia

chegado em Coruscant, suas chances tinham aumentado dramaticamente. Era tranquilizador de uma forma estranha saber que droides de protocolo tinham problemas semelhantes, não importava de onde vinham ou onde trabalhavam.

— Será um prazer — falou Typho.

— Excelente — afirmou G-1FY. — Vou adicionar o horário em suas agendas pessoais. Por favor, sejam pontuais, pois aquela pequena gremlin que trabalha na casa de máquinas é muito mal-educada e não espera por ninguém atrasado.

— Gremlin na casa de máquinas? — indagou Typho, quando G-1FY se retirou.

— Uma Mriss chamada Idda — explicou Padmé. — Eu almocei com ela, e correu tudo bem, mas realmente ela se levantava toda hora para mexer nos motores. Posso imaginar como ela fica no deque de voo. Ainda bem que droides não podem ter um aneurisma.

Typho riu e começou a descrever a última vez em que ele e Dormé saíram para um jantar refinado em Naboo, mas acabaram vítimas do senso de humor travesso de Eirtaé e algumas explosões bem programadas.

— Eu sabia que seria arte — comentou Typho. — Só não sabia que nós faríamos parte dela.

— Só posso imaginar o que G-1 teria pensado sobre isso — disse Padmé. Ela não sabia que Eirtaé realizara uma exposição. Até onde sabia, sua ex-dama de companhia ainda estava trabalhando nos campos de grãos e plantações de algas. Era bom saber que ela conseguira explorar seus hobbies artísticos, mesmo com Padmé ouvindo sobre isso só agora.

— Dormé praguejou como um pirata — falou Typho. — Ela ainda ficou brava *comigo* por não avisar, quando eu claramente fiquei tão surpreso quanto ela.

— Você arruinou o vestido dela? — perguntou Padmé.

— É claro que não — disse Typho. — Ela consegue tirar manchas e cobrir marcas de queimaduras melhor do que ninguém na galáxia. Acontece que ela não gosta muito de surpresas.

Padmé sabia por experiência própria que isso era mais ou menos verdade.

— Bom, espero que ela não fique brava por muito tempo — falou Padmé. — Porque tem um restaurante novo perto do Senado que está servindo pasta musical Hyelliana, e acho que ela vai adorar isso.

— Vou lembrar disso — garantiu Typho. — Agora, se não se importa, eu gostaria de descansar um pouco antes do tal jantar.

— É claro, capitão — disse Padmé. — Durma bem.

Deixada sozinha, Padmé decidiu que assim que aquela missão acabasse, ela entraria em contato com suas amigas em Naboo. Padmé não se encontrara com elas nas duas últimas viagens de volta para casa e adoraria ouvir as novidades.

Além disso, sentia saudades de Anakin. Quando voltasse para Coruscant, Padmé daria prioridade para criar um método para se comunicar com ele. A guerra estava apenas começando, mas já tinha lhe mostrado que, às vezes, você precisa *encontrar* um tempo.

CAPÍTULO 16

A NOVA ORGANIZAÇÃO DO trabalho na casa da Senadora Amidala significava que Sabé dormia sozinha. Ellé e Moteé raramente entravam em seus aposentos, preferindo trabalhar no escritório. Dormé transitava entre os dois mundos, é claro, mas até mesmo ela parecia pouco disposta a passar muito tempo ali. As damas de companhia encarregadas por vestir a senadora e cuidar de seu guarda-roupa e outras tarefas domésticas eram brilhantes, discretas e praticamente invisíveis depois que Sabé as dispensava ao fim do dia. Ela sabia que meia dúzia de pessoas estavam disponíveis com apenas um chamado, caso ela precisasse de alguém; mas, depois de um dia de intermináveis discussões no Senado, Sabé gostava de aproveitar a calmaria.

Ela nunca precisara ser Padmé por tanto tempo, também nunca havia votado em nome de sua amiga antes. Votar usando uma procuração não era incomum no Senado, e Padmé havia oficialmente nomeado Sabé como sua procuradora, caso o disfarce fosse descoberto. Ninguém poderia questionar a legitimidade de seus votos. Ainda assim, Sabé sentia-se profundamente deslocada. Padmé tinha muito mais influência do que ela pensava, as pessoas esperavam que ela falasse e ouvisse frequentemente, e ela era muitas vezes procurada para dar conselhos. Sabé deveria se sentir ocupada e vital e necessária, mas em vez disso ela se sentia cansada e sobrecarregada. Mesmo com Bail esforçando-se para dar cobertura, sentia que sua máscara começava a cair.

Ela se sentia solitária. Mesmo com tantas pessoas ao redor, implorando por sua atenção, ela se sentia solitária. Sem os profundos laços com suas damas de companhia, sem os jantares diários com sua equipe de segurança, Sabé se sentia sem rumo. Não entendia como Padmé conseguia, ou por que as coisas haviam mudado. A princípio, ela achou que Padmé apenas queria um tempo para si mesma durante a noite, mas aquilo era mais do que privacidade ou tempo para autorreflexão. Aquilo era isolamento. E já que Padmé havia escolhido isso, Sabé precisava se acostumar.

Ela podia ler ou assistir ao noticiário, mas depois de passar a maior parte do dia, todos os dias, debatendo a guerra, a última coisa que ela queria era ouvir mais sobre esse assunto. Ela podia observar as luzes de Coruscant, mas isso apenas a lembrava do quanto estava isolada e como detestava aquele lugar. Ela

podia, se estivesse desesperada, sair para um museu ou teatro. Nem precisaria ser Amidala para isso. Tinha certeza de que Mariek Panás a ajudaria a organizar uma saída com segurança. Mas também não havia indicação de que Padmé tivesse qualquer interesse nesse tipo de coisa. Ela havia reservado todo esse tempo, e Sabé não fazia ideia do motivo.

Então, ela apenas ficava ali, aguentando seu próprio mau humor. Não havia nada realmente que pudesse fazer. Não estava particularmente orgulhosa, mas sem isso ela subiria pelas paredes por causa da frustração e do tédio.

Naquele dia, entretanto, ela não teria a oportunidade. Bail Organa estava oferecendo uma *soirée*, e ela foi convidada. Apenas Dormé a acompanharia, dando uma necessária folga para Ellé e Moteé. Mariek seria a motorista.

— Não tem problema — a capitã da guarda disse quando Sabé tentou se desculpar por não conseguir um convite para ela. — O Senador Organa sempre envia a comida boa para os seguranças lá fora, e eu não preciso fingir que gosto de conversa fiada.

Sabé ficou com um pouco de inveja.

Dormé apareceu uma hora antes para ajudar com seu penteado. Sabé já tinha aplicado sua própria maquiagem, embora Dormé pudesse fazer qualquer mudança que achasse melhor, mas ela não conseguiria fazer um penteado senatorial sozinha. As outras damas de companhia também receberam folga, já que Sabé poderia muito bem se recolher sozinha para dormir quando chegasse em casa. Enquanto se sentava diante da penteadeira de Amidala e Dormé passava o pente por seus cabelos, Sabé respirou fundo várias vezes e lembrou a si mesma de que escolhera aquela vida há muito tempo e nunca havia se arrependido.

— Tem alguém que preciso evitar politicamente? — ela perguntou quando Dormé guardou o pente e começou a trançar seu cabelo.

— Não — disse Dormé. — É uma festa dos legalistas, então todos serão aliados. Onaconda Farr tem agido um pouco estranho ultimamente, mas ainda não estamos preocupados, então você pode continuar agindo com cuidado perto dele.

— O chanceler estará lá? — Sabé perguntou.

— Não sei — respondeu Dormé. — Ele está na lista dos convidados, mas raramente participa desse tipo de festa quando Bail é o anfitrião. Existe um pouco de… tensão entre eles, embora, para todos os efeitos, eles continuem do mesmo lado.

— Eu notei isso — disse Sabé. Ela estremeceu quando Dormé prendeu uma mecha com força. — Bail cada vez mais desaprova as ações do Exército da República, mas nunca diz nada em público.

— Ele sabe esperar — observou Dormé. — A Senadora Amidala frequentemente segue o exemplo dele e segura sua própria impulsividade.

— Acho engraçado como todos vocês conseguem fazer isso e manter o rosto sério — comentou Sabé, sorrindo.

— Tive uma boa professora — disse Dormé. — Pare de mexer a cabeça. Tenho que prender esses pentes reto.

Com todo seu cabelo armado para cima e preso atrás do pescoço, Sabé só conseguia mover a cabeça em algumas direções. Isso a teria preocupado, já que teria apenas uma acompanhante na festa, mas ela já tinha visto o adorno de cabeça que Dormé planejava usar. Era uma das criações de Eirtaé, altamente modificada por Rabé, e incluía pequenos espelhos que permitiam a quem usasse enxergar o que estava acontecendo ao seu redor, mesmo diretamente atrás. Daria a *impressão* de que Sabé tinha a visão limitada; mas, na verdade, sua visão seria multiplicada.

Com o adorno no lugar e Sabé tendo ajustado os olhos para o estímulo extra, ela se levantou e andou até o centro da sala. Dormé a ajudou a entrar no vestido, puxando-o por cima da túnica de baixo que chegava aos joelhos que ela já estava usando.

O vestido tinha o mais pálido dos azuis. Sabé manteve os braços abertos para que Dormé amarrasse as mangas. Um nó em seu ombro, outro acima do cotovelo e mais um no punho prendiam o largo tecido aos seus braços enquanto laços de cada lado fixavam o vestido ao corpo. Um cordão azul-escuro amarrava o vestido na cintura e formava um delicado corpete que Dormé prendeu no lugar usando alfinetes que Cordé havia criado: invisíveis e inteiramente seguros.

— Esses alfinetes são muito inteligentes — observou Sabé, passando um dedo ao longo da linha azul. — Eu vi você prendendo cada um, mas não consigo mais encontrá-los.

— A família inteira de Cordé era muito talentosa — disse Dormé. Sua voz ficou presa na garganta.

— Nunca será a mesma coisa, não é mesmo? — Sabé comentou. — A sua separação de suas colegas foi cruel, mas acho que consigo entender um pouco sobre o quanto você sente falta delas. Eu sinto muito.

— Obrigada — disse Dormé. — Você se arriscou mais do que todas nós, então significa muito para mim quando você diz isso. Fiquei aterrorizada quando me vi sozinha, e então ela viajou com aquele Jedi. Ao menos eu tive Typho.

— E eu estou muito contente por ter você — falou Sabé.

Mariek apareceu na porta e bateu na madeira e disse:

— Se você já estiver pronta, senadora, está na hora.

— Obrigada, capitã — disse Sabé. — Dormé?

— Estamos prontas, milady — respondeu Dormé. Ela faria uma última checagem do vestido de Sabé quando chegassem. Ela puxou seu capuz azul-marinho sobre a cabeça.

— Vá na frente, capitã — disse Sabé.

Mariek riu um pouco por causa de seu tom de voz, mas não disse nada enquanto conduzia as duas pela plataforma de transporte e para dentro do veículo. A viagem até o apartamento do Senador Organa felizmente era curta, e logo a Senadora Amidala estava fazendo sua entrada na festa.

A reunião acontecia na cobertura do edifício onde o senador morava. Era protegida dos ventos por grandes placas de vidro que mostravam paisagens das montanhas de Alderaan. Para onde Sabé olhava havia plantas e obras de arte Alderaanianas que incorporavam o vento e a água. Devia ter custado uma fortuna, mas Alderaan fazia parte da República Galáctica há muito tempo.

— Senadora, que bom que você pôde se juntar a nós! — disse Bail quando a viu. Como de costume, ninguém olhou para Dormé.

— É claro, Senador Organa — Amidala respondeu. — Seus convites são sempre muito bem-vindos.

Ela seguiu pela fila da recepção, cumprimentando os poucos dignitários e artistas de Alderaan que foram convidados. E então, não havia mais nada a fazer: era preciso socializar. Sabé rapidamente localizou Mon Mothma na multidão e seguiu até ela. A humana alta e de cabelos ruivos era uma das aliadas mais próximas de Padmé no Senado — embora não uma de suas amigas mais próximas. Era uma distinção que Sabé achava frustrante, mas parecia funcionar para as duas.

— Senadora — Mon Mothma cumprimentou. Ela assentiu regiamente. A saudação de Mon Mothma foi interrompida pela chegada de uma nova pessoa.

— Senadora Amidala, que prazer vê-la aqui — disse o Chanceler Palpatine. — Você esteve enclausurada demais ultimamente. Sei que leva a guerra muito a sério, mas é bom vê-la tirando um tempo para si mesma com seus amigos e colegas. Experimente o Toniray. O Senador Organa trouxe uma safra particularmente boa para nós hoje.

Sabé aceitou a taça oferecida por ele e a ergueu em um brinde silencioso antes de tomar um gole. Era mais doce do que o álcool que ela estava acostumada em Tatooine. E provavelmente não causaria o mesmo transtorno em sua barriga. Ela repentinamente sentiu falta de Tonra com tanta intensidade que seu estômago doeu. Esperava que ele estivesse bem.

— Obrigada, chanceler — Amidala falou. — É difícil parar de trabalhar sob essas circunstâncias, mas o Senador Organa me lembra que todos precisam descansar um pouco.

— Ótimo, ótimo, fico contente em ouvir isso — observou Palpatine. — E eu acho, minha querida, que você também ficará contente em ouvir minha novidade. Alguns Jedi que você conhece voltaram para Coruscant para darem seus relatos e avaliações. Eu esperava que estivessem aqui hoje, mas acho que teremos que aguardar por outros encontros nos próximos dias.

Sabé olhou para ele sem entender e tomou um gole do vinho para disfarçar sua hesitação. Foi um movimento amador, e ele certamente notou, mas ela não conseguiu pensar em mais nada naquele momento. Dormé estava atrás dela. Sabé teria que se virar sozinha.

— Isso é de fato uma boa notícia — afirmou Amidala. — Os Jedi também não estão acostumados a uma guerra longa. Eles também merecem descansar.

— De fato. — Palpatine cerrou os olhos levemente. Ele não recebeu aquilo que esperava dela. Sua falta de reação a denunciara e ele agora tinha ainda mais perguntas. Aquele era exatamente o tipo de escrutínio que Amidala não precisava agora.

Ela foi salva por um dos artistas da ópera de Alderaan, que se aproximou para perguntar o que ela havia achado da temporada mais recente. Ao menos aquilo era algo com que ela conseguia se safar na conversa, já que genuinamente gostava do assunto e de falar com artistas sobre seus trabalhos.

Não foi uma noite particularmente boa, mas tudo deu certo e, ao final, depois de mais duas taças de Toniray (que era, realmente, muito bom), Sabé estava se sentindo mais relaxada desde que chegara em Coruscant. Com a conversa com Palpatine quase esquecida, ela estava até disposta a admitir que tinha se divertido, embora Mariek tivesse feito a cortesia de não perguntar sobre isso na viagem de volta para casa.

Sozinha em seu quarto no apartamento da senadora, Sabé tirou os ornamentos de seu cabelo e o penteou até as mechas ficarem quase lisas de novo. Em seguida, limpou o rosto e tirou a túnica de baixo para vestir a camisola que Dormé havia deixado para ela quando guardou o vestido azul no guarda-roupa. Ela bebeu um copo de água e depois encheu o copo de novo para quando acordasse, e se recolheu para a confortável cama de Padmé.

Estava quase dormindo, aquecida e ainda um pouco sonolenta, quando ouviu um barulho como uma porta se abrindo e se fechando, depois suaves passos de alguém que sabia o que estava fazendo atravessando a antecâmara do quarto onde ela dormia. Sabé forçou a si mesma a se manter parada, como se estivesse dormindo, e apanhou o blaster que ficava debaixo de seu travesseiro.

Havia alguém com ela dentro do quarto.

CAPÍTULO 17

PADMÉ GERALMENTE PASSAVA UMA hora se arrumando para um encontro informal, então foi um alívio parar apenas tempo suficiente para fazer as tranças do cabelo antes de sair para o deque de voo. Ela saiu na hora certa, e soube disso porque Typho abriu sua porta meio segundo depois dela, e ele sempre era pontual para tudo. Esperava que Idda não ficasse muito impaciente com eles.

Enquanto atravessavam a nave, Padmé pensou seriamente em comprar uma nave Wookiee para ser seu transporte senatorial oficial quando voltasse para Coruscant. Claro, as naves de Naboo eram confortáveis e familiares, mas a *Namrelllew* nunca a fazia se sentir claustrofóbica, mesmo quando estava em uma sala pequena. O design dos Wookiees era bom para isso, mas havia muitas espécies na galáxia que provavelmente se sentiriam mais confortáveis em uma nave como aquela em vez de com uma projetada para humanos, por melhor que fosse sua qualidade de construção. Se Padmé fosse realizar muitas missões nas linhas de frente, podia valer a pena checar isso.

A chegada na ponte interrompeu seu devaneio. A central de controle da *Namrelllew* era relativamente simples, já que era operada por apenas duas pessoas. A ponte tinha um corredor estreito — pelo menos para Wookiees — na parte de trás onde os controles não específicos de voo ficavam, e um deque de voo que se projetava para fora do casco. No hiperespaço, a vista era incrível, mas Padmé não temia se perder nela. Havia muito em jogo.

Naijoh e Rayyne, como cocapitães, geralmente tinham seus assentos voltados para a frente. Já que era hora do jantar, os assentos foram voltados para o outro lado, de costas para os controles, na direção da própria nave. A mesa ficava suspensa sobre o chão, baixada de uma escotilha escondida na parede. Idda estava empoleirada onde a mesa se juntava com a parede, e G-1FY estava na outra ponta, servindo as bebidas. Havia duas cadeiras vazias, e Padmé e Typho esperaram educadamente.

— Por favor, sentem-se — Rayyne disse através do droide de protocolo. Os gestos deixaram sua declaração suficientemente clara, mas G-1FY achava que precisava repetir tudo no idioma Básico para seus convidados.

Enquanto Padmé e Typho se acomodavam — Typho certificando-se de que Padmé não ficasse em seu ponto cego —, G-1FY passou para cada um deles uma

xícara de chá, depois deslizou outra xícara até Idda.

— Iffy, suco! — falou a pequena ave. Naijoh rosnou um aviso, e sem parecer nem um pouco abalada, Idda elaborou: — Iffy, suco, *por favor*.

— O chá de Karlini é conhecido na galáxia como o perfeito precursor de uma refeição — G-1FY explicou. Ele soava ainda mais pomposo do que C-3PO. — Ele prepara o estômago e limpa a garganta para o sabor e textura que virão a seguir. Suco, em suas várias formas, é mais bem-aceito como bebida para o caf da manhã. Ou para crianças.

Idda cheirou e tomou um grande gole do chá. Um pouco de vapor pareceu sair de seus ouvidos.

— Obrigada, G-1 — disse Padmé. — Ou seria melhor Iffy?

— Se assim desejar — respondeu o droide. Ele parecia resignado. — Vocês já tomaram o chá de Karlini antes? Algumas pessoas acham que é picante demais, mas é um excelente limpador do paladar.

— Sim, nós conhecemos — Typho desconversou, afinal, eles precisavam manter o disfarce.

Padmé tomou um gole do chá. Estava perfeito, e por um momento ela sentiu muita saudade de todo o setor Chommell.

— Vocês já fizeram muita segurança desde que a guerra começou? — Naijoh perguntou, mais uma vez falando através de G-1FY.

— Um pouco — Typho respondeu. — A maior parte de nosso trabalho juntos foi antes disso, mas estamos acostumados com conflitos. A galáxia é um lugar perigoso, e minha parceira aqui parece atrair o perigo.

Padmé olhou feio para ele, mas os dois Wookiees riram.

Logo ficou aparente que, embora os Wookiees estivessem satisfeitos por contratar segurança através da empresa com quem já tinham contrato, eles queriam saber mais sobre as pessoas que agora viajavam com eles na *Namrelllew*. Padmé deixou Typho conduzir a conversa, e a maioria das histórias que ele contou era verdade. Deixou muitos detalhes de fora, mas havia muitas missões e expedições de que a Senadora Amidala participara e que acabaram sendo completamente entediantes, ao menos do ponto de vista da segurança. Era interessante ouvir sobre seu trabalho de uma perspectiva diferente. Nos velhos tempos, ela sabia tudo sobre cada procedimento que a mantinha segura; mas, à medida que suas responsabilidades no Senado aumentavam, ela dependia mais e mais daqueles em quem confiava. Isso a tornava uma senadora melhor, mas ela sentia falta daquela velha proximidade.

— Notei que vocês não trouxeram muitas armas — Rayyne disse para Padmé através do droide tradutor. Sem hesitar, G-1FY continuou servindo a entrada, um tipo de tubérculo cozido com um molho laranja pungente que prometia muito

sabor.

— Meu capitão cuida melhor desse tipo de conflito — justificou Padmé. — Mas eu posso usar vários tipos de blaster. Meus talentos são mais voltados para a diplomacia. Se não consigo resolver tudo conversando, então Typho assume. Se ele não consegue resolver atirando, então é a minha vez de atirar.

— Parece que nossos empregadores decidiram usar equipes pequenas e flexíveis, e confiar nas forças da República em campo — Naijoh falou. — Não posso culpá-los. Definitivamente, é mais barato, e já estamos cobrando bastante pelo transporte. A guerra está só começando, mas espero que nunca precisemos de equipes de grande porte apenas para entregar equipamentos médicos e alguns outros itens.

Foi o mais longo discurso que Padmé já tinha ouvido de um Wookiee, e ela trabalhava com seus senadores. Era como ouvir música. Às vezes, sentia como se estivesse quase entendendo, então a parte lógica de seu cérebro a lembrava que ela não falava Shyriiwook além de saudações básicas. Eles ouviram histórias dos Wookiees enquanto comiam. Ambos já tinham viajado bastante, e nem mesmo o tom monótono de G-1FY tirava o impacto de suas aventuras.

Qualquer conversa depois disso foi interrompida pela determinação de Idda em tentar jogar suas ervilhas-keldrin no chão sem ninguém notar. É claro, G-1FY percebeu imediatamente, mesmo enquanto estava ocupado servindo a sobremesa e traduzindo para Padmé e Typho.

— Em algumas culturas — explicou o droide —, é costume não servir sobremesa para aqueles que não saborearam adequadamente seus vegetais.

Idda colocou uma ervilha em sua colher e a lançou diretamente no rosto do droide. A ervilha ficou presa na abertura do bocal, e ele não conseguiu tirar com seus dedos metálicos. Ele acabou esmagando a ervilha, o que lhe deixou com a aparência de ter uma estranha covinha de um lado da boca.

— Ora, essa! — ele resmungou enquanto Idda fugia para a sala de máquinas, rindo pelo caminho. Os Wookiees rugiram uma risada, e até Padmé precisou cobrir a boca para não magoar o droide.

— Acho que você vai precisar considerar isso um empate, Iffy — comentou Typho, oferecendo seu guardanapo para que o droide pudesse limpar a boca.

— Obrigado, senhor — o droide falou com muita dignidade. Ele deixou a sobremesa abandonada de Idda na frente de Naijoh. — Às vezes, isso é tudo que um droide esforçado pode esperar por aqui.

— O jantar estava maravilhoso — declarou Padmé. — Obrigada.

— Nós praticamente só comemos as rações — Rayyne disse, G-1FY tirando o guardanapo da boca para dizer as palavras. — Mas isso não é nada mal para ocasiões especiais.

Padmé voluntariou-se para levar os pratos de volta ao refeitório, e Typho ajudou G-1FY a dobrar e guardar a mesa. Ela voltou para seus aposentos antes dele e esperou seu retorno no corredor. Quando chegou, Typho abriu a porta de seu quarto e a convidou para entrar.

— Bom, não acho que a Mriss esteja tramando algo — disse Typho, sentando-se na ponta de sua cama. — Exceto irritar o droide de protocolo.

— Wookiees não gostam de ser enganados — falou Padmé. Ela se encostou na pia. — Se alguém estiver trapaceando, ou se eles se sentirem usados, ambos Naijoh e Rayyne poderiam chamar suas famílias inteiras para buscar justiça ou vingança. Isso seria uma porção de Wookiees raivosos.

— Uma das razões para eu ter escolhido esta nave é que não achávamos que os Wookiees estivessem envolvidos em qualquer coisa sórdida — Typho a lembrou. — Sabíamos que eles trabalhavam para a empresa, mas até agora tudo parece normal. Se não fosse pela informação recebida pelos Jedi e o pedido de um encontro, esse relatório nunca chegaria na mesa do Senador Organa.

— Bom, se não são os Wookiees e nem Idda, será que o droide poderia estar transmitindo algo? — perguntou Padmé.

— Talvez — considerou Typho. — Ele parece um droide de protocolo normal, mas é impossível saber se sua programação teve alguma alteração. Ele mostrou que consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo durante o jantar, mas não poderia estar enviando imagens. Apenas texto ou som.

— Vou checar se meus sensores detectam alguma coisa — disse Padmé. — Não tenho nada com alcance para escanear toda a nave, mas se for apenas o droide de protocolo, posso conseguir sem problemas. Ele passa mais tempo no refeitório do que eu, então encontrá-lo não será difícil.

— Certo — respondeu Typho. — Vou pedir alguns mapas da nossa zona de aterrissagem. Quero ter certeza de que esse encontro vai acontecer sem nenhum problema. É melhor você tirar seu descanso agora, se conseguir. Assim nós dois estaremos acordados quando chegarmos em Hebekrr.

— Sim, senhor, capitão — disse Padmé. Typho ficou visivelmente enrubescido.

— Só para constar, milady, não gosto de trabalhar disfarçado — acrescentou Typho. — E nem tão longe do restante de nosso apoio.

— Eu também não gosto — confessou Padmé. — Acho que é assim que Sabé se sente o tempo todo. Ela trabalha sozinha com Tonra. Pelo menos é uma aventura.

— A ideia de você saindo em aventuras faz meu estômago doer — disse Typho. — Por favor, apenas vá dormir.

Padmé riu e seguiu as ordens.

A capacidade do droide de coletar dados de inteligência era excepcionalmente limitada, mas ele era a única coisa disponível para se trabalhar, então com o droide ele trabalharia. G-1FY sabia que os seguranças eram humanos. Sabia que tinham vindo de Coruscant, embora tivessem tentado disfarçar sua origem realizando alguns saltos antes de se juntarem à *Namrelllew*. Sabia que eles eram pacientes e dispostos a fazer todas as tarefas a bordo da nave. Sabia que eles estavam escondendo algo, assim como tantos viajantes do espaço faziam. Isso era uma notícia muito, muito boa.

O Neimoidiano Oje N'deeb tinha grandes esperanças quando vazara a informação para os Jedi semanas antes. Ele descobriu estudando o noticiário que os Jedi de alta patente interagiam principalmente com um seleto grupo de senadores, e que um deles era *ela*. Ela era parte crucial de seus planos. Ele precisava dela para influência e oportunidade. E, com sorte, ela era exatamente a pessoa que tinha sido enviada.

Não podia ter certeza naquele momento. O droide sabia apenas a espécie dos dois seguranças e seu ponto de origem, e Coruscant tinha literalmente bilhões de pessoas que correspondiam àquela descrição. Além disso, ele já a tinha visto no noticiário várias vezes, a mais recente naquela mesma noite, quando a holonet cobriu a festa oferecida pelo Senador Organa.

Ainda assim, se havia alguém que poderia fazer acontecer, era ela. A rainha pacifista que enfrentara uma guerra para salvar seu planeta. A diminuta senadora cuja execução fracassada havia iniciado um conflito em toda a galáxia. Por onde ela passava, aparentemente, os problemas a seguiam. E ele lançou um chamado, com a esperança de que ela fosse atender. Com a esperança de que ela viesse até Hebekrr Menor para ver por si própria, pois ele tinha planos para o futuro. Para si mesmo, para sua empresa e para Neimoidia. E ele precisava dela para que esses planos tivessem alguma chance de sucesso.

CAPÍTULO 18

— Onde está Padmé? — uma voz áspera exigiu saber.

Sabé foi puxada para uma posição sentada na cama, o blaster voando de sua mão pelo quarto até atingir a parede. Ela tentou gritar, pedir por socorro, mas não conseguia se mover ou fazer qualquer som.

— Onde ela está? — a pergunta foi repetida.

As luzes se acenderam, revelando uma figura alta vestindo um traje marrom Jedi. Seu bonito rosto estava marcado pela suspeita e uma raiva mal contida. Sabé fez um gesto para sua garganta, e a sensação de pressão ao redor foi relaxada.

— Quem diabos é você? — Sabé perguntou, assim que recuperou o fôlego. — E como conseguiu passar por todos os nossos protocolos de segurança?

Os dois se encararam em um impasse, até C-3PO chegar na antecâmara, as luzes aumentando ao máximo quando entrou.

— Mestre Anakin, é você! — ele declarou. — Estou muito contente em vê-lo de novo. Você trouxe R2 junto? Imagino que aquele malandro conseguiu sobreviver a todo tipo de combate. Ah, e sem…

— Anakin? — Sabé interrompeu o droide. — Anakin Skywalker? De Tatooine?

— Esse não é o meu lar há muito tempo — ele respondeu. Anakin relaxou um pouco. Aparentemente, a aceitação de C-3PO da situação o acalmou. — Você é Sabé, não é mesmo? A sombra. Aquela que eu conheci.

— Sim — respondeu Sabé. — Padmé me chamou de volta para me passar por ela enquanto embarcava em uma missão para o Senado.

— É uma missão perigosa? — Anakin perguntou. Parecia que ficara prestes a pular da janela para sair em busca de Padmé se achasse necessário. — Ela está em perigo?

— Não — assegurou Sabé. — Bom, não mais do que o normal. O Capitão Typho está com ela. Imagino que você saiba o quanto ele é protetor.

— Mestre Anakin, você já jantou? — perguntou C-3PO. — Já é tarde, mas tenho certeza de que posso arranjar alguma coisa.

— Não, obrigado, 3PO — falou Anakin. — Vamos ficar bem, sozinhos por um tempo.

Sua educação ainda era impecável, igual quando ainda era um menino, mas, Sabé se lembrou, foi ele mesmo quem programara C-3PO em primeiro lugar. Várias peças daquele quebra-cabeça começaram a se juntar na mente de Sabé.

— Você e Padmé — concluiu Sabé.

Anakin se endireitou, como se estivesse pronto para lutar.

— Não é da sua conta — disse ele.

— Eu estou de camisola e você está no meu quarto — lembrou Sabé. — Acho que, no mínimo, é sim um pouco da minha conta.

— Ela… — Anakin começou a falar. Ele baixou os olhos para suas mãos, flexionando seus dedos de metal dentro da luva. — Eu a amo — revelou ele. Então, como se fosse um desafio: — Ela me ama.

Tudo fazia muito sentido. O motivo de Padmé ter desaparecido em Naboo. A mudança na agenda e a nova rotina de sua equipe. Era por isso que as noites de Padmé agora estavam livres. Era por isso que suas damas de companhia dormiam no andar de baixo, em vez da suíte da cobertura como antes. Ela não fizera isso tudo por si mesma, não para separar sua carreira de seu espaço pessoal. Ela fizera tudo isso por *ele*.

— Você está com raiva — disse Anakin. — Isso não me incomoda. Eu também ficaria bravo, se ela escolhesse você e não a mim.

— Não é assim que funciona, Jedi — falou Sabé. — O coração de Padmé é infinito, e ela ama muitas, muitas pessoas. Sem mencionar o que sente por seu dever e trabalho. Se você ainda não entendeu isso, logo vai entender.

— Talvez — disse Anakin. Ele não parecia inteiramente convencido.

Sabé esfregou o meio dos olhos e estremeceu. Ela se lembrou que sua camisola não tinha mangas, e que Anakin estava deixando todo o ar cuidadosamente regulado de seu quarto escapar para a antecâmara. E a noite já estava sendo tão agradável.

— Deixe-me encontrar um roupão — falou ela, seguindo para o guarda-roupa. Ela escolheu um aleatoriamente, torcendo para que Padmé não o tivesse usado muito frequentemente, e voltou para a cama a fim de beber seu copo de água. — Certo — disse ela. — Já que você claramente não vai embora até eu dar uma explicação completa, aqui vai. Padmé está em uma missão para o Senado. Não sei todos os detalhes, e não contaria mesmo se soubesse. Ela está segura, está com Typho e está fazendo seu trabalho. Estou cobrindo sua ausência porque o Senado precisa dela. Padmé é uma figura sempre presente, e ela tem muitas alianças com outras facções que seus colegas mais próximos não possuem. Isso é o bastante para você?

— Acho que vai ter que servir — respondeu Anakin.

— Nesse caso, posso voltar para a cama? — indagou Sabé. — C-3PO pode

mostrar a saída para você.

— Hum, quanto a isso… — disse Anakin. — A senha de segurança que eu usei reinicia todo o sistema. Não posso sair por no mínimo três horas. E se você ou C-3PO saírem, vai aparecer nos registros. Então, hum, se você não se importa…

— Você só pode estar brincando — protestou Sabé. Ela não tinha interesse nenhum em ter uma festa do pijama.

— Os Jedi conseguem dormir em qualquer lugar — declarou Anakin rapidamente. Sua petulância tinha diminuído, e repentinamente ele voltou a parecer jovem e constrangido, em vez de sombrio e perigoso. — Vou dormir no chão da antecâmara, não se preocupe.

— Eu estava pensando em deixar você dormir no compactador de lixo — resmungou Sabé. — Mas tudo bem. Você vai ficar aquecido? Isso é uma coisa dos Jedi também?

— Sim — respondeu Anakin. — E nem preciso de travesseiro.

— Bom, lá tem alguns, de qualquer maneira — disse Sabé. — Então, você pode pelo menos ficar um pouco confortável.

Ela observou enquanto Anakin preparava um ninho improvisado no longo sofá. Ela não ajudou. Ele tirou sua capa, envolvendo seu corpo quando se sentou. Ela foi apagar as luzes.

— Como está a situação lá fora? — Sabé perguntou, a mão hesitando sobre o interruptor.

— A guerra? É só combate. Os Separatistas têm droides e nós temos clones, e eles lutam.

— Eu também lutei contra droides, lembra? — disse ela. — Sei que não é tão simples, mesmo se você tiver um exército de clones para dar cobertura.

— É simples, sim — confirmou Anakin. — Os Separatistas querem quebrar a galáxia em pequenos pedaços, cada um cuidando de seus próprios interesses. A República é a paz e a justiça. Não estamos invadindo. Não estamos forçando mundos a fornecer armas ou comida ou recursos. Estamos ajudando pessoas que estão sendo oprimidas. Restaurando a ordem na galáxia. Trazendo-os de volta à luz.

Era tentador acreditar na maneira como ele disse isso, tão convicto de sua declaração, mas ela sabia que as coisas raramente eram tão simples e diretas. Padmé certamente não acreditava. Era por isso que ela trabalhava com tanto afinco no Senado. Ela acreditava que a política e a diplomacia trariam de volta os sistemas errantes. Sabé tinha certeza disso. Essa violência que Anakin mencionava com tanto orgulho era aterrorizante porque soava muito fácil.

— Tudo bem se você não acreditar em mim — falou Anakin. — Você ainda

não esteve lá fora, não desde que os combates realmente começaram. Não sou descuidado com os clones.

— Fico feliz em ouvir isso — reconheceu Sabé. — Lembre-se de que Padmé também está lutando nessa guerra. Ela vai fazer as coisas de um jeito diferente de você, e ela precisa agir como uma senadora normal. Você não mantém muitos segredos, e essa é a sua vida, mas a vida e o trabalho de Padmé dependem de segredos. Você consegue respeitar isso?

— Estou tentando — respondeu Anakin. — Gosto quando as coisas são diretas. Mas eu confio em Padmé. Sei que ela não é como a maioria dos políticos.

— Bom, acho que isso já é um começo. — Ela apagou a luz. — Boa noite, Anakin.

Ela voltou para seu quarto. Ele a deixava inquieta de um jeito que ela não conseguia explicar. Sua convicção e dedicação à luta não combinavam com o pequeno e doce garoto que ela se lembrava de ter conhecido, oficialmente, em Naboo. Ele foi o único a perguntar seu nome. O único a lhe agradecer. E agora ele havia crescido, havia se tornado um Cavaleiro Jedi, e se conectava com Padmé de maneiras que Sabé temia que fossem mais profundas do que ele tinha admitido. Talvez ela realmente estivesse com ciúme, mas não estava errada.

Ela fechou a porta, ouvindo a trava se fechando e sentindo um pouco de alívio. Encheu seu copo de água pela terceira vez e voltou para a cama.



O Jedi não estava mais lá quando Sabé acordou de manhã, e ela ficou contente por isso. Faria um discurso no Senado naquela tarde, então foi Dormé quem veio vesti-la para a ocasião. Desta vez, Sabé não prestou atenção à maquiagem ou penteado. Ela sentiu que o vestido poderia atrapalhar. Pela primeira vez em mais de dez anos, ela não queria ser Amidala. Já não sabia mais se realmente a conhecia.

— Recebi uma visita ontem à noite — ela disse de um modo neutro, enquanto Dormé fazia os ajustes finais em seu cabelo e endireitava o colarinho.

— É mesmo? — indagou Dormé. E então: — Ah, não…

— Exatamente — falou Sabé. — Existe mais algum segredo que eu deveria saber antes de aparecer no meu quarto depois de tomar três taças de Toniray?

— Esse é o segredo que eu sei — assegurou Dormé. — Sinto muito. Achei que você sabia.

— Padmé não me contou — Sabé disse secamente.

Houve um terrível silêncio entre elas.

— E… você está bem? — Naquele momento, o profissionalismo e a afetação de Dormé sumiram. Por um instante, elas eram duas garotas que compartilhavam um segredo com sua amiga, embora isso as deixasse desconfortáveis.

— Fiquei irritada por descobrir dessa maneira — confessou Sabé. — Mas não é como se fosse a primeira vez que alguém se apaixona por ela. É só a primeira vez que ela também se apaixonou. Uma vez ela me disse que se isso acontecesse, seria de um modo profundo e completo, e acho que ela estava certa.

Sabé estava brava — e irritada —, mas não havia ninguém ali com quem ficar brava, e ela odiava ficar brava com Padmé. Elas conversariam calmamente sobre isso quando Padmé retornasse. Anos antes, depois do incidente com Harli Jafan, elas haviam concordado em conversar sobre qualquer problema que surgisse entre elas o mais rápido possível. E agora, Sabé tinha um problema. Sabé levantou-se e deixou Dormé fazer a checagem final no vestido. Parecia mais pesado do que o normal, as bordas mais afiadas e o tecido mais áspero. Ela sabia que nada havia mudado desde o dia anterior, mas o vestido parecia não servir mais.

— Vou pedir para contar a Ellé e Moteé, quando Padmé retornar — disse Dormé. — Elas precisarão saber. Padmé é muito discreta quando se trata de organizar encontros, como você pode imaginar, mas Anakin é tão sutil quanto um gundark bêbado.

— Percebi — Sabé falou secamente. — Imagino que não deve ser fácil para você.

— De todos os escândalos que ela podia escolher — lamentou Dormé. — De todos os escândalos de que ela já foi acusada!

Sabé não conseguiu segurar uma risada. Parecia um tipo de histeria, subindo por sua garganta, mas ela não queria parar. Pela primeira vez desde que acordara com Anakin Skywalker ao pé de sua cama, ela quase se sentiu normal de novo, como se pudesse ser a senadora e não estar à beira do fracasso em cada momento. A humanidade de Padmé facilitava representar seu papel.

— Padmé nunca fez nada em sua vida pela metade, e você sabe disso. Por que isso deveria ser diferente? — ponderou ela. Então, ela voltou a ficar séria. — O droide sabe. Ele já pertenceu a Anakin.

— Para onde você acha que R2-D2 foi? — Dormé perguntou.

— Ele não é propriedade do governo de Naboo? — disse Sabé.

— Acho que a questão não é essa. — Dormé deu de ombros. — Os droides são confiáveis. As novas damas de companhia não suspeitam de nada. Ellé e Moteé estão ocupadas com o trabalho no Senado. Typho definitivamente vai descobrir que algo está estranho, mas não vai perguntar. Mariek vai descobrir exatamente o que está acontecendo, mas não vai confirmar nem espalhar a

fofoca.

— Acho que isso é o que acontece quando você se cerca de pessoas em quem confia — Sabé comentou. — Imagino quantos outros senadores também confiam assim em seus funcionários.

— Todos sabemos que funciona para os dois lados — disse Dormé. — E todos sabemos o trabalho que aceitamos fazer, mesmo se os detalhes forem um pouco diferentes.

— Não gostei disso — comentou Sabé. Ela não sabia se estava se referindo a Anakin, às novas camadas de separação no apartamento, ao Senado, à guerra em si, ou a tudo isso ao mesmo tempo.

— Mas você fará o trabalho — disse Dormé. Não era uma pergunta, mas havia a oportunidade de dar uma resposta insinuada ali.

— Sim — respondeu Sabé. O vestido acomodou-se um pouco melhor em seus ombros, e ela forçou seus pensamentos na direção do discurso que faria em algumas horas. Padmé precisava que ela fosse Amidala, então ela seria Amidala. Por enquanto. Até que Padmé voltasse e elas pudessem conversar sobre tudo isso, aberta e livremente, da maneira como sempre faziam. — Sim, eu farei.

CAPÍTULO 19

HEBEKRR MENOR ERA, COMO o nome sugeria, o segundo planeta habitável em seu sistema solar. Hebekrr Maior era geologicamente instável há algum tempo, embora pessoas tivessem vivido lá em um passado distante. Expedições ocasionais eram enviadas para recuperar tecnologias antigas e artefatos culturais da superfície rachada do planeta, mas ninguém podia ficar lá por muito tempo.

O combate em Hebekrr Menor focava na maior concentração populacional no hemisfério sul do planeta. O Exército da República e a milícia de Hebekrr controlavam a cidade, enquanto os Separatistas faziam incursões saindo das montanhas ao redor e destruíam qualquer fazenda arável que encontrassem. Afinal de contas, não estavam em Hebekrr em busca de comida. A verdadeira riqueza do planeta estava nos minerais que compunham seu solo. Se os Separatistas não pudessem lucrar com eles, então ninguém lucraria. A única pequena bênção era que o planeta não era exatamente uma prioridade para os Separatistas, então havia muito pouco suporte aéreo, e nenhuma nave foi deixada para trás.

A *Namrelllew* deslizou através da órbita no vazio céu acima da superfície do planeta. Padmé e Typho juntaram-se aos Wookiees no deque de voo para que pudessem fazer a varredura da área de aterrissagem para si próprios.

— Não há espaço dentro da fortificação da cidade para uma nave deste tamanho — disse Typho. — Mas já esperávamos isso. Padmé e eu vamos usar o transporte, entregar os suprimentos e depois retornaremos aqui. Algum de vocês vai nos acompanhar?

Naijoh sacudiu a cabeça e rosnou uma negativa. Não era que os Wookiees confiassem em seus seguranças, a questão era que Padmé e Typho não teriam para onde ir. E também não receberiam o pagamento.

— Certo, capitão — falou Padmé. — Vamos carregar o transporte.

G-1FY os ajudou com o embarque da carga. A pequena nave tinha pouca blindagem e um único canhão frontal, mas serviria. Eles não esperavam fogo pesado, e os soldados clone sabiam que eles estavam vindo, então poderiam fornecer alguma defesa em solo. Levou apenas alguns minutos para terminar o carregamento, e então eles estavam prontos para partir.

— Transporte Um, partindo — informou Typho no comunicador.

As portas externas se abriram, e embora Padmé estivesse em uma nave pressurizada, ainda imaginava que podia sentir a fria atração do espaço lá fora.

— Afirmativo — disse G-1FY. — Os capitães me disseram para desejar um bom voo.

— Obrigada — respondeu Padmé. — Nós nos juntaremos a vocês no ponto de encontro quando terminarmos.

Typho pilotou a nave para fora da baia, então eles começaram a descida na direção do planeta. Como esperado, o oficial de comunicação dos clones os detectou quase imediatamente e forneceu coordenadas seguras de aterrissagem, além de uma rota de evasão para evitar a artilharia pesada dos Separatistas. Aterrissaram sem incidentes e rapidamente iniciaram o processo de descarregamento.

— CC-1771, comandante clone, reportando — disse um soldado com faixas azuis pintadas nos braços de sua armadura. — Tudo parece em ordem. Tenho os créditos do seu chefe prontos para serem enviados.

Padmé não resistiu e fez algumas perguntas. Podia ser a única chance que teria para interagir com os clones em campo.

— Qual é o seu nome, comandante? — ela perguntou.

— Sticks — ele respondeu. Ela gostaria de poder olhar em seu rosto, mas não sabia se era de bom tom pedir que ele removesse o capacete. Sabia qual era sua aparência, é claro, mas havia muita coisa que você podia dizer apenas com o olhar.

— É um prazer conhecê-lo, Comandante Sticks — disse Padmé. — Podemos ajudar com mais alguma coisa enquanto estamos aqui?

O comandante pareceu hesitar, balançando no lugar antes de possivelmente se lembrar que, até onde ele sabia, ela era apenas uma funcionária contratada, não uma senadora a quem ele devia alguma satisfação.

— Se vocês tiverem que esperar um tempo, eu pediria que falassem com meu general — Sticks respondeu, por fim. — O General Sivad e seu aprendiz estão na casa da magistrada, e podem precisar da sua ajuda, se for possível.

— É claro — afirmou Padmé, bem quando Typho voltava para seu lado. Ela sentiu que ele queria protestar, mas não disse nada. — Por favor, comandante, mostre o caminho.

Sticks emitiu mais algumas ordens, incluindo que o transporte fosse reabastecido, depois os escoltou pela cidade.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? — sussurrou Typho. — É um desvio de nossa missão.

— É um desvio de nossa missão primária — argumentou Padmé. — Mas essa é a primeira vez que alguém do Senado tem a chance de ver como a linha de

frente funciona. Temos confiado nos relatórios dos Jedi, que são adequados, mas ocasionalmente eles omitem algumas coisas.

— Apenas tente manter tudo sob controle — pediu Typho.

— É claro, capitão — disse Padmé.

A cidade deve ter sido bonita antes, mas os constantes ataques estavam começando a cobrar seu preço. Muitas das janelas estavam escuras ou cobertas com placas; as lojas, fechadas; os parques, vazios; e as plantas, murchas.

— Estamos sitiados aqui há várias semanas — Sticks lhes contou enquanto caminhavam. — Quase desde o início da guerra. Os Separatistas tentaram comprar o direito dos minerais, e quando o governo local se recusou, eles tentaram derrubá-lo. Foi aí que nós entramos. Agora, os malditos parecem focar na destruição, esperando que a magistrada ceda.

— Você acha que ela vai ceder? — perguntou Padmé.

— Isso eu não posso dizer — respondeu Sticks. — Embora existam outros fatores em jogo que o General Sivad vai explicar.

Chegaram na casa da magistrada e foram recebidos imediatamente depois que o Comandante Sticks os apresentou. Mesmo ali, sinais do cerco eram facilmente visíveis. A casa foi reforçada estruturalmente e servia como um hospital improvisado para qualquer um com problemas não emergenciais. Eles também operavam um refeitório na sala de jantar principal. Tudo era organizado, mas havia um toque de desespero no ar. As pessoas estavam no seu limite.

Sticks os conduziu até o centro de comando, uma grande sala de reuniões no meio da casa. Era onde as reuniões públicas aconteciam, Padmé pensou, mas os clones haviam reformulado o lugar eficientemente. Sticks os levou até o Jedi e esperou ser chamado.

— General, magistrada — começou Sticks. — Esses são os pilotos da entrega de suprimentos. Acabaram de entregar mais suprimentos médicos e vários outros itens. Possuem sua própria nave e tecnicamente não são afiliados a nenhum lado do conflito.

— Ótimo, comandante — disse o General Sivad. Ele era um humano baixo e encorpado com cabelos loiros e um rosto luminoso e amigável. — Magistrada, a Força nos deu uma chance de restituir o equilíbrio aqui.

A magistrada de Hebekrr era uma mulher humana de ao menos setenta anos de idade. Seu rosto e mãos eram enrugados e marcados, sinais de que havia trabalhado tão duro quanto seus constituintes antes de se voltar para a política. Quando olhou para Typho e Padmé, um grande peso pareceu sair de seus ombros.

— O exército Separatista está exigindo uma reunião comigo — comunicou ela. — Eles não são nada sutis. Eles claramente vão me obrigar a assinar algo se

conseguirem me pegar. Nossa melhor solução até agora foi prolongar esse cerco. Futuramente, eles terão que ficar sem droides, e os direitos dos minerais em Hebekrr não valem tanto assim.

— Nós fortificamos a cidade da melhor maneira possível — o General Sivad acrescentou. — Nós todos concordamos que proteger a magistrada era a prioridade, então ela permaneceu nesta casa.

— Tudo isso estava funcionando até dez horas atrás, quando um grupo de agentes Separatistas orgânicos furou as defesas da fazenda, a dois quilômetros a leste daqui, e sequestrou minha neta, sua esposa e todos os meus três bisnetos. — A magistrada respirou fundo. — Estamos ganhando tempo desde então, mas obviamente qualquer objetividade que eu tinha já desapareceu.

— Geralmente, eu me apresentaria como uma parte neutra — falou o General Sivad. — Mas com a decisão do conselho de assumir um lado da guerra, isso já não é mais possível. Tanto eu quanto meu Padawan seríamos considerados combatentes inimigos.

— Meus homens criaram um plano de extração — Sticks disse. — Mas sem uma nave neutra, nossa intenção seria bastante óbvia.

Padmé olhou para o mapa da cidade sitiada e seus arredores. Não era muito diferente de partes de Naboo, embora obviamente a geomorfologia de Theed fosse mais dramática. Ela não podia simplesmente voltar para Coruscant e entregar um relato frio sobre a situação na frente de batalha. Como senadora, Padmé tinha que ajudar, mesmo eles nunca podendo descobrir que ela era, de fato, fortemente afiliada com seu lado. Como pessoa, Padmé não via questão nenhuma. Era igual à situação com a irmã da Rainha Jamillia, onde o capital político precisava ser considerado como peso adicional em um jogo de números, por mais injusto que fosse para todo o restante.

— Certo — disse ela. — Acho que tenho uma ideia.

Ao seu lado, Typho suspirou. Ele sabia exatamente para onde isso estava se encaminhando, mas a verdade era que não ia impedi-la, mesmo se pudesse. Isso era o que Padmé fazia, e ele sabia disso muito bem quando aceitara trabalhar a seu serviço.

— Aquele rum Chadiano é muito importante para vocês?



Embarcaram o rum no transporte, junto com o Comandante Sticks e seis outros clones usando armaduras furtivas. Tudo coube, mesmo um pouco apertado. Decolaram e entraram em órbita acima da cidade. Quando tiveram absoluta certeza de que os Separatistas tiveram tempo suficiente para escaneá-

los, Typho abriu um canal de comunicação.

— Aqui é o transporte de suprimentos *Namrelllew* chamando a base Separatista — disse Typho. — Não somos afiliados com nenhum lado e temos suprimentos a bordo, se vocês tiverem interesse em comprá-los.

Houve um longo silêncio e então uma voz orgânica falou:

— Aqui é o intendente Separatista. Nós sabemos que você acabou de sair da plataforma da cidade.

— Sim, e eles não compraram toda a nossa carga. — Typho parecia altamente irritado. — Você acha que eu quero levar de volta para meu chefe e ter que explicar por que eu nem tentei vender tudo?

— Nós somos principalmente um exército droide — argumentou o intendente. — Temos poucas necessidades.

— É rum Chadiano — revelou Typho. — Ninguém precisa dele, mas é bom ter um pouco, entende? Vou oferecer um preço melhor do que eu daria para aquele pão-duro da República.

Houve mais uma longa pausa.

— Estamos detectando um alto número de formas de vida no seu transporte — declarou o intendente.

— Ora, isso é uma guerra! — justificou Typho. — Não vou viajar por aí sem segurança. Olha, você está interessado ou não? Estou gastando combustível aqui.

— Que seja — disse o intendente. — Aterrisse nessas coordenadas. Abra a escotilha do seu transporte. Não desembarque.

O comunicador voltou a ficar em silêncio.

— Isso é suficiente? — perguntou Padmé.

— Ah, sim — confirmou o Comandante Sticks. Ele parecia animado. Padmé entendia. A guerra era algo horrível, mas ele foi feito para isso. Ela sabia a sensação de ter um trabalho que estava indo muito bem.

Padmé foi até o armário das armas na parede do deque de voo e apanhou seu blaster. Typho já levava o seu na cintura, mas ela preferia a pequena vibrolâmina que Dormé havia projetado para caber na manga de sua túnica de piloto. Agora ela precisaria de uma arma. Não era o delicado blaster prateado que a Rainha Amidala havia usado; também não era o pesado fuzil blaster E-5 da Senadora Amidala durante a luta na arena em Geonosis, mas serviria. Ela prendeu o blaster e várias células de energia em seu cinto e depois se sentou ao lado de Typho. Na parte de trás, podia ouvir os clones fazendo a checagem final de suas armas e equipamentos. Era tranquilizador, de certa maneira. Eles eram soldados e eram bons naquilo que faziam. Ela confiava neles, não apenas porque já os tinha visto em ação antes, mas porque exalavam uma aura de competência.

— Vamos aterrissar, capitão — disse Padmé.

Ela se esqueceu que, tecnicamente, não estava dando as ordens naquela missão, mas ninguém a questionou. Typho conduziu o transporte de volta para a superfície de Hebekrr, e Padmé Amidala voltou ao centro do conflito galáctico mais uma vez.

CAPÍTULO 20

O PROBLEMA COM A maioria das pessoas que viviam em Naboo era que, com exceção de uma semana de extrema dificuldade há mais de uma década, poucos deles tinham qualquer ideia do que era o verdadeiro sofrimento. Eles eram cheios de empatia e boas intenções, mas tinham pouca experiência prática. No fim, seu trauma coletivo lhes deu um tremendo potencial para agir de modo prejudicial: era possível que, em um esforço para evitar repetir os eventos da Ocupação, eles tomassem medidas sem considerar o efeito nos planetas vizinhos.

Saché estava determinada a evitar isso, mas seus colegas em Naboo não estavam facilitando seu trabalho. Ao se recusarem a cancelar a legislação que tanto afrontava os outros planetas do setor Chommell, eles forçaram Saché a uma posição defensiva que ela nem mesmo concordava. Ela preferia muito mais começar tudo do zero, mas o Governador Bibble havia atado suas mãos: a opção era aceitar emendas ou nada, e era melhor que não fosse nada.

Pelo menos a Governadora Kelma era a perfeita escolha para mediar as negociações. Karlinus era o planeta mais rico do setor, depois da própria Naboo, e mesmo assim ainda tinha a confiança dos sistemas periféricos. Até mesmo Harli Jafan sempre ouvia o que ela tinha a dizer, o que era útil, porque ela certamente não ouvia a mais ninguém.

— O que impede Naboo de ignorar tudo isso assim que se tornar inconveniente para eles? — Harli perguntou depois de várias horas de discussão da atual proposta. Ela havia parado de andar de um lado a outro e agora apenas gesticulava em sua cadeira, ocasionalmente batendo na mesa para enfatizar. — Não existe nada aqui que responsabilize Naboo.

— Se você não confia em nós para nos responsabilizarmos, como pode confiar em qualquer legislação? — questionou Saché. Ela estava começando a ficar um pouco frustrada, embora entendesse a relutância de Harli. No entanto, se não houvesse alguma confiança como fundação, como poderiam construir qualquer coisa juntos? — Todos precisam ceder um pouco, Representante Jafan. Só assim podemos chegar a um acordo.

— Não é exatamente um meio-termo se a única mudança é Naboo se beneficiar um pouco menos — disse Harli. Houve um murmúrio de concordância entre os outros participantes, a maioria presente via holograma.

Saché apertou o meio dos olhos. Ela não discordava. Odiava argumentar a favor de uma posição em que não estava totalmente convencida, embora fosse uma profissional e entendesse o que estava em jogo. O setor Chommell tinha que permanecer unido durante a guerra. Naboo não poderia se sustentar sozinha, e não poderia saquear impiedosamente os planetas vizinhos para sobreviver. A única maneira de solucionar o problema era se unirem em algo mais forte do que um único planeta ou sistema, e então torcer muito para que todos cumprissem seu papel quando o sacrifício fosse necessário.

— E se mudássemos um pouco os termos do fluxo de poder? — sugeriu Saché. Era uma ideia que estava no fundo de sua mente há algumas horas, e aquele era o momento de propor.

— Como assim? — Kelma perguntou. Era a primeira vez que a governadora falava em algum tempo, com exceção de controlar quem tinha a palavra.

— No momento, Naboo precisa apenas de dois de seus três corpos legislativos para concordar em qualquer grande mudança na política. Qualquer combinação entre a rainha, o governador e a própria legislatura. — Saché bateu de leve repetidas vezes na mesa. — E se fossem todos os três? Em um voto cego, simultaneamente?

— Você quer dizer, todos votariam segundo sua consciência, e se houvesse qualquer divergência, nada aconteceria? — Harli perguntou. — Você nunca vai conseguir aprovar nada depois disso.

— Seria preciso fazer um ajuste, obviamente, e eu estava pensando que seria específico para este arranjo — disse Saché. — Poderíamos reescrever o texto para que apenas uma combinação total das autoridades de Naboo tivesse poder de decisão. E isso quase nunca acontece. No mínimo, a rainha se recusaria e, se ela tivesse poder de veto, outros representantes poderiam votar… com coragem.

— Ah, o idealismo de Naboo — disse um dos hologramas. — É bom saber que certas coisas nunca mudam.

Saché inclinou a cabeça e deixou que rissem dela por um momento. Ela aguentava o golpe em seu ego sem problemas, e tinha certeza de que valeria a pena no fim das contas.

— Precisaria ser uma linguagem muito específica — observou Harli. Ela se recostou na cadeira e se espreguiçou. Saché soube que havia vencido. — Algum tipo de… alinhamento de poder abrangendo todo o setor que enxergasse Naboo como uma única entidade que havia concordado consigo mesma internamente.

— Podemos começar a trabalhar nisso assim que vocês quiserem — disse Saché. Ela abriu uma nova versão da legislação em seu datapad.

— Ah, você não vai conseguir se safar tão fácil — falou Harli. Um largo sorriso apareceu em seu rosto. Ela claramente voltou a ficar de bom humor. —

Existem outros termos que eu quero mudar.

— Não estou nem um pouco surpresa, Representante Jafan — disse Saché. Ela podia se dar ao luxo de ser magnânima: já tinha conseguido o que queria, agora era apenas uma questão de acertar os detalhes. — Podemos começar?



A economia foi a parte mais complicada. Eles passaram quase um dia inteiro discutindo a diferença entre valor de mercado justo e preços fixos, e quem seria mais beneficiado por qual. Saché ficou de fora pela maior parte do tempo, a menos que Tepoh apontasse algo que precisasse de sua atenção. Ela não se importava com o que a lei acabasse dizendo. Seu trabalho era codificar quem a controlava quando estivesse pronta. Além disso, ela genuinamente não sabia qual era o preço do feijão denta não processado.

O documento final era muito mais equilibrado com as concessões de cada planeta no setor Chommell. Naboo poderia esperar alguma escassez na produção de comida e no custo de material de construção conforme a guerra se estendesse, mas não seria algo insuperável e nem diferente dos sacrifícios enfrentados por outros planetas. Definitivamente, havia alguns problemas com a geração de energia, se trabalhadores externos de Jafan ficassem em casa como a lei sugeria, mas isso era um assunto interno e Naboo saberia lidar com isso.

— Vamos combinar de nunca mais fazermos algo assim — comentou Harli discretamente para Saché quando o holograma do Governador Bibble e da Rainha Jamillia apareceram na sala de reuniões para ouvir o texto final.

— Combinado — disse Saché. — De agora em diante, só aventuras, nada tão difícil assim.

— Obrigada por fazer isso — reconheceu Harli. — Sei que você só concorda com metade daquilo que precisava aprovar. Significa muito você arriscar sua reputação por nós. Não votamos por você, e seu povo é quem vai sair mais prejudicado.

— Colocar Naboo em primeiro lugar nunca deu muito certo para Naboo — disse Saché. — Pelo menos não a longo prazo. Gosto de pensar que sou melhor quando se trata do longo prazo.

— Ah, definitivamente. — Harli indicou o Governador Bibble apontando com o queixo. — Quando você conseguir aquele emprego, vamos nos divertir muito.

Saché fez um som indelicado na mão e depois forçou sua atenção de volta para o evento histórico que se desenrolava diante dela. Todos os líderes planetários e representantes do setor Chommell concordaram com as emendas sem mais debate ou esclarecimento. A assinatura aconteceu rapidamente e sem

cerimônia, respeitando aqueles que estiveram debatendo incansavelmente nos últimos dias. Finalmente, estava feito. Saché foi cumprimentada por todos os presentes, e alguém lhe passou uma taça de vinho efervescente para celebrar. Ela brindou com a Governadora Kelma silenciosamente do outro lado da sala e depois bebeu o vinho junto com Harli.

Tepoh apareceu ao seu lado quinze minutos depois, com seu sempre presente datapad em mãos.

— Tomei a liberdade de fazer nossas malas — disse. — Tem um transporte de volta a Naboo saindo hoje à noite, se você quiser embarcar.

— Quero muito — disse Saché. — Quanto tempo nós temos?

— Cerca de trinta minutos — respondeu Tepoh. — Vou enviar tudo com antecedência.

Saché apertou a mão de Harli e depois abriu caminho na multidão para chegar até Kelma.

— Obrigada mais uma vez por nos receber, governadora — disse Saché. — Se não se importa, eu gostaria de me despedir e voltar para casa.

— É claro, minha amiga — falou Kelma. — Mande um *oi* para Yané por mim.

Saché sorriu e se retirou. Antes de perceber, ela já estava de volta ao transporte com destino a Naboo. Seu lar estava um pouco mais seguro agora. Um pouco melhor. E logo estaria muito, muito perto.



Ele havia se perguntado o que fariam com o dilema onde ele os colocara. Um experimento mental: um gato tooka entre pombas. Uma atração secundária enquanto as peças maiores da galáxia se alinhavam segundo sua vontade. Naboo sempre tinha sido seu campo de testes, afinal de contas. Não havia motivo para mudar seus métodos a essa altura em suas maquinações.

Mostrar a lei original para Quarsh Panás tinha sido apenas a primeira conexão em uma cadeia da qual ele não conseguia enxergar o desfecho. Ou, melhor, ele podia enxergar vários desfechos e não sabia exatamente qual escolheriam para seguir. Mas todos o beneficiariam. Em algum momento. Esse era o único jogo que ele jogava.

A legislatura de Naboo havia reagido exatamente como ele esperava. Lembravam-se da fome, dos campos de concentração. Eles não queriam passar por tudo aquilo de novo. A Representante Saché também havia reagido exatamente como ele esperava, com seu coração sangrando e sua determinada boa índole. Ela tinha ido diretamente para Karlinus e estabeleceu um debate que abrangia todo o setor.

Ele honestamente não sabia o que seria mais engraçado: o setor se fragmentando e se voltando contra si mesmo ou o setor se unindo, como uma rocha gigante que o oceano levaria um pouco mais de tempo para erodir.

A solução deles o surpreendeu. Ah, ele não se importava com os detalhes. A subida e queda de preços do mercado agrícola não tinha relevância para ele em um nível prático, e ele não tinha interesse algum na construção de planetinhas como Jafan. O que o interessava era que Naboo havia escolhido se enfraquecer. Não apenas em termos de recursos, que sempre poderiam simplesmente comprar se fosse necessário, mas em poder político.

O planeta inteiro — rainha, governador e legislatura — precisava agir como um único órgão para que a lei fosse revogada. Era uma decisão que estabelecia um precedente, e ele mal podia acreditar que Saché havia conseguido que todos concordassem com ela. Mas a Rainha Jamillia era a protegida de Padmé Amidala, e o Governador Bibble era seu fantoche de várias maneiras, e a legislatura quase se enforcou tentando mantê-la no trono. Talvez fosse até melhor para eles se tivessem. Da maneira como estava, havia um ponto fraco na estrutura de poder que nem mesmo Saché havia considerado, porque era inimaginável para a funcionalidade de Naboo. Eles sempre tinham sido um triunvirato: rainha eleita, representantes eleitos, governador nomeado. Eles nunca imaginaram que algum dia a própria essência de como Naboo era governada fosse mudar.

Ainda bem que, no futuro que ele planejava, Sheev Palpatine tinha apenas um líder em mente para Naboo.

CAPÍTULO 21

O Comandante Sticks imediatamente assumiu o comando da operação, dando ordens aos soldados. Bombas de fumaça e outros dispositivos de atordoamento precederam o desembarque pela rampa. Pequenas bombas de pulso eletromagnético visaram os droides. Padmé e Typho vestiram capacetes para não serem afetados pelo gás. O Separatistas não tinham sido pegos totalmente de surpresa. Um ataque sincronizado durante uma crise com reféns não era exatamente uma jogada sutil, mas eles subestimaram a quantidade de poder de fogo que clones bem-treinados conseguiam carregar em um espaço pequeno. Os clones sobrecarregaram os droides que os receberam na plataforma de aterrissagem, depois pararam para se reagrupar assim que a área ficou segura.

— Nossos dados da inteligência indicam que a família da magistrada está sendo mantida naquele edifício — afirmou Sticks. — Fiquem aqui e descartem o rum enquanto nós os extraímos.

— Entendido — disse Typho. Se achasse que tinha alguma chance de fazer Padmé ficar dentro do transporte, ele teria insistido com ela, mas o capitão sabia que precisava escolher suas batalhas.

Os clones avançaram. Os disparos de blaster medidos, pontuados pela ocasional explosão, denunciavam sua disciplina e treinamento. Não foi como na arena de Geonosis, onde havia um certo desespero, ondas de clones atacando como uma força avassaladora. Aquele tinha sido um ataque de precisão, e embora a guerra tivesse apenas algumas semanas de duração, os clones já eram especialistas em combatê-la.

Uma segunda onda de droides inimigos avançou sobre a plataforma de aterrissagem quando Padmé posicionava o último trenó. Havia apenas três deles, dois droides de combate e um destróier, mas isso era mais do que suficiente. Padmé gritou um alerta para Typho e mergulhou atrás dos caixotes de rum. As caixas aguentariam os tiros de blaster, então ela não se preocupou que fossem explodir. Estar cercada era um assunto mais imediato.

— Por favor, diga que você tem a vibrolâmina na sua manga — disse Typho, de sua posição, pressionado contra a rampa. O canhão da nave estava voltado para a direção errada.

— Você acha que Dormé me deixa sair de casa sem uma? — Padmé

respondeu.

— Vou atrair os disparos e abater os droides de combate — falou Typho. — Corra atrás do destróier e acerte o processador usando a vibrolâmina.

Aquilo foi, sem dúvida, a coisa mais perigosa que ele já havia sugerido que ela fizesse. E ela estava pronta para se mover sem nenhuma hesitação.

— Estou pronta! — ela exclamou de volta.

Typho soltou um grito alto e desceu a rampa correndo. Ele virou à esquerda assim que saiu, chamando a atenção dos droides para longe de onde Padmé estava agachada. Ele atirou contra os droides de combate enquanto corria, e o destróier seguiu seus movimentos, girando lentamente sobre seu eixo.

Padmé esperou o máximo que podia, depois correu na direção do destróier. O chão estava escorregadio com graxa e sujeira, mas ela não se preocupou em perder o equilíbrio. Usou a graxa para sua vantagem, deslizando sob o corpo do destróier. Mesmo correndo, ela passou devagar o bastante para atravessar o escudo. Antes que o destróier pudesse ajustar a mira de suas armas, ela enterrou a vibrolâmina em seu núcleo processador. O droide aracnídeo entrou em curto, e ela golpeou mais algumas vezes até o droide tombar de lado em uma chuva de faíscas e cair sobre Padmé.

— Milady! — Typho chegou ao seu lado em um piscar de olhos, puxando metal em todas as direções em um esforço frenético para tirá-lo de cima dela. Levou um momento, mas com os dois trabalhando, ela conseguiu se livrar.

— Estou bem, capitão — assegurou ela, olhando diretamente em seu rosto. Ela sabia que ambos estavam pensando sobre Cordé, queimada e morrendo na plataforma em Coruscant.

— Pensei que… — disse ele. — Eu me lembrei.

— Eu sei. Estou bem. Nós dois estamos bem. E não estou com pressa de fazer isso de novo.

Houve uma enorme explosão na parte de trás da fazenda, então o Comandante Sticks chamou no canal de comunicação.

— Transporte Um, Transporte Um, precisamos de extração. — O comunicador zumbiu. — Transporte Um, você vem nos pegar?

— Estamos a caminho — disse Typho.

Ele puxou Padmé pela rampa até seu assento do deque de voo. Suas pernas haviam começado a tremer. A confiança que sentiu no calor do momento começava a sumir agora. Ela forçou a si mesma a se concentrar. Ainda havia trabalho a fazer. Mal tinha acabado de apertar o cinto de segurança quando Typho decolou, sem se dar ao trabalho de retrair a rampa. Um rápido voo os levou sobre o edifício em chamas, e eles facilmente enxergaram os clones sob a luz do fogo. Todos os cinco alvos estavam com eles.

Typho baixou a nave, sobrevoando acima do chão enquanto os clones moviam os prisioneiros resgatados pela rampa e depois também subiam por ela. Padmé ouviu o som de passos se aproximando. O tempo estava se esgotando.

— Decole agora! — veio a ordem do Comandante Sticks.

Typho ergueu o nariz da nave bruscamente. O metal rangeu quando a rampa tentou se fechar apesar do movimento, e então eles estavam em segurança.

— Vamos combinar de nunca mais fazermos isso correndo — falou Padmé, com o coração acelerado.

— Concordo — disse Typho. Suas mãos ainda seguravam os controles com toda a força.

— Vou checar se todos estão bem — avisou Padmé.

— Estaremos de volta na casa da magistrada em quinze minutos — informou Typho. — É um voo direto.

Padmé colocou a mão em seu ombro quando passou por ele. Typho finalmente soltou os controles e apertou sua mão. Da última vez em que tinham estado em uma missão secreta juntos, a missão terminara em mortes. Eles não conversavam sobre isso, ao menos não um com o outro, mas os espectros de Cordé, Versé e os outros assombravam suas mentes. Os demônios nunca seriam totalmente exorcizados. Eles sempre se perguntariam o que poderiam ter feito diferente, como poderiam ter salvado seus amigos.

Mas a missão tinha sido um sucesso. Não haviam deixado o medo incapacitá-los. Eles tinham confiado um no outro. E cumpriram sua tarefa. Agora faltava apenas uma rápida parada para deixar aquelas pessoas em casa, então seguiriam seu caminho.



A cena na casa da magistrada era de uma alegria discreta quando Padmé retornou com Typho e o restante do grupo. O hospital improvisado e o refeitório comunitário ainda marcavam o lugar, mas a atmosfera havia mudado. A esperança havia sido restaurada. Era muito diferente da formalidade forçada e vaga relutância com as quais Jamillia e Antraya se cumprimentaram quando Padmé e Anakin as reuniram. Mas não era menos importante, politicamente falando, do que tinha sido aquela missão.

Padmé observou a magistrada abraçando a neta e sua esposa, depois puxando todas as crianças para perto. Ela sabia que estavam conversando entre si, mas não queria bisbilhotar. Sabia melhor do que ninguém o que uma pessoa podia dizer no calor de um perigoso e emocional momento.

— Obrigado — disse o Mestre Jedi Sivad, aparecendo ao lado de Padmé junto

com um pequeno Ithoriano que Padmé entendeu ser seu Padawan. — Os Jedi atravessam um difícil caminho neste momento, e fico feliz em saber que você caminha junto conosco.

Ele parecia tão calmo que Padmé legitimamente não conseguia dizer se ele a reconhecia ou não. Ela não o conhecia, mas os Jedi tinham sua própria maneira de compartilhar informações. Ela decidiu não perguntar. Servia melhor para todos os propósitos que seu disfarce permanecesse intacto, mesmo com aqueles que ela poderia se associar de outra forma.

— Sim, obrigada a vocês dois — disse a magistrada. — Nós fizemos uma arrecadação para pagar pelo resgate. Não temos muitos créditos da República, mas…

— Não — recusou Typho, antes que Padmé pudesse intervir. — Resgatar pessoas por dinheiro não é algo que eu faço. Não é algo que nós fazemos.

— Vocês ficarão aqui agora? — perguntou Padmé. — Você vai manter sua família próxima para que isso não aconteça de novo?

— Nós destruímos o arsenal e as estações de recarga dos droides — afirmou o Comandante Sticks. — Não sei quantos droides de combate eles ainda possuem, mas mesmo com backups solares, eles logo ficarão sem energia. Talvez uma semana, no máximo. Podemos definitivamente segurá-los por esse tempo.

— Mas o que vai acontecer depois disso? — questionou Padmé. — Sua companhia será enviada para outro lugar, correto?

— Isso é verdade — disse o General Sivad. — Este posto não foi planejado para ser permanente.

— Bem — começou a magistrada, lentamente —, imagino que nós poderíamos nos juntar à República.

Ela não parecia muito entusiasmada com a ideia. Os outros na sala fizeram sons que expressavam uma vaga desconfiança e até uma recusa direta. Era uma boa solução, e a única que Padmé podia enxergar, mas mesmo com sua convicção sobre a galáxia ser um lugar melhor se estivesse unida, aquela não era a maneira como ela gostava de ganhar aliados.

— Eu posso… — Padmé começou a dizer, então Typho tossiu discretamente. — Conheço uma pessoa — ela se corrigiu. — Será apenas o início do trabalho, mas você ganhará tempo e terá direito a proteção completa da República mesmo durante as conversas preliminares.

O Jedi a olhou atentamente, mas não disse nada. Aquilo sem dúvida não era algo que uma mercenária comum saberia ou seria capaz de prometer, e ele sabia disso. Ele assentiu para ela e pousou a mão sobre o ombro de seu Padawan.

— Muito bem — respondeu a magistrada. — Vamos abrir as negociações.

— E será minha honra protegê-la em nome da República — disse o

Comandante Sticks.

— Vocês podem ficar? — perguntou uma das crianças que eles haviam salvado. Todas as três olharam para Typho como se ele fosse uma das pessoas mais interessantes que já tinham visto. Às vezes, os adultos se sentiam desconfortáveis com seu tapa-olho, mas as crianças nunca ficavam com medo dele, algo que Padmé sabia que divertia muito Dormé.

— Infelizmente, não — falou ele. — Já estamos atrasados para voltar para nossa nave.

O Comandante Sticks e o Jedi os acompanharam de volta para o transporte, dando à magistrada um tempo sozinha com sua família.

— Suspeito que nem tudo é o que parece — disse o Comandante Sticks ao se despedir quando eles chegaram na plataforma. — Mas vocês claramente estão do lado certo e espero que nossos caminhos se cruzem de novo.

— Boa sorte, comandante — desejou Padmé. Ela inclinou a cabeça levemente na direção do Jedi. — Mestre.

— Que a Força esteja com vocês — Sivad disse.

A porta da plataforma se fechou, e Typho conduziu o transporte gentilmente até o espaço. Padmé não via a hora de relaxar de volta na *Namrelllew*. Seu traje de piloto era confortável, mas não havia sido criado para deslizar pelo chão de plataformas de aterrissagem, e agora ela se sentia coberta de graxa.

— Não vai acabar nunca, não é mesmo? — falou Typho. Não foi realmente uma pergunta, mas Padmé o respeitava demais para não dar uma resposta.

— Não — disse ela. — Nunca acaba. Os combatentes mudam, e eu entenderia se você quisesse parar de lutar e voltar para Naboo para se casar, ou começar uma fazenda de orquídeas, ou algo assim. Mas isso? Fazer o que é certo para ajudar pessoas necessitadas? Isso nunca acaba.

— Só posso falar por mim mesmo — declarou ele. — Mas ficarei com você até quando precisar de mim.

— Obrigada, capitão — disse Padmé.

A *Namrelllew* apareceu na janela frontal e Typho sinalizou que eles estavam prontos para atracar. As comportas se abriram para recebê-los, e Typho conduziu o transporte para uma aterrissagem segura.

Idda esperava por eles, ansiosa para fazer qualquer manutenção que o transporte precisasse.

— Marcas de carbono? — ela questionou com um tom acusatório quando viu as pequenas marcas que o transporte sofrera durante o resgate. — Apenas entrega, e acabaram com marcas de carbono?

— A situação se complicou um pouco — explicou Typho. — Foi por isso que seus capitães nos contrataram para cuidar da entrega em vez de pedir a você.

Aquela resposta não acalmou Idda nem um pouco. Ela piou para ele em seu próprio dialeto, e Padmé não precisava de um droide de protocolo para saber que ela estava usando uma linguagem escandalosa.

— Eu ajudo você a limpar — Padmé ofereceu, esperando que isso fosse acalmar a pequena ave.

— Não, não — respondeu Idda. — O transporte é meu. Vocês vão se limpar.

Ela voltou para seu trabalho, já cantando aquela mesma canção sobre peixes de novo. Era um tanto grudenta. Se continuasse assim, Padmé nunca conseguiria tirar aquela canção da cabeça. Escapar era a única opção.

— Vou fazer o relatório para os Wookiees — comunicou Typho. — Com sorte, eu esbarro em Iffy a caminho do deque de voo.

— Obrigada, capitão — disse Padmé. — Estou mesmo sentindo que preciso de um banho.

Ela foi até sua cabine e colocou as camadas externas do uniforme de piloto na máquina de lavar enquanto tirava a graxa de sua pele. Era impossível se limpar totalmente sem um banho completo, mas pelo menos Padmé se sentia melhor assim. Ela podia esperar até a hora de receber sua ração para fazer o restante.

Ela vestiu de novo a túnica e a calça quando secaram e apertou o cinto. Queria dormir agora que sua adrenalina havia baixado, mas algo lhe dizia que não conseguiria. Eles ainda não tinham se encontrado com o contato que passara a informação para o Conselho Jedi. E seu tempo a bordo estava quase terminando.

Ela abriu a porta para checar se Typho já havia voltado e se deparou com G-1FY esperando por ela.

— Senadora — disse o droide. Ela quase perdeu o fôlego. — Poderia me acompanhar, por favor?

CAPÍTULO 22

Os generais Jedi estavam muito dispersos no início da guerra, e muitos foram chamados de volta ao Templo para avaliação e realocação. O Chanceler Palpatine desejava aproveitar a volta dos Jedi para Coruscant a fim de que se reunissem com membros do Senado. Já que uma festa não era do gosto dos Jedi e a agenda do Senado já estava cheia de reuniões diárias, foi decidido que um grupo de senadores faria uma peregrinação para o próprio Templo Jedi. A Senadora Amidala estava, naturalmente, entre os selecionados para participar.

Sabé não estava ansiosa para encontrar Anakin Skywalker de novo. Ele a deixava desconfortável, e ele quase certamente era capaz de se atrapalhar e estragar seu disfarce. O Mestre Kenobi também era uma ameaça, embora menor. Ela já o havia enganado antes, e era menos provável que ele fosse desmascarar seus segredos em público.

Acabou não sendo muito um problema. Em vez de conversas formais, os Jedi preferiam uma abordagem mais suave quando se tratava de relatórios militares. Os senadores foram levados para um dos jardins do Templo e conduzidos entre os Jedi e Padawans reunidos ali, fazendo perguntas para quem achassem melhor. Foi fácil para Sabé evitar os Jedi com quem não gostaria de falar e buscar conversas mais atraentes.

— Mestra Billaba, fico feliz em ver que está bem — Amidala cumprimentou sua velha aliada. Sabé já tinha voado com ela uma vez, mas até onde Depa Billaba sabia, ela havia passado mais tempo com Padmé na missão em Bromlarch. — É bom ver uma Jedi que foi poupada do combate em Geonosis.

— Não escapei da luta por muito tempo — respondeu Depa Billaba. — Mas aquele combate foi particularmente difícil. Foi graças à atenção especial da Padawan Barriss Offee que os feridos se recuperaram tão bem.

A Padawan em questão se aproximou delas quando seu nome foi mencionado, e Sabé não precisou revelar que não sabia quem era a garota.

— Padawan — ela disse como forma de saudação. — Você também esteve em Geonosis, correto? Desculpe por estar sendo tão vaga. Tudo ainda é um borrão em minha mente.

— Sim, eu estive — confirmou Barriss. — Com a Mestra Unduli.

— E você já participou de mais algum combate desde então? — Sabé

perguntou.

— Não — disse Barriss. — Não tenho medo de lutar, mas não quero lutar em uma guerra.

— Essa é uma sábia resposta — avaliou Sabé. — É o tipo de coisa que eu gostaria de ouvir de um Jedi.

A garota pareceu ficar desconfortável, seu olhar deslizando para Billaba na ausência de sua própria Mestra.

— Está tudo bem, Padawan — tranquilizou Depa. — Os senadores vieram ouvir nossas opiniões.

— Vou evitar lutar o máximo que conseguir — prosseguiu Offee. Ela olhou Sabé diretamente nos olhos. — Minha Mestra me treinou para lutar, e sou boa nisso, mas prefiro trabalhar no centro médico. A situação na arena em Geonosis foi muito difícil e preciso admitir que fiquei com medo.

— Não acho que isso seja uma coisa ruim — disse Sabé. — Se precisamos que os Jedi lutem, também precisamos que eles curem na mesma medida.

— Eu tive problemas para dormir depois — Barriss continuou. — Vários Jedi se feriram e eu me voluntariei para vigiar a clínica do Templo à noite, embora não seja realmente necessário.

— Não existe nada que os Jedi possam fazer depois de uma luta para se recuperar? — perguntou Sabé.

— Muitos meditam — disse Barriss. — Mas minha mente estava muito barulhenta. Eu não conseguia me concentrar. Alguns de nós se recuperam descendo até os andares das crianças, onde os jovens Jedi aprendem e treinam. Achamos relaxante ensinar as crianças ou ouvi-las brincando.

— Mas você não achou relaxante? — indagou Sabé.

— Não, senadora. — Barriss olhou para Depa de novo, mas a Mestra Jedi não interveio. — Foi difícil. Não sou muito mais velha do que alguns deles. Os Mestres haviam descido para assisti-los treinando, e eles estavam muito animados com a ideia de serem escolhidos como Padawans. Eu queria dizer a eles que a guerra não é algo para ficar entusiasmado, que é terrível e que eles eram jovens demais, mas os Jedi foram nomeados generais dessa guerra e nós precisamos servir.

— Eu tinha quatorze anos quando lutei por meu planeta — contou Sabé. — Mas aquilo acabou rápido.

— E mesmo assim causou um estrago — afirmou Barriss.

— Sim — Sabé respondeu. — Muitos dos meus amigos agora possuem cicatrizes, visíveis ou não.

— Eles merecem algo melhor — disse Barriss. — Todas aquelas crianças merecem algo melhor do que eu vi lá fora.

— É verdade — concordou Sabé. — E acho que os seus sentimentos fazem de você a pessoa perfeita para se certificar de que eles tenham isso.

— Chegará um momento em que seremos chamados para fazer algo que vai contra nossa natureza — falou a Mestra Billaba. — Quando acontecer, precisamos estar abertos para as possibilidades.

— Eu estarei, Mestra — disse Barriss.

Sabé não achava que aquele fosse exatamente o tipo de conforto que a Padawan precisava, mas não cabia a ela intervir. Barriss parecia perturbada, sem saber o que deveria estar fazendo. Sabé entendia esse sentimento. Ela também não se sentia adequada para a guerra, ou ao menos não para o tipo de guerra que estava sendo travada nos andares superiores de Coruscant. E tinha a liberdade de ir embora, quando chegasse o momento. Barriss Offee era uma Jedi, e isso não era algo fácil de se abandonar. Embora, ela sabia, existisse ao menos um Jedi que desrespeitava as regras. Ela torcia para que Barriss encontrasse equilíbrio e uma forma de servir. Sabé torcia para que a mesma coisa acontecesse com ela própria.

Ela deixou a Mestra Billaba conduzi-la para onde um Mestre Jedi chamado Plo Koon discutia as táticas que seu esquadrão de soldados clone, chamado Wolfpack, empregava.

— Quanto mais individualidade os clones mostram, melhor funciona a unidade — explicou Plo Koon. — É o contrário daquilo que os Kaminoanos disseram para nós, mas é inegavelmente verdade.

— Com você eu concordo — disse o Mestre Yoda. — Indivíduos eles são, e tratá-los como tal nós precisamos.

Um enorme Jedi com um rosto vagamente reptiliano fez um som depreciativo, mas não disse nada. Poucas pessoas, mesmo Mestres Jedi, discutiam com Yoda.

— Senadora Amidala. — Anakin Skywalker apareceu ao seu lado. Sabé olhou feio para ele, mas Anakin fingiu não notar. — Tenho informações sobre a Orla Média, se quiser ouvir.

Era uma desculpa obviamente fraca, mas ninguém comentou. Sabé foi com ele para o lugar no jardim onde uma dúzia de árvores em miniatura se banhava no sol. Ela estava silenciosamente furiosa. Estava ali para ganhar conhecimento, não para passar recados entre sua amiga e o impetuoso Jedi.

— Eu queria me desculpar pela maneira como a tratei naquela noite, no apartamento de Padmé — falou Anakin. Sabé ficou agradavelmente surpresa. Não esperava um pedido de desculpas e, olhando em seu rosto, estava claro que ele havia pensado muito sobre isso. — Fui surpreendido e fiquei um pouco desapontado, e acabei reagindo mal.

— Obrigada — disse ela. — Eu aceito seu pedido de desculpas.

Anakin riu tristemente e, pela primeira vez, Sabé avistou em seu rosto sombras do pequeno garoto que ele um dia havia sido. Estava muito bonito, agora que havia crescido.

— Sei que nunca seremos exatamente amigos — ele continuou. — Mas nós dois gostamos muito dela. Você arriscou sua vida por ela mais de uma vez, e faria de novo. Você a protege de um jeito diferente do meu, e de maneiras que eu não consigo. Podemos pelo menos declarar uma trégua?

E ele também era charmoso. Havia uma estranha sinceridade em Anakin que logo fez Sabé entender a verdadeira razão para Padmé se apaixonar por ele. Você podia dizer muitas coisas sobre Anakin Skywalker, mas era provável que ele fosse a pessoa mais genuína de toda a galáxia.

— Trégua — concordou ela. — E obrigada por protegê-la quando eu não posso.

— Esse é o meu papel — disse Anakin. Ele colocou as mãos atrás das costas e sorriu para ela, descarado e honesto.

A verdade sobre tudo aquilo atingiu Sabé de uma vez.

— Ela se casou com você — constatou Sabé. — Não é apenas um caso. É um relacionamento permanente.

De imediato, Anakin voltou a ficar na defensiva, a trégua evaporando no primeiro teste.

— Ela faz suas próprias escolhas — disse Anakin. — Você sabe disso.

Ele andou a passos pesados de volta para o Templo, passando direto por Obi-Wan Kenobi quando seu Mestre tentou que falasse com Bail. Sabé mal o observou indo embora. Ela ergueu todas as suas defesas, todos os truques e técnicas para esconder suas emoções e se manter firme em público, enquanto, por dentro, ela estava furiosa. Padmé realmente tomava suas próprias decisões, mas aquilo era algo enorme, e ela fizera isso sem envolver Sabé de *nenhuma* maneira. Isso a fez se sentir vulnerável e supérflua, e Sabé não gostava dessa sensação.

— O Jedi Skywalker está bem? — perguntou o Chanceler Palpatine, aparecendo do nada e parecendo preocupado.

— Sim — respondeu Sabé, odiando Anakin por precisar dar cobertura para sua mentira. — Ele acabou de se lembrar que tinha uma sessão de treinamento programada. Com sabres de luz.

Não foi sua melhor desculpa, mas o chanceler não pareceu se importar.

— Poderia me acompanhar em uma caminhada? — Ele estendeu o braço e ela não teve escolha a não ser aceitar.

— É claro — disse ela, e pousou a mão levemente sobre a manga da camisa do chanceler. O tecido deveria parecer familiar, mas Palpatine já havia parado de

usar as vestes de Naboo há muito tempo. A diferença era inteiramente superficial, mas Sabé a sentiu mesmo assim.

Quando você andava com o chanceler, as pessoas abriam caminho. Era sutil, mas acontecia. Sabé não gostava de como as pessoas o tratavam com tanta deferência. Parecia estranhamente artificial, como se elas se movessem antes de suas mentes decidirem fazer isso. Ele era um oficial do governo digno de respeito, é claro, mas também eram todos servidores públicos ali.

— Temo que estamos no início de um momento importante, minha querida — começou Palpatine enquanto caminhavam. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que o chanceler sabia exatamente com quem estava falando. — Tudo vai mudar. O caos baterá à porta, e caberá ao Senado manter essa porta fechada.

Ela já sabia disso. Sabé vivera a situação quando Naboo havia sido ocupada, e fazia seu melhor para conter a maré trabalhando em Tatooine. Aquilo que os políticos em Coruscant enxergavam como uma longínqua interrupção ou um soluço processual, ela havia vivido pessoalmente. Suas botas ainda tinham areia para provar. Palpatine podia dizer o que quisesse, mas não seria em Coruscant que o trabalho seria feito.

— Vou contar com você ainda mais nos próximos dias, senadora — afirmou Palpatine. Aquilo também era uma mensagem. Se ela ficasse, haveria muitos outros dias como aquele. — A sua presença constante aqui no Senado me lembra daquilo pelo que lutamos, aquilo que tentamos alcançar.

Aquilo era demais. Entre a revelação sobre o relacionamento de Padmé com Anakin e a maneira condescendente como o chanceler a olhava agora, Sabé sentiu que havia paredes se fechando sobre ela. Uma escuridão a puxava para baixo, e o desespero crescia em sua alma por uma razão que ela não conseguia identificar exatamente. Ela lutou contra isso. Era um peso desconfortável em seu peito, mas ela se esforçou para afastá-lo.

— Obrigada, chanceler — disse ela, sua voz cuidadosamente medida. Era quase a voz da rainha, algo que ela não usava há anos. — Darei o melhor de mim.

— Eu não poderia fazer isso sem você, minha querida — asseverou Palpatine. Ele sorriu afavelmente e tocou em sua mão. Foi extremamente irritante. — Agora vou deixar você voltar para os Jedi.

Ele a deixou ao lado de um pequeno lago no jardim do Templo. O som da água pingando ajudou a controlar sua respiração. A luz refletida na superfície da água puxou sua imaginação para coisas mais luminosas. A escuridão e o desespero se foram, mas ela se lembrava da sensação bem demais.

— Milady? — Moteé apareceu para ver como ela estava.

— Só um pouco de tontura — disse Sabé. — Deixei de almoçar outra vez.

Moteé sabia muito bem que isso não era verdade, mas entendeu o sinal de forma tão clara quanto a luz do sol.

— Quer ir embora? — Moteé perguntou. Ela tinha no mínimo uma dúzia de desculpas já prontas, caso algo fosse necessário. As damas de companhia de Amidala estavam sempre, sempre prontas.

— Não — Sabé respondeu depois de um momento. — Há muito para se aprender aqui. Só preciso de um instante.

Moteé assentiu e ficou com ela até Sabé se sentir pronta para voltar para a multidão. A estranha sensação havia passado completamente agora e parecia que mais ninguém tinha sido afetado. Talvez fosse o desconforto de Anakin se projetando sobre ela ou algum truque mágico do Templo. Ela sabia, de fato, que a Força era limitada, mas tinha apenas uma vaga ideia do que podia fazer. Com certeza ali, no centro Jedi em Coruscant, poderia surgir algum arroubo de poder insurgente de tempos e tempos.

Mas pareceu tão escuro, e os Jedi supostamente representavam a luz. De qualquer maneira, Sabé agora tinha certeza absoluta de que seu tempo em Coruscant estava chegando ao fim. Quando Padmé retornasse, elas teriam uma conversa, mas Sabé não fazia ideia do que aconteceria depois. Isso a aterrorizava mais do que a escuridão, aquele abismo de incertezas em seu futuro.

Sabé olhou de volta para o pequeno lago e sentiu seu centro voltando a se equilibrar. Não poderia ficar ali, nem mesmo por Padmé. E ela não fazia a menor ideia de como contaria essa novidade para a melhor amiga que já tivera.



A Senadora Amidala ficou indisposta por apenas um momento. Com exceção de sua sempre presente dama de companhia, apenas uma outra pessoa no jardim havia notado. Ele a observou voltando para a multidão, ouvindo cada Jedi enquanto contavam histórias sobre seu trabalho com os clones e o combate contra os Separatistas. Ela ouvia atentamente e fazia perguntas inteligentes, como todos esperavam. Ela não deu indicação nenhuma de que, meros momentos antes, havia sentido qualquer coisa estranha.

Ele não ficou surpreso por ela se recuperar quase imediatamente, é claro. A maioria das pessoas se recuperava. Mas as sensações continuavam de maneiras que nem sempre eram notadas. Maneiras que podiam ser exploradas mais tarde. A semente da ideia já estava ali: a dúvida e a insegurança. Ele apenas esperou pelo momento perfeito, então se certificou de que certas forças crescessem dentro dela.

O Chanceler Palpatine observou a Senadora Amidala circulando entre as

pessoas, sua expressão tão neutra e educada quanto pudim de apioc. Apenas a mais leve contração de sua boca o denunciava, e ninguém o olhava por tempo suficiente para notar.

A água no pequeno lago brilhante secou, e não importava o que os jardineiros dos Jedi fizessem, eles nunca conseguiram enchê-lo de novo.

CAPÍTULO 23

PADMÉ SEGUIU G-1FY PELO corredor porque realmente não tinha escolha. Ela nem teve tempo de costurar a vibrolâmina de volta na manga de seu uniforme. Ela poderia dominar o droide facilmente, a menos que ele a eletrocutasse, mas sabia que não conseguiria derrubar nenhum dos Wookiees sem uma arma. Mas G-1FY não a conduziu na direção do deque de voo. Ele a levou para uma pequena sala do outro lado do refeitório. A placa na porta dizia MANUTENÇÃO, e Padmé nunca precisou entrar ali.

— Se não se importar, senadora — G-1FY disse educadamente.

— Por que você está me chamando assim? — ela perguntou, mais para ganhar tempo do que qualquer outra coisa.

— Porque esse é o seu título — G-1FY retrucou. — Embora eu tenha descoberto isso apenas recentemente. Não acredito que os capitães me fizeram servir a você um jantar horrível com aquela criaturinha na mesa jogando ervilhas em mim. Quanta indignação!

— Eu gostei muito da sua comida — contou Padmé, sincera. Não era culpa do droide que ele pudesse ser reprogramado.

— Ah, isso é muito gentil da sua parte — G-1FY falou. — Eu… mas estou me distraindo. Por favor, se você puder entrar aqui, há uma pessoa que gostaria de conversar com você. Prometo que estará muito segura.

Padmé não tinha muitas opções. Ela sabia que a sala só podia ser muito pequena, mesmo para o padrão dos Wookiees. Se fosse o caso de uma luta corpo a corpo, ela não era a mais forte, mas também não tinha medo de lutar sujo.

— Certo — disse ela. Padmé se endireitou e, pela primeira vez desde que saíra de Coruscant, assumiu a postura completa da Senadora Amidala. — Abra a porta, Iffy.

Do outro lado da porta, havia o fraco brilho azul de um holograma, o que já garantia alguma segurança. Um holograma não poderia causar qualquer dano físico. Padmé entrou na sala e G-1FY fechou a porta atrás dela. Quando seus olhos se ajustaram, o contorno da figura e sua espécie se tornaram mais claros.

— Ah, Senadora Amidala — disse uma pastosa voz Neimoidiana. — Eu esperava mesmo que fosse você.

Typho não conseguia abrir sua porta. Agora que tinha entregado seu relatório e se limpado, tudo que queria era um pacote de ração do refeitório e uma soneca em sua cama, mas a porta estava emperrada. O painel de controle respondia, a trava era ativada, mas a porta não abria. Nem mesmo jogar o peso de seu ombro contra a porta algumas vezes a fez se mexer. Ele havia começado a procurar seu blaster ao redor quando o sistema de comunicação do quarto foi ativado.

— Capitão Typho, por favor, não se aflija — disse G-1FY. — Meu empregador requer alguns momentos para conversar sozinho com a senadora; sendo assim, eu tranquei seu quarto por enquanto. Recomendo começar seu período de descanso mais cedo.

A mente de Typho focou na palavra mais importante que o droide havia dito, e ele sentiu um crescente pânico.

— "Senadora?" — ele exigiu saber. Ele jogou seu ombro mais uma vez contra a porta, que não se moveu.

— Ora, meu caro — disse G-1FY. — Sim, meu empregador está ciente da sua identidade, e eu também. Eu lhe garanto que ela está muito segura. É meramente um holograma.

— Então, por que você me trancou aqui? — Typho pontuou a frase chutando a porta com o máximo de força que conseguia. Mesmo assim, nada.

— Imaginei que você reagiria mal — observou o droide. — Pelo visto, eu não estava errado.

— Vou mostrar a você o quanto está errado — Typho retrucou.

A resposta de G-1FY foi abafada pelo som de metal sendo retorcido. Typho afastou-se da porta quando faíscas voaram, então a coisa toda caiu para dentro do quarto, revelando Idda, pendurada no batente com um maçarico nas mãos e rindo de um jeito maníaco. Ela cortou diretamente o metal para superar a tranca do droide.

— Capitão, por favor — G-1FY apareceu no corredor. — Eu prometo, tudo está bem.

— Trancar minha porta não me inspira muita confiança em você, droide — disse Typho. Ele olhou para Idda, que havia descido de volta ao chão. — Obrigado, pequenina.

Idda mostrou sua longa língua para G-1FY e fez um barulho rude. Então, olhou para Typho e ergueu os braços para ele. Typho a apanhou e a colocou sobre seu ombro. Então, ele seguiu pelo corredor, tirando o droide de seu caminho quando tentou bloqueá-lo.

— Você sabe onde ela está? — Typho perguntou.

— Perto do refeitório — disse Idda. — Na outra porta.

Typho correu o mais rápido que podia, com G-1FY gritando atrás dele.



— O que você quer, Neimoidiano? — perguntou Padmé. Ela se surpreendeu com o veneno em sua própria voz. Já haviam se passado dez anos desde a Ocupação, mas houvera várias ameaças à sua vida desde então, e a Federação de Comércio tinha estado no centro de todas elas. Padmé trazia cicatrizes em suas costas e abdômen de sua mais recente tentativa, e Nute Gunray havia alegremente comemorado quando aconteceu.

— Apenas uma conversa — o Neimoidiano disse. Ele ergueu as mãos ao lado do rosto, os dedos abertos. — É por isso que estamos conversando via holograma. Não estou nem um pouco perto de você agora. Não sou uma ameaça. Eu apenas gostaria de me explicar.

Padmé respirou fundo e tentou controlar seus pensamentos. Ela *sabia* que quem quer que fosse o informante entraria em contato em algum momento. Só não estava preparada para aquilo. Precisava se controlar — devia isso ao Senado. Devia a si mesma.

— Eu vou ouvi-lo — concordou ela. Sua voz mais uma vez voltou a ser formal e educada.

— É só isso que peço — emendou o Neimoidiano. Ele tirou um último momento para preparar seus pensamentos, então começou: — Meu nome é Oje N’deeb. Creio que quase nos encontramos em Nooroyo não muito tempo atrás. Sou o maior acionista em uma empresa que controla, bom, a maior parte do comércio na Orla Exterior no momento. O comércio legal, de qualquer maneira. Os Sindicatos e o restante da Federação de Comércio não deixaram que a guerra os afetasse.

— Imagino que não — disse Padmé.

— Eu represento um grupo do meu povo que busca reparar o dano causado por nossos colegas — N’deeb continuou. — Nós não participamos ativamente do bloqueio ao seu planeta dez anos atrás, embora não tenhamos feito nada para impedi-lo, e não participamos de nenhum comércio de armas ou manufatura desde então. Nossos interesses são puramente nas áreas agrícola e médica, principalmente bens de menor valor que não dão lucro suficiente para interessar ninguém com tendências criminosas.

— E então, a guerra estourou e você acabou no comando de uma das rotas de comércio mais importantes da Orla Exterior — resumiu Padmé. Ela sabia quão rápido as coisas podiam mudar.

— Correto, senadora. — N’deeb piscou várias vezes. — Diferente dos meus concorrentes, não aumentamos o lucro dos nossos produtos. Nós nos concentramos em vender para planetas e sistemas que são simpáticos à República ou que estão sob ataque das forças Separatistas. A mais recente viagem a Hebekrr é um exemplo do que estamos fazendo agora.

— Por pura bondade do seu coração? — questionou Padmé, um cinismo não característico marcando seu tom de voz.

— Não exatamente, é claro — confessou N’deeb. — Os créditos se acumulam e nossos investimentos são de tão baixo risco que quase nunca perdemos dinheiro. Mais importante, queremos provar ao Senado, e especificamente para você, que estamos falando sério.

— Sério sobre o quê? — perguntou Padmé.

— Queremos substituir Lott Dod no Senado com alguém de nosso grupo — afirmou N’deeb. Um turbilhão de pensamentos passou pela mente de Padmé. — Não serei eu. Tenho esqueletos demais no meu armário, mesmo para um Neimoidiano. Mas queremos que nosso povo seja representado por alguém… bom, por alguém diferente.

— Uma Federação de Comércio simpática à República seria uma grande ajuda — afirmou Padmé. As possibilidades eram infinitas. — E o dano à causa Separatista seria imensurável.

— Nós sabemos — disse N’deeb. — Nosso principal problema é primeiro convencer o Senado de que estamos falando sério, depois cuidaremos de nossas questões internas.

— É por isso que vocês precisavam de mim — concluiu Padmé. — De todos os senadores da galáxia, se vocês conseguissem o meu apoio, suas chances aumentariam dramaticamente.

— Exato — confirmou ele. — E temos o seu apoio?

Seria tolice dispensá-lo diretamente. No mínimo, Padmé deveria apresentar a ideia para sua facção. Bail aproveitaria a oportunidade, e Mon Mothma gostaria que eles não negociassem armamentos. Padmé esperava que seus próprios preconceitos fossem transparecer, deixando-a desconfiada ou mesquinha, mas apesar de sua reação inicial, ela não sentia nada. Aquela era outra peça no tabuleiro, outro movimento que poderia dar uma vantagem para a República na guerra. Ela conseguiria fazer isso.

— Por que o chá de Karlini? — ela perguntou. Era a peça que faltava no quebra-cabeça das motivações de N’deeb.

— Alguns de nós achavam que ajudar a economia do seu sistema ajudaria a ganhar o seu apoio — ele respondeu delicadamente.

— Bom. — Padmé quase riu. — Tenho certeza de que a Governadora Kelma

ficou agradecida.

— Meu droide me informa que o seu segurança está a caminho — falou N’deeb. — Deixarei as complicadas explicações para você. Iffy tem o meu contato quando você estiver pronta com uma resposta.

— Obrigada — disse Padmé. — Por tentar ser melhor.

— Às vezes, é a única coisa que resta a fazer — declarou N’deeb. Ele ficou muito solene quando disse isso, e Padmé acreditou nele.

Sua imagem se apagou, mergulhando a sala em uma total escuridão. E então, veio o som de punhos batendo na porta.

— Padmé? — Typho gritou.

— Estou bem! — ela respondeu. Ela abriu a porta e olhou para ele. Com Idda empoleirada em seu ombro foi difícil levá-lo a sério. — Estou bem, Typho.

— Ainda assim, vou matar aquele droide — Typho rosnou.

— Des-mem-bra-men-to! — Idda cantarolou, acentuando cada sílaba com grande entusiasmo. — Des-mem-bra-men-to!

— Deixem Iffy em paz — Padmé os repreendeu gentilmente. — Ele é apenas o mensageiro e eu precisava muito ouvir aquela mensagem.

— Ah, é? — surpreendeu-se Typho. Com Idda e G-1FY perto o bastante para ouvir, ele não podia ser mais específico.

— Contarei mais tarde — disse Padmé.

— Pois bem — Typho respondeu. — Eu e Idda vamos voltar para o deque de voo. Temos que relatar aos capitães sobre… hum… alguns danos.

O som da risada de Idda ecoou pelos corredores.

De volta em seu quarto, esticada sobre sua cama ridiculamente grande, Padmé tentava organizar os pensamentos em sua mente. O combate na Orla Exterior era violento e pessoal. Os Separatistas atacavam fortemente pessoas sem defesas, e a República teria dificuldades em enfrentá-los por toda parte. O exército de droides, sem alma e descartáveis, continuaria avançando a menos que eles encontrassem uma forma de cortar as linhas de suprimentos e o fluxo de créditos que entrava nos cofres da Federação de Comércio. A solução que Oje N’deeb oferecia parecia um sonho impossível, mas era real. E valia a pena lutar por isso.

Ela explicaria a realidade da situação para ele. Seria necessário muito esforço coletivo. Possivelmente anos, dependendo da progressão da guerra. Não achava que N’deeb tinha qualquer ilusão, mas queria ser honesta com ele. Sua batalha no Senado não seria menos trabalhosa. A Federação de Comércio não tinha a melhor reputação com os legalistas da República, e seria preciso mais do que

algumas rotas de comércio humanitárias para convencê-los. A reputação de Padmé era forte, mas a guerra a deixava no limite.

Precisava conversar com Sabé o mais rápido possível. Sabé era muito mais prática do que ela e provavelmente enxergaria um caminho mais claro, já que Padmé estava tão acostumada em se perder nos procedimentos do Senado. Ainda bem que eles estavam voltando para Coruscant. Os Wookiees os levariam de volta e procurariam carga na capital para transportar até a Orla Exterior. Logo Padmé estaria em casa. Ela havia aprendido muito, visto muito, ali tão longe de casa. Mas era hora de voltar para o trabalho.

ERA UMA VEZ, UMA garota que assistiu um planeta morrer enquanto tentava salvá-lo, e jurou que nunca desistiria de tentar.

Ela havia acompanhado seu pai na missão de ajuda humanitária, apesar dos protestos de alguns dos organizadores mais velhos. Tinham dito que ela era jovem demais. Contava com apenas nove anos na época, mas tinha uma boa cabeça sobre os ombros, seu pai rebateu, e estava interessada no trabalho. Nunca era cedo demais para cultivar esse tipo de espírito generoso. Então, eles a levaram junto para um planeta cujo sol estava morrendo.

A garota era imensamente popular entre os refugiados. Era bondosa e acessível. Fazia amigos facilmente, e muitos dos adolescentes podiam ser encontrados trabalhando com ela para completar tarefas que poderiam ser feitas por crianças. Os refugiados mais jovens a cercavam para ouvir histórias e lendas de Naboo. Ela os entretinha por horas, liberando os adultos para trabalhar nos esforços de recuperação e realocação. Seus pais observavam com gosto, alegres em ver a felicidade de suas crianças; mas, ao mesmo tempo, o medo criava uma tensão ao redor de todos.

O sol tinha algo que eles precisavam para viver. Não podiam simplesmente ser realocados — precisavam encontrar um ambiente específico, e o tempo estava se esgotando. A garota não entendia, não inteiramente. Para ela, luz era luz. Foi só quando os adultos começaram a adoecer que a seriedade da situação se tornou real para ela. Foi só quando as crianças adoeceram em seguida que ela começou a entrar em pânico. Apesar de seu medo, ela cuidou deles, dando conforto onde podia e nunca deixando seu terror transparecer enquanto a doença se agravava.

Todos morreram. Milhares deles. Todos. Sem seu sol, eles não podiam sobreviver. Nenhum cientista conseguia reproduzir aquilo que precisavam; nenhum mundo novo podia ser encontrado para eles. Sem um porto seguro, eles se extinguiram. A galáxia era um lugar mais pobre sem eles.

A garota entrou em luto. Seu pai não sabia o que lhe dizer. Que isso às vezes acontecia. Que às vezes a missão fracassava. Ele a deixou chorar e gritar e sofrer. E quando a tempestade inicial havia passado, eles voltaram para casa juntos. Ela passava muito tempo sozinha no jardim, regando flores, cercada por coisas crescendo e vida nova. Seu pai entendia. Era importante lembrar, depois de uma tragédia como aquela que ela havia testemunhado, que a vida persistia, mesmo se sua forma fosse diferente.

Eles não falavam muito sobre aquilo, a garota e seu pai. Não quando a garota

decidiu entrar para a política. Não quando ela foi eleita rainha. Nem mesmo quando deixou Naboo para servir no Senado Galáctico. Mas a tragédia sempre projetou uma sombra em seu processo de decisão. Não importava o quanto ela planejasse ou se preparasse, ela sabia que podia fracassar. Sabia que o preço poderia ser alto demais para realmente compreender. Ela já tinha aprendido que, às vezes, todo o peso da galáxia recaía sobre seus ombros.

Padmé Naberrie levantava-se da cama todos os dias e tentava de novo.

CAPÍTULO 24

PADMÉ SENTIU QUE ERA necessário se explicar para os Wookiees. No mínimo, eles mereciam saber que seu droide havia sido comprometido. Gostava genuinamente dos capitães e queria que soubessem que eles a haviam ajudado. Ela se dirigiu para o deque de voo e viu que G-1FY já estava lá, esperando por ela. Ele girava seus dedos sem jeito e parecia tão constrangido quanto era possível para um droide.

— Estou pronto, senadora — disse o droide. — Espero que eles não fiquem bravos demais comigo.

— Não foi culpa sua, Iffy — Padmé o lembrou.

Ela seguiu até onde os Wookiees se sentavam, pilotando a nave em sincronia, fruto de anos de prática. Sem os apetrechos do jantar de G-1FY, o deque de voo era um pouco menos receptivo, mas muito mais interessante. Os Wookiees alcançavam facilmente os painéis de controle que Padmé precisaria se esticar ao limite para acessar. Membros cobertos de pelo marrom se moviam habilmente enquanto a nave atravessava o espaço, sem nunca colidir ou interferir um com o outro. Piloto e navegadora, eles formavam uma perfeita equipe, cada um confiando no talento do outro para uma viagem segura e nunca duvidando de suas habilidades.

— Capitães? Vocês têm um momento? — perguntou Padmé. Voar pelo hiperespaço não requeria constante atenção quando a rota já estava traçada, mas Rayyne ficava de olho em seus sistemas o tempo todo, assim como Idda raramente se afastava dos motores.

Os dois Wookiees viraram-se para ela, e Naijoh rosnou uma afirmativa.

— Meu nome é Padmé, como vocês já sabem, mas talvez me conheçam melhor como Amidala — falou ela. — Sou uma senadora na República Galáctica do planeta Naboo. O seu empregador queria que eu conhecesse sua operação e arranjou para que eu ficasse sabendo da existência da sua rede de comércio. Decidimos olhar mais de perto e nos juntar a uma missão de transporte de suprimentos para a Orla Exterior. Nós, o Capitão Typho e eu, escolhemos sua nave porque, bom, porque parecia que vocês eram os melhores.

Rayyne bateu na parte de trás da cabeça peluda de seu marido e soltou um som que Padmé identificava como uma risada Wookiee. Padmé ficou aliviada

por eles não parecerem bravos com ela. Se pudesse evitar, ela preferia não ter que lidar com Wookiees irritados.

— Ela disse que falou para ele que vocês estavam tramando alguma coisa — G-1FY traduziu. — E agora ele deve a ela…

Um rosnado de Rayyne fez o droide parar de traduzir. Não era possível para um droide ficar vermelho de vergonha, mas G-1FY conseguiu transmitir a sensação mesmo assim.

— Eu ia dizer "uma escovada" — concluiu G-1FY, de um jeito presunçoso. Rayyne riu de novo.

— Desculpem pela mentira — disse Padmé. — Antes de irmos embora, eu gostaria que vocês soubessem a verdade. Vocês fizeram um grande serviço para a República, e também para mim. Obrigada.

— A única coisa que me deixa irritado é ter que substituir vocês — prosseguiu Naijoh, falando através do droide. — Você e o Capitão Typho foram excelentes seguranças. Se algum dia quiserem voltar, é só avisar. Idda sentirá sua falta.

Padmé os agradeceu de novo e deixou G-1FY explicar seu erro de programação sozinho. Ela torcia para que ele pudesse ser consertado sem muitos problemas. Já estavam falando sobre diagnóstico antes de ela se afastar. Ele ficaria bem.

Quando voltou para seu quarto, ocorreu a ela que, já que todos na *Namrelllew* sabiam quem ela era, ela poderia acessar sua comunicação particular. Padmé já estava longe de Coruscant por tempo suficiente para que suas mensagens se acumulassem, mesmo com Sabé separando as mais importantes. Ela não poderia lidar com nada que precisasse de segurança avançada, é claro, mas poderia aproveitar a oportunidade para adiantar sua correspondência de baixa prioridade.

Ela tirou o datapad da mochila, que estava escondido debaixo de um fundo falso. A primeira mensagem que notou quando ligou o aparelho era de Bail. Teria que lidar com isso mais tarde. Havia uma mensagem de Saché marcada como de baixa segurança, e ela abriu com entusiasmo. Já fazia muito tempo que havia conversado com suas amigas. Ela se sentou com as pernas cruzadas sobre a cama e se recostou contra a parede.

A mensagem de Saché era predominantemente sobre o chá de Karlini, confirmando aquilo que Padmé havia presumido quando conversou com Oje N'deeb. Havia uma frase no fim indicando que Saché queria uma ligação de retorno, e depois de rapidamente checar as horas, Padmé estabeleceu uma conexão. Em questão de minutos, uma figura de Saché se equilibrava sobre a palma de sua mão.

— Padmé! Ainda bem que você ligou — disse Saché. — Está tudo bem?

— Sim — respondeu ela. — Acho que você e eu estivemos trabalhando no

mesmo projeto, mas em diferentes pontas.

— Espere um minuto — disse Saché. — Tenho companhia.

Ela saiu do alcance do projetor e Padmé ouviu Saché dando ordens para algumas das crianças. Havia risadas ao fundo. Padmé sentiu seu coração pesado. Um verdadeiro lar de família estava a anos de distância para ela, mas ela sabia que Anakin também queria algo assim.

— Certo — falou Saché, reaparecendo. — Mandei todos os monstrinhos para o jardim. O que você tem feito?

— Acabei em uma nave fazendo o transporte de chá de Karlini — contou Padmé. — Fiquei curiosa, porque estamos bem longe do Núcleo. Então, acabei conversando com alguém que estava, digamos, no comando, e essa pessoa admitiu comprar o chá em uma tentativa de ganhar meu apoio.

— Ganhar seu apoio? — questionou Saché. — Você tem alguma participação em Karlinus que eu não conheço?

— Acho que ele quis dizer de um jeito mais generalizado — esclareceu Padmé. — Enfim, quando eu vi a sua mensagem, achei melhor contar a você que comecei a investigar o comprador, mas ele parece ser legítimo.

— Ainda não entendi por que alguém tentaria impressionar você com o chá de Karlini — disse Saché.

— Ele é Neimoidiano — explicou Padmé. Saché levou a mão até o rosto, para as cicatrizes que marcavam sua pele. — É um grupo separado, consegue imaginar? Eles querem melhorar a imagem de toda a Federação de Comércio.

— Isso não seria nada fácil — comentou Saché. Sua voz saiu neutra. — E você… concorda com isso?

— É uma oportunidade boa demais para dispensar, ao menos politicamente — disse Padmé. — Quanto aos meus sentimentos pessoais… não espero que você vá concordar, mas talvez esteja na hora de eu superar? Nunca fiquei confortável com a maneira como os Neimoidianos me fazem sentir. E agora, pela primeira vez, quando penso neles a primeira coisa que sinto não é raiva.

Saché ficou em silêncio por um momento. Era difícil para as duas admitirem seus defeitos, e Saché ainda não estava pronta para superar sua raiva.

— Darei meu apoio a você, é claro — assegurou Saché, depois de pensar por um momento. — É que… não me convide para nenhuma festa.

— Entendido — disse Padmé. Ela bateu com os dedos sobre o colchão onde estava sentada. — O que eu não consigo entender é como a Governadora Kelma está lidando com o aumento da demanda por trabalhadores.

— Ah — falou Saché. Ela pensou um pouco enquanto tudo se encaixava. — Eu sei. Acho que o seu amigo Neimoidiano esteve libertando pessoas escravizadas e os enviando para Karlinus. Houve um significativo aumento da

imigração. Kelma não investigou a fundo, porque é assim que o sistema funciona, mas ela levou a mim e a Harli Jafan para conhecer alguns dos novos cidadãos de uma forma não oficial, e todos eram de sistemas na Orla Exterior onde os Separatistas fizeram incursões.

— Ele não mencionou essa parte — contou Padmé. — Não sei por quê.

— Talvez você devesse perguntar a ele — sugeriu Saché. Aquilo não soava tão doloroso quanto poderia. — Ele está lucrando com o chá e o restante do que está vendendo, mas a única coisa que ganha da emancipação em massa é a sua atenção.

— E a reabilitação da Federação de Comércio — ponderou Padmé.

— Isso vai precisar de mais do que algumas centenas de pessoas — disse Saché. Sua voz se tornou sombria.

— Sim — Padmé concordou —, mas é um começo.

Elas conversaram um pouco mais sobre as crianças. O grupo original de adotados da Ocupação estava na escola, em sua maioria, longe de casa, naquele semestre. Saché estava muito orgulhosa deles. As novas adições de Yané para a família, os sobreviventes do deslizamento de terra, estavam se acostumando com a nova casa. Ainda tinham pesadelos, e alguns eram agressivamente claustrofóbicos, mas todos progrediam bem em direção a uma total recuperação.

— E parabéns — acrescentou Saché, com cautela. — Sobre aquela outra coisa. Com o vestido.

Padmé não conseguiu segurar o largo sorriso que se abriu em seu rosto. Nunca poderia compartilhar a novidade publicamente, mas ouvir de pessoas próximas a ela causava uma boa sensação. Ela contaria a Sabé assim que chegasse em casa. Sabé merecia ouvir em pessoa, não juntando pistas ou através da holonet.

— Obrigada — disse ela. — Yané fez um trabalho incrível.

— E você está feliz? — Saché perguntou.

— Estou — respondeu Padmé. Outro largo sorriso surgiu em seu rosto. — Sim, eu estou.

Elas conversaram sobre mais alguns assuntos desimportantes antes de uma perturbação no lado de Saché encerrar a conversa. Uma das crianças havia caído no lago, e a comoção que se seguiu foi suficiente para terminar a ligação. Mas Saché estava rindo quando se despediu, e Padmé ficou contente em ver que ela estava tão feliz. Antes que seu bom humor pudesse ser contaminado pelo cinismo, Padmé voltou a acionar seu comunicador e enviou uma chamada para Oje N’deeb.

— Senadora Amidala — disse ele, aparecendo em sua palma. Tarde demais, ela desejou estar de pé para fazer a ligação. — Imagino que chegou a uma decisão?

— Você não me contou sobre as pessoas que estava enviando para Karlinus — Padmé falou, em vez de fazer uma saudação.

— Não — respondeu N'deeb.

— Por que não?

— Você não teria razão para acreditar em mim. E achei que soaria pretensioso da minha parte.

— Você disse que foi outra pessoa quem teve a ideia de comprar o chá — prosseguiu Padmé. — Foi ideia sua ajudar as pessoas escravizadas?

— Sim, foi — N'deeb admitiu. — Seu histórico de votação é público, afinal de contas. Vários projetos de lei sobre expandir as leis antiescravidão para a Orla Exterior sem expandir a própria República fracassaram. Você votou a favor de cada um e discursou sobre esses projetos no Senado. Eu sabia que era uma causa que significava muito para você. Mais do que o chá.

— Muito mais do que o chá — reforçou Padmé. — Você está usando o dinheiro da Federação de Comércio?

— Por mais que eu quisesse, não. Os créditos são meus. O legado de minha família é, como você pode imaginar, mais do que um pouco duvidoso. Acho que é o mínimo que eu poderia fazer.

— É mais do que a maioria das pessoas faria — corrigiu Padmé.

— É exatamente o que você faria — disse N'deeb. Ele olhou diretamente para ela com uma atenção quase perturbadora, considerando que era um holograma.

— Vou levar a sua causa para o Senador Organa e o restante da minha facção — declarou Padmé. — Não imagino nenhuma circunstância na qual ele possa recusar. Ele não tem nenhuma história com a Federação de Comércio, e é muito, muito mais paciente do que eu. Mas não será fácil. Haverá uma oposição considerável de outros senadores e dos comparsas da Federação de Comércio. Quando o seu representante viajar para Coruscant, e eu sinceramente espero que viaje, ele terá uma aliada em mim.

— Obrigado, senadora — disse N'deeb. Ele piscou seus grandes olhos negros lentamente e inclinou a cabeça. — Estou ansioso para trabalhar com você.

O holograma em sua mão desapareceu quando a chamada foi desconectada, e Padmé recostou a cabeça contra o metal frio da parede da nave. O metal vibrava levemente com o funcionamento dos motores, impulsionando a *Namrelllew* através do hiperespaço, mas até mesmo isso era reconfortante. Sua missão foi altamente bem-sucedida. A República havia conquistado um poderoso aliado. Poderia ganhar todo um novo sistema. Os capitães Naijoh e Rayyne eram confiáveis para qualquer futuro transporte para a Orla Exterior. Toda a rede de Oje N'deeb estava à sua disposição. E cada novo cidadão em Karlinus era um tapa direto na cara dos traficantes.

Mas ela não conseguia tirar o cerco a Hebekrr Menor da cabeça. Não era exatamente como Saché e Yané haviam descrito os campos de concentração, mas a sensação de estar presa devia ser, pelo menos, um pouco parecida. Quantas pessoas pela galáxia estavam presas assim naquele exato momento? Quantas estavam sob ataque? Quantas estavam com fome? Quantas estavam com medo? E quão vazias deviam soar suas vitórias quando contadas a um pai que não podia cuidar de seu filho ou a uma criança cuja mãe nunca mais voltaria para casa?

Padmé não resolveria todos os problemas da galáxia — não podia. Mas não deixaria que isso a impedisse. Nunca havia deixado antes. Padmé saiu da cama e começou a arrumar suas malas. Estava voltando para casa, mas seu trabalho estava longe de acabar.

CAPÍTULO 25

ESTAVA QUASE NO FIM. Padmé e Typho estavam retornando, e logo Sabé poderia se desfazer de Amidala e voltar a ser ela própria. Embora já tivesse decidido o que queria fazer em seguida, ela se sentia ansiosa. Desconfortável. Não conseguia escapar da sensação de que estava sendo egoísta ou covarde, e não sabia se aquela pequena voz estava dizendo a verdade ou se apenas estava sendo inconveniente.

— Você precisa comer algo frito — Mariek falou enquanto Sabé andava de um lado a outro na sala de estar. Ela não conseguia se sentir confortável. — Algo que aquele droide de protocolo desaprovaria.

— Você está oferecendo um plano de fuga? — Sabé perguntou. — Porque, por mais que eu goste da ideia, acho que não consigo me concentrar o suficiente para planejar nada.

— Existe uma primeira vez para tudo — comentou Mariek. — Vá se trocar e eu cuido de tudo.

— Obrigada, Mariek — disse Sabé. A capitã da guarda assentiu.

Sabé escolheu uma de suas roupas de Tatooine. O tecido era gasto e as cores não eram chamativas. Ela se encaixaria nas partes mais decadentes de Coruscant sem chamar atenção. Passou maquiagem, usando o contorno para se certificar de que não se parecesse com Amidala ou ela própria. Quando terminou de se vestir, ela sabia exatamente aonde queria ir. Mariek não dissera nada quando Sabé contou para onde estavam se dirigindo, apenas levou uma vibrolâmina extra e checou o comunicador de emergência.

Dex não havia mudada em nada.

Sabé deslizou sobre o assento de duraplast no canto do restaurante. De lá, ela podia ver a entrada e a cozinha. Ela sabia que existiam pelo menos três outras saídas, sem contar as janelas, mas aquilo era seguro o bastante por ora. Pousou os dedos sobre a mesa e esperou a droide garçonete se aproximar para tomar seu pedido.

Enquanto esperava e ouvia, Sabé percebeu que, embora o restaurante do Dex fosse fisicamente igual a quando ela e Tonra costumavam frequentá-lo, algo *havia* mudado no cardápio. Metade estava bloqueado. Quando perguntou à droide sobre isso, ela descobriu que alguns ingredientes não estavam disponíveis

e que Dex procurava novas cadeias de suprimentos agora que a guerra havia começado.

— Essa guerra é uma ameaça — comentou Dex, atrás do balcão. O Besalisk havia saído da cozinha enquanto Sabé conversava com a droide. — Tantas coisas que não conseguimos receber ou que repentinamente estão mais caras. O pessoal aqui embaixo vai sentir o aperto muito antes de o pessoal lá de cima considerar fazer qualquer coisa a respeito.

— Mas eles vão acabar cuidando disso, certo? — Sabé perguntou.

— Ah, eles vão tentar — afirmou Dex. — Vão escrever um projeto de lei e discutir sobre isso por uma semana, e talvez seja aprovado ou não, mas eu ainda estarei aqui, tentando administrar um restaurante.

Ele nunca diria em voz alta, mas não havia dúvida na mente de Sabé de que Dex se voltaria para o mercado clandestino muito antes disso. Muitas pessoas más estavam prestes a ganhar muitos créditos.

— Um caixote no lugar certo pode mudar muita coisa — Dex disse. — O pessoal lá de cima não pensa em coisas pequenas assim.

Ele levou um de seus quatro braços sobre o ombro, depois serviu o ensopado que Sabé sempre pedia. Ela sorriu. Ela deveria saber que não conseguiria enganá-lo por muito tempo.

— Obrigada, Dex.

Ele voltou para o trabalho enquanto ela comia, mas Sabé ficou pensando naquilo que ele dissera. Um caixote. No lugar certo. Padmé faria muita diferença em Coruscant, e seriam grandes diferenças. Sabé estava escolhendo outro caminho, mas seu escopo mais estreito não a deixava menos útil ou relevante. Ela podia ter menos pessoas do que Padmé, mas conheceria seus rostos.

Quando Mariek sinalizou que era hora de ir, Sabé tinha uma barriga cheia e uma mente tranquila. Ela estava pronta.



Era tarde da noite em Coruscant quando a *Namrelllew* finalmente recebeu a permissão para aterrissar. Padmé e Typho se despediram brevemente — bom, tão breve quanto era possível quando uma Mriss agarrava seu joelho e se recusava a soltar — e então contrataram um transporte particular para o edifício do Senado. O Senador Organa esperava por seu relato e ela queria entregá-lo pessoalmente em seu escritório.

O escritório de Padmé estava vazio quando ela chegou. Ela tinha alguma esperança de que Sabé e as outras ainda estivessem ali, porque queria vê-las. Porém, o dever chamava, e a reunião teria que esperar mais um pouco enquanto

Padmé amarrava as pontas soltas.

Elas mantinham uma muda de roupa de emergência em um dos compartimentos no fundo do escritório. Padmé não se lembrava de qual peça tinham guardado ali, mas ficou agradavelmente surpresa ao encontrar um vestido verde-escuro que se abotoava na frente. Pegou os sapatos combinando e o ornamento de cabeça do fundo do compartimento e então pediu licença para ir até o banheiro.

— Você precisa de alguma ajuda? — Typho perguntou. Em sua defesa, ele parecia apenas um pouco aterrorizado.

— Não. — Padmé segurou uma risada. — Este aqui foi feito para eu vestir sozinha sem ajuda de ninguém.

Ela precisou de cinco minutos para tirar o uniforme de piloto e descartar as roupas de baixo de linho. Trocar de roupa seria melhor se primeiro tivesse acesso à sua banheira, mas ela estava com pressa. Padmé puxou as novas roupas, começando com a calça leve e uma camisa por baixo. O vestido era feito de um pesado veludo verde com seda Karlini dourada. A seda havia sido costurada diretamente no tecido, em vez de ser um vestido de baixo separado, o que facilitava vestir sozinha. Ela fechou os botões dourados, calçou os sapatos também dourados e prendeu as pulseiras decorativas que cobriam do punho até o cotovelo.

Depois de desfazer as tranças, seu cabelo caiu em ondas suaves que quase pareciam terem sido feitas de propósito. O ornamento de cabeça era uma simples faixa de ouro maleável que manteria seu cabelo longe do rosto. Dormé teria prendido a maior parte do cabelo com uma rede para completar o visual, mas Padmé tinha pouco tempo. Ela se olhou no espelho quando terminou, certificando-se de que tudo estava no lugar. Não havia como negar: a Senadora Amidala estava de volta.

Em seu escritório, Typho havia encontrado uma jaqueta de uniforme extra e havia se trocado. Ele precisava se barbear, mas isso teria que esperar.

— Estou pronta, capitão — disse a Senadora Amidala. — Vamos conversar com Bail.

Àquela hora do dia, os corredores do Senado estavam praticamente vazios. Com a liberação do plenário depois dos debates, todos estavam trabalhando em seus escritórios ou já tinham compromisso para a noite. Havia droides de limpeza e o eventual droide mensageiro que reclamava quando você atrapalhava o caminho dele, mas Padmé chegou ao escritório de Bail sem ser interceptada por ninguém que quisesse conversar.

Ela bateu na porta, que se abriu imediatamente. Assentiu para Typho, que ficaria no corredor, e entrou na sala. Bail estava de pé perto da janela, sua capa

azul-escura quase desaparecendo contra a noite ao fundo. Mon Mothma estava sentada diante da escrivaninha, imaculada como sempre em seu vestido branco. Para a surpresa de Padmé, o Chanceler Palpatine havia se juntado ao grupo. Ele estava ao lado de Bail e sorriu largamente quando Padmé entrou na sala.

— Senadora Amidala, fico feliz que tenha retornado — falou o Chanceler. Padmé sabia que ele não havia sido informado da missão antes de sua saída e se perguntou quando Bail havia decidido contar a ele.

— Obrigada, chanceler — disse Padmé. — É bom estar de volta.

— Fiquei bastante surpreso quando conversei com você algumas noites atrás, apenas para depois perceber que você estava em outro lugar. O Senador Organa fez a gentileza de me explicar. Imagino que sua viagem foi um sucesso?

Padmé vinha planejando dar seu relato a Bail, o que seria mais uma conversa entre amigos do que qualquer outra coisa, principalmente tão tarde no dia. Ela estava exausta, mas nunca deixara que isso a impedisse antes. Ela se preparou para entregar um relato mais formal.

— Fui a Hebekrr Menor para investigar uma informação passada para nós pelos Jedi — contou Padmé. — Um contato desejava se encontrar com um senador e, no fim, ele desejava falar especificamente comigo.

— Por que você? — Mon Mothma perguntou.

— Ele é Neimoidiano — explicou Padmé. — Ele sabia que conseguiria ganhar minha atenção.

— Neimoidiano? — repetiu Bail. — O que um Neimoidiano poderia esperar conseguir de você?

— Ele quer a vaga no Senado da Federação de Comércio que hoje está ocupada por Lott Dod — falou Padmé. — E acho que devemos ajudá-lo a conseguir isso.

Todos naquela sala eram políticos profissionais, então levou alguns segundos antes de alguém reagir.

— Você o ajudaria a ganhar poder? — questionou Palpatine. O chanceler manteve sua presença calma como sempre, mas uma estranha e discreta raiva fervia sob sua voz. — Depois do que sofremos durante a Ocupação?

— Não gostei da ideia, a princípio — Padmé admitiu. — Embora os benefícios políticos sejam óbvios. Mas ele, e sua empresa, vem tentando ativamente reparar danos na Orla Exterior. Eles não estão aumentando preços nem vendendo armas. E, acima de tudo, estão ativamente procurando pessoas escravizadas para libertar e as enviando para Karlinus a fim de que recomecem suas vidas.

— Isso é bom demais para recusarmos — reconheceu Bail. — Mesmo com o histórico da Federação de Comércio, uma chance para desestabilizá-los como

essa? Não poderíamos pedir por uma oportunidade melhor.

— Concordo — emendou Mon Mothma. — E entendo o quanto isso é difícil para vocês. Ajudarei de todas as formas possíveis.

— É algo para se considerar — Palpatine disse lentamente. Ele piscou várias vezes, e uma expressão de controle calculado passou depressa por seu rosto. — Mas temo que preciso me retirar. O chanceler não deve se envolver com nomeações ao Senado.

Tecnicamente falando, os senadores também não deveriam, mas era raro algum político chegar em Coruscant sem nenhum aliado.

O chanceler se retirou, e Padmé finalmente se sentou na cadeira ao lado de Mon Mothma. Estava cansada, mas conseguia aguentar mais um pouco. Bail sentou-se atrás da escrivaninha e cruzou as mãos sobre a superfície polida.

— Sabé fez um trabalho incrível — contou ele. — Ainda não sei exatamente como o chanceler descobriu. Ele me procurou depois de uma festa que eu organizei, preocupado com a sua segurança, já que uma dublê estava presente. Não contei tudo a ele.

— Obrigada — disse Padmé.

— Você conseguiu observar algum combate na frente de batalha? — Mon Mothma perguntou. — Nós só recebemos os relatos dos Jedi.

— A situação em Hebekrr Menor estava pior do que o esperado — disse Padmé. Ela se permitiu afundar na cadeira. — A capital estava sitiada. Os soldados clone tinham incrementado as fortificações, e o Jedi supervisionava a defesa. Foi uma incursão pequena, apenas alguns milhares de droides.

— Então, tudo saiu como deveria? — Bail perguntou. — Em termos de cooperação, pelo menos?

— Até onde eu posso dizer, sim — falou Padmé. — O clone no comando, Sticks, era tratado com respeito por todos, assim como todos os seus homens.

— Mas você disse que a situação era pior do que o esperado? — Mon Mothma disse.

— Os Separatistas queriam que a magistrada assinasse um tratado — explicou Padmé. Era uma história familiar. — Ela se recusou, e eles não conseguiam chegar até ela para ameaçá-la diretamente. Então, eles viajaram centenas de quilômetros para sequestrar sua família. Isso aconteceu logo antes de chegarmos. Quando perceberam que nossa nave não seria imediatamente associada com a República, eles pediram nossa ajuda.

— E você os ajudou — disse Bail.

— Trabalhei com o Comandante Sticks em um plano, e nós os transportamos até o acampamento Separatista — contou Padmé. — Tivemos que defender a plataforma de aterrissagem, e a extração foi mais difícil do que todos esperavam,

mas não houve baixas em nosso lado.

— Senadores não deveriam se envolver diretamente nesse conflito — advertiu Mon Mothma.

— Com todo o respeito, Senadora — prosseguiu Padmé —, foi exatamente por isso que vocês enviaram alguém como eu nessa missão. Você não aprova a violência, e nunca vai aprovar. Eu admiro isso, e já aceitei essa posição. Tudo que peço em troca é que você aceite que eu sou a pessoa que você envia quando existe a possibilidade de… negociações agressivas.

Aquilo foi o mais próximo que elas chegariam de uma discussão. Mon Mothma considerou as palavras de Padmé por um momento e depois assentiu.

— Como quiser, Senadora Amidala.

— Mais alguma coisa? — Bail perguntou, claramente esperando que não houvesse mais nada.

— Hebekrr vai pedir a entrada na República — disse Padmé. — Não sei se chegarão até o fim do processo, mas precisam da proteção de nosso exército.

Bail esfregou a testa.

— Todos sabemos que não é assim que a República deveria se expandir — falou ele. — Não gosto da ideia de que estejamos operando algum tipo de esquema como um cartel, mas acho que isso é algo que vai aparecer no futuro. E é melhor que eles se juntem a nós do que aos Separatistas.

— Foi o que eu também pensei — disse Padmé.

Bail parecia cansado, e até Mon Mothma começava a baixar um pouco os ombros. Padmé sabia que ambos trabalhavam incessantemente para garantir o futuro da República, e ela estava contente por ter retornado para ajudá-los. E ela até tentou, mas não conseguiu segurar um bocejo.

— Desculpem. Ainda estou sentindo os efeitos da viagem no hiperespaço.

— É claro — disse Bail. — Veremos você amanhã?

— Logo cedo — respondeu Padmé. Ela bocejou de novo. — Talvez não tão cedo.

— Boa noite, senadores. — Mon Mothma levantou-se graciosamente, e eles seguiram seus caminhos.

A calma escuridão do escritório de Palpatine foi perturbada pela raiva ardente de Darth Sidious. Queimava através dele como um fogo purificador, arrancando suas dúvidas e suas preocupações, destilando suas emoções até a absoluta convicção que o tornava tão forte. Relâmpagos arqueavam da ponta de seus dedos até tocarem a escultura negra que ele mantinha em sua sala para ocasiões

como aquela, quando tudo que queria era destruir.

Como *ousam*? Depois de todo o tempo que ele passara manipulando a Federação de Comércio, dobrando-a sob sua vontade. Depois de seus investimentos, orientação e ameaças. Como um deles ousava ficar com dor na consciência e decidir reparar aquilo que ele tão cuidadosamente havia quebrado?

Seria fácil eliminar o traidor. Podar aquela rebelião mesquinha na raiz e voltar a atenção de todos para o legado que ele queria que a Federação de Comércio preservasse.

Mas Sidious hesitou. Não tinha chegado tão longe em sua vida agindo intempestivamente e sem significativa premeditação. Aquele Neimoidiano rebelde estava fortalecendo a Orla Exterior, sustentando as pessoas de lá com suprimentos e moral e o conhecimento de que alguns sistemas na galáxia ainda funcionavam. Isso poderia se voltar para seus propósitos. Faria a guerra se arrastar ainda mais. Daria uma chance para a Orla Exterior. Isso os deixaria ainda mais amargurados com a República quando essa chance fosse esmagada. Não, ele não mataria o traidor ainda. Deixaria que fizesse seu trabalho, encontrasse sua redenção. Isso faria sua eventual destruição ainda mais doce.

Sidious pressionou as mãos contra a pedra negra e sentiu seu ódio e raiva acumulados fervendo de volta para ele. Aquilo era sua perseverança. Aquilo era o motivo pelo qual ele venceria. Ele conhecia os canais de poder na galáxia, e sabia como direcioná-los a seu favor.

— Tyranus — disse ele, e o comunicador o conectou com seu aprendiz.

— Mestre? — Ele parecia nunca conseguir pegar Dookan despreparado, não importava a hora que o contatasse. — Precisa de mim para alguma coisa?

— Houve uma complicação em Hebekrr Menor — afirmou Sidious. — A Federação de Comércio não pode se envolver nisso.

— Há rumores de um grupo dissidente dentro da Federação de Comércio, Mestre — falou Dookan. — Gunray e os outros já estão agindo em resposta.

— Então, impeça-os — Sidious ordenou. — Quero que isso se desenvolva antes de ser esmagado.

— Como quiser, Mestre — disse Dookan, então desapareceu.

Ter um aprendiz que gostava de lidar com a política dos Separatistas — e também de ameaçar os políticos Separatistas — tinha sido uma das melhores ideias que Sidious tivera ultimamente. Nute Gunray o levava a muitas distrações.

Com o assunto devidamente encaminhado, Darth Sidious voltou seus pensamentos para seu assunto preferido: a dominação da galáxia e os bilhões que sofriam sob seu comando.

CAPÍTULO 26

A MANEIRA MAIS FÁCIL de ficar sozinha com Padmé era ser a dama de companhia que a ajudava a se preparar para dormir, então, pela última vez, Sabé vestiu a túnica laranja e puxou o capuz sobre os cabelos. Aquele era o traje que Rabé e Eirtaé haviam criado para chamar atenção. Aquela era a seda que Yané havia rasgado para enviar as mensagens que Saché carregara através do campo de concentração. As cores fortes as engoliam por inteiro, tornando-as ícones em vez de pessoas. Havia vitrais em Theed decorados com aquela imagem, sem nenhuma consideração pela garota que a vestia.

Era sua principal armadura, e Sabé precisava dela agora.

Esperou no quarto de Padmé pelo retorno de sua amiga. Ela sabia que Padmé iria ao Senado primeiro. Ela havia saído mais cedo para que as duas não se encontrassem, retirando-se discretamente para que qualquer um que a visse mais tarde apenas pensasse que a senadora ainda não tinha ido embora. Até o fim, ela interpretou o papel que havia escolhido há tantos anos, quando o Capitão Panás a entrevistara. Seu coração não permitiria que ela fizesse diferente, mesmo se estivesse se partindo.

Ela ouviu no andar de baixo o barulho de Padmé chegando em casa. C-3PO a recebeu, sua voz ecoando pelo apartamento enquanto perguntava a ela se queria algo para comer. Sabé ouviu o murmúrio silencioso da voz de Padmé, provavelmente dizendo *não* e depois desejando boa noite para o Capitão Typho. Sabé poderia ter saído para a antecâmara. Elas poderiam se sentar confortavelmente e conversar. Ninguém as incomodaria. Mas Sabé queria que aquilo acontecesse no quarto onde Padmé mais provavelmente seria ela mesma.

— Deixe as malas aqui, 3PO — a voz de Padmé agora estava muito mais próxima. — Vamos cuidar delas pela manhã.

— Boa noite, Senadora — falou C-3PO. — E, se me permite dizer, é bom tê-la de volta conosco.

Padmé agradeceu a ele e depois entrou em seu quarto.

— Oh — ela disse quando viu Sabé sentada ao pé da cama. O estresse de seu trabalho, disfarçado ou não, sumiu imediatamente. — Estou tão contente por ver você.

— Estou contente por você estar de volta em casa em segurança — Sabé

respondeu. — Venha e me deixe pentear seu cabelo antes que ele vire um nó permanente.

Padmé sorriu — seu sorriso verdadeiro, não o sorriso senatorial — e foi se sentar diante da penteadeira. Sabé colocou-se atrás dela com o pente, removeu a faixa dourada e começou a lidar com seus cabelos.

— O seu marido mandou um oi — Sabé lançou após alguns momentos de silêncio.

Todas as defesas de Padmé imediatamente se ergueram de novo. Sabé entendia que era um hábito — necessário para sua sobrevivência —, mas observar aquilo de fora não tinha sido nem um pouco agradável. A dor que causara tinha sido quase imensurável.

— Sabé, eu… — Padmé começou a dizer, mas Sabé ergueu a mão livre, enquanto a outra ainda se movia entre os cabelos de Padmé.

— Não tivemos exatamente muito tempo antes de você ir embora — continuou Sabé. — E sempre colocamos o trabalho em primeiro lugar. Mas magoou mesmo assim descobrir através dele.

— Eu fui egoísta — declarou Padmé. Para alguém tão pequena, ela raramente parecia pequena. Agora era como se afundasse em si mesma. — Ter você de volta comigo foi tão incrível. Apesar de as coisas estarem diferentes, eu não queria que nada mudasse. Eu estava errada e peço desculpas.

— Obrigada — disse Sabé. Seu coração rachou no peito. — Eu também gostava de como as coisas eram antes. Mas acho que não podemos mais continuar daquele jeito.

Padmé ficou em silêncio por um momento. Pareceu uma eternidade.

— Com a guerra, haverá muitos novos desafios — falou Padmé. Partes da senadora emergiam enquanto ela falava. As partes que Sabé não havia conseguido reproduzir. As partes que Padmé havia construído sem ela. — Não sei o que está por vir, mas fico feliz que você estará aqui comigo.

Sabé congelou, o pente parando no meio do movimento. Ela teria que ser mais clara, mesmo se isso partisse o coração de ambas. Padmé ergueu a cabeça e olhou nos olhos de Sabé através do espelho.

— Eu não estarei aqui — anunciou Sabé. — Por favor, não me peça para ficar.

Pela primeira vez desde que elas tinham quatorze anos, a distância entre as duas era incalculável.

— O quê? — espantou-se Padmé. — Por quê? Não estou entendendo.

Sabé baixou o pente sobre a penteadeira e recuou até se sentar ao pé da cama de novo. Padmé virou-se e não se levantou para segui-la. Ela entendia que Sabé precisava de espaço.

— Sem você aqui? Eu tentei — disse Sabé. Tudo saiu de repente de dentro

dela: as sensações e emoções que ela havia represado desde a chegada em Coruscant. — Tentei muito ser Amidala, igual costumávamos ser, mas não consegui. Ela mudou. Você mudou. E Anakin é apenas parte disso.

— Como eu mudei? — perguntou Padmé. Ela parecia desesperada para saber. — Foi a guerra?

— Não foi apenas a guerra — explicou Sabé. De repente, ela se sentiu tão cansada que parecia que seus ossos eram feitos de chumbo. — É tudo culpa da política. As conversas, as festas, os acordos e os rumores. Sei que o Senado precisa de todos esses elementos para funcionar, e você é realmente boa nisso. E eu poderia ser muito boa também. Eu fui você e quase ninguém notou. Mas não consigo. Eu também mudei. Não posso enfrentar essa guerra da maneira como você enfrenta.

Padmé inclinou-se para frente e apoiou as mãos sobre os joelhos. Ocorreu a Sabé que ela também provavelmente estava exausta. Mas aquela conversa não podia esperar, ainda mais agora que havia começado. Elas precisavam colocar tudo para fora.

— Quando cheguei aqui foi difícil — contou Padmé. — Pensar nas pessoas como conceitos. Reduzir grandes números a itens em um documento. Esse tipo de coisa.

— Eu me lembro — disse Sabé.

— Se ficou mais fácil agora, isso seria assim tão ruim? — perguntou Padmé. Não foi a senadora perguntando.

Sabé considerou sua resposta.

— Para algumas pessoas, sim — falou Sabé. — Os Jedi, por exemplo. Eles nem sofrem quando seus amigos morrem. Eles só falam de equilíbrio e a Força eterna. É por isso que são tão ruins na política. Eles valorizam toda a vida, mas não possuem praticidade. Mas acho que você vai se dar bem. No fim do dia, mesmo nos mais longos e difíceis, você vai se lembrar.

Padmé levantou-se e foi se sentar junto com ela na cama. Ela pressionou a mão de Sabé entre as suas e inclinou a cabeça sobre o ombro da amiga. Sabé nunca quis se separar dela, mesmo enquanto se preparava para deixá-la.

— E como você vai se lembrar? — perguntou Padmé. — Como vai lutar?

— Voltarei a Tatooine por enquanto — declarou Sabé. — Estamos começando a ver resultados. É uma escala pequena se comparado com aquilo que você faz, eu sei, mas faz mais sentido para mim. Isso me faz sentir como se eu estivesse fazendo diferença.

— Eu entendo — disse Padmé. — Nessa última missão, quando estávamos em Hebekrr Menor, nós resgatamos uma família que estava sendo mantida refém. Não era a coisa mais importante para o Senado, mas, de certa forma, foi

importante para mim.

Sabé pousou o rosto sobre a cabeça de Padmé. Ela sentiria muito a sua falta. Por dez anos, Padmé foi o centro de sua galáxia, a estrela-guia pela qual ela tomava todas as suas decisões. Nunca havia imaginado que deixaria isso para trás. Mas a vida tinha outros planos.

— Você gosta do Anakin? — perguntou Padmé. Ela agora parecia como a garota que um dia tinha sido, encolhida no meio de cobertores, perguntando sobre Harli Jafan tantos anos antes. — Você é a única pessoa que passou um tempo com ele já adulto.

— Eu entendo por que *você* gosta de Anakin — disse Sabé. — Ele é um pouco intenso para mim. Ele é completamente dedicado a você, o que eu admiro, mas quando fica com raiva, ele me assusta um pouco.

— Ele é muito poderoso de um jeito que eu nunca poderia compreender — falou Padmé. — Seu senso de justiça é extremo. Houve um incidente com um acampamento Tusken em Tatooine quando estivemos lá.

— Aquilo foi Anakin? — questionou Sabé. — Eles estão falando sobre esse massacre do outro lado do planeta.

— Foi terrível — reconheceu Padmé. — Eu tentei falar com ele depois, mas não consegui chegar muito longe. E então, recebemos a mensagem de Obi-Wan, depois Geonosis aconteceu, e então…

— E então, vocês se casaram — completou Sabé. Ela tentou não parecer estar criticando, mas era difícil.

Padmé virou a cabeça para enterrar o rosto no ombro de Sabé.

— Quando você diz desse jeito, parece terrível — comentou ela, com a voz abafada pelo tecido. — Mas, naquele momento, eu não conseguia me imaginar fazendo qualquer outra coisa. Ainda não consigo.

— Uma vez, você me disse que quando entregasse seu coração a alguém, seria um desastre — Sabé a lembrou. — Eu deveria saber que você não estava exagerando.

— É que é sempre tão eletrizante — disse Padmé. Havia algo em sua voz que indicava sonhos que Sabé nunca tivera, mas entendia o apelo. — Nunca paramos para planejar qualquer coisa porque estamos sempre roubando um momento a sós ou seguindo em alguma missão.

— Parece romântico — ironizou Sabé.

— Parece uma holonovela — Padmé admitiu. — O único tempo que tínhamos para nós mesmos, para *sermos* nós mesmos, era na casa do lago e, mesmo ali, eu me escondia. Mas tínhamos tempo. E conversávamos. Conversávamos muito. Eu quero aquilo de novo.

— Bom, Anakin parece determinado a cortar todos os Separatistas ao meio, e

você é uma grande força no plenário do Senado — disse Sabé. — Vocês dois provavelmente vão encerrar a guerra o mais rápido possível. Ainda precisarão continuar escondidos depois disso, é claro, mas pelo menos poderão conversar.

Padmé endireitou-se e olhou diretamente para ela.

— Você está zombando de mim? — questionou ela.

— Sim — disse Sabé. — Mas também acho que estou certa.

— Obrigada. — Padmé suspirou. — Todo esse tempo, tanta coisa que pedi para você fazer ou desistir ou esperar. Desculpe por ter pressionado você a ir mais longe do que gostaria desta vez. Eu não teria conseguido chegar tão longe sem você.

Sabé se virou, tomando as duas mãos de Padmé nas suas. Suas vidas estiveram ligadas de um jeito que era difícil de explicar, suas identidades entrelaçadas para o bem de Naboo. E agora tinha acabado. Elas seguiriam por caminhos diferentes. Sabé aprenderia a projetar sua própria sombra. Ela encarou sua rainha, sua senadora, sua amiga, e ofereceu um triste sorriso.

— Minhas mãos são suas — disse ela. — Por favor, não peça por elas novamente.

Padmé apenas assentiu com lágrimas nos olhos, porque não conseguia falar.

Elas se vestiram para dormir e entraram debaixo das cobertas. Um convite não foi feito e nem aceito, mas o entendimento entre elas não havia mudado. Havia muitas coisas que nunca precisavam falar, e ambas sentiam que já tiveram uma conversa séria o bastante para uma noite.

Elas preferiram puxar os cobertores sobre suas cabeças e rir pelo restante da noite, como faziam quando eram mais jovens. Lembraram-se do show e de outras maneiras com as quais atormentaram Quarsh Panás. Conversaram sobre o dia da eleição na casa do lago, quando Tonra havia olhado para Sabé, e Sabé havia finalmente permitido a si mesma olhar de volta. Conversaram sobre as outras também. A carreira de Rabé e o trabalho de Eirtaé. A quantidade crescente das crianças de Yané e Saché. Elas choraram por Cordé e Yané, e lembraram uma à outra sobre a sorte de terem Dormé.

Sabé adormeceu primeiro, e Padmé olhou para seu rosto sob a pouca luz. As pessoas sempre tinham dito que elas eram quase idênticas. Padmé sabia que isso não era verdade, mas ela passara quase metade da vida aproveitando essa ilusão. Naquela noite, pela primeira vez, ela enxergou as linhas do rosto de Sabé que eram diferentes das suas. As marcas do sol do deserto, a preocupação de uma centena de transportes quando a carga era feita de preciosos seres vivos.

Sabé sempre tivera uma vida separada. Padmé sempre tinha feito o possível para que sua amiga fosse feliz. E se era necessário, então era isso que ela faria. Sabé merecia sair da sombra de Padmé, se assim quisesse. As outras haviam saído, de suas próprias maneiras, e agora era a vez de Sabé. Essa separação doía mais, porém Padmé nunca diria isso a ela. Sabé havia dedicado anos de sua vida a Amidala, os mesmos anos que a própria Padmé havia entregado.

E agora, era o momento de deixá-la partir.

CAPÍTULO 27

NÃO ERA EXATAMENTE UMA volta para casa, mas era próximo o bastante. Com Tatooine crescendo cada vez mais na janela do transporte, Sabé não se arrependia de nenhuma das decisões que a haviam levado até ali. Ela já estava longe de Coruscant por apenas um curto período — o tempo de Mariek levá-la até a central e ela embarcar no transporte — e já se sentia mais calma, mais confiante de si mesma. A parte de si que era Amidala estava triste por desistir das luzes e do poder do Núcleo Galáctico, mas a parte que era Sabé tinha a certeza de que ela havia feito a escolha certa.

Tonra a recebeu na plataforma de aterrissagem. Ele sorriu quando a viu no meio da multidão, e assim que ela chegou perto o bastante, ele a agarrou em um abraço. Ela se perguntou se era isso que Padmé sentia quando via Anakin depois de passarem um tempo separados. Então, ela decidiu que não se importava.

— Estou muito contente por você ter voltado — disse Tonra.

— Eu sei que você não sentiu falta da minha comida — brincou Sabé. Ele riu.

— Não, não senti — confessou ele. — Mas nós começamos isso juntos. É melhor quando você está aqui.

Ela tomou a mão dele — fingir serem casados tinha suas vantagens — e eles seguiram para casa. Mos Eisley não havia mudado. As ruas ainda estavam cheias de negociantes vendendo produtos questionáveis e pessoas tentando ganhar a vida, um dia por vez. Os sóis eram escaldantes. O vento não ajudava em nada. E Sabé já tinha areia em seus dentes.

Quando chegaram em casa, Sabé desfez as malas rapidamente enquanto Tonra preparava um pouco de caf e servia os biscoitos duros que havia feito no dia anterior. Sabé sentou-se na sua frente e mordeu um deles.

— Você quer conversar sobre isso? — Tonra perguntou depois de tomar um gole de seu caf.

Por um momento, Sabé não tinha certeza, mas então decidiu que não apenas queria conversar sobre isso, ela queria conversar com ele, especificamente. De todas as pessoas que haviam trabalhado com Padmé Amidala, ele poderia entender melhor.

— Acho que pedi demissão — falou Sabé. — Eu disse a ela para nunca mais pedir que eu voltasse.

Tonra tirou os dedos dela da xícara e os apertou.

E então, a história se derramou toda para fora. Toda a mesquinharia da política do Senado em Coruscant. A maneira como ela se sentira deslocada sempre que vestia as roupas de Amidala. Como foi horrível finalmente confrontar Padmé e esclarecer tudo com ela. Era como se não conseguisse parar de falar. E, pela primeira vez, ela não precisava, apesar de deixar a parte de Anakin de fora. Ela respeitava a privacidade de Padmé nesse sentido. Tonra não a interrompeu e não soltou sua mão.

— Você quer um abraço? — ele perguntou quando ela finalmente terminou.

— Quero — ela sussurrou. Ela se sentia esgotada e vazia, renovada e segura de si.

Tonra levantou-se e a puxou para seus braços. E foi um abraço diferente do que aquele na plataforma de aterrissagem. Aquilo foi felicidade e companheirismo. Agora era a promessa de uma fundação sólida, onde quer que ela decidisse ficar.

— Eu sempre soube que ela não me escolheria — ela disse em seu peito, e Tonra acariciou seu cabelo. — Só pensei que ela fosse escolher *mais*. Como um planeta. Ou uma espécie.

Ele a abraçou apertado por mais um tempo, então deu um passo para trás. Quando ergueu os olhos, ela viu o carinho naquele rosto que costumava assustá-la tanto.

— Você quer ver o que escolheu? — ele perguntou.

— Sim? — respondeu ela, pronta para concordar com ele mesmo sem saber do que estava falando.

Ele riu e foi até a mesa que usavam como escrivaninha. Ele abriu uma gaveta e tirou uma caixa.

— Abra — ele disse, passando o objeto para ela.

Sabé destravou a fechadura e abriu a tampa. Dentro da caixa havia um pequeno dispositivo diferente de tudo que já tinha visto antes. Parecia montado com peças aleatórias. Ao olhar mais de perto, ela entendeu que era algum tipo de scanner.

— É assim que eles encontram os chips — constatou ela. Ela segurava a liberdade em suas mãos, e nunca se sentira tão poderosa.

— Com algumas modificações, sim — confirmou Tonra. — Nosso contato nos deu um desses quando eu disse que talvez pudéssemos melhorar o dispositivo.

— E por “nós” você quer dizer Rabé? — ela perguntou.

— Sim — disse Tonra. — O dispositivo em si precisa ser simples, porque precisa ser fácil de reproduzir com qualquer parte disponível. O ideal seria que

funcionasse em outros planetas, mas no momento eles estão apenas focados em Tatooine. O problema era a programação. Os chips paravam de funcionar e eles precisavam começar do zero.

— Programação de alto nível em um dispositivo de aparência inofensiva é a especialidade de Rabé — comentou ela.

— Eu notei — falou Tonra. — Ela também enviou várias modificações que podemos tentar, e uma versão de alta tecnologia, caso isso seja útil algum dia.

— E funciona? — Sabé questionou.

— Como disse meu contato, funciona e continua funcionando — respondeu Tonra. — Os ciclos são mais rápidos, então fica sempre na frente das medidas de defesa. A organização aqui está ansiosa para se expandir.

— Incluindo nós? — Sabé perguntou. — Acho que a fábrica de água provavelmente já me demitiu.

— Eu não queria responder por você enquanto estava fora — disse Tonra. — Mas, sim, isso inclui a nós dois.

Ela baixou a caixa e o abraçou pela terceira vez. Sabé podia sentir sua surpresa quando os braços dele a envolveram mais uma vez. Ela não costumava mostrar afeto daquele jeito, mesmo quando eles voltavam a ficar juntos. Ela olhou para ele e sorriu.

— Preciso de um tempo, eu acho — disse ela. — Para descobrir quem eu sou, quando não preciso ser ela.

— Eu entendo. Você tem todo o tempo que precisar comigo, você sabe disso.

— Eu sei — falou Sabé. — Mas eu estava pensando se você talvez quisesse ajudar?

Beijá-lo *era* como voltar para casa. Ela entendeu isso de repente, porque nunca tinha pensado assim. Sempre havia Amidala no fundo de sua mente, mas agora a sombra havia se dissipado e ela tinha as duas estrelas de Tatooine para iluminar seu caminho. Sorriu contra a boca dele, e Tonra riu. Sabé queria ficar naquele momento para sempre, mas também sabia que haveria mais no futuro se ela seguisse em frente.

— Posso apresentá-la para os White Suns? — ele perguntou.

— Sim — disse Sabé.

Ela estava pronta para voltar ao trabalho.

CAPÍTULO 28

SUAS AGENDAS RARAMENTE COINCIDIAM, mas Padmé mantinha suas noites livres. Eles haviam arranjado um meio de comunicação seguro através dos droides que os serviam tão fielmente. Agora que Anakin era um Cavaleiro Jedi, ele podia ir e vir do Templo com mais liberdade. Obi-Wan provavelmente se perguntava para onde Anakin ia, mas nunca mencionaria diretamente. O tempo de Anakin em Coruscant era apenas dele, na maior parte, e o tempo que não passava com o Chanceler Palpatine era guardado ferozmente para Padmé.

O apartamento dela já estava escuro quando ele chegava. Agora, as damas de companhia a deixavam sozinha à noite. Ele sabia que algumas delas ao menos suspeitavam da verdade, e ele agradecia a discrição. Os guardas, ele evitava.

C-3PO estava sempre lá para recebê-lo e guardar sua capa. Às vezes, Anakin levava R2-D2 junto, e os dois droides ficavam conversando, mas normalmente C-3PO se retirava para fazer qualquer coisa depois de dizer oi. A princípio, era difícil para Anakin ver o droide. Havia tantas lembranças naqueles fios, cada sucata de metal e linha de programação extraídos de praticamente nada enquanto ele vivia como escravo sob os sóis de Tatooine. C-3PO era a última coisa na galáxia que ele havia compartilhado com sua mãe. Entregá-lo a Padmé era o único presente que podia dar. Como um Jedi, ele não tinha mais nada.

Mas como ele havia dito a ela há tantos anos, ele também era uma pessoa, e pessoas possuem corações. Ele entregou o seu a ela sem perceber, muito antes de fazer qualquer juramento aos Jedi. Vê-la novamente dez anos depois foi uma revelação e uma promessa. Ele não hesitou em entregar seu coração novamente, mesmo quando ela tentou, por causa de seu dever, recusá-lo. Quando ela o aceitou, ele nunca se sentiu tão feliz, mesmo com os dois correndo perigo de morte. O amor dela lhe dera a força para lutar na arena quando não havia mais esperança e, quando perdeu sua mão, foi a mão dela que o ajudou enquanto ele se recuperava.

Ele não estava com R2-D2 naquele dia. Ele foi educado com C-3PO, mas claramente tinha outras coisas em mente, e o droide não demorou para se retirar. Anakin atravessou a antecâmara, sem parar para admirar a vista ou a suavidade do tecido do sofá como poderia ter feito em outros dias.

Ela o recebeu na porta de seu quarto, etérea e maravilhosa, com um sorriso

que ele sabia que era só dele.

— Anakin — disse ela, e jogou os braços ao redor de seu pescoço.

Ele nunca se cansaria de abraçá-la. Ela era tão pequena e tão frágil. Ele sabia que ela podia cuidar de si mesma — já tinha testemunhado isso em mais de uma ocasião —, mas ele faria qualquer coisa para protegê-la, qualquer coisa para mantê-la segura. Ele a amava, e ela o amava, e nem o Senado e nem os Jedi conseguiriam mantê-los separados. Ele não permitiria.

— Você sempre me aperta quando chega aqui — falou ela, rindo.

— É porque estou tão apaixonado por você — ele declarou, mas aliviou o abraço.

Ela pressionou um beijo nos lábios dele, seu toque muito leve e lindo, assim como ela. Padmé tomou suas mãos e o conduziu até a poltrona ao lado da janela.

— Sente-se comigo um pouco — ela pediu.

Ele sentiu uma onda de tristeza vindo dela. Não era relacionado a ele, não exatamente, então não insistiu em saber. Ainda estavam entendendo como se encaixavam juntos, e morar separados não ajudava. Ele tentava dar todo o espaço de que ela precisava, embora não soubesse ao certo o quanto era isso. Não havia ninguém para quem pudesse perguntar, exceto talvez seu meio-irmão, e Anakin não sabia se queria seguir por esse caminho. Se fosse um problema, ele resolveria mais tarde.

Ele se sentou sobre a larga almofada e se recostou contra os travesseiros. Padmé retirou as leves sandálias que vestia e recolheu os pés sob seu corpo quando se aninhou ao lado dele. Anakin puxou uma coberta ao redor dela, mesmo sem saber se estava com frio. Era a coisa educada a fazer, e ela havia feito isso a ele mais de uma vez.

— Isso é perfeito — ele disse quando se acomodaram. — Eu acho.

— É uma das coisas que mais valorizo — Padmé concordou. — Eu não sabia que poderia ser tão feliz em Coruscant.

— Eu deixo você feliz? — Anakin já sabia disso, mas ainda assim o encantava ouvir aquilo.

— É claro que sim — falou Padmé. — Foi por isso que me casei com você.

— Achei que fosse por todas as emocionantes aventuras — Anakin zombou.

— Depois da semana que tive, não preciso de mais aventuras, pelo menos por enquanto.

— Então, você veio para o lugar errado — disse-lhe Anakin com um tom mais sério. Com o braço ao seu redor, ele quase podia alcançar os pés dela.

— Esta é minha casa — ela protestou, mas foi interrompida quando Anakin começou a lhe fazer cócegas.

Sua risada era discreta o bastante para Anakin não se preocupar sobre alguém

ouvir. Ela tentou se livrar, mas entre a risada dela e a força dele, Padmé não tinha chance. Ambos estavam sem fôlego quando ele finalmente a soltou, e ela bateu em seu ombro assim que retomou algum controle.

— Isso não foi muito cavalheiresco da sua parte — acusou ela. Seu rosto estava corado.

— Não vim aqui para ser um cavalheiro — defendeu-se ele.

Ela ficou ainda mais corada.

— Está zombando de mim de novo? — perguntou ela. — Achei que você tinha medo demais para zombar de uma senadora.

— Não quando a senadora é minha esposa — argumentou ele. Ele a puxou para seu colo. — Daí vale tudo.

— Eu gosto dessa palavra — ela disse suavemente. — Marido, esposa.

— Eu digo sempre que posso — ele confessou. — Mesmo quando estou sozinho no Templo.

Desta vez, os lábios dela se demoraram sobre os lábios de Anakin, pressionando gentilmente, mas com determinação. As mãos dele subiram sobre suas costas até se perderem entre seus cabelos. Ele nunca desistiria daquilo. Nunca poderia.

Eles ficaram ali, confortáveis, observando as luzes de Coruscant, até a suave luz do amanhecer tocar o horizonte, afastando toda a escuridão.

ERA UMA VEZ, UMA garota com coração e pulmões e um planeta que ela queria governar, e o destino disse que ela podia apenas escolher um. No topo da montanha, ela escolheu: seu planeta em primeiro lugar. Seu povo em primeiro lugar. Seu mundo, primeiro.

Deram-lhe um aparelho no peito para processar o ar e mover seu sangue. Sua recuperação levou muito, muito tempo, mas ela sobreviveu, e ficou mais forte de novo à medida que se curava. Seu mundo a amava. "Ela será nossa rainha", eles diziam. "Ela nos deu seu coração e o próprio ar que respira."

Ela aprendeu a política de Alderaan e a etiqueta das Grandes Casas. Encontrou um garoto que a amava o bastante para tomar seu nome, renunciando seu próprio legado para sempre sob a sombra dela. Juntos, mantiveram o planeta forte. Ela cuidava do povo, e ele, alçado ao Senado, garantia que a galáxia nunca se esqueceria do que Alderaan podia oferecer.

Não sabia como enfrentar uma guerra.

Alderaan podia pagar por quase tudo, mas ela sabia que apenas os créditos não resolveriam tudo. O Grande Exército da República era feito inteiramente de soldados clones, mas eles ainda precisavam de transportes de apoio e naves de suprimentos. Alderaan se mobilizou, não pela guerra, exatamente — embora eles lutariam, se fosse preciso —, mas para ajuda.

Não apenas enviaram dinheiro para planetas devastados pelos Separatistas; enviaram doutores e professores e arquitetos. Não enviaram apenas suprimentos quando cidades inteiras foram destruídas; enviaram construtores, médicos e droides.

Enquanto seu marido debatia política em Coruscant, ela enviava seu povo para as ruas de lugares perigosos onde havia mais carência. Alguns nunca retornavam, mas suas famílias não a culpavam. Ela também havia se sacrificado, e eles sabiam que, quando precisasse, ela se sacrificaria de novo.

O coração de Alderaan havia mudado. Ainda era um planeta pacífico sem armamentos de larga escala, mas era organizado. As naves da frota real tinham mais força, seus oficiais tinham enfrentado mais dificuldades.

Os pulmões de Alderaan haviam mudado. Ainda produziam arte e viviam para a beleza, mas agora construíam itens mais práticos, e em grandes quantidades. As pessoas ainda eram sonhadoras, mas seus sonhos se estendiam além dos limites da atmosfera.

O mundo de Alderaan havia mudado. Ainda era um belo lugar que escondia desfiladeiros traiçoeiros e abismos esquecidos, mas estava silenciosamente se

enchendo. Refugiados de toda a República chegavam para encontrar um outro caminho, ou para ficar. Era um lugar mais cosmopolita, mais criativo. Mais perigoso para aqueles que queriam o mal.

A mudança aconteceu tão lentamente que ninguém notou de fato; ninguém na luz e ninguém na escuridão. Mas havia mudado. Cresceu até se tornar algo que a galáxia iria precisar, embora ninguém ainda soubesse. E, no centro de tudo, estava a garota.

Breha Organa construiu algo incrível e, ao fazer isso, estabeleceu a fundação para alguém que seria ainda mais.

AGRADECIMENTOS

SINTO QUE MOVEMOS UMA montanha. Depois de vinte anos de espera, não apenas tivemos uma história de Padmé, mas TRÊS. E isso é graças a vocês, queridos leitores. O apoio de vocês significou tudo para mim durante esta trilogia (TRILOGIA!!!), e estou muito feliz por termos vivido isso juntos.

Josh, comparado aos dois primeiros, este foi quase normal! Você não precisou descobrir em que fuso horário eu estava nem nada disso. Obrigada por sempre apoiar meus livros. O que devemos fazer a seguir?

Jen, eu preciso dizer, teve uma paciência INFINITA comigo neste projeto. Perdi todos os prazos. Entreguei o manuscrito mais curto de TODOS os tempos. Com uma frequência alarmante, esqueci como se escreviam os nomes de personagens que eu mesma inventei. E, mesmo assim, ela nunca desistiu de mim nem me fez sentir que estava fracassando. Obrigada por guiar este livro, por dar instruções precisas quando meu cérebro precisava e por entender que, em alguns dias, eu estava um completo desastre. Conseguimos. No fim das contas.

Emma Higinbotham, Anna-Marie McLemore e Dot Hutchison foram membros incríveis da equipe "Não posso explicar nada, mas tenho algumas perguntas". Ter amigos que podem te ajudar E ao mesmo tempo não violar seu ACORDO DE CONFIDENCIALIDADE é um verdadeiro bônus nesse ramo.

Tara Phillips e Leigh Zieske mais uma vez se uniram para criar um design e arte da capa EXCEPCIONAIS. As duas fizeram um trabalho INCRÍVEL nesta série, e eu as adoro demais.

Como sempre, sem o Story Group, eu estaria à deriva em um mar de "Pablo, preciso de planetas". Em especial, quero agradecer a Emily Shkoukani, que dedicou muito do seu tempo pessoal para garantir que eu construísse os personagens exatamente como queria.

Por fim, quero agradecer aos meus leitores. Quando *O desafio da rainha* foi lançado em junho passado, passei por um período bem difícil, e vocês foram incríveis. Escrever é o meu trabalho, mas gosto muito mais quando estou me divertindo — e vocês garantem que isso aconteça. Mal posso esperar para encontrá-los de novo.